

AMANTE FINALMENTE

São Paulo
2013

UNIVERSO DOS LIVROS

J.R. WARD

Copyright © Jessica Bird, 2013

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer form a.

Esta edição foi publicada em parceria com **NAL Signet**, m em bro do Penguin Group (USA) Inc.

Título original

Lover at Last

© 2013 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhum a parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida

ou transm itida, sej am quais forem os m eios em pregados: eletrônicos, m ecânicos, fotográficos,

gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Editora-chefe: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Raíça Augusto e Raquel Nakasone

Tradução: Cristina Togneli

Preparação: Guilherm e Sum m a

Revisão: Rodolfo Vidal e Viviane Zeppeline

Arte: Francine C. Silva e Valdinei Gom es

Capa: Zuleika Iam ashita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

W259a

Ward, J. R.

Am ante finalm ente/J. R. Ward; [tradução de Cristina Tognelli]. –

São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

680 p. (Irm andade da Adaga Negra)

1ª edição

ISBN: 978-85-7930-399-9

Título original: Lover at Last

1. Vam piros 2. Ficção I. Título II. Tognelli, Cristina III. Série

13-0620

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj . 603/606

Barra Funda – Cep: 01136-001 – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com .br

e-m ail: editor@universodoslivros.com .br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Sumário

Capa Página

Página de Título

Direitos Autorais Página

GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS

PREÂMBULO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49

CAPÍTULO 50

CAPÍTULO 51

CAPÍTULO 52

CAPÍTULO 53

CAPÍTULO 54

CAPÍTULO 55

CAPÍTULO 56

CAPÍTULO 57

CAPÍTULO 58

CAPÍTULO 59

CAPÍTULO 60

CAPÍTULO 61

CAPÍTULO 62

CAPÍTULO 63

CAPÍTULO 64

CAPÍTULO 65

CAPÍTULO 66

CAPÍTULO 67

CAPÍTULO 68

CAPÍTULO 69

CAPÍTULO 70

CAPÍTULO 71

CAPÍTULO 72

CAPÍTULO 73

CAPÍTULO 74

CAPÍTULO 75

CAPÍTULO 76

CAPÍTULO 77

CAPÍTULO 78

CAPÍTULO 79

CAPÍTULO 80

CAPÍTULO 81

CAPÍTULO 82

EPÍLOGO

Páginas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62

68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94

100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 12

124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144

148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168

172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192

196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216

220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237

238 239 240

244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264

268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288

292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312

316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336

340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360

364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384

388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408

412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432

436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456

460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479480

484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504

508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528

532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552

556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576

580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600

604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624

628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648

652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672

676 677 678 679 680

Dedicado a:

Vocês dois –

com o risco da leviandade inadequada,

já era hora –

e ninguém merece mais do que vocês.

AG RADECIMENTOS

Com enorm e gratidão aos leitores da *Irmandade da Adaga Negra* e saudações aos Cellies!

Muitíssim o obrigada por todo o apoio e orientações prestados por: Steven Axelrod, Kara Welsh,

Claire Zion e Leslie Gelbm an. Obrigada tam bém a todos da New Am erican Library – estes

livros são o resultado de um verdadeiro trabalho em equipe.

Meus agradecim entos a todos os nossos Mods por tudo o que vocês fazem com

tam anha

bondade em seus corações!

Com am or ao Team Waud – vocês sabem quem vocês são. Isto sim plesm ente não teria

acontecido sem vocês.

Nada disto seria possível sem : m eu querido m arido, que é m eu conselheiro e que cuida de

m im , além de ser um visionário; m inha m aravilhosa m ãe, que m e deu am or em quantidades que

eu j am ais conseguirei retribuir; m inha fam ília (tanto aqueles de sangue quanto os adotivos); e

m eus queridos am igos.

Ah, e à m etade m ais legal da WriterDog, é claro.

G LOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS

Ahstrux nohtrum: Guarda particular com licença para m atar, nom eado(a) pelo Rei.

Ahvenge: Com eter um ato de retribuição m ortal, geralm ente realizado por um m acho am ado.

As Escolhidas: Vam piras educadas para servirem à Virgem Escriba. São consideradas

m em bros da aristocracia, em bora sej am voltadas m ais para as coisas espirituais do que

tem porais. Têm pouca, ou nenhum a, interação com os m achos, m as podem acasalar com

guerreiros a fim de reproduzir sua espécie, segundo a orientação da Virgem Escriba. Têm a

capacidade de predizer o futuro. No passado, eram utilizadas para satisfazer a necessidade de

sangue de m em bros solteiros da Irm andade, m as tal prática foi abandonada pelos Irm ãos.

Chrih: Sím bolo de m orte honrosa no Antigo Idiom a.

Cio: Período fértil das vam piras. Em geral, dura dois dias e é acom panhado por intenso desej o

sexual. Ocorre pela prim eira vez aproxim adam ente cinco anos após a transição da fêm ea e, a

partir daí, um a vez a cada dez anos. Todos os m achos respondem em certa m edida se estiverem

por perto de um a fêm ea no cio. Pode ser um a época perigosa, com conflitos e lutas entre os

m achos, especialm ente se a fêm ea não tiver com panheiro.

Conthendha: Conflito entre dois m achos que com petem pelo direito de ser o com panheiro de

um a fêm ea.

Dhunhd: Inferno.

Doggen: Mem bro da classe servil no m undo dos vam piros. Os *doggens* seguem antigas e conservadoras tradições de servir a seus superiores, obedecendo a códigos form ais no

com portam ento e no vestir. Podem sair durante o dia, m as envelhecem relativam ente rápido.

Sua expectativa de vida é de aproxim adam ente quinhentos anos.

Ehnclausuramento: Status conferido pelo Rei a um a fêm ea da aristocracia em resposta a um a petição de seus fam iliares. Subj uga um a fêm ea à autoridade

de um responsável único, o *tuhtor*,

geralm ente o m acho m ais velho da casa. Seu *tuhtor*, então, tem o direito legal de determ inar

todos os aspectos de sua vida, restringindo, segundo sua vontade, toda e qualquer interação dela

com o m undo.

Ehros: Um a Escolhida treinada em artes sexuais.

Escravo de Sangue: Vam piro m acho ou fêm ea que foi subj ugado para satisfazer a

necessidade de sangue de outros vam piros. A prática de m anter escravos de sangue caiu em

desuso, m as não é ilegal.

Exhile dhoble: O gêm eo m au ou m aldito, o segundo a nascer.

Fade: Reino atem poral onde os m ortos reúnem -se com seus entes queridos e ali passam toda a

eternidade.

Ghia: Equivalente a padrinho ou m adrinha de um indivíduo.

Glymera: A nata da aristocracia, equivalente à corte no período de Regência na Inglaterra.

Hellren: Vam piro m acho que tem um a com panheira. Os m achos podem ter m ais de um a

fêm ea.

Hyslop: Term o que se refere a um lapso de j ulgam ento, tipicam ente resultando no com prom etim ento das operações m ecânicas ou da posse legal de um veículo ou transporte

m otorizado de qualquer tipo. Por exem plo, deixar as chaves no contato de um carro estacionado

do lado de fora da casa da fam ília durante a noite, e tal deslize resultar em passeios crim inosos

por terceiros desconhecidos, é um *hyslop*.

Inthocada: Um a virgem .

Irmandade da Adaga Negra: Guerreiros vam piros altam ente treinados para proteger sua

espécie contra a Sociedade Redutora. Resultado de cruzam entos seletivos dentro da raça, os

m em bros da Irm andade possuem im ensa força física e m ental, assim com o a capacidade de

recuperarem -se de ferim entos rapidam ente. Não é constituída m aj oritariam ente por irm ãos de

sangue. São iniciados na Irm andade por indicação de seus m em bros. Agressivos, autossuficientes

e reservados por natureza, vivem apartados dos vam piros civis e têm pouco contato com

m em bros das outras classes, a não ser quando precisam se alim entar. Tem a para lendas, são

reverenciados no m undo dos vam piros. Só podem ser m ortos por ferim entos m uito graves, com o

tiros ou um a punhalada no coração.

Leelan: Term o carinhoso que pode ser traduzido aproxim adam ente por “m uito am ada”.

Lhenihan: Fera m ítica reconhecida por suas proezas sexuais. Atualm ente,

refere-se a um

m acho de tam anho sobrenatural e vigor sexual.

Lewlhen: Presente.

Lheage: Um term o respeitoso utilizado por um a subm issa sexual para referir-se a seu

dom inante.

Libhertador: Salvador.

Lídher: Pessoa com poder e influência.

Lys: Instrum ento de tortura usado para rem over os olhos.

Mahmen: Mãe. Usado com o um term o identificador e de afeto.

Mhis: O disfarce de um determ inado am biente físico; a criação de um cam po de ilusão.

Nalla/nallum: Um term o carinhoso que significa “am ada”/“am ado”.

Ômega: Figura m ística e m aligna que alm ej a a extinção dos vam piros devido a um

ressentim ento contra a Virgem Escriba. Existe em um reino atem poral e possui grandes poderes,

entre os quais, no entanto, não se encontra a capacidade de criar.

Perdição: Refere-se a um a fraqueza crítica em um indivíduo. Pode ser interna, com o um

vício, ou externa, com o um a paixão.

Primeira Família: O Rei e a Rainha dos vam piros e sua descendência.

Princeps: O nível m ais elevado da aristocracia dos vam piros, só suplantado pelos m em bros da Prim eira Fam ília ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. O

título é hereditário e não pode ser

outorgado. Eles form am o Conselho dos *Princeps*.

Redutor: Mem bro da Sociedade Redutora. Hum ano sem alm a em penhado na exterm inação

dos vam piros. Os *redutores* só m orrem se forem apunhalados no peito; do contrário, vivem

eternam ente, sem envelhecer. Não com em nem bebem e são im potentes. Com o tem po, seus

cabelos, pele e íris perdem toda a pigm entação. Cheiram a talco de bebê. Depois de iniciados na

Sociedade por Ôm ega, conservam um a urna de cerâm ica, na qual seu coração foi depositado

após ter sido rem ovido.

Ríhgido: Term o que se refere à potência do órgão sexual m asculino. A tradução literal seria algo aproxim ado de “digno de penetrar um a fêm ea”.

Rytho: Form a ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe um a arm a e ataca o ofensor, que se apresenta desprotegido perante ele.

Shellan: Vam pira que tem um com panheiro. Em geral, as fêm eas não têm m ais de um m acho devido à natureza fortem ente territorial deles.

Sociedade Redutora: Ordem de assassinos constituída por Ôm ega com o propósito de

erradicar a espécie dos vam piros.

Symphato: Espécie dentro da raça vam pírica, caracterizada pela capacidade e desej o de

m anipular em oções nos outros (com o propósito de troca de energia), entre

outras peculiaridades.

Historicam ente, foram discrim inados e, em certas épocas, caçados pelos vam piros. Estão quase

extintos.

Transição: Mom ento crítico na vida dos vam piros, quando ele ou ela transform a-se em adulto.

A partir daí, precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suportam a luz do dia.

Geralm ente, ocorre por volta dos 25 anos. Alguns vam piros não sobrevivem à transição,

sobretudo os m achos. Antes da m udança, os vam piros são fisicam ente frágeis, inaptos ou

indiferentes para o sexo, e incapazes de se desm aterializar.

Trayner: Term o usado entre m achos em sinal de respeito e afeição. Pode ser traduzido com o

“querido am igo”.

Tuhtor: Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *tuhtors*, sendo o m ais poderoso aquele responsável por um a fêm ea *ehnclausurada*.

Tumba: Cripta sagrada da Irm andade da Adaga Negra. Usada com o local de cerim ônias e

com o depósito das urnas dos *redutores*. Entre as cerim ônias ali realizadas estão iniciações,

funerais e ações disciplinadoras contra os Irm ãos. O acesso a ela é vedado, exceto aos m em bros

da Irm andade, à Virgem Escriba ou aos candidatos à iniciação.

Vampiro: Mem bro de um a espécie à parte do *Homo sapiens*. Os vam piros

precisam beber

sangue do sexo oposto para sobreviverem . O sangue hum ano os m antêm vivos, m as sua força

não dura m uito tem po. Após sua transição, que geralm ente ocorre aos 25 anos, são incapazes de

sair à luz do dia e devem alim entar-se na veia regularm ente. Os vam piros não podem

“converter” os hum anos por m eio de um a m ordida ou transferência de sangue, em bora, ainda

que raram ente, sej am capazes de procriar com a outra espécie. Podem se desm aterializar por

m eio da vontade, m as precisam estar calm os e concentrados para consegui-lo, e não podem

levar consigo nada pesado. São capazes de apagar as lem branças das pessoas, desde que

recentes. Alguns vam piros são capazes de ler a m ente. Sua expectativa de vida ultrapassa os m il

anos, sendo que, em certos casos, vai além disso.

Viajante: Um indivíduo que m orreu e voltou vivo do Fade. Inspiram grande respeito e são

reverenciados por suas façanhas.

Virgem Escriba: Força m ística conselheira do Rei. Tam bém é guardiã dos registros

vam píricos e distribui privilégios. Existe em um reino atem poral e possui grandes poderes. Capaz

de um único ato de criação, que usou para trazer os vam piros à existência.

PREÂMBULO

Qhuinn, filho de Lohstrong, entrou na casa da fam ília passando pela im ponente porta da frente.

No instante em que passou pela soleira, o cheiro do lugar invadiu seu nariz. Lustra-m óveis de

lim ão. Velas de cera de abelha. Flores frescas do j ardim que os *doggen* colhiam diariam ente.

Perfum e – da m ãe. Colônia – do pai e do irm ão. Chiclete de canela – da irm ã.

Se a em presa Glade um dia produzisse um arom atizador com o aquele, ele seria cham ado de

“Cam pina dos Abastados”. Ou “Aurora de um a Conta Bancária Polpuda”.

Ou, quem sabe, o m ais popular “Som os Melhores do que Todos”.

Vozes distantes vinham da sala de j antar, as vogais tão brilhantes quanto os diam antes

lapidados, as consoantes arrastadas, suaves e longas com o fitas de cetim .

– Ah, Lillie, isso parece ótim o, obrigada – a m ãe disse à criada. – Porém , é m uito para m im . E

não sirva tanto assim a Solange. Ela está engordando.

Ah, sim , a dieta da m ãe perm anentem ente im posta à geração seguinte: as fêm eas da *glymera*

supostam ente devem desaparecer de vista quando estão de perfil, cada osso da clavícula exposto,

as faces encovadas e antebraços ossudos com o um a espécie de distintivo de honra de m erda.

Com o se você se tornasse um a pessoa m elhor por se parecer com um atiçador de lareira.

E com o se a Virgem Escriba a protegesse caso a aparência de sua filha fosse saudável.

– Ah, sim , obrigado, Lilith – o pai agradeceu. – Um pouco m ais para m im , por favor.

Qhuinn fechou os olhos e tentou convencer o corpo a dar um passo à frente. Um após o outro.

Não devia ser tão difícil assim .

Seu calçado Ed Hardy s, novinho, levantou o dedo do m eio para essa sugestão. Por outro lado,

por tantos m otivos, entrar naquela sala de j antar costum ava ser bem desagradável.

Deixou cair a bolsa de lona no chão. Os dois dias passados na casa do seu m elhor am igo, Blay ,

fizeram -lhe bem , com o um a folga da com pleta falta de ar desta casa. Infelizm ente, a dor do

regresso era tão intensa que o custo-benefício de sair equilibrava a situação.

Ok, aquilo era ridículo. Não podia continuar ali parado com o um obj eto inanim ado.

Cam inhando para a parede lateral, recostou-se contra um antigo espelho de corpo inteiro

colocado bem ao lado da porta. Tão atencioso. Tão adequado com as necessidades da

aristocracia em parecer bem . Dessa form a, os visitantes poderiam aj eitar os cabelos e as roupas

enquanto o m ordom o recebia seus casacos e chapéus.

O rosto do j ovem pré-trans que o fitava pelo espelho tinha feições equilibradas,

um belo

m axilar, um a boca que, ele tinha de adm itir, parecia ser capaz de fazer belos estragos à pele nua

quando ele am adurecesse. Ou talvez isso fosse apenas ilusão sua. O cabelo era de Vlad, o

Em palador, com tufos espetados no alto da testa. O pescoço estava envolto por um a corrente de

m oto – e não um m odelo com prado na Urban Outfitters, m as a velha correia que im pulsionara

sua antiga 12 cilindros.

Levando-se tudo isso em consideração, ele m ais se parecia com um ladrão que invadira a casa

e estava preparado para destruir o lugar à procura de prata de lei, j oias e eletrônicos portáteis.

A ironia era que esse papo furado gótico não era a parte de sua aparência que m ais ofendia

sua fam ília. Na verdade, ele poderia ficar nu, pendurar um abaj ur na bunda e passear pelo prim eiro andar im itando Jose Canseco* com a decoração da casa que sequer chegaria perto do real m otivo que irritava seus pais.

Eram os seus olhos.

Um azul. Um verde.

Ops. Foi m al.

A *glymera* não gosta de defeitos. Não em sua porcelana, não nos j ardins. Tam pouco no papel

de parede, nos tapetes e nas bancadas. Não na seda da roupa íntim a, nem na lã de seus blazers,

ou no chiffon de seus vestidos.

E, com certeza, *nunca* em seus filhos.

Com a irm ã tudo bem – ok, exceto pelo “pequeno problem a de peso” que, na verdade, era

inexistente, e um ceceio que sua transição não curara –, ah, sim , e o fato de ela ter a

personalidade da m ãe deles. E essa porcaria não tinha com o ser m udada. O irm ão, por sua vez,

era um a m aldita estrela, o filho prim ogênito preparado para levar adiante a linhagem da fam ília,

reproduzindo-se num interlúdio m uito cavalheiresco, sem gem idos, sem suor, com um a fêm ea

escolhida para ele pela fam ília.

Inferno, o recipiente de esperm a dele j á estava à espera. Ele copularia assim que passasse

pela transição…

– Com o está se sentindo, filho? – perguntou o pai com hesitação.

– Cansado, senhor – respondeu um a voz profunda. – Mas isso vai aj udar.

Um calafrio percorreu a coluna de Qhuinn. Aquilo não se parecia com seu irm ão. Grave

dem ais. Masculino dem ais. Muito…

Puta m erda, o cara fizera a transição.

Nessa hora, seus Ed Hardy s resolveram seguir em frente, adiantando-o até que ele

conseguisse enxergar a sala de j antar. O pai estava sentado à cabeceira da m esa.

Confere. A

m ãe em seu lugar adiante, oposta à porta de vaivém da cozinha. Confere. A irm ã de frente para

a porta da sala, faltando pouco para lam ber o prato de tanta fom e que sentia. Confere.

O m acho cuj as costas davam para Qhuinn não fazia parte do cenário.

Luchas tinha dobrado de tam anho desde que Qhuinn fora abordado por um *doggen* que lhe

dissera para j untar suas coisas e ir para a casa de Blay .

Bem , isso explicava tudo. Ele deduzira que o pai finalm ente cedera ao pedido que lhe fizera

sem anas antes. Mas não, o hom em só o queria fora da casa porque a transform ação chegara

para a carga genética do filho dourado.

Será que o irm ão transou com a garota? Quem usaram para o sangue…?

O pai, um tipo que nunca dem onstrava afeto, esticou a m ão e deu um tapinha sem graça no

antebraço de Luchas.

– Estam os m uito orgulhosos de você. Você está… perfeito.

– Está m esm o – a m ãe de Qhuinn concordou. – Sim plesm ente perfeito. O seu irm ão não está

perfeito, Solange?

– Sim , ele está. Perfeito.

– E eu tenho algo para lhe dar – disse Lohstrong.

O m acho pôs a m ão dentro do bolso da j aqueta esportiva e retirou um a caixinha de veludo

preta do tam anho de um a bola de golfe.

Em ocionando-se, a m ãe com eçou a enxugar os olhos.

– Isto é para você, m eu filho precioso.

A caixa foi em purrada por sobre a toalha de m esa branca adam ascada, e a m ão, agora

grande, de seu irm ão a pegou e levantou a tam pa.

Qhuinn viu o dourado do outro lado do vestíbulo.

Enquanto todos à m esa perm aneceram calados, o irm ão fitou o anel de sinete, obviam ente

surpreso, enquanto a m ãe continuava a enxugar os olhos, e até m esm o os do pai se um edeciam .

E a irm ã surrupiava um pãozinho da cesta.

– Obrigado, senhor – agradeceu Luchas ao colocar o anel no indicador.

– Serve, não é m esm o? – perguntou Lohstrong.

– Sim , senhor. Perfeitam ente.

– Tem os o m esm o tam anho, então.

Claro que sim .

No m esm o instante, o pai desviou o olhar, com o se esperasse que o m ovim ento dos olhos

cuidasse da cam ada de lágrim as que atrapalhara sua visão.

E flagrou Qhuinn à espreita do lado de fora da sala de j antar.

Houve um flash de reconhecim ento. Não do tipo “com o vai, filho?” ou “ah, que bom , m eu

outro filho chegou”. Algo m ais parecido com o quando você anda pela gram a e percebe um

am ontoado de cocô de cachorro tarde dem ais para não pisar nele.

O m acho voltou a fitar a fam ília, excluindo Qhuinn.

Obviam ente, a últim a coisa que Lohstrong queria era que tal m om ento histórico fosse

arruinado – e foi por isso que, provavelm ente, ele não fez os gestos para espantar o m al.

Norm alm ente, todos na casa faziam esse ritual quando viam Qhuinn. Não naquela noite. Papai

não queria que os outros soubessem .

Qhuinn voltou para j unto da bolsa de lona. Passando o peso pelo om bro, seguiu até a escadaria

da frente para ir ao quarto. A m ãe preferia que ele tom asse a escadaria de serviço, m as, para

isso, ele teria de atravessar todo aquele am or ali presente.

Seu quarto ficava o m ais distante possível dos outros, bem na extrem a direita. Muitas vezes, ele

se perguntava por que não o m andavam logo ficar com os *doggen* – m as provavelm ente a

criadagem se dem itiria.

Fechando-se no quarto, largou a m ala no chão sem nenhum tapete e sentou-se na cam a.

Fitando sua única bagagem , deduziu que seria m elhor lavar logo a roupa, j á

que havia um a sunga

m olhada ali.

As criadas se recusavam a tocar em suas roupas – com o se o m al dentro dele perm easse as

fibras dos seus j eans e cam isetas. O lado bom era que, por nunca ser bem recebido em eventos

form ais, bastava sim plesm ente lavá-las e usá-las.

Descobriu que estava chorando quando fitou seus Ed Hardy s e percebeu que havia algum as

gotas de água bem no m eio dos cadarços.

Jam ais receberia um anel.

Ah, inferno… Com o doía…

Ele esfregava o rosto com as palm as das m ãos quando seu telefone tocou. Pegando-o de

dentro da j aqueta de m otoqueiro, teve que piscar algum as vezes para focar a visão.

Apertou o botão para aceitar a ligação, m as não atendeu.

– Acabei de saber – disse Blay do outro lado. – Com o é que você está?

Qhuinn abriu a boca para responder, o cérebro se debatendo com todo tipo de resposta:

“Maravilha. Melhor im possível”, “Pelo m enos não sou ‘gordo’ com o a m inha irm ã”, “Não, não

sei se o m eu irm ão transou”.

Em vez disso, falou:

– Eles m e fizeram sair de casa. Não quiseram que eu am aldiçoasse a transição. Acho que deu

certo porque o cara parece estar m uito bem .

Blay praguej ou baixinho.

– Ah, e ele acabou de ganhar o anel. Meu pai deu… o anel dele.

O anel de sinete com o brasão da fam ília, o sím bolo que todos os m achos de boas linhagens

usavam para atestar o valor de sua ascendência.

– Vi quando Luchas o colocou no dedo – disse Qhuinn, sentindo com o se tivesse sido

apunhalado por um a adaga que subia pelos braços. – Coube certinho. Ficou lindo. Mas sabe, né…

Com o se pudesse ser de outro j eito…

Nessa hora ele com eçou a soluçar.

Perdeu com pletam ente o controle.

A terrível verdade era que debaixo do seu “foda-se” contracultural, ele queria que a fam ília o

am asse. Por m ais afetada que a irm ã fosse, por m ais nerd que o irm ão fosse, por m ais

reservados que os pais fossem , ele via o am or entre os quatro. Ele *sentia* o am or entre eles. Era

um laço que unia aqueles indivíduos, um cordão invisível que ia de um coração ao outro, o

com prom etim ento de se preocupar com tudo o que dizia respeito desde qualquer bobeira até os

dram as m ais verdadeiros e m ortais. E a única coisa m ais poderosa do que essa ligação era…

sentir-se excluído dela.

Todos os m alditos dias de sua vida.

A voz de Blay se fez ouvir acim a do choro.

– Pode contar com igo. E eu sinto m uito… Estou aqui para o que precisar… Apenas não faça

nada estúpido, ok? Deixe-m e ir aí…

Só m esm o Blay para saber que ele estava pensando em coisas que envolviam cordas e

chuveiros.

Na verdade, a m ão livre j á abaixara para o cinto im provisado que ele m esm o confeccionara

com um pedaço resistente de corda de náilon – porque seus pais não lhe davam dinheiro

suficiente para roupas, e o cinto de verdade que ele possuíra se quebrara há vários anos.

Puxando-o, ele olhou para a porta fechada do banheiro. Tudo o que precisava fazer era

am arrar a coisa no cano da parede – Deus bem sabia que aqueles canos de água tiveram

utilidades nos tem pos idos, quando as coisas eram fortes o suficiente para suportar um pouco de

peso. Ele até tinha um a cadeira na qual podia subir para depois chutá-la debaixo de si.

– Preciso ir…

– Qhuinn? Não desligue. Não ouse desligar na m inha cara…

– Olha aqui, eu tenho que ir…

– Estou indo te encontrar agora – m uita com oção do outro lado da linha, com o se Blay

estivesse se vestindo às pressas. – Qhuinn! Não desligue… *Qhuinn…!*

Jose Canseco, cubano, ex-j ogador profissional de baseball, foi cam peão do World Series em

2000, j ogando pelo New York Yankees. Em 2005, ele adm itiu ter feito uso de esteroides

anabolizantes. (N.T.)

CAPÍTULO 1

DIAS ATUAIS

– Saca só que belezinha fodida aí, ô!

Jonsey olhou para o idiota que estava agachado ao seu lado no ponto de ônibus. Os dois

estavam esperando na gaiola de acrílico há três horas. No m ínim o. Ainda que com entários com o

aquele fizessem parecer que se tratavam de dias.

E dariam um a bela j ustificativa para um assassinato.

– ‘Cê é branco, sabia? – observou Jonsey .

– Com o é que é, m ano?

Ok, talvez três anos de espera.

– Caucasiano, cara. ‘Cê precisa de protetor solar no verão, entende? Eu não…

– Deixa disso, m ano, olha só o carango…

– E porque ‘cê tem de falar com o se fosse do m eu pedaço? ‘Cê ‘tá fazendo papel de besta,

cara.

Àquela altura, ele só queria que a noite acabasse logo. Estava frio, nevava, e ele tinha de se

perguntar a quem irritara tanto para acabar atolado ali com aquele Vanilla Ice.

Na verdade, estava considerando largar tudo. Vinha se dando bem traficando em Caldwell;

fazia dois m eses que saíra da prisão pelos hom icídios que com etera quando m enor de idade; a

últim a coisa em que estaria interessado era passar tem po com um branquelo idiota que pensava

em ganhar créditos de rua por m eio do vocabulário.

Ah, sem falar naquele bairro de riquinhos em que estavam . Até onde ele podia supor, devia

existir algum decreto que proibisse as pessoas de circular pelas ruas depois das dez da noite.

Por que diabos concordara com aquilo?

– Por favor. Olhe. Para. Aquele. Lindo. Autom óvel.

Só para calar a boca do cara, Jonsey virou a cabeça e se inclinou para fora do abrigo. A neve

soprando o atingiu no rosto e ele praguej ou. Maldito norte de Nova York no inverno. Frio o

suficiente para gelar as bolas…

Nossa… Olha ali…

Do outro lado de um estacionam ento, bem diante de um a farm ácia CVS 24 horas novinha, de

paredes brancas sem nenhum grafite, havia m esm o um carrão fodido. O Hum m er era

com pletam ente preto, nenhum crom ado à vista – não nas rodas, nem em volta das j anelas, nem

m esm o no para-choque dianteiro. E era enorm e – a j ulgar por toda aquela pom pa, sem dúvida o

m otor devia ser o m áxim o.

O carrão era do tipo que se via nas ruas de onde ele vinha; seria o carro de um dos

m andachuvas. A não ser pelo fato de que aquele lugar era bem longe da cidade, por isso só podia

ser algum branquelo tentando m ostrar que tinha colhões.

Vanilla Ice pegou a m ochila e colocou um a alça no om bro.

– Vou dar um a espiada.

– O ônibus j á vai chegar – Jonsey consultou o relógio e desej ou que isso fosse verdade. –

Cinco, talvez dez m inutos.

– Vam os…

– Tchau, cretino.

– ‘Tá com m edinho? – o filho da puta levantou as m ãos e com eçou a sacudi-las. – Ai, que

m eedo…

Jonsey puxou o revólver e apoiou o cano bem no m eio do rosto do cretino.

– Não tenho nenhum problem a em m atar você bem aqui. Já fiz isso antes. Posso fazer de novo.

Agora para de idiotice e faz um favor pra você m esm o. Cala a porra dessa sua boca.

Quando Jonsey encarou os olhos do outro, não se im portou m uito com o resultado daquilo tudo.

Atirar no idiota. Não atirar. Não fazia diferença.

– ‘Tá bom , ‘tá bom , ‘tá bom . – O senhor Conversador recuou e deixou o ponto de ônibus.

Obrigado. Cacete.

Jonsey guardou a pistola, cruzou os braços e ficou olhando na direção que o ônibus viria –

com o se isso adiantasse.

Idiota filho da puta.

Olhou para o relógio de novo. Cara, chega disso. Se um ônibus voltando para a cidade chegasse

ali prim eiro, ele subiria e o resto que se foda.

Mudando de posição a m ochila que lhe disseram para pegar, ele sentiu o contorno rígido do

j arro dentro dela. O pacote ele entendia. Se ele ia transportar m ercadoria de onde “Judas perdeu

as botas” para o bairro, então tudo bem . Mas um j arro? Para que diabos alguém precisa disso?

A m enos que fosse pó solto.

O fato de ele ter sido escolhido pelo C-Rider, o próprio, para aquilo foi bom pra cacete. Até ele

ter conhecido o Garoto Branco – e daí a coisa perdeu um pouco da graça. As instruções do chefe

foram claras: encontrar com o cara na parada da Rua Quatro. Pegar o últim o ônibus que ia para

a periferia e esperar. Transferir-se para a linha rural quando o serviço voltasse a funcionar de

m adrugada. Descer na parada de Warren County . Depois andar um quilôm etro e m eio até um a

propriedade rural.

C-Rider os encontraria ali com um punhado de outros caras para tratar de negócios. E depois?

Jonsey faria parte da nova equipe m ontada para dom inar o cenário em Caldie.

Ele gostava dessa m erda. E respeitava com pletam ente o C-Rider – o filho da puta era

garantido: no com ando lá do pedaço; foda.

Mas se o resto deles fosse com o o Vanilla…

O ronco de um m otor o fez pensar que algum ônibus da Com panhia de Transportes de

Caldwell tivesse finalm ente chegado, e ele se pôs de pé…

– Puta que o pariu… – sussurrou.

O Hum m er preto tinha parado bem na frente do ponto de ônibus e, quando o vidro abaixou, o

Garoto Branco estava alucinado atrás do volante – e não só porque Cy press Hill estava, de fato,

berrando no rádio.

– Entra! Entra! Entra!

– Que m erda que ‘cê fez? – Jonsey gaguej ou, m esm o assim dando a volta por trás do carro e

subindo no banco do passageiro.

Puta que o pariu – o cretino não era um cretino com pleto, não se conseguia fazer um a coisa

dessas.

O cara pisou fundo no acelerador, o m otor rugiu, e os pneus cravaram na neve acum ulada,

lançando-os para frente a oitenta quilôm etros por hora.

Jonsey se segurou com o pôde conform e eles dispararam pelo cruzam ento de farol verm elho e

depois por cim a da calçada da loj a Hannaford. Enquanto eles se distanciavam , a m úsica sufocou

o alarm e que avisava que eles não tinham colocado o cinto de segurança.

Jonsey com eçou a rir.

– Isso aí, puta m erda! Seu foda, floco de neve fodido…!

– Acho que isso é Justin Bieber.

De frente para a prateleira de batatinhas fritas, Qhuinn levantou o olhar para os alto-falantes de

teto.

– É. Acertei, e odeio o fato de eu saber isso.

Ao seu lado, John Matthew sinalizou:

Como você sabe?

– O m erdinha está por todos os lados – para provar o que disse, indicou um expositor de cartões

com Short, Cocky e Fifteen-Minutes-Are-Up. – Juro, o garoto é a prova de que o Anticristo está

chegando. *Talvez ele já esteja aqui.*

– Isso explicaria Miley Cy rus.

Bem observado.

Enquanto John voltava a analisar a sua escolha de salgadinhos, Qhuinn deu um a olhada na loj a.

Quatro da m anhã e a farm ácia estava com pletam ente abastecida e absolutam ente vazia – a não

ser por eles dois e pelo rapaz na caixa registradora, que lia o *National Enquirer* e com ia um a

barrinha de chocolate Snickers.

Nenhum *redutor*. Ninguém do Bando de Bastardos.

Nada em que atirar.

A m enos que o expositor de Justin Bieber contasse.

O que vai pegar? , John perguntou com sinais.

Qhuinn deu de om bros e continuou olhando em volta. Com o *ahstrux nohtrum* de John, era sua

responsabilidade garantir que o cara voltasse inteiro para a m ansão da Irm andade todas as noites

e, depois de m ais de um ano, tudo bem por enquanto…

Puxa, com o sentia falta de Blay .

Balançando a cabeça, esticou o braço a esm o. Quando o braço recuou, ele segurava um

pacote de batatas com cebola e crem e azedo.

Olhando para o logo da Lay ’s e o close-up da batatinha, ele só conseguia pensar na época em

que ele, John e Blay costum avam m atar o tem po na casa dos pais de Blay , j ogando Xbox,

bebendo cervej a, sonhando com vidas m elhores e m aiores após a transição.

Infelizm ente, m elhor e m aior só resultou no tam anho e na força de seus corpos. Ainda que

talvez esse fosse apenas o seu ponto de vista. Afinal, John estava m uito bem com sua

com panheira. E Blay estava com …

Merda, ele não conseguia nem m esm o dizer m entalm ente o nom e do prim o.

– Tudo certo, J.? – perguntou asperam ente.

John Matthew pegou um a em balagem norm al de Doritos e assentiu.

Vamos pegar bebidas.

Enquanto avançavam pela loj a, Qhuinn desej ou que estivessem no centro da cidade, brigando nos becos, enfrentando qualquer um dos seus dois inim igos. Tem po em excesso despendido em

detalhes suburbanos e isso significava pensar dem ais em …

Interrom peu-se novam ente.

Que diferença fazia? Além disso, ele detestava ter qualquer contato com a *glymera* – e isso era

recíproco. Infelizm ente, os m em bros da aristocracia gradualm ente retornavam para Caldwell, e

isso significava que Wrath ficara até o pescoço com cham ados de supostos assassinatos.

Com o se os m ortos-vivos de Ôm ega não tivessem coisas m elhores a fazer do que espreitar

entre pom ares desnudos e piscinas congeladas.

Ainda assim , o Rei não estava em posição de m andar os j anotas se foderem . Não desde que

Xcor e seu Bando de Bastardos colocaram um a bala no pescoço real.

Traidores. Malditos. Com um pouco de sorte, Vishous iria provar sem som bra de dúvida de

onde tinha vindo o tiro de rifle, e então eles poderiam destripar aqueles soldados, colocar suas

cabeças em estacas e atear fogo em seus corpos.

Assim com o descobrir exatam ente quem no Conselho estava de conluio com o novo inim igo.

Sim , am istoso era o nom e do j ogo agora – por isso, um a noite por sem ana, cada um a das

equipes acabava ali no bairro em que ele crescera, batendo em portas e olhando debaixo das

cam as.

Em casas parecidas com m useus que lhe davam m ais arrepios do que qualquer passagem

escura do centro da cidade.

Um a batidinha no seu braço fez com que ele virasse a cabeça.

– O que foi?

Era o que eu ia perguntar.

– Com o é?

Você parou aqui. E ficou olhando para… Bem, você sabe.

Qhuinn franziu o cenho e olhou de relance para a prateleira de produtos. E acabou perdendo o

fio da m eada dos seus pensam entos – e boa parte do sangue da cabeça.

– Ah, é… Bem … – m erda, alguém aum entou a calefação do lugar? – Hum …

Mam adeiras. Leite em pó. Babadores e lenços um edecidos e hastes flexíveis. Chupetas.

Garrafinhas. Algum tipo de contraceptivo…

Ai, m eu Deus, um a bom ba de leite.

Qhuinn deu um a volta de 180° tão rápida que acabou de frente a um a pilha de fraldas

Pam pers, depois rebateu de volta no m undo das NUKs e, por fim , ricocheteou para fora do

am biente infantil graças ao rechaço de um A + D. O que quer que isso fosse.

Baby . Baby . Baby …

Ah, m elhor assim … Seguiu o cam inho para o caixa.

Enfiando a m ão na j aqueta de m otoqueiro, Qhuinn puxou a carteira e esticou a m ão para trás

para pegar a com ida de John.

– Me passe isso aí.

Enquanto o cara com eçava a discutir, articulando as palavras visto que as m ãos estavam

ocupadas, Qhuinn apanhou a garrafa de Mountain Dew e os Doritos que estavam atrapalhando a

com unicação deles.

– Prontinho. Enquanto ele cobra, você pode gritar com igo com o se deve.

E com o era de se esperar, as m ãos de John dispararam em todas as posições possíveis na

linguagem de sinais para dizer que aquela era por sua conta.

– Ele é surdo? – o rapaz atrás da caixa registradora perguntou num sussurro. Com o se alguém

usando linguagem de sinais fosse algum a aberração.

– Não. Cego.

– Ah.

Quando o rapaz continuou encarando, Qhuinn sentiu vontade de dar um peteleco nele.

– Vai nos aj udar aqui ou não?

– Ah, claro… Ei, você tem um a tatuagem no rosto – o senhor Observador se m ovia

lentam ente, com o se os códigos de barra das em balagens estivessem criando algum cam po de

resistência debaixo do leitor a laser. – Sabia disso?

Sério?

– Não saberia dizer.

– Você tam bém é cego?

O cara não tinha filtro algum . Nenhum m esm o.

– É, sou.

– Ah, então é por isso que os seus olhos são tão esquisitos.

– É. Pode crer.

Qhuinn pegou um a nota de vinte e não esperou pelo troco – hom icídio era um a possibilidade

um tantinho tentadora dem ais. Acenando para John, que tam bém m edia o rapaz para

encom endar um a m ortalha, Qhuinn tom ou o cam inho da saída.

– E o seu troco? – cham ou o rapaz

– Tam bém sou surdo. Não estou ouvindo.

O rapaz gritou m ais alto.

– Então vou ficar com ele, ok?

– Boa ideia – exclam ou Qhuinn por sobre o om bro.

O idiota pertencia ao nível cinco de estupidez. Nível m áxim o.

Passando pelas barras de segurança, Qhuinn ponderou que era um m ilagre que hum anos com o

aquele conseguissem passar seus dias. E o cretino conseguira vestir as calças e operar um a caixa

registradora.

Os m ilagres nunca deixavam de acontecer.

Ao em purrar a porta para sair, o frio o esbofeteou, o vento açoitou seus cabelos,

flocos de neve

atingiam seu nariz…

Qhuinn ficou im óvel.

Olhou para a esquerda. Para a direita.

– Caralho… Cadê o m eu Hum m er?

Em sua visão periférica, as m ãos de John com eçaram a voar com o se ele estivesse se

perguntando a m esm a coisa. Em seguida, ele apontou para baixo, para a neve recém -caída e…

para as m arcas fundas dos quatro pneus m onstruosos que form avam um círculo grande e

seguiam para a saída do estacionam ento.

– Puta que o pariu! – rosnou Qhuinn.

E ele pensava que o estúpido era o senhor Observador?

CAPÍTULO 2

Na m ansão da Irm andade, Blay lock estava sentado na beira da cam a, o corpo nu afogueado,

um a cam ada de suor sobre o peito e os om bros. Entre as pernas, o pênis estava adorm ecido e os

quadris relaxados depois de todo tipo de investida e encontrão. Por sua vez, a respiração estava

acelerada, a carne necessitando de um tantinho m ais de oxigênio do que seus pulm ões

conseguiam fornecer.

Naturalm ente por isso, ele se esticou para pegar o m aço de Dunhill Reds que m antinha na

m esinha de cabeceira.

Os barulhos no chuveiro do banheiro do outro lado, j unto ao perfum e cítrico do sabonete

artesanal, eram dolorosam ente fam iliares.

Já fazia quase um ano?

Tirando um dos cigarros, ele pegou o isqueiro Van Cleef & Arpels que Sax lhe dera em seu

aniversário. O obj eto era de ouro e tinha os rubis *Mystery Set* incrustados conform e a técnica

especializada da em presa, um a peça adorável dos anos quarenta, que nunca deixava de agradar

aos olhos e ao coração.

Enquanto a cham a acendia, o chuveiro era desligado.

Blay se inclinou na direção da cham a, inalou e fechou a tam pa do isqueiro. Com o sem pre, um

rastro do fluido do isqueiro perm eou o ar, sua doçura se m isturando com a fum aça que ele

exalou.

Qhuinn detestava cigarros.

Nunca os aprovara.

O que, considerando-se a quantidade de coisas ultraj antes que o cara tinha o hábito de fazer,

parecia sim plesm ente ofensivo.

Sexo com inúm eros desconhecidos em banheiros de boates? *Ménage à trois* com m achos e

fêm eas? Piercings? Tatuagens em diversos lugares?

E o cara não “aprovava” que se fum asse. Com o se fosse um vício sórdido com o qual

ninguém , em seu j uízo perfeito, devesse perder tem po.

No banheiro, o secador de cabelos que ele e Sax partilhavam foi ligado, e Blay pôde im aginar

o cabelo loiro que ele acabara de agarrar e puxar para trás voando no ar artificial, captando a

ilum inação, os reflexos naturais brilhando.

Saxton era bonito, de pele lisa, corpo definido e excelente bom gosto.

Deus, e as roupas em seu guarda-roupa? Incríveis. Com o se o Grande Gatsby tivesse saído das

páginas de um rom ance, passado pela 5ª Avenida e com prado todo o estoque de alta costura.

Qhuinn j am ais foi assim . Ele usava cam isetas da Hanes e uniform es de couro, e ainda usava a

m esm a j aqueta de m otoqueiro que tinha desde logo depois de sua transição. Nada de Ferragam o

ou Bally para ele; New Rocks com solados do tam anho de pneus de cam inhão. Cabelo? Com um

pouco de sorte penteado. Colônia? Pólvora e orgasm os.

Diabos, em todos aqueles anos em que Blay conhecia o cara – e isso era praticam ente desde o

nascim ento –, ele j am ais vira Qhuinn vestindo um terno.

Há de se duvidar que ele soubesse que sm okings podiam ser com prados, não apenas alugados.

Se Saxton era o retrato perfeito da aristocracia, Qhuinn era o de um bandido…

– Aqui está. Bata as cinzas nisto.

Blay levantou a cabeça. Saxton estava nu, perfeitam ente penteado e cheirava a Cool Water – e

estava segurando o pesado cinzeiro Baccarat que ele com prara no verão com o um presente de

solstício. Tam bém era dos anos quarenta, e pesava tanto quanto um a bola de boliche.

Blay obedeceu, pegando-o e balançando-o na palm a da m ão.

– Está de saída para o trabalho?

Com o se isso não estivesse óbvio.

– Exato.

Saxton se virou e o banqueteou com suas nádegas espetaculares ao seguir para o closet.

Tecnicam ente, ele devia viver num dos quartos de hóspedes vazios da casa, m as no decorrer do

tem po, suas roupas acabaram m igrando para ali.

Ele não se im portava com o fum o. Até m esm o chegava a partilhar um cigarro de vez em

quando depois de um a… de um intercâm bio energético, digam os assim .

– Com o está indo? – Blay perguntou num a exalada. – Quero dizer, a sua m issão secreta.

– Muito bem . Estou quase term inando.

– Isso quer dizer que vai poder finalm ente m e contar do que se trata?

– Logo você vai descobrir.

Quando um a sacudida de cam isa em anou do closet, Blay virou o cigarro e fitou a ponta acesa.

Saxton vinha trabalhando em algo extrem am ente secreto para o Rei desde o outono, e não houve

confissões de travesseiro a respeito – o que devia ter sido apenas um dos m otivos pelos quais

Wrath tornou o m acho o seu advogado particular. Saxton tinha a m esm a discrição de um cofre

de banco.

Qhuinn, por outro lado, j am ais fora capaz de guardar um segredo. Desde festas surpresa a

boatos e detalhes pessoais em baraçosos tais com o se você transou com um a prostituta barata

na…

– Blay ?

– Desculpe, o que disse?

Saxton saiu do closet, com pletam ente vestido num terno de três peças de tweed da Ralph

Lauren.

– Eu disse, vej o você na Últim a Refeição?

– Puxa. Já está tarde assim ?

– Sim , está.

Pelo visto transaram durante toda a Prim eira Refeição do dia – com o eles vinham fazendo

desde…

Deus. Ele nem conseguia pensar no que acontecera apenas um a sem ana antes. Não conseguia

sequer traduzir em palavras com o se sentia a respeito da única coisa com a qual j am ais se

preocupara que pudesse acontecer – bem na frente dos seus olhos.

E ele acreditara que ser rej eitado por Qhuinn era ruim ?

Vê-lo ter um filho com um a fêm ea…

Merda, ele tinha de responder ao seu am ante, não tinha?

– Sim , claro. Vej o você m ais tarde.

Houve um a hesitação, depois Saxton se aproxim ou e pressionou um beij o nos lábios de Blay .

– Está de folga esta noite?

Blay concordou, m antendo o cigarro longe para não queim ar as belas roupas do m acho.

– Pensei em ler a *New Yorker* e talvez com eçar *Paixões desenfreadas*.

Saxton sorriu, obviam ente apreciando o apelo de am bos.

– Com o eu o invej o. Depois que eu term inar, vou tirar algum as noites de folga e só relaxar.

– Talvez a gente possa ir para algum lugar.

– Talvez.

A expressão contraída do belo rosto foi rápida e triste. Porque Saxton sabia que

eles não iriam

a parte algum a.

E não só porque um a viagem a Sandals com tudo incluso não estava no futuro deles.

– Cuide-se – disse Saxton, esfregando os nós dos dedos no rosto de Blay .

Blay acarinhou a m ão com o nariz.

– Você tam bém .

Um segundo depois, a porta abriu e fechou… e ele ficou sozinho. Sentado na cam a bagunçada,

no silêncio que pareceu esm agá-lo de todos os lados, ele fum ou aquele cigarro até o filtro,

esm agou-o no cinzeiro e acendeu outro.

Fechando os olhos, tentou se lem brar do som dos gem idos de Saxton ou da visão das costas

m ásculas arqueadas ou da sensação da pele contra a pele.

Não conseguiu.

E essa era a raiz do problem a, não?

– Deixe-m e ver se eu entendi – V. disse com a voz arrastada pelo telefone. – Você perdeu o

Hum m er.

Qhuinn queria atravessar a vidraça com a cabeça.

– É. Perdi. Então, pode, por favor…

– Mas com o foi que você perdeu um veículo de três toneladas?

– Isso não im porta…

– Bem , na verdade, im porta se você quiser que eu acesse o GPS e lhe diga onde pode

encontrar o m aldito carro; pois é por isso que você m e ligou, não foi? Ou você acha que se

confessar sem contar os detalhes faz bem para a alm a e essa porcaria toda?

Qhuinn segurou o telefone com força.

– Deixeiaschavesnocontato.

– Com o é? Pode repetir? Não entendi.

Até parece.

– Deixei as chaves no contato.

– Que idiotice, filho.

Jura?

– Então, pode m e aj udar…?

– Acabei de m andar as coordenadas para você por e-m ail. Ah, m ais um a coisa… Quando

recuperar o veículo…

– Sim ?

– Pare um segundo só para ver se os ladrões aj eitaram o banco… Sabe, só para ficarem

confortáveis e à vontade. Porque eles provavelm ente não estavam com pressa, j á que as chaves estavam lá – o som da risada de V. era com o ser acertado nas bolas com o para-choque de um

carro. – Olha só, preciso ir. Preciso das duas m ãos para segurar a barriga de

tanto que estou rindo

de você. Até m ais…

Quando a ligação ficou m uda, Qhuinn precisou de um m inuto para controlar o desej o de atirar

longe o telefone.

É, porque perdê-lo tam bém o aj udaria m uito.

Entrando na sua conta do Hotm ail, e im aginando quanto tem po teria de aguentar aquela

vergonha, conseguiu a localização do m aldito carro.

– Está seguindo para o oeste – virou o telefone para que John pudesse ver. – Vam os lá.

Desm aterializando-se, Qhuinn ficou vagam ente ciente de que sua raiva era desproporcional ao

problem a: conform e suas m oléculas se dispersavam , ele era com o um fusível aceso esperando

para se conectar a algum a dinam ite – e não era apenas o fato de ele ser um estúpido, ou de

perder o carro, ou pelo fato de ele ficar com cara de idiota diante de um dos m achos que ele

m ais respeitava na Irm andade.

Havia m uitas outras coisas.

Materializando-se num a estrada rural, ele verificou o telefone novam ente e esperou John

aparecer. Quando o lutador surgiu, ele recalibrou e eles seguiram ainda m ais a oeste,

aproxim ando-se, redirecionando-se… até que Qhuinn irrom peu na exata faixa de asfalto coberta

de neve na qual estava o seu m aldito Hum m er.

A m enos de cem m etros à frente do veículo.

Quem quer que fosse o filho da puta que estava atrás do volante dirigia a quase cem

quilôm etros por hora na neve, seguindo para um a curva. Que estúp…

Bem , cham á-los de estúpidos era exatam ente o tipo de coisa que o suj o diz para o m al-lavado

na qual aquela noite estava se transform ando.

Deixe-me atirar nos pneus, John gesticulou, com o se soubesse que um a arm a na m ão de

Qhuinn não seria a m elhor das ideias.

No entanto, antes que ele conseguisse sacar a sua .40, Qhuinn se m aterializou… bem em cim a

do capô do SUV.

Prim eiro ele aterrissou de cara no para-brisa, o traseiro recebendo o tipo de brisa que o

transform ou num inseto contra o vidro. Depois, veio o espanto geral: graças ao brilho do painel,

ele enxergou as expressões de “Ai, m eu Deus!” nos rostos dos dois hom ens no banco da frente…

E então a sua brilhante ideia se transform ou na m erda núm ero dois da noite.

Em vez de pisar no freio, o m otorista virou o volante, com o se assim conseguisse evitar o que

j á tinha pousado no capô do Hum m er. O torque arrem essou Qhuinn, o corpo ficando sem peso

conform e ele voava no ar, tentando m anter contato visual com a sua carona.

No fim , ele é quem teve sorte.

Com o Hum m ers foram proj etados e construídos para outras coisas que não a aerodinâm ica e

a facilidade na frenagem , as leis da física se agarraram a todo aquele m etal pesado e capotaram

a coisa. No processo, e apesar da cobertura de neve, o m etal se chocou com o asfalto, e os gritos

agudos de soprano rom peram a noite…

O im pacto ensurdecedor do SUV cravando em um obj eto sólido do tam anho de um a casa pôs

fim aos gritos. Qhuinn não prestou m uita atenção à batida, porém . Porque ele tam bém aterrissou,

a estrada pavim entada batendo em seu om bro e quadril, o corpo fazendo a sua própria versão de um porco untado deslizando pelo chão coberto de neve.

CRASH!

Seu m ovim ento cinético tam bém foi interrom pido quando algo duro o acertou na cabeça…

Em seguida, um show espetacular de luzes, com o se alguém tivesse acendido fogos de artifício

bem diante do seu rosto. Depois, foi a vez do Piu-Piu, de estrelinhas rodando em sua visão

enquanto dores em vários lugares com eçaram a aparecer.

Em purrando o que quer que estivesse m ais próxim o dele – e ele não sabia m

uito bem se era o

chão, um a árvore ou aquele gordinho de verm elho, o Papai-Noel –, ele se pôs de costas. Ao se

deitar, o frio foi para a sua cabeça e aj udou a entorpecer as coisas.

Tinha a intenção de se levantar. Verificar o Hum m er. Socar quem quer que tivesse tirado

vantagem de seu vacilo. Mas isso era apenas o seu cérebro brincando consigo próprio. O corpo

assum ira o com ando do volante e do acelerador, e não tinha a m ínim a intenção de ir a parte

algum a.

Deitado o m ais im óvel que conseguia e respirando bafej os de frio desiguais, o tem po recuou e

depois com eçou a se m etam orfosear. Por um segundo, ele ficou confuso quanto ao que o

colocara naquela condição à m argem da estrada. O acidente que ele causara?

Ou… a Guarda de Honra antes dos ataques?

Aquela coisa de ficar deitado de costas no asfalto era um a lem brança do seu passado ou algo

que estava de fato acontecendo?

A boa notícia era que tentar descobrir a realidade proporcionou ao seu cérebro outra coisa

para fazer em vez de insistir naquela m erda de se m exer. A notícia ruim era que as lem branças

da noite em que sua fam ília o repudiou estavam m ais dolorosas do que qualquer outra coisa que

estivesse sentindo no m om ento.

Deus, estava tudo tão claro, o *doggen* trazendo-lhe os papéis oficiais e exigindo um pouco de

sangue para um ritual de purificação. Ele j ogando aquela bolsa de lona sobre o om bro e saindo

de casa pela últim a vez. A estrada se estendendo à sua frente, vazia e escura…

Esta m esm a estrada, na verdade. A estrada de agora em que caíra. E na qual estava. Ao sair

da casa dos pais, ele tivera a intenção de seguir para o oeste, onde ouvira falar de um bando de

m alandros cretinos parecidos com ele. No entanto, quatro m achos surgiram em m antos negros e

o surraram até a m orte – literalm ente. Ele fora até os portões do Fade e, lá, vira um futuro no

qual não acreditara… até ele acontecer. Estava acontecendo – naquele m om ento. Com Lay la.

Ah, olha só, John estava falando com ele.

Bem diante dos seus olhos, as m ãos do cara faziam m ovim entos, por assim dizer, e Qhuinn

pretendia responder com algum tipo de inform ação.

– É real? – m urm urou.

John pareceu m om entaneam ente confuso.

Tinha de ser real, pensou Qhuinn. Por que a Guarda de Honra o procurara no verão, e o ar que

ele estava respirando era frio.

Você está bem? , John articulou com os lábios ao gesticular.

Enfiando a m ão no chão coberto de neve, Qhuinn em purrou com toda a força que tinha.

Quando não se m oveu m ais do que alguns centím etros, deixou que isso respondesse por ele… e

apagou.

CAPÍTULO 3

O som da coca sendo fungada por um septo desviado fez com que o hom em do lado de fora da

porta apertasse ainda m ais a adaga.

Idiota. Maldito idiota.

A prim eira regra para qualquer traficante de sucesso era não ser usuário. Viciados que davam

início aos seus negócios usavam . Associados sobre quem você precisava ter poder usavam .

Prostitutas que você necessitava que fossem para as ruas usavam .

A adm inistração nunca usava. Jam ais.

O raciocínio era m uito lógico, fundam ental e nada diferente de, digam os, ir a um cassino de

seis m ilhões de m etros quadrados, com com ida suficiente para alim entar um pequeno país e

m alditas folhas de ouro espalhadas a torto e a direito, e se surpreender por ter perdido todo o seu

dinheiro. Se consum ir drogas era um a ideia tão genial, por que pessoas m orriam regularm ente

com essa m erda, destruíam suas vidas por causa delas, eram m andadas para a prisão graças a

isso?

Cretino.

O hom em virou a m açaneta e em purrou. Claro que a porta estava destrancada, e conform e

ele entrava no quarto esquálido, o odor de talco de bebê o teria sobrepuj ado – se j á não tivesse se

acostum ado a ele.

O cheiro desagradável era a única coisa da qual ele não gostara na m udança. Todo o resto – a

força, a longevidade, a liberdade – ele aceitara. Mas o cheiro, que m aldição.

Não im portava a quantidade de colônia que usasse, não conseguia se livrar dele.

Ah, sim , e sentia falta de poder fazer sexo.

Fora isso, a Sociedade Redutora era o seu bilhete para a dom inação.

A fungada parou e o *Redutor Principal* levantou a cabeça da revista *People* sobre a qual fizera as carreiras. Debaixo do resíduo, um cara cham ado Channing Tatum olhava para a câm era,

sexy com o o quê.

– Ei, o que está fazendo aqui?

Conform e os olhos inj etados e lustrosos se esforçavam para focalizar, o “chefe” parecia ter

acabado de dar um boquete num donut açucarado.

– Trouxe um a coisa para você.

– Mais? Ah, bom Deus, com o você sabia? Só tenho m ais cinquenta gram as e…

Connors, tam bém conhecido com o C-Rider, m oveu-se rapidam ente, dando três passos à

frente, esticando o braço am plam ente, balançando a adaga num círculo am plo – que acabou ao

lado da cabeça do *Redutor Principal*. A lâm ina de aço afundou, atravessando o osso m ais m ole

da têm pora, perfurando a m assa cinzenta confusa.

O *Redutor Principal* teve um a convulsão, talvez por causa do ferim ento… Mais provavelm ente

porque suas glândulas adrenais acabaram de lançar m ilhões de centím etros cúbicos de “puta

m erda” na circulação sanguínea e a coisa não estava se m isturando m uito bem com a cocaína.

Enquanto o m erdinha caía num baque da cadeira e trepidava até o chão, a adaga ficou com

Connors, soltando-se da lateral do crânio, a lâm ina m arcada com sangue negro.

Connors sustentou o olhar do seu agora antigo superior e sentiu-se trem endam ente bem a

respeito da prom oção que acontecia. O próprio Ôm ega o procurara oferecendo-lhe o em prego,

sem dúvida reconhecendo, com o todos os outros, que um punkezinho de rua qualquer não era o

que se queria para com andar qualquer organização m aior do que um j ogo de pôquer. Bem , é

óbvio que o cara fora útil em aum entar o pelotão. Mas quantidade não era o m

esm o que

qualidade, e não seria preciso o Exército, a Marinha, a Força Aérea ou os Fuzileiros para ver que

a Sociedade Redutora estava sendo atropelada por j ovens sem lei e com déficit de atenção.

Difícil prom over qualquer program a com esse tipo de pelotão e histórico – a m enos que você

tivesse um adm inistrador verdadeiram ente profissional.

Motivo pelo qual Ôm ega pusera tudo aquilo em ação.

– O q-q-que…

– Você está despedido, filho da puta.

A parte final da aposentadoria forçada veio com m ais um a apunhalada, esta com a lâm ina

penetrando bem no m eio do peito. Com um “puf ” e um pouco de fum aça, a m udança de regim e

foi concluída.

E Connors se tornou o cabeça de tudo.

A suprem acia o fez rir por um m om ento – até seus olhos percorrerem o recinto. Por algum

m otivo, ele pensou naquele com ercial de arom atizador de ar Febreze, aquele em que eles

bagunçaram um lugar, borrifaram o produto com o loucos, depois arrastaram “pessoas reais, não

atores” para a cena para dar um a cheirada no am biente.

Caram ba, a não ser pelos restos de com ida – que não existiam , porque

assassinos não

precisavam com er – tudo se encaixava: o m ofo no teto, a m obília decadente, o vazam ento na

pia… e especialm ente a parafernália que acom panhava os m últiplos vícios, com o seringas,

colheres, até m esm o a garrafa de dois litros de Sprite do laboratório de m etanfetam ina no canto.

Aquele não era um lugar que em anava poder. Era apenas um antro de drogas.

Connors se aproxim ou e pegou o celular do m erdinha. A tela estava quebrada e havia algum

tipo de rem endo pegaj oso na parte de trás. O equipam ento não tinha senha de proteção e, quando

ele entrou na parte das m ensagens, todo tipo de puxa-saquism o surgiu, os textos cheios de blá-blá-

blás parabenizando pela cerim ônia de iniciação que aconteceria naquela noite.

Mas o *Redutor Principal* não soubera daquilo. Não era coisa dele.

No entanto, Connors não retaliaria. Os babacas puxa-sacos só estavam tentando perm anecer

vivos e chupariam o pau de qualquer um para continuar a respirar: ele, de fato, esperava a

m esm a lista se dirigindo a ele, e queria que o fizessem . Os espiões tinham o seu propósito no

âm bito geral.

E, caram ba, com o havia trabalho a ser feito.

Pelo que ele deduzira do seu abençoado curto tem po de puxa-saquism o, a Sociedade Redutora

tinha poucos recursos no que se referia à artilharia, à m unição ou às propriedades. Nenhum

dinheiro, pois o que entrara na form a de roubos m enores acabara subindo pelo nariz do m erdinha

ou sendo inj etado em seu braço. Nenhum a lista de recrutas, nenhum a tropa organizada, nada de

treinam ento.

Muita coisa precisava ser refeita rapidam ente…

Um a raj ada de ar frio entrou no côm odo, e Connors deu m eia-volta. Ôm ega chegara de lugar

nenhum , as vestes brancas do Mal brilhando suavem ente, a som bra negra por baixo parecendo um a ilusão ótica.

A repulsa que perpassou Connors era algo a que ele sabia que teria de se acostum ar. Ôm ega

sem pre apreciava um relacionam ento especial com seu *Redutor Principal* – e, talvez por isso,

dizia-se por aí que eles raram ente duravam m uito.

Mas, pensando bem , considerando-se quem ele escolhia…

– Cuidei dele – disse Connors, indicando a m arca de queim ado no chão.

– Sei disso – replicou Ôm ega, a voz se distorcendo no ar frio e fétido.

Do lado de fora, um a raj ada de vento lançou neve contra a j anela, o buraco no peitoril

perm itindo a entrada de alguns flocos. Ao entrarem , eles flutuaram até o chão, o frio ali presente

era suficiente para sustentá-los, graças à presença do m estre.

– Ele voltou para casa agora – Ômega avançou com o um a brisa, sem nenhum a evidência de

que qualquer espécie de pernas se m ovesse debaixo dele. – E eu estou deveras satisfeito.

Connors ordenou aos seus pés que ficassem parados. Não havia para onde correr, nenhum

lugar para onde escapar; ele sim plesm ente tinha que superar o que estava por vir.

Ao m enos ele se preparara para isso.

– Tenho novos recrutas para você.

Ômega se deteve.

– Verdade?

– Um a espécie de tributo, por assim dizer – ou m ais especificam ente um ponto final definitivo

naquilo: ele tinha de se encam inhar logo, planej ara cuidadosam ente para que aqueles dois

eventos fossem próxim os. Ômega, afinal, gostava dos seus brinquedinhos, m as gostava ainda

m ais da sua Sociedade e do seu propósito de elim inar os vam piros.

– Você m e agrada im ensam ente – sussurrou Ômega ao se aproxim ar. – Acredito que vam os

nos entender m uito bem … Sr. C.

CAPÍTULO 4

A Escolhida Lay la existira em seu próprio corpo sem qualquer com prom etim ento físico pela

totalidade de sua existência. Nascida no Santuário da Virgem Escriba e treinada na paz

sobrenatural e refinada dali, ela j am ais soubera o que era fom e, ou estado febril, ou dor de

qualquer tipo. Nem calor, tam pouco frio, contusão, concussão ou contração. Seu corpo fora,

com o com todas as coisas no lugar m ais sagrado da m ãe da raça, sem pre da m esm a placidez,

um espécim e perfeito funcionando no nível m ais alto…

– Ai, m eu Deus – ela engoliu em seco ao pular da cam a e se arrastar até o banheiro.

Seus pés nus derraparam no m árm ore quando ela se lançou de j oelhos, levantando a tam pa do

vaso sanitário, e se inclinou para ficar frente a frente com a epiglote do vaso.

– Só… acabe com … isso – ela arfou quando a onda de náusea poluiu seu corpo até os dedos

dos pés se dobrarem agarrando-se ao chão. – Por favor… Pelo am or da Virgem Escriba…

Se ao m enos ela conseguisse esvaziar o estôm ago, por certo a tortura term inaria…

Colocando o indicador e o dedo m édio na garganta, ela os pressionou com tanta força que

engasgou. Mas foi só isso. Não havia coordenação em seu diafragm a, nenhum a libertação da

carne estragada em seu estôm ago… Não que ela tivesse com ido – isso ou qualquer outra coisa –

por… quanto tem po m esm o? Dias.

Talvez fosse esse o problem a.

Passando um braço ao redor do quadril, ela apoiou a testa suada na beirada fria e dura do vaso

sanitário e tentou respirar superficialm ente. A sensação do ar subindo e descendo pelo fundo de

sua garganta só fazia piorar a necessidade im potente de vom itar.

Há apenas poucos dias, quando ela entrara no cio, seu corpo assum ira o controle, a

necessidade de copular forte o suficiente para apagar todo pensam ento e em oção. Aquela

suprem acia logo passara, contudo, do m esm o m odo que as dores da cópula infindável, a pele e os

ossos m ais um a vez tom ando o assento de trás em seu cérebro.

O equilíbrio estava recuando m ais um a vez.

Desistindo, m udou de posição com cuidado, apoiando os om bros na parede de m árm ore.

Considerando-se com o se sentia m al, só podia deduzir que estava abortando. Jam ais vira

ninguém no Santuário passar por aquilo – será que aquele m al-estar era norm al ali na Terra?

Fechando os olhos, desej ou poder falar com alguém sobre isso. Porém , bem poucas pessoas

sabiam de sua condição – e, por enquanto, ela precisava que as coisas continuassem assim . A

m aioria das pessoas sequer sabia que ela passara pelo cio e fora obsequiada. O

período fértil de

Autum n com eçara antes e, em reação, a Irm andade se afastara ao m áxim o para não correr o

risco de se expor a esses horm ônios – por um bom m otivo, com o ela tom ou conhecim ento em

prim eira m ão. E quando as pessoas retornaram aos seus quartos norm ais na m ansão? O seu cio

passara, e qualquer corrente residual de horm ônios no ar foi atribuída por todos ao fim do período

de Autum n.

Entretanto, a privacidade naqueles seus dois côm odos não duraria se a gestação continuasse.

Prim eiro porque sua condição seria sentida pelos outros, especialm ente pelos m achos, que

particularm ente percebiam esse tipo de coisa.

Segundo, depois de um tem po, com eçaria a aparecer.

A não ser… Com o é que o bebê sobreviveria se ela se sentia tão m al?

Enquanto um a leve sensação de contração se acom odava no baixo ventre, com o se sua pélvis

estivesse sendo com prim ida por um a hera invisível, ela procurou focar a m ente em algum a

coisa, qualquer coisa que não fossem as sensações físicas.

Olhos da cor da noite surgiram .

Olhos penetrantes, olhos que fitavam de um rosto ensanguentado e distorcido… e belos m esm o

em sua feiura.

Ok. Aquilo não era m elhora algum a.

Xcor, o líder do Bando de Bastardos. Um traidor do Rei, um m acho caçador que era inim igo

da Irm andade e dos vam piros em todas as partes. O guerreiro bravio que nascera de um a m ãe

nobre que não o quisera por causa de sua aparência, e de um pai desconhecido que nunca

reconhecera a paternidade. Um fardo indesej ado saído de casa para um orfanato até entrar para

o cam po de treinam ento de Bloodletter no Velho Mundo. Um lutador sem rem orso, treinado nisso

para grandes feitos; depois, em sua m aturidade, um m estre na m orte que viaj ou pela terra com

um bando de lutadores de elite, prim eiro aliados ao próprio Bloodletter e, depois, a Xcor – e a

ninguém m ais.

O rastro de inform ações na biblioteca do Santuário term inava ali porque nenhum a das

Escolhidas vinha atualizando m ais nada. O resto, contudo, ela podia com pletar por si só: a

Irm andade acreditava que o atentado contra a vida de Wrath no outono fora planej ado por Xcor,

e ela tam bém ouvira que existiam insurgentes dentro da *glymera* a serviço do guerreiro.

Xcor. Um traidor, um m acho brutal sem consciência, sem lealdade, sem

princípios a não ser

para seu benefício.

Todavia, quando ela encarou aqueles olhos, quando esteve em sua presença, quando, sem

saber, alim entara esse novo inim igo… sentira-se um a fêm ea com pleta pela prim eira vez em sua

vida.

Porque ele a fitara não com agressão, m as com …

– Chega – disse ela em voz alta. – Pare com isso *agora*.

Com o se ela fosse um a criança subindo num a estante ou algo assim .

Forçando-se a ficar de pé, aj eitou o roupão e resolveu sair do quarto e ir até a cozinha. Era

necessária um a m udança de cenário, assim com o com ida – m esm o que fosse para dar ao seu

estôm ago algo para expelir.

Antes de sair, não verificou o cabelo nem o rosto no espelho. Não se preocupou com o m odo

com o o m anto lhe caía. Não gastou nem um m inuto ponderando sobre qual das suas sandálias

idênticas usaria.

Tanto tem po fora gasto com detalhes em sua aparência.

Teria sido m elhor despendê-lo estudando ou treinando para um a vocação. Isso, porém , não

fora possível dentro dos preceitos perm itidos das atividades para um a Escolhida.

Ao sair para o corredor, respirou fundo, equilibrou-se e com eçou a andar na direção do

escritório do Rei.

Logo à frente, Blay lock, filho de Rocke, entrou apressado no corredor das estátuas, com as

sobrancelhas unidas e o corpo coberto em couro do alto dos om bros até as solas dos enorm es

coturnos. Ao avançar, ele verificava as arm as um a a um a, tirando-as dos coldres, recolocando-as, prendendo-as.

Lay la parou de pronto.

E quando o m acho finalm ente a viu, ele fez o m esm o, os olhos se m ostrando reservados.

Cabelos ruivos escuros, um par adorável de olhos azul safira, o aristocrata de sangue puro era

um lutador da Irm andade, m as não era um bruto. Não im portava com o ele passasse as noites no

cam po de batalha, no com plexo ele continuava um inteligente cavalheiro de boas m aneiras,

conduta e educação.

Por isso não foi surpresa que, m esm o em sua pressa, ele se inclinasse ligeiram ente à cintura

num cum prim ento form al antes de voltar a correr para a escadaria principal.

Na descida dele para o vestíbulo, a voz de Qhuinn lhe retornou.

Estou apaixonado por alguém…

Lay la praticou seu novo hábito de praguej ar baixinho. Triste a situação entre esses dois

guerreiros, e a sua gravidez em nada aj udaria.

Mas a sorte fora lançada.

E todos eles teriam de lidar com as consequências.

Quando chegou à escadaria, Blay sentia com o se estivesse sendo perseguido, e isso era

loucura. Ninguém que representasse qualquer tipo de am eaça estava atrás dele. Nenhum tarado

com um a m áscara de Jason, ou um bastardo com um infeliz suéter natalino e facas no lugar dos

dedos, nem m esm o um palhaço assassino…

Som ente um a Escolhida provavelm ente grávida que, por acaso, passara bem um as doze horas

transando com o seu m aldito ex-m elhor am igo.

Nada de m ais.

Pelo m enos, ela não deveria ser problem a algum . A questão era que, toda vez que ele via

aquela fêm ea, sentia com o se tivesse levado um soco no estôm ago. O que era m ais um a loucura.

Ela não fizera nada errado. Nem Qhuinn.

A m enos que, Deus, se ela estivesse grávida…

Blay m andou todos esses pensam entos felizes para o fundo da m ente ao cruzar o vestíbulo num

trote. Não havia tem po para asneiras psicológicas, m esm o que só consigo: quando Vishous liga

para você na sua noite de folga e lhe diz para estar na porta da frente em cinco m

inutos, não é

porque as coisas estão bem .

Nenhum detalhe foi fornecido ao telefone; nenhum foi solicitado. Blay só levara um m inuto

para enviar um a m ensagem de texto a Saxton, depois vestira couro e aço, pronto para qualquer

coisa.

De certo m odo, aquilo era bom . Passar a noite lendo no quarto acabara se m ostrando um a

tortura, e apesar de ele não querer que ninguém estivesse em apuros, ao m enos aquilo o

envolveria em algum a atividade. Saindo às pressas do vestíbulo, ele…

Deparou-se com o cam inhão guincho da Irm andade.

O veículo estava equipado para parecer autenticam ente hum ano, deliberadam ente pintado

com o logo verm elho da AAA* e o nom e fictício Guinchos Murphy . Núm ero de telefone falso.

Slogan “Você pode contar sem pre conosco” falso.

Bobagem . A m enos que “você” fosse alguém da Irm andade.

Blay subiu no assento do passageiro e encontrou Tohr, e não V., atrás do volante.

– Vishous está vindo?

– Som os você e eu, garoto. Ele ainda está trabalhando no exam e de balística daquela arm a.

O Irm ão pisou no acelerador, o m otor a diesel roncou com o um a fera, as luzes form ando um

círculo am plo ao redor da fonte do pátio e circundando os carros estacionados um atrás do outro.

Assim que Blay verificou os veículos e calculou quem estava faltando, Tohr disse:

– Qhuinn e John.

As pálpebras de Blay se fecharam por um átim o de segundo.

– O que houve?

– Não sei m uito. John ligou para V. pedindo aj uda – o Irm ão o fitou. – E você e eu som os os

únicos disponíveis.

Blay alcançou a m açaneta da porta, pronto para abri-la e se desm aterializar dali.

– Onde eles est…

– Acalm e-se, filho. Conhece as regras. Nenhum de nós pode sair desacom panhado, por isso

preciso do seu traseiro nesse assento ou estarei violando o m eu m aldito protocolo.

Blay bateu o punho na porta, com força suficiente para que a dor na m ão clareasse um pouco

suas ideias. Maldito Bando de Bastardos, lim itando-os assim – e o fato de a regra fazer sentido só

o irritava ainda m ais. Xcor e seus rapazes m ostraram que eram perigosos, agressivos e

com pletam ente am orais – não eram exatam ente o tipo de inim igo que você gostaria de enfrentar

sozinho.

Mas, caram ba…

Blay apanhou o telefone, pretendendo m andar um a m ensagem para John, m as se conteve,

pois não queria distraí-los ao tentar obter detalhes.

– Não há ninguém que consiga chegar lá antes?

– V. ligou para os outros. A luta está correndo solta no centro e ninguém consegue sair.

– Maldição.

– Vou dirigir o m ais rápido que puder, filho.

Blay assentiu, só para não parecer rude.

– Onde estão e vai dem orar m uito?

– Uns quinze, vinte m inutos. É depois da periferia.

Merda.

Olhando para fora da j anela e vendo os flocos de neve passando, ele disse a si m esm o que se

John estava m andando m ensagens, eles estavam vivos e, pelo am or de Deus, o cara pedira um

guincho, não um a am bulância. Até onde ele podia saber, os dois estavam com um pneu furado

ou o para-brisa quebrado, e ficar histérico não encurtaria a distância, tam pouco dim inuiria o

dram a, se é que havia algum , nem m udaria as consequências.

– Desculpe se estou agindo com o um idiota – m urm urou Blay , quando o Irm ão entrou na

autoestrada.

– Não precisa se desculpar por se preocupar com um dos seus garotos.

Cara, o Tohr sabia ser legal.

Com o era bem tarde da noite, a Northway não tinha nenhum carro, só um ou outro cam inhão,

cuj os m otoristas pilhados seguiam com o m orcegos saindo do inferno. O guincho não ficou m uito

tem po na estrada larga. Uns quinze quilôm etros m ais tarde, eles pegaram a saída ao norte do centro de Caldwell, num a área suburbana conhecida pelas suas m ansões, não por ranchos; pelas

Mercedes, não por Mazdas.

– Que diabos eles estão fazendo aqui? – perguntou Blay .

– Investigando aqueles relatos.

– Sobre os *redutores*?

– Isso.

Blay balançou a cabeça ao passarem por paredes de pedra tão altas e fortes quanto zagueiros

de futebol am ericano, e portões com delicadas filigranas de ferro fechados para estranhos.

Abruptam ente, respirou fundo e relaxou. Os aristocratas que voltavam para a cidade estavam

assustados e viam provas das atividades dos *redutores* em tudo que os circundava – o que não

significava que assassinos, de fato, saltassem detrás das esculturas dos j ardins nem se

escondessem em seus porões.

Aquele não era um evento m ortal. Era só m ecânico.

Blay esfregou o rosto e tratou de arrancar tudo do seu botão de pânico interno.

Pelo m enos até saírem do outro lado do código postal e encontrarem o acidente.

Ao term inarem um a curva da estrada, havia um par de lanternas traseiras piscando sua luz

verm elha do outro lado – bem depois do acostam ento, de ponta cabeça.

O cacete que se tratava só de um problem a m ecânico.

Blay saltou antes de Tohr sequer com eçar a estacionar, m aterializando-se diretam ente ao lado

do Hum m er.

– Oh, Cristo, isso não… – gem eu ao ver duas m arcas no para-brisa dianteiro, o tipo de coisa

que só podia ser feito por um par de cabeças atingindo o vidro.

Cam inhando na neve, ele foi até a porta do m otorista, o cheiro doce do com bustível golpeando-

o no nariz, a fum aça do m otor cegando-o…

Um assobio agudo cortou o ar noturno logo à esquerda. Virando, Blay vasculhou o cenário

acarpetado de neve… e encontrou duas form as desaj eitadas cerca de seis m etros m ais distante,

aninhadas na base de um a árvore quase do tam anho daquela na qual o Hum m er se am ontoara.

Andando com dificuldade pela neve acum ulada, Blay se apressou até lá e aterrou sobre os

j oelhos. Qhuinn estava largado no chão, as pernas longas e pesadas esticadas, a parte superior do

corpo no colo de John.

O m acho apenas o encarou com aqueles olhos descom binados, sem se m over, sem falar.

– Ele está paralisado? – Blay exigiu saber, olhando para John.

– Não que eu saiba – respondeu Qhuinn secam ente.

Acho que ele está com uma concussão, sinalizou John.

– Eu não…

Ele saiu voando do capô do carro e atingiu esta árvore.…

– Quase nem acertei a árvore…

E eu tive que segurá-lo quieto desde então.

– O que está m e irritando…

– E aí, rapazes, com o estão? – Tohr perguntou ao se agachar perto deles, as botas esm agando o

gelo. – Alguém ferido?

Qhuinn se soltou de John e se levantou.

– Não… Nós só…

Ao dizer isso, o equilíbrio dele oscilou, o corpo inclinando-se tanto que Tohr teve que segurá-lo.

– Vá esperar no guincho – o Irm ão disse sério.

– Que se foda…

Tohr puxou-o até que ficassem de frente.

– Desculpe, filho, o que foi que disse? Porque tive a im pressão que tentou usar a palavra que

com eça com “f ” com igo.

Ok. Certo. Blay sabia de antem ão que havia poucas coisas na vida diante das quais Qhuinn

recuava; dito isso, um Irm ão respeitado por ele, que estava m ais do que pronto para concluir o

trabalho que aquele pinheiro com eçara, era, definitivam ente, um a delas.

Qhuinn olhou para o SUV destruído.

– Desculpe. Noite ruim . E só fiquei tonto por um segundo. Estou bem .

Num a atitude típica de Qhuinn, o m aldito se soltou e se afastou, seguindo para a pilha

fum egante que antes era m etal condutível com o se pudesse se livrar dos seus ferim entos pela

sim ples força de vontade.

Deixando os outros para com er poeira.

Blay se pôs de pé e se obrigou a focar em John.

– O que aconteceu?

Deus abençoe a linguagem de sinais; isso lhe dava algo para que olhar e, felizm ente, John se

alongou em detalhes. Quando a narrativa chegou ao fim , Blay só conseguia fitar o am igo. Mas

seria im possível alguém inventar tudo aquilo.

Não a respeito de alguém de quem se gostava, pelo m enos.

Tohrm ent com eçou a rir.

– Pelo que você está m e dizendo, ele com eteu um *hyslop*.

– Não sei m uito bem o que isso quer dizer – Blay interrom peu.

Tohr deu de om bros e seguiu a trilha de Qhuinn pela neve, m exendo o braço na direção do

acidente.

– Bem ali. Aquela é a definição de um *hyslop*… iniciada pelo seu garoto deixando as chaves na

ignição.

Ele não é o m eu garoto, Blay disse para si m esm o. Nunca foi. Nunca será.

E o fato de isso doer m ais do que qualquer tipo de concussão era algo tão significativo que ele

resolveu se calar.

De lado e longe da luz dos faróis, Blay ficou para trás e viu Qhuinn se agachar pelo lado da

porta do m otorista e praguej ar baixinho.

– Meleca. Mas que m eleca…

Tohr fez o m esm o do lado do passageiro.

– Olha só, um parzinho.

– Acho que estão m ortos.

– Mesm o? O que foi que o convenceu disso? O fato de eles não estarem se m exendo ou por

este cara aqui não ter m ais nenhum a feição?

Qhuinn se endireitou e olhou por cim a da parte inferior do carro.

– Precisam os virá-lo para guinchá-lo.

– E cá estava eu pensando que íam os derreter m arshm ellows – com entou Tohr.
– John? Blay ?

Venham cá.

Os quatro se posicionaram lado a lado entre os pneus e se afundaram nas botas, travando suas

posições na neve. Quatro pares de m ãos seguravam pelas portas; quatro corpos inclinando-se na

posição de partida; quatro pares de om bros se preparando.

Um a única voz, a de Tohr, contou em voz alta:

– No três. Um . Dois. *Três*…

O Hum m er j á tivera um a noite ruim , e essa coisa de acertar o que estava errado o fez gem er

tão alto que um a coruj a disparou pela estrada e um par de cervos saiu correndo em seus cascos

em m eio às árvores.

Porém , o Hum m er não era a única coisa praguej ando. Todos se portaram com o George

Carlin* debaixo do peso m orto ao se esforçarem contra a gravidade de todo aquele aço. As leis da física eram possessivas, porém , e enquanto o corpo de Blay se retesava, todos os seus

m úsculos se esticando sobre os ossos, ele virou a cabeça e m udou a pegada…

Estava ao lado de Qhuinn. Bem próxim o.

Os olhos de Qhuinn estavam focando para a frente, os lábios arreganhados para

trás das

presas, sua expressão feroz era o resultado de um esforço anatôm ico total…

Bem perto de com o ele ficava quando gozava.

Santa inadequação, Batm an. Que pena que isso não m udasse em nada o curso dos seus

pensam entos.

O problem a era que Blay sabia de antem ão o que um orgasm o provocava naquele hom em –

ainda que não porque ele tivesse sido um dos m ilhares que foram o repositório. Isso não. Nunca

isso. Que Deus não perm itisse que o cara que enfiava o pau em tudo o que respirasse – e quiçá

obj etos inanim ados – um dia fizesse isso com Blay .

Sim , porque esse perspicaz paladar sexual que levou Qhuinn a copular com tudo em Caldwell

entre os vinte e os vinte e oito anos excluiu Blay do grupo de risco.

– Ele… está com eçando a se m exer… – disse Tohr por entre os dentes. – Para baixo!

Blay e Qhuinn responderam rápido, relaxando a pegada, agachando-se e passando os om bros

por debaixo do teto do carro. De frente um para o outro, os olhos se encontraram quando o ar foi

expelido das bocas, as coxas reagindo, os corpos travando um a batalha contra todo aquele peso

m orto e frio – que, por acaso, tam bém estava escorregadio graças à neve.

A força conj unta deles foi a causa da virada – literalm ente. Um eixo se form ou nos pneus

opostos, e o fardo de toneladas do Hum m er m udou entre eles, tornando-se cada vez m ais leve.

Por que diabos Qhuinn olhava para ele daquele m odo?

Aqueles olhos, um par de azul e verde, estavam cravados nos de Blay , sem se m exerem .

Talvez fosse apenas resultado da concentração, com o se ele estivesse apenas se centrando nos

poucos centím etros à frente e, por acaso, Blay estivesse no fim do seu cam po de visão.

Só podia ser isso…

– Devagar, rapazes! – avisou Tohr. – Ou a m aldita coisa vai dar um giro com pleto!

Blay aliviou a pressão, e houve um m om ento de suspensão, um átim o de segundo em que o

im possível aconteceu, quando um veículo utilitário de três toneladas se equilibrou perfeitam ente

em duas rodas, em que o que fora excruciante se tornou… hilário.

E, ainda assim , Qhuinn o encarava.

Quando o Hum m er aterrissou nas quatro rodas, Blay franziu o cenho e se virou. Quando voltou a olhar… os olhos de Qhuinn estavam exatam ente onde estiveram antes.

Blay se inclinou e sibilou:

– O que foi?

Antes que houvesse qualquer tipo de resposta, Tohr se adiantou e abriu a porta

do SUV. O

cheiro de sangue fresco flutuou com a brisa.

– Cara, m esm o que isto não tenha tido perda total, não sei não se você vai querê-lo de volta.

Lim par isto vai ser o cacete!

Qhuinn não respondeu, parecendo ter se esquecido com pletam ente a respeito do vívido

com ercial de seguros de carros pelo qual o seu veículo estava passando. Apenas ficou ali,

olhando para Blay .

Talvez o filho da m ãe tivesse tido um derram e de pé?

– Qual é o seu problem a? – repetiu Blay .

– Vou trazer o guincho – disse Tohr ao seguir para o outro veículo. – Vam os deixar os corpos

onde eles estão; vocês podem descartá-los no cam inho de casa.

Nesse m eio-tem po, Blay pôde sentir John parando e olhando para eles – algo com que Qhuinn

não parecia se im portar.

Com um a im precação, Blay solucionou o problem a correndo para o guincho e cam inhando ao

lado enquanto Tohr dava a ré até o Hum m er acidentado. Aproxim ando-se da m anivela, Blay

soltou o gancho e com eçou a liberar o cabo.

Ele tinha a sensação de saber o que se passava pela cabeça de Qhuinn e, caso estivesse certo,

era m elhor o cara ficar de boca fechada e recuar.

Ele *não* queria ouvir.

Associação Autom obilística Am ericana. (N.T.)

Hum orista e com ediante de *stand-up* am ericano. (N.T.)

CAPÍTULO 5

Enquanto Qhuinn perm anecia parado no vento, vendo Blay enganchar o Hum m er, a neve solta

com eçou a cobrir suas botas, o peso leve e m acio gradualm ente obscurecendo as pontas de

m etal. Olhando para baixo, ele teve a vaga noção de que, se ficasse onde estava por tem po

suficiente, acabaria com pletam ente coberto por ela, da cabeça aos pés.

Que coisa m ais estranha de se pensar.

O rugir do m otor do guincho fez sua cabeça se erguer novam ente, os olhos m udando de

direção quando o cabo com eçou a arrastar seu carro arruinado do m onte de neve.

Era Blay quem cuidava do içam ento, ficando ao lado para m onitorar e controlar a velocidade

do cabo cuidadosam ente a fim de que nenhum a força desnecessária fosse aplicada nos vários

com ponentes m ecânicos daquela produção de bom sam aritanism o autom otiva.

Tão atento. Tão controlado.

Tentando parecer casual, Qhuinn seguiu para perto de Tohr e fingiu que ele,

assim com o o

Irm ão, estava apenas m onitorando o progresso do içam ento. Não estava. Tratava-se apenas de

Blay .

Sem pre fora Blay .

Procurando dem onstrar seu desinteresse, cruzou os braços sobre o peito, m as teve que abaixá-

los novam ente, visto que o om bro m achucado reclam ou.

– Lição aprendida – disse ele com o intuito de puxar conversa.

Tohr m urm urou algo em resposta, m as ele não conseguiu ouvir. E m enos ainda conseguia ver

outra coisa que não Blay . Não num piscar de olhos. Nem num a respiração. Tam pouco num a

batida de coração.

Fitando através da neve rodopiante, ele se m aravilhou em com o alguém que sabia tudo a seu

respeito, que vivia no m esm o corredor, que com ia com você, trabalhava com você e dorm ia na

m esm a hora que você, pudesse… se tornar um estranho.

Pensando bem , e com o sem pre, aquilo se tratava de distância em ocional, e não da coisa de

trabalhar sob o m esm o teto.

A questão era que Qhuinn sentia com o se quisesse explicar as coisas. Infelizm ente, e

diferentem ente do seu prim o sórdido, Saxton o Sacana, ele não tinha o dom das

palavras, e o

sentim ento com plicado no m eio do seu peito só piorava ainda m ais a sua tendência ao m utism o.

Depois de um a últim a puxada, o Hum m er por fim se encontrava no piso do guincho, e Blay

com eçou a passar a correia para dentro e para fora por baixo da carroceria.

– Certo, vocês três levem esse m onte de entulho de volta – disse Tohr enquanto flocos de neve

voltavam a cair.

Blay parou e olhou para o Irm ão.

– Nós seguim os em pares. Portanto, devo ir com você.

Com o se ele estivesse m ais do que pronto a ir em bora.

– Deu um a boa olhada no que tem os aqui? Um m onte de aço incapacitado com dois hum anos

m ortos dentro. Acha que a situação é para relaxar?

– Eles conseguem cuidar disso – Blay disse baixo. – Os dois são capazes.

– Mas com você ficam m ais fortes ainda. Vou desm aterializar de volta para casa.

No silêncio que se seguiu, a linha ereta que se form ou subindo do traseiro de Blay até a base do

crânio foi o equivalente a um dedo m édio erguido. Não para o Irm ão, porém .

Qhuinn sabia exatam ente para quem .

As coisas correram rapidam ente a partir daí; o SUV sendo am arrado, Tohr indo em bora e

John subindo no banco do m otorista. Nesse m eio-tem po, Qhuinn deu a volta até a porta do

passageiro, abriu-a e deu um passo de lado, esperando.

Com o um cavalheiro faria, supôs.

Blay apareceu, atravessando a neve. Sua expressão era com o a do cenário que os envolvia:

fria, reservada e inóspita.

– Depois de você – m urm urou ele, pegando um m aço de cigarros e um isqueiro elegante.

Qhuinn abaixou a cabeça num aceno rápido, depois entrou, deslizando pelo banco até o om bro

encostar no de John.

Blay entrou em seguida, bateu a porta e entreabriu a j anela, deixando a ponta acesa do prego

do seu caixão na abertura para m inim izar o cheiro.

O guincho foi quem sustentou a conversa por uns oito quilôm etros m ais ou m enos.

Sentando entre os que costum avam ser seus dois m elhores am igos, Qhuinn fitava o lim pador

de para-brisa e contava os segundos interm itentes entre as lim padas… três, dois… um … Sobe e

desce. E… três, dois… um … Sobe e desce.

Mal havia neve solta o suficiente no ar para se darem ao trabalho.

– Desculpe – deixou escapar.

Silêncio. A não ser pelo ronco do m otor diante dele e pelo ocasional barulho de

correntes na

parte de trás quando passavam por sobre um a elevação ou buraco.

Qhuinn olhou de relance e, ora essa, Blay parecia estar m astigando m etal.

– Está falando com igo? – disse ele ranzinza.

– Sim . Estou.

– Não tem do que se desculpar – Blay esm agou o toco do cigarro no cinzeiro do painel. E

acendeu outro. – Pode, *por favor*, parar de m e encarar?

– Eu só… – Qhuinn levou a m ão aos cabelos e lhes deu um puxão e tanto. – Eu não… Não sei o

que dizer a respeito de Lay la.

A cabeça de Blay se virou num rom pante.

– O que você faz com a sua vida não m e diz respeito…

– Isso não é verdade – Qhuinn disse baixinho. – Eu…

– Não é verdade?

– Blay , escute aqui, Lay la e eu…

– O que o faz pensar que quero ouvir sequer um a palavra sobre você e ela?

– Só pensei que talvez você precisasse de algum … sei lá, de um contexto, ou algo assim .

Blay sim plesm ente fitou a frente um m om ento.

– E por que, exatam ente, você acredita que eu precise de um “contexto”?

– Porque… pensei que talvez você achasse tudo… perturbador. Ou algo assim .

– E por quê?

Qhuinn não conseguia acreditar que o cara quisesse que ele dissesse tudo em voz alta. Menos

ainda na frente de outra pessoa, m esm o que fosse John.

– Bem , por causa… Você sabe.

Blay se inclinou, o lábio superior se retraindo atrás das presas.

– Só para que fiquem os bem claros aqui, o seu prim o está m e dando tudo de que preciso. O dia

inteiro. Todos os dias. Você e eu? – ele m oveu a m ão com o cigarro para frente e para trás entre

eles. – Nós trabalham os j untos. Só isso. Por isso, quero que nos faça um favor antes de pensar

que eu “preciso” saber de algum a coisa. Pergunte-se “se eu estivesse preparando ham búrgueres

no McDonald’s, eu contaria isso para o cara das fritas?”. Se a resposta for não, então fique de

bico fechado.

Qhuinn voltou a olhar para o para-brisa. E pensou em atravessá-lo com o rosto.

– John, encoste.

O lutador olhou de relance para ele. E com eçou a balançar a cabeça.

– John, encoste esta m erda. Ou faço isso por você.

Qhuinn estava vagam ente ciente de que o peito subia e descia com força e que a m ão se

fechara num punho cerrado.

– Encoste esta m erda! – rugiu ao socar o painel com tanta força que fez com que um a das

saídas de ar saltasse.

O guincho foi para a lateral da estrada e os freios rangeram quando a velocidade dim inuiu.

Mas Qhuinn j á estava do lado de fora. Desm aterializando-se, ele escapou pela fresta na j anela,

j unto à fum aça exalada por Blay .

Quase im ediatam ente, ele reapareceu ao lado da estrada, incapaz de sustentar seu estado

m olecular porque suas em oções estavam afetadas dem ais para tal. Colocando um a bota na

frente da outra, ele cam inhou pela neve, sua necessidade de se m over afogando tudo, inclusive a

dor pulsante nas j untas dos dedos.

No fundo de sua m ente, algo a respeito daquela faixa de estrada se apresentou, m as havia

barulho dem ais no seu cérebro para que a especificidade da coisa surgisse à tona.

Não fazia ideia para onde estava indo.

Caram ba, estava frio dem ais.

Sentando no banco do guincho, Blay se concentrava na ponta acesa do cigarro, a luzinha

laranj a m exia de um lado para o outro com o a corda de um a guitarra.

A m ão devia estar trem endo.

O assobio ao seu lado era a m aneira de John lhe cham ar a atenção, m as ele o ignorou. O que o

fez levar um tapa no braço.

Isto é muito ruim para ele, sinalizou John.

– Está de brincadeira, né? – m urm urou Blay . – Só pode estar m e zoando. Ele sem pre quis um

relacionam ento convencional e transou com um a Escolhida… Eu diria que isso…

Não isso, isto. John apontou para o asfalto. *Aqui*.

Blay m udou o olhar para o para-brisa só porque estava cansado dem ais para discutir. Na

frente do guincho, os faróis ilum inavam tudo, o cenário branco coberto de neve a ponto de cegar,

a figura cam inhando ao lado da estrada com o um a som bra largada.

Pingos verm elhos m arcavam o cam inho das pegadas.

As m ãos de Qhuinn sangravam por ele ter socado o painel…

De repente, Blay franziu o cenho. Sentou-se um pouco m ais ereto.

Com o as peças de um quebra-cabeças se encaixando, os detalhes aleatórios de onde estavam ,

desde a curva da estrada, até as árvores e a parede de pedra ao lado deles, tudo se j untou e

com pletou um cenário.

– Ai, que m erda. – Blay bateu a cabeça no encosto de trás. Fechando os olhos de leve, tentou

encontrar outra solução para aquilo, qualquer coisa que não fosse sair dali.

E não conseguiu encontrar coisa algum a. Absolutam ente nada.

Ao em purrar a porta, o frio invadiu o interior aquecido da cabine. Não disse nada a John. Não

havia por quê. Coisas com o sair na neve atrás de alguém eram autoexplicativas.

Afundando, ele andou ruidosam ente em m eio ao acúm ulo de neve. A estrada fora lim pa antes,

m as j á havia algum tem po.

O que significava que ele teria de agir rapidam ente.

Ali, naquela parte rica da cidade, onde a base de arrecadação era tão grande quanto os j ardins

enorm es, era m elhor acreditar que um daqueles m iniarados am arelos de rem over neve

apareceria ali antes do am anhecer.

Não havia necessidade de fazer aquilo diante de hum anos. Ainda m ais com o par de cadáveres

ensanguentados no Hum m er.

– Qhuinn – disse ele seco. – Qhuinn, pare.

Ele não gritou. Não tinha energia para tanto. Aquela… coisa, o que quer que houvesse entre

eles, j á se tornara exaustiva há m uito tem po, e o atual espetáculo no acostam ento da estrada era

m ais um episódio para o qual ele não tinha energia.

– Qhuinn. Sério.

Pelo m enos o cara dim inuiu um pouco o passo. E, com um pouco de sorte, ele estaria tão

furioso que não j untaria as pistas sobre a localização deles.

Jesus, qual seria a probabilidade… pensou Blay ao olhar ao redor. Foi exatam ente ali no

quilôm etro seguinte que a Guarda de Honra fizera seu servicinho – e Qhuinn quase m orrera em

decorrência da surra.

Deus, Blay se lem brava de ter se arm ado aquela noite, um par de faróis diferentes captando

um a figura escura, daquela vez sangrando no chão.

Estrem ecendo, deu m ais um a chance ao j ogo.

– Qhuinn.

Ele parou, as botas se plantando na neve e não se adiantando m ais. No entanto, ele não se

virou.

Blay gesticulou para que John apagasse as luzes e, um segundo depois, tudo o que lhe restava

eram as luzes alaranj adas de estacionam ento do guincho.

Qhuinn apoiou as m ãos nos quadris e olhou para o céu, a cabeça inclinada para trás, a

respiração subindo num a nuvem de condensação.

– Volte e entre no guincho – Blay deu m ais um a tragada e soltou a fum aça. – Precisam os ir

em bora…

– Sei o quanto Saxton significa para você – disse Qhuinn de m odo brusco. – Já entendi. De

verdade.

Blay se forçou a dizer:

– Isso é bom .

– Só acho que… ouvir isso ainda é um choque.

Blay franziu o cenho na luz dim inuta.

– Não entendo.

– Sei que não. E isso é culpa m inha. Tudo isso… é m inha culpa – Qhuinn olhou de relance

sobre o om bro, o rosto rígido e forte num a expressão séria. – Só não quero que pense que eu a

am o. É só isso.

Blay foi dar m ais um tragada em seu Dunhill, m as não tinha força suficiente nos pulm ões.

– Eu… lam ento… Não entendo… por que…

Ora, se essa não foi um a resposta m aravilhosa.

– Não estou apaixonado por ela. Ela não está apaixonada por m im . Não estam os dorm indo

j untos.

Blay em itiu um a risada ríspida.

– Até parece.

– É sério. Eu a servi no cio porque quero um filho, e ela tam bém , e tudo com eçou e term inou

ali.

Blay fechou os olhos quando a ferida em seu peito foi reaberta.

– Qhuinn, para com isso. Você esteve com ela o últim o ano inteiro. Eu vi vocês… Todos viram

vocês…

– Tirei a virgindade dela há quatro noites. Ninguém esteve com ela antes disso, nem m esm o

eu.

Ah, essa era um a im agem que ele realm ente precisava na cabeça.

– Eu não a am o. Ela não m e am a. Não estam os dorm indo j untos.

Blay não conseguia m ais ficar parado, por isso deu alguns passos, a neve se acum ulando

debaixo das botas. E, do nada, surgiu a voz da Senhora da Igrej a do SNL* em sua cabeça: *Ora, isso não é incríííível?*

– Não estou com ninguém – disse Qhuinn.

Blay riu m ais um a vez com um a pontada de escárnio.

– Num relacionam ento? Claro que não. Mas não espere que eu acredite que você está

passando seu tem po fazendo florzinhas de crochê e colocando os tem peros nas prateleiras em

ordem alfabética com aquela fêm ea.

– Faz m ais de um ano que não faço sexo.

Isso o deteve.

Deus, onde fora parar o oxigênio daquela parte do universo?

– Tolice – Blay replicou com a voz entrecortada. – Você esteve com Lay la… Há

quatro

noites. Com o você m esm o disse.

No silêncio que se seguiu, a terrível verdade m ostrou sua cara feia de novo, a dor tornando

im possível para ele esconder o que tão diligentem ente vinha escondendo nos últim os dias.

– Você esteve com ela de verdade – disse ele. – Vi o candelabro da biblioteca balançar

debaixo do seu quarto.

E então foi Qhuinn quem fechou os olhos com o se quisesse esquecer.

– Foi com um propósito.

– Preste atenção… – Blay balançou a cabeça. – Não estou entendendo bem por que você está

m e contando isso. Falei sério quando eu disse que não preciso de explicações quanto ao que você faz da sua vida. Você e eu… Nós crescem os j untos, e é só isso. Verdade, partilham os m uitas

coisas no passado, e estávam os sem pre presentes quando era preciso. Mas nenhum de nós cabe

m ais nas roupas que costum ávam os usar, e esse nosso relacionam ento tam bém é assim . Ele não

cabe m ais nas nossas vidas. Nós… não cabem os m ais. Você e eu? Tem os um passado. E só. E é

só isso… o que terem os sem pre.

Qhuinn desviou o olhar, o rosto m ais um a vez nas som bras.

Blay se forçou a continuar a falar.

– Sei que essa… coisa com a Lay la… é im portante para você. Ou im agino que sej a… com o

pode não ser se ela está grávida? Quanto a m im ? Honestam ente, desej o que sej am felizes. Mas

você não m e deve nenhum a explicação… e m ais im portante, não preciso delas. Toquei o barco

quanto a paixonites infantis… e era isso o que eu sentia por você. Na época, era apenas um a

paixão, Qhuinn. Portanto, por favor, cuide da sua fêm ea e não fique se preocupando se cortarei

m eus pulsos porque você encontrou alguém para am ar. Assim com o eu encontrei.

– Eu j á disse. Eu não a am o.

Espere por isso, Blay pensou para si m esm o. Porque está chegando.

Aquilo ali era o clássico Qhuinn.

O m acho era incrível na batalha. Leal ao ponto da psicose. E esperto. E tão sensual que era

capaz de provocar distrações. E m ilhares de outras coisas que Blay tinha de adm itir que ninguém

se equiparava. Mas ele tinha um defeito sério, e não era a cor dos olhos.

Ele não sabia lidar com em oções.

Com nenhum a.

Qhuinn sem pre correra de qualquer coisa profunda – m esm o sem se m exer. Ele era capaz de

se sentar na sua frente e assentir e falar, m as quando as em oções se aprofundavam para ele, ele

saía de sua pele. Sim plesm ente se distanciava. E se você tentasse forçá-lo a confrontá-las?

Bem , isso não era possível. Ninguém forçava Qhuinn a fazer coisa algum a.

Ah, sim , claro que havia um bom núm ero de bons m otivos para ele ser assim . A fam ília dele

tratando-o com o se fosse um a m aldição. A *glymera* m enosprezando-o. Não ter tido raízes a vida

inteira. Porém , quaisquer que fossem os m otivos, no fim do dia, o m acho fugiria de tudo o que

fosse com plicado, ou exigisse algo dele.

Provavelm ente a única coisa que poderia m udar isso seria um filho.

Portanto, não im portava o que ele dizia agora, não havia dúvidas de que ele estava apaixonado

por Lay la; m as tendo passado o cio com ela, e agora aguardando os resultados, estava perdendo

a cabeça de tanta preocupação e se afastava dela.

E, por isso, estava ali parado no acostam ento da estrada, tagarelando a respeito de coisas que

não faziam sentido algum .

– Desej o o m elhor para os dois – disse Blay , com o coração batendo forte dentro do peito. –

Com toda sinceridade. Espero, de verdade, que isso dê certo para vocês dois.

Em um a quietude tensa, Blay se suspendeu do buraco em que m ais um a vez caíra, agarrando-

se para ressurgir à superfície, longe da agonia dolorosa e incandescente no centro da sua alm a.

– E agora, podem os voltar para o guincho e term inar o nosso trabalho? – disse de m odo neutro.

As m ãos de Qhuinn se elevaram brevem ente diante do rosto. Depois, ele abaixou a cabeça,

enfiou as j untas ensanguentadas nos bolsos da calça e com eçou a voltar para o guincho.

– É. Vam os fazer isso.

Saturday Night Live, program a hum orístico da TV am ericana, no qual a personagem The

Church Lady , um a senhora devota e presunçosa, é a âncora de um program a de entrevistas da

igrej a. (N.T.)

CAPÍTULO 6

– Ah, m eu Deus, eu vou gozar… Eu vou gozar…

Mais ao sul, no centro de Caldwell, no estacionam ento atrás do Iron Mask, Trez Latim er estava

feliz em saber disso, não surpreso. Mas ninguém na região dos três condados precisava saber.

Enquanto entrava e saía da participante m uito disposta debaixo do seu corpo, ele a calou com

um beij o sôfrego, a língua penetrando na boca quente, todos os com entários desnecessários sendo

interrom pidos.

O carro no qual se encontravam estava apinhado e rescendia ao perfum e da m ulher: doce e

barato – m erda, da próxim a vez, ele escolheria um a voluntária com um SUV

ou, m elhor ainda,

um a Mercedes S550 com espaço adequado no banco traseiro.

Obviam ente, aquele produto da Nissan não fora fabricado para acom odar 120 quilos fodendo

um a auxiliar de dentista sem inua. Ou ela era um a auxiliar j urídica?

Não se lem brava.

E ele tinha problem as m ais im ediatos com que se preocupar. Num a m udança abrupta. Ergueu

os lábios, pois quanto m ais se aproxim ava do orgasm o, m ais as presas se estendiam do m axilar

superior, e ele não queria m ordê-la por engano; o sabor de sangue fresco o colocaria num lim iar

m ais perigoso, e ele não estava m uito certo de que se alim entar dela seria um a boa ideia…

Risque isso.

Era um a m á ideia. E não só por ela ser apenas hum ana.

Alguém os observava.

Erguendo a cabeça, espiou pelo vidro traseiro. Sendo um Som bra, sua visão era de três a

quatro vezes m ais perceptiva do que a de um vam piro norm al, e ele conseguia enxergar com

facilidade no escuro.

Sim , alguém os assistia à esquerda da entrada dos em pregados com o se estivesse vendo um

film e.

Hora de acabar logo com aquilo.

Assum iu o controle de im ediato, colocando a m ão entre os corpos até chegar ao sexo da

m ulher, e m asturbou-a ao m esm o tem po em que a penetrava, fazendo-a gozar com tanta

intensidade que ela j ogou a cabeça para trás e bateu na porta.

Nenhum orgasm o para ele.

Que sej a. Alguém se dem orando nas im ediações fazia com que seu divertim ento fosse

transferido a outro território, o que significava que ele tinha de acabar logo com aquilo. Mesm o

se não gozasse.

Ele tinha um a bela quantidade de inim igos graças às suas várias associações.

E tam bém existiam … com plicações… que eram som ente suas.

– Oh, *meu Deus*…

Levando-se em consideração a respiração pesada, todas aquelas torções e as pulsações que

com prim iam o pau de Trez, a auxiliar de dentista/assistente de advogado/técnica em veterinária

estava se divertindo bastante. Ele, porém , j á se retirara m entalm ente daquela bobagem e bem

que poderia estar saindo do carro, pegando a arm a para…

Era um a fêm ea. Sim , quem quer que fosse definitivam ente era do sexo fem inino…

Trez franziu o cenho ao perceber quem era.

Merda.

Bem , pelo m enos não era um *redutor*. Um *sympatho*. Um traficante de drogas de quem ele

precisava cuidar. Um cafetão rival com um a opinião a respeito de algum a coisa. Um vam piro

desaj ustado. iAm , seu irm ão…

Mas não. Apenas um a m ulher inofensiva, e pena que ele não poderia voltar para seu bocado

de prazer. O clim a j á era.

A auxiliar de dentista/assistente de advogado/técnica em veterinária/cabeleireira arfava com o

se tivesse carregado um piano sobre os om bros.

– Isso foi… incrível… Isso… foi…

Trez se retraiu e recolocou o pênis para dentro do zíper. Eram grandes as chances de sofrer de

um caso de bolas de neon dentro de m eia hora, m as ele lidaria com a situação quando ela

surgisse.

– Você foi incrível. Você é o m ais incrível dos…

Trez deixou que a barragem de palavras tolas recaísse sobre ele.

– Você tam bém , gatinha.

Ele a beij ou de m odo que ela pensasse que ele se im portava – e ele se im portava, de certo

m odo. Essas m ulheres hum anas que ele usava im portavam no sentido de serem seres vivos,

m erecedores de respeito e bondade pelo sim ples fato de terem corações pulsantes. Por um

tem po breve, elas deixavam que ele lhes usasse os corpos, e algum as vezes as veias, e ele

valorizava tais presentes, que lhes eram dados de livre e espontânea vontade, algum as vezes m ais

de um a vez.

E esse era o problem a que se apresentava agora.

Subindo o zíper, Trez m udou o corpanzil de posição a fim de não esm agar a parceira de dez

m inutos, tam pouco fazer um a craniotom ia no teto do carro.

A garota não parecia querer se m exer, porém . Ela só continuava deitada com o um travesseiro

largado no assento, as pernas ainda abertas, o sexo ainda pronto, os seios ainda elevados

desafiando a gravidade com o dois m elões colados nas costelas.

Devem estar debaixo da m usculatura, pensou ele.

– Vam os vestir você – sugeriu, j untando as m etades do sutiã rendado dela.

– Você foi tão fantástico…

Ela parecia feita de gelatina – a não ser pelos seios duros falsos – e toda m aleável e aprazível,

m as um a com pleta inútil quando ele a vestiu e a suspendeu, afagando seu rosto.

– Isso foi divertido, gatinha – m urm urou, falando a verdade.

– Posso ver você de novo?

– Talvez – ele sorriu com com edim ento para ela para que as presas não aparecessem . – Estou

por aí.

Com isso, ela ronronou tal qual um a gata e depois lhe disse seu núm ero de telefone, o qual ele

não se deu ao trabalho de m em orizar.

A triste verdade a respeito de m ulheres com o essa era que ela era apenas um a entre tantas.

Naquela cidade de m uitos m ilhões, deviam existir um as duzentas m il j ovens de traseiros firm es e

pernas frouxas à procura de diversão. Na verdade, eram apenas variações da m esm a pessoa,

m otivo pelo qual ele precisava de novidades.

Com tanto em com um , um a porta giratória de suprim ento novo era necessária para m antê-lo

interessado.

Trez estava do lado de fora do carro um m inuto e m eio depois, e não se dera ao trabalho de

apagar-lhe a m em ória. Com o um Som bra, ele dispunha de m uitos truques da m ente para se

apoiar, m as parara de se im portar com isso há vários anos. O esforço não valia a pena – e, de vez

em quando, ele gostava de repetir.

Verificada rápida na vigia.

Maldição, acabaria se atrasando para chegar ao encontro com iAm , m as, obviam ente, ele

teria de lidar com o problem a da porta dos fundos antes de levantar acam pam ento.

Ao se adiantar e parar na frente da m ulher, ela ergueu o queixo e colocou um a m ão no

quadril. Essa versão de pronta e disposta tinha entrelaçam entos loiros e preferia shorts curtos a

saias – por isso parecia ridícula no frio, com a parca peluda rosa e as pernas nuas na brisa.

Muito parecida com um a bola de neve sobre dois palitos de dente.

– Mantendo-se ocupado? – ela exigiu saber. Obviam ente, tentava parecer relaxada, m as

devido ao m odo com o o sapato de salto batia no chão, ela evidentem ente estava exaltada e

incom odada… e não de um j eito bom .

– Oi, gatinha – ele as cham ava sem pre assim . – Está tendo um a noite agradável?

– Não.

– Puxa, que pena. Bem , vej o você por aí…

A m ulher com eteu o erro colossal de segurá-lo pelo braço quando ele passou por ela, as unhas

cravando na cam isa de seda e apertando-lhe a pele.

A cabeça de Trez virou rápido, os olhos reluzindo. Mas, pelo m enos, ele conseguiu se conter

antes de arreganhar as presas.

– Que *diabos* você pensa que está fazendo? – perguntou ela, recostando-se nele.

– Trez! – alguém exclam ou.

Abruptam ente, a voz da sua segurança invadiu sua cabeça. Ainda bem . Os Som bras eram

espécies pacíficas por natureza, desde que não fossem agredidos.

Enquanto Xhex se apressava, com o se soubesse que hom icídio não estava cem por cento fora

de questão, ele desvencilhou o braço, sentindo cinco lâm inas de dor provocadas pelas unhas da

m ulher. Refreando a fúria, ele a encarou.

– Vá para casa agora.

– Você m e deve um a explicação…

Ele balançou a cabeça.

– Não sou seu nam orado, gatinha.

– Ainda bem , ele sabe com o tratar um a m ulher!

– Então volta pra casa, pra ele – disse Trez com seriedade.

– O que você faz, transa com um a garota diferente toda noite?

– É. E às vezes duas aos dom ingos – m erda, ele podia ter apagado a m em ória dessa. Quando

foi que esteve com ela? Há duas noites? Três? Tarde dem ais agora. – Volte pra casa, pro seu

hom em .

– Você m e enoj a! Seu m aldito filho da puta…

Enquanto Xhex se interpôs entre eles e com eçou a falar num tom baixo com a histérica, Trez ficou m ais do que contente em recuar… Porque, vej a só, a garota

do Nissan escolheu aquele

exato instante para dar a ré no estacionam ento e passar por ali.

Abaixando a j anela, ela sorriu com o se gostasse de ser a outra.

– Vej o você depois, gatão.

Deixa para choro: garota de parca rosa, com nam orado e desordem de afeição explodiu num

acesso de choro digno de um velório.

E… naturalm ente foi nesse instante que iAm apareceu.

Ao registrar a presença do irm ão, Trez fechou os olhos.

Maravilha. Sim plesm ente perfeito.

CAPÍTULO 7

A cerca de dez quarteirões da noite de m al a pior de Trez, Xcor lim pava a lâm ina de sua foice

com um pedaço de cam urça m ais m acia que a orelha de um cordeiro.

Do outro lado do beco, Throe estava ao telefone, falando em voz baixa. Ele estava assim desde

que o terceiro dos três *redutores* que encontraram naquele quadrante da cidade fora devolvido a

Ôm ega.

Xcor não estava interessado em nenhum atraso, telefônico ou de qualquer outro tipo. O

restante do Bando de Bastardos estava em outra parte do centro da cidade, à procura de qualquer

um dos dois inim igos – e ele preferia estar com pletam ente envolvido.

Mas as necessidades biológicas falavam alto. Maldição.

Throe concluiu a ligação e levantou o olhar, o belo rosto retesado em linhas sérias.

– Ela está disposta.

– Quanta gentileza a dela – Xcor em bainhou a foice e guardou o pano. – Eu, no entanto, estou

m enos interessado no consentim ento dela do que na questão da sua capacidade.

– Ela é capaz.

– E com o sabem os disso?

Throe pigarreou e desviou o olhar.

– Fui até ela ontem à noite e m e certifiquei pessoalm ente.

Xcor sorriu com frieza. Então isso explicava a ausência do soldado. E o m otivo da sua saída

era um alívio. Ele tem era que o outro m acho tivesse…

– E com o ela é?

– Viável.

– Você experim entou os encantos dela?

O cavalheiro, que um dia fora m em bro intelectual da *glymera*, m as que agora se m ostrava útil,

pigarreou.

– Eu… Hum , sim .

– E com o foram ? – quando não houve resposta, Xcor avançou pela neve suj a e se aproxim ou

do seu braço direito. – Com o ela estava, Throe. Molhada e disposta?

O rubor do m acho se intensificou em seu rosto perfeitam ente delineado.

– Ela se m ostrou adequada.

– Quantas vezes você a tom ou?

– Diversas.

– Em diferentes posições, espero – quando houve apenas um aceno, Xcor cedeu. – Bem , então

você cum priu sua tarefa com honra perante seus colegas soldados. Estou bem certo de que os

outros haverão de querer usufruir tanto da veia quanto do sexo.

No silêncio constrangedor que se seguiu, Xcor j am ais adm itiria para ninguém que ele não

pressionara para saber dos detalhes para espicaçar seu subordinado… m as porque estava

satisfeito que Throe tivesse se deitado com a fêm ea. Ele queria distância entre o m acho e o que

acontecera no outono. Queria calendários repletos de anos, inúm eras fêm eas e rios de sangue de

outras fêm eas…

– Contudo, há um a condição – disse Throe.

Xcor estreitou os lábios. Com o a fêm ea em questão ainda não o vira, não poderia ser m ais

dinheiro e, além disso, ele ainda não precisava se alim entar. Graças a…

– E qual seria?

– Tem que ser feito no dom icílio dela. No início da noite de am anhã.

– Ah – Xcor sorriu com frieza. – Então, trata-se de um a cilada.

– A Irm andade não sabe quem fez a consulta.

– Você identificou seis m achos, não?

– Não usei nossos nom es.

– Não im porta – Xcor relanceou pelo beco, os sentidos se aguçando, procurando por *redutores*

ou Irm ãos. – Não subestim o o alcance do Rei. Nem você deveria.

De fato, suas am bições lançaram todos contra um inim igo de valor. O atentado à vida de

Wrath no outono passado fora sua declaração de guerra e, com o esperado, houve um efeito

previsível: a Irm andade encontrara o esconderij o do Bando de Bastardos, infiltrara-se e saíra

com a caixa do rifle que continha a arm a que fora usada para colocar a bala no pescoço do Rei

Cego.

Indubitavelm ente, eles queriam provas.

A questão era, do quê? Ele ainda não sabia se o Rei sobrevivera ou se m orrera, nem o

Conselho sabia, pelo que ele ficou sabendo. Na verdade, a *glymera* nem sabia que o atentado

ocorrera.

Wrath sobrevivera? Ou fora assassinado e a Irm andade agora se ocupava em preencher a

lacuna? A Lei Antiga era m uito clara quanto às regras de sucessão, desde que o rei tivesse

herdeiros, o que ele não tinha. Portanto, seria seu parente m ais próxim o, um a vez que houvesse

um .

Xcor queria saber, m as não fez perguntas. Tudo o que podia fazer era esperar até que a

novidade se espalhasse – e, nesse m eio-tem po, ele e seus soldados continuavam a m atar

redutores, e ele prosseguia reforçando sua força de base dentro da *glymera*. Pelo m enos essas duas em preitadas estavam se encam inhando bem . Todas as noites, eles apunhalavam assassinos,

m andando-os de volta a Ôm ega. E seu contato no Conselho, o não tão venerável Elan, filho de

Larex, revelava-se bem ingênuo e m aleável – duas características m uito úteis num a ferram enta

descartável.

No entanto, Xcor estava ficando cansado do vácuo de inform ações. E, na verdade, o arranj o

com a fêm ea que Throe encontrara era necessário, porém repleto de perigos. Um a fêm ea capaz

de vender as veias e o sexo para m últiplos usuários certam ente era capaz de trocar inform ações

por dinheiro – e ainda que Throe tivesse m antido suas identidades em segredo, a quantidade em

que estavam fora revelada. A Irm andade deve ter calculado que nenhum do Bando de Bastardos

era casado e, cedo ou tarde, naquela terra nova, eles necessitariam daquilo que tinham em

abundância no Velho Mundo.

Talvez aquela fêm ea tivesse sido colocada à disposição pelo Rei e pela sua segurança privada.

Bem , descobririam no dia seguinte. Em boscadas eram facilm ente arm adas, e não havia

m om ento m ais vulnerável do que quando um m acho fam into estava na garganta ou entre as

pernas de um a fêm ea. Todavia, chegara a hora. Seus soldados estavam dispostos a lutar, m as

seus rostos estavam tensos, os olhos encovados, a pele esticada dem ais sobre os m alares. Sangue hum ano, o fraco substituto, não fornecia força o suficiente, e seus bastardos vinham se

sustentando com isso por tem po dem ais. No Velho Mundo, havia fêm eas em núm ero suficiente

para servir quando era necessário. Mas desde que chegaram ao Novo Mundo, eles tiveram que

se contentar.

Se aquilo era um a arm adilha, ele estava disposto a com bater os Irm ãos. Pensando bem , ele

fora bem servido…

Pelo am or à Virgem Escriba, não pensaria nisso.

Xcor pigarreou quando a dor em seu peito dificultou que engolisse.

– Diga à fêm ea que no início da noite é cedo dem ais. Em vez disso, a procurarem os à m eia-

noite. E providencie alim entos hum anos assim que a noite cair. Se os Irm ãos estiverem lá,

devem os nos confrontar num a posição de relativa força.

As sobrancelhas de Throe se ergueram com o se ele tivesse se im pressionado com o raciocínio

de Xcor.

– Sim . Farei isso.

Xcor assentiu e desviou o olhar.

No silêncio, os eventos do outono se interpuseram , esfriando ainda m ais o frígido ar de

dezem bro.

Aquela Escolhida sagrada estava sem pre com am bos.

– O alvorecer se aproxim a com rapidez – disse Throe em seu sotaque perfeito. – Está na hora

de irm os.

Xcor olhou de relance para o leste. O início da aurora ainda estava por chegar, m as seu

subordinado estava correto. Logo… m uito em breve… a luz m ortal do sol se espalharia, e pouco

im portava que estivesse em seu nível m ais fraco, com o solstício do inverno passado há tão pouco

tem po.

– Cham e os soldados do cam po de batalha – disse Xcor. – E encontre-os na base.

Throe digitou algum a com binação de letras num a m ensagem que Xcor não

teria sido capaz de

ler. Em seguida, o soldado guardou o telefone com a expressão fechada.

– Não vai voltar? – perguntou Throe.

– Vá.

Houve um a longa pausa. E depois o soldado disse com suavidade:

– Não vais?

Nesse instante, Xcor pensou em cada um dos seus soldados. Zy pher, o conquistador sexual.

Balthazar, o ladrão. Sy phon, o assassino. E o outro que não tinha nom e, m as tinha pecados dem ais

para contar. Então, cham avam -no de Sy n.

E depois considerou seu leal e j usto Throe, seu tenente.

Throe, de passado perfeito, raça im pecável.

Lindo, agradável Throe.

– Vá agora – disse ao m acho.

– E quanto a você?

– Vá.

Throe hesitou e, durante a pausa, a noite em que Xcor quase m orrera voltou aos dois. Com o

não poderia?

– Com o preferir.

O soldado se desm aterializou, deixando Xcor parado sozinho contra o vento. Quando teve

certeza de estar sozinho, tam bém enviou suas m oléculas em raj adas frias, aventurando-se para o

norte, para um a cam pina coberta por neve. Tom ando form a, parou na base de um a colina suave,

encarando um a bela árvore orgulhosa e adorável no cum e.

Pensou na elevação do seio de um a fêm ea, a clavícula elegante, o m ais sublim e pescoço

pálido…

Enquanto o vento golpeava sua nuca, ele fechou os olhos e deu um passo à frente, atraído a

retornar ao local em que encontrara sua perdição.

Onde estava a sua Escolhida?

Estaria ainda viva? A Irm andade teria lhe tirado a vida por causa de seu presente generoso,

bondoso e extraordinário ao inim igo do seu Rei?

Xcor sabia que teria m orrido sem o sangue dela. Gravem ente ferido durante o atentado à vida

de Wrath, esteve à beira da m orte quando Throe o levara àquela cam pina e convocara a

Escolhida, e a façanha fora realizada.

Throe orquestrara tudo. E, no processo, cravara um a m aldição no coração som brio de Xcor.

Suas am bições continuaram as m esm as: ele pretendia lutar pelo trono do Rei Cego e governar

sobre os vam piros. Havia, porém , um a fraqueza que o perseguia.

Aquela fêm ea.

Ela fora arrastada inj ustam ente ao conflito entre os m achos portadores de adagas, um a

inocente que fora m anipulada e depois usada.

Ele se preocupava dem asiadam ente com o bem -estar dela.

De fato, ele só tinha um arrependim ento em um a vida inteira de atos de m aldade. Se não

tivesse m andado Throe para os braços da Irm andade, seu tenente não teria cruzado o cam inho

dela e se alim entado dela. E, não fosse esse encontro, Throe não teria convocado os serviços dela

m ais tarde, e ela não teria ido até eles naquela cam pina… e Xcor j am ais teria fitado aqueles

olhos cheios de com paixão.

E perdido um a parte de si m esm o.

Ele não passava de um vira-lata im undo, m alform ado e bastardo, um traidor da ordem e da

proteção sob a qual ela vivia por direito. Não m erecera o presente dela.

Tam pouco Throe, e não porque ele fora deposto de sua antiga posição superior na *glymera*.

Nenhum hom em m ortal era m erecedor.

Parando debaixo da árvore, Xcor fitou o lugar em que j azera deitado diante dela… onde ela se

aj oelhara perto dele e sulcara seu pulso, e ele abrira a boca para receber o poder que som ente

ela poderia lhe dar.

Houve um m om ento em que seus olhos se encontraram e o tem po parou… e depois ela

abaixou lentam ente o pulso para a boca dele.

Ah, aquele contato tão breve.

Ele se convencera de que ela não passara de um a aparição de sua m ente errante, m as quando

Throe o levara de volta ao covil, sua consciência com preendera que fora real. Muito real.

Sem anas se passaram . E então, num a noite, na cidade, ele a pressentira, e seguira o eco do

sangue dela em suas veias para vê-la.

Nesse ínterim , ela descobrira a verdade a seu respeito: fitara-o na escuridão, diretam ente para

ele, e sua aflição ficara evidente.

Depois disso, seu covil fora infiltrado. Muito provavelm ente por causa das suas orientações.

Com um a raj ada de vento, a neve com eçou a cair novam ente, os flocos espessando o ar,

girando ao redor, atingindo-o nos olhos.

Onde ela estaria agora?

O que fizeram com ela?

No leste, o brilho do sol com eçou a aparecer, apesar do m anto de nuvens, e seus olhos

queim aram – por isso, ele cuidou de m antê-los fixos no arauto alaranj ado da

luz do sol, só pela

dor.

Nunca antes ele se debatera com suas em oções com o agora. Toda a vida só se concentrara na

sobrevivência – prim eiro nos anos no acam pam ento de guerra, e depois na eternidade debaixo de

Bloodletter, e agora, nesta época atual, com o chefe do seu bando de lutadores.

Contudo, ela o fendera, criando um a fissura vital.

Certo com o ela lhe dera vida, tam bém lhe tom ara um a parte dela, e ele não sabia o que fazer.

Talvez apenas se perm itisse ficar ali para ser incinerado. Parecia um a situação m ais fácil do

que a que vivia agora…

Que sina fora a dela?

Ele tinha de saber.

Isso era tão crucial quanto a sua busca pelo trono.

CAPÍTULO 8

– Então, o que fizeram com os corpos? – perguntou V. ao cam inhar pela saída de trás do centro

de treinam ento.

Enquanto Qhuinn esperava para que John e Blay saíssem do guincho, deixou que um deles

respondesse à pergunta de V. Estava cansado dem ais para isso; na verdade, ao olhar de relance

pelo para-brisa e espiar o estacionam ento subterrâneo das instalações, ele pensou em apenas se

esticar no banco da frente e dorm ir.

Estava cansado dem ais para se preocupar com qualquer coisa.

No fim , porém , seguiu John e passou o traseiro cansado pela porta do m otorista. Tinha de

verificar Lay la, e isso não aconteceria dali.

Desconsiderando-se o episódio do acostam ento, pelo m enos ele, John e Blay trabalharam bem

j untos a cam inho de casa. Cerca de quinze quilôm etros antes do cruzam ento para o com plexo da

Irm andade, eles encostaram em um a estrada deserta, despiram os dois hom ens m ortos e

desovaram os corpos num buraco de escoam ento natural que não tinha nenhum fundo visível.

Depois só restou dar m archa a ré e voltar para a estrada, sum indo dali, e perm itindo que a neve,

que voltara a cair pesadam ente, cobrisse seus rastros, assim com o vários pingos que form aram

um a trilha de sangue vivo. Até o m eio-dia, levando-se em consideração a estim ativa de acúm ulo

de neve, seria com o se nada tivesse acontecido.

Um perfeito trabalho da neve. Rá-rá…

Ele achava que devia se sentir m al pelas fam ílias dos hom ens, pois ninguém j am ais

encontraria seus restos m ortais. Mas as evidências grotescas sugeriam que os

dois viviam à

m argem , e não por serem hippies: arm as, facas, um canivete, m aconha e um pouco de ecstasy

foram encontrados em seus diversos bolsos. E só Deus sabia o que havia nas m ochilas.

Vidas violentas tendiam a ter fins violentos.

– … filho da puta – dizia V. ao cam inhar sobre o Hum m er em sua plataform a. – No que foi

que eles bateram ? Um a barricada de cim ento?

John sinalizou algo e V. olhou intensam ente para Qhuinn.

– Em que diabos você estava pensando? Você poderia ter m orrido.

Qhuinn golpeou o próprio peito.

– Ainda batendo.

– Idiota – m as o Irm ão sorriu, revelando as presas. – No seu lugar, eu teria feito a m esm a

coisa.

Pelo canto do olho, Qhuinn notou que Blay cam inhava sorrateiram ente para a porta que

conduzia às instalações. Ele desapareceria em m ais um segundo e m eio, pondo um fim ao dram a

que m ais um a vez fora despej ado aos seus pés.

Qhuinn sentiu um a necessidade repentina e urgente de seguir o lutador pelo corredor, longe de

olhares curiosos. Mas até parece que ele precisava de m ais um a…

O seu primo está me dando tudo de que preciso. O dia inteiro. Todos os dias.

Ai, Jesus, ia vom itar.

– E então, m ais algum obj eto particular?

Qhuinn se desvencilhou de toda aquela m erda e foi ser útil.

– Vou buscar.

Subindo na plataform a do guincho, forçou a porta am assada do bagageiro do Hum m er e se

apertou num a abertura de trinta centím etros até o banco traseiro. Foi bom apertar o corpo por

lugares pelos quais ele não passaria – isso lhe dava algo em que pensar, e as poucas reclam ações

dos seus ferim entos eram outra digressão fantástica.

As duas m ochilas foram bem sacudidas. Ele encontrou a que tinham visto prim eiro no volante

bem atrás do banco do passageiro, e a outra estava na frente sobre o freio e o acelerador.

Bagagem esquisita a daqueles dois, até onde ele podia afirm ar; a im agem pedestre não

com binava em nada com todo o resto de roupas urbanas descoladas que eles vestiam .

Mais para Ensino Médio que para interm ediário no tráfico de drogas.

A m enos que precisassem de um lugar para colocar os distintivos de honra ao m érito dos seus

laboratórios de m etanfetam ina ou um a m erda dessas.

Enquanto Qhuinn se arrastava de volta ao banco de trás, tom ou a decisão

abrupta de não sair

pelo lado em que entrara. Girando, deitou-se no couro arruinado e levantou os j oelhos na altura

do peito. Com um a inspiração profunda, em purrou as botas na outra porta lateral e a abriu num

estouro, as dobradiças de m etal soltando-se num rugido, o painel rebatendo no concreto com um

baque.

Satisfatório.

Enquanto os sons reverberavam em todo o estacionam ento, V. acendeu um dos seus cigarros

enrolados à m ão e se inclinou no buraco que Qhuinn acabara de fazer.

– Você sabia que existem m açanetas feitas exclusivam ente para isso, não sabia?

Qhuinn se sentou – e percebeu que acabara de arrebentar o único lado que não tinha sido

destruído.

Oras se aquilo não era um a m etáfora de toda a sua vida até aquele ponto.

Lançando as duas m ochilas para fora, ele se j ogou e aterrou firm e ao m esm o tem po em que

John pegava os fardos e os abria.

Droga. Blay tinha ido em bora. A porta que dava para o centro de treinam ento estava se

fechando.

Praguej ando baixinho, m urm urou:

– Se houver celulares, eles ainda estão lá dentro; m esm o as j anelas estando partidas, o vidro

ainda está intacto, portanto nada deve ter saído voando.

– Ora, ora, ora… – com entou o Irm ão num só sopro.

Qhuinn franziu o cenho e olhou para o que John tinha encontrado. Mas… que… diabos…

– Está de zoeira com igo?

Seu m elhor am igo acabara de retirar um pote de cerâm ica – um bem barato, daqueles que se

encontram em loj as de departam ento Target. E, olha só, o outro cara tam bém tinha um .

Quais seriam as probabilidades de…?

– Precisam os encontrar esses telefones – m urm urou Qhuinn, voltando a subir na plataform a do

guincho. – Alguém tem um a lanterna?

Vishous retirou a luva de couro e esticou a m ão ilum inada.

– Bem aqui.

Enquanto o Irm ão subia na beira da plataform a, Qhuinn se agachou e voltou para o

com partim ento traseiro do Hum m er.

– Só não m e acerte com essa coisa, ok, V.?

– Seria um a surra que você j am ais esqueceria, eu prom eto.

Puxa, aquela m ão estava… bem à m ão. Quando V. a colocou para dentro, todo o interior se

ilum inou com o o dia, toda a carnificina form ando som bras profundas e acentuadas. Rastej ando

em volta, Qhuinn apalpou debaixo dos bancos, esticando-se nos cantos. O cheiro era terrível, um a

desagradável com binação de gasolina, plástico queim ado e sangue fresco – e toda vez que ele

apoiava a m ão, ela afofava o resíduo de pó dos air bags.

Mas as pseudoposições de ioga valeram o esforço.

Ele saiu com um par de iPhones.

– Detesto essas coisas – V. m urm urou ao recolocar a luva e apanhar os equipam entos.

Retornando ao ar relativam ente fresco, Qhuinn respirou fundo e estalou o pescoço, depois

desceu em outro pulo. Houve um tanto de conversa àquela altura, e ele acenou com a cabeça

com o se soubesse o que estava sendo dito.

– Olha, se você não se im portar, preciso de um tem po para ver um a coisa – ele interrom peu.

Os olhos de V. se estreitaram nele.

– Com quem ?

Na hora certa, John se adiantou, perguntando sobre o Hum m er e o plano de recuperação,

com o alguém agitando um sinalizador na frente de um T-Rex para cham ar a sua atenção.

Enquanto V. falava do futuro do SUV com o escultura de j ardim , Qhuinn quase soprou um beij o

na direção de seu cam arada.

Ninguém , a não ser John e Blay , sabia a respeito de Lay la – e eram assim que as coisas

tinham de continuar naquele início.

No papel de *ashtrux nohtrum* de John, ele não podia ir longe, e não o fez. Passou pela porta que

Blay utilizara e pegou o telefone. Discou para um dos ram ais da casa e esperou, olhando para o

veículo arruinado.

Lem brava-se da noite em que com prara a m aldita coisa. Ainda que seus pais tivessem

dinheiro, eles não sentiram um a necessidade prem ente de sustentá-lo assim com o o fizeram com

a irm ã e o irm ão. Antes da transição, ele se virara vendendo drogas às escondidas, m as não

traficara m uito – apenas o bastante para tapar o buraco da sua m esada m iserável e evitar viver à

custa de Blay o tem po inteiro.

O problem a de caixa term inara assim que fora prom ovido a guarda-costas de John. Seu novo

trabalho viera acom panhado de um salário de verdade: 75 m il por ano. E, levando-se em conta

que ele não pagava im postos para o m aldito governo hum ano, e a estadia e a alim entação eram

gratuitas, ele tinha m ais do que suficiente para sobrar.

O Hum m er fora sua prim eira aquisição im portante. Ele fizera um a pesquisa

na internet, m as a

verdade era que ele j á sabia o que queria. Fritz saíra para cuidar da negociação e da com pra

oficial… E na prim eira vez em que Qhuinn ficou atrás daquele volante, girou a chave e sentiu o

ronco debaixo do capô, ele quase chorou com o um a m enininha.

E agora o carro estava destruído. Ele não era m ecânico, m as os danos estruturais eram tão

graves que não fazia sentido algum ficar com ele…

– Alô?

O som da voz de Lay la o fez voltar ao presente.

– Oi. Acabei de voltar. Com o está se sentindo?

A enunciação precisa que lhe voltou o fez se lem brar dos seus pais, cada palavra pronunciada

perfeitam ente e escolhida com cuidado.

– Estou bem , obrigada. Descansei e assisti à televisão, conform e você m e sugeriu. Estava

passando um a m aratona de *Million Dollar Listing*.

– Que diabos é isso?

– Um program a no qual se vendem casas em Los Angeles; por um instante, pensei que fosse

ficção. Mas você sabe que é um *reality show*? Pensei que tivessem inventado tudo aquilo.

Madison tem um cabelo m aravilhoso… E gosto de John Flagg. Ele é m uito astuto e m uito gentil

com a avó.

Ele lhe fez m ais algum as perguntas. Queria saber se ela tinha se alim entado ou tirado um

cochilo, por exem plo, só para m antê-la falando. Isso porque era entre as sílabas que ele

procurava por sinais de desconforto ou preocupação.

– Então, você está bem – confirm ou.

– Sim , e antes que você pergunte, j á pedi a Fritz que m e traga a Últim a Refeição. E sim ,

com erei todo o m eu rosbife.

Ele franziu o cenho, sem querer que ela se sentisse acuada.

– Ei, escute, não se trata só do bem -estar do bebê. É tam bém pelo seu. Quero que fique bem ,

sabe disso, não?

A voz dela ficou um pouco m ais baixa.

– Você sem pre foi assim . Antes de nós… sim , você sem pre quis o que era o m elhor para m im .

Concentrando-se na porta do carro que ele arrancara, ele pensou em com o era bom chutar as

coisas.

– Bem , m eu plano é ir para a academ ia um pouco. Vou dar um a olhada em você antes de

dorm ir, ok?

– Está bem . Cuide-se.

– Você tam bém .

Ao desligar, ele percebeu que V. tinha parado de falar e olhava para ele com o se algo

estivesse fora de lugar – fogo nos cabelos, calças na altura dos tornozelos, sobrancelhas raspadas.

– Você está com um a fêm ea por aí, Qhuinn? – perguntou o Irm ão com fala arrastada.

Qhuinn olhou ao redor em busca de um bote salva-vidas e não encontrou nada.

– Eu… hum …

V. respirou fundo e se aproxim ou.

– Tanto faz. Vou trabalhar nestes telefones. E você precisa com prar outro carro – qualquer

coisa desde que não sej a um Prius. Até m ais.

Quando John e ele se viram sozinhos, ficou bem claro que o outro estava se preparando para

com entar sobre o acontecido no acostam ento da estrada.

– Não quero ouvir, John. Não tenho forças para isso agora.

Merda, sinalizou John.

– Mais ou m enos isso, am igo. Vai para casa?

Na interpretação severa das funções de trabalho de um *ahstrux nohtrum*, Qhuinn precisava

estar com John 24 horas por dia, sete dias por sem ana. O Rei, contudo, os dispensara disso se

estivessem dentro do com plexo. De outro m odo, ele acabaria sabendo coisas dem ais a respeito do seu am igo e de Xhex.

E John teria testem unhado o que ele e Lay la… hum , é isso.

Quando John assentiu, Qhuinn abriu a porta e a segurou bem aberta.

– Depois de você.

Recusou-se a olhar no rosto do lutador quando ele passou; sim plesm ente não conseguiria.

Porque sabia exatam ente o que estava na cabeça do cara – e ele não tinha intenção algum a de

falar sobre o que acontecera naquele pedaço de estrada em que ele cam inhara pouco antes. Não

da porcaria daquela noite. Nem da porcaria de… de tanto tem po atrás graças à Guarda de

Honra.

Para ele, não havia m ais o que falar.

A m erda nunca aj udou ninguém a nada.

Saxton, filho de Ty hm , fechou o últim o Livro da História Oral e só conseguiu ficar olhando

para a capa de couro m acia com seus detalhes gravados em ouro.

O últim o.

Nem conseguia acreditar. Há quanto tem po vinha pesquisando aquilo? Três m eses? Quatro?

Será que havia term inado?

Um a rápida pesquisa visual na biblioteca da Irm andade, com suas centenas e centenas de

volum es de direito, discursos e decretos reais… e ele pensou, sim , de fato, levara m eses e m eses

para repassá-los. E agora, com a pesquisa com pleta, as anotações feitas e os cam inhos legais

pavim entados para aquilo que o Rei queria realizar, deveria existir um senso de realização.

Em vez disso, ele sentia m edo.

Em seus estudos e prática com o advogado, ele se deparara com problem as com plicados antes,

ainda m ais depois que se m udara para aquela vasta casa e com eçara em suas funções com o

advogado pessoal do Rei Cego: as Leis Antigas eram m uito com plicadas, arcaicas não som ente

em seu fraseado, m as no próprio conteúdo – e o m onarca da raça dos vam piros não era nada

disso. O raciocínio de Wrath era tanto direto quanto revolucionário, e quando a questão era o seu

governo, o passado e o futuro nem sem pre coexistiam sem um a bela dose de rem anej am ento –

das Leis Antigas, que fique bem entendido.

Aquilo, contudo, estava em um nível com pletam ente diferente.

Wrath, com o soberano, podia m uito bem fazer o que quisesse, desde que os precedentes

apropriados fossem identificados, rem odulados e registrados. Afinal, o Rei era a lei viva, um a

m anifestação física da ordem necessária para um a sociedade civilizada. O problem a era que a

tradição não acontecia por acaso; era o resultado de gerações após gerações

vivendo e tom ando

decisões baseadas em determ inados grupos de lei que foram aceitos pelo público. Pensadores

progressistas tentando liderar sociedades conservadoras entrincheiradas em novas direções

tendiam a se deparar com problem as.

E essas… alterações adicionais sobre o m odo com o as coisas eram feitas? No atual am biente

político, no qual a liderança de Wrath j á estava sendo desafiada…

– Está perdido em pensam entos.

Ante o som da voz de Blay , Saxton deu um salto e quase deixou sua Montblanc cair por cim a

do om bro.

Im ediatam ente Blay se adiantou para aj eitar o que fora perturbado.

– Desculpe…

– Não, está tudo bem , eu… – Saxton franziu o cenho ao ver as roupas de soldado m olhadas e

ensanguentadas. – Santa Virgem Escriba… o que aconteceu esta noite?

Evidentem ente, em vez de responder, Blay seguiu para o bar sobre a antiga côm oda bom bê no

canto. Enquanto se dem orava para escolher entre o xerez e um Dubonnet, ficou claro que ele

preparava um a sequência de palavras em sua m ente.

O que significa que aquilo estava ligado a Qhuinn.

Na verdade, Blay não gostava nem de xerez, nem de Dubonnet. E, obviam ente, serviu-se de

Porto.

Saxton se recostou na poltrona e fitou o candelabro penso tão distante do chão. O obj eto era um

espécim e form idável de Baccarat, produzido na m etade do século XIX, com todos os cristais

chum bados e trabalho artesanal que havia de se esperar.

Lem brava-se dele oscilando sutilm ente de um lado para o outro, os reflexos arco-íris cintilando

ao redor do côm odo.

Há quantas noites? Fazia quanto tem po que Qhuinn servira à Escolhida no quarto

im ediatam ente acim a daquele côm odo?

Nada fora com o antes depois disso.

– Um carro quebrado – Blay deu um a golada longa. – Apenas problem as m ecânicos.

É por isso que sua roupa de couro está m olhada e você tem sangue na cam isa?, Saxton se

perguntou.

E m esm o assim m anteve a pergunta apenas para si.

Ele se acostum ara a guardar as coisas para si.

Silêncio.

Blay term inou o Porto e se serviu de outro copo com o entusiasm o tipicam ente reservado aos

bêbados. Algo que ele não era.

– E… você? – perguntou o m acho. – Com o vai o seu trabalho?

– Term inei. Bem , quase.

Os olhos azuis de Blay se voltaram para ele.

– Verdade? Pensei que você ficaria nisso para sem pre.

Saxton tracej ou aquele rosto que ele conhecia tão bem . Aquele olhar no qual se detivera no

que parecia um a vida inteira. Aqueles lábios nos quais ficara grudado por horas.

A sensação esm agadora de tristeza que sentiu foi tão inegável quanto a atração que o levara

até aquela casa, para aquele trabalho, para sua vida nova.

– Eu tam bém – disse ele depois de um m om ento. – Eu tam bém …

pensei que duraria m ais tem po do que durou.

Blay fitou o próprio copo.

– Faz quanto tem po que você com eçou?

– Eu não… consigo lem brar – Saxton levantou um a m ão e esfregou a parte do nariz que se

j unta à testa. – Não im porta.

Mais silêncio. No qual Saxton estava pronto para apostar o ar em seus pulm ões que a m ente de

Blay recuara para o outro m acho, aquele a quem ele am ava com o a ninguém m ais, a sua outra

m etade.

– O que era, então? – perguntou Blay .

– O que disse?

– O seu proj eto. Todo esse trabalho – Blay agitou o copo em círculos de m odo elegante. –

Estes livros que você tem exam inado. Se term inou, você pode m e contar sobre o que se trata,

não?

Saxton considerou brevem ente contar-lhe a verdade… de que existiram outras coisas, tão

im portantes e urgentes sobre as quais ele se calara. Coisas com as quais ele acreditava poder

viver, m as as quais, com o passar do tem po, provaram ser um fardo pesado dem ais para ser

carregado.

– Logo você vai descobrir.

Blay assentiu, m as foi com aquela distração vital que ele dem onstrara desde o com eço. A não

ser pelo fato de ele dizer:

– Estou feliz que estej a aqui.

A sobrancelha de Saxton se arqueou.

– Verdade…?

– Wrath precisa de um advogado verdadeiram ente bom ao seu lado.

Ah.

Saxton afastou a cadeira e se levantou.

– Sim . É verdade.

Foi com um a estranha sensação de fragilidade que ele j untou seus papéis. Por certo parecia,

naquele m om ento tenso e triste, com o se som ente eles o sustentassem , aquelas folhas finas,

porém poderosas com incontáveis palavras, cada um a delas escritas à m ão e com cuidado,

contidas com esm ero em suas linhas de texto.

Ele não sabia o que faria sem elas num a noite com o aquela.

Pigarreou.

– Quais os seus planos para o que resta da noite?

Enquanto esperava por um a resposta, seu coração batia por detrás das costelas, porque ele, e

som ente ele, parecia perceber que a tarefa dada pelo Rei não era a única coisa que estava

term inando naquela noite. De fato, o otim ism o sem fundam ento que o sustentara nas fases

iniciais daquele caso am oroso se deteriorara num tipo de desespero que o fizera se agarrar a

m igalhas de m odo pouco característico… m as agora, até isso sum ira.

Era realm ente irônico. O sexo era apenas um a ligação física transitória – e m uitas vezes em

sua vida era a única coisa por que ele procurara. Mesm o com Blay lock, no com eço, fora assim .

No transcorrer do tem po, porém , o coração se envolvera, e isso o levara aonde estava naquela

noite.

O fim de tudo…

– … m e exercitar.

Saxton saiu do seu transe.

– Desculpe, o que disse?

– Vou m e exercitar um pouco.

Depois de beber quase uma garrafa de Porto? , pensou Saxton.

Por um instante, ele ficou tentado a pedir m ais inform ações sobre a noite, os m ínim os detalhes

sobre “quem ”, “o quê” e “onde” – com o se eles pudessem desencadear algum tipo de alívio.

Mas ele sabia que não devia fazer isso. Blay era um a alm a generosa e com passiva, e tortura era algo que ele só realizava com o parte do seu trabalho quando necessário.

Nenhum alívio viria, não de qualquer com binação de sexo, conversa ou silêncio.

Sentindo com o se estivesse se preparando para o pior, Saxton abotoou o blazer e verificou se a

gravata estava no lugar. Um a passada pelos peitorais indicou que o lenço quadrado estava

precisam ente arrum ado, m as os punhos franceses da cam isa precisavam de um aj uste, e ele

logo providenciou isso.

– Preciso de um tem po para relaxar antes de ir falar com o Rei. Meus om bros estão m e

m atando por eu ter passado a noite inteira sentado à escrivaninha.

– Tom e um banho de banheira. Isso deve aj udar, não?

– Sim . Um banho.

– Vej o você m ais tarde, então – disse Blay ao se servir novam ente e se aproxim ar.

As bocas se encontraram num beij o breve, depois do qual Blay se virou e saiu para o vestíbulo,

desaparecendo escada acim a para ir se trocar.

Saxton observou sua saída. Até se adiantou alguns passos, só para poder ver os chutadores de

m erda, com o os Irm ãos cham avam os coturnos, subindo a escadaria principal, um degrau de

cada vez.

Um a parte sua gritava para que ele seguisse o m acho até o quarto e o aj udasse a se despir.

Desconsiderando as em oções, a atração física entre eles sem pre fora forte, e ele sentiu que

gostaria de explorar aquilo agora.

A não ser pelo fato de que até m esm o esse Band-Aid estava se esfarelando.

Avançando para se servir de um xerez, sorveu-o e foi se sentar diante da lareira. Não fazia

m uito tem po que Fritz reestocara a lenha, e as cham as estavam vívidas e ativas por sobre as

achas.

Aquilo doeria, Saxton pensou. Mas não o quebraria.

No fim , ele se recuperaria. Se curaria. Seguiria em frente.

Corações eram partidos o tem po todo…

Não havia um a canção a esse respeito?

A pergunta era, claro, quando ele e Blay lock falariam sobre aquilo.

CAPÍTULO 9

O som dos esquis cross-country deslizando sobre a neve era um avanço rítm ico, repetido

rapidam ente.

A tem pestade que viera do norte se dissipara após o alvorecer, e o sol ascendente que brilhava

debaixo da cam ada de nuvens que se partia atravessava a floresta até ilum inar o chão reluzente.

Para Sola Morte, os feixes de ouro pareciam lâm inas.

Logo adiante, seu obj etivo se apresentava com o um ovo Fabergé acom odado num a prateleira:

a casa no Rio Hudson era um espetáculo da arquitetura, um a gaiola de vigas aparentem ente

frágeis segurando pilhas e pilhas de painéis de vidro. Por todos os lados, os reflexos da água e do

sol nascente eram com o fotografias capturadas por um verdadeiro artista, as im agens congeladas

na própria construção da casa.

Não me pagariam para viver assim, pensou Sola.

A m enos que fosse à prova de balas. Mas quem tinha dinheiro para tanto?

De acordo com o departam ento de registros públicos de Caldwell, a terra fora adquirida por

um tal de Vincent DiPietro dois anos antes, e desenvolvida pela im obiliária do hom em . Não se

pouparam gastos na construção – pelo m enos de acordo com a listagem de avaliação das

propriedades, que era superior a oito m ilhões de dólares. Só depois da construção, concluiu-se

que a propriedade m udou de m ãos, m as não para um a pessoa física; para um

fundo im obiliário –

com apenas um advogado em Londres apontado com o curador.

No entanto, ela sabia quem vivia ali.

Era ele o m otivo por ela estar ali.

Ele tam bém era o m otivo por ela ter se arm ado até os dentes. Sola tinha m uitas arm as em

lugares de fácil acesso: um a adaga na bainha atrás das costas, um a pistola no quadril direito, um

chicote escondido na gola da parca de cam uflagem branca e crem e.

Hom ens com o o seu alvo não apreciavam ser espionados – m esm o que ela estivesse ali apenas

em busca de inform ações, e não para m atá-lo, não tinha dúvidas de que se a encontrassem na

propriedade, a situação ficaria tensa. Rapidam ente.

Ao pegar os binóculos de dentro do bolso da parca, m anteve-se im óvel e em silêncio. Nenhum

som de alguém se aproxim ando por trás ou pelas laterais, e, à frente, ela tinha visão desobstruída

da parte de trás da casa.

Norm alm ente, quando era contratada para esse tipo de m issão, ela operava à noite. Mas não

com esse alvo.

Chefões do tráfico de drogas conduziam seus negócios das nove às cinco – da noite, não do dia.

Durante o dia eles dorm iam e transavam , portanto era nessa hora que você

quereria avaliar suas

casas, aprender seus hábitos, conhecer os em pregados e com o eles se protegiam durante seu

período de repouso.

Focando a casa, ela fez sua avaliação. Portas de garagem . Portão dos fundos. Janelas pela

m etade que ela supunha ser da cozinha. E depois com eçavam os vidros do chão ao teto, passando

da parte dos fundos e dando a volta para a m argem do rio.

Três andares.

Não conseguia ver nada que se m ovesse no interior.

Caram ba, aquilo era m uito vidro. E, dependendo do ângulo da luz, ela até conseguia ver alguns

dos côm odos, especialm ente o espaço am plo que parecia tom ar pelo m enos m etade do prim eiro

andar. A m obília era esparsa e m oderna, com o se o proprietário não fosse hospitaleiro com gente

à toa.

Ela apostava que a vista era incrível. Ainda m ais agora, com um a nuvem cobrindo

parcialm ente o sol.

Passando os binóculos para o beiral do telhado, procurou por câm eras de segurança, esperando

ver um a a cada seis m etros.

Isso m esm o.

Ok, fazia sentido. Pelo que lhe disseram , o dono da casa era m uito cuidadoso e esse tipo de

desconfiança im placável tendia a ser acom panhada por um a boa dose de com portam ento

voltado à segurança, incluindo, m as não se lim itando, guarda-costas, carros blindados e, m uito

certam ente, m onitoram ento constante de qualquer am biente no qual o indivíduo passasse algum

tem po.

O hom em que a contratara, por exem plo, tinha tudo isso e m ais um pouco.

– Mas o qu… – sussurrou, focando m elhor os binóculos.

Parou de respirar para garantir que nada se m ovesse.

Aquilo estava… tudo errado. Havia um padrão de ondulação no que estava no interior da casa.

A pouca m obília que ela via estava ondulando sutilm ente.

Abaixando as lentes poderosas, ela olhou ao redor, perguntando-se se talvez o problem a fosse

com a sua visão.

Não. Todos os pinheiros na floresta se com portavam apropriadam ente, inertes, os galhos

im óveis no ar frio. E quando ela levantou os binóculos m ais um a vez, tracej ou o telhado da casa e

o contorno das cham inés de pedra.

Tudo estava com pletam ente inanim ado.

De volta ao vidro.

Inspirando profundam ente, ela segurou o oxigênio nos pulm ões e se equilibrou contra o galho

da árvore m ais próxim a para dar m ais estabilidade ao corpo.

Algum a coisa continuava estranha. As m olduras das portas de correr e as linhas das varandas e

todo o resto na casa? Estático e sólido. O interior, contudo, parecia… de algum a form a em m á

resolução, com o um a im agem m últipla que fora criada para fazer as coisas parecerem com o se

fossem m obília… e essa im agem fora sobreposta a algo com o um a cortina… que parecia estar

suj eita a um a corrente de ar suave.

Aquele proj eto seria m ais interessante do que ela im aginara. Reportar as atividades de um

parceiro de negócios de um “am igo” seu não a anim ara m uito. Ela preferia desafios m aiores.

No entanto, talvez houvesse m ais a respeito desse hom em do que parecia à prim eira vista.

Afinal, cam uflagem significava que você estava escondendo algo e ela fizera um a carreira à

custa de tirar das pessoas o que elas queriam m anter. Segredos. Itens de valor. Inform ações.

Docum entos.

O vocabulário usado para definir as coisas era irrelevante para ela. O ato de penetrar num a

casa trancada, ou num carro, num cofre, ou num a m aleta, e extrair o que ela

procurava era o

que im portava.

Ela era um a caçadora.

E o hom em naquela casa, quem quer que fosse, era a sua presa.

CAPÍTULO 10

Blay não tinha que ficar perto de pesos, m uito m enos do tipo de ferro que havia na academ ia

do centro de treinam ento. Forçar aquele Porto no estôm ago vazio o deixara tonto e

descoordenado. Mas ele precisava ter algum tipo de direção… um plano, um destino para o qual

arrastar seu pobre traseiro. Qualquer coisa que não fosse subir para o quarto, sentar naquela

cam a de novo e com eçar o dia do m esm o m odo com o com eçara a noite – fum ando e fitando o

vazio.

Muito provavelm ente com m uito m ais Porto para acom panhar.

Saindo do túnel subterrâneo, ele passou pelo escritório e em purrou a porta de vidro.

Enquanto avançava, ainda bebendo do copo m eio vazio, sua m ente andava em círculos,

im aginando quando aquele m onte de asneiras entre ele e Qhuinn chegaria ao fim . No seu leito de

m orte? Deus, ele achava que não conseguiria durar tanto, levando-se em conta que ele ainda

tinha um a vida inteira diante de si.

Talvez ele devesse se m udar da m ansão. Antes de Wellsie ser assassinada, ela e Tohr viveram

num a casa própria. Diabos, se fizesse isso, não teria de ver Qhuinn a não ser durante as reuniões

– e com tantas pessoas espalhadas pela Irm andade, seria fácil ficar longe do cam po de visão.

Na verdade, j á vinha fazendo isso há algum tem po.

De fato, com esse plano, os dois nunca teriam de cruzar seus cam inhos: John era sem pre o

parceiro do cara por causa de toda aquela coisa do *ahstrux nohtrum*, e considerando-se os turnos,

a m aneira com o o território era dividido, ele e Qhuinn nunca lutavam j untos, a não ser num a

em ergência.

Saxton podia ir e voltar do trabalho…

Blay parou de pronto na entrada da sala de levantam ento de pesos. Pelo vidro, ele viu pesos

subindo e descendo na m áquina reclinada de agacham entos, e ele sabia a quem pertencia aquele

par de Nikes.

Maldição, não tinha um m inuto de folga.

Inclinando-se, ele bateu a cabeça um a vez. Duas. Três…

– Sabe que as séries de repetições devem ser feitas nas m áquinas… e não na porta.

A voz de Manny Manello era tão bem -vinda quanto um a biqueira de aço no m eio das bolas.

Blay se endireitou, e o m undo deu um a girada rápida, ao ponto em que ele teve que colocar,

disfarçadam ente, a m ão livre no batente só para que seu desequilíbrio não ficasse evidente. E

tam bém escondeu seu drinque quase finalizado.

O m édico provavelm ente não consideraria um a boa ideia exercitar-se sob a influência de

álcool.

– Com o vai? – perguntou Blay , m esm o não se im portando com a resposta… e esse não era um

com entário reservado ao *hellren* de Pay ne. Ele não se im portava com m uita coisa no m om ento.

A boca de Manello com eçou a se m over e Blay ficou olhando os lábios do hom em form arem

e soltarem as sílabas. Um m om ento depois, algum tipo de adeus foi dito, e logo Blay se viu

sozinho com a porta de novo.

Parecia um a idiotice ficar apenas parado ali, e ele dissera ao m édico que entraria. Além disso, devia haver o quê… uns 25 equipam entos na sala? Além de barras e pesos. Esteiras. StairMasters,

elípticos… m uita coisa com que se ocupar.

Não estou apaixonado por Layla.

Com um a im precação, Blay em purrou a porta e se preparou para um desaj eitado “ah, oi, é

você…”. A não ser pelo fato de Qhuinn nem ter notado a sua entrada. Em vez de se exercitar

com a m úsica am biente, ele estava com aqueles fones que cobrem os ouvidos e tinha se m udado

para a barra fixa, portanto estava de frente para um a parede de concreto.

Blay se afastou o quanto pôde, subindo num a m áquina qualquer – peitorais. Tanto faz.

Depois de apoiar o copo e aj ustar o pino na pilha de pesos, acom odou-se no assento

acolchoado, segurou as m anoplas e com eçou a em purrar na altura do peito.

Tudo para o que podia olhar era Qhuinn.

Ou talvez isso fosse porque seus olhos se recusaram a olhar em qualquer outra direção.

O m acho usava um a cam iseta regata preta que deixava aqueles om bros trem endos em

com pleta exposição… e os m úsculos ao longo deles se flexionavam ao m áxim o quando ele

chegava ao topo da puxada, as saliências e os contornos de um lutador… não de um advogado…

Blay se deteve.

Qualquer com paração com o aquela era inj usta a ponto de provocar náuseas. Depois do últim o

ano, ele conhecia o corpo de Saxton quase tão bem quanto o seu, e o m acho era m uito bem

form ado, tão m agro e elegante…

Qhuinn suspendeu-se novam ente, o peso da parte inferior do corpo exigindo

força daqueles

braços e daquele torso. E, graças ao seu esforço, o suor irrom peu sobre toda a pele, fazendo-o

brilhar debaixo das luzes.

A tatuagem na parte de trás da nuca m udava conform e ele soltava e descia para ficar

pendurado, e depois novam ente na subida. E na descida. E na subida.

Blay pensou no m odo com o o m acho ficara quando viraram o Hum m er: poderoso,

m asculino… erótico.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Ele não estava, de fato, sentado ali, olhando para Qhuinn daquele j eito…

Im agens do passado se infiltraram , transform ando sua m ente num a tela de televisão. Ele viu

Qhuinn se inclinando sobre um a m ulher hum ana que fora deitada com o traseiro para cim a

num a m esa, os quadris dele bom beando conform e ele a fodia, as m ãos travadas nos quadris dela

para segurá-la no lugar. Naquela vez ele não estava de cam isa, e os om bros se m ostraram tão

rij os com o agora.

Corpo firm e sendo bem utilizado.

Havia tantas cenas com o aquela, com Qhuinn em diferentes posições com pessoas diferentes,

m achos e fêm eas. No com eço, logo depois das transições, houve um a trem

enda sensação de

excitação conform e os dois saíam para caçar j untos – ou m elhor, era Qhuinn quem caçava e

Blay aceitava o que quer que fosse trazido. Tanto sexo com tantas pessoas – ainda que, àquela

altura, Blay se ativesse apenas às fêm eas.

Talvez porque ele soubesse que elas eram seguras, que elas “não contavam ” em tantos m odos.

Tão descom plicado no com eço. Mas, em algum m om ento ao longo dos anos, as coisas

sofreram um a m udança e ele com eçara a perceber que ao observar Qhuinn com os aleatórios,

im aginava-se debaixo daquele corpo, recebendo o que o hom em era tão bom em dar. Depois de um tem po, j á não era m ais a boca de um desconhecido no pau de Qhuinn; era a sua. E quando

aqueles orgasm os surgiam , e eles sem pre surgiam , era ele quem os recebia. Eram as suas m ãos

no corpo de Qhuinn, e seus lábios encaixados, e as suas pernas abertas.

E isso ferrou tudo.

Merda, lem brava-se de ter ficado acordado durante o dia, olhando para o teto, dizendo a si

m esm o que quando estivessem num a boate novam ente, naqueles banheiros, ou em qualquer

lugar em que o m esm o acontecia, ele não faria m ais aquilo. Mas toda vez que saíam , era com o

se um a pílula do sabor ideal fosse oferecida a um viciado.

E depois ocorreram aqueles dois beij os… o prim eiro no corredor saindo dali, na sala de

exam es da clínica. E ele teve que im plorar para recebê-lo. E depois o segundo no seu banheiro,

pouco antes de ele sair com Saxton pela prim eira vez.

Ele tam bém teve que im plorar por aquele.

Abruptam ente, Blay parou de fingir que estava de fato se exercitando e baixou as m ãos para

as coxas.

Ordenou-se a ir em bora. Apenas se levantar daquele lugar, sair dali antes que Qhuinn fosse

para o próxim o equipam ento e ele fosse descoberto.

Em vez disso, viu seus olhos fixos naqueles om bros e naquela coluna, na cintura estreita e no

traseiro firm e, nas pernas fortes.

Talvez fosse o álcool. O resultado daquela discussão no guincho. A coisa toda do sexo com

Lay la…

Naquele instante, porém , ele se excitou. Ficou duro com o um a pedra. Pronto para a coisa.

Blay baixou o olhar do peito para seus shorts largos e sentiu vontade de se dar um tiro na

cabeça.

Ai, Jesus, ele precisava sair dali im ediatam ente.

Enquanto Qhuinn continuava sua série na barra fixa, as m ãos entorpeciam e ele

sentia com o se

os bíceps estivessem sendo arrancados dos ossos por facas cegas, e isso não passava de

brincadeira se com parado com os om bros. Eram eles o verdadeiro problem a. Alguém

obviam ente se aproxim ara por trás, aplicara rem ovedor de verniz sobre eles e depois os

friccionara com um a lixa industrial.

Não fazia ideia de quantas repetições fizera. Nem de quantos quilôm etros correra. Não contara

os abdom inais, os agacham entos e afundos.

Ele só sabia que continuaria.

Obj etivo: exaustão absoluta. Queria desm aiar no m om ento em que subisse e se deitasse na

cam a.

Descendo da barra, pousou as m ãos nos quadris, abaixou a cabeça e respirou fundo. Seu

om bro direito logo se recuperou, m as esse era o seu lado dom inante, por isso era o esperado.

Para relaxar o nó nos m úsculos, girou o braço num círculo am plo ao se virar…

E parou.

Do outro lado dos colchonetes azuis, Blay estava na m áquina m ais próxim a à porta, sentado tão

parado quanto os pesos que ele não levantava.

A expressão no rosto dele era vulcânica. Mas não estava furioso.

Não, não estava.

Ele estava com um a ereção tão grande que se via do outro lado do côm odo. Talvez do outro

lado do Estado.

Qhuinn abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novam ente.

No fim , resolveu que aquele era um exem plo típico de que a vida nunca deixava de

surpreender. De todas as situações nas quais pensou que pudessem estar assim , esta não era

nenhum a delas. Não depois… bem , depois de tudo.

Tirou os fones de ouvido e os deixou pendurados no pescoço, as batidas frenéticas de um show

ensurdecedor dim inuindo para apenas um sibilo.

Isso é para m im ?, ele queria perguntar.

Por um a fração de segundo, ele pensou que poderia ser, m as, pensando bem , não seria m uita

arrogância de sua parte? O cara m al acabara de lhe fazer um discurso sobre com o os dois não

passavam de colegas trabalhando lado a lado em estações de gordura trans. Em seguida, Blay

aparece com um a ereção do tam anho de um pé-de-cabra, e a prim eira coisa que lhe vem à

m ente é que, talvez, quem sabe, seria possível, aquilo ser… para ele?

Que idiota ele era.

E, P.S., o que diabos ele faria se subitam ente se encontrasse num universo

paralelo, com Blay

dizendo “ei, que tal” naquele departam ento?

Claro que o desej ava.

Mas que m erda, sem pre o desej ara a ponto de se perguntar quanto daquela coisa de evitá-lo

“pelo bem de Blay ” não fora, na verdade, pelo seu próprio bem .

Pensando nisso, percebeu o copo repousando ao lado dos pés dele. Ah, o álcool estava

envolvido – honestam ente, ele duvidava que aqueles centím etros de líquido escuro fossem Coca-

Cola.

Merda, pelo que podia saber, Saxton acabara de lhe enviar um a m ensagem quente e essa era a

causa da ereção.

Ah, se isso não era broxante.

O seu primo está me dando tudo de que preciso. O dia inteiro. Todos os dias.

– Tem m ais algum a coisa para m e dizer? – Qhuinn perguntou com aspereza.

Blay m oveu a cabeça de um lado para o outro um a vez.

Qhuinn franziu o cenho. Blay não era esquentado – nunca fora, e em parte por isso, por m uito

tem po, eles foram tão próxim os. Equilíbrio e todo aquele papo-furado. Naquele instante, porém ,

parecia que o cara estava bem perto de perder as estribeiras.

Problem as no paraíso do casal feliz?

Não, eles eram bons dem ais j untos.

– Ok – caram ba, a ideia de ficar por perto enquanto Blay estava com o m astro erguido para

m ais um a sessão com Saxton, o Magnífico, era insustentável. – Até m ais.

Ao se afastar, sentiu os olhos de Blay sobre si, m as eles não estavam no nível do seu rosto. Pelo

m enos, não parecia.

Que *porra* estava acontecendo ali?

Em purrando a porta para o corredor, deu um a olhada para ver se as paredes de concreto não

estavam derretendo ou se ele não tinha, subitam ente, peixes no lugar das m ãos ou algo assim .

Nada disso era verdade, m as um a sensação esquisita de irrealidade o perseguiu enquanto ele

avançava até o vestiário. Um a chuveirada era obrigatória; estava coberto por suor, e por m ais que os *doggen* adorassem um a bela bagunça, ele não pretendia dar-lhes m ais trabalho só porque

tentara se m atar na academ ia…

Duro. Excitado. Pronto para o sexo.

Enquanto essa im agem de Blay m artelava em sua cabeça, ele fechou os olhos, e chegou à

porta do m undo dos azulej os e chuveiros. Tinha a intenção de seguir diretam ente para os

chuveiros, m as acabou se dem orando na parte da frente do lugar, onde os arm ários estavam

enfileirados e os bancos atravessavam os corredores pelo m eio.

Parando, desam arrou os Nikes, chutou-os e tirou as m eias.

Totalm ente excitado.

Blay estivera fora de si por conta disso.

Por algum m otivo, os dois últim os encontros sexuais de Qhuinn lhe vieram à m ente. Houve o

ruivo no Iron Mask – aquele a quem seduzira e com quem transara no banheiro. Escolhera-o

aleatoriam ente no m eio da m ultidão por um a determ inada característica física e, naturalm ente, o

sexo não lhe provocara nada de extraordinário. Em retrospecto, foi com o querer tom ar tequila e

acabar bebendo água tônica.

E depois aconteceu aquela coisa com Lay la, que não passara de um trabalho físico exigente,

com o cavar um a trincheira ou levantar um a parede…

Deus, sentia-se m al ao pensar assim , pois não queria desrespeitar a Escolhida. Mas pelo m enos

ficou bem claro que ela pensava do m esm o m odo.

Foi só isso no últim o ano. Apenas aqueles dois.

Quase doze m eses de nada, e ele nem vinha se m asturbando. Ele sim plesm ente não estava

interessado em nada, com o se suas bolas estivessem hibernando.

Engraçado, depois da sua transição, ele transara com qualquer coisa com duas pernas e um

coração pulsante, e enquanto se esforçava para se lem brar de alguns dos m uitos

rostos – Deus

bem sabia que ele não se dera ao trabalho de saber os nom es m uitas vezes –, um a sensação

desconfortável contraía seu estôm ago.

Todas aquelas transas anônim as, sem nom es, sem rostos… diante de Blay . Sem pre com ele,

pensando bem . Na época, parecia um tipo de acontecim ento entre cam aradas, m as agora ele se

questionava.

Ah, que m erda. Ele *sabia* do que tratara.

Era um trem endo covarde, não?

Pondo-se de pé, despiu-se e deixou a cam iseta e os shorts sobre o banco num a bagunça suada.

Andando para os chuveiros, escolheu um a esm o, abrindo a torneira e entrando debaixo do j ato.

A água estava absurdam ente fria, m as ele não se im portava. Enfrentou o açoite, fechando as

pálpebras e abrindo a boca.

Aquele ruivo do clube quase um ano atrás? Enquanto seduzia o cara para o banheiro, era Blay

quem esteve em sua m ente o tem po inteiro.

Foi Blay quem ele em purrou para a pia e beij ou com sofreguidão. Foi o pau de Blay que ele

chupou, e o corpo de Blay que ele com eu por trás e…

– Pelo am or de… – gem eu.

Do nada, a im agem do velho am igo sentado na m áquina de pesos, com os j oelhos afastados, o

pênis pressionando o tecido fino dos shorts entrou em sua m ente e atravessou a coluna, indo direto

para o m eio das suas pernas. Praguej ando, ele se arqueou e teve que apoiar um a m ão no azulej o escorregadio.

– Ai… cacete…

Recostando-se, apoiou a testa no braço e tentou se concentrar na sensação da água batendo na

nuca.

Nada.

Tudo o que percebia era a pulsação no pênis.

Bem , isso e um a fantasia ressonante dele caindo de j oelhos e se encaixando entre as coxas

afastadas de Blay , lam bendo o cam inho até aquela boca… enquanto se insinuaria debaixo do cós

dos shorts e com eçaria a aplicar um trabalho m anual que o cara j am ais conseguiria esquecer.

Entre outras coisas.

Virando para se livrar do j ato, Qhuinn levou as m ãos aos cabelos e os esticou para trás,

arqueando a coluna.

Sentia o pênis ereto, im plorando por atenção.

Mas não faria nada a respeito. Blay m erecia m ais do que isso. Sim , não fazia sentido, m as

parecia sórdido m asturbar-se no chuveiro por causa da excitação do cara por outra pessoa.

Inferno, por causa do *parceiro* do cara.

O *primo* de Qhuinn, pelo am or de Deus.

Enquanto sua ereção sim plesm ente continuava, inabalada pela lógica, ele soube que o dia seria

bem longo.

CAPÍTULO 11

Blay baixou a cabeça com um a im precação enquanto a porta da academ ia se fechava. E

claro, daquele ângulo, tudo o que enxergava era a sua ereção.

O que não aj udou.

Levantando o olhar, viu a barra fixa, e soube que tinha de fazer algum a coisa. Ficar sentado ali

m eio em briagado com um a festa arm ada entre as pernas dificilm ente era um a posição na qual

queria ser flagrado. Se um Irm ão com o Rhage entrasse e visse aquilo? Blay teria de aguentar a

gozação pelo resto da vida. Além disso, estava com roupas de ginástica, cercado por

equipam entos, portanto, só lhe restava se ocupar, puxar um pouco de ferro, e esperar que o

senhor Alegria afundasse em depressão por falta de atenção.

Um bom plano.

Mesm o.

Claro.

Quando, um pouco depois, olhou para o relógio, percebeu que uns quinze m inutos haviam se

passado e ele não estava m ais próxim o de m ovim entos repetitivos e construtivos, a m enos que se

considerasse a respiração.

Sua ereção tinha um a sugestão para esse tipo de obj etivo.

E sua palm a se preparou, indo para o m eio das pernas, encontrando a rigidez…

Blay levantou do assento num pulo e seguiu para a porta. Chega de idiotice. Iria para o

banheiro do vestiário na esperança de reciclar um pouco do álcool no seu sistem a. Depois

voltaria para a esteira e suaria o resto da bebida.

Depois disso, seria hora de ir para a cam a, onde, se precisasse de um a válvula de descarga do

tipo erótico, ele a encontraria no local apropriado.

O prim eiro sinal de que seu novo plano poderia levá-lo para m ais confusão surgiu quando

em purrou a porta do vestiário: o som de água corrente significava que alguém estava atarefado

com o ritual do xam pu e sabonete. Ele estava tão concentrado em se chutar no traseiro, porém ,

que nem se preocupou com qualquer conclusão.

O que o teria feito parar, virar e encontrar outro banheiro o m ais rápido possível.

Em vez disso, passou pelos arm ários e foi fazer o que tinha de ser feito. Só

quando estava

lavando as m ãos que os cálculos com eçaram a ser com putados.

Por vontade própria, a cabeça girou na direção dos chuveiros.

Você tem que sair, ele se ordenou.

Ao desligar a torneira, o rangido sutil pareceu m ais alto que um grito, e ele se recusou a se

olhar no espelho. Não queria enxergar o que havia em seu olhar.

Volte para a porta. Apenas volte para a porta. Apenas…

O fracasso do seu corpo em seguir esse sim ples com ando não foi apenas um exercício de

rebelião física. Era, tragicam ente, um padrão.

E ele se lam entaria m ais tarde.

No m om ento, contudo, quando ele tom ou a decisão de se aproxim ar e se esgueirar ao redor da

parede de azulej os para os chuveiros, onde se m anteve praticam ente escondido, e espiou o

m acho que não deveria… a tresloucada onda de em oção que era tão dolorosam ente fam iliar, era

um conj unto de roupas feito sob m edida para a sua insanidade.

Qhuinn estava de frente para o chuveiro com um a m ão contra a parede escorregadia, a

cabeça m orena pensa debaixo do j ato. A água corria pelos om bros e pelos acres de pele flexível

que recobria as costas poderosas… depois descia pelo traseiro m agnífico… e seguia em frente,

passando pelas pernas longas e m usculosas.

Durante o últim o ano, o lutador encorpara m uito. Qhuinn ficara grande depois da transição e

crescera ainda m ais durante os prim eiros m eses de alim entação intensa. Mas j á fazia um tem po

desde que Blay não o via sem roupas… e, caram ba, a rotina de puxar ferro à qual ele se

subm etera m ostrava os resultados em todos aqueles m úsculos definidos…

Abruptam ente, Qhuinn m udou de posição, virando, j ogando a cabeça para trás, fazendo a água

correr pelo cabelo escuro, aquele corpo incrível arqueando.

Ele m anteve o piercing no pênis.

E, puta m erda, estava excitado…

Um orgasm o im ediatam ente am eaçou a cabeça do pênis de Blay , os testículos ficando duros

com o punhos cerrados.

Dando m eia-volta, ele saiu do vestiário com o se tivesse sido lançado de um canhão,

em purrando a porta, saindo em disparada no corredor.

– Ai, m erda… cacete… puta que o…

Andando o m ais rápido que podia, ele tentou tirar aquela im agem da cabeça, lem brando-se de

que tinha um am ante, que tocara a vida, que era possível se autodestruir a respeito da m esm a

coisa apenas um a lim itada quantidade de vezes e que depois se chegava ao fim

.

Quando nada disso funcionou, ele repetiu o discurso que fizera para Qhuinn no guincho…

Inferno, onde ficava o escritório?

Parando, olhou ao redor. Ah, fantástico. Tom ara a direção oposta daquela que pretendia ter

tom ado, e agora tinha passado pela clínica e estava na ala de salas de aula do centro de

treinam ento.

A quilôm etros de distância da entrada do túnel.

– … laceração tão profunda. Mas ele não teve nada disso.

A voz grave de Manny Manello precedeu o hom em que vinha pelo corredor saindo da sala de

exam es. Um segundo depois, a doutora Jane apareceu bem ao lado dele, com um prontuário

aberto na m ão, a ponta do dedo descendo pela página.

Blay se enfiou na prim eira porta que encontrou…

E se deparou com um a parede de escuridão. Apalpando para encontrar um interruptor, visto

que estava abalado dem ais para acender qualquer luz m entalm ente, encontrou um , apertou e

ficou m om entaneam ente cego.

– Ai!

A dor aguda que subiu da canela para o cérebro lhe disse que ele colidira com algo grande.

Ah, um a escrivaninha.

Estava num daqueles m iniescritórios satélites das salas de aula, e isso era um a notícia m uito

boa. Com o program a de treinam ento ainda suspenso por causa dos ataques, não havia ninguém

ali em baixo, e provavelm ente ninguém teria m otivo para estar naquela saleta vazia.

Ele poderia ter um pouco de privacidade por um tem po, o que era um a bênção. Deus bem

sabia que ele não tentaria voltar para a m ansão agora. Com a sua sorte, acabaria se deparando

com Qhuinn, e a últim a coisa de que ele precisava era estar perto do cara.

Indo para trás da escrivaninha, sentou-se na cadeira de escritório acolchoada e levantou as

pernas, esticando-as sobre a superfície que deveria conter um com putador, um a planta, um pote

cheio de canetas. Em vez disso, estava vazia, ainda que não estivesse em poeirada. Fritz j am ais

perm itiria isso m esm o num côm odo desocupado.

Esfregando a parte dolorida na canela, ficou evidente que produziria um belo hem atom a. Mas

ao m enos a dor o distraíra daquilo que o m otivara até ali.

Entretanto, isso não durou m uito.

Ao inclinar a cadeira para trás e fechar os olhos, sua m ente retornou ao vestiário.

E ele pensou se a tortura nunca teria um fim .

Deus, seu pênis estava latej ando.

Considerando suas opções, ele ordenou que as luzes se apagassem , fechou os olhos e

com andou que seu cérebro se desligasse para ele poder dorm ir. Se, ao m enos, ele conseguisse

cochilar um a ou duas horas ali, acordaria m ais sóbrio, flácido e pronto para enfrentar as pessoas

novam ente.

Bem , *esse* era um bom plano, e tam bém o am biente era perfeito. Escuro, fresquinho, bem

tranquilo do m odo com o som ente as instalações subterrâneas podem ser.

Aj eitando o corpo ainda m ais para baixo na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e se

preparou para o trem do sono REM chegar à estação.

Quando isso não funcionou, ele com eçou a im aginar todo tipo de situação “de desligam ento”,

com o aspiradores de pó sendo puxados da tom ada e incêndios sendo apagados com água e telas

de TV escurecendo…

Qhuinn estava tão altam ente “transável” daquele j eito, o corpo m acio e liso entalhado em

m úsculos, o sexo grosso e orgulhoso. Toda aquela água o deixara escorregadio e sensual… e,

santa Virgem Escriba, Blay teria dado praticam ente qualquer coisa para se aproxim ar, se

aj oelhar e tom ar o sexo dele na boca, sentindo aquela cabeça com suas

investidas penetrantes

em sua língua ao entrar e sair…

O som desgostoso que em itiu ecoou, parecendo m ais alto do que provavelm ente fora.

Abrindo os olhos, tentou tirar da cabeça qualquer fantasia que envolvesse chupar. Mas a

escuridão com pleta não aj udou; apenas form ou a tela perfeita para ele continuar a proj etar as

im agens.

Praguej ando, deu um a chance para o lance de ioga, com o qual você relaxa a tensão em cada

parte do corpo, com eçando pela prega sem pre presente entre as sobrancelhas, depois as cordas

rígidas que desciam pelos om bros até a base do crânio. O peito tam bém estava apertado, os

peitorais contraídos sem nenhum m otivo aparente, os bíceps afundando nos antebraços.

Em seguida, ele deveria focar no abdôm en, depois nas nádegas e coxas, nos j oelhos e

panturrilhas… até a pontinha do pé.

Ele não chegou tão longe.

Pensando bem , tentar convencer sua excitação sobre qualquer tipo de m aleabilidade

dem andaria poderes de persuasão que seu cérebro parcialm ente em briagado não possuía.

Infelizm ente, só havia um m odo seguro de se livrar do senhor Alegria. E, no

escuro, sozinho,

com a garantia de que “ninguém nunca vai ficar sabendo”, por que ele não podia sim plesm ente cuidar daquilo, apagar o fogo e desm aiar? Não era m uito diferente de despertar no m eio da noite

com um a ereção – porque Deus bem sabia que não havia nenhum a em oção envolvida. E ele

estava alcoolizado, certo? Então isso era m ais um a razão.

Repetiu a si m esm o que não estava traindo Saxton. Não estava *com* Qhuinn – e era Saxton

quem ele queria…

Por um instante, ele continuou a pesar os prós e os contras, m as, no fim , sua m ão tom ou a

decisão por ele. Antes de se dar conta, a palm a se escondia debaixo do cós folgado e…

O sibilo que em itiu ao se segurar foi com o um tiro no silêncio, assim com o o rangido da

cadeira quando a investida dos quadris em purrou os om bros contra o estofam ento de couro.

Quente e duro, grosso e longo, seu pênis clam ava por atenção, m as a angulação estava errada, e

não havia espaço para m exer dentro dos m alditos shorts.

Por algum m otivo, a ideia de se despir da cintura para baixo o fez se sentir suj o, m as seu senso

de decoro foi para o espaço bem rápido quando tudo o que ele conseguia fazer era apertar.

Elevando o traseiro, abaixou os shorts, depois percebeu que precisaria de algum

a coisa para

lim par a bagunça.

A cam iseta foi retirada em seguida.

Nu no escuro, esticado da cadeira para a escrivaninha, ele se entregou, afastando as pernas,

bom beando para cim a e para baixo. A fricção fez seus olhos revirarem , m order o lábio inferior.

Deus, as sensações eram tão boas, fluindo pelo corpo…

Droga.

Qhuinn estava na sua cabeça, Qhuinn estava na sua boca… Qhuinn estava dentro dele, os dois

se m ovendo j untos…

Isso era errado.

Congelou. Parou de pronto.

– Merda.

Blay soltou o pênis, ainda que o sim ples processo de desistir da traição o fizesse cerrar os

m olares.

Abrindo os olhos, fitou a escuridão. O som da sua respiração entrando e saindo do peito o fez

praguej ar novam ente. Assim com o a necessidade pulsante de um orgasm o – ao qual ele se

recusava a ceder.

Não daria continuidade àquilo…

Do nada, a im agem de Qhuinn arqueado debaixo do j ato de água golpeou sua m ente,

assum indo o controle. Contrariando seu raciocínio, sua lealdade, seu senso de j ustiça… seu corpo

se sobrecarregou, o orgasm o atingindo o pênis antes que ele o conseguisse detê-lo, antes que ele

conseguisse negar, pois aquilo não era certo… antes que ele conseguisse dizer "De novo, não.

Nunca m ais".

Ah, Deus. A sensação doce e penetrante, repetida um a vez depois da outra até ele se perguntar

se aquilo um dia term inaria, m esm o ele não tendo aj udado.

Aquela reação física podia estar além do seu controle. Sua reação a ela não.

Quando ele se aquietou por fim , a respiração estava agitada e o frio na pele nua do peito

sugeria que ele suara… e enquanto o corpo se recuperava, sua consciência retornava, e a ereção

m urchando era com o um barôm etro do seu hum or.

Esticando-se, apalpou a m esa até encontrar a cam iseta; depois esfregou-a e pressionou-a na j unção das coxas.

O resto da confusão em que se m etera não seria tão fácil de lim par.

Do outro lado da cidade, no 18o andar do Com m odore, Trez estava sentado num a cadeira

lustrosa de aço e couro que ficava de frente para a parede envidraçada dando para o rio Hudson.

O sol do m eio-dia brilhava m ais por causa da neve fresca que caíra nas m

argens durante a noite.

– Sei que está aqui – disse secam ente, sorvendo um gole da caneca de café.

Quando não houve resposta, ele rodopiou a cadeira em sua base giratória. Com o esperado,

iAm viera do quarto e estava sentado no sofá, com o iPad no colo, o indicador deslizando pela

tela. Ele devia estar lendo a edição online do *The New York Times*, claro; era o que fazia toda m anhã ao acordar.

– Então – disse Trez. – Manda ver.

A única resposta que teve foi um a das sobrancelhas de iAm se erguendo. Por, digam os, m eio

segundo.

O bastardo presunçoso nem olhava para ele.

– Deve ser um artigo fascinante. Sobre o que é? Irm ãos teim osos?

Trez passou algum tem po segurando a caneca de café quente.

– iAm . Sério. Que bobagem .

Depois de um m om ento, o olhar escuro do irm ão se ergueu. Os olhos que sustentaram os seus

estavam , com o sem pre, com pletam ente livres de em oção, dúvida e todas as asneiras com que os

m ortais lidavam . iAm era sensível de m aneira sobrenatural… com o um a cobra: atenta,

inteligente, pronta a atacar, m as relutante em desperdiçar força até que fosse necessário.

– O que foi? – resm ungou Trez.

– Seria redundante lhe dizer o que você j á sabe.

– Faça isso por m im – ele sorveu m ais um gole e se perguntou por que diabos estava se

oferecendo para aquilo. – Vá em frente.

Os lábios de iAm se contraíram com o sem pre quando ele pensava num a resposta. Depois ele

fechou a capa do iPad, cada um a das quatro seções descendo com o pegadas na tela. Então ele

pôs de lado o equipam ento, descruzou as pernas e se inclinou para frente para equilibrar os

cotovelos sobre os j oelhos. Os bíceps dele eram tão grossos que as m angas da cam isa pareciam

que se rasgariam .

– Sua vida sexual está fora de controle – enquanto Trez revirava os olhos, o irm ão continuou a

falar. – Está transando com três ou quatro m ulheres por noite, às vezes m ais. Não se trata de

alim entar-se, portanto não perca o nosso tem po tentando usar essa desculpa. Você está

com prom etendo os padrões profissionais do…

– Eu lido com bebidas e prostitutas. Não acha que isso parece um pouco intelectual…

iAm pegou o iPad e o balançou.

– Devo voltar a ler?

– Só estou dizendo…

– Você m e pediu para falar. Se isto é um problem a, a solução não é ficar na defensiva porque

não gosta do que está ouvindo. A resposta é não m e convidar a falar.

Trez cerrou os dentes. Vej a, era esse o problem a com o m aldito irm ão. Ele era sensato

dem ais.

Levantando-se num rom pante, atravessou a sala am pla. A cozinha era com o todo o resto do

apartam ento: m oderna, arej ada e despoj ada. O que significava que se ele se servisse de um

pouco m ais de cafeína, conseguiria enxergar o irm ão em sua visão periférica.

Caram ba, às vezes ele detestava aquele lugar. A m enos que estivesse no quarto com a porta

fechada, não conseguia se livrar daqueles olhos.

– Devo ler ou falar? – perguntou iAm com tranquilidade, com o se isso lhe fosse indiferente.

Caram ba, com o Trez queria falar para o cara enfiar o nariz no j ornal, m as isso seria o m esm o

que adm itir um a derrota.

– Continue – Trez voltou à poltrona e se preparou para um a surra.

– Você não está se com portando de m aneira profissional.

– Você com e no Sal’s.

– O m eu linguini com m olho de m ariscos não requer um a ordem j udicial quando decido que

na noite seguinte quero o *Fra Diavolo*.

Bem observado. E, de algum a form a, isso o fez se sentir quase violento.

– Sei o que está fazendo – disse iAm . – E por quê.

– Você não é virgem , portanto é claro que…

– Sei o que lhe enviaram .

Trez parou.

– Com o?

– Quando você não atendeu, recebi um telefonem a.

Trez em purrou o tapete debaixo dos pés e girou a cadeira para ficar de frente para o rio.

Merda. Ele im aginou que acalm aria a situação com aquilo, do tipo, dar ao irm ão um a sessão de

serm ão para que os dois pudessem voltar ao norm al. Eles costum avam ser com o pele e osso, e o

bom relacionam ento era essencial.

Ele conseguia lidar com quase tudo, exceto com um desentendim ento com o irm ão.

Infelizm ente, os problem as sobre os quais se referiam ali eram a única coisa no “quase tudo”.

– Ignorar não vai fazer isso desaparecer, Trez.

Isso foi dito com um a certa m edida de gentileza, com o se o cara lam entasse por ele.

Enquanto Trez fitava o rio, im aginou estar em seu clube, com hum anos cercando-o, o dinheiro

trocando de m ãos e as m ulheres que trabalhavam lá fazendo o que faziam nos fundos. Legal.

Norm al. Controlado e confortável.

– Você tem responsabilidades.

Trez segurou a caneca com m ais força.

– Não m e apresentei com o voluntário a eles.

– Não im porta.

Ele virou com tanta rapidez que derram ou café na coxa. Ignorou o ardor.

– Deveria. O cacete com o deveria. Não sou um obj eto inanim ado que eles podem dar a quem

quiserem . A coisa toda é um a tolice.

– Alguns considerariam um a honra.

– Bem , eu não. Não vou m e am arrar àquela fêm ea. Não m e im porto quem ela sej a ou quem

arm ou isso ou quão “im portante” isso é para o s’Hisbe.

Trez se preparou para a enxurrada do “ah, sim , você vai”. Em vez disso, seu irm ão pareceu triste, com o se ele tam bém não quisesse aquela m aldição.

– Vou repetir, Trez. Isso não vai desaparecer num passe de m ágica. E tentar sair dessa

transando por aí? Não só é fútil, com o potencialm ente perigoso.

Trez esfregou o rosto.

– As m ulheres são apenas hum anas. Elas não têm im portância – ele voltou a olhar para o rio. –

E, francam ente, se eu não fizer algum a coisa, vou enlouquecer. Um punhado de orgasm os tem

que ser m elhor do que isso, certo?

Enquanto o silêncio retornava, ele soube que o irm ão discordava dele. Mas a prova de que sua

vida estava na m ais absoluta m erda era que a conversa term inara ali.

iAm , pelo visto, não era o tipo de hom em que chuta um cara caído.

Tanto faz. Ele não se im portava com o que se esperava dele. Ele *não* voltaria para ser

condenado a um a vida de serviços forçados.

Pouco se im portava se era para a filha da rainha.

CAPÍTULO 12

Era fim de tarde quando Wrath chegou a um beco sem saída. Estava à m esa, sentado no trono

do pai, os dedos percorrendo um relatório escrito em braille, quando, de repente, não conseguia

ler nem m ais um a m aldita palavra do texto.

Em purrando os papéis para o lado, praguej ou e arrancou os óculos escuros do rosto. Bem na

hora em que estava para lançá-los contra a parede, sentiu um focinho no cotovelo.

Passando o braço ao redor do golden retriever, pressionou a m ão no pelo m acio que crescia

nos flancos do cachorro.

– Você sem pre sabe, não é?

George se aninhou, pressionando o peito na perna de Wrath – a dica de que “alguém ” queria

ser erguido.

Wrath se inclinou e apanhou todos os quarenta quilos nos braços. Enquanto acom odava as

quatro patas, a j uba de leão e o rabo volante para que tudo coubesse, ele concluiu que era bom

que fosse tão alto. Coisas grandes ofereciam um colo grande.

E o ato de afagar todo aquele pelo o acalm ou, m esm o que não lhe tranquilizasse a m ente.

Seu pai fora um Rei notável, capaz de suportar inúm eras horas de cerim ônias, noites

infindáveis nos esboços de proclam ações e convocações, m eses e anos inteiros de protocolo e

tradição. E isso antes de ser inundado pelo fluxo perene de reclam ações que vinham de todos os

lados: cartas, telefonem as, e-m ails – ainda que, obviam ente, os últim os estivessem fora de

questão na época do seu pai.

Wrath, um dia, fora um lutador. Um excelente lutador.

Levantando a m ão, sentiu a lateral do pescoço, o lugar por onde a bala entrara…

A batida à porta foi decidida, direta ao ponto, m ais um a exigência do que um a solicitação

respeitosa para entrar.

– Pode entrar, V. – respondeu.

O odor adstringente da ham am élis que precedeu o Irm ão foi um a pista evidente de que

alguém estava irritado. E, com toda certeza, sua voz grave tinha um a ponta de descontentam ento.

– Finalm ente term inei os testes de balística. Malditos fragm entos sem pre tom am tem po

dem ais.

– E? – Wrath o instigou.

– É um a com binação perfeita. Cem por cento – enquanto Vishous se sentava na cadeira oposta

à m esa, a peça de m obília rangeu debaixo do peso. – Nós os pegam os.

Wrath exalou longam ente, parte do zum bido im potente escorrendo de sua m ente.

– Bom – ele correu a m ão pela cabeça grande de George, descendo até as costelas. – Então,

esta é a nossa m unição.

– Exato. O que aconteceria de qualquer m aneira agora tom a um a form a legal.

A Irm andade soubera o tem po todo quem estivera por trás do tiro que quase m atara o Rei no

outono, e a tarefa de acabar com o Bando de Bastardos um a um era algo que eles encaravam

m uito m ais com o um a tarefa sagrada para a raça.

– Olha aqui, eu preciso ser franco, certo?

– E quando não foi? – Wrath argum entou.

– Por que diabos está atando as nossas m ãos?

– Eu não sabia que estava fazendo isso.

– Com Tohr.

Wrath reposicionou George a fim de que o fluxo sanguíneo da perna esquerda

não ficasse

com pletam ente bloqueado pelo peso do cão.

– Ele solicitou o decreto.

– Todos nós tem os o direito de acabar com Xcor. O cretino é o prêm io que todos nós

querem os. Isso não deveria estar restrito som ente a ele.

– Ele pediu.

– Isso só faz com que sej a m uito m ais difícil m atar o bastardo. E se um de nós o encontrar, e

Tohr não estiver conosco?

– Vocês o trazem para cá – houve um a longa pausa, um silêncio tenso. – Você m e ouviu, V.?

Traga aquele m onte de m erda para cá e deixe Tohr fazer o serviço.

– O obj etivo é elim inar o Bando de Bastardos.

– E com o isso o im pede de fazer o seu trabalho? – quando não houve resposta, Wrath balançou

a cabeça. – Tohr estava naquela van com igo, m eu Irm ão. Ele salvou a m inha vida. Sem ele…

Enquanto a frase não foi finalizada, V. praguej ou baixinho, com o se estivesse fazendo os

cálculos sobre aquela lem brança e chegando à conclusão de que o Irm ão que teve que cortar o

tubo plástico da sua garrafa Cam elBak e executar um a traqueotom ia no seu Rei num veículo em

m ovim ento a quilôm etros de distância de qualquer aj uda m édica deveria ter

um *tantinho só* a

m ais de direito de m atar o crim inoso.

Wrath sorriu de leve.

– Que tal se, só porque eu sou um cara legal, eu deixar que cada um de vocês dê um soco nele

antes que Tohr m ate o filho da puta com as próprias m ãos? Fechado?

V. riu.

– Isso alivia um pouco.

A batida que os interrom peu foi baixa e respeitosa, um a sequência de batidinhas leves que

parecia sugerir que quem quer que fosse ficaria feliz em ser m andado em bora, satisfeito em

aguardar, ou esperava por um a audiência im ediata, tudo ao m esm o tem po.

– Pois não? – cham ou Wrath.

Um a colônia cara anunciou a chegada do advogado: Saxton sem pre cheirava bem , e isso se

encaixava em sua personalidade. Pelo que Wrath lem brava, além da excelente educação do

cara e da qualidade do seu raciocínio, ele sem pre se vestia de acordo com a m oda com o um

filho bem nascido da *glymera*. Isso é, com perfeição.

Não que Wrath tivesse visto isso recentem ente.

Ele recolocou os óculos num m ovim ento rápido. Um a coisa era se expor na frente de V.; isso

não aconteceria diante do m acho j ovem e eficiente que passava pela porta, não im portando o

quanto Sax fosse confiável e profissional.

– O que tem para m im ? – perguntou Wrath enquanto o rabo de George se m ovia de um lado

para o outro à guisa de um cum prim ento.

Houve um a longa pausa.

– Talvez sej a m elhor eu voltar m ais tarde?

– Você pode dizer qualquer coisa na frente do m eu Irm ão.

Outra pausa longa, durante a qual V. provavelm ente encarava o advogado com o se quisesse

tirar um naco do traseiro do garoto bonito e bem -vestido por sugerir que havia um a divisa de

inform ações que precisava ser respeitada.

– Mesm o que sej a sobre a Irm andade? – Saxton perguntou com franqueza.

Wrath praticam ente sentia os olhos gélidos de V. virando de direção. E, com o esperado, o

Irm ão bradou:

– O que há *conosco*?

Quando Saxton perm aneceu calado, Wrath deduziu sobre o que se tratava.

– Pode nos dar um m inuto, V.?

– Está de brincadeira?

Wrath pegou George e o colocou no chão.

– Só preciso de cinco m inutos.

– Tudo bem . Divirta-se, m eu senhor – grasnou V. ao se levantar. – Merda.

Um instante depois, a porta bateu.

Saxton pigarreou.

– Eu poderia ter voltado depois.

– Se eu quisesse isso, eu teria lhe dito. Agora fale.

Um a inspiração profunda, seguida de um a expiração, com o se o civil estivesse olhando para a

saída e se perguntando se a partida intem pestiva de V. poderia ser a causa de ele acordar m orto

m ais tarde.

– Hum … a auditoria das Leis Antigas está com pleta, e eu posso lhe fornecer um a lista

com pleta das seções que necessitam de em endas, além de reform ulações propostas, e um

cronogram a para que as m udanças possam ser im plem entadas se…

– Sim ou não. É tudo o que m e interessa.

A j ulgar pelo sussurro dos sapatos resvalando o tapete Aubusson, Wrath deduziu que o

advogado estava andando de um lado para o outro. De cabeça, ele visualizou o escritório, desde

as paredes azul-claras até as cornij as em arabesco e toda a m obília francesa antiga e frágil.

Saxton fazia m ais sentido naquele côm odo do que Wrath com seu couro e cam iseta j usta.

Mas a lei prescrevia quem deveria ser o Rei.

– Você precisa com eçar a m exer os lábios, Saxton. Garanto que não será dem itido se falar

com igo francam ente. Se tentar editar a verdade ou suavizá-la? Isso sim o fará cair, pouco

im portando com quem está dorm indo.

Houve um novo pigarrear. E então, a voz aculturada chegou até ele diretam ente do outro lado

da escrivaninha.

– Sim , pode fazer o que desej ar. No entanto, preocupo-m e quanto ao m om ento.

– Por quê? Porque vai precisar de dois anos para fazer as em endas?

– O senhor está fazendo um a m udança fundam ental na seção da sociedade que protege a

espécie – e isso pode desestabilizar ainda m ais o seu governo. Estou a par das pressões que tem

sofrido, e seria negligente de m inha parte se eu não apontasse o óbvio. Se o senhor alterar a

prescrição sobre quem pode entrar na Irm andade da Adaga Negra, isso poderá provocar ainda

m ais abertura para dissensão… isso não se parece com nada que tenha tentado em seu reinado, e

virá num a época de extrem o distúrbio social.

Wrath inspirou profundam ente pelo nariz – e não captou vibração negativa; não havia

evidências de que o hom em estivesse sendo fraudulento ou que não estivesse

disposto a realizar o

trabalho.

E ele tinha razão.

– Agradeço sua opinião – disse Wrath. – Mas não vou m e curvar ante o passado. Recuso-m e. E

se eu tivesse dúvidas a respeito do m acho em questão, eu não estaria fazendo isso.

– Com o os outros Irm ãos se sentem a esse respeito?

– Isso não é da sua conta – na verdade, não tocara no assunto com eles ainda. Afinal, por que

se im portar se não houvesse possibilidade de seguir adiante? Tohr e Beth eram os únicos que

sabiam exatam ente até onde ele estava preparado para levar aquilo. – Quanto tem po vai levar

para que você torne isso oficial?

– Posso deixar tudo preparado para o alvorecer de am anhã, no m áxim o ao anoitecer.

– Faça isso – Wrath cerrou um punho e o bateu no braço do trono. – Faça isso agora.

– Com o desej ar, m eu senhor.

Houve um a m ovim entação de tecidos finos, com o se o m acho estivesse se inclinando, e depois

m ais passos antes que um a das portas duplas se abrisse e se fechasse.

Wrath fitou o vazio produzido pelos seus olhos cegos.

Tem pos perigosos por certo. E francam ente, o sensato a fazer era ter m ais Irm

ãos, e não

pensar em m otivos para não os ter, ainda que a contra-argum entação fosse: se aqueles três

garotos estavam dispostos a lutar ao lado deles sem serem iniciados, por que se im portar?

Foda-se. Era costum e antigo querer honrar alguém que tivesse colocado a própria vida em

risco só para que a dele pudesse continuar.

A real questão, contudo, tirando as leis… era: o que os outros pensariam ?

Muito provavelm ente seria isso a colocar um freio na questão m ais do que qualquer detalhe

legal.

Quando a noite caiu horas m ais tarde, Qhuinn estava deitado nu na cam a. Ele dorm ia, m as

nem seu corpo nem sua m ente estavam descansando.

Em seu sonho, ele tinha voltado para o acostam ento da estrada, tendo saído a pé da casa da

fam ília. Carregava no om bro um a bolsa de lona, a proclam ação de deserdação enfiada na

cintura e um a carteira que, a não ser por onze dólares, estava vazia.

Tudo estava bem nítido. Nada fora m odificado devido a um erro de reprodução de m em ória:

desde a noite úm ida de verão e o som dos seus New Rocks no pedregulho do acostam ento… até o

fato de ele ter ciência de que não havia nada em seu futuro.

Não tinha para onde ir. Nenhum lar para onde voltar.

Nenhum a perspectiva. Nem m esm o um passado.

Quando o carro parou atrás dele, ele sabia que só podia ser John ou Blay …

Mas, não. Não foram seus am igos. Era a m orte na form a de quatro m achos em m antos negros

que saíram por quatro portas e convergiram ao seu redor.

Um a Guarda de Honra. Enviada pelo seu pai para surrá-lo por desonrar o nom e da fam ília.

Quanta ironia. Alguém haveria de deduzir que esfaquear um sociopata que tentara estuprar seu

colega seria um a coisa boa. Mas não quando o agressor era o seu perfeito prim o de prim eiro

grau.

Em câm era lenta, Qhuinn se colocou em postura de luta, preparado para enfrentar o ataque.

Não havia olhos para encarar, nenhum rosto em que reparar – e não havia m otivo para tal: o fato

de os m antos esconderem suas identidades supostam ente faria com que a pessoa que transgredira

sentisse com o se toda a sociedade desaprovasse as ações que ele executara.

Circundando, circundando, aproxim ando-se… No fim , conseguiriam derrubá-lo, m as ele os

feriria no processo.

E foi o que fez.

Mas ele tam bém teve razão: depois do que pareceram serem horas de defesa, ele

acabou de

costas, e foi nesse m om ento que a surra de fato aconteceu. Deitado no asfalto, ele cobriu a

cabeça e o escroto o m elhor que pôde, os golpes chovendo sobre ele, m antos negros voando

com o asas de corvos conform e era golpeado e surrado.

Depois de um tem po, não sentiu dor.

Iria m orrer ali no acostam ento da estrada…

– Pare! Não devem os m atá-lo!

A voz do irm ão atravessou tudo aquilo, atingindo-o de um m odo com o nenhum golpe podia

m ais…

Qhuinn despertou com um grito, levando as m ãos ao rosto, as coxas se elevando para proteger

a virilha…

Nenhum punho, nenhum taco vindo em sua direção.

E ele não estava no acostam ento da estrada.

Fazendo com que as luzes se acendessem , olhou ao redor do quarto no qual vinha ficando

desde que fora expulso da casa da própria fam ília. Não com binava em nada com ele, o papel de

parede de seda e os obj etos eram algo que a sua m ãe escolheria – ainda assim , naquele

m om ento, a visão de toda aquela quinquilharia que outra pessoa escolhera, com prara e

pendurara, fez com que ele se acalm asse.

Mesm o enquanto a lem brança pairava.

Deus, o som da voz do irm ão.

Seu próprio irm ão fizera parte da Guarda de Honra enviada atrás dele. Em retrospecto, isso

enviava um a m ensagem ainda m ais poderosa para a *glymera* sobre a seriedade com que a

fam ília cuidava dos seus assuntos. E não era com o se o cara não tivesse sido treinado. Ele

aprendera artes m arciais, em bora, naturalm ente, não lhe perm itissem lutar. Inferno, m al

perm itiram que ele brigasse nos treinos.

Valioso dem ais para a linhagem . E se ele se ferisse? Aquele que seguiria os passos do pai e um

dia se tornaria *lídher* do Conselho poderia ficar exposto.

Risco pequeno de um dano catastrófico para a fam ília.

Qhuinn, por sua vez… Antes de ser renegado, fora colocado no program a de treinam ento,

talvez com a esperança de que sofresse algum ferim ento m ortal no cam po de batalha e fizesse o

favor a todos de m orrer com honra.

Pare! Não devemos matá-lo!

Essa fora a últim a vez em que ouvira a voz do irm ão. Pouco depois de Qhuinn ter sido expulso

de casa, a Sociedade Redutora conduzira um a onda de ataques e m atara a todos,

o pai, a m ãe, a

irm ã – e Luchas.

Todos m orreram . E m esm o que um a parte sua os odiasse pelo que lhe fizeram , ele não

desej aria esse tipo de m orte a ninguém .

Qhuinn esfregou o rosto.

Hora de um a chuveirada. Era tudo o que ele sabia.

Pondo-se de pé, espreguiçou-se até as costas estalarem e verificou o celular. Um a m ensagem

de texto para o grupo anunciava que haveria um a reunião no escritório de Wrath; e um a espiada

rápida no relógio lhe inform ou que ele tinha pouco tem po.

O que não era ruim . Ao passar para velocidade acelerada e se apressar para o banheiro, era

um alívio se concentrar em coisas reais em vez de no passado m aldito.

Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito desse últim o a não ser am aldiçoá-lo. E ele

bem sabia que j á fizera isso o suficiente para doze vidas.

Hora de acordar, pensou.

Hora de ir trabalhar.

CAPÍTULO 13

Lá pela m esm a hora em que Qhuinn tom ava banho na casa principal, Blay despertou na

cadeira daquele escritoriozinho no subterrâneo. A dor de cabeça que lhe serviu

com o despertador

não se originava do vinho do Porto, m as pelo fato de ter pulado a Últim a Refeição. Mas,

caram ba, bem que ele queria que a bebida estivesse por trás do latej ar em seu crânio. Ele

poderia se valer disso para j ustificar o estado absolutam ente deplorável com que fora parar ali.

Praguej ando, abaixou as pernas da escrivaninha e se sentou m elhor. O corpo estava duro

com o um a tábua, as dores brotavam em todo tipo de lugar enquanto ele fez as luzes se

acenderem .

Merda. Ainda estava nu.

Mas até parece que os elfos recatados entrariam sorrateiram ente ali para vesti-lo enquanto

dorm ia… só para que ele não se lem brasse do que havia feito?

Vestindo os shorts, enfiou os pés nos tênis e se esticou para pegar a cam iseta antes m esm o de

se lem brar para o que a usara.

Ao olhar para as dobras am arrotadas do algodão e sentir os pontos endurecidos no tecido

m acio, deu-se conta de que nenhum a quantidade de racionalização m udaria o fato de ele ter

traído Saxton. Contato físico com alguém era apenas um a das m edidas da infidelidade – e, sim ,

isso era o m aior divisor. O que fizera na noite anterior, porém , fora um a

violação do

relacionam ento deles, m esm o que o orgasm o tivesse sido causado pelo cérebro e não pela sua

m ão.

Pondo-se de pé, sentiu-se m eio m orto ao se encam inhar para a porta e entreabri-la. Se

houvesse alguém nas im ediações, ele voltaria para dentro e esperaria até que o corredor

estivesse vazio. Ele absolutam ente não queria ser apanhado saindo daquele escritório vazio, m eio

despido e com aquela aparência lastim ável. O lado bom de viver no com plexo era que você

estava sem pre cercado por gente que se preocupava com você; o lado ruim era que todos tinham

olhos e ouvidos, e nenhum assunto particular era totalm ente particular.

Quando não ouviu nem vozes nem passos, explodiu para o corredor e com eçou a cam inhar

num a passada rápida, com o se estivesse estado em algum lugar com determ inado propósito e

estivesse se dirigindo para o quarto com um a finalidade igualm ente im portante. Teve a sensação

de ter se safado ao chegar ao túnel. Claro, não costum ava andar por aí sem cam isa, m as m uitos

dos outros Irm ãos e m achos faziam isso quando saíam da academ ia, não era nada extraordinário.

E ele realm ente sentiu com o se tivesse ganhado na loteria quando saiu de baixo

da grande

escadaria da m ansão e foi recebido por m ais um a bela dose de corredor vazio. O único problem a

era que, pelo som da louça sendo levada da sala de j antar, devia ser m ais tarde do que ele

im aginava. Obviam ente, perdera a Prim eira Refeição – notícia ruim para a sua cabeça, m as,

pelo m enos, ele tinha um as barras de proteína no quarto.

Sua sorte chegou ao fim quando ele subiu as escadas para o segundo andar. Parados diante das

portas fechadas do escritório de Wrath, Qhuinn e John estavam vestidos para o com bate, com as

arm as a postos e os corpos cobertos por couro preto.

De j eito nenhum ele olharia para Qhuinn. Só o fato de tê-lo em sua visão periférica era ruim o bastante.

– O que está acontecendo? – perguntou.

Temos uma reunião agora, sinalizou John. *Ou, pelo menos, era para termos. Não recebeu a*

mensagem?

Merda, ele não fazia ideia de onde estava seu telefone. No quarto? Tom ara.

– Vou tom ar um a chuveirada e volto j á.

Talvez tenha de se apressar. Os Irmãos estão a portas fechadas há meia hora. Não sei o que está

acontecendo.

Ao lado dele, Qhuinn se balançava para frente e para trás nos coturnos, a

oscilação do peso

fazendo parecer que estava andando, m esm o ele não indo a parte algum a.

– Cinco m inutos – m urm urou Blay . – Só preciso disso.

Ele esperava que a Irm andade abrisse as portas até lá, a últim a coisa que queria era ficar sem

fazer nada ao lado de Qhuinn.

Praguej ando ao andar, Blay correu até o quarto. Norm alm ente, ele dem orava para se

aprontar, ainda m ais se Sax estivesse a fim , m as dessa vez seria entrar, chuveiro e…

Ao abrir a porta, parou.

Mas o quê…?

Malas. Na cam a. Tantas que ele não conseguia ver m ais do que alguns centím etros do

edredom . E ele sabia a quem elas pertenciam . Guccis com binando, brancas com o logo azul-

m arinho e as alças de tecido em azul e verm elho, porque, segundo Saxton, o tradicional m arrom

sobre m arrom com verm elho e verde eram “óbvios dem ais”.

Blay fechou a porta em silêncio. Seu prim eiro pensam ento foi “puta m erda, Saxton sabe”. De

algum m odo, ele soube o que aconteceu no centro de treinam ento.

O m acho em questão apareceu do banheiro com os braços cheios de frascos de xam pu,

condicionador e outros produtos. E parou no ato.

– Oi – disse Blay . – Vai sair de férias?

Depois de um m om ento tenso, Saxton se aproxim ou, colocou os produtos num a m ala e se

virou. Com o sem pre, seu lindo cabelo loiro estava afastado da testa em ondas espessas. E ele

estava perfeitam ente bem vestido, em outro terno de tweed com colete com binando, um a

gravata verm elha e um lencinho de bolso tam bém verm elho só para dar o toque certo de cor.

– Acho que você sabe o que vou dizer – Saxton sorriu triste. – Porque você não é nenhum

idiota, assim com o eu não sou.

Blay foi se sentar na cam a, m as teve que m udar de ideia, pois não havia onde se acom odar.

Acabou na *chaise-longue* e, com um a inclinação discreta para o lado, enfiou a cam iseta suj a

debaixo do tecido do saiote. Longe dos olhos. Era o m ínim o que podia fazer.

Deus, aquilo estaria m esm o acontecendo?

– Não quero que você vá – Blay se ouviu dizendo com voz grave.

– Acredito nisso.

Blay olhou para além das m alas.

– Por que agora?

Pensou nos dois no dia anterior, debaixo dos lençóis, fazendo sexo selvagem . Estiveram tão

próxim os… Ainda que, sendo brutalm ente honesto, talvez aquilo tivesse sido

apenas físico.

Retire o *talvez*.

– Venho enganando a m im m esm o – Saxton balançou a cabeça. – Pensei que poderia

continuar com você assim , m as não posso. Isto está m e m atando.

Blay fechou os olhos.

– Sei que tenho ficado m uito tem po fora…

– Não é disso que estou falando.

Enquanto Qhuinn tom ava todo o espaço entre eles, Blay quis gritar. Mas que bem aquilo faria?

Parecia que ele e Saxton chegaram ao m esm o beco sem saída no m esm o m om ento lam entável.

Seu am ante o fitou por cim a da bagagem .

– Acabei aquela m issão para Wrath. É um a boa hora para term inarm os, para eu m e m udar e

encontrar outro em prego…

– Espere, quer dizer que está abandonando o Rei tam bém ? – Blay franziu o rosto. – Não

im porta com o estej am as coisas entre nós, você precisa continuar trabalhando para ele. Isso é

m ais im portante do que o nosso relacionam ento.

O olhar de Saxton abaixou.

– Suspeito que isso sej a m ais fácil para você dizer.

– Não é verdade – rebateu Blay inflexível. – Deus, eu… sinto m uito.

– Você não fez nada errado. Você tem que saber que não sinto raiva de você, nem am argura.

Você sem pre foi honesto, e eu sem pre soube que term inaria assim entre nós. Eu só não sabia

quando. Não sabia… até chegar ao fim . Que é agora.

Ai, droga.

Mesm o sabendo que Saxton estava certo, Blay sentiu um a necessidade com pulsiva de lutar por

ele.

– Preste atenção, tenho estado distraído na últim a sem ana, e eu sinto m uito. Mas as coisas vão

acabar se aj eitando, e você e eu vam os voltar ao norm al…

– Eu te am o.

Blay fechou a boca de súbito.

– Por isso, vej a – Saxton continuou rouco –, não foi você quem m udou. Fui *eu*… e eu sinto que

as m inhas em oções tolas nos distanciaram .

Blay se colocou de pé e avançou pelo carpete de bela textura até o outro m acho.

Ao chegar ao seu destino, ficou aliviado a ponto de sentir lágrim as nos olhos por Saxton aceitar

o seu abraço. Ao segurar o seu prim eiro am ante verdadeiro contra si, sentindo a diferença

fam iliar em suas alturas e o perfum e m aravilhoso da sua colônia, um a parte dele queria discutir

aquele rom pim ento até que os dois desistissem e continuassem tentando.

Mas não seria j usto.

Com o Saxton, ele tivera a vaga noção de que as coisas term inariam em algum m om ento. E, tal

qual seu am ante, tam bém se surpreendia por ser agora.

O que, claro, não alterava o resultado.

Saxton recuou um passo.

– Nunca tive a intenção de m e envolver em ocionalm ente.

– Desculpe… Eu sinto m uito – m erda, isso era tudo o que saía da sua boca. – Eu daria tudo

para que fosse diferente. Eu queria… ser diferente.

– Eu sei – Saxton esticou a m ão e resvalou-a na lateral do rosto dele. – Eu perdoo você… e

você tem que se perdoar.

Ele não tinha certeza se poderia fazer isso; ainda m ais agora, nesse m om ento, e com o sem pre,

quando um a ligação em ocional que não queria, e que não poderia m udar, m ais um a vez o

im pedia de ter algo que desej ava.

Qhuinn era um a trem enda m aldição para ele, era isso o que o cara era.

Cerca de 25 quilôm etros ao sul da m ontanha do com plexo da Irm andade, Assail despertou em

sua cam a redonda na suíte principal da sua m ansão às m argens do Hudson. Acim a dele, painéis

espelhados cobriam o teto e seu corpo nu estava ilum inado com o brilho suave das luzes

instaladas ao redor da base do colchão. O quarto octogonal estava escuro fora isso, as cortinas

fechadas, a noite escondida.

Ao pensar em todo o vidro da casa, sabia que m uitos vam piros considerariam as acom odações

inadequadas. Muitos evitariam a m ansão por com pleto.

Risco dem ais durante o dia.

Assail, contudo, nunca se sentira preso a convenções, e o perigo inerente de m orar num a

construção com tanto acesso à luz era algo que podia ser adm inistrado, e não evitado.

Levantando-se, foi para a escrivaninha, ligou o com putador e acessou o sistem a de segurança

que m onitorava não apenas a casa, m as toda a propriedade. Alertas soaram várias vezes nas

prim eiras horas do dia, avisos não de ataques im inentes, m as de algum tipo de atividade que fora

detectado pelo program a de filtragem do sistem a de segurança.

Na verdade, faltava-lhe a energia para se preocupar dem ais, um sinal indesej ável de que

precisava se alim entar…

Assail franziu o cenho ao receber o relatório.

Ora, se aquilo não era interessante.

E era exatam ente por isso que ele instalara todo aquele equipam ento.

Nas im agens produzidas pelas câm eras de trás, ele viu um a figura vestida com

um a roupa

cam uflada de neve passeando em esquis de cross-country pelo m eio da floresta, aproxim ando-se

da casa pelo norte. Quem quer que fosse, perm aneceu escondido entre os pinheiros grande parte

do tem po, e vigiou a casa por diversos ângulos por aproxim adam ente dezenove m inutos… antes

de atravessar o lim ite de pinheiros a oeste, atravessando a propriedade vizinha, e descendo pelo

gelo. Duzentos m etros m ais à frente, o hom em parou, pegou os binóculos novam ente, e encarou

a casa de Assail. Depois, circundou a península que se proj etava do rio, voltou a entrar na floresta

e desapareceu.

Aproxim ando-se da tela, Assail repetiu a gravação, aum entando o zoom para identificar a

expressão facial, se possível. Mas não foi. A cabeça estava coberta por um a m áscara de esqui,

com abertura apenas para os olhos, o nariz e a boca. Junto à parca e às calças de esqui, o hom em

estava coberto dos pés à cabeça.

Recostando-se, Assail sorriu para si m esm o, as presas form igando num a reação territorial.

Só existiam dois grupos que poderiam se interessar em suas atividades, e a j ulgar pela luz solar

que reinara durante aquele reconhecim ento, ficou claro que a curiosidade não se

originara da

Irm andade: Wrath j am ais usaria hum anos para qualquer outra coisa que não fosse um a fonte

derradeira de alim entação, e nenhum vam piro suportaria aquela intensidade de luz solar sem se

incendiar.

Restava, então, alguém do m undo hum ano. E só havia um hom em com interesse e recursos

para tentar atacar a ele e ao seu território.

– Entre – disse ele pouco antes de um a batida soar à porta.

Enquanto um par de m achos entrava, ele não se deu ao trabalho de desviar a vista da tela do

com putador.

– Com o dorm iram ?

Um a voz conhecida e grave respondeu:

– Com o os m ortos.

– Que bom para você. Mudança de fuso horário pode ser um a inconveniência, pelo que sei. A

propósito, tivem os um visitante esta m anhã.

Assail inclinou-se para um lado a fim de que seus dois associados vissem a film agem .

Era estranho ter gente m orando com ele, m as teria que se acostum ar à presença deles.

Quando chegara ao Novo Mundo, fora um a viagem solitária, e ele tivera a intenção de m anter

essa situação por inúm eros m otivos. O sucesso no ram o escolhido, todavia, exigira que ele

cham asse um a retaguarda – e as únicas pessoas nas quais poderia confiar parcialm ente eram da

fam ília.

E aqueles dois ofereciam um benefício sem igual.

Seus dois prim os eram um a raridade na espécie vam piresca: eram gêm eos idênticos. Quando

totalm ente vestidos, o único m odo de distingui-los era por um a única pinta atrás do lóbulo da

orelha; fora isso, desde as vozes até os olhos negros e desconfiados, incluindo os corpos

m usculosos, eram o reflexo perfeito um do outro.

– Vou sair – anunciou Assail. – Se o nosso visitante aparecer novam ente, sej am hospitaleiros,

sim ?

Ehric, o m ais velho por questão de m inutos, olhou de relance, o rosto destacado pela

ilum inação da base da cam a. Tanta m aldade naquela bela com binação de feições… a ponto de

alguém quase sentir pena do intruso.

– Será um prazer, eu garanto.

– Mantenha-o vivo.

– Claro.

– Essa é um a divisória um tanto sutil que vocês dois às vezes gostaram de

apreciar.

– Confie em m im .

– Não é você quem m e preocupa – Assail olhou para o outro. – Entendeu?

O gêm eo de Ehric perm aneceu calado, apesar de concordar com a cabeça um a vez.

Era precisam ente por essa reação contrariada que Assail preferiria ter m antido a sua vida

nova sim ples. Mas era im possível estar em m ais de um lugar ao m esm o tem po. E aquela

violação de privacidade era a prova de que ele não poderia fazer tudo sozinho.

– Sabem com o m e encontrar – disse antes de dispensá-los do quarto.

Vinte m inutos m ais tarde, saiu da casa de banho tom ado, vestido e atrás do volante do seu

Range Rover blindado.

O centro da cidade de Caldwell à noite era belo de longe, especialm ente ao passar pela ponte

de acesso. Só depois que ele penetrou no sistem a viário que o esgoto da cidade ficou evidente: os

becos com neve suj a acum ulada, as latas de lixo transbordando e os hum anos sem -teto

descartados, m eio congelados, contavam a triste verdade sobre a desprotegida m unicipalidade.

Seu local de trabalho, evidentem ente.

Ao chegar à Galeria de Arte Benloise, estacionou nos fundos, em um a das vagas que era

paralela à construção atrás do estabelecim ento. Ao sair do carro, o vento frio açoitou o casaco de

pelo de cam elo e ele teve que segurar as duas pontas j untas ao atravessar a calçada,

aproxim ando-se da porta de tam anho industrial.

Não teve que bater. Ricardo Benloise tinha m uitas pessoas trabalhando para ele e nem todos

eram do tipo que se associava aos negociantes das artes. Um m acho hum ano do tam anho de um

parque de diversões abriu a porta e ficou de lado.

– Ele o está aguardando?

– Não, não está.

Disney lândia assentiu.

– Quer esperar na galeria?

– Seria bom .

– Quer beber algum a coisa?

– Não, obrigado.

Ao atravessarem a parte do escritório e seguirem para o espaço de exibições, a deferência

agora concedida a Assail era algo novo, m erecido tanto pelos enorm es pedidos de m ercadoria

que ele vinha fazendo quanto pelo sangue derram ado de incontáveis hum anos. Graças a ele, a

taxa de suicídio entre os m achos desprivilegiados entre os 18 e os 29 anos com registros crim inais

em drogas aum entou com o nunca na cidade, chegando ao noticiário nacional.

Im agine só.

Enquanto âncoras de TV e repórteres tentavam entender essas tragédias, ele sim plesm ente

continuava a expandir os negócios usando qualquer m eio necessário. As m entes hum anas eram

trem endam ente sugestionáveis; praticam ente nenhum esforço era necessário para fazer com que

os traficantes interm ediários levassem as pistolas às têm poras e apertassem os gatilhos. E, do

m esm o m odo com o a natureza abom inava um vácuo, o m esm o acontecia com a dem anda de

suplem entos quím icos.

Assail tinha as drogas. Os viciados tinham o dinheiro.

O sistem a econôm ico m ais do que sobrevivia à reorganização forçada.

– Vou subir – disse o hom em na porta cam uflada – para avisar da sua chegada.

– Leve o tem po de que precisar.

Deixado só, Assail passeou pelo espaço aberto de teto alto, entrelaçando as m ãos às costas. De

vez em quando, parava para ver a “arte” pendurada nas paredes e nas divisórias e foi lem brado

do m otivo pelo qual os hum anos deviam ser erradicados, preferencialm ente com m étodos lentos

e dolorosos.

Pratos de papel usados colados a tábuas de com pensados baratas recobertas com

citações de

com erciais de TV escritas à m ão? Um autorretrato feito com crem e dental? E igualm ente

ofensivas eram as placas enaltecedoras ao lado das porcarias declarando que aquela tolice era a

nova onda do Expressionism o Am ericano.

Tam anha explicação sobre a cultura de tantas m aneiras.

– Ele pode recebê-lo agora.

Assail sorriu para si m esm o e se virou.

– Quanta gentileza.

Ao passar pela porta escondida e subir até o terceiro andar, Assail não condenou seu

fornecedor por ser desconfiado e querer m ais inform ações a respeito do seu m aior cliente.

Afinal, num espaço m uito curto de tem po, o tráfico de drogas da cidade fora rem anej ado,

redefinido e controlado por um com pleto desconhecido.

Há que se respeitar a posição do hom em .

Mas as investigações term inariam ali.

No topo das escadas, outros dois hom enzarrões estavam diante da porta, tão sólidos quanto

vigas de sustentação. Assim com o o segurança do prim eiro andar, logo abriram a porta e

acenaram em sua direção respeitosam ente.

Do lado oposto, Benloise estava sentado no fundo de um a sala estreita com j anelas em um dos

lados e apenas três peças de m obiliário: sua escrivaninha elevada, que não passava de um a

prancha grossa de teca com um abaj ur m oderno e um cinzeiro por cim a; a cadeira dele, com

um estilo m oderno; e um segundo assento no lado oposto para apenas um visitante.

O hom em em si era com o o seu am biente: lim po, oficioso e despoj ado em seu m odo de

pensar. Na verdade, ele provou que, por m ais ilícito que fosse o tráfico de drogas, os princípios de

gerenciam ento e as habilidades interpessoais de um CEO im portavam m uito se você quisesse

faturar m ilhões com isso e m anter o dinheiro.

– Assail. Com o vai? – o hom em baixinho se levantou e esticou a m ão. – É um prazer

inesperado.

Assail atravessou a sala, apertou o que lhe foi estendido e não esperou pelo convite para se

sentar.

– O que posso fazer por você? – perguntou Benloise ao voltar a se sentar.

Assail pegou um charuto cubano de dentro do bolso. Cortando a ponta, inclinou-se para frente e

colocou a ponta desprezada sobre o tam po da m esa.

Enquanto Benloise franzia o cenho com o se alguém tivesse defecado em sua

cam a, Assail

sorriu o suficiente para exibir rapidam ente suas presas.

– Trata-se do que eu posso fazer por você.

– Ah.

– Sem pre fui um hom em reservado, levando um a vida privada por livre escolha – guardou o

cortador e pegou um isqueiro de ouro. Acendendo a cham a, inclinou-se e tragou até o charuto

sustentar a ponta queim ada. – Contudo, m ais im portante do que isso, sou um hom em de negócios

envolvido num ram o perigoso. Dessa form a, considero qualquer invasão na m inha propriedade

ou intrusão no m eu anonim ato com o um ato direto de agressão.

Benloise sorriu com suavidade e se recostou na cadeira em form a de trono.

– Respeito-o por isso, claro, todavia estou confuso quanto aos m otivos de você sentir a

necessidade de explicitar isso para m im .

– Você e eu entram os num relacionam ento m utuam ente benéfico, e é m eu desej o continuar

com essa associação – Assail bafej ou o charuto, soltando um a nuvem de fum aça azul francês. –

Portanto, quero lhe m ostrar o devido respeito e deixar isso claro antes de agir, pois se eu

descobrir qualquer pessoa na m inha propriedade a quem eu não tenha convidado, eu não só o

erradicarei, com o tam bém descobrirei a origem das investigações – e bafej ou novam ente – e

farei o que for necessário para defender a m inha privacidade. Estou sendo bem claro?

As sobrancelhas de Benloise se abaixaram , os olhos escuros se zangando.

– Estou? – m urm urou Assail.

Havia, obviam ente, apenas um a resposta. Levando-se em consideração que o hum ano

desej ava viver m ais do que até aquele final de sem ana.

– Sabe, você m e lem bra o seu predecessor – Benloise disse num sotaque britânico. – Conheceu

o Reverendo?

– Sim , frequentam os alguns dos m esm os círculos.

– Ele foi assassinado de m odo bem violento. Cerca de um ano atrás, não? A boate dele foi

explodida.

– Acidentes acontecem .

– Norm alm ente em casa, pelo que ouvi dizer.

– Algo de que deve sem pre se lem brar.

Enquanto Assail sustentava aquele olhar, Benloise desviou o dele prim eiro. Pigarreando, o

m aior im portador de drogas da costa leste passou a palm a da m ão sobre o tam po lustroso da

m esa, com o se sentisse os veios da m adeira.

– Os nossos negócios – disse Benloise – têm um delicado ecossistem a que, por conta de toda a

sua robustez financeira, deve ser m antido cuidadosam ente. A estabilidade é rara e m uito

desej ável para hom ens com o você e eu.

– Concordo. E para que isso aconteça, pretendo retornar à conclusão da noite com o m eu

pagam ento desse ínterim , conform e planej ado. Com o sem pre, venho a você em boa fé, e não

lhe dou m otivos para duvidar das m inhas intenções.

Benloise lhe ofereceu outro sorriso suave.

– Você faz parecer com o se eu estivesse por trás – ele m oveu a m ão num gesto aleatório de

dispensa no ar – do que quer que o tenha incom odado.

Inclinando-se para frente, Assail deixou o queixo cair e o encarou.

– Não estou incom odado. Ainda.

Um a das m ãos de Benloise sub-repticiam ente saiu do cam po de visão. Um a fração de segundo

depois, Assail ouviu a porta do outro lado do côm odo se abrir.

Mantendo a voz baixa, Assail disse:

– Isto foi um a cortesia para você. Da próxim a vez que eu encontrar alguém na m inha

propriedade, quer você o tenha enviado ou não, não dem onstrarei nem m etade dessa educação.

Dito isso, levantou-se e enterrou o charuto no tam po da m esa.

– Desej o-lhe um a boa noite – disse antes de sair.

CAPÍTULO 14

Aquilo sim é que era com eçar tarde.

Enquanto Qhuinn se desm aterializava para longe da m ansão, ele custava a acreditar que j á

fosse dez da noite e eles estavam apenas com eçando. Pensando bem , a Irm andade ficou enfiada

no escritório de Wrath pelo que pareceu um a eternidade e quando ele e John, por fim , foram

adm itidos, o anúncio de V. de que a prova contra o Bando de Bastardos era concreta levou a m ais

um a bela m eia hora de excom unhão de Xcor e dos com parsas.

Diferentes usos criativos para a palavra *arregaçar*, bem com o excelentes sugestões de onde se

enfiar obj etos inanim ados.

Ele j am ais pensara em fazer aquilo com um rastelo, por exem plo. Divertido. Muito divertido.

E Blay perdera aquilo tudo.

Retom ando form a num a área florestal a sudoeste do com plexo, Qhuinn evitou pensar em que

tipo de interferências o pudesse ter retardado, ainda que a verdade fosse que o lutador subira para

o quarto e não voltara. E por m ais que a m aioria dos acidentes acontecesse em casa, seria um

bom palpite deduzir que ele não escorregara e caíra.

A m enos que Saxton estivesse brincando com o tapete no piso de m árm ore do banheiro.

Sentindo com o se quisesse se estapear, vasculhou o cenário coberto de neve enquanto John,

Rhage e Z. surgiam ao seu lado. As coordenadas daquela localização foram encontradas nos

telefones dos ladrões de carro da noite anterior, a propriedade aparentem ente abandonada cerca

de quinze a vinte quilôm etros além do local em que ele encontrara o Hum m er roubado.

– Que diabos é isso?

Enquanto alguém falava, ele olhou por sobre o om bro. “Que diabos” estava certo: assom ando-

se atrás deles estava um a construção tão alta quanto um cam panário de igrej a e tão sim ples

quanto um a lata de lixo reciclável.

– Hangar de aviões – anunciou Zsadist ao com eçar a andar naquela direção. – Só pode ser.

Qhuinn o seguiu, tom ando a retaguarda caso alguém resolvesse fazer um a surpresa.

Do nada, Blay apareceu, todo coberto em couro e tão arm ado quanto o resto deles. Em

reação, os pés de Qhuinn dim inuíram de velocidade, depois pararam na neve, em boa parte

porque não queria tropeçar e parecer um tolo.

Puxa, ele parecia bem sério. Haveria problem as no paraíso?

Ainda que não existisse nenhum contato visual entre eles, Qhuinn se sentiu com pelido a dizer

algo:

– O que…

Não concluiu a frase. Por que se im portar? O cara passou por ele com o se ele nem estivesse

ali.

– Estou bem – m urm urou Qhuinn, voltando a avançar pela neve com pacta. – Obrigado por

perguntar. Ah, está tendo problem as com Saxton? Mesm o? Que tal sairm os para tom ar um

drinque e conversar a respeito? É? Perfeito. Posso ser a sua m enta pós-j antar e…

Ele interrom peu o m onólogo fantasioso quando a brisa m udou de direção e seu nariz captou

algo adocicado e desagradável.

Todos sacaram as arm as e se concentraram no hangar.

– Estam os a favor do vento – observou Rhage –, portanto, a bagunça aí dentro deve ser

incrível.

Os cinco se aproxim aram da construção com cautela, espalhando-se e vasculhando o

am biente ilum inado pelo luar à procura de algo que se m ovesse.

O hangar tinha duas entradas, um a bipartida e grande o bastante para deixar passar a

envergadura de um a asa, e a outra supostam ente para pessoas, que, em com paração, parecia do

tam anho de um a Barbie. E Rhage tinha razão: apesar de o vento gélido os atingir pelas costas, o

cheiro era forte o bastante para aguçar as narinas, e não no bom sentido.

Caram ba, o frio costum ava aplacar o fedor.

Com unicando-se por gestos, dividiram -se em dois grupos, com ele e John ficando num dos

lados das portas duplas gigantes, e Rhage, Blay e Z. na entrada m enor.

Rhage, com o era de se esperar, tentou a m açaneta enquanto todos se preparavam para um

confronto. Se houvesse o equivalente a um tim e de futebol de *redutores* ali, fazia sentido enviar o Irm ão prim eiro, porque ele tinha o tipo de retaguarda que ninguém tinha: a besta am ava

assassinos, e não no sentido de ter um relacionam ento com eles.

Quem tinha falado em m enta m esm o?

Holly wood levou a m ão acim a da cabeça. Três… dois… um …

O Irm ão penetrou no silêncio absoluto, em purrando a porta e entrando sorrateiram ente. Z. foi

em seguida e Blay o acom panhou.

Qhuinn sentiu um segundo de puro terror quando o m acho saltou para o desconhecido com

nada além de um par de pistolas .40 para protegê-lo. Deus, a ideia de que Blay pudesse m orrer

naquela noite, bem na sua frente, naquela m issão com um , fez com que ele quisesse parar com

toda aquela tolice de defender a raça e transform ar o lutador num bibliotecário. Ou m odelo de

m ãos. Ou cabeleireiro…

O assobio que surgiu m enos de sessenta segundos depois foi um a dádiva de Deus. O sinal de Z.

de que estava tudo bem para que ele e John se reposicionassem , indo para a lateral da agora

porta aberta e passando por…

Ok. Uau.

Falando em fedor. Nota m áxim a…

Os três que entraram antes ligaram as lanternas, e os fachos de luz cortaram o espaço

cavernoso, atravessando a escuridão, ilum inando o que a princípio não parecia ser nada além de

um a cam ada de gelo negro. A não ser pelo fato de não ser preto e de não estar congelado. Era

sangue hum ano engrossado – uns m il litros da coisa. Misturado com um a boa quantidade de

Ôm ega.

O hangar foi o local de um a iniciação em m assa, num a escala que tornava o que acontecia há

um tem po naquela casa de cam po nada m ais do que um a brincadeira de criança.

– Acho que os garotos que você castigou estavam vindo para um a festa e tanto – com entou

Rhage.

– Bem observado – m urm urou Z.

Enquanto fachos de luz destacavam um velho e decrépito avião no fundo, e absolutam ente

nada m ais, Z. balançou a cabeça.

– Vam os vasculhar o exterior. Não há nada aqui.

Visto que o chalé não prom etia m uito pelo lado de fora, apenas um a típica cabana de

caçador/pescador no m eio da floresta, o Sr. C. sentiu-se tentado a ignorar a m aldita coisa. A

perfeição tinha as suas virtudes, contudo, e a localização do chalé, cerca de uns dois ou três

quilôm etros para dentro daquele pedaço de terra, sugeria que ele podia ter sido usado com o um

quartel-general a certa altura.

Levando-se tudo em consideração, teria sido m ais inteligente verificar a propriedade antes de

ele ter usado o hangar para a m aior iniciação da história da Sociedade Redutora. Mas as

prioridades se apresentaram daquele m odo. Prim eiro, ele teve que se colocar no controle;

segundo, de j ustificar a prom oção; e terceiro, de lidar com todos aqueles novos *redutores*.

E isso significava que ele precisava de recursos. Rápido.

Seguindo a cerim ônia grande e suj a de Ôm ega, e o período nauseante que durou algum as

horas depois, o Sr. C. ordenara que os novos recrutas subissem num ônibus

escolar que ele

roubara de um a loj a de veículos usados um a sem ana antes. Devido à exaustão e ao desconforto

físico em que se encontravam , portaram -se com o garotinhos obedientes, entrando e sentando-se

dois a dois com o se estivessem num a porra de um a Arca de Noé.

Dali, ele m esm o dirigira (por não confiar esse tipo de bem a qualquer um) para a Escola para

Garotas de Brownswick. A extinta escola preparatória ficava no subúrbio em 35 acres de

propriedades ignoradas, dilapidadas e cobertas de m ato, e os boatos de ser assom brada

m antinham afastadas as pessoas norm ais.

Por enquanto, a Sociedade Redutora estava desabrigada, m as a placa “Vende-se” na curva

perto da estrada significava que ele poderia dar um j eito nisso. Tão logo arranj asse algum

dinheiro.

Com os rapazes term inando de se recuperar na escola, e os assassinos atuais no centro à

procura da Irm andade, ele estava por conta catalogando as poucas propriedades restantes da

Sociedade – inclusive aquele pedaço praticam ente deserto de floresta ao norte da cidade.

Em bora com eçasse a acreditar que estivesse perdendo tem po.

Subindo na varanda do chalé, ilum inou o interior com um a lanterna. Fogão

antigo. Mesa de

m adeira tosca com duas cadeiras. Três cam as sem colchão, nem lençóis. Quitinete.

Dando a volta para os fundos, ele encontrou um gerador sem com bustível e um tanque de

diesel enferruj ado, o que sugeria que o lugar teve algum tipo de aquecim ento em algum a época.

Voltando para a frente, tentou a porta e descobriu-a trancada.

Não fazia diferença. Não havia m uita coisa ali.

Pegando um m apa de dentro da j aqueta de aviador, desdobrou-o e encontrou sua localização.

Verificando o quadradinho, pegou a bússola, aj ustou a direção e com eçou a cam inhar para o

noroeste.

De acordo com aquele m apa, que ele havia encontrado no antro de drogas do Redutor

Principal, aquele pedaço de propriedade totalizava cinco acres e tinha esse tipo de chalé

espalhado em intervalos randôm icos. Ele im aginava que o lugar devia ter sido algum tipo de

acam pam ento com proprietários m últiplos, um tipo de reserva de caça m oderna que se perdera

para a carga tributária do Estado de Nova York e depois com prada pela Sociedade nos anos

oitenta.

Pelo m enos era isso o que estava escrito à m ão no canto, em bora só Deus

soubesse se a

Sociedade ainda era a proprietária daquilo. Considerando-se a situação financeira da

organização, o bom e velho Estado de Nova York poderia bem ter o penhor da propriedade a esta

altura, ou até m esm o tê-la reem possado.

Ele parou e verificou a bússola novam ente. Caram ba, sendo urbano, ele detestava vagar pela

floresta à noite, superando a neve com dificuldade, verificando aquele tipo de m erda com o se

fosse algum tipo de guarda florestal. Mas ele tinha de ver com seus próprios olhos aquilo com que

tinha que trabalhar, e só havia um m odo de fazer isso.

Ao m enos tinha um fluxo de receita preparado.

Nas próxim as 24 horas, quando aqueles garotos estivessem finalm ente de pé, ele voltaria a

preencher os cofres. Aquele era o prim eiro passo rum o à recuperação.

Passo núm ero dois?

A dom inação do m undo.

CAPÍTULO 15

Ela estava sangrando.

Quando Lay la olhou para o papel higiênico na m ão, a m ancha verm elha em todo aquele

branco era o equivalente visual de um grito.

Esticando a m ão para trás, deu a descarga, e teve que usar a parede para se equilibrar ao se

levantar. Com um a m ão no baixo ventre e a outra sobre a bancada da pia e depois na m açaneta,

ela tropicou para o quarto e foi direto para o telefone.

Seu prim eiro instinto foi ligar para a doutora Jane, m as decidiu não fazer isso. Concluindo que

estava sofrendo um aborto espontâneo, existia a possibilidade de poupar Qhuinn da ira do

Prim ale. Desde que ela deixasse aquilo debaixo dos panos. E usar a clínica geral da Irm andade

provavelm ente não seria o m elhor m odo de assegurar privacidade.

Afinal, só havia um m otivo para um a fêm ea sangrar. E perguntas a respeito do seu cio e de

com o ela lidara com isso inevitavelm ente se seguiriam .

Na m esinha de cabeceira, ela abriu um a gaveta e retirou um caderninho preto. Encontrando o

núm ero da clínica da raça, ela discou com m ãos trêm ulas.

Quando desligou pouco depois, tinha um horário m arcado para dali a trinta m inutos.

Mas com o sairia dali? Não poderia se desm aterializar, estava ansiosa dem ais e, de qualquer

m odo, fêm eas grávidas eram desencoraj adas a fazer isso. E ela tam bém não se sentia forte o

bastante para dirigir até lá. As aulas de Qhuinn foram bem abrangentes, m as ela não conseguia

se im aginar, em seu estado, pegando a autoestrada e tentando acom panhar o fluxo do tráfego

hum ano.

Fritz Perlm utter era a sua única resposta.

Indo até o arm ário, pegou um a cam isola m acia, torceu-a num a corda espessa e colocou-a

entre as pernas com a aj uda de diversos pares de calcinha. A solução para o seu problem a de

sangram ento m ostrou-se incrivelm ente volum osa e dificultou o andar, m as esse era o m enor dos

seus problem as.

Um telefonem a para a cozinha garantiu que o m ordom o a levaria.

Agora ela só precisava descer as escadas, sair pelo vestíbulo e entrar inteira no enorm e sedã.

Tudo isso sem se deparar com nenhum m acho da casa.

Bem quando estava para sair do quarto, viu seu reflexo no espelho na parede. O m anto branco

e seu penteado form al anunciavam seu status de Escolhida com o nenhum a outra coisa. Ninguém

além das fêm eas sagradas da Virgem Escriba da espécie se vestia daquela form a.

Mesm o se aparecesse sob o nom e fictício que fornecera à recepcionista, todos adivinhariam

sua afiliação sobrenatural.

Tirando o m anto, tentou entrar num par de calças de ioga, m as o enchim ento que aj ustara em

si im possibilitou isso. E os j eans que ela e Qhuinn com praram j untos tam bém não estavam dando

certo.

Tirando a cam isola, ela usou papel higiênico do banheiro para lidar com o problem a e

conseguiu entrar nos j eans. Um suéter pesado a esquentaria e um a bela escovada nos cabelos e

um rabo de cavalo faria com que ela parecesse… quase norm al.

Saindo do quarto, ela segurou o tal do celular que Qhuinn lhe dera. Passou pela sua cabeça

telefonar para ele, m as, na verdade, o que diria? Ele tinha tanto controle sobre aquele processo

quanto ela…

Ah, santa Virgem Escriba, ela estava perdendo o bebê.

O pensam ento lhe ocorreu bem quando ela chegou ao topo da escadaria principal. Ela estava

perdendo o bebê deles. Naquele instante. Ali do lado de fora do escritório do Rei.

De repente, o teto caiu sobre a sua cabeça e as paredes do vestíbulo grande e espaçoso a

apertaram tanto que ela não conseguia respirar.

– Sua Graça?

Estrem ecendo, ela olhou para baixo para a passadeira verm elha. Fritz estava ao pé das

escadas, vestido em seu costum eiro uniform e, e sua adorável e anciã expressão carregada de

preocupação.

– Sua Graça, vam os agora? – perguntou ele.

Quando ela assentiu e desceu com cuidado, não conseguia crer que tudo aquilo fora para nada,

todas aquelas horas de esforço com Qhuinn… os gélidos m om entos seguintes nos quais ela não

conseguia se m over… a espera e antecipação de um a esperança quieta e traiçoeira.

O fato de ter cedido o presente de sua virgindade a troco de nada.

Qhuinn sofreria tanto, e o fracasso que ela im pingiria a ele só aum entava im ensam ente o seu

próprio sofrim ento. Ele sacrificara o corpo durante o cio dela, o desej o dele de ter um laço de

sangue incitando-o a fazer algo que ele não teria, de outro m odo, escolhido fazer.

O fato de a biologia ter suas vontades não a aliviava.

A perda… ainda parecia ser culpa sua.

Tom ar outra dose para acabar com a ressaca.

Saxton acreditava que esse adágio era grosseiro, no entanto, verdadeiro.

Parado nu diante do espelho do banheiro, abaixou o secador e passou os dedos pelos cabelos.

As ondas se assentaram em seu estado norm al, os fios loiros encontrando um a disposição perfeita

para com plem entar o rosto quadrado e equilibrado.

A im agem que ele via era exatam ente aquela da noite anterior, e da anterior

àquela, contudo,

por m ais fam iliar que seu reflexo fosse, ele se sentia com o se pertencesse a um a pessoa

diferente, à parte.

Seu corpo m udara tanto por dentro, parecia bem razoável deduzir que a transform ação se

ecoaria na aparência. Deus, não era assim !

Virando e saindo para o closet, im aginou que não deveria se surpreender, tanto pelo seu íntim o

perturbado quanto pelo seu exterior de falsa com postura.

Depois que ele e Blay conversaram , ele precisou de um a hora para tirar tudo do quarto em

que ficara com o antigo am ante e voltar para a suíte no fim do corredor. Ele recebera aquelas

acom odações quando fora m orar na m ansão, porém , conform e as coisas progrediram com

Blay , seus pertences gradualm ente m igraram para o outro quarto.

Esse processo m igratório fora crescente, assim com o o seu am or: um caso de um a cam isa

aqui e um par de sapatos acolá, um a escova de cabelos um a noite e m eias na seguinte… um a

conversa de valores partilhados seguida por um a m aratona de sete horas de sexo acom panhada

por um pote de sorvete de café Brey ers com apenas um a colher.

Ele não percebera a distância transposta pelo seu coração, do m esm o m odo com o um

andarilho se vê perdido em m eio à selva. Contudo, quinze quilôm etros e um determ inado núm ero

de bifurcações em seu cam inho m ais tarde e não havia com o voltar. Àquela altura, não restava

alternativa a não ser organizar seus recursos para construir um abrigo e criar raízes novas.

Ele deduzira que construiria seu novo espaço pessoal com Blay .

Sim , deduzira. Afinal, por quanto tem po poderia sobreviver um am or não correspondido?

Com o o fogo precisa de oxigênio para queim ar, assim é com as em oções.

Não no que se referia a Qhuinn, ao que tudo levava a crer. Não para Blay .

Saxton estava decidido a não sair da m ansão real, porém . Quanto a isso, Blay tinha razão:

Wrath, o Rei, precisava dele, e, m ais do que isso, ele gostava do seu trabalho ali. Era ágil,

desafiador… e a parte egoísta que havia dentro de si queria ser o advogado que reform aria a lei

da m aneira correta.

Deduzindo-se que o trono não seria tom ado e que ele não fosse decapitado num novo regim e.

Mas não se podia viver preocupado com coisas com o essa.

Pegando um terno de xadrez escocês do closet, escolheu um a cam isa e um colete e estendeu

tudo sobre a cam a.

Era um clichê triste, bem desestim ulante, sair para procurar algo núbil e espiritual para aplacar

a dor, m as ele preferia ter um orgasm o a se em briagar. Além disso, o “finj a até encontrar um

propósito novam ente” parecia dar certo.

E parecia especialm ente verdadeiro quando ele se olhou arrum ado no espelho de corpo inteiro

do banheiro, e isso aj udava.

Antes de sair, verificou o celular novam ente. As Leis Antigas foram rem odeladas seguindo as

ordens de Wrath, e agora ele estava de prontidão, à espera da nova tarefa.

Deduziu que logo descobriria o que seria.

Wrath era notoriam ente exigente, m as nunca irracional.

Nesse ínterim , ele afogaria sua tristeza no único tipo de “loira gelada” que o apetecia… algo

com vinte e poucos anos, lá pelos seus um e oitenta de altura, atlético…

E preferivelm ente m oreno. Ou loiro.

CAPÍTULO 16

– Alguém j á passou por aqui.

Enquanto Rhage falava, Qhuinn pegou sua lanterna de bolso e apontou o discreto facho de luz

para o chão. E lá estavam pegadas na neve fresca, sem nenhum a cobertura de flocos… que

partiam diretam ente para a clareira da floresta. Desligando a luz, ele se concentrou no chalé de

caça m ais à frente que parecia estar abandonado ao clim a frio: nenhum a fum aça subindo pela

cham iné, nenhum a ilum inação interna e, m ais im portante, nenhum rastro de cheiro.

Os cinco se aproxim aram , circundando a clareira e se m ovim entando sorrateiram ente num

ângulo am plo. Com o não houve nenhum a ação defensiva de parte algum a, todos subiram na

varanda e espiaram o interior pelas j anelas estreitas.

– Nada – m urm urou Rhage ao ir para a porta.

Um a tentativa rápida na m açaneta. Fechada.

Com um em purrão, o Irm ão esm agou o om bro im enso contra o batente e m andou a coisa

pelos ares, fragm entos da tranca caindo espalhados bem com o lascas de m adeira.

– Olá, querida, cheguei – gritou Holly wood ao m archar para dentro.

Qhuinn e John seguiram o protocolo e ficaram na varanda enquanto Blay e Z. entravam e

vasculhavam .

A floresta estava quieta ao redor deles, m as seus olhos aguçados acom panharam aquelas

pegadas… que, depois de um a passeada pelo chalé, seguiam para o noroeste.

Por certo era indício de que alguém estava ali com eles, vasculhando a propriedade ao m esm o

tem po.

Hum ano? *Redutor*?

Ele acreditava m ais na últim a opção, devido a toda aquela bagunça no hangar, e

tam bém por

aquele lugar ser rem oto e relativam ente seguro por conta disso.

Ainda que houvessem de querer trazer a Stanley Steem er* para aquela construção para um a bela lim peza antes.

A voz de Blay surgiu através da porta aberta.

– Achei um a coisa.

Qhuinn teve que recorrer a todo o seu treinam ento a fim de não parar de inspecionar o cenário

e olhar para dentro. Não porque ele se im portasse particularm ente com o que fora encontrado.

Durante todo aquele processo, ele vinha checando Blay constantem ente, só para ver se o hum or

dele m udara.

Se m udara, fora para pior.

Vozes baixas se fizeram ouvir dentro do chalé, e depois os três em ergiram .

– Encontram os um a caixa trancada a chave – anunciou Rhage ao baixar o zíper da j aqueta e

enfiar o contêiner longo e estreito de m etal j unto ao peito. – Abrirem os m ais tarde. Prim eiro,

vam os encontrar o dono dessas botas, rapazes.

Desm aterializando-se rapidam ente a cada quinze ou vinte m etros, eles se espalharam pelas

árvores, rastreando as pegadas na neve, seguindo em silêncio.

Depararam -se com o *redutor* um quilôm etro adiante.

O assassino solitário m archava pela floresta coberta de neve num passo que som ente um

hum ano com treinam ento olím pico teria conseguido sustentar por algum as centenas de m etros.

As roupas eram escuras, havia um a m ochila nas costas e o fato de ele estar se m ovim entando

apenas com a própria visão eram indicadores de que se tratava do inim igo: a m aioria dos *Homo*

sapiens não conseguiria se m over com aquela rapidez com tão pouca ilum inação sem a aj uda de

um a luz artificial.

Gesticulando em código, Rhage orientou o grupo a fazer um a form ação de triângulo reverso

que dava a volta ao redor do rastro do *redutor*. Continuando a avançar j unto a ele, observaram -no

por um a área m ais ou m enos do tam anho de um cam po de futebol e, em seguida, todos de um a

vez aproxim aram -se, circundando o assassino, e bloquearam -no em pontos cardinais opostos na

m ira das arm as.

O *redutor* parou de andar.

Ele era um recruta m ais j ovem , o cabelo escuro e a pele oliva sugeriam que tivesse

descendência m exicana ou italiana, e m ereceu pontos por não dem onstrar m edo. Mesm o tendo

caído num a cilada, ele só olhou tranquilam ente por sobre o om bro, com o que

para confirm ar

que, de fato, fora em boscado.

– Com o tem passado? – Rhage perguntou com a fala arrastada.

O *redutor* não se deu ao trabalho de responder, o que era o oposto do que vinham presenciando

nos últim os tem pos. Diferentem ente dos outros, aquele não era um garotinho m etido a esperto

cheio de falatório. Calm o, perspicaz… Controlado, ele era o tipo de inim igo que m elhorava o seu

desem penho no trabalho.

Não exatam ente algo ruim …

E, com o era de se esperar, a m ão dele desapareceu para dentro do casaco.

– Não sej a idiota, cara – exclam ou Qhuinn, preparado para m eter um a bala no bastardo sem

nenhum aviso adicional.

O *redutor* não deteve o m ovim ento.

Tudo bem .

Ele apertou o m aldito gatilho e derrubou o m erdinha.

No segundo em que o *redutor* caiu na neve, Blay ficou im obilizado com a arm a ainda

apontada. Os outros fizeram o m esm o.

Segundos silenciosos se passaram , eles continuaram a encarar o assassino caído. Nenhum

m ovim ento. Nenhum a reação da área periférica. Qhuinn o incapacitara, e ele

parecia estar

trabalhando sozinho.

Engraçado, m esm o se Blay não tivesse ouvido o tiro à esquerda do seu ouvido, ele teria sabido

que o atirador fora Qhuinn: qualquer outro teria dado ao inim igo outra chance para reconsiderar.

O sinal para que se aproxim asse foi o assobio de Rhage. Os cinco se m overam com o um a

m atilha de lobos ao redor de sua presa, rápidos e confiantes, cruzando a neve com as arm as

erguidas. O assassino perm aneceu absolutam ente im óvel, m as não houvera um a m orte na

fam ília, por assim dizer. Para isso, seria preciso que um a adaga de aço lhe atravessasse o peito.

Porém , aquele era o estado desej ável. Queriam que ele fosse capaz de falar.

Ou, pelo m enos, que estivesse em condições de ser forçado a falar…

Mais tarde, quando repassou o que aconteceu em seguida… quando sua m ente ardeu

obsessivam ente a respeito dos fatos… quando ficou acordado tentando entender com o as peças

se encaixaram na esperança de adivinhar um a m udança de procedim ento que garantisse que

algo sem elhante nunca m ais acontecesse… Blay se dem oraria naquela m udança de eventos.

Aquele leve trem or no braço. Apenas um a contração m uscular aparentem ente desconectada

de qualquer pensam ento consciente ou vontade. Nada perigoso. Nenhum sinal do que estava por

vir.

Apenas um a contração.

A não ser pelo fato de que, com um m ovim ento m ais rápido que um piscar de olhos, o

assassino sacou um a arm a sabe-se lá de onde. Foi sem precedentes. Num segundo ele estava

com o m orto no chão; no seguinte, estava atirando de m odo controlado num raio am plo.

E m esm o antes de os sons dos tiros pararem , Blay percebeu a im agem horripilante de Zsadist

levando chum bo bem no coração, um im pacto tão forte que foi capaz de deter o avanço do

Irm ão, o torso catapultando para trás, os braços se abrindo enquanto ele caía no chão.

No m esm o instante, a dinâm ica m udou. Ninguém m ais queria interrogar o m aldito.

Quatro adagas foram desem bainhadas. Quatro corpos se adiantaram . Quatro braços talharam

com lâm inas afiadas e frias. Quatro im pactos, um após o outro.

Tarde dem ais, porém .

O assassino desaparecera bem diante deles, as arm as golpeando a neve m anchada onde o

inim igo estivera deitado, em vez de atingirem um a cavidade torácica vazia.

Que sej a. Haveria tem po para se perguntarem quanto ao desaparecim ento im

procedente m ais

tarde. No m om ento, eles tinham um soldado caído.

Rhage praticam ente se lançou sobre o Irm ão, colocando o corpo diante de tudo e todos.

– Z.? Z.? Ai, m ãe da raça…

Blay sacou o telefone e discou. Quando Manny Manello atendeu, não havia tem po a perder.

– Tem os um Irm ão ferido. Tiro no peito…

– Espere!

A voz de Z. foi um a surpresa. Assim com o o braço do Irm ão levantando e em purrando Rhage

para o lado.

– Saia de cim a de m im !

– Mas estou tentando fazer ressuscitação cardio…

– Prefiro m orrer antes de beij ar você, Holly wood – Z. tentou se sentar, estava com a

respiração pesada. – Nem pense nisso.

– Alô? – a voz de Manello disse ao telefone. – Blay ?

– Espere…

Qhuinn se aj oelhou perto de Zsadist, e apesar do fato de o Irm ão não gostar de ser tocado,

segurou-o por debaixo do braço e aj udou o m acho a suspender o torso do chão.

– Estou com a clínica na linha – disse Blay . – Qual o seu estado?

Em resposta, Z. levou a m ão até a bainha da adaga e a puxou. Depois, abaixou o zíper da

j aqueta de couro e rasgou a cam iseta ao m eio.

Para revelar o m ais lindo colete à prova de balas que Blay j am ais vira.

Rhage se curvou em sinal de alívio, a ponto de Qhuinn ter que segurá-lo com a m ão livre para

que o cara tam bém não caísse no chão.

– Kevlar – Blay m urm urou para Manello. – Ah, graças a Deus, ele está usando um Kevlar.

– Que ótim o, m as escute, preciso que você tire o colete e verifique se ele deteve a bala, ok?

– Entendido – olhou de relance para John, contente em ver que ele estava de pé, com as duas

arm as adiante, os olhos vasculhando o am biente enquanto o resto deles avaliava a situação. – Vou

cuidar disso.

Blay se aproxim ou e se agachou na frente do Irm ão. Qhuinn podia ter tido a coragem de fazer

contato com Zsadist, m as ele não faria isso sem perm issão expressa.

– O doutor Manello quer saber se você pode tirar o colete para que possam os ver se existe

algum ferim ento.

Z. m oveu os braços e depois franziu o cenho. Tentou novam ente. Depois da terceira tentativa,

o Irm ão conseguiu levantar as m ãos até as tiras de velcro, m as elas não conseguiam fazer m uita

coisa.

Blay engoliu com força.

– Posso cuidar disso? Prom eto não tocar em você o quanto for possível.

Ótim a gram ática ali. Mas ele falava sério.

Os olhos de Z. se levantaram para ele. Estavam negros de dor, e não am arelos.

– Faça o que tem que fazer, filho. Vou aguentar.

O Irm ão desviou o olhar, o rosto contraído num a careta, a cicatriz que form ava o S do alto do

nariz até o canto da boca destacando-se num relevo alto.

Com um serm ão severo, Blay ordenou às suas m ãos que ficassem firm es, e a m ensagem de

algum m odo foi levada adiante: ele puxou as tiras que o prendiam nos om bros, o barulho m ais

alto do que o grito em sua cabeça, e depois retirou o colete, aterrorizado pelo que descobriria.

Havia um a grande m arca redonda bem no m eio do peito m usculoso de Z. Bem onde ficava o

coração.

Mas era apenas um hem atom a. Não um buraco.

Apenas um hem atom a.

– Som ente ferim ento superficial – Blay afundou o dedo no preenchim ento denso do colete e

encontrou a bala. – Estou sentindo a bala dentro do colete.

– Então por que não consigo m exer m eu…

O cheiro de sangue fresco do Irm ão pareceu atingir todos os narizes ao m esm o tem po.

Alguém praguej ou, e Blay se inclinou.

– Você tam bém foi alvej ado debaixo do braço.

– É ruim ? – Z. perguntou.

Pelo telefone, Manello disse:

– Dê um a olhada e vej a o que consegue descobrir.

Blay suspendeu o braço pesado e ilum inou a parte interna com um a lanterna de bolso.

Aparentem ente, um a bala entrara no torso pela pequena parte desprotegida nas axilas – um tiro

em um m ilhão que se você tentasse recriar, não conseguiria repetir.

Merda.

– Não vej o o buraco da saída. É bem na lateral das costelas, no alto.

– Ele está respirando bem ? – perguntou Manello.

– Com dificuldade, m as regular.

– Reanim ação cardiorrespiratória foi adm inistrada?

– Ele am eaçou castrar Holly wood se houvesse qualquer contato labial.

– Escute aqui, deixe eu m e desm aterializar – Z. tossiu um pouco. – Me dê um pouco de

espaço…

Todos ofereceram um a variedade de opiniões a essa altura, m as Zsadist não aceitou nenhum a

delas. Em purrando-os, o Irm ão fechou os olhos e…

Blay soube que estavam com problem as sérios quando nada aconteceu. Sim , Zsadist não fora

m orto, e estava m uito m elhor do que estaria se estivesse sem o colete. Mas não conseguia se

m ovim entar – e eles estavam no m eio do nada, tão floresta adentro que m esm o que cham assem

por reforços, ninguém conseguiria levar um carro até quilôm etros de onde estavam .

E o pior? Blay tinha a sensação de que o assassino que derrubaram era algo consideravelm ente

pior do que um *redutor* qualquer.

Não havia com o saber quando os reforços chegariam .

O som de um a m ensagem de texto chegando ao celular de um deles soou, e Rhage a leu.

– Merda. Os outros estão presos no centro da cidade. Terem os que cuidar disso sozinhos.

– Maldição – Zsadist m urm urou entredentes.

Sim . A situação era m ais ou m enos essa.

* Em presa am ericana especializada em lim peza residencial usando m áquina a vapor. (N.T.)

CAPÍTULO 17

Xcor não esperara aquilo.

Enquanto ele e seus soldados se m aterializavam na localização da alim entação com unal

arranj ada, ele esperara um a propriedade decaída ou, quem sabe, à beira da condenação, um

lugar num estado tão deplorável que um a fêm ea seria forçada a vender suas veias e seu sexo

para sobreviver.

Nada disso.

A propriedade alcançava os padrões da *glymera*, a im ensa m ansão no alto da colina se

destacava em sua ilum inação, os j ardins im pecavelm ente bem podados, o chalé m enor da

criadagem perto dos portões em perfeito estado apesar da idade óbvia.

Talvez ela fosse um a prim a distante de alguém de linhagem m ais im portante?

– Quem é essa fêm ea? – ele perguntou a Throe.

Seu tenente deu de om bros.

– Não sei nada de sua fam ília. Mas verifiquei a filiação dela com um a linhagem de valor.

Ao redor deles, os soldados estavam ansiosos, os coturnos de com bate socando a neve

com pacta aos seus pés enquanto andavam no m esm o lugar, a respiração escapando dos narizes

com o se eles fossem cavalos de corrida prestes a explodirem para fora dos portões da pista.

– Há que se perguntar se ela sabe para o que se ofereceu – m urm urou Xcor, nem um pouco

preocupado se a fêm ea sabia ou não.

– Vam os? – perguntou Throe.

– Sim , antes que os outros se descontrolem e invadam aquele chalé dela.

Throe se desm aterializou até a porta singular, com seu topo arqueado e com um a lam parina

que se esperaria ver do lado de fora de um a casa de bonecas. Porém , seu braço direito não foi

persuadido pelo charm e. A ilum inação acim a de sua cabeça logo foi cortada, certam ente ao

com ando de Throe, e a batida à porta do soldado foi rápida e severa, um a exigência, não um

pedido.

Mom entos depois, a porta se abriu. A luz de um a lareira escapou para a noite, o brilho dourado

das labaredas tão intenso que sugeria que elas conseguiriam derreter a cam ada de neve – e bem

no m eio daquela ilum inação adorável, a figura de um a fêm ea destacava um a silhueta escura e

curvilínea.

Ela estava nua. E o cheiro que foi carregado pela brisa gélida indicava que ela estava pronta.

Zy pher rosnou baixinho.

– Contenha-se – exigiu Xcor. – Não deixe que a sua avidez sej a usada com o um a arm a contra

nós.

Throe falou com ela e depois enfiou a m ão no bolso para pegar o dinheiro. A fêm ea aceitou o

que lhe foi dado e depois esticou um braço no batente, angulando o corpo de m odo a fazer com

que um seio farto fosse ilum inado por aquele brilho suave.

Throe olhou de relance sobre o om bro e acenou com a cabeça.

Os outros não esperaram por um segundo convite. Os lutadores de Xcor convergiram para a

entrada, os corpos m ásculos tão grandes e tão num erosos, que a fêm ea logo ficou invisível.

Praguej ando, ele tam bém se aproxim ou andando.

Zy pher naturalm ente foi o prim eiro, tom ando-a nos lábios e apalpando os seios, m as ele não

foi o único. Os três prim os brigaram por suas posições, um indo para trás e arqueando os quadris,

com o se estivesse esfregando o pau contra o traseiro dela, os outros dois alcançando os m am ilos

e o sexo dela, as m ãos serpenteando conform e ela foi envolvida.

Throe falou acim a dos gem idos crescentes.

– Vou m ontar guarda do lado de fora.

Xcor abriu a boca para ordenar o contrário, e depois percebeu que pareceria com o se ele

estivesse evitando a cena, e isso dificilm ente seria algo m ásculo.

– Faça isso – m urm urou. – Monto guarda no interior.

Seus m achos pegaram a fêm ea, as m ãos das adagas segurando-a pelos braços, coxas e

cintura, e, em conj unto, carregaram -na para o interior aconchegante do chalé.

Foi Xcor quem

fechou a porta e se certificou de que não havia nenhum a tranca para confiná-los. Tam bém foi

ele quem vasculhou o interior do chalé. Enquanto seus bastardos carregavam seu alim ento para a

frente da lareira, onde um tapete de peles recobria o chão, ele se inclinou em um a j anela

fechada, levantou a cortina e verificou os vitrôs. Antigos e chum bados, com suportes de m adeira,

não de aço.

Nada seguros. Ótim o.

– Alguém entre em m im – a fêm ea gem eu num a voz profunda.

Xcor não se preocupou em ver se a obedeceram ou não, ainda que o gem ido ofegante

sugerisse que o fora. Em vez disso, olhou ao redor, procurando outras portas e lugares nos quais

um a em boscada poderia ser arm ada. Aparentem ente, não existia nenhum . O chalé não tinha um

segundo andar, o esqueleto do teto form ava um arco acim a da sua cabeça e só havia um

banheiro pequeno, cuj a porta estava entreaberta e a luz acesa revelava um pé em form a de

garra da banheira e um a pia em estilo antigo. A cozinha aberta não passava de um a bancada

com alguns poucos eletrodom ésticos m odestos.

Xcor olhou para a ação. A fêm ea estava deitada de costas, com os braços

abertos form ando

um T, o pescoço exposto, as pernas escancaradas. Zy pher m ontara nela e a penetrava

ritm adam ente, fazendo com que a cabeça subisse e descesse no tapete branco fofo enquanto ela

absorvia os im pactos. Dois dos prim os se agarraram aos seus pulsos, e o terceiro tirara o pênis

para fora e a fodia na boca. Na verdade, havia pouco dela que não estivesse coberto por m achos

vam piros, e seu êxtase por estar sendo usada era óbvio não som ente aos olhos, m as tam bém aos

ouvidos: ao redor da ereção que entrava e saía dos lábios abundantes, a respiração pesada e os

gem idos eróticos escapavam para a atm osfera carregada de sexo.

Xcor cam inhou até a bancada da cozinha. Não havia nada ali, nenhum resto de com ida,

nenhum copo abandonado m eio cheio. Havia pratos nos arm ários, contudo, e quando ele abriu a

grande geladeira de estilo europeu, garrafas de vinho branco estavam organizadas

horizontalm ente nas prateleiras.

Um a im precação m asculina atraiu seu olhar para a diversão. Zy pher estava gozando, os

corpos se arqueando para frente enquanto a cabeça pendia para trás e, em m eio ao seu orgasm o,

um dos prim os o afastava, assum indo seu posto, levantando os quadris da fêm

ea e se afundando

no sexo rosado e m olhado. Pelo m enos Zy pher parecia com pletam ente satisfeito de trocar de

lugar; ele expôs as presas, afundou a cabeça debaixo do peito agora arfante do seu cam arada e beliscou o seio da fêm ea para poder se alim entar perto do m am ilo.

Aquele que estava na boca tam bém gozou, e ela sorveu todo o sêm en, sugando a cabeça do

pênis do lutador, soltando-a em seguida e lam bendo os lábios úm idos com o se ainda estivesse

com fom e. Alguém logo a atendeu, outra ereção bom beando seus lábios, os ritm os contrários das

investidas do que acontecia em sua cabeça e entre as pernas balançando-a para frente e para trás

num m odo que ela parecia apreciar.

Xcor voltou a verificar o banheiro, m as sua prim eira avaliação estava correta: não havia onde

se esconder naquele confinam ento dim inuto.

Tendo garantido o interior, ele não pensou em nada m ais para fazer a não ser se recostar num

canto que lhe oferecia a m elhor visão de acesso e testem unhar a refeição. Conform e as coisas se

intensificaram , seus lutadores perderam a aparente civilização que tinham , trocando de posição

com o leões sobre carniça fresca, as presas se revelando, os olhos selvagens de agressão enquanto

eles lutavam por suas posições. No entanto, eles não perderam com pletam ente as cabeças.

Cuidaram da fêm ea.

Não dem orou e alguém cortou a própria veia, aproxim ando-a dos lábios dela.

Xcor baixou o olhar para as botas e perm itiu que sua visão periférica m onitorasse o am biente.

Houve um a época em que se excitaria com aquilo. E não por se interessar particularm ente

pelo sexo, m as do m esm o m odo com o seu estôm ago roncava quando via com ida. Dessa form a,

no passado, quando sentia a necessidade de tom ar um a fêm ea, era o que teria feito.

Norm alm ente no escuro, claro, para que a pobre garota não sentisse nem repulsa nem m edo.

Ele bem podia im aginar que as expressões de excitação que os m achos exibiam em seus

rom pantes eróticos pouco m elhoraram sua aparência.

Mas agora? De m aneira curiosa, sentia-se desligado de tudo aquilo, com o se estivesse

assistindo os m achos carregando m obília de um lado para o outro ou, quem sabe, lim pando as

folhas em um j ardim .

O m otivo era a sua Escolhida, claro.

Tendo tido os lábios pressionados contra a pele pura, tendo olhando dentro dos olhos verdes

lum inosos, tendo sentido o perfum e delicado dela, ele estava com pletam ente

desinteressado pelos

charm es bem utilizados daquela fêm ea diante da lareira.

Ah, a sua Escolhida… ele j am ais soube que tal graça existisse e, além disso, não teria com o

im aginar que se sentiria tão com pletam ente tocado por aquilo que era tão antitético para ele. Ela

era o seu oposto, gentil e generosa, enquanto ele era brutal e im piedoso, bela para a sua feiura,

etérea para a sua depravação.

E ela o m arcara. Do m esm o m odo com o se o tivesse golpeado e deixado um a cicatriz em sua

carne, ele estava ferido e enfraquecido por ela.

Não havia nada a ser feito.

Deus, m esm o as lem branças dos m om entos que partilhara com ela, quando estivera

com pletam ente vestida, e ele, tão gravem ente ferido, bastavam para excitá-lo, seu pobre sexo

endurecendo por nenhum m otivo aparente: m esm o que não estivessem em lados opostos na

guerra pelo trono, ela j am ais perm itiria que ele a abordasse com o um m acho faz ao se enfeitiçar

por um a fêm ea de valor. Naquela noite outonal quando se encontraram debaixo daquela árvore,

ela executara um ato válido segundo seus preceitos. Não tivera nada a ver com ele em particular.

Mas, ah, com o ele a desej ava m esm o assim …

Abruptam ente, a fêm ea diante da lareira se arqueou debaixo dos pesos orgásm icos que

m udavam sobre ela, e ele voltou-lhe sua atenção. Com o se ela percebesse sua excitação, o olhar

enevoado e extasiado focalizou nele, e um a surpresa repentina cruzou sua expressão – ou o pouco

que ele conseguia distinguir por cim a do antebraço grosso que lhe oferecia alim ento.

O choque arregalou seu olhar. Evidentem ente, ela não notara a presença dele, m as agora que

o fazia, o m edo, e não a paixão, fez-se óbvio dentro dela.

Sem querer atrapalhar toda aquela ação, ele balançou a cabeça e estendeu a palm a num gesto

de “pare”, para garantir a ela que não teria de suportar sua m ordida – ou pior, seu sexo.

A m ensagem aparentem ente funcionou, porque o m edo abandonou sua expressão, e quando

um dos soldados apresentou o pau pedindo atenção, ela o apanhou e com eçou a m assageá-lo

acim a da sua cabeça.

Xcor sorriu para si m esm o de m odo horripilante. Aquela prostituta não o queria, e m esm o

assim , seu corpo, em toda a sua estupidez, insistia em reagir àquela Escolhida, com o se a fêm ea

sagrada um dia fosse olhar para ele.

Tão tolo.

Consultando o relógio, surpreendeu-se ao ver que a refeição j á vinha acontecendo há m ais de

um a hora. Que sej a. Desde que seus m achos obedecessem com suas duas regras básicas, ele não

se im portava em deixá-los continuar: tinham de perm anecer substancialm ente vestidos e as

arm as deveriam estar nos coldres com as travas desarm adas.

Dessa form a, se o clim a m udasse, eles poderiam se defender rapidam ente.

Ele estava m ais do que disposto a lhes conceder aquele passatem po.

Depois daquele interlúdio? Muitos estariam no m áxim o de suas forças, e pelo m odo com o as

coisas estavam com a Irm andade… eles precisariam estar assim .

CAPÍTULO 18

– Não. De j eito nenhum .

Qhuinn teve que concordar com a opinião de Z. quanto à ideia brilhante de Rhage.

O grupo j á se esforçara na floresta, com Rhage suportando boa parte do peso de Z., enquanto

os dem ais os circundavam aos pares, a postos para apanhar qualquer um ou qualquer coisa que

os am eaçasse pelas m argens. Agora estavam de volta ao hangar e a solução de Holly wood para

o problem a de m obilidade parecia um a com plicação com im plicações m ortais, e não

exatam ente algo que de fato aj udasse.

– Pilotar não deve ser tão difícil – enquanto todos, inclusive Z., apenas o encaravam , Rhage

deu de om bros. – O que foi? Os hum anos o fazem o tem po todo.

Z. esfregou o peito e lentam ente se deixou cair no chão. Depois de respirar, balançou a

cabeça.

– Prim eiro, você não sabe se… a m aldita coisa… pode subir. Provavelm ente… está sem

com bustível… e você nunca pilotou antes.

– Quer m e contar a nossa outra opção? Ainda estam os a quilôm etros de um ponto plausível

para que nos busquem , você não está m elhorando e podem os ser encurralados. Deixe-m e pelo

m enos entrar lá para ver se consigo fazer o m otor pegar.

– Não é um a decisão inteligente.

No silêncio que se seguiu, Qhuinn raciocinou e olhou para o hangar. Depois de um instante,

disse:

– Eu dou cobertura. Vam os fazer isso.

No fim , Rhage estava certo. Aquela evacuação a pé estava dem orando dem ais e o *redutor*

desaparecera antes que o apunhalassem , e não o contrário.

Será que Ômega dera poderes especiais aos seus garotos?

Tanto faz. Um soldado inteligente j am ais subestim ava o inim igo, ainda m ais quando um dos

seus estava abatido. Precisavam levar Z. para um lugar seguro e se isso significava ir pelo ar, que

assim fosse.

Ele e Rhage entraram no hangar e ligaram as lanternas. O avião estava onde o tinham deixado

no canto do fundo, com o se fosse o filho adotivo feio de algum outro tipo de transporte m uito

m ais bonito que há m uito saíra de cena. Aproxim ando-se, Qhuinn viu que a hélice parecia estar

inteira, e apesar de as asas estarem em poeiradas, conseguiu sustentar seu peso nelas.

O fato de a porta ter rangido com o o diabo quando Rhage a abriu não foi um a notícia tão

prom issora.

– Nossa! – m urm urou Rhage ao se encolher. – Parece que há algo m orto ali dentro.

Caram ba, o fedor devia ser trem endo se o Irm ão conseguia distingui-lo do resto do cheiro que

perm eava o hangar.

Talvez a ideia não fosse tão boa assim .

Antes que Qhuinn conseguisse em itir um a segunda opinião a respeito do fedor, Rhage se

esprem eu com o um pretzel e passou pela abertura oval.

– Puta m erda… Chaves! As chaves estão aqui, dá pra acreditar?

– E quanto ao com bustível? – m urm urou Qhuinn, ao lançar o facho da lanterna de bolso num

círculo am plo. Nada além de chão im undo.

– Acho bom recuar um pouco, filho – Rhage berrou de dentro da cabine. – Vou tentar ligar

essa m áquina velha.

Qhuinn se afastou, m as oras, se a coisa fosse explodir, poucos m etros não fariam m uita

diferença…

A explosão foi alta, a fum aça, espessa, e o m otor parecia estar sofrendo com um acesso de

tosse m ecânica. Mas a m erda se estabilizou. Quanto m ais deixaram o m otor esquentar, m ais

equilibrado o ritm o se tornou.

– Tem os que sair daqui antes de nos asfixiarm os – Qhuinn gritou de dentro do avião.

Bem nessa hora, Rhage deve ter colocado a coisa para se m exer ou algo assim , porque o avião

se lançou para a frente com um gem ido, com o se cada prego e parafuso da sua fuselagem

doesse.

E aquela coisa voaria?

Qhuinn correu na frente e chegou à porta dupla. Segurando de um lado, usou toda a sua força

para puxar e afastou as portas, lançando diversas trincas e travas para todos os lados.

Ele só esperava que o avião não se inspirasse naqueles fragm entos.

Sob o luar, as expressões de John e Blay não tinham preço ao darem um a bela olhada para o

plano de fuga – e ele bem sabia de onde elas vinham .

Rhage pressionou o freio e se esprem eu de novo para sair.

– Vam os trazê-lo para dentro.

Silêncio. Bem , a não ser pelo avião ofegante atrás deles.

– Você não vai levá-lo – disse Qhuinn, quase para si m esm o.

Rhage olhou sério para ele.

– O que disse?

– Você é valioso dem ais. Se esta coisa cair, não podem os perder dois Irm ãos. Isso não vai

acontecer. Eu sou dispensável, você não.

Rhage abriu a boca com o se fosse argum entar. Mas quando a fechou, um a expressão estranha

atravessou seu belo rosto.

– Ele tem razão – disse Z. sério. – Não posso colocar você em perigo, Holly wood.

– Que se foda, posso m e desm aterializar para fora da cabine…

– E acha que vai conseguir fazer isso quando estiverem num espiral? Tolice…

Um a saraivada de balas irrom peu das m argens das árvores, atingindo a neve, o zum bido

passando pelos ouvidos.

Todos reagiram . Qhuinn m ergulhou dentro do avião, posicionou-se atrás do assento do piloto e

tentou entender… puta m erda, havia botões dem ais. A única coisa que o salvava era que…

Rá-tá-tá!

… ele assistira a um núm ero suficiente de film es para saber que a alavanca com a m anopla

era o acelerador e que a direção em form a de gravata borboleta era a coisa que você puxava

para subir, e abaixava para descer.

– *Cacete* – m urm urou ao ficar abaixado o m áxim o que podia.

Considerando-se os sons explosivos que se seguiram , John e Blay tam bém atiravam , por isso

Qhuinn se sentou um pouco m ais elevado e olhou para a fileira de instrum entos. Deduziu que aquele com um tanquezinho de com bustível era o que ele estava procurando.

Um quarto de tanque disponível. E m etade daquela coisa só devia ser condensação.

Aquela era um a ideia bem ruim .

– Traga-o aqui! – Qhuinn berrou, olhando para o cam po aberto e reto à sua esquerda.

Rhage logo o atendeu, j ogando Zsadist no avião com toda a gentileza de um estivador. O Irm ão

aterrissou com o um a pilha am ontoada, m as ao m enos praguej ava, o que significava que ainda

estava bom o bastante para sentir dor.

Qhuinn não esperou pela tolice de fechar as portas. Soltou o pedal do freio, apertou o

acelerador e rezou para não derrapar na neve…

Metade do para-brisa se estilhaçou na sua frente; a bala que causara o estrago ricocheteou pela

cabine, o “fuuu” do assento ao lado do seu, sugerindo que o encosto de cabeça tivesse sido

atingido. O que era m elhor do que o seu braço. Ou o crânio.

A única notícia boa era que o avião parecia pronto para sair dali tam bém , o m otor enferruj ado

girando a hélice rapidam ente com o se soubesse que sair do chão era a única saída para a

segurança. Ao lado das j anelas, o cenário com eçava a passar e ele se orientou no m eio da

“pista” m antendo as duas fileiras de árvores equidistantes.

– Segure-se – gritou acim a do estrondo.

O vento entrava na cabine com o se houvesse um ventilador industrial preenchendo o espaço

onde o vidro estivera, m as ele não pretendia subir o bastante para que necessitassem de

pressurização.

Àquela altura, ele só queria passar por cim a da floresta logo adiante.

– Vam os, m eu bem , você consegue… Vam os, vam os…

Ele j á estava com a alavanca toda puxada e teve que ordenar ao braço que relaxasse um

pouco. Não havia m ais para onde puxar, e quebrar a m aldita coisa era a garantia de acabar com

tudo ali m esm o.

O barulho aum entou ainda m ais.

As árvores se agitaram cada vez m ais.

A trepidação ficou cada vez m ais violenta, até seus dentes batiam uns nos outros, e ele se

convenceu de que um a ou as duas asas se partiriam e cairiam pelas laterais.

Concluindo que não havia tem po a perder, Qhuinn puxou o m anche para trás o m áxim o que

pôde, segurando firm e, com o se isso, de algum a form a, fosse se traduzir à fuselagem do avião e

se m antivesse j unto no lugar…

Algo caiu do teto e voou na direção de Z.

Um m apa? O m anual do proprietário? Quem diabos haveria de saber…?

Caram ba, as árvores na ponta extrem a estavam se aproxim ando…

Qhuinn puxou ainda m ais, apesar de o m anche estar o m ais próxim o possível dele, o que era

um a pena, porque estavam ficando sem pista e ainda colados no chão…

Sons de arranhados vinham da barriga do avião, com o se a vegetação rasteira estivesse se

esticando e tentando segurar as placas de aço.

As árvores estavam cada vez m ais perto.

Seu prim eiro pensam ento ao enfrentar a m orte era que j am ais conheceria a filha. Pelo m enos

não neste lado do Fade.

O segundo e últim o era que não acreditava que nunca tivesse dito a Blay que o am ava. Em

todos os m inutos e horas e noites de sua vida, em todas as palavras ditas ao m acho no decorrer

dos anos em que se conheciam , ele som ente o afastara.

E agora era tarde dem ais.

Idiota. Que trem endo cretino que ele era.

Porque parecia bem evidente que seu cartão de biblioteca ficaria inutilizado aquela noite.

Endireitando-se e fazendo com que as lufadas o atingissem em cheio no rosto, Qhuinn encarou

aquela arrem etida, im aginando todos aqueles pinheiros logo adiante, j á que não conseguia

enxergá-los pelo fato de os olhos estarem lacrim ej ando devido ao vento. Abrindo a boca, ele

gritou, acrescentando voz à confusão.

Maldição, não m orreria com o um covarde. Não m ergulharia no chão, nada de frases patéticas

im plorando para que Deus o salvasse. Ao diabo com isso. Enfrentaria a m orte com as presas

expostas, o corpo preparado e o coração acelerado não de m edo, m as com um a trem enda

descarga de…

– Morte, vá se foder!

Enquanto Qhuinn tentava levantar voo, Blay tinha o cano da pistola apontado para a borda das

árvores e descarregava balas com o se tivesse um suprim ento infindável… o que não era

verdade.

Aquilo era horrível. Ele, John e Rhage não tinham cobertura; não havia com o saber quantos

assassinos estavam na floresta; e, pelo am or de Deus, só o que aquele avião antigo fazia era

expelir um a nuvem de fum aça tóxica em seu rastro enquanto passava com o se estivesse num

desfile dom inical.

Ah, e a m áquina estava longe de ser blindada, m as, evidentem ente, tinha com bustível no

tanque.

Qhuinn e Z. não conseguiriam . Colidiriam na floresta ao fim da pista. Isso se não explodissem

antes.

Nesse instante, quando soube que um a bola de fogo era im inente de um ou outro m odo, ele se

partiu ao m eio. A parte física perm anecia concentrada em com bater o ataque, os braços

esticados, os indicadores apertando os gatilhos, os olhos e ouvidos rastreando os sons e as

aparições de flashes de pistolas e os m ovim entos do inim igo.

A sua outra parte estava naquele avião.

Era com o se estivesse assistindo à própria m orte. Im aginava com nitidez a vibração violenta do

avião, os saltos descontrolados no chão e a vista da m argem sólida das árvores que se

aproxim avam dele, com o se estivesse enxergando através dos olhos de Qhuinn e não dos seus.

Filho da puta im prudente.

Tantas vezes Blay pensou “ele vai se m atar”.

Tantas vezes no cam po de batalha e fora dele.

Mas aquela era a vez em que isso aconteceria…

Um a bala o atingiu na coxa e a dor que subiu pela perna até o coração indicava que sua total

atenção precisava voltar ao com bate: se quisesse viver, teria de se concentrar com pletam ente.

Contudo, quando essa convicção o acom eteu, houve um a fração de segundo em que ele

pensou: vam os acabar com isso aqui. Vam os acabar com essa tolice de vida de castigos, de

“quase lá”, de “e se?”, da agonia crônica e infindável em que sem pre esteve… e da qual estava tão cansado…

Ele não entendeu o que o fez atingir a neve.

Num m inuto, estava olhando para o avião esperando que ele explodisse em cham as. No

m inuto seguinte, estava de peito no chão, com os cotovelos enfiados na terra congelada e

obstinada, a perna m achucada latej ando.

Flap! Flap! Flap!…

O rugido que interrom peu o som das balas era tão alto que ele abaixou a cabeça, com o se isso

o aj udasse a evitar a bola de fogo crônica do avião.

Só que não houve nem luz nem calor. E o som vinha de cim a…

Planando. O fardo de parafusos estava m esm o voando. Acim a deles.

Blay despendeu um segundo olhando para cim a, só para o caso de ter sido alvej ado e a sua

percepção da realidade ter sido afetada. Mas não. Aquela antiguidade de pulverização de

plantações estava no céu, fazendo um a curva larga e seguindo na direção que, se é que

conseguiria perm anecer suspenso, levaria Qhuinn e Z. para o com plexo da Irm andade.

Se tivessem sorte.

Caram ba, aquele voo não seria fácil. Nada parecido com um a águia voando segura e decidida

pelo céu noturno. Mais parecido com um a andorinha recém -saída do ninho com um a asa

quebrada.

De um lado para o outro. Para cim a e para baixo, inclinando-se de lado a lado.

Ao ponto em que parecia ter realizado o im possível saindo do chão… só para cair e queim ar

no m eio da floresta…

Do nada, algo o atingiu na lateral do rosto, golpeando-o com tanta força que ele caiu de costas

e quase perdeu as pistolas. Um a m ão – fora um a m ão que o espalm ara com o se ele fosse um a

bola de basquete.

Em seguida, um peso absurdo o atingiu no peito, esticando-o no chão coberto de neve, fazendo-

o exalar com tanta força que ele se perguntou se não deveria olhar ao redor para procurar o

fígado.

– Porra, vai ficar abaixado ou não? – Rhage sibilou em seu ouvido. – Está tentando levar bala…

de novo?

Enquanto a calm aria do tiroteio se estendia de segundos até com pletar um m inuto, os *redutores*

em ergiram pela linha de árvores adiante, o quarteto de assassinos cam inhando pela neve com as

arm adas suspensas e prontas.

– Não se m exa – sussurrou Rhage. – Dois podem brincar nesse j ogo.

Blay fez seu m elhor para não inspirar tão fundo quanto a queim ação em seus pulm ões lhe dizia

que precisava. Tam bém tentou não espirrar j á que flocos soltos coçavam em seu nariz toda vez

que ele respirava.

Espera.

Espera.

Espera.

John estava a um m etro de distância, deitado num a posição contorcida que fez o coração de

Blay se apertar…

O cara sutilm ente levantou o polegar, com o se estivesse lendo a m ente de Blay .

Graças a Deus. Cacete.

Blay desviou o olhar sem m udar a posição estranha da cabeça, e depois discretam ente trocou

um a das pistolas por um a das suas adagas.

Enquanto um zum bido desengonçado com eçou a vibrar em sua cabeça, ele calculou os

m ovim entos dos *redutores*, suas traj etórias, suas arm as. Ele estava quase sem m unição e não

havia tem po para recarregar as pistolas. E ele sabia que tanto Rhage quanto John estavam na

m esm a condição.

As adagas que V. fizera à m ão para todos eles eram o único recurso.

Mais perto… m ais perto…

Quando os quatro assassinos finalm ente estavam ao alcance, sua cronom etragem foi perfeita.

Assim com o a dos outros.

Com um m ovim ento coordenado perfeito, ele saltou e com eçou a apunhalar os dois m ais

próxim os a ele. John e Rhage atacaram os outros…

Quase im ediatam ente, m ais assassinos surgiram das árvores, m as, por algum

m otivo, talvez

porque a Sociedade Redutora não estivesse arm ando seus alistados m uito bem , não havia balas. O

segundo round se passou pela neve com o tipo de arm as que se esperaria ver num a briga de

beco: tacos de baseball, pés-de-cabra, chaves de rodas e correntes.

Por ele, tudo bem .

Estava tão pilhado e furioso, que lhe faria bem sair na m ão.

CAPÍTULO 19

Sentada na m esa de exam es, com um a cam isola frágil de papel cobrindo-a e os pés descalços

pendurados da orla acolchoada, Lay la sentiu com o se estivesse cercada por instrum entos de

tortura. E devia ser isso m esm o. Todo tipo de utensílios de aço inoxidável estava enfileirado na

bancada da pia, com as em balagens plásticas transparentes indicando que estavam estéreis e

prontos para serem usados.

Já fazia um a eternidade que estava na clínica de Havers. Ou, pelo m enos, era o que parecia.

Em contraste com o traj eto apressado para atravessar o rio, quando o m ordom o dirigira com o

se soubesse que a pressa era essencial, desde que ali chegara só acontecera um retardo após o

outro. Desde a burocracia até a sala de espera, o aguardo pela enferm eira, a dem ora para que

Havers apresentasse o resultado do seu exam e de sangue.

Era o suficiente para enlouquecer alguém .

Do lado oposto ao que ela estava sentada, havia um a im agem em oldurada pendurada na

parede, e há tem pos ela havia m em orizado suas pinceladas e cores, o buquê de flores pintadas

em azuis e am arelos vibrantes. O nom e em baixo dizia: *van Gogh*.

Àquela altura, ela nunca m ais queria ver um a íris novam ente.

Mudando de posição, fez um a careta. A enferm eira lhe entregara um obj eto apropriado para o

sangram ento e ela ficou horrorizada ao perceber que logo precisaria de outro…

A porta se abriu com um a batida e seu instinto im ediato foi correr, o que era ridículo. Era ali

que precisava estar.

Só que tratava-se apenas da enferm eira que a levara até ali, tirara a am ostra de sangue para o

exam e e seus sinais vitais, e tom ara notas no com putador.

– Sinto m uito, houve outra em ergência. Só quis certificá-la de que será a próxim a.

– Obrigada – Lay la se ouviu dizer.

A fêm ea se aproxim ou e pôs um a m ão em seu om bro.

– Com o está se sentindo?

A gentileza a fez piscar rápido.

– Acho que vou precisar de outro… – ela apontou para o quadril.

A enferm eira assentiu e deu um leve apertão antes de seguir para a bancada e apanhar um a

em balagem quadrada cor de pêssego.

– Tem os m ais aqui. Gostaria que eu a acom panhasse até o banheiro no final do corredor?

– Sim , por favor…

– Espere, não se levante ainda. Deixe-m e pegar algo para que se cubra m elhor.

Lay la baixou o olhar para as m ãos, aquelas que estavam enroscadas um a na outra e que não

conseguiam ficar quietas.

– Obrigada.

– Aqui está – algo m acio a envolveu. – Ok, agora vam os colocá-la de pé.

Escorregando para fora da m esa, ela se desequilibrou um pouco e a enferm eira estava logo

ali, segurando-a pelo cotovelo para estabilizá-la.

– Vam os bem devagar.

E foi o que fizeram . No corredor, havia enferm eiras se apressando de quarto em quarto, e

pessoas entrando e saindo das suas consultas, e outras equipes correndo… e Lay la não conseguia

acreditar que um dia fora rápida com o eles. Para se afastarem do tráfego, ela e a gentil

acom panhante ficaram próxim as da parede, a fim de evitar serem atropeladas, m as os outros

eram verdadeiram ente gentis. Com o se todos soubessem que ela estava

sofrendo seriam ente.

– Vou entrar com você – disse a enferm eira quando chegaram ao banheiro. – A sua pressão

está m uito baixa e fico preocupada que possa desm aiar, está bem ?

Enquanto Lay la assentia, elas entraram e trancaram a porta. A enferm eira retirou-lhe a

coberta, e ela, desconcertada, afastou o papel do cam inho.

Sentando-se, ela…

– Ah, santa Virgem Escriba.

– Psiu, está tudo bem , tudo bem – a enferm eira se inclinou e lhe estendeu o absorvente. –

Vam os cuidar disso. Você está bem … aqui, não, você precisa m e dar isso. Tem os que

encam inhar para o laboratório. Existe a possibilidade de ser usado para determ inar o que está

acontecendo e você há de querer ter essa inform ação quando tentar novam ente.

Tentar novam ente. Com o se a perda j á tivesse ocorrido.

A enferm eira colocou as luvas e pegou um saco plástico de um suporte. Ela cuidou de tudo

com discrição e diligência, e Lay la viu quando o nom e que havia dado foi escrito do lado de fora

do saco com um a caneta preta.

– Ah, querida, está tudo bem .

A enferm eira retirou as luvas, arrancou um pedaço de papel higiênico de um suporte na

parede e se aj oelhou. Segurando o queixo de Lay la com um a m ão gentil, cuidadosam ente

enxugou as faces que se m olharam de lágrim as.

– Sei bem pelo que está passando. Tam bém perdi um – o rosto da enferm eira se tornou belo

pela com paixão. – Tem certeza de que não podem os cham ar o seu *hellren*?

Lay la apenas balançou a cabeça.

– Bem , avise-m e se m udar de ideia. Sei que é difícil vê-los tristes e preocupados, m as não

acha que ele gostaria de estar aqui com você?

Ah, com o contaria a Qhuinn? Ele parecera tão certo de tudo, com o se j á tivesse visto o futuro e

encarado os olhos do filho deles. Aquilo seria um choque.

– Saberei se estive m esm o grávida? – m urm urou Lay la.

A enferm eira hesitou.

– O exam e de sangue pode revelar isso, m as tudo depende de quanto tem po você está se

sentindo assim .

Lay la fitou as m ãos novam ente. As j untas estavam brancas.

– Preciso saber se estou tendo um aborto ou se isto é apenas um sangram ento norm al que

acontece quando não se engravida. Isso é im portante.

– Lam ento m uito, m as não sou eu quem pode lhe garantir isso.

– Mas você sabe, não sabe? – Lay la levantou a cabeça para fitá-la nos olhos. –

Não sabe?

– Repito, não sou eu quem pode lhe garantir, m as… com esse tanto de sangue?

– Eu estava grávida.

A enferm eira fez um m ovim ento am plo com as m ãos, os lábios se contraindo.

– Não conte a Havers que eu lhe disse isso, m as… sim , provavelm ente. E você precisa saber, não há nada que você possa fazer para deter o processo. Não é culpa sua, e você não fez nada

errado. É só que, às vezes, essas coisas sim plesm ente acontecem .

Lay la deixou a cabeça pender.

– Obrigada por ser honesta com igo. E… na verdade, é isso o que acho que está acontecendo.

– Um a fêm ea sabe. Bem , vam os levá-la de volta.

– Sim , m uito obrigada.

Mas Lay la teve dificuldade para suspender a calcinha ao se levantar. Quando ficou claro que

não conseguia coordenar as m ãos, a enferm eira se adiantou e a aj udou com facilidade invej ável,

e tudo foi tão vergonhoso e assustador. Ficar fraca e à m ercê de outra pessoa para um a coisa tão

sim ples…

– Você tem um sotaque m aravilhoso – disse a enferm eira ao voltarem para o tráfego do

corredor, retornando m ais um a vez para a faixa m ais lenta. – É tão Velho Mundo… m inha avó

aprovaria. Ela odeia o fato de o inglês ter se tornado a língua dom inante aqui.

Acredita que isso

será a derrocada da nossa espécie.

A conversa a respeito de nada em especial aj udou, dando a Lay la algo em que se concentrar

em vez de pensar em quanto tem po aguentaria até ter de refazer aquele percurso… e se as coisas

estavam piorando nesse aborto… e com o seria quando fosse forçada a encarar Qhuinn para lhe

dizer que fracassara…

De algum m odo, chegaram à sala de exam es.

– Não deve dem orar m uito m ais. Prom eto.

– Obrigada.

A enferm eira parou à porta e, ao se im obilizar, som bras cruzaram o fundo do seu olhar, com o

se ela estivesse revivendo partes de seu próprio passado. E no silêncio entre elas, um m om ento de

com unicação ocorreu, e em bora fosse raro ter algo em com um com um a fêm ea da Terra, a

conexão foi um alívio.

Ela se sentira tão sozinha naquilo tudo.

– Tem os pessoas com quem você pode conversar – disse a fêm ea. – Às vezes, conversar

depois de tudo pode aj udar de verdade.

– Obrigada.

– Use esse botão branco se precisar de aj uda ou se sentir-se tonta, está bem ? Não vou estar

longe.

– Sim , farei isso, obrigada.

Enquanto a porta se fechava, lágrim as em baraçam sua visão, e m esm o sentindo um a dor

profunda, a sensação esm agadora de perda era desproporcional à realidade. A gestação estava

apenas bem no com ecinho e, logicam ente, não havia m uito a perder.

No entanto, para ela, aquilo era o seu filho.

Aquilo era a m orte do seu filho…

Houve um a batida suave à porta e depois um a voz m asculina.

– Posso entrar?

Lay la apertou os olhos e engoliu com força.

– Por favor.

O m édico da raça era alto e distinto, com óculos de aro de tartaruga e um a gravata borboleta.

Com um estetoscópio ao redor do pescoço e aquele longo j aleco branco, ele era a figura perfeita de um curador, calm o e com petente.

Ele fechou a porta e sorriu de leve para ela.

– Com o está se sentindo?

– Bem , obrigada.

Ele a fitou do outro lado da sala, com o se estivesse avaliando seu estado clínico, em bora não a

tocasse ou usasse instrum ento algum .

– Posso ser franco?

– Sim , por favor.

Ele assentiu e puxou um banquinho com rodinhas. Sentando-se, equilibrou o prontuário no colo

e a encarou.

– Vej o que você não indicou o nom e do seu *hellren*… nem do seu pai.

– É preciso?

O m édico hesitou.

– Não tem nenhum parente, m inha querida? – quando ela negou com a cabeça, os olhos dele

registraram tristeza profunda. – Lam ento m uito pelas suas perdas. Então, não há ninguém que

possa estar aqui com você? Ninguém ?

Com o ela sim plesm ente continuou ali, sem dizer nada, ele inspirou fundo.

– Muito bem …

– Mas posso pagar – ela deixou escapar de supetão. Ela não sabia m uito bem onde arranj aria o

dinheiro, m as…

– Ah, m eu bem , não se preocupe com isso. Não preciso receber se não puder pagar – ele abriu

o prontuário e afastou um a página. – Vej am os, vej o aqui que passou pelo seu cio.

Lay la apenas concordou, com o se isso fosse tudo o que pudesse fazer para não

gritar: *Qual é o*

resultado do exame?

– Bem , verifiquei o resultado do seu exam e de sangue e ele m ostrou algum as… coisas que eu

não esperava. Portanto, se perm itir, eu gostaria de coletar m ais um a am ostra e enviá-la para o

laboratório para m ais alguns exam es. Com isso, espero ser capaz de entender o que está

acontecendo… e tam bém farei um ultrassom , se não se im portar. É um exam e padrão que m e

dará um a ideia de com o as coisas estão progredindo.

– Com o, por exem plo, quanto tem po sangrarei até que term ine tudo? – disse com severidade.

O m édico da raça esticou a m ão para segurar a dela.

– Prim eiro vam os ver com o você está, certo?

Lay la respirou fundo e concordou m ais um a vez.

– Certo.

Havers foi até a porta e cham ou a enferm eira. Quando a fêm ea entrou no quarto, ela trouxe

consigo o que parecia ser um com putador de m esa m ontado num carrinho: havia um teclado, um

m onitor e um as varetas erguidas nas laterais do equipam ento.

– Vou deixar que a enferm eira tire o sangue… as m ãos dela são m uito m ais com petentes que

as m inhas nesse quesito – ele sorriu de m aneira gentil. – Nesse m eio-tem po,

vou verificar outro

paciente. Volto em seguida.

A segunda picada de agulha foi m uito m elhor do que a prim eira, pois ela sabia o que esperar, e

ela foi deixada a sós por um curto tem po quando a enferm eira saiu para levar a am ostra ao

laboratório – o que quer que fosse ele e onde quer que estivesse localizado. Am bos voltaram em seguida.

– Pronta? – Havers perguntou.

Quando Lay la fez que sim , ele e a enferm eira trocaram algum as palavras e o equipam ento foi

disposto perto de onde ela estava sentada. O m édico, então, acom odou-se novam ente no

banquinho e puxou dois tipos de extensões das laterais da m esa de exam e. Abrindo o que

pareciam ser um par de estribos, ele fez um gesto para a enferm eira que reduziu a ilum inação e

se aproxim ou para apoiar um a m ão no om bro de Lay la.

– Deite-se, por favor – pediu Havers. – E desça até chegar ao fim da m esa. Você vai colocar

os pés aqui depois de despir a roupa de baixo.

Enquanto ele indicava os dois estribos, os olhos de Lay la se arregalaram . Ela não fazia ideia de

que o exam e seria…

– Nunca antes fez um exam e interno? – perguntou Havers com hesitação. Quando ela

com eçou a balançar a cabeça, ele assentiu. – Bem , isso não é incom um , ainda m ais se esse foi o

seu prim eiro cio.

– Mas não posso tirar… – ela se interrom peu. – Estou sangrando.

– Cuidarem os disso – o m édico parecia cem por cento confiante. – Vam os com eçar?

Lay la fechou os olhos e se inclinou para trás para se deitar, o papel fino que cobria a superfície

acolchoada rangendo debaixo do seu peso. Elevando os quadris e m udando um pouco de posição,

ela se desfez do que a cobria.

– Cuido disso para você – disse a enferm eira baixinho.

Os j oelhos de Lay la se encontraram enquanto ela foi tateando com os pés à procura dos

m alditos estribos.

– Isso m esm o – o banquinho de rodinhas guinchou quando o m édico se aproxim ou. – Mas vá

m ais para baixo.

Por um a fração de segundo, ela pensou que não conseguiria.

Curvando os braços ao redor do baixo ventre, apertou-os, com o se pudesse, de algum m odo,

segurar o bebê dentro dela ao m esm o tem po em que tentava se controlar. Mas não havia nada

que pudesse fazer, nenhum a conversa que pudesse ter com seu corpo para acalm á-lo e segurar o

que fora im plantado, nenhum papo am oroso que pudesse ter com o filho para que ele tentasse

sobreviver, nenhum fluxo de palavras para acalm á-la do seu pânico absoluto.

Por um m om ento, ela desej ou a vida enclausurada que um dia considerou tão sufocante. Lá no

Santuário da Virgem Escriba, a natureza plácida da sua existência fora algo que ela dera com o

certo. De fato, desde que descera para a Terra e tentara encontrar um propósito aqui, fora

atingida por um traum a atrás do outro.

Isso fez com que respeitasse os m achos e as fêm eas de quem lhe disseram ser inferiores a ela.

Ali em baixo, todos pareciam estar à m ercê de forças além do controle deles.

– Está pronta? – perguntou o m édico.

Enquanto lágrim as corriam pelos cantos dos olhos, ela se concentrou no teto e agarrou a beira

da m esa.

– Sim . Pode com eçar.

CAPÍTULO 20

Puta m erda, Qhuinn estava com pletam ente sem controle.

Quase nenhum a visibilidade. O avião balançando de um lado para o outro com o se estivesse

sofrendo *delirium tremens*. Motor ligando e desligando.

E ele nem podia dar um a olhada em Z. O vento estava forte dem ais para gritar, e não

pretendia despregar os olhos do que quer que viesse pela frente – ou m elhor dizendo, daquilo no

que bateriam de frente – m esm o sem conseguir enxergar nada…

O que o fizera pensar que aquilo era um a boa ideia?

A única coisa que parecia estar funcionando era a bússola, portanto, ao m enos ele conseguia se

orientar quanto à localização da base: o com plexo da Irm andade ficava ao norte, um tantinho ao

leste, no topo de um a m ontanha circundada pelo *mhis* de V., a divisa defensiva invisível. Com

isso, em relação ao direcionam ento, ele estava certo, desde que o m ostrador de N – S – L – O

estivesse m ais operacional do que, digam os, todo o resto daquele caixote.

Ao olhar para a direita, o vento incessante que passava pelo vidro parcialm ente quebrado

atingiu seu canal auditivo. Pela j anela lateral, ele via… um a im ensidão negra. O que ele

interpretou com o indício de eles terem passado pelo subúrbio e estarem sobrevoando as fazendas.

Talvez j á estivessem sobre as colinas que, no fim , transform ariam -se na m ontanha…

Um som com o o do escapam ento de um carro explodindo cham ou sua atenção

negativam ente, m as o que foi pior?

O silêncio repentino que se seguiu.

Nada de m otor roncando. Apenas o vento soprando para dentro da cabine.

Ok, agora sim estavam em apuros.

Por um átim o, ele pensou em se desm aterializar. Era forte o bastante, estava consciente, m as

j am ais abandonaria Z…

Um a m ão forte pousou em seu om bro, assustando-o trem endam ente.

Z. se arrastara para a frente e, baseando-se em sua expressão, estava tendo dificuldades para

se m anter de pé. E não só pelos solavancos.

O Irm ão falou, sua voz grossa superando todo aquele barulho.

– Hora de você ir em bora.

– Nem a pau – berrou Qhuinn em resposta. Esticando o braço, tentou a ignição. Não faria m al

tentar, não é m esm o?

– Não m e obrigue a j ogá-lo para fora.

– Tente.

– Qhuinn…

O m otor voltou a pegar, o barulho se intensificando. Boas novas. A questão era que, se o

m aldito desligara um a vez, era bem possível que o fizesse novam ente.

Qhuinn enfiou a m ão na j aqueta. Ao apanhar o celular, pensou em todos que os dois estavam

deixando para trás e passou o obj eto para o Irm ão.

Se existia um a hierarquia nessa coisa de se despedir, Z. estava no topo da lista. Ele tinha um a

shellan e um a filha. Se alguém tinha de fazer um a ligação, esse alguém era ele.

– Para que isso? – Zsadist perguntou som brio.

– Descubra você m esm o.

– E você pode ir…

– Não vou a parte algum a. Vou pilotar esta arm adilha até baterm os em algum a coisa.

Houve certa discussão depois disso, m as ele não sairia do assento do piloto, e por m ais forte

que o Irm ão fosse em circunstâncias norm ais, Z. não estava em condições de suspender nada

além de um a fatia de pão. E a conversa não durou m uito. Depois que a discussão term inou, Z.

desapareceu, sem dúvida indo para os fundos para fazer o últim o contato com as pessoas

am adas.

Decisão inteligente.

Deixado a sós com seus equipam entos, Qhuinn fechou os olhos e lançou um a oração para

quem pudesse ouvir. E visualizou o rosto de Blay …

– Pegue.

Ele abriu os olhos. O celular estava bem na sua frente, firm e na m ão de Z. E o m apa de GPS

estava sendo m ostrado, as pequenas setas piscantes indicando onde exatam ente eles estavam .

– Mais uns cinco quilôm etros – exclam ou o Irm ão acim a do barulho ensurdecedor. – É tudo de

que precisam os…

Houve um estouro, um assobio e m ais um a rodada daquele silêncio terrível. Praguej ando,

Qhuinn concentrou-se naquela tela sem pre desej ando que as coisas voltassem a funcionar. Mais

para o norte, obviam ente, porém , m ais para o leste. Muito m ais. Seus cálculos estavam certos,

m as não exatos.

Sem o telefone? Estariam fritos.

Bem , isso e toda aquela situação do m otor.

Verificando a localização precisa, ele fez alguns cálculos m entalm ente e virou para a direita,

tentando chegar àquela indicação no m apa que levava diretam ente para a m ontanha. Em

seguida, seria a vez de tentar religar o m otor.

Estavam perdendo altitude. Não espiralando, situação na qual haveria um close-up no altím etro

e a coisa estaria acelerada do m odo com o você desej aria que as hélices estivessem . Mas

lentam ente, inexoravelm ente indo para baixo… e se perdessem a aceleração, o que era o que

aquela m áquina de costura insegura debaixo do teto seria capaz de prover, acabariam caindo

com o um a pedra.

Tentando a ignição repetidas vezes, m urm urou:

– Vam os, vam os, *vamos*…

Era difícil tentar m anter o nariz em pinado com apenas um a m ão; e bem quando ele ia passar a

devotar toda sua atenção ao m anche, o braço de Z. se esticou, afastou a m ão dele, e assum iu o

controle sobre o botão da ignição.

Por um segundo, Qhuinn vislum brou a m arca de escravo para fora dos punhos da j aqueta do

Irm ão, m as logo voltou a se concentrar.

Deus, seus om bros estavam em cham as por puxar o m anche para trás.

E pensar que ele estava m orrendo de vontade de ouvir aquela barulheira do…

De um a só vez, o m otor engasgou de volta à vida, e a m udança de altitude foi im ediata. No

instante em que os plugues e pistões com eçaram a rugir novam ente, os núm eros com eçaram a

subir.

Mantendo a alavanca puxada, verificou o nível de com bustível. Estava no vazio. Talvez

estivessem apenas sem com bustível, e não se tratasse de um problem a m ecânico?

Um a tolice, certo?

– Só m ais um pouquinho, m eu bem … um pouco m ais, vam os lá, querida, você consegue…

Enquanto um fluxo interm inável de encoraj am ento escapava dos seus lábios, as palavras

im potentes eram abafadas pela única coisa que im portava – m as, espere, com o se o Cessna

falasse inglês…!

Caram ba, parecia que aquilo duraria um a eternidade, a esperança e as orações, seu cérebro

num j ogo de pingue-pongue entre os m elhores e os piores cenários enquanto quilôm etros eram

atravessados num ritm o agonizantem ente lento.

– Diga que telefonou para as suas fêm eas – berrou Qhuinn.

– Diga que consegue nos m anter acim a do solo.

– Não vou m entir.

– Leve-nos m ais para o leste.

– O quê?

– Leste! Vá para o leste!

Z. aum entou o zoom do m apa e com eçou a correr o dedo em um a direção, de leste a oeste.

– Você vai precisar aterrissar neste ponto… atrás da m ansão!

Qhuinn deduziu que deveria tom ar com o um bom sinal que o cara estava fazendo planos de

aterrissagem que não envolviam bolas de fogo. E a sugestão era boa. Se conseguissem se orientar

ao longo da m ansão, do lado oposto à piscina, eles poderiam acabar com algum as árvores

frutíferas… porém , teriam m ais ou m enos o m esm o tanto de pista que tiveram para decolar.

Muito m elhor do que bater no m uro que cercava a propriedade…

Daquela vez, o m otor não em itiu nenhum aviso. Sim plesm ente m orreu, com o se estivesse

cansado de brincar de pega-pega e houvesse decidido tirar um a folga perm anente.

Ao m enos j á estavam próxim os da aterrissagem .

Um a chance. Era tudo de que dispunham .

Um a única tentativa de aterrissar que, desde que ele conseguisse levá-los até as cercanias da

propriedade, penetrar o *mhis*, e conseguir não colidir na m ansão, no ginásio, nas construções, nos

portões nem em nada que fosse real ou algum tipo de propriedade… resultaria nele entregando o

orgulhoso pai e am oroso *hellren*, e soberbo lutador… de volta aos braços da fam ília.

Mas não era só em Z. que ele estava pensando.

O Prim ale cuidaria da saúde e do bem -estar de Lay la. Blay tinha os pais am orosos e Sax. John

tinha a sua Xhex.

Todos eles ficariam bem .

Qhuinn se virou.

– Sente-se! Lá atrás! Sente-se e prenda o cinto de segurança…

O Irm ão abriu a boca e Qhuinn fez o im pensável. Cobriu os lábios do m acho com a m ão.

– Sente-se de um a vez e se am arre! Chegam os até aqui… não vam os estragar tudo!

E pegou o celular de volta.

– Vá! Deixe com igo!

Os olhos de Z. se conectaram aos seus e, por um breve segundo, Qhuinn se perguntou se seria

lançado para fora da cabine. Mas então, o m ilagre aconteceu: um instante de conexão se

estendeu entre eles, um a corrente de elos tão grossos quanto coxas ligando-os um ao outro.

Z. levantou o indicador e apontou direto no rosto de Qhuinn. Depois de acenar um a vez com a

cabeça, desapareceu na parte traseira.

Qhuinn voltou a se concentrar.

A navegação os m antinha no alto, e graças às orientações de Z., aquela guinada extra à direita

os colocara na direção certa. De acordo com o GPS, estavam se aproxim ando da j unção de

estradas que dava a volta na base da m ontanha, centím etro a centím etro. Centím etro… a

centím etro…

Ele estava bem certo de que localizavam -se acim a da propriedade agora.

Enquanto o avião abaixava m ais, ele se preparou, continuando a puxar o m anche com força

até que os om bros cravassem no assento atrás dele. Não havia trem de pouso para puxar. Ele

esteve abaixado o tem po todo…

Um assobio repentino penetrou na cabine, e isso, j unto a um a abrupta m udança de angulação,

anunciou que a gravidade com eçara a vencer a batalha, exigindo a construção de fibra de vidro e

m etal e tendo um par de vidas com o seu prêm io.

Eles não conseguiriam … era cedo dem ais…

Um a vibração selvagem se seguiu e, por um m om ento, ele se perguntou se não tinham

atingido o chão sem que ele percebesse. Copas de árvores, talvez? Não. Algo…

O *mhis*?

O am ortecedor repentino parecia se estender para cim a, e, ora essa, o avião reagiu de m odo

diferente, o bico se nivelando sem nenhum esforço da parte de Qhuinn ou aj uda do peso m orto

que era aquele m otor. Até m esm o o sacolej o de um lado para o outro cessou.

Aparentem ente, a defesa invisível de V. não só m antinha afastados hum anos e *redutores*,

com o tam bém sustentava um Cessna no ar.

Só que tinham um problem a. Aquela elevação vital parecia não acabar.

Do m odo com o iam as coisas, era com o se ele fosse flutuar ali para sem pre, ultrapassando a

única pista de aterrissagem que tinham …

Abruptam ente, o barulho retornou, e ele verificou o altím etro. Tinham descido cerca de sete

m etros, e ele teve que se perguntar se tinham penetrado a barreira.

Luzes. Ah, bom Jesus am ado. *Luzes*.

Do lado de fora da j anela, abaixo, ele via o brilho da m ansão e o pátio. Estava distante dem ais

para distinguir os detalhes, m as só podia ser – sim , a pequena ram ificação só podia ser o ginásio.

Instantaneam ente, seu cérebro dim ensionou e reorientou tudo.

Merda. O ângulo estava errado. Se continuasse assim , aterrissaria de frente para a propriedade

e não ao longo dela. E a porcaria era que não tinha altitude suficiente para executar um círculo

grande para apontá-lo para a direção certa.

Quando não se tem opções, a única alternativa é fazer dar certo.

Seu m aior problem a era deixar passar o gram ado. Só havia um a clareira na m ontanha. O

resto? Árvores que os devorariam .

Ele precisava descer m ais. Im ediatam ente.

– Segure-se!

Mesm o sendo um contrassenso, ele arrem essou o m anche para frente, e os direcionou para o

chão. Houve um a m udança de velocidade im ediata, e ele rezou que se recuperasse disso quando chegasse à zona de im pacto. E m erda, a intensa trepidação ficou ainda pior, ao ponto de ele ficar

tonto, e os braços doerem por segurar firm e o m anche.

Mais rápido. Mais próxim o. Mais rápido. Mais barulhento. Mais próxim o.

E, então, chegou a hora. A casa e os j ardins estavam logo à frente, indo ao encontro deles

num a velocidade de m atar.

Ele puxou com força, e a nova velocidade os fez levantar um pouco. Por cim a da casa…

– *Prepare-se!* – exclam ou a plenos pulm ões.

Enquanto a câm era lenta assum ia o com ando, tudo se am pliou: a propriedade,

os segundos, a

dor nos olhos enquanto ele se esforçava para olhar adiante, a sensação do seu corpo sendo

em purrado para trás no assento…

Merda. Ele estava sem o cinto de segurança.

Nem se preocupara com isso. Coisas dem ais em que pensar.

Idiota…

Nesse m esm o instante, fizeram contato com algo. Com força. O avião pulou, bateu em outra

coisa, ricocheteou e pulou novam ente. Nesse m eio-tem po, sua cabeça bateu no painel acim a

dele, e seu traseiro ficou estatelado no assento, e seu…

Deixa para um m ix de dores.

A fase seguinte da aterrissagem dos infernos foi um m isto de desliza-chacoalha-rola que quase

o lançou para fora da cabine. Aquilo era o chão – só podia ser – e, m aldição, com o iam rápido.

As luzes corriam pelas j anelas, tudo parecendo o Studio 54* até ele ficar praticam ente cego. E

por causa do lado em que o estroboscópio estava, ele deduziu que estavam no j ardim – m as

estavam ficando sem espaço.

Segurando o m anche, ele os fez dar um cavalo de pau, na esperança que as m esm as leis da

física que se aplicavam a carros desgovernados funcionassem ali: sem freios,

espaço lim itado e o

único m odo de dim inuir a velocidade era m udar o coeficiente aerodinâm ico.

A força centrífuga o fez bater na lateral da cabine e a neve bom bardeou seu rosto; depois, algo

afiado.

Merda, eles não estavam desacelerando em nada.

E aquele m uro de proteção de seis m etros de altura e 45 centím etros de espessura estava se

aproxim ando com rapidez.

E por falar em paradas abruptas…

* Lendária discoteca em Manhattan que funcionou entre 1977 e 1986. (N.T.)

CAPÍTULO 21

Blay se desm aterializou para a m ansão no instante em que o últim o assassino naquela clareira

foi enviado de volta a Ôm ega. Com o Qhuinn ainda estava no ar com Z., não havia razão para

perder m ais tem po à espera de m ais um esquadrão.

Mesm o por que não havia nada que alguém pudesse fazer para aj udar aqueles dois.

Reaparecendo no pátio, ele…

Diretam ente acim a dele, sem produzir som algum , aquele m aldito avião bloqueava a luz da

lua.

Puta merda, eles conseguiram e, caram ba, estavam tão próxim os que ele

pensou que, caso se

esticasse, conseguiria tocar a fuselagem do Cessna.

O silêncio sepulcral, porém , não era um bom sinal…

O prim eiro im pacto veio do alto das cercas vivas que delim itavam o j ardim . O avião saltou das

pontas, pegou um a corrente de ar, depois sum iu de vista.

Blay se desm aterializou ao redor da varanda bem a tem po de ver o Cessna bater na neve,

caindo com o um hom em obeso m ergulhando de barriga num a piscina, criando grandes ondas

brancas para todos os lados. E então a aeronave se transform ou no m aior cortador de gram a

j am ais visto pelo hom em , a com binação de seu corpo de aço e a velocidade acelerada dem ais,

destruindo fileiras de árvores frutíferas e de m oitas de flores que foram protegidas do inverno, e

caram ba, até m esm o a fileira de bebedouros para os pássaros.

Mas ao inferno com tudo isso. Ele pouco se im portava se tivessem de replantar o lugar inteiro,

desde que o avião parasse… antes do m uro de contenção.

Por um a fração de segundo, ele chegou a pensar em se m aterializar diante da coisa e detê-la

com as m ãos, m as isso seria loucura. Se o Cessna não parecia se incom odar com as estátuas de

m árm ore que ele agora destruía, pouco se im portaria com um m acho vivo e respirando diante

dele…

Por nenhum m otivo aparente, todo aquele descontrole com eçou a girar, a asa encarando Blay

com o se Qhuinn estivesse tentando virar. A derrapagem foi o m ovim ento perfeito. Nem

precisava ser dito que não havia freios, e desde que o espiral se sustentasse, eles teriam m ais área

para perder velocidade.

Merda, eles estavam m esm o perto dem ais do m uro de contenção…

Centelhas de luz ilum inaram a noite, além do grito de m etal contra pedra que anunciava que “o

perto dem ais do m uro” fora substituído por “bem contra ele”, m as, graças à m anobra de Qhuinn,

eles se colocaram num a posição paralela em vez de irem de frente.

Blay com eçou a correr na direção do show de luzes, e outros o acom panharam quando ele

assim o fez, um verdadeiro bloco de pessoas em fila. Não havia com o deter aquilo, m as eles bem

podiam estar a postos quando as coisas…

Tum!

… term inassem .

O avião finalm ente encontrou um obj eto inanim ado que não conseguiu superar: o barracão

usado para guardar alguns dos equipam entos e produtos de j ardinagem bem no fim do j ardim .

Parada com pleta.

E tudo estava silencioso dem ais. Tudo o que Blay ouviu foi o *suissssh* dos coturnos trafegando

pela neve, e sua respiração arfando no ar frio, e a pressa dos outros atrás de si.

Ele foi o prim eiro a chegar à aeronave e se dirigiu à porta que, com o por m ilagre, estava livre

e não im prensada ao m uro de concreto. Abrindo-a e sacando a lanterna de bolso, ele não sabia o

que esperava encontrar. Fum aça? Gases? Sangue e partes de corpos?

Zsadist estava sentado rígido no assento de frente para os fundos, com o corpo am arrado,

am bas as m ãos travadas nos apoios de braços. O Irm ão encarava à frente, sem piscar.

– Param os de nos m exer? – perguntou rouco.

Ok, ao que tudo levava a crer, até m esm o um Irm ão podia ficar em estado de choque.

– Sim , pararam – Blay não queria ser rude, m as agora que estava certo de que um deles

sobrevivera, ele queria ver se Qhuinn…

O m acho cam baleou para fora da cabine. No facho de luz da lanterna de Blay , ele parecia ter

estado num brinquedo radical de um parque de diversões, com o cabelo todo para trás da testa

queim ada pela ação do vento, os olhos, um verde e outro azul, arregalados num rosto

com pletam ente pálido, cada m em bro do corpo trêm ulo.

– Você está bem ? – exclam ou ele, com o se os ouvidos estivessem surdos depois de expostos a

m uito barulho. – Z., diga algum a coisa…

– Estou aqui – respondeu o Irm ão, fazendo um a careta de dor ao soltar um a das garras dos

apoios de braço. – Estou bem , filho… Estou bem .

Qhuinn se agarrou ao que estava saliente e foi então que seus j oelhos se dobraram . Ele apenas

caiu entre as m ãos estendidas, a voz entrecortada a ponto de ele m al conseguir falar.

– Eu só… queria que você… estivesse bem … Só queria… que você… ficasse bem , oh Deus…

para a sua filha… Só queria que você ficasse ok…

Zsadist, o Irm ão que nunca tocava em ninguém , esticou-se e pousou um a m ão livre na cabeça

inclinada de Qhuinn. Erguendo os olhos, ele disse suavem ente:

– Não deixe ninguém entrar aqui. Dê um m inuto a ele, ok?

Blay assentiu e se virou, bloqueando a entrada com o corpo.

– Eles estão bem , eles estão bem …

Enquanto falava com a m ultidão, um bom núm ero de pessoas fitava-no com o se ele fosse um

enviado de Deus, m as Bella não estava entre eles. Ela estava…

– Zsadist! *Zsaaaadist!*

O grito se transportou por todo o cam inho do gram ado quando, do alto da varanda, um a figura

solitária partiu em disparada em m eio à neve.

Muitas pessoas responderam a Bella, m as ele duvidava de que ela tivesse ouvido qualquer

coisa.

– *Zsaaaadist!*

Quando ela escorregou j á perto dele, Blay im ediatam ente se esticou para pegá-la, preocupado

que ela acabasse se chocando com a lateral do avião. Ah, Deus, ele j am ais se esqueceria da

expressão no rosto dela: era m ais terrível do que qualquer atrocidade que j á vira, com o se ela

estivesse sendo esfolada viva, com o se os braços e pernas estivessem am arrados, e a pele

estivesse sendo arrancada de seu corpo.

Qhuinn saiu do avião.

– Ele está bem , ele está bem , prom eto… Ele está bem .

Bella se im obilizou, com o se aquela fosse a últim a coisa que ela esperasse ouvir.

– Minha *nalla*, entre – disse Z. no m esm o tom baixo que usara com Qhuinn. – Entre aqui.

A fêm ea chegou a olhar para Blay com o se precisasse de um a garantia para saber se aquilo

que ouvia estava correto. Em resposta, ele sim plesm ente a levou pelo cotovelo e a aj udou a

passar pela portinhola.

Depois, m ais um a vez virou de frente para bloquear a passagem . Enquanto os sons da fêm ea

chorando livrem ente em sinal de alívio em anavam , ele viu Qhuinn passar as m ãos sobre os olhos

com o se o m acho estivesse se livrando de lágrim as.

– Caram ba, filho, eu não sabia que você sabia pilotar – alguém disse.

Enquanto Qhuinn levantava a cabeça, aparentem ente olhando de relance para o cenário, Blay

fez o m esm o. Pense num a cena apocalíptica: havia um rastro em toda a extensão pela qual o

avião passara, com o se o dedo de Deus tivesse feito um a linha em todo o j ardim .

– Na verdade… eu não sei – m urm urou Qhuinn.

V. levou o cigarro aos lábios e estendeu a palm a.

– Você trouxe o m eu Irm ão de volta em um só pedaço. Que se foda o resto.

– Verdade…

– Sim , graças a Deus…

– Diabos, é isso aí…

– Am ém …

Um a um , a Irm andade se adiantou, cada um deles erguendo a m ão da adaga. A procissão

levou um tem po, m as ninguém parecia se im portar com o frio.

Blay , por certo, não o sentia. A ponto de ficar paranoico…

Colocando a m ão dentro da j aqueta, encontrou o tórax e se deu um beliscão

bem forte.

Ai.

Fechando os olhos, fez um a prece silenciosa para que aquilo fosse m esm o verdade… e não o

horror que poderia ter sido.

Toda aquela atenção estava deixando Qhuinn nervoso.

E o seu pequeno voo nem fora um a experiência tão zen assim . A queim adura no rosto por

causa de todo aquele vento, as dores nos om bros e nas costas, as pernas trêm ulas… Ele sentia

com o se ainda estivesse lá em cim a, ainda rezando para nada em que acreditava existir, parado e

para sem pre no lim iar.

Da m orte.

Além disso, estava trem endam ente envergonhado. Deixar-se abater daquele j eito diante de Z.?

Ora essa… Que covarde.

– Im portam -se se eu der um a olhada? – a doutora Jane disse ao se aproxim ar da m ultidão.

Sim , um a boa ideia. O obj etivo de tudo aquilo foi Z. estar ferido tão gravem ente que não

conseguia se desm aterializar.

– Qhuinn? – disse a fêm ea.

– Com o disse? – ah, ele estava atrapalhando. – Ok, deixe-m e sair da frente…

– Não, não o Zsadist. Você.

– Hum ?

– Você está sangrando.

– Estou?

A m édica virou a m ão dele.

– Vê? – e, com o era de se esperar, escorriam gotas verm elhas de suas palm as.
– Você acabou

de esfregar o rosto. Está com um corte feio na cabeça.

– Ah, ok – talvez por isso se sentisse tão aéreo? – E quanto a Z.?

– Manny j á está lá dentro.

Hum . Devia ter perdido aquela parte.

– Quer dar um a olhada em m im aqui?

Ela deu um a risada de leve.

– Que tal levarm os você de volta para a casa? Se conseguir andar.

– Eu cuido dele…

– Pode deixar que eu levo…

– Eu levo…

– Já peguei…

O coro de voluntários foi um a surpresa, bem com o todos os braços solícitos que apareceram

de todos os lados: ele, literalm ente, foi envolvido por braços fortes de lutadores, e todos quase a

carregá-lo do lugar com o se estivesse fazendo *stage diving* num show de rock.

Ele olhou para trás, esperando ver Blay , rezando para se deparar com os olhos dele, m esm o

isso sendo loucura…

Mas Blay estava lá.

O lindo olhar azul estava logo ali, tão firm e e certo ao sustentar o seu que ele quase

desm oronou novam ente. E ele retirou forças daquele olhar, assim com o o fizera na época em

que passavam tanto tem po j untos. A verdade era que ele desej ava que fosse Blay a levá-lo de

volta à m ansão, m as ninguém se arriscava a dizer nada à Irm andade quando ela aparecia em

m assa assim . Além disso, sem dúvida o cara pensaria que estariam próxim os dem ais.

Qhuinn se concentrou no cam inho à frente. Puta… m erda…

O j ardim fora com pletam ente dizim ado, m etade da cerca viva de três m etros de altura

próxim a à casa fora cortada, todos os tipos de árvore arrancados, arbustos aparados, os restos da

colisão espalhados por todos os lados com o estilhaços de um a m etralha.

Caram ba, m uito do entulho se parecia com partes de avião.

Ah, olhe ali um painel de aço.

– Esperem – disse, libertando-se. Inclinando-se, pegou um fragm ento afiado do chão no lugar

em que derretera a neve. Ele podia j urar que a coisa ainda estava quente. – Eu sinto m uito

m esm o… disse para ninguém em especial.

A voz do Rei rebum bou diante dele:

– Por m anter o m eu Irm ão vivo?

Qhuinn levantou a cabeça. Wrath saíra da biblioteca com George de um lado e a rainha do

outro. O m acho parecia tão grande e forte quanto a m ansão atrás dele: m esm o cego, ele se

parecia com um super-herói com aqueles óculos escuros encobrindo os olhos.

– Eu destruí o seu j ardim – m urm urou Qhuinn ao se aproxim ar do m acho real. – Quero

dizer… m udei o paisagism o de um m odo m uito ruim .

– Isso dará a Fritz algo para fazer na prim avera. Você sabe o quanto ele adora arrancar ervas daninhas.

– Esse é o últim o dos seus problem as. Tenho quase certeza de que vai precisar de um a

escavadeira.

Wrath se adiantou, encontrando-o no m eio da varanda.

– Esta é a segunda vez, filho.

– Que eu arruinei algo m ecânico nas últim as 24 horas? É, eu sei… Da próxim a vez, é provável

que eu destrua um navio de guerra.

As sobrancelhas negras se abaixaram .

– Não é disso que estou falando.

Ok, aquilo tinha de term inar logo. Ele *realmente* detestava ter as atenções voltadas para si.

Deliberadam ente ignorando a afirm ação do Rei, ele disse:

– Bem , a boa notícia é, m eu Rei, que não estou pensando num a terceira rodada. Por isso, acho

que vam os estar seguros daqui por diante.

Houve um m urm úrio coletivo de concordância.

– Posso levá-lo para a clínica agora? – a doutora Jane interrom peu.

Wrath sorriu, as presas refletindo o luar.

– Faça isso.

Graças a Deus… a noite chegava ao fim .

– Onde está Lay la? – a m édica perguntou quando entraram no calor da biblioteca. – Acho que

você precisa se alim entar.

Merda.

Enquanto a legião em roupas de couro atrás deles concordava com a ideia, os olhos de Qhuinn

reviraram . Um a crise por noite era m ais do que o suficiente. A últim a coisa na qual ele estava

interessado era explicar por que, exatam ente, a Escolhida não poderia ser usada com o fonte de

sangue.

– Você parece tonto – alguém com entou.

– Acho que ele vai…

E *essa* foi a últim a coisa que ele ouviu por um tem po.

CAPÍTULO 22

Do outro lado do rio, na clínica de Havers, Lay la finalm ente teve que sair da m esa de exam es

e andar pela saleta. Perdera com pletam ente a noção do tem po àquela altura. De fato, parecia

que ela estivera fitando aquelas quatro paredes por um a eternidade. E continuaria a fitar pelo

resto de sua vida na face da Terra.

A única parte sua que perm anecia fresca e ocupada era a cabeça. Infelizm ente, ela se

concentrava em pensar no que a enferm eira lhe dissera… que aquilo era um aborto. Que era

m uito provável que ela tivesse concebido…

Quando a batida à porta que ela tanto esperava chegou, foi inesperada e a assustou.

– Entre – disse ela.

A enferm eira que fora tão gentil entrou… m as parecia diferente. Ela se recusava a olhar para

Lay la, e o rosto estava congelado num a m áscara. Havia um tecido branco dobrado no braço, e

ela o em purrou para a frente, desviando o olhar. E depois fez um a m esura.

– Sua Graça – disse ela com um a voz trêm ula. – Eu… Havers… nós… não sabíam os.

Lay la franziu o cenho.

– O que está…

A enferm eira sacudiu o m anto, com o se tentasse forçar Lay la a aceitá-lo.

– Por favor, vista isto.

– Do que se trata?

– A senhora tem sangue de Escolhida – a voz da enferm eira trem ulou. – Havers está…

perturbado.

Lay la se esforçou para com preender as palavras. Então aquilo não era… por causa da

gravidez?

– O quê… Não com preendo. Por que ele está… está perturbado porque sou um a Escolhida?

A outra fêm ea em palideceu.

– Pensávam os que a senhora fosse… decaída?

Lay la cobriu os olhos com as m ãos.

– Eu logo poderei ser isso… dependendo do que acontecer – ela *não* tinha energia para aquilo.

– Alguém poderia m e contar o resultado dos exam es e o que preciso fazer para cuidar de m im ?

A enferm eira rem exeu no tecido, ainda tentando entregá-lo.

– Ele não pode voltar para cá…

– *O quê?*

– Não se não estiver… Ele não pode ficar aqui com a senhora. Ele nunca deveria ter…

Lay la avançou, sua calm a sum indo.

– Deixe-m e ser bem clara, quero falar com o m édico – ante essa exigência, a enferm eira

levantou a cabeça para olhar para ela. – Tenho o direito de saber o que ele descobriu a respeito

do m eu corpo. Diga isso a ele *agora*.

Não havia nenhum guincho em sua voz. Nenhum a histeria aguda; apenas um tom neutro,

poderoso, que ela nunca vira saindo de sua boca antes.

– Vá. E traga-o – exigiu.

A enferm eira levantou o pedaço de pano.

– Por favor. Vista isso. Ele…

Lay la se esforçou para não gritar.

– Sou apenas um a paciente qualquer…

A enferm eira aprum ou os olhos e franziu o cenho.

– Com licença, m as isso não é bem verdade. Segundo o m édico, ele a violou durante o exam e.

– O quê?

A enferm eira apenas a encarou.

– Ele é um bom m acho. Um m acho m uito tradicional em seu m odo de ser…

– O que isso, em nom e da Virgem Escriba, tem a ver com qualquer coisa?

– O Prim ale pode m atá-lo pelo que ele lhe fez.

– Durante o exam e? Eu perm iti… era um procedim ento m édico necessário!

– Isso não faz diferença. Ele fez algo ilegal.

Lay la fechou os olhos. Deveria ter usado a clínica da Irm andade.

– A senhora tem que perceber de onde ele vem – ponderou a enferm eira. – A senhora vem de

um a hierarquia com a qual não tem os contato… e, m ais do que isso, nem deveríam os ter contato.

– Tenho um coração pulsante e um corpo que precisa de aj uda. Isso é tudo o que ele, e

qualquer outra pessoa, precisa saber. A carne é a m esm a.

– O sangue não é.

– Ele tem que vir m e ver…

– Ele não virá.

Lay la voltou a focalizar a enferm eira. E depois pousou a m ão no baixo ventre. Por toda sua

existência, até então, ela vivera do lado da integridade, servindo com lealdade, executando suas

tarefas, existindo apenas dentro dos parâm etros prescritos ditados por outrem .

Não m ais.

Estreitou o olhar.

– Diga ao m édico que ou ele vem até aqui e m e diz pessoalm ente o que está acontecendo… ou

procuro o Prim ale e conto palavra por palavra o que aconteceu aqui.

Deliberadam ente, desviou o olhar para a m áquina utilizada durante o exam e interno.

Enquanto a enferm eira em palidecia, Lay la não sentiu nenhum a alegria no poder utilizado.

Tam pouco se arrependia.

A enferm eira fez um a m esura e saiu do quarto, deixando aquele pedaço de pano ridículo na

bancada baixa ao lado da pia.

Lay la nunca considerara seu *status* de Escolhida nem um fardo nem um benefício. Era

sim plesm ente quem ela era: sua sina, o destino que lhe fora dado se m anifestando por m eio da

respiração e da consciência. Outros, porém , não eram tão fleum áticos, especialm ente ali

em baixo.

E aquilo era apenas o com eço.

Pensando bem , estava perdendo o bebê, não estava? Então, aquilo era o fim .

Esticando a m ão, pegou o pano e o enrolou ao seu redor. Não se im portava com as

sensibilidades do m édico, m as se ficasse coberta com o lhe pediram , talvez ele se concentrasse

nela em vez do que em quem ela era.

Quase im ediatam ente houve outra batida à porta e, quando Lay la respondeu, Havers entrou, parecendo ter um a arm a na cabeça. Mantendo o olhar no chão, ele apenas os fechou

parcialm ente na sala, antes de cruzar os braços sobre o estetoscópio.

– Se eu tivesse sabido do seu status, j am ais a teria tratado.

– Procurei-o por livre e espontânea vontade, com o um a paciente necessitada.

Ele balançou a cabeça.

– A senhora é um a santidade na Terra. Quem sou eu para intervir em assunto tão sagrado?

– Por favor. Apenas ponha um fim no m eu sofrim ento e m e diga o que está acontecendo.

Ele retirou os óculos e esfregou o nariz.

– Não posso divulgar essa inform ação para a senhora.

Lay la abriu a boca. Fechou-a.

– Com o disse?

– A senhora não é m inha paciente. O seu filho e o Prim ale são… Portanto, falarei com ele

quando puder…

– Não! Não deve procurá-lo!

O olhar que ele lhe lançou sugeriu um desdém que ela im aginava que ele norm alm ente

reservasse a prostitutas. E, em seguida, ele falou num tom baixo, vagam ente am eaçador:

– Não está em posição de exigir nada.

Lay la se retraiu.

– Vim até aqui porque quis, com o um a fêm ea independente…

– Você é um a Escolhida. Não só é ilegal para m im acolhê-la, com o tam bém posso ser j ulgado

pelo que lhe fiz antes. O corpo de um a Escolhida…

– Pertence a ela m esm a!

– … ao Prim ale, por lei, com o deveria ser. Você é de pouca im portância… Nada além de um

receptáculo para aquilo que lhe é dado. Com o *ousa* vir até aqui, fingindo ser um a sim ples fêm ea,

e colocar o m eu consultório e m inha vida em risco com tal engodo?

Lay la sentiu um a onda de raiva estrem ecer até cada um a das term inações nervosas de seu

corpo.

– De quem é o coração que bate neste corpo? – ela bateu no peito. – De quem é esta

respiração aqui dentro!

Havers balançou a cabeça.

– Falarei com o Prim ale e som ente com ele…

– Não pode estar falando sério! Só eu vivo nesta carne. Ninguém m ais…

O rosto do m édico se contraiu em desgosto.

– Com o j á disse, você não passa de um recipiente para o m istério divino em seu ventre, o

próprio Prim ale está em sua carne, e, por isso, eu a deterei aqui até que…

– Contra a m inha vontade? Acho que não.

– Ficará aqui até que o Prim ale venha buscá-la. Não serei responsável por deixá-la livre no

m undo.

Os dois se encararam .

Com um a im precação, Lay la arrancou o tecido que a cobria.

– Bem , esse seu plano é ótim o. Mas estou m e despindo neste segundo e sairei daqui desse

m odo se assim for necessário. Fique e observe se quiser… ou pode tentar tocar em m im , m as

acredito que isso seria considerado outra violação de algum tipo para o senhor, não seria?

O m édico saiu com tanta rapidez que tropeçou no corredor.

Lay la não desperdiçou sequer um segundo, vestindo suas roupas e se apressando pelo

corredor. Ainda que fosse im provável que houvesse apenas um a saída, a da recepção – deviam

existir outras rotas de fuga, para o caso de um ataque –, infelizm ente, ela não conhecia a planta

da clínica.

Sua única opção era ir direto para a entrada. E teria de fazer isso cam inhando, pois estava

furiosa dem ais para se desm aterializar.

Trotando, Lay la tom ou a direção pela qual entrara e, quase im ediatam ente, com o se tivessem

sido instruídas a tal, a equipe de enferm agem apareceu em seu cam inho, tom ando conta do

corredor, im possibilitando-a de passar.

– Se um a de vocês tocar em m im – exclam ou ela no Antigo Idiom a –, considerarei isso um a

violação da m inha santidade sagrada.

Todas pararam .

Enfrentando cada um dos olhares, ela se adiantou e forçou-as a se afastarem , um cam inho se

form ando entre as figuras im óveis e depois voltando a se fechar atrás dela. Na sala de espera, ela

parou na frente do balcão de recepção e encarou a fêm ea que, alarm ada, continuava apenas

sentada.

– Você tem duas escolhas – Lay la indicou a porta de saída reforçada. – Pode voluntariam ente

abrir aquela porta para m im , ou eu a explodo com o m eu poder… expondo todos vocês e os seus

pacientes para o açoite da luz do sol que entrará – consultou o relógio da parede – em m enos de

sete horas. Não tenho certeza se vocês poderão consertar esse tipo de estrago a tem po… você

tem ?

O clique da trava sendo aberta ressoou no silêncio.

– Obrigada – m urm urou com educação ao se encam inhar para a saída. – A sua aquiescência é

muito apreciada.

Afinal, ela j am ais se esquecia dos seus m odos.

Sentado atrás da escrivaninha, com o traseiro confortável no trono que seu pai fizera séculos e

séculos atrás, Wrath, filho de Wrath, escorregava o dedo para cim a e para baixo na suave lâm ina

de prata do abridor de cartas em form a de adaga. Ao seu lado, no chão, George roncava pelo

focinho.

O cão dorm ia em raros m om entos.

Se alguém batesse à porta ou entrasse, ou se o próprio Wrath se m ovesse de algum m odo, a

cabeçorra se levantava e a coleira pesada fazia barulho. O alerta instantâneo tam bém aparecia

se alguém atravessasse o corredor, ou usasse um aspirador de pó em algum lugar, ou abrisse a

porta do vestíbulo no andar de baixo. Ou servisse um a refeição. Ou espirrasse na biblioteca.

Depois que a cabeça se erguia, havia um a escala de reações, variando do nada (atividades na

sala de j antar, aspirador e espirro), a um levantar de orelhas (a porta da frente se abrindo ou

alguém no corredor) até a atenção com pleta sentando-se (batida e entrada). O cachorro nunca

era agressivo, porém servia com o um detector de m ovim entos, deixando a decisão quanto ao que

fazer a seu dono.

O cão guia era um cavalheiro.

E, m esm o assim , ainda que a natureza m ansa fosse parte do anim al bem com o os pelos longos e m acios, e o corpo grande e am plo, Wrath, vez ou outra,

testem unhara vislum bres da fera

dentro de tal com binação adorável: quando se está em m eio a um bando de lutadores agressivos

e m ásculos com o a Irm andade, as cabeças esquentavam vez ou outra, m esm o em relação ao

Rei. E isso não incom odava Wrath. Ele estava j unto aos filhos da m ãe há tem po dem ais para se

im portar com um pouco de batidas no peito e seguradas de saco.

George, no entanto, não gostava disso. Se algum deles se m etesse a valentão em relação ao

Rei, os pelos do cão gentil se eriçavam e ele rosnava em aviso enquanto pressionava o corpo às

pernas de Wrath, com o se estivesse se preparando para m ostrar aos Irm ãos o com prim ento das

suas presas para o caso de as coisas chegarem às vias de fato.

A única coisa que Wrath am ava m ais era a sua rainha.

Abaixando a m ão, afagou o flanco do cachorro; depois, voltou a se concentrar na sensação do

abridor de cartas contra o dedo.

Jesus Cristo. Aviões caindo do céu… Irm ãos se m achucando… Qhuinn bancando o herói

novam ente…

Pelo m enos a noite não fora apenas um dram a de provocar ataques cardíacos. Na verdade,

com eçaram em boa nota com a prova de que precisavam para atacar o Bando de Bastardos: V.

concluíra o teste de balística e, caram ba, a bala extraída do pescoço de Wrath com eçara sua

traj etória no rifle encontrado no covil de Xcor.

Wrath sorriu consigo, as presas coçando nas pontas.

Aqueles traidores agora estavam , oficialm ente, na sua lista de inim igos, com o am paro total da

lei – e estava na hora de causar alguns estragos.

Nesse instante, George sacudiu a cabeça, e a batida insistente à porta que se seguiu indicava

que Wrath não devia ter notado a prim eira batida.

– Entre.

Ele sabia quem era antes que a Irm andade entrasse: V. e o tira. Rhage. Tohr. Phury . E, por

fim , Z., quem , a j ulgar pelo baque, parecia estar usando um a bengala.

Fecharam a porta.

Com o ninguém se sentou, tam pouco j ogou conversa fora, ele soube exatam ente por que

vieram vê-lo.

– Qual o veredicto, *senhoras*? – perguntou de m odo arrastado, ao se recostar contra o trono.

Foi a voz de Tohr que lhe respondeu:

– Estivem os pensando a respeito de Qhuinn.

Ele apostava nisso. Depois de apresentar a ideia na reunião no com eço da noite, não

pressionara por um sim ou um não. Havia m uitas coisas que ele, com o rei, tinha que enfiar goela

abaixo das pessoas. Quem os Irm ãos aceitariam no grupo não era um a dessas coisas.

– E?

Zsadist falou no Antigo Idiom a:

– Eu, Zsadist, filho de Ahgony, iniciado no ano 242 do reino de Wrath, filho de Wrath, por meio desta indico Qhuinn, um órfão no mundo, como membro da Irmandade da Adaga Negra.

Ouvir as palavras form ais saírem da boca do Irm ão foi um choque. Z., dentre todos eles,

acreditava que o passado era um m onte de asneira. Não quando se referia àquilo, pelo visto.

Jesus, pensou Wrath. Eles dariam prosseguim ento àquilo. E rápido – acreditara que eles

precisariam de m ais tem po. Dias de reflexão. Sem anas. Talvez um m ês – e, talvez, um "não"

por um a série de m otivos.

Mas eles estavam dispostos – e, em concordância, tam bém Wrath.

– Em que se baseia esse pedido em seu nome e de sua linhagem? – perguntou Wrath.

Em seguida, Z. deixou a form alidade de lado e foi para a realidade que im portava.

– Ele m e trouxe de volta para casa em segurança, para a m inha *shellan* e m inha pequena filha.

Arriscando a própria vida.

– Muito j usto.

Wrath passou o olhar por todos os m achos parados diante de sua escrivaninha, m esm o sem

conseguir enxergá-los. A visão não im portava. Ele não precisava de retinas operantes para lhe

dizer onde todos estavam e com o se sentiam a respeito daquilo; o odor de suas em oções estava

claro.

Eram , com o grupo, firm es, resolutos e orgulhosos.

Mas as form alidades eram necessárias.

Wrath com eçou pelo que estava na ponta.

– V.?

– Eu estava pronto para atacar quando ele j á estava em cim a de Xcor.

Houve um grunhido de concordância.

– Butch?

O sotaque de Boston se fez alto e claro:

– Considero-o um lutador de prim eira. E gosto dele. Ele está am adurecendo, deixando de lado

a atitude negativa, está se tornando sério.

– Rhage?

– Deveria tê-lo visto hoj e. Ele não m e deixou pilotar o avião… disse que dois Irm ãos seria

m uito a perder.

Mais grunhidos de concordância.

– Tohr?

– Na noite em que você foi atingido? Eu consegui tirá-lo de lá graças a ele. Ele tem valor.

– Phury ?

– Gosto dele. De verdade. Ele é o prim eiro a agir em qualquer situação. Ele, literalm ente, faria

qualquer coisa por qualquer um de nós… não im portando o quanto possa ser perigoso.

Wrath tam borilou as j untas na m esa.

– Está acertado, então. Direi a Saxton para providenciar as m udanças e farem os isso.

Tohr se introm eteu:

– Com todo o respeito, m eu senhor, precisam os resolver a questão do *ahstrum nohtrum*. Cuidar

da retaguarda de John não pode m ais ser a diretriz prim ária dele.

– Concordo. Direm os a John para liberá-lo disso… e não creio que a resposta sej a negativa.

Então, farei com que Saxton cuide da papelada, e depois da iniciação de Qhuinn; V., cuide da

tatuagem no rosto dele. Com o se John tivesse m orrido de causas naturais ou algo do tipo?

Houve um barulho de roupas se m exendo, com o se os Irm ãos estivessem fazendo o gesto

sim bólico de “que a Virgem Escriba não perm ita isso” por sobre o peito.

– De acordo – disse V.

Wrath cruzou os braços diante do peito. Aquele era um m om ento histórico e ele sabia m uito

bem isso. A iniciação de Butch fora legal por causa do laço de sangue que ele tinha com a realeza. Qhuinn era um a história diferente. Nenhum sangue real. Nenhum sangue de Escolhida

ou de Irm andade, ainda que, tecnicam ente, ele fosse da aristocracia.

Nenhum a fam ília.

Por outro lado, o garoto dera provas de quem era vezes sem conta no cam po de batalha,

fazendo j us a um padrão que, segundo as Antigas Leis atualm ente determ inavam , era reservado

som ente para aqueles de linhagens específicas – e isso era tolice. Não que Wrath não apreciasse

os planos de procriação da Virgem Escriba. As com binações entre os m achos m ais fortes e as

fêm eas m ais inteligentes produziram , de fato, resultados extraordinários no que se referia aos

lutadores.

Porém , tam bém resultara em defeitos com o a sua cegueira. E lim itava as prom oções

baseadas no m érito.

No fim , a reform ulação das leis no tocante a quem poderia ou não estar na Irm andade não era

apenas apropriado nos term os de que tipo de sociedade ele desej ava criar – era um a questão de

sobrevivência. Quanto m ais lutadores, m elhor.

Além do m ais, Qhuinn verdadeiram ente fizera por m erecer a honra.

– Que assim sej a – m urm urou Wrath. – Oito é um bom núm ero. Um núm ero de sorte.

O m urm úrio de concordância perpassou o ar m ais um a vez, o som de um a única e com pleta

solidariedade.

Aquele era o futuro, pensou Wrath ao sorrir e revelar as presas. E era certo.

CAPÍTULO 23

Enquanto Sola Morte estava no escritório do “chefe”, seu corpo estava num a pose de com bate.

Pensando bem , aquele era seu m odo de ser, e nada específico em relação ao am biente ou à

conversa que se sucedia.

Essa últim a, no entanto, não m elhorava m uito o seu hum or.

– Desculpe, o que disse? – exigiu saber.

Ricardo Benloise sorriu em seu típico m odo tranquilo e distante.

– A sua m issão está com pleta. Obrigado pelo seu tem po.

– Eu nem lhe contei o que descobri lá.

O hom em se recostou na cadeira.

– Pode receber seus honorários com m eu irm ão.

– Não entendo isso – quando ele telefonara m enos de 48 horas antes, aquilo tinha sido um a

prioridade. – Você disse…

– Seus serviços não são m ais necessários para esse propósito específico. Obrigado.

Será que ele estava trabalhando com outra pessoa? Mas quem em Caldwell fazia o tipo de

coisas que ela fazia?

– Você nem m esm o quer saber o que descobri.

– Sua m issão chegou ao fim – o hom em sorriu novam ente, de m odo tão profissional, que

alguém poderia j urar que ele era um advogado ou um j uiz. Não um crim inoso em escala global.

– Mal posso esperar para voltarm os a trabalhar j untos no futuro.

Um dos guarda-costas ao fundo deu alguns passos à frente, com o se estivesse pronto para levar

o lixo para fora.

– Algum a coisa está acontecendo naquela casa – disse ela ao se virar. – Quem quer que sej a,

está escondendo…

– Não quero que volte lá.

Sola parou e olhou por sobre o om bro. A voz de Benloise estava tranquila com o sem pre, m as

os olhos eram francos.

Bem , aquilo era interessante.

A única explicação possível com algum a lógica era de que o senhor Misterioso da grande casa

de vidro alertara Benloise para que recuasse. Será que sua visitinha fora descoberta? Ou seria

aquilo apenas um a dem onstração rotineira de com o as coisas prosseguiam no tráfico de drogas?

– Está ficando sentim ental? – perguntou ela com suavidade. Afinal, ela e Benloise se

conheciam há tem pos.

– Você é um a com m odity m uito útil – o sorriso atenuou a ferroada das palavras. – Agora vá e

fique em segurança, *niña*.

Ah, pelo am or de Deus… não havia m otivos para brigar com o hom em . E ela receberia seu

dinheiro, portanto, por que se im portar?

Ela acenou, seguiu para a porta e desceu as escadas. No espaço da galeria, seguiu para o fundo

do prédio, onde os em pregados legítim os trabalhavam durante o expediente lícito. Passando os

arquivos e as m esas, que pareciam do tam anho de um a casinha da Barbie graças ao teto alto industrial quinze m etros acim a, ela tom ou um corredor estreito que estava m arcado apenas pelas

câm eras de segurança.

Bater à porta era inútil, m as ela o fez assim m esm o, os painéis à prova de balas absorvendo o

som das j untas, com o se estivessem com fom e. Para auxiliar o irm ão de Benloise (não que

Eduardo precisasse disso) ela se virou para a câm era m ais próxim a e m ostrou

o rosto.

As travas foram abertas m om entos depois. O escritório de Ricardo era m inim alista ao

extrem o; o de Eduardo era um lugar em que Donald Trum p, com todo o seu fetiche por ouro,

sentiria-se sufocado.

Com um pouco m ais de m árm ore e tecidos dourados, você se sentiria num prostíbulo.

Enquanto Eduardo sorria, seus dentes falsos eram da form a e cor das teclas de um piano, e o

bronzeado uniform e tão profundo, que pareceria ter sido colocado nele com um a caneta

perm anente. Com o sem pre, ele estava usando um terno de três peças, ao estilo do senhor Roarke

da *Ilha da Fantasia*, com a exceção de ser preto, e não branco.

– Com o está hoj e? – o olhar dele passeou pelo seu corpo. – Parece-m e ótim a.

– Ricardo disse para eu procurá-lo para pegar o m eu dinheiro.

Instantaneam ente, Eduardo se m ostrou sério, lem brando-a do m otivo pelo qual Ricardo o

m antinha por perto: laços de sangue e com petência eram um a com binação poderosa.

– Sim , ele m e avisou que você viria – Eduardo abriu um a das gavetas e pegou um envelope. –

Aqui está.

Ele esticou o braço ao longo da escrivaninha, e ela pegou o que lhe foi oferecido, abrindo-o

im ediatam ente.

– Aqui só tem a m etade – ela levantou o olhar. – Só tem dois e quinhentos.

Eduardo sorriu exatam ente com o o irm ão: só no rosto, sem atingir o olhar.

– A m issão não foi com pletada.

– Foi o seu irm ão quem a suspendeu. Não eu.

Eduardo ergueu as palm as para cim a.

– Esse é o seu pagam ento. Ou pode deixar o dinheiro aqui.

Sola estreitou o olhar.

Fechando a aba do envelope devagar, ela o virou na m ão, esticou o braço e depositou-o sobre a

m esa. Deixando o indicador apoiado nele, assentiu um a vez.

– Com o quiser.

Virando-se, foi para a porta e esperou que ela fosse destrancada.

– *Niña*, não faça assim – disse Eduardo. Quando ela nada disse, o rangido da cadeira indicou

que ele estava se levantando e dando a volta na m esa.

E logo a colônia dele atingiu seu nariz, e as m ãos dele pousaram em seus om bros.

– Preste atenção – disse ele. – Você é m uito im portante para Ricardo e para m im . Nós não a

estam os desm erecendo… *mucho* respeito, certo?

Sola olhou por cim a do om bro.

– Deixe-m e sair.

– *Niña*.

– Agora.

– Leve o dinheiro.

– Não.

Eduardo suspirou.

– Você não precisa ser assim .

Sola apreciou a culpa que se fez ouvir na voz dele. A reação, na verdade, era a que ela

buscava. Com o m uitos hom ens da cultura deles, Eduardo e Ricardo Benloise foram criados por

um a m ãe tradicional, e isso significava que sentir culpa era um ato reflexo.

Mais eficaz do que gritar com eles ou im plorar.

– Saia – disse ela. – Agora.

Eduardo suspirou novam ente, dessa vez m ais profunda e dem oradam ente, o som da

confirm ação de que a m anipulação dela m ais um a vez atingira o alvo.

Entretanto, ele não lhe deu o dinheiro devido. Apesar da decoração excessiva e do retrospecto

da dinâm ica da sua infância, ele era m ais fechado que um cofre de banco. Dito isso, ela tinha

certeza de que arruinara a noite dele, portanto existia satisfação no ato… e ela cuidaria daquilo

que Ricardo lhe devia.

Ele podia ser j usto. Ou, conform e preferira, fazer o que ela não queria.

Isso vinha acom panhado de um a sobretaxa, evidentem ente.

Sim , teria sido m uito m ais barato para ele lhe dar o valor correto, contudo, ela não era

responsável pelas decisões dos outros.

– Ricardo ficará decepcionado – disse Eduardo. – Ele odeia ficar decepcionado. Por favor,

apenas aceite o dinheiro; isto não está certo.

A parte lógica de seu cérebro sugeria que ela aproveitasse a oportunidade de apontar a

inj ustiça de ser passada para trás naquilo que lhe era devido. Mas se ela bem conhecia aqueles

irm ãos, o silêncio… ah, o silêncio…

Com o a natureza odiava o vácuo, o m esm o acontecia com a consciência dos sul-am ericanos

bem -criados.

– Sola…

Ela sim plesm ente cruzou os braços diante do peito e continuou a olhar para a frente. Deixa

para o espanhol: Eduardo disparou a falar em sua língua nativa, com o se a angústia o despisse das

suas habilidades no inglês.

Ele, finalm ente, desistiu e a deixou sair cerca de dez m inutos m ais tarde.

Haveria rosas na sua porta às nove da m anhã. No entanto, ela não estaria em casa.

Ela tinha trabalho a fazer.

– *Como assim, eles não apareceram?* – Assail exigiu saber no Antigo Idiom a.

Ao se recostar no assento do Range Rover, segurou o celular firm e contra a orelha. O farol

verm elho logo adiante im pedia seu progresso, e era difícil não enxergar isso com o um paralelo

cósm ico.

Seu prim o foi direto, com o sem pre:

– Os receptadores não chegaram na hora com binada.

– Quantos?

– Quatro.

– O quê? – m as não havia necessidade de o m acho repetir. – E nenhum a explicação?

– Nada na rua da parte dos outros sete, se é isso o que está perguntando.

– O que fez com o produto extra?

– Trouxe para casa com igo.

Quando o farol ficou verde, Assail pisou no acelerador.

– Vou fazer o pagam ento com pleto para Benloise, e depois vou m e encontrar com você.

– Com o preferir.

Assail virou à direita e se afastou do rio. Dois quarteirões à frente, um a curva à esquerda o

deixou perto da galeria novam ente; outra à esquerda e ele chegava aos fundos.

Já havia um carro estacionado ali, um Audi preto, e ele parou atrás do sedã. Abaixando à

frente do banco de passageiros, apanhou pela alça um a m aleta de m etal prateada e saiu do carro.

Nesse instante, a porta dos fundos da galeria se abriu e alguém saiu.

Um a fêm ea hum ana, a j ulgar pelo cheiro.

Ela era alta e tinha pernas longas. Cabelos escuros e volum osos penteados para trás. Queixo

erguido, com o se estivesse pronta para um confronto. Ou com o se tivesse acabado de sair de um .

Mas nada disso era relevante para ele. Exceto a parca: um a parca de cam uflagem branca

sobre crem e.

– Boa noite – disse ele num tom baixo quando se encontraram no beco. Ele pronto para entrar,

ela, saindo.

Ela parou e franziu o cenho, a m ão entrando sorrateira no casaco. Num rom pante, ele se viu

questionando com o seriam os seios dela.

– Nos conhecem os? – perguntou ela.

– Estam os nos conhecendo agora – ele esticou a m ão e disse: – Com o vai?

Ela olhou para a m ão dele, depois voltou a se concentrar no rosto.

– Alguém j á lhe disse que você parece o Drácula com esse sotaque?

Ele sorriu contido para que as presas não aparecessem .

– Algum as com parações foram feitas de tem pos em tem pos. Não vai apertar a m inha m ão?

– Não – ela indicou a porta da galeria com a cabeça. – É am igo dos Benloise?

– Sou. E você?

– Não os conheço. Bela m aleta, a propósito.

Com isso, ela se virou sobre os saltos e se dirigiu para o Audi. Depois que a luz do alarm e

piscou, ela entrou, o vento varrendo os cabelos sobre seus om bros enquanto ela desaparecia atrás

do volante.

Ele saiu da frente quando ela acelerou e saiu dali.

Assail a observou se afastar e se descobriu pensando com desdém a respeito do seu parceiro

de negócios Benloise.

Que tipo de hom em enviava um a fêm ea para aquele tipo de trabalho?

Enquanto as luzes de freio se ilum inaram brevem ente, e depois viraram a esquina, Assail

sinceram ente esperava que o lim ite estabelecido previam ente naquela noite fosse respeitado.

Seria um a pena ter de m atá-la.

Não que ele hesitaria sequer um instante se a situação o exigisse.

CAPÍTULO 24

Deitado de costas no concreto duro, os diversos anos de Zy pher com o m em bro do Bando de

Bastardos significava que ele estava bem fam iliarizado com a falta de acom odações de que

agora usufruía: o traseiro estava entorpecido pelo frio bem com o pela ausência de um colchão

debaixo do corpo pesado. Do m esm o m odo, a cabeça estava am parada apenas pela m ochila que

ele usara para carregar seus poucos pertences para o novo QG no porão daquele arm azém .

Além disso, a coberta fina e áspera que o cobria não era com prida o suficiente, deixando

expostos seus pés apenas de m eias ao ar frio e úm ido.

Mas ele estava no paraíso. Um paraíso perfeito.

Correndo em suas veias estava o sangue daquela fêm ea, e, ah, que alívio… Tendo passado

quase um ano sem alim entação adequada, ele se acostum ara à fadiga, aos m úsculos

desassossegados e às dores. Mas tudo aquilo se acabara.

De fato, era com o se estivesse inflando com força, a pele voltando a se esticar à sua dim ensão

própria, a altura m ais um a vez retornado ao seu norm al, a m ente tanto sonolenta pelo que se

passara quanto se aguçando a cada m om ento que transcorria.

Contudo, caso tivesse um a cam a, ele tam bém a apreciaria, claro. Travesseiros m acios, lençóis

cheirosos, roupas lim pas… aquecim ento no inverno, ar-refrigerado no verão… alim ento num

estôm ago vazio, água na garganta seca… tudo isso era bom quando se conseguia ter.

No entanto, não eram necessários.

Um a pistola lim pa, um a adaga afiada, um lutador pleno em sua totalidade. Era disso que

precisava.

E, claro, nas horas vagas, seria bom ter um a fêm ea desej osa deitada de costas. Ou de bruços.

Ou de lado com um j oelho erguido até o seio expondo o sexo pronto para ele.

Ele não era de escolher m uito.

Santa Virgem Escriba, aquilo era o… êxtase.

Não era um a palavra que usasse com m uita frequência – e ele não queria dorm ir durante

aquele despertar. Mesm o enquanto os outros se deixavam cair no descanso dos m ortos, cada um

deles na m esm a recuperação que ele próprio estava am ortecido, ele perm anecia profundam ente

ciente da sua incandescência interna gloriosa.

Só havia um a coisa que o estava irritando. As passadas.

Entreabriu um olho.

Bem no lim iar da luz das velas, Xcor andava de um lado para o outro, o cam inho restrito entre

duas im ensas colunas de sustentação que segurava o pavim ento superior.

O líder deles nunca estava à vontade, m as aquela inquietação era diferente. A j ulgar pelo

m odo com o segurava o aparelho telefônico, esperava um a ligação. E isso explicava por que ele

estava ali. O único lugar em que conseguiam um sinal era debaixo de um dos alçapões. A porta

era feita de m adeira, e a m alha de aço que fora colocada por baixo foi a única alteração que

fizeram quando espantaram os últim os vagabundos hum anos, selando as portas exteriores para se

m udarem para ali.

Dessa form a, os vam piros não poderiam se m aterializar ali em baixo.

E bem se sabia que os hum anos não tinham força suficiente para abrir aquelas pranchas de

m adeira de quinze centím etros de espessura…

O tinido do telefone do líder era civilizado dem ais para aquele am biente, a cam painha falsa

soando alegre dem ais com o sinos de vento rem exendo pela brisa prim averil.

Xcor parou e olhou para o telefone, deixando-o tocar um a vez m ais. Duas vezes.

Obviam ente, o m acho não queria deixar transparecer que estava aguardando o telefonem a.

Quando por fim atendeu, levou o aparelho ao ouvido, ergueu o queixo e relaxou o corpo.

Estava de novo no controle.

– Elan – disse ele com suavidade. Houve um a pausa. E, em seguida, aquelas sobrancelhas

sem pre baixas se ergueram ao m áxim o. – Que dia e que hora?

Zy pher se sentou.

– O Rei ligou? – silêncio. – Não, nem um pouco. De qualquer form a, som ente o Conselho terá

perm issão. Ficarem os à m argem … Conform e o seu pedido.

A últim a parte foi pronunciada com certa carga de ironia, ainda que dificilm ente o aristocrata

do outro lado da conversa percebesse isso. Pelo pouco que Zy pher vira e ouvira de Elan, filho de

Larex, ele estava m enos do que im pressionado. Pensando bem , os fracos eram sem pre

facilm ente m anipulados, e Xcor sabia m uito bem disso.

– Há algo que precisa saber, Elan. Houve um atentado contra a vida de Wrath no outono… e

não se surpreenda se houver insinuação do m eu envolvim ento e dos m eus soldados nessa

reunião… O quê? Foi na casa de Assail, na verdade, m as qualquer outro detalhe é insignificante.

Portanto, entenda, é de se supor que Wrath estej a convocando a reunião com o propósito de

expor a m im e aos m eus… Lem bre-se de que o avisei disso? Apenas se recorde de que foi

am plam ente protegido. Os Irm ãos e o Rei desconhecem o nosso relacionam ento… Isto é, a

m enos que um dos seus cavalheiros relatarem isso de algum a form a a ele. Nós, no entanto,

perm anecem os calados. Além disso, saiba tam bém que não tem o ser cunhado de traidor ou ser

m arcado com o alvo pela Irm andade. Percebo, porém , que você possui um a sensibilidade m uito

m ais cultural e refinada, e eu não só respeito isso com o farei tudo o que estiver ao m eu alcance

para protegê-lo de qualquer brutalidade.

Ah, sim , claro, Zy pher pensou revirando os olhos.

– Lem bre-se, Elan, de que você está protegido.

Enquanto Xcor sorria m ais am plam ente, suas presas eram expostas por com pleto, com o se

estivesse perto de atacar a goela do outro, arrancando-lhe a traqueia.

Despedidas foram feitas em seguida, e Xcor concluiu a ligação.

Zy pher falou:

– Está tudo bem ?

A cabeça do líder se voltou no alto da espinha, e quando seus olhos se encontraram , Zy pher

lam entou pelo idiota ao telefone… e por Wrath e a Irm andade.

A luz no olhar do líder era pura m aldade.

– Ah, sim . Está tudo m uito bem .

CAPÍTULO 25

Enquanto o som do telefone tocando sem ser atendido chegava da linha fixa, Blay segurava o

aparelho j unto ao ouvido e se sentou na beira da cam a. Aquilo era estranho. Os pais deveriam

estar em casa àquela hora da noite, faltando tão pouco para am anhecer.

– Alô? – disse a m ãe, finalm ente.

Blay em itiu um suspiro de alívio longo e lento, e se recostou na cabeceira da cam a. Dobrando

a ponta do roupão por sobre as pernas, pigarreou.

– Oi, sou eu.

A felicidade que se derram ou na voz do outro lado aqueceu-lhe o peito.

– Blay ! Com o está? Deixe-m e cham ar seu pai, assim ele pode atender na extensão…

– Não, espere – ele fechou os olhos. – Vam os só… conversar. Você e eu.

– Você está bem ? – ele ouviu o som de um a cadeira arranhando o piso e soube onde ela

estava: à m esa de carvalho em sua preciosa cozinha. – O que está acontecendo? Não está ferido,

está?

Não por fora.

– Eu… estou bem .

– O que foi?

Blay esfregou o rosto com a m ão livre. Ele e os pais sem pre foram ligados. Norm alm ente, não

existia nada que não lhes contasse, e seu rom pim ento com Saxton era exatam ente o tipo de coisa

que ele com entaria: estava triste, confuso, desapontado, um pouco deprim ido… todo tipo de

descarga em ocional que ele e a m ãe processavam nesse tipo de telefonem a.

Enquanto perm anecia calado, porém , ele se lem brava de que havia, na verdade, um assunto

que j am ais tocara com eles. Um assunto m uito im portante…

– Blay ? Você está m e assustando.

– Eu estou bem .

– Não, não está não.

Verdade.

Ele im aginava que não lhes contara a respeito da sua orientação sexual porque a vida am orosa

não era exatam ente algo que as pessoas norm alm ente partilhavam com os pais. E talvez

houvesse um a parte dele, por m ais ilógica que fosse, que se preocupava se eles o encarariam de

m odo diverso ou não.

Retire esse talvez.

Afinal, a política da *glymera* a respeito da hom ossexualidade era bem clara: desde que você

nunca fosse franco a esse respeito, e você se com prom etesse com alguém do sexo oposto

conform e o esperado, você não seria expulso por perversão.

Sim , fazia sentido, porque se am arrar a alguém por quem você não se sente atraído e nem

am a, e m entir para essa pessoa a respeito de um a infidelidade, é m uito m ais honrável do que a

verdade.

Mas que Deus o perdoe se você for um m acho e tiver um nam orado sério – com o ele teve

pelos últim os doze m eses m ais ou m enos.

– Eu… hum … rom pi com alguém .

E com isso se ouviam os grilos cricrilando do lado da m ãe.

– Sério? – disse ela depois de um m om ento, com o se estivesse chocada, m as tentando esconder

isso.

Se você considera isso um a surpresa, m ãe, espere pelo que está por vir, pensou ele.

Porque, caram ba, ele iria…

Espere, ele ia m esm o fazer isso assim , pelo telefone? Não deveria ser pessoalm ente?

– Sim , eu… hum … – ele engoliu em seco. – Na verdade, estive envolvido por boa parte do

últim o ano.

– Ora, eu… – a dor no tom dela o afetou. – Eu… Nós, seu pai e eu, nunca suspeitam os.

– Eu não sabia m uito bem com o contar.

– Nós a conhecem os? A fam ília?

Ele fechou os olhos, o peito estava apertado.

– Hum … sim , vocês conhecem a fam ília.

– Bem , sinto m uito que não tenha dado certo. Você está bem …? Com o term inou?

– Sim plesm ente acabou, para falar a verdade.

– Bem , relacionam entos são sem pre m uito difíceis. Ah, m eu am or, m eu querido… dá para

saber com o você está triste só de ouvi-lo. Você gostaria de vir para cá e…

– Era Saxton. O prim o de Qhuinn.

Houve um a inspiração profunda do outro lado.

Enquanto a m ãe ficava solenem ente calada, o braço de Blay com eçou a trem er tanto que ele

m al conseguia sustentar o telefone.

– Eu… eu… hum … – a m ãe engoliu em seco. – Eu não sabia. Que você… hum …

Ele term inou o que ela não conseguia em sua cabeça: *Eu não sabia que você era uma* dessas

pessoas.

Com o se hom ossexuais fossem leprosos sociais.

Ah, inferno. Ele não deveria ter dito nada. Nada, absolutam ente nada. Maldição, por que tinha

de im plodir sua vida de um a só vez? Por que não podia antes lidar com o rom pim ento… e depois

de alguns anos, talvez um a década, pudesse se revelar aos pais para que eles o repudiassem ?

Mas, nãão, ele tinha que…

– É por isso que você nunca nos contou que estava com alguém ? – ela perguntou. – Porque…

– Talvez. Sim …

Houve um a fungada. Depois um a profunda inspiração.

O desapontam ento dela pelo telefonem a era dem ais para se aguentar, o peso esm agador

com prim indo-lhe o peito e im possibilitando-o de respirar.

– Com o pôde…

Ele se apressou em interrom pê-la, porque não suportaria ouvir sua doce voz proferir aquelas

palavras.

– *Mahmen*, desculpe. Escute, eu não quis dizer isso, ok? Eu não sei o que estava dizendo. Eu

só…

– O que eu ou nós fizem os…

– *Mahmen*, pare – nessa pausa que se seguiu, ele pensou em recitar um pouco de Lady Gaga,

e j ustificar-se bastante com aquele papo de "a culpa não é sua, você não fez nada de errado com o m ãe". – *Mahmen*, eu só…

Ele sucum biu nesse instante, chorando o m ais silenciosam ente possível. A sensação de que,

pelo ponto de vista da m ãe, ele tivesse desapontado a fam ília só por ser quem era… era um a

rej eição que j am ais superaria. Ele só queria viver honesta e abertam ente, sem desculpas. Com o

todas as outras pessoas. Am ar e ser am ado, ser quem era… m as a sociedade tinha um padrão

diferente, e com o ele sem pre tem eu, seus pais eram um a parte disso…

Vagam ente, ele percebeu que a m ãe falava com ele, e se esforçou para se recom por e

concluir aquele telefonem a.

– … para que você pensasse que não poderia nos abordar com esse assunto? Que isso, de

algum m odo, m udaria o que sentim os por você? Blay piscou enquanto o cérebro traduzia o que

ele acabara de ouvir em algum a linguagem que fizesse sentido.

– Desculpe… O que disse?

– Por que você… O que fizem os para que você sentisse que qualquer coisa a seu respeito o

tornaria de algum m odo… dim inuído aos nossos olhos? – ela lim pou a garganta, com o se

estivesse tentando se recom por. – Eu am o você. Você é o m eu coração batendo fora do m eu

peito. Não m e im porto com quem se relacione, se eles têm cabelos claros ou escuros, olhos

verdes ou azuis, partes fem ininas ou m asculinas… contanto que você sej a feliz, é tudo o que m e

interessa. Quero para você o que você quiser para si. Eu am o você, Blay lock… sim plesm ente

am o.

– O que… está dizendo…

– *Eu te amo*.

– *Mahmen*… – ele engasgou, as lágrim as voltando a se form ar.

– Eu só gostaria que não tivesse m e contado pelo telefone – m urm urou. – Porque eu gostaria

m uito de poder abraçá-lo agora.

Ele riu de um m odo atrapalhado e disform e.

– Não tive a intenção. Quero dizer, não planej ei isto. Escapou.

– E eu sinto m uito – disse ela – que as coisas não tenham dado certo com Saxton. Ele é um

cavalheiro m uito gentil. Tem certeza de que acabou m esm o?

Blay esfregou o rosto enquanto a realidade se recalibrava, o am or que ele sem pre conheceu

ainda com ele. Apesar da verdade. Ou talvez… por causa dela.

Em m om entos com o aqueles ele se sentia o cara m ais sortudo do m undo.

– Blay ?

– Desculpe, hum , sim . A respeito de Saxton… – ele pensou no que fizera no escritório vazio no

centro de treinam ento quando esteve sozinho. – Sim , *mahmen*, está acabado. Tenho certeza.

– Ok, eis o que tem de fazer, então. Tire um tem po de folga para m elhorar. Você saberá

quando se sentir m elhor. E depois tem que se abrir para conhecer um a pessoa nova. Você é um

ótim o partido, sabe disso.

E lá estava ela lhe dizendo para conhecer outro hom em .

– Blay ? Você m e ouviu? Não quero que passe a vida sozinho.

Ele enxugou o rosto de novo.

– Você é a m elhor m ãe do planeta, sabia disso, não?

– Então, quando virá m e ver? Quero cozinhar para você.

Blay relaxou nos travesseiros, ainda que a cabeça com eçasse a doer, provavelm ente pelo fato de, apesar de estar sozinho, ter tentado refrear o choro. Talvez tam bém porque detestasse o ponto

em que estava com Qhuinn. E ele tam bém sentia falta de Saxton, de certo m odo, porque era

difícil dorm ir sozinho.

Mas aquilo era bom . Aquela… honestidade fizera m uito por ele…

– Espere, espere – ele se ergueu dos travesseiros. – Preste atenção, não quero que conte nada

para o papai.

– Santa Virgem Escriba, m as por que não?

– Não sei. Estou nervoso.

– Meu bem , ele não vai se sentir diferente de m im .

Sei não, com o filho único e últim o da linhagem … e com toda aquela coisa de pai e filho…

– Por favor. Deixe-m e contar pessoalm ente – ah, com o se isso não o deixasse com vontade de

vom itar. – Era o que eu deveria ter feito com você. Apareço aí assim que tiver folga do m eu

turno; não quero colocá-la num a posição de ter de esconder algo dele…

– Não se preocupe com isso. Essa inform ação é sua, você tem o direito de partilhá-la com as

pessoas quando quiser, se quiser. Porém , eu gostaria que o fizesse logo. Em circunstâncias

norm ais, seu pai e eu contam os tudo um para o outro.

– Prom eto.

Houve um a calm aria na conversa.

– Bem , e o trabalho, com o tem ido?

Ele balançou a cabeça.

– *Mahmen,* você não vai querer ouvir a respeito disso.

– Claro que quero.

– Não quero que fique pensando que o m eu trabalho é perigoso.

– Blay lock, filho do m eu am ado *hellren,* exatam ente que tipo de idiota você acha que eu sou?

Blay riu e depois ficou sério.

– Qhuinn pilotou um avião hoj e à noite.

– Verdade? Eu não sabia que ele pilotava.

E não era esse o assunto da noite?

– Ele não sabe – Blay voltou a relaxar nos travesseiros e cruzou os pés na altura dos tornozelos.

– Zsadist se m achucou e nós estávam os com ele num lugar rem oto. Qhuinn decidiu que… isto é,

sabe com o ele é, ele tenta de tudo.

– Muito aventureiro, um tanto selvagem . Mas um m acho adorável. Um a vergonha o que a

fam ília fez com ele.

Blay rem exeu no cordão do roupão.

– Você sem pre gostou dele, não? Engraçado, acho que a m aioria dos pais não o aprovaria… de

tantas m aneiras.

– Isso porque eles creem naquele exterior durão. Para m im , é o interior que conta – ela estalou

a língua e ele conseguiu visualizá-la balançando a cabeça. – Sabe, nunca vou esquecer a noite em

que você o trouxe para casa pela prim eira vez. Ele era apenas um proj eto de pré-trans, com

aquela im perfeição óbvia pela qual, estou certa, ele foi abusado e hum ilhado. E, m esm o com

tudo isso, ele veio direto a m im , estendeu a m ão e se apresentou. Ele m e olhou direto nos olhos,

não num tipo de confrontação, m as com o se quisesse que eu olhasse bem para ele e o expulsasse

de um a vez se fosse o caso – a m ãe exalou um a leve im precação. – Eu o teria acolhido naquela m esm a noite, sabe. Num piscar de olhos. Ao diabo com toda a *glymera*.

– Você é, verdadeira e inexoravelm ente, a m elhor m ãe do m undo.

Agora foi a vez dela rir.

– E pensar que você diz isso sem que eu estej a colocando um prato de com ida na sua frente.

– Bem , um a lasanha a tornaria a m elhor m ãe do universo.

– Vou colocar a m assa para ferver agora.

Enquanto fechava os olhos, essa volta à conversa descontraída, que sem pre fora o m arco do

relacionam ento deles, pareceu ainda m ais especial.

– Então, conte-m e a respeito dessa valentia de Qhuinn. Adoro ouvi-lo falar dele, você fica tão

anim ado.

Caram ba, Blay se recusava a pensar nos m otivos por trás disso. Apenas se lançou na narrativa,

com um pouco de edição para não divulgar nada que a Irm andade não quisesse que se soubesse,

não que a m ãe fosse contar algum a coisa a alguém .

– Bem , nós estávam os vasculhando essa região e…

– Necessita de m ais algum a coisa, senhor?

Qhuinn balançou a cabeça e m astigou o m ais rápido que pôde para deixar a boca livre.

– Não, obrigado, Fritz.

– Quem sabe um pouco m ais de rosbife?

– Não, obrigado… ah, bem , ok – ele saiu do cam inho quando um a carne cozida perfeita atingiu

seu prato. – Mas não preciso…

Mais batatas. Mais abobrinhas.

– E vou lhe trazer m ais um copo de leite – anunciou o m ordom o com um sorriso.

Enquanto o *doggen* ancião se virava, Qhuinn em itiu um suspiro com o quem se prepara para

algo antes de acatar a segunda rodada. Ele tinha a sensação de que toda aquela com ida era o

m odo de Fritz lhe dizer obrigado, e era estranho… quanto m ais ele com ia, m ais com eçava a

sentir fom e.

Pensando nisso… quando foi m esm o a últim a vez em que fizera um a refeição?

E quando o m ordom o lhe trouxe m ais leite, ele o tom ou todo com o um bom m enino.

Maldição, não fora sua intenção perder tem po ali na cozinha. Sua vontade original, quando saiu

da clínica, era ir direto para o quarto de Lay la. Fritz, por sua vez, teve outras ideias, e o velho

doggen não aceitara não com o resposta, o que sugeria que fora um a ordem vinda de cim a. Com o

de Tohr, o chefe da Irm andade. Ou do próprio Rei.

Portanto, Qhuinn desistira e cedera… acabando por se sentar à bancada de granito,

em panturrando-se tal qual um a piñata.

Pelo m enos a rendição era deliciosa, pensou ele um pouco depois, ao abaixar o garfo e lim par

a boca.

– Aqui está, senhor, a sua sobrem esa.

– Hum , obrigado, m as… – ora, ora, ora, o que tem os aqui: um a tigela de sorvete de café com

calda quente de chocolate por cim a; nada de chantili nem de castanhas. Bem

com o ele gostava. –

Você não precisava se dar a esse trabalho.

– É seu favorito, não?

– Na verdade, é sim – e vej a só, um a colher de prata.

Sabe, seria grosseiro deixar a coisa derreter.

Enquanto Qhuinn com eçava a sobrem esa, os pontos dados na sobrancelha pela doutora Jane

com eçaram a latej ar debaixo do curativo e a dor o lem brou da noite louca que tivera.

Parecia surreal pensar que apenas um a hora antes ele esteve à beira da m orte, dançando no

céu escuro naquela arm adilha de ratos que era aquele avião que ele não fazia ideia de com o

pilotar. E agora? Havia som ente um pote do m elhor de Brey ers. Com calda quente.

E pensar que ele estava de fato feliz por não haver nem chantili nem castanhas para arruinar o

seu paladar. Porque isso sim seria um problem a bem sério.

Enquanto as glândulas adrenais arrotaram e um j orro de ansiedade trem ulou ao longo de cada

nervo do seu corpo, ele soube m uito bem que os choques viriam e iriam em bora. Com o um tipo

de chicotada em seu sistem a nervoso.

Mas lidar com um caso de ansiedade pós-desastre era trem endam ente m elhor do que acabar

subindo em cham as. Ou descendo, com o teria sido o caso.

Depois da segunda parte da sua refeição, fez o que pôde para aj udar a lim par antes de sair

para ver Lay la, m as Fritz provocava um alvoroço caso ele sequer tentasse carregar a tigela e a

colher para qualquer lugar perto da pia. Cedendo m ais um a vez, ele saiu passando pela sala de

j antar e parou um segundo para olhar para a longa m esa, im aginando todos sentados em seus

lugares costum eiros.

Tudo o que im portava era que Z. estava de volta, seguro nos braços de sua *shellan*, e que

ninguém m ais se ferira.

– Com licença, senhor – disse Fritz ao se apressar. – A porta.

No fim do vestíbulo, o *doggen* verificou a câm era de segurança. Um segundo depois, ele

destravou a tranca interna do átrio.

E Saxton entrou.

Qhuinn se recolheu. A últim a coisa que desej ava fazer era falar com aquele m acho agora.

Estava indo ver Lay la e depois se deitar…

O cheiro que chegou a ele não estava certo.

Franzindo o cenho, foi até a passagem em arco. Logo adiante, seu prim o conversou com Fritz

por um m inuto, depois com eçou a cam inhar na direção da grande escadaria.

Qhuinn inalou profundam ente, as narinas inflando. É, sim , aquela era a colônia cara de

Saxton… m as havia outro odor m isturado àquele. Outra colônia perm eava o m acho todo.

E não era de Blay . Ou de nada que o lutador usaria.

E tam bém havia o inconfundível cheiro de sexo…

Não lhe ocorreu nenhum pensam ento consciente quando m archou para o espaço aberto e

exclam ou:

– Onde esteve?

O prim o parou. Olhou por sobre o om bro.

– O que disse?

– Você ouviu m uito bem – num a inspeção m ais próxim a, ficou óbvio o que o cara aprontara.

Os lábios estavam averm elhados e havia um rubor no rosto dele que Qhuinn podia apostar que

não tinha nada a ver com o tem po frio. – Onde *diabos* você estava?

– Não creio que isso sej a assunto seu, prim o.

Qhuinn atravessou o piso de m osaico, sem parar até os coturnos de ponta de aço ficarem

diante dos belos sapatos do cara.

– Seu puto m aldito.

Saxton teve a audácia de parecer enfastiado.

– Sem ofensa, m eu querido parente, m as não tenho tem po para isto.

O cara deu m eia-volta…

Qhuinn esticou um a m ão e o segurou pelo braço. Com um puxão, trouxe-o para perto

novam ente, nariz com nariz. E m erda, o fedor no cara o deixou nauseado.

– Blay está arriscando a vida na guerra e você fica fodendo com um qualquer pelas costas

dele? Muita classe, boqueteiro de m erda…

– Qhuinn, isso não é da sua conta…

Saxton tentou se livrar dele. Não foi um a boa ideia. Antes de Qhuinn sequer perceber o que

estava fazendo, travou as m ãos ao redor do pescoço do m acho.

– Com o ousa? – disse com as presas totalm ente expostas.

Saxton bateu as duas m ãos nos pulsos de Qhuinn e tentou se soltar, puxando, em purrando, não

tendo êxito algum .

– Você… está… m e sufocando…

– Eu deveria m atá-lo aqui m esm o – rugiu Qhuinn. – Com o pôde fazer isso com ele? Ele está

apaixonado por você…

– Qhuinn… – a voz estrangulada ficava cada vez m ais fina. – Qh…

Pensar em tudo o que o prim o tinha, e tudo de que ele não tom ava conta, deu-lhe um a força

extra, e ele a canalizou direto para as m ãos.

– De que diabos você precisa m ais, cretino? Acha que algum desconhecido vai

ser m elhor do

que aquilo que você j á tem na sua cam a?

A força do ataque com eçou a em purrar Saxton para trás, os sapatos dele escorregando no piso

liso enquanto os coturnos de Qhuinn guiavam os dois. Pararam quando os om bros de Saxton

bateram no corrim ão da im ensa escadaria.

– Seu puto m aldito…

Alguém gritou. Assim com o outro alguém .

E logo se ouviram passadas vindas de todos os lados, seguidas por um punhado de pessoas

puxando-o pelos braços.

Tanto faz. Ele apenas continuou com os olhos e os braços travados, a fúria em seu âm ago

transform ando-o num buldogue que…

Não…

Iria…

Soltar…

CAPÍTULO 26

– Então, vocês acham que um dia voltarão para Caldwell? – Blay perguntou para a m ãe.

– Não sei. Seu pai vai e volta do trabalho com tanta facilidade à noite, e nós dois gostam os da

calm a e da privacidade daqui do interior. Acha que agora está m ais seguro do

que aí na cidade…

De repente, gritos passaram pelas portas fechadas de seu quarto. Muitos gritos.

Blay olhou de relancu e franziu o cenho.

– Ei, *mahmen*, sinto interrom per, m as acho que está acontecendo algum a coisa aqui na casa…

O tom de voz dela baixou, o m edo se entrelaçando em suas palavras.

– Não estão sendo atacados, estão?

Por um m om ento, aquela noite na casa deles em Caldwell um ano e m eio atrás retornou em

sua m em ória num a série rápida de contrações no estôm ago: a m ãe correndo aterrorizada, o pai

se arm ando contra o inim igo, a casa destruída.

Ainda que a gritaria parecesse piorar, ele não tinha com o sair sem apaziguá-la.

– Não, não, *mahmen*, este lugar é m uito seguro. Ninguém pode nos encontrar, e m esm o que

conseguissem não poderiam entrar. É só que às vezes os Irm ãos com eçam a discutir. Garanto,

está tudo bem .

Pelo m enos era o que ele esperava. As coisas pareciam estar piorando.

– Ah, que alívio. Não quero que nada aconteça com você. Vá cuidar de tudo e m e ligue

quando souber que virá nos visitar. Vou arrum ar o seu quarto e preparar um a lasanha para você.

Na m esm a hora, a boca com eçou a salivar. Assim com o os olhos ficaram um poquinho

m arej ados.

– Eu te am o, *mahmen*… E obrigado. Você sabe, por…

– Sou eu quem agradece pela confiança. Agora vá lá ver o que está acontecendo, e cuide-se.

Eu te am o.

Desligando, ele saiu da cam a e foi para a porta. No segundo em que se viu no corredor das

estátuas, ficou claro que um a bela briga estava acontecendo na parte principal da casa: havia

m uitas vozes de m achos, todas elas num volum e que indicava “em ergência”.

Trotando, ele seguiu para o balcão do segundo andar…

Quando conseguiu espiar o vestíbulo, não entendeu de pronto o que via lá em baixo: havia um

nó de pessoas na base da escadaria, todas com os braços esticados com o se tentassem apartar

um a briga.

Só que não era entre dois Irm ãos.

Que m erda era aquela? Estavam m esm o tentando tirar Qhuinn de cim a de Saxton…?

Jesus, o m aldito estava com as m ãos ao redor do pescoço do prim o e, a j ulgar pelo tom

acinzentado no rosto do m acho, prestes a m atá-lo.

– Que diabos está acontecendo aqui! – Blay berrou, ao tom ar as escadas correndo.

Quando chegou à confusão, havia Irm ãos dem ais no cam inho. E aqueles não

eram o tipo de

m acho que você sim plesm ente afastava às cotoveladas. Infelizm ente, se alguém conseguiria

deter Qhuinn, esse alguém seria ele. Mas com o diabos ele conseguiria atrair a atenção do

idiota…

Isso m esm o, pensou.

Atravessando o vestíbulo, quebrou o vidro do antigo alarm e m anual de incêndio com o punho e

puxou a alavanca para baixo.

No m esm o instante, um a sirene explodiu no recinto, a acústica do teto de igrej a agindo com o

um am plificador enquanto o alarm e berrava desenfreado.

Foi com o atingir um bando de cães de briga com um balde de água. Toda a ação parou e as

cabeças se levantaram da confusão para olhar ao redor.

O único que não deu a m ínim a foi Qhuinn. Ele ainda apertava com força.

Blay se aproveitou do m om ento “ei, o que é isso” e conseguiu abrir cam inho.

Concentrando-se em Qhuinn, posicionou o rosto bem na frente do dele.

– Solte-o *agora*.

No segundo em que a sua voz foi registrada, um a expressão de choque substituiu a violência

fria que m arcava o rosto de Qhuinn, com o se ele não tivesse esperado que Blay viesse até ali. E

foi só isso o que foi preciso. Um único com ando dele e aquelas m ãos se soltaram tão

rapidam ente que Saxton caiu no chão com o um peso m orto.

– Doutora Jane! Manny ! – alguém gritou. – Cham em um m édico!

Blay queria berrar com Qhuinn ali m esm o, m as estava aterrorizado dem ais com o estado de

Saxton para perder tem po com “o que há de errado com você?”. O advogado não se m exia.

Segurando o belo terno do rapaz, Blay o rolou no chão e verificou a carótida com a ponta dos

dedos, rezando para encontrar a pulsação. Quando não encontrou, inclinou a cabeça de Saxton

para trás e se curvou para fazer boca a boca.

Mas, antes disso, Saxton tossiu e puxou o ar para dentro dos pulm ões.

– Manny está chegando – disse Blay com a voz rouca, m esm o sem saber se isso era verdade.

Mas, ora essa, *alguém* devia estar a cam inho. – Fique com igo…

Mais tossidas. Mais inspirações fundas. E a cor com eçou a voltar para o belo e refinado rosto.

Com a m ão trêm ula, Blay afastou o cabelo loiro e espesso da testa que tocara tantas vezes

antes. Ao fitar os olhos confusos que olhavam para ele, ele quis sentir algo profundo na alm a, que

desse um a guinada em sua vida e…

Rezou por esse tipo de reação.

Inferno, naquele instante, trocaria seu passado e seu presente por isso.

Mas não estava ali. Pesar, raiva em favor do m acho, tristeza, alívio… catalogou cada um

desses sentim entos. Era só isso, contudo.

– Cheguei, deixe-m e dar um a olhada – disse a doutora Jane ao apoiar a m aleta preta de

m édico no chão e se aj oelhar no piso de m osaico.

Blay recuou para dar espaço à *shellan* de V., m as ficou próxim o, m esm o sem poder fazer

coisa algum a. Inferno, ele sem pre quis ir para a faculdade de m edicina, m as não para ressuscitar

ex-am antes porque um psicótico tentara estrangulá-los no m aldito átrio de entrada.

Olhou para Qhuinn. O lutador ainda estava sendo contido por Rhage, com o se o Irm ão não

estivesse inteiram ente certo de que o episódio term inara.

– Vam os ficar de pé – disse a doutora Jane.

Blay se adiantou, aj udando Saxton, m antendo-o firm e, conduzindo-o para a escadaria. Os dois

ficaram em silêncio ao subir, e quando chegaram ao segundo andar, Blay seguiu para o seu

quarto por força do hábito.

Puxa.

– Não, está tudo bem – m urm urou Saxton. – Só m e deixe sentar aqui um m inuto, está bem ?

Blay pensou na cam a, m as quando Saxton ficou tenso ao tom arem essa direção, ele o levou

para a *chaise-longue*. Aj udando o m acho a se deitar, recuou desaj eitado.

No silêncio que se seguiu, um a raiva violenta o atingiu sabe-se lá vinda de onde.

E agora as suas m ãos trem iam por outro m otivo.

– Então – disse Saxton com voz rouca –, com o foi a sua noite?

– O que diabos acabou de acontecer?

Saxton afrouxou a gravata. Desabotoou o colarinho. Respirou fundo m ais um a vez.

– Briga de fam ília, parece.

– Tolice.

Saxton desviou o olhar cansado.

– Tem os m esm o que fazer isto?

– O que aconteceu…

– Acho que você e ele têm que conversar. E depois que o fizerem , não terei m ais que m e

preocupar em ser atacado com o um crim inoso novam ente.

Blay franziu a testa.

– Ele e eu não tem os nada para dizer um ao…

– Com todo o respeito, as m arcas no m eu pescoço sugerem o contrário.

– Com o estam os, grandão?

Enquanto a voz de Rhage era registrada nos ouvidos de Qhuinn, ficou claro que o Irm ão

verificava se o dram a j á acabara. Desnecessário. No instante em que Blay lhe disse para parar,

o corpo de Qhuinn obedecera, com o se o cara tivesse o controle rem oto da sua TV.

Havia outras pessoas por perto, obviam ente tam bém esperando para ver se ele m ostrava

qualquer indicação de que correria atrás de Saxton para retom ar a rotina de estrangulam ento.

– Você está bem ? – perguntou Rhage.

– Sim , sim . Estou bem .

As barras de aço ao redor do seu tronco relaxaram e gradualm ente se abaixaram . Então um a

m ãozorra deu-lhe um tapa nas costas e apertou seu om bro.

– Fritz odeia corpos no átrio frontal.

– Mas não há m uito sangue no estrangulam ento – alguém observou. – Seria fácil lim par depois.

– Apenas um a polida e pronto – o outro disse.

Houve um a pausa pesada depois disso.

– Vou subir – quando voltaram a olhar para ele em antecipação, Qhuinn balançou a cabeça. –

Não para um a repetição. Juro pelo…

Bem , ele não tinha um a m ãe, um pai, um irm ão, um a irm ã… nem m esm o um filho, ainda

que, tom ara, isso fosse tem porário.

– Não vou, ok?

Não esperou por m ais nenhum com entário e se lem brou de que ainda precisava passar pelo

quarto de Lay la.

Tom ando a direita no alto das escadas, seguiu para o quarto de hóspedes para o qual a

Escolhida fora levada ao se m udar e bateu à porta com suavidade.

– Lay la?

Apesar do fato de que teriam um filho j untos, ele não se sentia à vontade para entrar sem ser

convidado.

A segunda batida foi um pouco m ais forte. Assim com o sua voz:

– Lay la?

Ela devia estar dorm indo.

Recuando, seguiu para o próprio quarto, passando diante do escritório de Wrath com suas

portas fechadas e depois tom ou o corredor das estátuas. Ao passar diante da porta de Blay , não

conseguiu deixar de encarar a m aldita porta.

Jesus Cristo, quase m atara Saxton.

E ainda sentia vontade de m atar.

Sem pre soube que o prim o não valia nada e detestava estar certo a esse respeito. O que diabos

Sax estava pensando? O cara tinha o insuperável na sua cam a todo santo dia e, m esm o assim , de

algum m odo, qualquer um de algum bar, de um a boate ou da m aldita Biblioteca Municipal de

Caldwell era m elhor do que aquilo? Até m esm o necessário?

Filho da m ãe traiçoeiro.

Enquanto as m ãos se fechavam em punhos e ele entretinha a ideia de abrir cam inho com um

chute só para dar m ais uns socos no rosto de Saxton, quase não conseguiu controlar seu im pulso.

Solte-o agora.

De lugar nenhum a voz de Blay reverberou em sua cabeça um a vez m ais e, obviam ente, a

violência foi desligada. Literalm ente, entre um m om ento e o seguinte, ele passou de touro

enfurecido a estado neutro.

Estranho.

Balançando a cabeça, foi até seu quarto, entrou e fechou a porta.

Depois de fazer com que as luzes se acendessem , ficou parado, os pés colados no chão, os

braços pensos com o cordas frouxas, a cabeça à toa no alto da espinha. Sem ir a parte algum a.

Sem nenhum m otivo aparente, pensou no am ado aspirador de Fritz, o eletrodom éstico

estacionado dentro de um arm ário, deixado no escuro até que alguém o utilizasse.

Ótim o. Estava reduzido ao nível de um aspirador de pó.

No fim , praguej ou, e se obrigou a com eçar a se despir e ir para a cam a. A noite se m ostrara

um trabalho hercúleo desde o instante em que o sol se pusera e a boa notícia era que a confusão

toda finalm ente chegara ao fim : as persianas estavam abaixadas para im pedir a entrada do sol. A

casa estava ficando silenciosa.

Hora do sono REM para recarga.

Ao tirar a cam iseta regata devagar e gem er ante todas as dores, percebeu que deixara a

j aqueta de couro e as arm as na clínica. Sem problem as. Ele tinha extras ali em cim a caso

precisasse delas durante o dia, e poderia ir buscar seus pertences antes da Prim eira Refeição.

Descendo a m ão para o zíper da calça, ele…

A porta atrás dele se abriu num a explosão tam anha que ricocheteou na parede, só para ser

interceptada pela pegada firm e de um filho da m ãe m uito irritado.

Parado debaixo da m oldura da porta, Blay estava furioso, o corpo trêm ulo de raiva que até

m esm o Qhuinn, que j á enfrentara m uitas coisas na vida, se pôs em alerta.

– O que há de errado com você!? – o m acho exclam ou.

Está de brincadeira, foi o que Qhuinn pensou. Com o ele não reconhecera o perfum e estranho

no corpo do am ante?

– Acho que precisa perguntar isso ao m eu prim o.

Enquanto Blay m archava adiante, Qhuinn desviou do cara para…

Blay o segurou pelo braço e expôs as presas com um sibilo.

– Vai fugir?

Num tom controlado, Qhuinn respondeu:

– Não. Vou fechar a m aldita porta para que ninguém escute isto.

– Não dou a m ínim a!

Qhuinn pensou em Lay la do outro lado do corredor, tentando dorm ir.

– Bem , eu m e im porto.

Qhuinn se soltou e fechou a porta. Depois, antes de se virar, fechou os olhos para dar um

tem po.

– Você m e dá aversão – disse Blay .

Qhuinn deixou a cabeça pender.

– Você tem que cair fora da m inha vida – a am argura naquela voz conhecida foi direto ao

coração dele. – Afaste-se de tudo que se refere a m im !

Qhuinn olhou por cim a do om bro.

– Você nem se im porta de ele ter estado com outra pessoa?

A boca de Blay se abriu. Fechou. Então as sobrancelhas desceram .

– O quê?

Ah. Maravilha.

Naquela confusão, Blay não entendera os porquês.

– O que você disse? – repetiu Blay .

– Você m e ouviu.

Quando não houve resposta, nenhum a im precação, nenhum obj eto lançado, Qhuinn se virou.

Depois de um m om ento, Blay cruzou os braços, não sobre o peito, m as no centro, com o se

estivesse se sentindo levem ente nauseado.

Qhuinn esfregou o rosto e falou num a voz entrecortada:

– Desculpe. Eu sinto m uito… não quero isso para você.

Blay balançou a cabeça.

– O quê… – os olhos azuis se concentraram . – Foi por isso que você o atacou?

Qhuinn deu um passo para a frente.

– Eu sinto m uito… Eu só… Ele passou pela porta, eu percebi o cheiro dele e perdi a cabeça. Eu

sequer estava pensando.

Blay piscou, com o se talvez estivesse se deparando com um conceito desconhecido.

– É por isso que você… Por que diabos você faria um a coisa dessas?

Qhuinn deu m ais um passo à frente, e depois se forçou a parar, apesar da necessidade quase

prem ente de estar perto dele. E enquanto Blay balançava a cabeça com o se estivesse tendo

problem as de com preensão, Qhuinn não tinha intenção de falar.

Mas falou.

– Você se lem bra do dia na clínica, m ais ou m enos um ano atrás… – ele apontou para baixo,

para o caso de o cara ter se esquecido de onde ficava o centro de treinam ento. – Foi antes de você e Saxton… – certo. Não term inaria aquela frase, não se quisesse segurar toda a com ida que

tinha no estôm ago. – Lem bra-se do que eu lhe disse?

Enquanto Blay parecia confuso, ele o aj udou a se lem brar:

– Eu disse que se alguém o m agoasse, eu perseguiria essa pessoa e a deixaria para queim ar

sob o Sol – até ele m esm o percebeu o m odo com o a voz abaixou para um rosnado am eaçador. –

Saxton o m agoou hoj e, por isso fiz o que disse que faria.

Blay esfregou o rosto com a m ão.

– Jesus…

– Eu lhe disse o que aconteceria. E se ele repetir isso, não posso prom eter que não darei cabo

do m eu trabalho.

– Escute, Qhuinn, você não pode… não pode fazer esse tipo de m erda. Sim plesm ente não

pode.

– Você não se im porta? Ele foi infiel. Isso não está certo.

Blay expirou profunda e lentam ente, com o se estivesse cansado de carregar um peso.

– Apenas… não faça m ais isso.

Agora era Qhuinn quem balançava a cabeça. Ele não conseguia entender. Se estivesse num

relacionam ento com Blay , e Blay o traísse? Ele j am ais superaria.

Deus, por que não tirara vantagem daquilo que lhe fora oferecido? Não deveria ter corrido.

Deveria ter ficado parado.

De m odo espontâneo, seus pés deram outro passo à frente.

– Sinto m uito…

De repente, ele com eçou a repetir essas palavras, repetindo-as a cada passo que o levava para

m ais perto de Blay .

– Sinto m uito… Sinto m uito… Sinto… m uito… – ele não sabia o que estava dizendo nem

fazendo; apenas sentia um a urgência de se redim ir de todos os seus pecados.

Havia tanto no que se referia àquele m acho honrado que estava totalm ente im obilizado diante

dele.

Por fim , só havia m ais um passo antes que seu peito nu atingisse o de Blay .

A voz de Qhuinn não passava de um sussurro:

– Sinto m uito.

No silêncio espesso que se seguiu, a boca de Blay se abriu… m as não em sinal de surpresa.

Era porque ele não estava conseguindo respirar.

Lem brando-se de não ser um cretino que acreditava que o m undo girava ao

redor do seu

um bigo, Qhuinn conduziu o assunto de novo para o que acontecia entre Blay e Saxton.

– Não desej o isso para você – disse ele, os olhos perscrutando aquele rosto. – Você j á sofreu o

bastante, e sei que o am a. Eu sinto m uito… Sinto m uito m esm o.

Blay apenas continuou parado diante dele, a expressão congelada, os olhos se m exendo com o

se ele não conseguisse com preender nada. Mas não recuou, não fugiu, não correu. Ele

perm aneceu… bem onde estava.

– Sinto m uito.

Qhuinn observou de um a vasta distância a sua m ão se levantar e tocar o rosto de Blay , as

pontas dos dedos percorrendo a barba por fazer.

– Eu sinto m uito.

Ah, Deus, poder tocá-lo. Sentir o calor daquela pele, inalar o odor m ásculo e lim po.

– Sinto m uito.

O que diabos estava fazendo? Caram ba… tarde dem ais para responder aquilo – esticando o

outro braço, pousou a m ão no om bro forte.

– Sinto m uito.

Ah, Deus, estava atraindo Blay , puxando o corpo dele para j unto do seu.

– Sinto m uito.

Passou um a m ão para a nuca de Blay e enfiou os dedos entre os cabelos que ali form avam

cachos.

– Sinto m uito.

Blay estava duro, a coluna reta com o um a flecha, os braços ainda ao redor da barriga. Mas,

um m om ento depois, com o se estivesse confuso com sua própria reação, o m acho se inclinou, o

peso m udando sutilm ente a princípio, e depois um pouco m ais.

Com um puxão, Qhuinn passou os braços ao redor da pessoa m ais im portante da sua vida. Não

era Lay la, em bora sentisse um a dor ante essa negação. Não era John, nem seu Rei. Não eram os

Irm ãos.

Aquele m acho era a razão de tudo.

E m esm o se sentindo m orrer porque Blay estava apaixonado por outra pessoa, ele agiu. Fazia

tem po dem ais desde que o tocara pela últim a vez… e nunca daquela m aneira.

– Sinto m uito.

Espalm ando a parte de trás da cabeça de Blay , incitou o m acho a se aproxim ar, aninhando a

cabeça em seu pescoço.

– Sinto m uito.

Enquanto Blay aquiescia, Qhuinn estrem eceu, virando o rosto para dentro, respirando fundo,

enfiando todas as sensações em sua m ente para poder se lem brar daquilo para sem pre. Enquanto

a palm a subia e descia, relaxando as costas m usculosas, ele fez o que pôde para poder

com pensar m uito m ais do que a infidelidade do prim o.

– Sinto m uito…

Mudando de posição rapidam ente, Blay balançou a cabeça. Desvencilhou-se. Recuou.

Afastou-se.

Os om bros de Qhuinn cederam .

– Sinto m uito.

– Por que fica repetindo isso?

– Porque…

Nesse instante, quando seus olhos se encontraram , Qhuinn soube que era chegada a hora.

Estragara tantas oportunidades com Blay ; existiram tantos passos em falso e desencontros

deliberados, tantos anos, tantas negações. E tudo de sua parte. Acovardara-se por tem po dem ais,

m as aquilo chegara ao fim .

Ao abrir a boca para dizer as três palavras que estavam na ponta da língua, os olhos de Blay se

endureceram .

– Não preciso da sua aj uda, está bem ? Posso cuidar de m im sozinho.

Tum . Tum . Tum .

Seu coração batia tão forte que ele teve que se perguntar se explodiria.

– Você vai continuar com ele – Qhuinn disse entorpecido. – Você vai…

– Não faça m ais essa cretinice com Saxton… Nunca m ais. Jure.

Mesm o m orrendo por dentro, Qhuinn sentia-se im potente para negar-lhe qualquer coisa.

– Ok – levantou as palm as. – Não toco nele.

Blay assentiu, o acordo estava selado.

– Só quero aj udar você – disse Qhuinn. – Só isso.

– Você não pode – rebateu Blay .

Deus, m esm o se estranhando novam ente, ele ansiava por m ais contato e, de pronto, ele

enxergou um cam inho para exatam ente isso. Um a proposta traiçoeira, m as ao m enos havia um

tipo de lógica interna nela.

Os braços se ergueram , as m ãos procurando, encontrando, prendendo-se. Aos om bros de

Blay . À nuca de Blay .

O sexo surgiu dentro dele, enrij ecendo seu m em bro, fazendo-o ofegar.

– Mas eu tenho com o aj udar.

– Com o?

Qhuinn se aproxim ou, levou a boca ao ouvido de Blay . Em seguida, encostou o

peito nu

deliberadam ente no de Blay .

– Use-m e.

– *O quê?*

– Dê um a lição a ele – Qhuinn segurou com m ais força e inclinou a cabeça de Blay para trás.

– Vingue-se na m esm a m oeda. Com igo.

Para deixar bem claro, Qhuinn estendeu a língua e percorreu a lateral do pescoço de Blay .

O sibilo em reação foi tão alto quanto um a im precação.

Blay o socou, em purrando-o.

– Perdeu o m aldito j uízo?

Qhuinn apalpou o sexo rij o e pesado.

– Quero você. E aceito você do j eito que for, m esm o que sej a só com o um a vingança contra o

m eu prim o.

A expressão de Blay m udava com o num a partida de tênis de m esa, passando da m ais absoluta

descrença para um a raiva épica.

– Seu cretino idiota! Você m e rej eitou por anos e anos, e agora, de repente, m uda de ideia?

Que *diabos* há de errado com você?

Com a m ão livre, Qhuinn tocou num dos piercings dos m am ilos… e se concentrou no que

estava acontecendo abaixo da cintura de Blay : debaixo daquele roupão, o m acho ficou

com pletam ente duro, o tecido atoalhado im potente diante daquele tipo de ereção.

– Perdeu a sua *maldita* cabeça de vez? Que m erda!

Norm alm ente, Blay não praguej ava nem elevava a voz. Era excitante vê-lo perder o controle.

Encarando o am igo nos olhos, Qhuinn se deixou cair de j oelhos.

– Deixe-m e cuidar disso…

– *O quê*…

Ele se inclinou para a frente e puxou a bainha do roupão, atraindo-o na sua direção.

– Venha cá. Deixe-m e m ostrar do que sou capaz.

Blay agarrou o cordão que m antinha as duas m etades unidas e deu um apertão.

– Que *diabos* você está fazendo?

Deus, o fato de ele estar de j oelhos, im plorando, parecia apropriado.

– Quero estar com você. Não m e im porto com o m otivo… Apenas m e deixe ficar com

você…

– Depois de todo esse tem po? O que m udou?

– Tudo.

– Você está com a Lay la…

– *Não*. Vou repetir quantas vezes você precisar ouvir: *não* estou com ela.

– Ela está grávida.

– Um a vez. Fiquei com ela apenas um a vez, e com o j á lhe disse, foi só porque quero um a

fam ília e ela tam bém quer. Um a vez, Blay , e nunca m ais.

A cabeça de Blay pendeu para trás com o se alguém estivesse enfiando espinhos debaixo das

suas unhas.

– Não faça isso, pelo am or de Deus, você não pode fazer isso… – a voz dele se quebrantou, a

angústia era um triste vislum bre de todos os problem as que Qhuinn causara.– Por que agora?

Talvez sej a você quem queira se vingar de Saxton…

– Meu prim o que se foda, isso não tem nada a ver com ele em relação a m im . Se você

estivesse sozinho, eu ainda estaria neste tapete, aj oelhado, à espera de estar com você. Se você

estivesse com prom etido com um a fêm ea, se estivesse nam orando alguém de m odo casual, se

você estivesse em m ilhares de outras situações na vida… eu ainda estaria aqui. Im plorando por

algo, qualquer coisa… um a só vez, se é o que pode m e dar.

Qhuinn esticou a m ão de novo, passando por debaixo do roupão, afagando a perna m usculosa e

forte. E quando Blay recuou um passo, ele sabia que estava perdendo a batalha.

Merda, ele perderia aquela chance se não…

– Escute, Blay , fiz m uitas m erdas na m inha vida, m as sem pre tentei ser verdadeiro. Quase

m orri hoj e… e isso endireita as pessoas. Lá em cim a, naquele avião, olhando para a noite escura,

não achei que fosse conseguir. Tudo ficou claro para m im . Quero estar com você por causa

disso.

Na verdade, fazia m uuuuito tem po, beeeem antes da situação com o Cessna, que ele sabia

disso, m as ele desej ava que a explicação fizesse sentido para Blay .

Talvez fizesse. Em resposta, ele oscilou o peso sobre os pés, com o se fosse ceder… ou ir

em bora. Não havia com o saber que direção ele tom aria.

Qhuinn se apressou em dizer m ais:

– Sinto m uito ter desperdiçado tanto tem po… e se você não quiser ficar com igo, eu entendo.

Não vou insistir, vou lidar com as consequências. Mas, pelo am or de Deus, se houver um a

chance… por qualquer m otivo que sej a da sua parte, raiva, curiosidade… droga, m esm o que m e

deixe transar com você um a vez e nunca m ais, com o único propósito de m e cravar um a estaca

no peito… Eu aceito. Aceito você… do j eito que for.

Ele esticou a m ão um a terceira vez, escorregando-a por trás da perna de Blay . Afagando.

Im plorando.

– Não m e im porto quanto isso vai m e custar.

CAPÍTULO 27

Assom ando-se acim a de Qhuinn, Blay estava anorm alm ente ciente de tudo ao seu redor: a

sensação da m ão de Qhuinn atrás da sua perna, o m odo com o a bainha do roupão resvalava sua

canela, o cheiro do sexo perm eando o ar.

De tantos m odos, ele quisera aquilo a vida inteira. Ou pelo m enos, desde que sobrevivera à

transição e teve algum tipo de im pulso sexual. Aquele m om ento era o ápice de sonhos

incontáveis e de inúm eras fantasias, seu desej o secreto sendo m anifestado.

E era sincero: os olhos descom binados de Qhuinn não tinham som bras, nem dúvidas. O m acho

não só dizia a m ais absoluta verdade que lhe passava pelo coração, m as estava em paz por se

expor com tanta vulnerabilidade.

Blay cerrou as pálpebras brevem ente. Aquela subm issão era o oposto de tudo o que definia

Qhuinn com o m acho. Ele nunca se entregava; não os seus princípios, não as suas arm as, nunca,

j am ais a si m esm o. Pensando bem , a reviravolta fazia algum sentido. O enfrentam ento da m orte

tendia a ser seguido por revelações…

A questão era que ele tinha a sensação de que aquilo não duraria. Aquela “visão desobstruída”

sem dúvida estava ligada à viagem de avião, m as tal qual um a vítim a de ataque cardíaco

voltando à antiga dieta deplorável pouco depois, a “revelação” provavelm ente não teria vida

longa. Sim , Qhuinn estava sendo sincero quanto ao que dizia naquele m om ento inebriante, não

havia dúvida algum a quanto a isso. No entanto, era difícil acreditar que aquilo seria perm anente.

Qhuinn era o que era. E m uito em breve, depois que o choque fosse absorvido – talvez ao cair

da noite, quem sabe na sem ana seguinte, ou dali a um m ês – ele voltaria ao seu m odo de ser

fechado, distante, à parte.

Decisão tom ada, Blay voltou a abrir os olhos e se inclinou. Quando os rostos se aproxim aram ,

os lábios de Qhuinn se partiram , o inferior, carnudo, pulsava com o se ele j á tentasse saborear o

que desej ava… e se deleitava.

Merda. O lutador era tão m agnífico, o peito nu poderoso reluzindo na luz do abaj ur, a pele

transportando um a cam ada de excitação, os m am ilos perfurados se elevando e descendo

conform e a pulsação desenfreada do sangue aquecido.

Blay percorreu a m ão pelos m úsculos do braço que os ligava, desde a espessura grossa do

om bro até a protuberância do bíceps e a curva entalhada do tríceps.

Retirou a palm a de sua coxa.

E se afastou.

Qhuinn em palideceu a ponto de ficar acinzentado.

No silêncio, Blay nada disse. Não conseguiria. Sua voz havia desaparecido.

Em pernas cam baleantes, ele se distanciou, a m ão envolvendo a m açaneta até conseguir

coordenação suficiente para abrir a saída. Saindo, ele não saberia dizer se bateu a porta ou se a

fechou silenciosam ente.

Não foi m uito longe. Pouco m ais de um m etro além do quarto, ele desabou ao encontro da

parede lisa e fria do corredor.

Ofegando. Estava ofegando.

E todo aquele esforço de nada adiantaria. A sufocação no peito só piorava e, subitam ente, sua

visão foi substituída por quadrados em preto e branco de um tabuleiro de xadrez.

Deduzindo que estava prestes a desm aiar, agachou-se e colocou a cabeça entre os j oelhos. Nos

recessos da m ente, rezou para que o corredor continuasse vazio. Aquele não era o tipo de coisa

que gostaria de explicar para ninguém : estava do lado de fora do quarto de Qhuinn, obviam ente

excitado, o corpo trem endo com o se um terrem oto particular estivesse acontecendo…

– Jesus Cristo…

Quase morri hoje… e isso endireita as pessoas. Lá em cima naquele avião, olhando para a noite

escura, não achei que fosse conseguir. Tudo ficou claro para mim.

– Não – Blay disse em voz alta. – *Não*…

Apoiando a cabeça nas m ãos, tentou respirar calm am ente, pensar racionalm ente, agir

sensatam ente. Não poderia se dar ao luxo de se afundar ainda m ais naquilo…

Aqueles olhos quentes, brilhantes, descom binados eram o que o atraiam .

– *Não* – sibilou.

Enquanto a voz ressoava em seu crânio, ele resolveu se dar ouvidos. Chega. Aquilo não poderia

ir adiante.

Há tem pos perdera o coração para aquele m acho.

Não havia m otivos para perder a alm a tam bém .

Um a hora m ais tarde, talvez duas, ou seis, Qhuinn estava deitado nu entre os lençóis frios,

fitando o escuro do teto que não conseguia enxergar.

Aquela era a dor horrível que Blay sentira? Com o na vez em que fora procurá-lo no porão da

casa dos pais dele e disse estar preparado para partir de Caldwell, deixando bem claro que não

haveria m ais nenhum laço entre eles? Ou talvez na vez em que se beij aram na clínica e Qhuinn

se recusara a ir em frente? Ou naquela derradeira colisão quando eles quase ficaram j untos,

pouco antes do prim eiro encontro de Blay com Saxton?

Um m aldito vazio enorm e.

Com o aquele quarto, na verdade: sem ilum inação e essencialm ente vazio, apenas quatro

paredes e um teto. Ou um saco de pele e um esqueleto, com o era o caso.

Levantando a m ão, colocou-a sobre o coração, só para se certificar de que ainda tinha um .

Caram ba, o destino tinha um j eito de lhe ensinar as coisas que você precisava saber, m esm o se

você não estivesse ciente de que a lição era necessária até ela ser apresentada: ele desperdiçara

tem po dem ais envolvido consigo m esm o e o seu defeito, e seu fracasso perante a fam ília e a

sociedade. Um em aranhado confuso em que se m etera por tem po dem ais e Blay , porque se

im portara, fora sugado naquele turbilhão.

Mas quando foi que apoiara o am igo? O que de fato fizera pelo cara?

Blay estivera certo ao sair daquele quarto. Um pouco tarde dem ais, não era o ditado? E não

que Qhuinn estivesse oferecendo algum tipo de prêm io. Debaixo da superfície, ele não estava

m uito m ais estável, na verdade. Não estava m ais em paz.

Não, ele m erecia aquilo…

Um a centelha de luz am arelo-esverdeada fatiou o seu cam po negro de visão, com o se a

escuridão fosse um tecido e o facho de luz um a faca.

Um a figura entrou sorrateira no seu quarto, silenciosam ente, e fechou a porta.

Pelo cheiro, ele soube quem era.

O coração de Qhuinn com eçou a bater forte quando ele se endireitou nos travesseiros.

– Blay …?

Houve um ruído sutil, o roupão escorregando pelos om bros do m acho alto. Em seguida,

m om entos depois, o colchão foi pressionado quando um peso grande, vital, subiu nele.

Qhuinn esticou a m ão no escuro com acuidade certeira, as m ãos encontrando as laterais do

pescoço de Blay com tanta precisão com o se tivessem sido direcionadas pela visão.

Nenhum a conversa. Ele tem ia que as palavras lhe roubassem aquele m ilagre.

Elevando a boca, puxou a de Blay para a sua, e quando aqueles lábios de veludo estavam perto

de seu cam po de atuação, ele os beij ou com um desespero que foi retribuído. De um a vez só,

todo o passado reprim ido foi libertado com fúria e ele sentiu o gosto de sangue, sem saber quais

foram as presas que rasgaram o outro.

E quem se im portava?

Com um puxão forte, deitou Blay e depois rolou por cim a do m acho, afastando-lhe as coxas e

pressionando-se até que o m em bro rij o se deparasse com …

Os dois gem eram .

Tonto por causa de tanta pele nua, Qhuinn com eçou a bom bear os quadris para frente e para

trás, a fricção dos sexos e a pele quente aum entando o calor úm ido em suas bocas. Frenesi, em

toda parte, rápido, depressa, rápido… Puta m erda, havia desej o dem ais para entender onde suas

m ãos estavam , ou no que ele se esfregava ou… Porra, havia pele dem ais para tocar, cabelos

para puxar, tanta coisa, dem ais…

Qhuinn gozou, as bolas endurecendo, a ereção j orrando entre eles, espalhando-se por todos os

lados.

E isso não o desacelerou em nada.

Com um puxão, afastou-se da boca que poderia passar um a centena de anos beij ando, lançou-

se sobre o peito de Blay . Os m úsculos com que se deparava não se com paravam com os dos

hum anos com quem transara: aquilo era um vam piro, um lutador, um soldado treinado

arduam ente que exercitava o corpo para atingir um a condição não só útil, m as essencialm ente

letal. Caram ba se aquilo não era ex-citante… m as, acim a de tudo, aquele era Blay ; finalm ente,

depois de todos aqueles anos…

Blay.

Qhuinn resvalou as presas por um abdôm en que era sólido com o um a rocha, e o seu cheiro na

pele de Blay era um a m arcação que sabia que fizera de propósito.

Aquele tem pero forte tam bém iria para outros lugares.

Gem eu quando as m ãos encontraram o pênis de Blay e, enquanto circundava a coluna rij a, o

cara se arqueou profundam ente, um a im precação atravessando o quarto, de m odo bem

sem elhante ao que a luz fizera pouco antes.

Qhuinn lam beu os lábios, elevou o sexo de Blay e perm itiu que o pênis grosso e ousado partisse

sua boca. Sugando, tom ou-o até a base, abrindo a garganta, engolindo tudo. Em resposta, os

quadris de Blay se elevaram , e m ãos brutas cravaram em seus cabelos, forçando a cabeça ainda

m ais para baixo até que ele não conseguisse m ais levar ar aos pulm ões. Mas quem é que

precisava de oxigênio?

Afundando as m ãos nas nádegas de Blay , inclinou aquela pélvis e subiu e desceu, o pescoço se esticando com o ritm o punitivo, os om bros flexionando e relaxando enquanto ele executava

exatam ente aquilo que oferecera a Blay antes de ele ir em bora.

Ele não pretendia fazer apenas aquilo, porém .

Não.

Era apenas o com eço.

CAPÍTULO 28

Quando Blay caiu contra os travesseiros de Qhuinn, quase partiu a coluna. Tudo estava fora de

controle, m as ele não teria desacelerado em nada as coisas: os quadris subiam e desciam , o pau

em purrava e era chupado pela boca de Qhuinn…

Graças a Deus as luzes estavam apagadas.

Só as sensações j á eram dem ais. Com um auxílio visual? Ele não conseguiria…

O orgasm o disparou com o um foguete, a respiração ficou suspensa, o corpo enrij eceu todo, o

sexo gozando ao m áxim o. Ao chegar ao clím ax em grandes espasm os, ele foi ordenhado por

aquela boca… e, caram ba, a sucção incitou o alívio a continuar, com grandes ondas de prazer

pulsante varrendo-o do cérebro até as bolas, seu corpo atingindo um plano de existência

com pletam ente diferente…

Sem aviso, ele foi virado por um a m ão brusca, o corpo m anej ado com o se não pesasse

absolutam ente nada. Em seguida, um braço passou por baixo de sua pélvis e o colocou de

j oelhos. Houve um a breve calm aria na qual tudo o que ele ouviu foi a respiração pesada atrás

dele, o arquej o aum entando cada vez m ais, m ais fundo…

Ouviu o orgasm o de Qhuinn e entendeu exatam ente o m otivo.

Mesm o seu corpo inteiro estando fraco de antecipação, ele sabia que tinha de se preparar

quando um a m ão pesada aterrissou em seu om bro e…

A penetração foi com o um ferro de m arcar, quente e brutal, atingindo direto o seu cerne. E ele

praguej ou num a exalação explosiva. Não porque doesse, ainda que do m elhor m odo possível.

Nem m esm o porque aquilo era algo que ele tanto desej ara, se bem que isso fosse verdade.

Não. Era porque ele teve a estranha sensação de estar sendo m arcado e, por algum m otivo,

isso fez com que…

Um sibilo atingiu-o no ouvido, e depois um par de presas cravou-se em seu om bro, a pegada

de Qhuinn m udando na altura dos quadris, o torso enroscado em tantos lugares. E, então, quando

a penetração inexorável com eçou, os m olares de Blay se cerraram , os braços tiveram que

suportar o peso dos dois, as pernas e o torso se esforçaram debaixo do ataque.

Ele teve a sensação de que a cabeceira da cam a batia contra a parede e por um centésim o de

segundo, lem brou-se do candelabro na biblioteca oscilando enquanto Lay la fora suj eitada àquilo.

Blay am aldiçoou a im agem . Não se perm itiria ir lá; não poderia. Deus bem sabia que haveria

m uito tem po para refletir sobre tudo aquilo m ais tarde.

Naquele instante? Aquilo era bom dem ais para ser desperdiçado…

Enquanto o açoite continuava, suas palm as escorregaram nos lençóis de algodão fino, e ele

teve que reposicioná-las, afundando-as no colchão m acio para tentar sustentar sua posição. Deus,

os sons que Qhuinn fazia, os rosnados que reverberavam entre as presas enterradas em seu

om bro, as estocadas… ah, sim , isso era a cabeceira. Definitivam ente.

Com a pressão se avolum ando em suas bolas, ele se sentiu tentado a se espalm ar, m as não

havia com o. Ele precisava das duas m ãos naquele trabalho…

Com o se Qhuinn lesse sua m ente, o m acho passou o braço ao seu redor e o agarrou.

Não era necessário m asturbá-lo. Blay gozou tão violentam ente que sua m ente ficou difusa e, naquele exato instante, Qhuinn com eçou a ter um orgasm o tam bém , os quadris m ovendo-se para

dentro, parando um segundo antes de recuarem só para afundarem ainda m ais antes da explosão.

E, ah, porra, a com binação dos dois fazendo suas coisas era tão erótica que só fez com que tudo

recom eçasse m ais um a vez: não houve intervalo para se recuperarem , absolutam ente nenhum a

pausa. Qhuinn apenas retom ou as investidas com o se seu alívio o tivesse fortalecido.

Enquanto o sexo se estendia, e apesar de toda a força que Blay tinha em seus m

em bros

superiores, ele acabou caindo da cam a, um a m ão travando na lateral da m esinha de cabeceira só

para que ele não batesse na parede…

Crash!

– Merda – disse ele rouco. – O abaj ur…

Ao que tudo levava a crer, Qhuinn não estava interessado em decoração. O m acho

sim plesm ente puxou a cabeça de Blay e com eçou a beij á-lo, a língua com piercing penetrando

sua boca, lam bendo e sugando… com o se não conseguisse se fartar.

Tontura. Ele ficou absolutam ente tonto com tudo aquilo. Em cada fantasia que teve, ele

sem pre visualizou Qhuinn com o um am ante im petuoso, m as aquilo… aquilo estava num outro

nível.

Por isso, foi ao longe que ele se ouviu dizer num a voz gutural:

– Morda… de novo.

Um grunhido im enso vindo de cim a perpassou seu ouvido, e depois outro sibilo atravessou a

escuridão quando Qhuinn m udou as posições, seu peso m assivo girando para que as presas

pudessem afundar na lateral do pescoço.

Blay praguej ou e em purrou para longe o que quer que tivesse restado sobre a m esinha de

cabeceira, o peito tom ando o lugar dos obj etos, a pele suada chiando no verniz enquanto ele j azia

m eio de lado. Esticando a m ão, ele se apoiou na tábua do piso e em purrou para cim a, m antendo

os dois estáveis enquanto Qhuinn se alim entava e o penetrava tão m agnificam ente bem …

Vezes dem ais para contar, até os travesseiros estarem no chão, os lençóis rasgados, outro

abaj ur destruído… e não estava m uita certo, m as ele achava que tinha derrubado um quadro da

parede.

Quando a im obilidade por fim substituiu todo aquele esforço, Blay respirou fundo e se sentiu

com o se estivesse subm erso.

O m esm o se passava com Qhuinn.

O aum ento da traj etória úm ida no pescoço de Blay sugeria que as coisas ficaram tão

descontroladas que não houve o fecham ento da veia que fora sugada. E quem se im portava? Ele

não, nem conseguia pensar, e não se preocuparia. As sensações pós-coito de flutuação e êxtase

eram gloriosas dem ais para serem estragadas, o corpo estava ao m esm o tem po hipersensível e

entorpecido, quente e brando, dolorido e saciado.

Caram ba, os lençóis teriam de ser lavados. E Fritz indubitavelm ente teria de encontrar um a

supercola para aqueles abaj ures.

Onde exatam ente ele estava?

Esticando a m ão, tateou e descobriu o tapete e a saia da cam a… além de um a m anta. Ah,

bom , estava quase caindo pela ponta da cam a. O que explicava a tontura que sentia.

Quando Qhuinn, por fim , soltou-se dele, Blay quis acom panhá-lo, m as seu corpo estava m uito

m ais interessado em ser um obj eto inanim ado. Ou um rolo de tecido ou, quem sabe…

Mãos gentis o suspenderam e, com cuidado e devagar, rolaram -no de costas. Houve m ais um

pouco de m ovim entação e depois ele se sentiu reposicionado contra os travesseiros que

retornaram ao seu devido lugar. Enfim , um a m anta leve foi aj ustada na m etade do seu corpo,

com o se Qhuinn soubesse que ele estava m uito quente para ser coberto dem ais e, ainda assim ,

com eçava a sentir um friozinho enquanto o suor que o cobria com eçava a secar.

Seu cabelo foi em purrado para longe da testa e, em seguida, sua cabeça foi aj eitada para o

lado. Lábios de seda beij aram a coluna de seu pescoço e, depois, lam bidas longas e langorosas

selaram a m ordida que ele pedira e recebera.

Quando tudo term inou, deixou que sua cabeça fosse aj eitada para o lado de Qhuinn. Ainda que

estivesse absolutam ente escuro, ele sabia exatam ente com o o rosto que o fitava estava:

ruborizado nas m ações do rosto, as pálpebras sem icerradas, os lábios verm elhos…

O beij o pressionado em sua boca foi reverente, o contato não m ais pesado do que o ar quente e

estático do quarto. Era o beij o perfeito de um am ante, o tipo de coisa que ele desej ava m ais do

que o sexo ardente que partilharam …

O pânico golpeou o centro do seu peito e ressoou para fora num piscar de olhos.

As m ãos agiram por vontade própria, em purrando Qhuinn.

– Não m e toque. Nunca m ais m e toque assim .

Deu um salto da cam a e só Deus sabia em que parte do quarto ele aterrissou. Hesitante, tateou

pelo aposento, m as acabou se orientando pela luz que passava por baixo da porta.

Apanhando o roupão no chão, não olhou para trás ao sair.

Não suportaria encarar o resultado daquilo tudo em nenhum tipo de luz.

Isso só tornaria tudo aquilo m uito real.

Em algum m om ento, Qhuinn teve que fazer com que as luzes se acendessem . Não suportava

m ais a escuridão.

Quando a ilum inação inundou o lugar, ele piscou e teve que am parar os olhos com a m ão.

Depois de recalibrar as retinas, olhou ao redor.

Caos. Total e absoluto.

Então tudo aquilo acontecera m esm o, hein. E quanta ironia que o interior da sua cabeça fizesse

com que aquela bagunça parecesse um a ordem m ilitar em com paração.

Nunca mais me toque assim.

Ah, inferno, pensou ele ao esfregar o rosto. Não poderia culpar o cara.

Prim eiro, dem onstrara a m esm a finesse de um a escavadeira. Bola de dem olição. Tanque de

guerra. O problem a era que tudo aquilo fora intenso dem ais para dem onstrar qualquer traço de

paciência: o instinto, tão puro e tão inflam ável quanto com bustível, o acendera; a sessão fora um

caso de deixar as coisas rolarem .

Oh, Deus, m arcara o cara.

Caralho. E não exatam ente no bom sentido, considerando que Blay estava apaixonado e

envolvido num relacionam ento… e voltando para a cam a do am ante.

Mas, pensando bem , quando um m acho está com quem ele quer, especialm ente se é a

prim eira vez, era isso m esm o o que acontecia. As coisas saíam do controle…

Nem era preciso dizer que aquele fora o m elhor sexo de sua vida, a prim eira vez de perfeito

encaixe depois de um a longa história de “nem de longe”. A questão foi que, no fim , ele quis que Blay soubesse disso, tentou encontrar as palavras e se apoiou no toque para pavim entar o

cam inho da confissão.

Contudo, ficou evidente que o m acho não queria ter essa proxim idade.

O que provocou um segundo, e m ais profundo, arrependim ento.

Sexo por desforra não se tratava de atração, m as sim de utilidade. E Blay o usara, do m odo

com o ele pedira para ser usado.

Aquela sensação de vazio voltou m ultiplicada por dez. Por cem .

Sem conseguir suportar a em oção, pôs-se de pé, e teve que praguej ar: a rigidez notável na

lom bar tinha tudo a ver com o acidente de avião e m ais ainda com a pneum ática que realizara na

últim a hora… ou m ais…

Merda.

Indo para o banheiro, deixou as luzes apagadas, m as havia ilum inação suficiente vinda do

quarto para ele conseguir entrar no chuveiro. Dessa vez, esperou a água esquentar; seu corpo não

suportaria m ais um choque.

Era tão patético; a últim a coisa que desej ava era lavar o cheiro de Blay de sua pele, m as

estava enlouquecendo com ele. Deus, devia ser assim que todos os *hellrens* se sentiam quando

ficavam possessivos: m etade do seu j uízo dizia que ele devia descer o corredor, invadir o quarto

de Blay e expulsar Saxton. A bem da verdade, teria adorado que o prim o tivesse

testem unhado,

só para o cara saber que…

Para interrom per aquele nada saudável curso de pensam entos, entrou no box envidraçado e

pegou o sabonete.

Blay estava envolvido, tentou se lem brar disso, m ais um a vez.

O sexo que partilharam não se referia à conexão em ocional.

Portanto, ele estava, nesse m om ento de vazio, sendo passado para trás pela sua própria história.

Aquele parecia ser m ais um caso em que o destino lhe dava aquilo que ele m erecia.

Enquanto se lavava, o sabonete não era nada m acio se com parado com a pele de Blay , nem

cheirava um quarto do perfum e do cara. A água não era tão quente quanto o sangue do lutador e

o xam pu, nada tranquilizador. Nada se equiparava.

Nem j am ais conseguiria.

Enquanto Qhuinn virava o rosto para o j ato e abria a boca, descobriu-se rezando para que

Saxton pulasse a cerca m ais um a vez, m esm o isso sendo um a coisa deplorável de se desej ar.

O problem a era que ele tinha a terrível sensação de que outro caso de infidelidade seria a

única m aneira de Blay voltar para ele.

Fechando os olhos, voltou para aquele m om ento em que beij ou Blay no fim …

em que o beij ou

de verdade, quando as bocas se encontraram gentilm ente na calm aria após a tem pestade.

Enquanto sua m ente reescrevia o roteiro, ele não era em purrado para o outro lado dos lim ites que

ele m esm o criara. Não, em sua im aginação, as coisas term inavam com o teriam de term inar,

com ele afagando o rosto de Blay e fazendo as luzes se acenderem para que pudessem se olhar.

Em sua fantasia, ele beij aria seu am igo um a vez m ais, se afastaria e…

– Eu te am o – disse ele para o j ato de água. – Eu… te am o.

Ao fechar os olhos novam ente ante a dor, ficou difícil saber quanto daquilo que descia pelo seu

rosto era água e quanto era outra coisa.

CAPÍTULO 29

No dia seguinte, bem no fim da tarde, o visitante de Assail voltou.

Enquanto o sol se punha e os raios rosados de sol atravessavam a floresta, ele viu em seu

m onitor um a figura solitária em esquis de cross-country , os bastões equilibrados contra os

quadris, binóculos cobrindo o rosto.

Nos quadris *dela,* o rosto *dela*, m elhor dizendo.

A boa notícia era que suas câm eras de segurança não só tinham um zoom fantástico, com o

tam bém seu foco e cam po de visão eram facilm ente m anipulados por um j oy

stick de

com putador.

Por isso ele restringiu ainda m ais a im agem .

Quando a m ulher abaixou os binóculos, ele m ediu o com prim ento de cada cílio ao redor dos

olhos escuros e calculistas, e as m arcas averm elhadas das m ações do rosto de poros pequenos, e o

ritm o uniform e da pulsação da artéria que percorria a m andíbula.

O aviso que ele dera a Benloise fora recebido. E, ainda assim , lá estava ela.

Era evidente que ela estava, de algum m odo, ligada ao atacadista de drogas; e na noite

anterior, pelo visto, ela ficara irritada com Benloise, visto o m odo com o m archara para fora da

galeria com o se alguém a tivesse insultado.

Todavia, Assail nunca a vira antes, o que era estranho. No últim o ano, aproxim adam ente, ele

se fam iliarizara com todos os aspectos da operação de Benloise, desde o núm ero incalculável de

seguranças, até a equipe irrelevante da galeria, incluindo os im portadores astutos e o irm ão do

hom em , responsável pelas finanças.

Portanto, ele só podia deduzir que ela era um a em preiteira independente, contratada para um

propósito específico.

Mas por que, então, ela ainda estava em sua propriedade?

Verificou os núm eros digitais na parte inferior da tela. Quatro e m eia. Costum eiram ente, não

seria um a hora com que se alegrar, pois ainda era cedo dem ais para sair. Mas o horário de verão

acabara, e aquela invenção hum ana de m anipular o sol na verdade trabalhava a seu favor por

seis m eses no ano.

Estaria um pouco quente lá fora, m as ele lidaria com isso.

Assail se vestiu rapidam ente, colocando o terno Gucci com um a cam isa de seda branca e

pegando o sobretudo trespassado de pelo de cam elo. O seu par de Sm ith & Wesson calibre .40

era o acessório perfeito, claro.

O m etálico seria sem pre o novo preto.

Pegando o iPhone, franziu ao tocar a tela. Um a cham ada de Rehvenge, com um a m ensagem .

Saindo do quarto, acessou a m ensagem de voz do *lídher* do Conselho e ouviu-a enquanto descia

as escadas.

A voz do m acho ia direto ao ponto, e isso era algo a se respeitar:

– Assail, você sabe quem é. Estou convocando um a reunião do Conselho e quero não apenas

um *quorum*, m as presença com pleta; o Rei estará presente, bem com o a Irm andade. Com o

m acho sobrevivente m ais velho da sua linhagem , você está na lista do Conselho, m as registrado com o inativo porque perm aneceu no Antigo País.

Agora que está de volta, está na hora de

com eçar a participar desses encontros festivos. Ligue para m im para m e inform ar a sua agenda,

para que eu possa organizar local e data conveniente a todos.

Parando ante a porta de aço que bloqueava a escada inferior, colocou o telefone no bolso de

dentro, destravou a porta e a abriu.

O prim eiro andar estava escuro por conta das persianas especiais que bloqueavam toda a luz

solar, e a sala de estar im ensa m ais se parecia com um a caverna no centro da terra do que com

um a gaiola envidraçada às m argens do rio.

Da direção da cozinha vinha o barulho de fritura e o cheiro de bacon.

Cam inhando na direção oposta, entrou no falso escritório recoberto com painéis de nogueira

que cedera ao uso dos prim os e passou para o quarto especial de dois m etros quadrados, cuj a

tem peratura era m antida em precisos vinte graus Celsius e um idade a exatam ente 69%,

perfum ado pelo tabaco de dúzias e dúzias de caixas de charutos. Depois de ponderar sobre a

fileira exposta, apanhou três cubanos.

Afinal, os cubanos eram os m elhores.

E ali estava m ais um a coisa que Benloise lhe fornecia por um preço.

Trancando a sua preciosa coleção, voltou à sala de estar. Já não havia barulho de

fritura, o

bater sutil de talheres nos pratos o substituíra.

Ao entrar na cozinha, os dois prim os estavam sentados em bancos ante a bancada de granito, o

par com endo no m esm o ritm o preciso, com o num rufar de tam bores, despercebido por outros,

m as que regulava seus m ovim entos.

Os dois levantaram as cabeças no m esm o ângulo para olhar para ele.

– Estou de saída. Sabem com o m e localizar – disse.

Ehric lim pou a boca.

– Localizei três daqueles interm ediários desaparecidos… voltaram à ação, estão prontos para

se m exer. Vou fazer a entrega à m eia-noite.

– Bom , m uito bom – Assail verificou rapidam ente as arm as. – Tente descobrir onde estavam ,

sim ?

– Com o quiser.

Os dois abaixaram as cabeças ao m esm o tem po, voltando ao desj ej um .

Nada de com ida para ele. Do lado da cafeteira, ele pegou um frasco de cor de âm bar e

desatarraxou a tam pa, que tinha um a colherinha de prata grudada a ela, e o obj eto em itiu um

tinido enquanto ele o enchia com cocaína. Um a aspirada.

Bom dia!

Ele levou o resto consigo, colocando-o no m esm o bolso dos charutos. Já fazia um tem po desde

que se alim entara e estava com eçando a sentir os efeitos, o corpo preguiçoso, a m ente tendendo

a um entorpecim ento desconhecido.

O lado negativo do Novo Mundo? Era difícil encontrar fêm eas.

Felizm ente, cocaína pura era um bom substituto, pelo m enos por enquanto.

Aj ustando um par de óculos de sol de lentes opacas, passou pelo vestíbulo e se preparou para

sair pela porta dos fundos.

Afastando a porta…

Assail se retraiu e gem eu ante o ataque, seu peso oscilando em seus sapatos: apesar de 99% do seu corpo estar coberto por cam adas m últiplas de roupa, e m esm o de óculos escuros, a luz

efêm era do céu era o bastante para que ele vacilasse.

No entanto, não havia tem po para ceder à biologia.

Esforçando-se para se desm aterializar até a floresta atrás da casa, pôs-se a rastrear a m ulher

próxim o à escuridão. Foi bem fácil localizá-la. Ela estava batendo em retirada, m ovendo-se

rapidam ente sobre aqueles esquis, abrindo cam inho por entre os ram os espinhosos dos pinheiros e

os carvalhos e bordos esqueléticos. Extrapolando a traj etória dela e aplicando a m esm a lógica

interna que ela dem onstrara nas fitas de segurança da m anhã anterior, ele logo se adiantou,

antecipando bem onde ela estaria…

Ah, sim . O Audi preto da galeria. Estacionado ao lado da estrada lim pa de neve a cerca de três

quilôm etros de sua propriedade.

Assail estava recostado contra a porta do m otorista e bafej ando um cubano quando ela saiu do

lim ite das árvores.

Ela parou de pronto nos rastros duplos por ela criados, os bastões em ângulos abertos.

Ele lhe sorriu ao soprar um a nuvem de fum aça no crepúsculo.

– Belo entardecer para se exercitar. Apreciando a vista… Da m inha casa?

A respiração dela estava acelerada devido ao esforço físico, m as não por algum m edo que ele

pudesse pressentir. Isso o excitava.

– Não sei do que está fal…

Ele interrom peu a m entira.

– Bem , o que posso lhe dizer é que, no m om ento, sou eu quem está apreciando a vista.

Enquanto seu olhar descia deliberadam ente pelas pernas longas e atléticas nas calças j ustas de

esqui, ela o encarou.

– Acho difícil que consiga ver qualquer coisa por trás dessas lentes.

– Meus olhos são m uito sensíveis à luz.

Ela franziu o cenho e olhou ao redor.

– Quase não há m ais nenhum a luz.

– Há o bastante para eu enxergá-la – ele deu nova baforada. – Gostaria de saber o que eu disse

a Benloise ontem à noite?

– Quem ?

Ela o aborreceu e ele afiou a voz:

– Um pequeno conselho. Não brinque com igo… isso fará com que m orra m ais rápido do que

qualquer tipo de invasão de dom icílio.

Um cálculo im passível fez com que ela estreitasse o olhar.

– Eu não sabia que invasão de propriedade dava pena de m orte.

– Com igo, existe um a bela lista de coisas com repercussões letais.

Ele levantou o queixo.

– Ora, ora. Com o você é perigoso.

Com o se ele fosse um gatinho brincando com um novelo e sibilando.

Assail m oveu-se com rapidez, ele bem sabia que os olhos dela seriam incapazes de

acom panhá-lo. Num m om ento, estava a m etros de distância; no instante seguinte, estava nas

pontas dos seus esquis, prendendo-a no lugar.

A m ulher gritou alarm ada e tentou recuar, m as, claro, seus pés estavam presos. Para evitar que ela caísse, ele a apanhou pelo braço com a m ão que não segurava o charuto.

Agora o sangue dela corria de m edo e, quando ele inalou seu cheiro, excitou-se.

Puxando-a

para a frente, fitou-a, tracej ando-lhe o rosto.

– Tom e cuidado – disse ele num a voz m ansa. – Eu m e ofendo com rapidez e m eu

tem peram ento não é facilm ente aplacado.

Em bora ele conseguisse pensar pelo m enos num a coisa que ela poderia lhe dar que o

acalm aria.

Inclinando-se, ele inspirou profundam ente. Deus, adorava o cheiro dela.

Mas aquela não era a hora de se distrair com esse tipo de coisa.

– Eu disse a Benloise que enviasse pessoas à m inha casa por sua conta e risco… delas. Estou

surpreso que ele não a tenha alertado sobre esses, com o podem os dizer, lim ites bem delim itados

de propriedade…

Pelo canto do olho, ele percebeu um m ovim ento sutil no om bro dela. Ela pretendia pegar a

arm a com a m ão direita.

Assail colocou o charuto entre os dentes e segurou o punho delicado. Aplicando pressão e só

parando quando a dor se fez perceber na respiração dela, ele a arqueou para trás para que ela

notasse com pleta e inequivocadam ente o poder que ele tinha sobre si m esm o e sobre ela. Sobre

tudo.

E foi nesse m om ento que a m ulher se excitou.

Fazia m uito tem po, talvez tem po dem ais, desde que Sola desej ou um hom em .

Não que ela não os considerasse desej áveis via de regra, ou que não tivessem existido ofertas

para encontros horizontais com m em bros do sexo oposto. Nada lhe parecera valer o esforço. E

talvez, depois daquele único relacionam ento que não dera certo, ela tivesse regressado aos

hábitos de sua rígida criação brasileira – o que era irônico, considerando-se o que fazia para

sobreviver.

Aquele hom em , porém , cham ara sua atenção. Verdadeiram ente.

O m odo com o a segurava pelo braço e pelo pulso não era nada educado e, m ais do que isso,

não havia clem ência pelo fato de ela ser m ulher; as m ãos a apertavam com tanta força a ponto

de a dor se encam inhar para o coração, fazendo-o bater forte. Do m esm o m odo, o ângulo em

que a forçava para trás testava os lim ites da capacidade de sua coluna se dobrar, e as coxas

ardiam .

Excitar-se assim … era um a negligência ignorante para a sua autopreservação. Na verdade, ao

fitar aquelas lentes escuras, ela estava bem ciente de que ele poderia m atá-la ali m esm o.

Torcendo o seu pescoço. Quebrando seus braços só para vê-la gritar antes de sufocá-la na neve.

Ou talvez apenas desacordando-a antes de j ogá-la no rio.

O sotaque carregado de sua avó subitam ente veio-lhe à m ente: *Por que não pode conhecer um*

bom rapaz? Um rapaz católico de uma família que conhecemos? Marisol, assim você parte o meu

coração.

– Só posso deduzir – a voz som bria sussurrou com um sotaque e um a inflexão que lhes eram

desconhecidos – que a m ensagem não lhe foi transm itida. Correto? Benloise deixou de lhe passar

essa inform ação… e é por isso que, depois de eu ter expressam ente indicado m inhas intenções,

você ainda assim voltou a espionar a m inha casa? Creio que foi isso o que aconteceu, talvez um a m ensagem de voz que ainda não tenha sido recebida. Ou um a m ensagem de texto, um e-m ail.

Sim , acredito que o com unicado de Benloise tenha se perdido, não é m esm o?

A pressão nela intensificou-se ainda m ais, sugerindo que ele tinha força de sobra, o que era, no

m ínim o, um a perspectiva assom brosa.

– Não é isso? – rugiu ele.

– Sim – disse ela. – É isso.

– Portanto, posso deduzir que não a encontrarei em seus esquis por aqui. Correto?

Ele a sacudiu novam ente, a dor fazendo com que seus olhos revirassem .

– Sim – ela disse num engasgo.

O hom em relaxou apenas o suficiente para que ela pudesse respirar um pouco. Depois

continuou falando, naquela voz estranham ente sedutora:

– Bem , preciso de um a coisa antes que você vá. Você m e dirá o que descobriu sobre m im …

Tudo o que descobriu.

Sola franziu o cenho, pensando que aquilo era tolice. Sem dúvida um hom em com o aquele

estaria ciente de qualquer inform ação que um a terceira pessoa poderia saber a seu respeito.

Então aquilo era um teste.

Visto que ela queria m uito rever a avó, Sola disse:

– Não sei seu nom e, m as posso im aginar o que faz, e tam bém o que fez.

– E o que seria?

– Acredito que sej a a pessoa que estej a m atando aqueles interceptadores na cidade para

assegurar território e controle.

– Os j ornais e os noticiários disseram que se tratavam de suicídios.

Ela apenas prosseguiu, um a vez que não havia m otivo para argum entar:

– Sei que m ora sozinho, até onde posso saber, e que sua casa possui um tratam ento estranho

nas j anelas. Um tipo de cam uflagem para parecer o interior da casa, m as… é outro tipo de coisa.

Só não sei o quê.

O rosto acim a do dela perm aneceu com pletam ente im passível. Calm o. Tranquilo. Com o se

não a estivesse forçando a ficar no lugar… Ou a am eaçando. O controle era… erótico.

– E? – insistiu ele.

– É só isso.

Ele inalou o charuto nos lábios, a ponta em círculo alaranj ado brilhando m ais.

– Só vou libertá-la um a vez. Entende?

– Sim .

Ele se m oveu com tanta rapidez que ela teve que balançar os braços para readquirir o

equilíbrio, os bastões se afundando na neve. Espere, o que ele…

O hom em apareceu bem atrás dela, os pés plantados nas laterais dos rastros dos esquis, um a

barricada física para o cam inho que ela fizera a partir da casa dele. Enquanto o bíceps e o pulso

direitos dela ardiam por conta do sangue que voltava a circular nas partes que foram

com prim idas, um aviso surgiu na base de sua nuca.

Cai fora daqui, Sola disse a si m esm a. *Agora*.

Sem querer arriscar um a nova captura, ela se m oveu para frente até a estrada, a parte inferior

dos esquis lutando para conseguir avançar na neve gelada e com pactada.

Enquanto ela avançava, ele a seguia, cam inhando lentam ente, inexoravelm ente, com o um

grande felino que estava cercando a presa com a qual estava contente em apenas brincar, por

enquanto.

As m ãos dela trem iam quando usou as pontas dos esquis para soltar as am arras, e ela teve

dificuldade para prender os esquis no rack do carro. O tem po inteiro, ele perm aneceu parado no

m eio da estrada observando-a, a fum aça do charuto subindo pelo om bro em brisas frias que

seguiam para o rio.

Entrando no carro, ela travou as portas, deu partida e olhou pelo espelho retrovisor. No brilho

da luz do freio, ele parecia inequivocadam ente m aligno, um hom em alto, de cabelos escuros,

com o rosto lindo com o o de um príncipe, e tão cruel quanto um a lâm ina.

Pisando no acelerador, ela saiu do acostam ento e se afastou rápido, o sistem a de tração das

quatro rodas sendo acionado para a tração de que ela precisava.

Ela olhou de relance m ais um a vez pelo retrovisor. Ele ainda estava lá…

O pé de Sola m udou para o freio e quase o pressionou.

Ele sum ira.

Com o se tivesse se dissipado no ar. Num m om ento estava lá… no seguinte, invisível.

Sacudindo-se, voltou a pressionar o acelerador e fez o sinal da cruz sobre o coração acelerado.

Num pânico absurdo, perguntou-se: m as que diabos era ele?

CAPÍTULO 30

Bem quando as persianas eram suspensas com a chegada da noite, Lay la ouviu um a batida à

porta e, m esm o antes de o cheiro passar pelas frestas, ela sabia quem tinha vindo vê-la.

Inconscientem ente, a m ão subiu para o cabelo, e descobriu que estava um a bagunça, todo

em aranhado por ter virado e revirado o dia inteiro. Pior, nem se im portara em tirar a roupa com

que saíra para ir à clínica.

Entretanto, não lhe poderia negar a entrada.

– Entre – disse, sentando-se um pouco m ais erguida e aj eitando as cobertas que puxara até o

queixo.

Qhuinn estava com suas roupas de com bate, o que a levou a deduzir que ele estava escalado

para o turno daquela noite – m as talvez não. Ela não conhecia o escalonam ento.

Quando seus olhares se cruzaram , ela franziu o cenho.

– Você não está bem .

Ele levou a m ão para o curativo na sobrancelha.

– Isto? É apenas um arranhão.

Só que não fora o m achucado que cham ara sua atenção. Era o olhar vago, as concavidades

rígidas nas faces.

Ele parou. Farej ou. Em palideceu.

Im ediatam ente, ela baixou o olhar para as m ãos, e m ais um a vez as torceu.

– Por favor, feche a porta – pediu.

– O que está acontecendo?

Quando a porta se fechou conform e o seu pedido, ela respirou fundo.

– Fui à clínica de Havers ontem à noite.

– *O quê?*

– Estou sangrando…

– Sangrando? – ele se apressou para a frente, quase derrapando a cam inho da cam a. – Por que

diabos não m e contou?

Santa Virgem Escriba, seria im possível para ela não se acovardar ante tam anha fúria. Na

verdade, ela estava sem forças no m om ento e im possibilitada de reunir qualquer tipo de

autopreservação.

Instantaneam ente, Qhuinn recuou em sua raiva, afastando-se e circulando pelo quarto. Quando

a fitou novam ente, disse bruscam ente:

– Sinto m uito. Não tive a intenção de gritar… Eu só… eu só estou preocupado com você.

– Eu sinto m uito. E eu deveria ter lhe contado, m as você estava fora em com

bate e eu não quis

aborrecê-lo. Eu não sei… francam ente, eu não devia estar pensando com clareza. Estava fora de

m im .

Qhuinn se sentou ao lado dela, os om bros im ensos se curvando enquanto ele cruzava os dedos e

apoiava os cotovelos nos j oelhos.

– Então, o que está acontecendo?

Tudo o que ela conseguiu fazer foi dar de om bros.

– Bem , com o você pode perceber… estou sangrando.

– Quanto?

Ela pensou no que a enferm eira lhe havia dito.

– O suficiente.

– Há quanto tem po?

– Tudo com eçou há m ais ou m enos 24 horas. Não quis procurar a doutora Jane porque não

tinha certeza de quão confidencial isso seria e tam bém … ela não tem m uita experiência com

gestações da nossa espécie.

– O que Havers disse?

Foi a vez de ela franzir a testa.

– Ele não quis m e dizer.

– Com o é que é? – a cabeça de Qhuinn se ergueu.

– Por causa do m eu status com o Escolhida, ele só falará com o Prim ale.

– Está de brincadeira?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Tam bém não consegui acreditar nisso e sinto dizer que saí de lá em circunstâncias

m enos que favoráveis. Ele m e reduziu a um obj eto, com o se eu não tivesse a m ínim a

im portância… não passasse de um repositório…

– Você sabe que isso não é verdade – Qhuinn segurou sua m ão com os olhos descom binados

ardendo. – Não para m im . Nunca para m im .

Ela estendeu a m ão e o tocou no om bro.

– Eu sei, m as obrigada por dizer isso – ela estrem eceu. – Preciso ouvir isso agora. E quanto ao

que está acontecendo… com igo… a enferm eira disse que não há nada que ninguém possa fazer

para im pedir isto.

Qhuinn baixou o olhar para o tapete e ficou assim por um bom tem po.

– Não entendo. Não era para ser assim .

Engolindo a horrível sensação de fracasso, ela se endireitou e afagou as costas dele.

– Sei que você desej ava isto tanto quanto eu.

– Você não pode estar abortando. Não é possível.

– Pelo que fiquei sabendo, os dados estatísticos não são tão bons. Não no com

eço… e não no

fim .

– Não, não pode estar certo. Eu… a vi.

Lay la lim pou a garganta.

– Sonhos nem sem pre se tornam realidade, Qhuinn.

Parecia algo m uito sim plista de se dizer. Igualm ente óbvio. Mas m agoava em seu cerne.

– Não foi um sonho – disse ele de m odo rude. Mas, então, sacudiu-se e voltou a olhar para ela.

– Com o está se sentindo? Sente dor?

Quando ela não respondeu de im ediato, porque não queria m entir para ele a respeito das

cólicas, ele se pôs de pé.

– Vou procurar a doutora Jane.

Ela o segurou pela m ão, detendo-o.

– Espere. Pense bem . Se estou perdendo… nosso filho… – ela parou para j untar coragem

depois de ter verbalizado aquilo. – Não há razão por que contar para alguém . Ninguém precisa ficar sabendo. Podem os sim plesm ente deixar a natureza… – a voz dela falhou nesse m om ento,

m as ela se forçou a continuar – … seguir seu curso.

– Ao inferno com isso. Não vou colocar sua vida em risco só para evitar um confronto.

– Isso não interrom perá o aborto, Qhuinn.

– Não estou preocupado som ente com o aborto – ele apertou-lhe a m ão. – Você é im portante.

Por isso vou procurar a doutora Jane agora m esm o.

Isso mesmo, ao inferno deixar as coisas por debaixo dos panos, Qhuinn pensou ao seguir para a

porta.

Ouvira falar de histórias sobre fêm eas com hem orragias durante os abortos, e ainda que não

fosse m encionar nada disso com Lay la, teria de agir a respeito.

– Qhuinn. Pare – Lay la o cham ou. – Pense no que está fazendo.

– Eu estou. Claram ente – ele não esperou para debater m ais aquilo. – Fique onde está.

– Qhuinn…

Ele ainda conseguiu ouvir a voz dela quando fechou a porta e com eçou a correr, term inando o

corredor e descendo as escadas. Com um pouco de sorte, a doutora Jane ainda estaria se

dem orando na Últim a Refeição com seu *hellren*; o casal estava à m esa quando ele se levantara

para ir ver Lay la.

Ao chegar ao átrio, seus tênis Nike guincharam no piso de m osaico quando ele tom ou a direção

da arcada na entrada da sala de j antar.

Vendo a m édica bem onde estivera antes foi um golpe de sorte, e seu prim eiro instinto foi

cham á-la com um grito. Só não o fez ao perceber a quantidade de Irm ãos à m esa, com endo a

sobrem esa.

Merda. Era fácil para ele dizer que lidaria com as consequências se o que fizeram se tornasse

público. Mas, e quanto a Lay la? Com o um a Escolhida sagrada, ela tinha m uito m ais a perder do

que ele. Phury era um a cara bem legal, por isso a chance de ele lidar bem com aquilo era bem

grande. E o resto da sociedade?

Ele j á passara pela experiência de ser rej eitado, e não queria o m esm o para ela.

Qhuinn se apressou para onde V. e Jane estavam descontraídos, o Irm ão fum ando um cigarro

feito à m ão, a m édica espectral sorrindo para o seu parceiro enquanto ele lhe contava um a piada.

No instante em que a boa m édica olhou para ele, aprum ou-se em seu assento.

Qhuinn se abaixou e sussurrou ao seu ouvido.

Nem m eio segundo depois, ela estava de pé.

– Preciso ir, Vishous.

Os olhos de diam ante do irm ão se elevaram . Aparentem ente, apenas um vislum bre do rosto de

Qhuinn foi preciso: ele não fez perguntas, apenas assentiu um a vez.

Qhuinn e a m édica se apressaram j untos para fora.

Para o infinito crédito da doutora Jane, ela não perdeu tem po querendo saber

com o aquela

gravidez tinha acontecido.

– Há quanto tem po ela está sangrando?

– 24 horas.

– Com que intensidade?

– Não sei.

– Algum outro sintom a? Febre? Enj oo? Dor de cabeça?

– Não sei.

Ela o deteve quando chegaram à grande escadaria.

– Vá até o Buraco. A m inha m aleta está na bancada ao lado do cesto de m ações.

– Entendido.

Qhuinn nunca correu tão rápido em toda sua vida. Para fora do vestíbulo. Atravessando o pátio

coberto de neve. Digitando o código de acesso para o Buraco. Correndo pelo espaço de V. e de

Butch.

Costum eiram ente, ele j am ais teria entrado sem bater. Inferno, sem um horário m arcado

previam ente. Mas naquela noite, que se foda…

Ah, que bom , a m aleta preta estava, de fato, ao lado das Fuj is.

Apanhando-a, correu para fora, voando ao lado dos carros estacionados e batendo os pés

enquanto aguardava que Fritz atendesse à porta.

Ele quase atropelou o *doggen*.

Ao chegar ao segundo andar, passou acelerado diante do escritório de Wrath e invadiu o quarto

que Lay la vinha usando. Fechando a porta, arfou até chegar à cam a, onde a m édica estava

sentada bem onde ele esteve antes.

Deus, Lay la estava pálida com o um lençol. Pensando bem , m edo e hem orragia faziam isso

com um a fêm ea.

A doutora Jane estava no m eio de um a frase quando pegou a m aleta das m ãos dele.

– Acho que devem os com eçar verificando os seus sinais vitais…

Bum!

Quando o som ensurdecedor atravessou o quarto, o prim eiro pensam ento de Qhuinn foi se

j ogar sobre as duas fêm eas para form ar um escudo.

Mas não era um a bom ba. Era Phury escancarando a porta.

Os olhos am arelos do Irm ão reluziam , e não de m odo positivo, quando eles passavam de

Lay la, para a m édica e depois para Qhuinn… e refazendo o cam inho ao contrário.

– Que diabos está acontecendo aqui? – ele exigiu saber, com as narinas inflando quando captou

o m esm o cheiro que Qhuinn havia percebido antes. – Vej o a m édica subindo as escadas num

rom pante. Depois é a vez de Qhuinn com a m aleta. E agora… é m elhor alguém com eçar a falar.

Neste exato m inuto!

Mas ele sabia. Porque estava olhando para Qhuinn.

Qhuinn encarou o Irm ão.

– Eu a engravidei…

Ele não teve oportunidade de term inar a frase. Na verdade, m al conseguiu term inar a últim a

palavra.

O Irm ão o agarrou e o lançou contra a parede. Enquanto suas costas absorviam o im pacto, a

m andíbula dele explodiu de dor, o que sugeria que o cara tam bém o socara com exatidão. Então,

m ãos ásperas o m antiveram fixos com os pés pendurados a quinze centím etros do tapete oriental,

bem na hora em que pessoas com eçavam a se aglom erar na porta.

Ótim o. Um a plateia.

Phury aproxim ou o rosto do de Qhuinn e expôs as presas.

– *O que* você fez com ela?

Qhuinn deu um a golada de sangue.

– Ela estava no cio. Eu a servi.

– Você não a m erece…

– Eu sei.

Phury o em purrou com força m ais um a vez.

– Ela é m elhor do que…

– Concordo…

Bang!

De novo contra a parede.

– Então que porra que você foi fazer…

O rugido que perm eou o quarto foi alto o bastante para estrem ecer o espelho ao lado da

cabeça de Qhuinn, assim com o o conj unto de escovas de prata na penteadeira e os cristais nas

arandelas ao lado da porta. A princípio, ele pensou que tivesse sido Phury , a não ser, porém , pelo

fato de as sobrancelhas do Irm ão se abaixarem e o m acho olhar por sobre o om bro.

Lay la saíra da cam a e se aproxim ava dos dois. Raios! A expressão no olhar dela bastaria para

derreter a pintura da porta de um carro: apesar de ela não estar se sentindo bem , as presas

estavam expostas, os dedos crispados em form a de garra… e a brisa gélida que a precedeu fez

com que a nuca de Qhuinn se eriçasse em alerta.

Aquele rugido nem deveria ter saído de um m acho… quanto m enos de um a fêm ea delicada

com status de Escolhida.

De fato, o pior era o tom horrível de sua voz:

– *Solte-o. Agora*.

Ela encarava Phury com o se estivesse plenam ente preparada para arrancar os braços do

Irm ão de suas j untas e socá-lo até não poder m ais caso ele não a obedecesse. Im ediatam ente.

E, vej a só, de repente, Qhuinn conseguiu respirar direito, e agora seus Nikes tocavam

novam ente o chão. Num passe de m ágica.

Phury levantou as palm as das m ãos.

– Lay la, eu…

– Não toque nele. Não por causa disso… Estou sendo bem clara? – o peso dela estava

equilibrado quase nos dedos dos pés, com o se ela fosse avançar na garganta do cara a qualquer

segundo. – Ele era o pai do m eu filho, e receberá todos os direitos e privilégios dessa posição.

– Lay la…

– *Estamos entendidos?*

Phury fez que sim com sua cabeça m ulticolorida.

– Sim . Mas…

No Antigo Idiom a, ela sibilou:

– Caso algum mal recaia sobre ele, eu irei atrás de ti, e o encontrarei em teu sono. Não me

importo onde e com quem repouses tua cabeça, minha vingança se derramará sobre ti até tu te

afogares.

Aquela últim a palavra foi arrastada até sua últim a sílaba se perder num rugido.

Silêncio absoluto.

Até a doutora Jane com entar secam ente:

– E é *por isso* que dizem que as fêm eas da espécie são m ais perigosas que os m achos.

– Verdade – alguém aquiesceu no corredor.

Phury levantou as m ãos em frustração.

– Só quero o que for m elhor para você e não só no papel de am igo preocupado… essa é a

porra do m eu trabalho. Você atravessa o cio sem contar a ninguém , deita-se com ele – com o se

Qhuinn fosse bosta de cachorro – e depois não diz a ninguém que está tendo problem as m édicos.

Será que eu tenho que ficar feliz com isso? Que m erda!

Houve algum tipo de conversa entre eles àquela altura, m as Qhuinn não prestou atenção: toda

a sua consciência recuara para dentro do cérebro. Caram ba, o feliz com entário do Irm ão não

deveria ter doído tanto. Não era a prim eira vez que ele ouvia esse tipo de com entário, ou até

m esm o pensara isso a respeito de si m esm o. Mas, por algum m otivo, as palavras dispararam

um a falha geológica que retum bava bem em seu cerne.

Lem brando-se de que dificilm ente seria um a tragédia ter o óbvio evidenciado,

ele se

desvencilhou do seu espiral de vergonha e olhou ao redor. Sim , todos tinham aparecido diante da

porta aberta e, m ais um a vez, aquilo que ele preferia que tivesse perm anecido com o um assunto

particular estava acontecendo diante de m ilhares.

Pelo m enos Lay la não se im portava. Inferno, ela nem parecia ter notado.

E era até engraçado ver todos aqueles lutadores profissionais desej ando estar a quilôm etros de

distância de um a fêm ea. Pensando bem , caso quisessem sobreviver no trabalho que exerciam ,

um a acurada avaliação de riscos era algo que se desenvolvia precocem ente e até m esm o

Qhuinn, obj eto do instinto protetor da Escolhida, não ousaria tocá-la.

– Eu, neste momento, renuncio ao meu status de Escolhida, e todos os direitos e privilégios inerentes. Eu sou Layla, decaída daqui por diante…

Phury tentou interrom pê-la:

– Escute, você não tem que fazer isso…

– … e sempre. Estou arruinada perante os olhos tanto da tradição quanto da prática, não mais

virgem, concebi um filho, mesmo estando a perdê-lo.

Qhuinn bateu a parte de trás da cabeça na parede. Maldição.

Phury passou um a m ão pelos cabelos.

– Merda.

Quando Lay la oscilou em seus pés, todos se proj etaram para ela, m as ela em purrou todas as

m ãos e cam inhou sozinha até a cam a. Abaixando o corpo devagar, com o se tudo lhe doesse,

deixou a cabeça pender.

– Minha sorte está lançada e estou preparada para viver com as consequências, quaisquer que

sej am elas. Isso é tudo.

Houve um belo tanto de sobrancelhas se erguendo quando a m ultidão com eçou a se dispersar,

m as ninguém disse um pio. Depois de um instante, o grupo se desfez, em bora Phury continuasse

ali. Assim com o Qhuinn e a m édica.

A porta foi fechada.

– Ok, ainda m ais depois disso tudo, preciso m esm o verificar seus sinais vitais – disse a doutora

Jane, aj udando a fêm ea a se recostar contra os travesseiros e a acom odar as cobertas que

haviam sido afastadas.

Qhuinn não se m oveu enquanto o aparelho de pressão era aj ustado no braço m agro e um a

série de *pufe-pufes* era exalada.

Phury , por sua vez, andou de um lado para o outro, pelo m enos até franzir o cenho e pegar o

celular.

– É por isso que Havers m e telefonou ontem ?

Lay la concordou.

– Fui lá em busca de aj uda.

– Por que não m e procurou? – o Irm ão m urm urou para si m esm o.

– O que Havers disse?

– Não sei por qual m otivo não verifiquei a caixa de m ensagens. Pensei que não tivesse m otivo

para fazer isso.

– Ele deixou claro que só lidaria com você.

Ante isso, Phury olhou para Qhuinn, com aquele olhar am arelo se estreitando.

– Vai se vincular a ela?

– Não.

A expressão de Phury voltou a ser gélida.

– Que tipo de m acho é você para…

– Ele não m e am a – Lay la interrom peu. – Tam pouco eu o am o.

Quando a cabeça do Prim ale virou de lado, Lay la prosseguiu:

– Queríam os um filho – ela se sentou inclinada para a frente enquanto a m édica auscultava o

coração por trás. – Nós com eçam os e term inam os ali.

Dessa vez o Irm ão praguej ou.

– Não entendo.

– Nós dois som os órfãos de m uitas m aneiras – disse a Escolhida. – Nós estam

os…

estávam os… querendo form ar a nossa própria fam ília.

Phury expirou fundo e cam inhou até a m esa num canto, sentando-se sobre a cadeira frágil.

– Ah, bem . Acho que isso m uda um pouco as coisas. Eu pensei que…

– Nada im porta – interveio Lay la. – As coisas são com o são. Ou… eram , com o parece ser o

caso.

Qhuinn se viu esfregando os olhos sem nenhum m otivo em especial. Não que eles estivessem

em baçados nem nada assim . Não. Nem um pouco.

Tudo aquilo era só… tão triste. Toda aquela porcaria. Desde o estado de Lay la, até a exaustão

im potente de Phury , chegando a sua dor im ensa no m eio do peito, tudo era um a m aldita coisa

verdadeiram ente triste.

CAPÍTULO 31

– É exatam ente o que eu estava procurando.

Enquanto Trez falava, cam inhava ao redor do espaço am plo e vazio do arm azém , com as

botas produzindo im pactos altos que ecoavam . Atrás dele, sentia facilm ente o alívio da corretora

parada ao lado da porta.

Negociar com hum anos? Era o m esm o que tirar o pirulito de um a criancinha.

– Você poderia transform ar este lado da cidade – disse a m ulher. – É um a verdadeira

oportunidade.

– Verdade – não que o tipo de restaurante e loj as que o seguiriam até ali fossem de classe:

seriam algo m ais com o loj as de piercings e tatuagens, restaurantes baratos, cinem as

pornográficos.

Mas ele não tinha nenhum problem a com isso. Até m esm o cafetões podiam se orgulhar de

seus trabalhos e, francam ente, ele tinha certa tendência a acreditar m uuuito m ais em tatuadores

do que em m uitos dos assim cham ados “cidadãos exem plares”.

Trez girou sobre os calcanhares. O espaço era trem endo, quase tão alto quanto largo, com

fileiras e fileiras de j anelas quadradas, m uitas delas com os vidros quebrados recobertos por

tábuas de m adeira. O teto parecia bom – ou quase isso, o revestim ento de latão corrugado

m antendo a neve do lado de fora, m as não o frio. O chão era de concreto, m as obviam ente havia

um piso subterrâneo – em diversos pontos viam -se alçapões, em bora nenhum deles pudesse ser

aberto com facilidade. A parte elétrica parecia boa; sistem a de aquecim ento, ventilação e ar-

condicionado inexistentes; a hidráulica, um a piada.

Em sua m ente, contudo, ele não enxergava o lugar com o ele estava. Nada disso. Ele o via

transform ado, com o um a boate nas proporções da Lim elight. Naturalm ente, o proj eto

necessitaria de um a im ensa inj eção de capital e vários m eses para concluir os trabalhos; no fim ,

porém , Caldwell acabaria com um novo lugar quente – e ele teria m ais um a fonte de renda.

Todos ganhavam .

– Então, gostaria de fazer um a oferta?

Trez olhou para a m ulher. Ela era a senhora Profissional em seu casaco preto e terninho

escuro abaixo dos j oelhos – noventa por cento de sua pele estava coberta, e não só por estarem

em dezem bro. Contudo, m esm o abotoada até em cim a e cabelo com portado, ela era bela no

m odo com o todas as m ulheres lhe eram belas: tinha seios e pele m acia, e um lugar para ele

brincar no m eio das pernas.

E ela gostava dele.

Ele sabia disso pelo m odo com o ela abaixava o olhar, e tam bém por ela aparentem ente não

saber o que fazer com as m ãos: um a hora estavam nos bolsos do casaco; na outra, m exendo no

cabelo, depois aj eitando a cam isa de seda dentro da saia…

Ele conseguia pensar em alguns m odos para m antê-la ocupada.

Trez sorriu ao se aproxim ar dela e não parou até invadir-lhe o espaço pessoal.

– Sim . Eu quero.

O duplo sentido foi captado, as faces dela enrubesceram não de frio, m as de excitação.

– Ah. Que bom .

– Onde quer fazer? – ele perguntou de m odo arrastado.

– A oferta? – ela pigarreou. – Tudo o que tem que fazer é m e dizer o que você… quer e eu…

faço isso acontecer.

Ah, ela não era ligada em sexo casual. Que m eigo.

– Aqui.

– Com o disse? – perguntou ela, finalm ente levantando o olhar.

Ele sorriu devagar e de m odo contido para não revelar as presas.

– A oferta. Vam os fazer isso aqui?

Os olhos dela se arregalaram .

– Aqui?

– É. Aqui – ele se aproxim ou com m ais um passo, m as não ficou perto o suficiente a ponto de

se tocarem . Ele estava satisfeito em seduzi-la, m as ela teria de estar cem por cento segura de

estar a fim . – Está pronta?

– Para… fazer… a oferta.

– Isso.

– Está… hum , está frio aqui – disse ela. – Que tal no escritório? É lá que a m aioria… das

ofertas… é conduzida.

Do nada, a im agem do irm ão sentado no sofá em casa, olhando para ele com o se ele fosse um

m aldito problem a, atingiu-o em cheio, e quando isso aconteceu, percebeu que fazia sexo com

praticam ente toda m ulher que conhecia desde… caram ba, quanto tem po?

Bem , obviam ente, se não tinham idade para copular, ele não estaria com elas.

Ou se eram férteis.

O que cortava, digam os, um a dúzia ou duas? Maravilha. Que herói.

Que porra ele estava fazendo? Não queria voltar ao escritório da m ulher, prim eiro porque não

havia tem po suficiente, supondo que quisesse estar na abertura do Iron Mask. Portanto, a única

opção era ali m esm o, de pé, com a saia suspensa até a cintura, as pernas ao redor dos seus

quadris. Rápido, direto ao ponto; depois cada um seguindo o seu cam inho.

Depois de ele dizer o quanto pretendia gastar na com pra do arm azém , claro.

Mas e aí? Ele não tinha a intenção de transar com ela no fecham ento do contrato. Ele

raram ente repetia, e só se estivesse seriam ente atraído ou com m uito tesão, o que não acontecia

nesse caso.

Pelo am or de Deus, o que exatam ente ele tiraria daquilo? Sequer a veria nua.

Nem teria m uito

contato de pele com pele.

A não ser… era essa a questão.

Quando foi a últim a vez em que esteve de fato com um a fêm ea? Do j eito certo? Com o num

j antar fino, um pouco de m úsica, uns am assos que conduziam até o quarto… depois um m onte de

ações longas e dem oradas que levavam a alguns orgasm os…

E nenhum a sensação de pânico asfixiante quando tudo chegava ao fim .

– Você estava para dizer algum a coisa? – a m ulher o instigou a falar.

iAm estava certo. Ele não precisava estar fazendo aquele tipo de m erda. Inferno, nem m esm o

estava atraído pela corretora. Ela estava parada diante dele, disponível, e aquela aliança no dedo

era indício de que ela não causaria m uitos problem as depois que term inassem , porque tinha algo a perder.

Trez recuou um passo.

– Escute, eu… – quando o celular tocou em seu bolso, ele pensou que tinha sido em boa hora.

Viu quem era: iAm . – Com licença, preciso atender esta ligação. Ei, o que está fazendo,

irm ãozinho?

A resposta de iAm saiu suave, com o se tivesse abaixado a voz:

– Tem os com panhia.

O corpo de Trez ficou tenso.

– De que tipo e onde?

– Estou em casa.

Ah, m erda.

– Quem é?

– Não é a sua noiva, relaxe. É AnsLai.

O sum o sacerdote. Fantástico.

– Bem , estou ocupado.

– Ele não veio aqui para m e ver.

– Então é m elhor ele voltar de onde veio porque estou ocupado – quando não houve resposta do

outro lado, tudo o que restava fazer era se chutar no traseiro. – Escute aqui, o que quer que eu

faça?

– Pare de fugir e cuide disto.

– Não há do que cuidar. Falo com você m ais tarde, ok?

Esperou por um a resposta. Em vez disso, a linha ficou m uda. Pensando bem , quando você

espera que seu irm ão lim pe suas bostas, o cara não deve ficar com m uita vontade de se despedir

longam ente.

Trez desligou e olhou para a corretora. Com um sorriso am plo, ele se aproxim ou e baixou a

cabeça para fitá-la. O batom era coral dem ais para a tez dela, m as ele não se im portava.

Aquela coisa não continuaria na boca dela por m uito tem po.

– Deixe-m e m ostrar com o posso aquecer isto aqui – disse com um sorriso langoroso.

De volta à m ansão da Irm andade, no quarto de Lay la, um tipo de cessar-fogo fora alcançado

pelas partes interessadas.

Phury não estava tentando transform ar Qhuinn num gancho de parede. Lay la estava sendo

avaliada. A porta fora fechada e, com isso, nada do que acontecia ali teria m ais do que um

quarteto de testem unhas oculares.

Qhuinn só estava esperando que a doutora Jane se pronunciasse.

Quando ela, por fim , tirou o estetoscópio do pescoço, apenas se acom odou. E a expressão em

seu rosto não lhe deu esperança algum a.

Ele não entendia. Vira sua filha às portas do Fade: quando fora surrado e largado com o m orto

no acostam ento pela Guarda de Honra, subira para só Deus sabe onde, aproxim ara-se de um

portal branco… e lá vira um a fêm ea j ovem cuj os olhos com eçaram com um a cor, e acabaram

azul e verde com o os seus.

Se ele não tivesse testem unhado aquilo, provavelm ente não teria se deitado com Lay la para

início de conversa. Mas ele teve tanta certeza de que o destino estava traçado que nunca lhe ocorrera que…

Merda, talvez aquela j ovem fosse o resultado de outra com unhão… com outra pessoa no

futuro.

Com o se algum dia ele fosse se unir a outra pessoa… Jam ais.

Não era possível. Não agora que esteve com Blay um a vez.

Nada disso.

Mesm o que ele e seu ex-am igo nunca m ais se encontrassem debaixo dos lençóis, ele nunca

m ais ficaria com ninguém . Quem poderia se com parar? E o celibato era m elhor do que a

segunda m elhor opção, que é o que seria oferecido pelo resto do planeta.

A doutora Jane pigarreou e segurou a m ão de Lay la.

– A sua pressão sanguínea está um pouco baixa. A sua pulsação está um pouco lenta. Acredito

que essas duas coisas possam ser m elhoradas com alim entação…

Qhuinn praticam ente pulou para perto da cam a com o pulso estendido.

– Estou aqui… Pronto. Pode pegar.

A doutora Jane pousou um a m ão no braço dele e lhe sorriu.

– Mas não é com isso que estou preocupada.

Ele congelou e, pelo canto do olho, viu que o m esm o aconteceu com Phury .

– Eis a questão – a doutora voltou a olhar para Lay la, falando com suavidade e clareza. – Não

sei m uito sobre gestações vam píricas, portanto, por m ais que eu deteste dizer isso, você precisa

voltar à clínica de Havers – ela levantou a m ão, com o se j á esperasse discussões de todos os

lados. – Isto se trata dela e do filho dela, tem os que levá-los para alguém que possa tratá-la

adequadam ente, m esm o se, em outras circunstâncias, nenhum de nós batesse à porta do cara. E,

Phury – ela encarou o Irm ão –, você tem que ir com ela e com Qhuinn. A sua presença lá só

facilitará as coisas para todos.

Muitos lábios apertados depois disso.

– Ela tem razão – concordou Qhuinn por fim . E depois se voltou para o Prim ale. – E você tem

que dizer que é o pai. Ela obterá m ais respeito assim . Com igo? Ele pode m uito bem se recusar a

tratá-la… se ela for decaída e tiver transado com um defeituoso? Pode nos m andar dar m eia-

volta.

Phury abriu a boca. Fechou-a.

Não havia m uito m ais a ser dito.

Enquanto Phury pegava o telefone e ligava para a clínica para inform ar que estavam indo

para lá, o tom de voz dele sugeria que estava pronto para incendiar o lugar se Havers e sua

equipe dessem m ancada.

Com isso resolvido, Qhuinn se aproxim ou de Lay la.

Num tom baixo, disse:

– Desta vez vai ser diferente. Ele vai fazer isso acontecer. Não se preocupe, você será tratada

com o um a rainha.

Os olhos de Lay la se arregalaram , m as ela se controlou.

– Sim . Tudo bem .

Resultado? O Irm ão não era o único prestes a acabar com tudo. Se Havers provocasse

qualquer tipo de desgosto à la *glymera* em Lay la, Qhuinn acabaria com o ego do cara a tapa.

Lay la não m erecia esse tipo de tratam ento – nem m esm o por escolher um rej eitado com o ele para se acasalar.

Cacete. Talvez fosse m elhor ela abortar. Ele queria m esm o condenar um a criança ao seu

DNA?

– Você tam bém vem ? – ela lhe perguntou, com o se não estivesse acom panhando.

– Sim . Vou estar lá.

Quando Phury desligou, olhou de um para outro, os olhos am arelos se estreitando.

– Ok, eles vão nos receber no segundo em que chegarm os. Vou fazer Fritz ligar a Mercedes,

m as eu dirij o.

– Desculpe – disse Lay la ao encarar o grande m acho. – Sei que decepcionei as

Escolhidas e

você, m as foi você quem nos disse para vir para este lado e… viver.

Phury apoiou as m ãos nos quadris e exalou fundo. Ao balançar a cabeça, ficou claro que ele

não teria escolhido nada daquilo para ela.

– Sim , eu disse isso. Eu fiz isso.

CAPÍTULO 32

Ah, grande poder desgovernado, pensou Xcor ao olhar para seus soldados, cada um deles

arm ado e pronto para um a noite de luta. Depois de 24 horas de recuperação após a alim entação

grupal, eles estavam loucos para sair e encontrar os inim igos – e ele estava pronto para libertá-los

daquele porão de arm azém .

Só havia um problem a: alguém estava andando no andar de cim a.

Com o dem onstração, passos pesados atravessaram o alçapão de m adeira sobre sua cabeça.

Pela últim a m eia hora, eles acom panharam o progresso dos visitantes inesperados. Um era

pesado, um a form a m asculina. O outro era m ais leve, de um a variedade fem inina. No entanto,

não havia com o perceber seus cheiros; o porão era herm eticam ente fechado.

Muito provavelm ente, eram apenas hum anos de passagem , ainda que ele não pudesse

adivinhar o m otivo para alguém que não fosse sem teto perder tem po num a

estrutura tão

decrépita num a noite fria. Quem quer que fossem , quaisquer as razões que os levaram até ali,

contudo, ele não teria problem as para defender seu território, m esm o sendo aquele.

Mas não fazia m al esperar. Se ele podia evitar m assacrar aqueles hum anos? Isso significava

que ele e seus soldados continuariam a usar aquele espaço sem serem incom odados.

Ninguém disse nada enquanto as passadas continuavam .

Vozes se m isturavam . Grave e aguda. Em seguida, um telefone tocou.

Xcor acom panhou o toque e a conversa que se seguiu, cam inhando em silêncio até o outro

alçapão, lugar em que a pessoa escolheu parar. Im óvel, prestou atenção e captou m etade de um a

conversa nada interessante que não lhe revelou nenhum a das identidades dos envolvidos.

Não m uito depois, o som inconfundível de sexo se fez claro.

Enquanto Zy pher ria baixinho, Xcor encarou o bastardo para calá-lo. Mesm o cada um dos

alçapões estando fechado pelo lado de baixo, ninguém sabia que tipo de problem a aqueles ratos

sem rabo podiam causar em qualquer situação.

Consultou o relógio. Esperou que os gem idos parassem . Gesticulou para que os soldados

ficassem quietos quando eles pararam .

Movendo-se em silêncio, ele seguiu para o alçapão no canto extrem o do arm azém , aquele que

se abria no que deveria ser um escritório de supervisor. Destrancando-o, segurou um a pistola,

desm aterializou-se e inalou.

Não era hum ano.

Bem , um esteve ali, m as o outro… era algo diferente.

Do outro lado, a porta externa foi fechada e trancada.

Em sua form a fantasm agórica, Xcor atravessou o arm azém e apoiou as costas na parede de

tij olos, e olhou para fora de um dos vidros em poeirados.

Um par de faróis se acendeu na frente, no estacionam ento.

Desm aterializando-se do lado de fora da j anela, subiu até o telhado do arm azém do lado oposto

da rua.

Ora, ora, se aquilo não era interessante.

Havia um Som bra ali em baixo, sentando atrás do volante do BMW com a j anela do m otorista abaixada até a m etade e um a fêm ea hum ana se inclinando sobre o SUV.

Era a segunda vez que se deparava com um em Caldwell.

Eles eram perigosos.

Pegando o celular, ligou para o núm ero de Throe após encontrar a foto do m acho na lista de

contatos, e ordenou que os soldados saíssem e lutassem . Ele lidaria sozinho com aquela situação.

Lá em baixo, o Som bra esticou a m ão, puxou a m ulher pela nuca e a beij ou. Depois deu

m archa à ré no carro e saiu sem olhar para trás.

Xcor m udou de posição para acom panhar o m acho, transitando de telhado em telhado,

conform e o Som bra seguia na direção do bairro das boates nas ruas que corriam em paralelo ao

rio…

A princípio, a sensação em seu corpo sugeria um a m udança na direção do vento, os açoites

gélidos atingindo-o por trás, em vez de golpeá-lo no rosto. Mas logo pensou… não, era algo

puram ente interno. As ondas que sentia sob a pele…

Sua Escolhida estava por perto.

Sua Escolhida.

Abandonando im ediatam ente o rastro do Som bra, ele seguiu para perto do rio Hudson. Onde

ela estava…

Num carro. Estava se m ovendo num carro.

Pelo que seus instintos lhe diziam , ela estava se m ovendo em alta velocidade que, ainda assim ,

era rastreável. Portanto, a única explicação era que ela estava na Northway , seguindo de noventa

a cento e vinte quilôm etros por hora.

Recuando na direção da fileira de arm azéns, ele se concentrou no sinal que

estava captando.

Com o fazia m eses desde que se alim entara dela, sentiu pânico ao perceber que a conexão criada

pelo sangue dela em suas veias estava perdendo intensidade, a ponto de ele ter dificuldade para

localizar o veículo.

Mas, em seguida, captou um sedã luxuoso graças ao fato de ele ter freado na saída que

convergia o tráfego para as pontes. Desm aterializando-se nas vigas, plantou as botas de com bate

no pináculo de um dos esteios de m etal e esperou que ela passasse debaixo dele.

Pouco depois de fazê-lo, ela seguiu em frente, indo para o outro lado da cidade, oposta à

m argem do rio.

Ele continuou com ela, m antendo um a distância segura, em bora se perguntasse a quem

tentava enganar. Se ele pressentia sua fêm ea?

O m esm o acontecia com ela.

Porém , ele não abandonaria seu rastro.

Enquanto Qhuinn estava no assento de passageiro do Mercedes, sua Heckler e Koch calibre .45

era m antida discretam ente sobre a coxa, os olhos m ovim entando-se incessantem ente do espelho

retrovisor para a j anela lateral e o para-brisa. Ao lado dele, Phury estava na direção, as m ãos do

Irm ão num perfeito dez para as duas tão apertado que m ais parecia que ele estava estrangulando

alguém .

Caram ba, havia coisas dem ais acontecendo ao m esm o tem po.

Lay la e a criança. Aquele acidente com o Cessna. O que ele fizera ao prim o na noite anterior.

E tam bém … bem , havia aquela situação com Blay .

Ah, bom Deus… a situação com Blay .

Enquanto Phury pegava a saída que os levaria às pontes, a m ente de Qhuinn ia da preocupação

com Lay la às lem branças das im agens, dos sons… e dos sabores das horas diurnas.

Intelectualm ente, ele sabia que o que acontecera entre eles não fora um sonho. E seu corpo se

lem brava m uito bem disso, com o se o sexo tivesse sido um tipo de m arcação a ferro em sua pele

que o m udara para o resto da vida. E, m esm o assim , enquanto tentava lidar com o dram a m ais

recente, a sessão breve dem ais parecia pré-histórica, e não ocorrera há nem 24 horas atrás.

Ele tem ia que se tratasse de um a sessão única.

Nunca mais me toque assim.

Gem endo, ele esfregou a testa.

– Não são os seus olhos – disse Phury .

– O que disse?

Phury olhou de relance para o banco de trás.

– Ei, com o estão as coisas? – perguntou às fêm eas. Quando Lay la e a doutora Jane

responderam num a afirm ativa breve, ele assentiu com a cabeça. – Escutem , vou fechar a

divisória por um segundo, está bem ? Está tudo bem por aqui.

O Irm ão não lhes deu a chance de responder de um ou outro m odo, e Qhuinn se retesou no

banco enquanto a divisória opaca subia, partindo o sedã em duas partes. Não fugiria de nenhum

tipo de confronto, m as isso não significava que ele estava ansioso pelo segundo round, e se Phury

estava isolando as duas, aquilo não seria nada bonito.

– Seus olhos não são o problem a – disse o Irm ão.

– Não entendi.

Phury olhou para ele.

– O fato de eu estar irritado sobre tudo isso não tem nada a ver com nenhum defeito. Lay la

está apaixonada por você…

– Não, não está não.

– Vê, você está m e irritando m uito agora.

– Pergunte a ela.

– Enquanto está sofrendo um aborto? – replicou o Irm ão. – É, é isso m esm o o que vou fazer.

Enquanto Qhuinn se retraía, Phury continuou:

– Sabe, esse é o seu negócio. Você gosta de viver no lim ite e ser desvairado… Eu,

honestam ente, acredito que isso o aj uda a lidar com as idiotices que sua fam ília o fez passar. Se

você destruir tudo? Nada pode afetá-lo. E acredite ou não, não tenho problem a algum com isso.

Você faz o que tem que fazer e sobrevive às noites e aos dias do m elhor m odo que pode. Mas

assim que você parte o coração de um a inocente, ainda m ais se ela está sob a m inha proteção? É

nessa hora que você e eu tem os um problem a.

Qhuinn olhou pela j anela. Antes de tudo, parabéns ao cara ali do lado. A ideia de que havia um

preconceito contra Qhuinn baseado em seu caráter em vez de um a m utação genética sobre a

qual não tivera nenhum poder decisório era um a m udança refrescante. E, ei, não que ele não

concordasse com o cara, pelo m enos até um ano atrás. Antes disso? Inferno, ele esteve

descontrolado em m uitos níveis. Mas as coisas m udaram . Ele m udara.

Evidentem ente, Blay se tornar indisponível fora o tipo de chute no saco de que ele precisava

para finalm ente crescer.

– Não sou m ais assim – disse ele.

– Então, está preparado para se vincular a ela? – quando ele não respondeu,

Phury deu de

om bros. – E lá vai você de novo. Conclusão: sou responsável por ela, legal e m oralm ente. Posso

não estar agindo com o um Prim ale em alguns aspectos, m as o restante das funções desse cargo

eu levo m uito a sério. A ideia de que você a m eteu nessa confusão m e deixa enj oado, e eu acho

m uito difícil de acreditar que ela não tenha feito isso para agradá-lo… Você disse que os dois

queriam um filho? Tem certeza de que não era só você, e ela só fez isso para deixá-lo feliz? Isso

se parece m uito com o feitio dela.

Tudo aquilo foi apresentado de m aneira retórica. E não cabia a Qhuinn criticar a lógica,

m esm o que ela estivesse errada. Mas, enquanto ele passava os dedos pelos cabelos, o fato de que

fora Lay la a procurá-lo era algo que ele m anteria só para si. Se Phury queria pensar que a culpa

era só sua, tudo bem , ele aguentaria o tranco. Qualquer coisa para tirar a pressão e as atenções

de cim a de Lay la.

Phury olhou por entre os bancos.

– Isso não está certo, Qhuinn. Não é isso o que m achos de verdade fazem . E olhe só a situação

em que ela está. Você causou isso a ela. Você a colocou no banco de trás deste carro, e isso é

errado.

Qhuinn apertou os olhos. Bem , com o se isso não fosse m artelá-lo na cabeça pelos próxim os

cem anos. Mais ou m enos.

Enquanto eles seguiam pela ponte e deixavam as luzes piscantes do centro da cidade para trás,

ele m anteve a boca fechada, e Phury tam bém se calou.

Mas, pensando bem , o Irm ão j á dissera tudo o que havia para ser dito, não?

CAPÍTULO 33

Assail acabou perseguindo sua presa atrás do volante do seu Range Rover. Muito m ais

confortável assim , e a localização da m ulher j á não era m ais um problem a: enquanto estivera

esperando ao lado do Audi que ela saísse de sua propriedade, colocara um equipam ento de

rastream ento na parte inferior do espelho retrovisor lateral.

Seu iPhone cuidou do resto.

Depois de ela ter deixado abruptam ente seu bairro – após a proposital desm aterialização ante

suas vistas só para desestabilizá-la ainda m ais –, ela atravessou o rio e deu a volta para a parte de

trás da cidade, onde as casas eram pequenas, próxim as um as das outras e delim itadas por cercas

de alum ínio.

Enquanto a perseguia, m antendo pelo m enos dois quarteirões de distância entre

os veículos,

observou as luzinhas coloridas no bairro, m ilhares de fios de pisca-pisca entre os arbustos,

pendurados nos telhados e em oldurando j anelas e portas. Mas aquilo não era nem m etade da

história. Cenários de m anj edouras colocados em destaque em dim inutos j ardins eram

ilum inados, e tam bém havia os bonecos de neve falsos com cachecóis verm elhos e calças azuis

que brilhavam por dentro.

Em contraste com a decoração sazonal, ele estava disposto a apostar que as estátuas da

Virgem Maria eram perm anentes.

Quando o carro parou e estacionou, ele se aproxim ou, parando quatro casas adiante e

desligando as luzes. Ela não saiu im ediatam ente do carro, e quando o fez, não vestia a parca e as

calças de esqui nas quais o espionara. Em vez disso, m udara para um suéter verm elho e um par

de j eans.

E soltara o cabelo.

O volum e escuro e pesado ultrapassava os om bros, curvando-se nas pontas.

Ele grunhiu na escuridão.

Com passadas rápidas e certeiras, ela ultrapassou os quatro degraus de concreto que levavam à

entrada m odesta da casa. Abrindo a porta de tela num a m oldura de m etal, ela a segurou com o

quadril enquanto destrancava a porta com a chave, para depois entrar e trancar pelo lado de

dentro.

Quando as luzes se acenderam no andar de baixo, ele observou a silhueta dela avançar pelo

côm odo da frente, as cortinas finas lhe possibilitando apenas um a ideia da m ovim entação dela, e

não um a visão desobstruída.

Ele pensou em suas próprias persianas. Dem orou um tem po para que aperfeiçoasse aquela

invenção, e a casa às m argens do rio Hudson fora um teste perfeito. As barreiras funcionavam

m elhor do que ele antecipara.

Ela, porém , era esperta o bastante para notar algum a anorm alidade, e ele se perguntou o que

as teriam denunciado.

No segundo andar, um a luz se acendeu, com o se alguém que estivesse descansando tivesse

despertado com a chegada dela.

As presas dele pulsaram . A ideia de que algum hom em hum ano estivesse à espera dela em

seu quarto conj ugal fez com que ele quisesse estabelecer sua dom inância, m esm o que isso não

fizesse sentido. Ele a seguira para o seu próprio bem , e nada m ais.

Absolutam ente nada m ais.

Bem quando a m ão segurou a m açaneta da porta, seu telefone tocou. Na hora certa.

Quando ele viu quem era, franziu o cenho e levou o celular ao ouvido.

– Duas ligações em tão pouco tem po. A que devo essa honra?

Rehvenge não pareceu estar se divertindo.

– Não retornou a m inha ligação.

– Eu deveria?

– Cuidado, garoto.

Os olhos de Assail continuaram atentos à casinha. Ele estava curiosam ente desesperado para

saber quem estava lá dentro. Estaria ela subindo, despindo-se pelo cam inho?

Exatam ente de quem ela escondia suas espreitas? E ela de fato as escondia – senão, por que

outro m otivo trocar de roupa?

– Alô?

– Aprecio o gentil convite – ele se ouviu dizer.

– Não foi um convite. Você é um m aldito m em bro do Conselho agora que está vivendo no

Novo Mundo.

– Não.

– Com o é que é?

Assail relem brou o encontro na casa de Elan no com eço do inverno, aquele

sobre o qual

Rehvenge nada sabia, aquele no qual o Bando de Bastardos apareceu para forçar a barra.

Tam bém pensou no atentado a Wrath, à vida do Rei Cego… na *sua* própria propriedade, pelo

am or de Deus.

Dram a dem ais para o seu gosto.

Com calm a ensaiada, ele se lançou no m esm o discurso que fizera à facção de Xcor:

– Sou um hom em de negócios por predileção e propósito. Em bora respeite tanto o reinado

atual quanto o poder de base do Conselho, não posso desviar nem energia nem tem po das m inhas

em preitadas vigentes. Nem agora, nem no futuro.

Houve um m om ento prolongado de silêncio. E depois aquela voz profunda e m aligna se fez

ouvir do outro lado:

– Ouvi falar dos seus negócios.

– Verdade?

– Eu m esm o estive envolvido com isso há alguns anos.

– Foi o que eu soube.

– Consegui fazer as duas coisas.

Assail sorriu na escuridão.

– Talvez eu não sej a tão talentoso quanto você.

– Vou deixar isto perfeitam ente claro. Se você não aparecer nessa reunião, deduzirei que você

está j ogando no tim e errado.

– Com essa declaração, você reconhece que existem dois e que eles se opõem .

– Entenda com o quiser. Mas se não estiver com igo e com o Rei, você é inim igo m eu e dele.

E foi exatam ente isso o que Xcor lhe dissera. Pensando bem , havia algum a outra posição

naquela guerra crescente?

– O Rei foi alvej ado na sua casa, Assail.

– Pelo que m e lem bro – disse ele secam ente.

– Pensei que você talvez quisesse dizim ar qualquer ideia quanto ao seu envolvim ento.

– Já o fiz. Naquela m esm a noite disse aos Irm ãos que eu não tinha nada a ver com aquilo. Eu

lhes dei o veículo com que escaparam com o Rei. Por que eu faria tal coisa se fosse um traidor?

– Para livrar seu rabo.

– Sou m uito eficiente nisso sem o benefício de conversações, eu lhe garanto.

– Então, com o anda a sua agenda?

A luz no segundo andar se apagou, e ele teve que im aginar o que a m ulher fazia no escuro… E

com quem .

Por vontade própria, suas presas se expuseram .

– Assail. Você está seriam ente m e aborrecendo com essa m erda de com portam ento.

Assail ligou o m otor do Range Rover. Não estava disposto a ficar esperando no m eio-fio

enquanto o que quer que estivesse acontecendo ali dentro… acontecia. Obviam ente, ela se

recolhera e ficaria ali. Além disso, seu telefone o alertaria caso o carro dela voltasse a se

m ovim entar.

Enquanto ele tom ava a rua e acelerava, falou com clareza:

– Neste instante, estou m e dem itindo da m inha posição no Conselho. A m inha neutralidade

nessa disputa pela coroa não será questionada por nenhum dos lados…

– E você sabe quem são os j ogadores, não?

– Deixarei isto o m ais claro possível: não tom o partido, Rehvenge. Não sei de que outro m odo

deixar isso ainda m ais claro… e não serei arrastado para essa guerra por você, nem pelo Rei

nem por ninguém m ais. Não tente m e forçar, e saiba que a neutralidade que lhe apresento agora

é a m esm a que apresentei a eles.

Desse m esm o m odo, prom etera a Elan e a Xcor não revelar suas identidades, e m anteria sua

palavra – não por acreditar que o grupo seria capaz de retribuir o favor, m as pelo sim ples fato de

que, dependendo de quem vencesse, um confidente de qualquer lado seria visto

com o espião a

ser erradicado ou um herói a ser aclam ado. O problem a era que não se saberia que lado

venceria até aquilo acabar, e ele não estava interessado em apostas.

– Então você foi abordado – declarou Rehv.

– Recebi um a cópia da carta que eles enviaram na prim avera passada.

– E esse foi o único contato que teve?

– Sim .

– Está m entindo para m im .

Assail parou num farol.

– Não há nada que possa dizer ou fazer para m e arrastar para isso, caro *lídher*.

Com am eaças em excesso, o m acho do outro lado rosnou.

– Não conte com isso, Assail.

Dito isso, Rehvenge desligou.

Praguej ando, Assail j ogou o telefone no banco do passageiro. Depois, cerrou os dois punhos e

os bateu com força no volante.

Se existia um a coisa que ele não tolerava era ser sugado para o olho do furacão das brigas dos outros. Pouco se im portava com quem sentava no trono, ou com quem era encarregado da

glymera. Ele só queria ser deixado em paz para ganhar dinheiro à custa dos ratos sem rabo.

Isso era tão difícil de entender?

Quando a luz ficou verde, ele afundou o pé no acelerador, m esm o sem ter nenhum destino

específico em m ente. Apenas dirigiu a esm o… e cerca de quinze m inutos m ais tarde descobriu-

se sobre o rio em um a das pontes.

Ah, então seu Range Rover decidira levá-lo de volta para casa.

Ao em ergir na m argem oposta, seu telefone em itiu um alerta, que ele quase ignorou. Mas os

gêm eos tinham saído para cuidar do últim o carregam ento de Benloise, e ele queria saber se os

interm ediários tinham aparecido com suas cotas no fim das contas.

Não era um a cham ada, ou um a m ensagem de texto.

Era o Audi preto se m ovendo m ais um a vez.

Assail pisou no freio, cortou na frente de um carro que buzinou com o se o xingasse, subiu e

atravessou o canteiro central coberto de neve.

E praticam ente voou pela ponte que o levava de volta.

Em sua posição vantaj osa em um a relativa periferia distante, Xcor precisava de binóculos

para ver adequadam ente a sua Escolhida.

O carro em que ela vinha andando, o enorm e sedã preto, continuara em frente depois da

ponte, seguindo por oito ou nove quilôm etros antes de sair por um a estradinha rural que levava

para o norte. Depois de m ais alguns quilôm etros, e sem nenhum aviso, virou

num a estrada de

terra que era estrangulada nas duas laterais por plantações perenes. Por fim , parou ante um a

construção baixa de concreto que não dava indícios de ter nem j anelas nem um a porta.

Ele aj ustou o foco quando dois m achos saíram pela frente. Reconheceu um instantaneam ente,

o cabelo o denunciava: Phury , filho de Ahgony , que, de acordo com a boataria, tornara-se o

Prim ale das Escolhidas.

O coração de Xcor com eçou a bater forte.

Especialm ente quando reconheceu a segunda figura: era o lutador de olhos descom binados

contra quem pelej ara na casa de Assail quando o Rei fora levado em bora às pressas.

Os dois m achos sacaram as pistolas e perscrutaram as im ediações.

Com o Xcor estava a favor do vento e parecia não haver ninguém m ais por perto, ele deduziu

que havia um a grande probabilidade, a não ser que sua Escolhida revelasse a posição dele, que

aquele par procedesse com o que quer que tivesse planej ado para a fêm ea.

De fato, era com o se ela estivesse sendo levada para um a prisão.

Só. Por. Cim a. Do. Seu. Cadáver.

Ela era um inocente naquela guerra, utilizada com propósitos nefastos sem que isso tivesse sido

culpa sua; m as, obviam ente, ela seria executada ou trancafiada num a cela na qual passaria o

resto de sua vida na Terra.

Ou não.

Ele segurou as pistolas.

Aquela era um a boa noite para cuidar daquele assunto. De fato, era a sua chance de tê-la para

si, de salvá-la de qualquer punição que lhe im pingiram por ter, sem saber, aj udado e revigorado

o inim igo. E talvez as circunstâncias quanto à sua condenação inj usta a deixassem

favoravelm ente disposta em relação ao seu inim igo e salvador.

Ele fechou os olhos brevem ente ao im aginá-la em sua cam a.

Quando Xcor voltou a abri-los, Phury abria a porta traseira do sedã e colocava a m ão para

dentro. Quando o Irm ão se endireitou, a Escolhida era retirada do veículo… e levada pelos dois

cotovelos, os lutadores segurando-a de cada lado enquanto a conduziam para a construção.

Xcor se preparou para se aproxim ar. Depois de tanto tem po, um a vida inteira, m ais um a vez

ele a tinha próxim a de si e não desperdiçaria a oportunidade que o destino lhe propiciava, não

agora, não quando a vida dela tão obviam ente pendia na balança. E ele levaria a m elhor naquilo;

a am eaça a ela fortalecia seu corpo a um nível inim aginável de poder, a m ente

se aguçava a

ponto de avaliar todas as possibilidades de ataque e continuar absolutam ente calm o.

De fato, havia apenas dois m achos a guardá-la e, com eles, um a fêm ea que não só parecia

não estar arm ada, com o tam bém não avaliava seus arredores com o se fosse treinada para tal ou

inclinada para o conflito.

Ele estava m ais do que preparado para acabar com os captores de sua fêm ea.

Bem quando ele se preparava para avançar, o cheiro da Escolhida o atingiu na brisa fria,

aquele perfum e tentador exclusivo fazendo-o oscilar dentro de suas botas de com bate…

Im ediatam ente, ele reconheceu um a m udança nele.

Sangue.

Ela estava sangrando. E havia m ais algum a coisa…

Sem pensam ento consciente, seu corpo se m oveu para m ais perto, sua form a restabelecendo o

peso corpóreo, suspendendo-se a m eros três m etros, atrás de um a construção destacada do

prédio principal.

Ele percebeu que ela não era um a prisioneira sendo levada para um a cela ou para a execução.

A sua Escolhida tinha dificuldade para andar. E aqueles guerreiros a am paravam com

cuidado; m esm o com as arm as expostas e os olhos vasculhando qualquer sinal de ataque, eles

eram gentis com ela com o seriam com a m ais frágil das flores em botão.

Ela não estava sendo m altratada. Não tinha hem atom as nem ferim entos. Enquanto o trio

avançava, ela olhou para um m acho, depois para o outro, e disse algo com o que tentando

assegurá-los, pois, na verdade, não era raiva que contraía as sobrancelhas daqueles guerreiros.

Era, na realidade, o m esm o terror que ele sentiu quando farej ou o sangue dela.

O coração de Xcor bateu ainda m ais forte em seu peito, a m ente tentando com preender tudo

aquilo.

E então, ele se lem brou de algo do seu passado.

Depois do seu nascim ento, sua *mahmen* o repelira e ele fora deixado no orfanato no Antigo

País para o que quer que o destino lhe reservasse. Ali, perm anecera entre os raros indesej ados,

cuj a m aioria possuía deform idades físicas com o a sua, por quase um a década… tem po

suficiente para forj ar lem branças perm anentes sobre aquilo que transpirava no lugar triste e

solitário.

Tem po suficiente para ele entender o que significava quando um a fêm ea sozinha aparecia nos

portões, era-lhe concedida a entrada, e depois berrava por horas, às vezes dias…

antes de dar à

luz, na m aioria dos casos, a crianças m ortas. Ou abortadas.

O cheiro do sangue naquela época era bem específico. E o cheiro levado pelo vento frio desta

noite era o m esm o.

Um a gestação era o que invadia seu nariz agora.

Pela prim eira vez em sua vida, ele se ouviu dizer, em absoluta agonia:

– Santa Virgem do Fade…

CAPÍTULO 34

A ideia de que os m em bros do s'Hisbe estivessem no código postal de Caldwell fez com que

Trez pensasse em fazer as m alas com tudo o que possuía, buscar o irm ão e sair em férias

perm anentes dali.

Enquanto dirigia do arm azém para o Iron Mask, a cabeça estava tão confusa que ele tinha de

pensar conscientem ente em quais esquinas virar, e frear nas placas de pare, e onde deveria

estacionar quando chegasse à boate. E depois, quando desligou o m otor do X5, apenas continuou

sentado atrás do volante, encarando a parede de tij olos do seu prédio por… sei lá, um ano.

Um a trem enda m etáfora, todo o "ir a nenhum lugar" bem na sua frente.

Não que não soubesse o quanto decepcionava as pessoas. A questão? Pouco se im portava. *Não*

voltaria para os costum es antigos. A vida que agora levava era sua, e ele se recusava a perm itir

que um a prom essa feita na época do seu nascim ento o encarcerasse na vida adulta.

Aquilo não aconteceria.

Desde que Rehvenge realizara a boa ação do século e salvara tanto o seu traseiro quanto o do

seu irm ão, as coisas m udaram para Trez. Ele e iAm receberam ordens para se aliarem aos

sympatho do lado de fora do Território a fim de saldarem a dívida, e esse “pagam ento forçado”

fora o bilhete deles para a liberdade, a saída que eles vinham procurando. E ainda que ele

lam entasse arrastar iAm para aquele dram a, o resultado final foi que seu irm ão teve que vir com

ele, e essa era apenas m ais um a parte da solução perfeita que vivia atualm ente. Abandonar o

s’Hisbe e vir para o m undo exterior fora um a revelação, a prim eira e deliciosa am ostra de

liberdade. Não havia protocolo, nenhum a regra, ninguém bafej ando em seu cangote.

A ironia? Aquilo deveria ter sido um tapinha na bunda por ousar ter saído do Território e se

m isturar com os Desconhecidos. Um castigo com a intenção de fazê-lo andar na linha.

Rá.

E, desde então, nos recessos de sua m ente, ele m eio que desej ava que a extensão dos seus

negócios com os Desconhecidos durante a últim a década o tivesse contam inado perante os olhos

do s'Hisbe, tornando-o inelegível para a "honra" que lhe fora concedida no nascim ento. Ou sej a,

condenando-o a um a liberdade perm anente.

O problem a era que, se enviaram AnsLai, o sum o sacerdote, obviam ente esse obj etivo não

fora alcançado. A m enos que a visita tenha sido para repudiá-lo…

Nesse caso, saberia por m eio de iAm . Não?

Trez verificou o celular. Nenhum a m ensagem . Nem de voz nem de texto. Estava na casinha

do cachorro de novo em relação ao seu irm ão, a m enos que iAm tivesse resolvido m andar tudo à

m erda e voltado para casa, para a tribo.

Maldição…

A batida forte à sua j anela não fez com que ele sim plesm ente levantasse a cabeça. Não. Ele

tam bém sacou a arm a.

Trez franziu a testa. Parado do lado de fora do carro, um m acho hum ano do tam anho de um a

casa. O cara tinha um barrigão de cervej a, m as os om bros fortes sugeriam que ele realizava

trabalho físico regular, e o m axilar rígido e pesado revelava tanto a sua ancestralidade Cro-Magnon quanto o tipo de arrogância m ais com um entre os

anim ais grandes e idiotas.

Com grandes baforadas de touro libertando-se das narinas, ele se inclinou e bateu na j anela.

Naturalm ente, com um punho tão grande quanto um a bola de futebol.

Bem , ficou claro que ele queria um pouco de atenção, e quer saber? Trez estava m ais do que

disposto em lhe dar.

Sem aviso, ele escancarou a porta, pegando o cara em cheio nas bolas. Enquanto o hum ano

cam baleava para trás agarrando a virilha, Trez se ergueu em toda a sua altura e guardou a arm a

no cós da calça, fora de vista, m as fácil de apanhar.

Quando o senhor Agressivo se recuperou o bastante para olhar para cim a, beeeem para cim a,

ele pareceu perder um pouco do seu entusiasm o. Pensando bem , Trez devia ter uns quarenta

centím etros e pesar uns 45 quilos a m ais que o cara. Apesar daquele pneuzão que ele carregava.

– Está procurando por m im ? – perguntou Trez, querendo m esm o dizer: tem certeza de que

quer fazer isso, grandalhão?

– É. ‘Tô.

Ok, então tanto a gram ática quanto a avaliação de risco eram problem as para ele.

Provavelm ente teria dificuldades do m esm o tipo com adições e subtrações com num erais de

único dígito.

– Estou – corrigiu Trez.

– Quê?

– Acredito que sej a “sim , eu estou”, e não “tô”.

– Vai à m erda. Que tal? – o cara se aproxim ou. – E fique longe dela.

– Dela? – isso restringia o problem a para o que… um as m il pessoas?

– Minha m ina. Ela num qué ocê, num precisa ducê, e num vai m ais ficá cucê.

– De quem , exatam ente, estam os falando? Vou precisar de um nom e – e talvez nem isso

aj udasse.

À guisa de resposta, o cara avançou. Provavelm ente teria sido um soco ferrado, m as o avanço

foi lento dem ais e m uito penoso, e a m aldita coisa poderia ter sido acom panhada de um a

legenda.

Trez segurou o punho com um a m ão, espalm ando-a com o se fosse um a bola de basquete. E

depois, com um giro rápido, ficou com o pedaço de bife virado e preso – prova positiva de que

pontos de pressão funcionavam , e que o pulso era um deles.

Trez falou bem no ouvido do hom em , só para que as regras básicas fossem bem recebidas:

– Faça isso de novo e vou quebrar cada osso da sua m ão. De um a vez – enfatizou isso com um

puxão que fez o cara gem er. – E depois, vou subir até o braço. Agora, de que porra você está

falando?

– Ela ‘teve aqui ontem à noite.

– Muitas m ulheres estiveram . Consegue ser m ais específico…?

– Ele ‘tá falando de m im .

Trez ergueu o olhar. Ah… que m agnífico.

A garota que deu um a de doida, a sua perseguidora.

– Eu disse que cuidava disso! – ela gritou.

É, o cara parecia m esm o ter o controle da situação. Então, a que tudo levava a crer, os dois

tinham ilusões… E talvez isso explicasse o relacionam ento deles: ele a considerava um a

superm odelo, e ela acreditava que ele tivesse um cérebro.

– Isto é seu? – Trez perguntou à m ulher. – Porque, ser for, pode levá-lo para casa com você

antes que precise de um balde para lim par a bagunça?

– Eu disse procê não vir aqui – disse a m ulher. – Que que ‘cê ‘tá fazendo aqui?

E m ais um a prova de que esses dois eram um casal perfeito.

– Que tal se eu deixar vocês dois resolverem isso? – sugeriu Trez.

– Eu am o ele!

Por um segundo, a resposta não fez sentido. Mas depois, e deixando o sotaque carregado de

lado, ele entendeu: a tonta estava falando *dele*.

Enquanto Trez encarava incrédulo a m ulher, percebeu que aquela transa em particular tinha

saído pela culatra de m aneira *gigantesca*.

– Não está, não.

Bem , pelo m enos o nam orado agora falara corretam ente.

– Sim , estou!

Foi nessa hora que tudo foi para a puta que o pariu. O touro se lançou sobre a m ulher,

quebrando o próprio pulso no processo de se libertar. Depois os dois ficaram cara a cara,

berrando obscenidades, os corpos se arqueando para a frente.

Ficou claro que eles tinham prática naquilo.

Trez olhou ao redor. Não havia ninguém no estacionam ento, nenhum a alm a viva andando na

calçada, m as ele não precisava de violência dom éstica rolando nos fundos da sua boate.

Inevitavelm ente, alguém acabaria vendo e cham ando a polícia ou, pior, aquela burra acabaria

forçando dem ais a barra do nam orado grande e burro, e acabaria levando a pior.

Se ao m enos ele tivesse um balde de água ou, quem sabe, um a m angueira de j ardim para que

os dois se largassem .

– Escutem aqui, vocês dois têm que…

– Eu te am o! – a m ulher disse, virando-se para Trez e agarrando o bustiê. – Não entendeu

ainda? Eu te am o!

Por conta da cam ada de suor que a cobria, apesar de a tem peratura estar próxim a de zero,

ficou bem claro que ela tinha usado algum a coisa. Coca ou m etanfetam ina seria o seu palpite se

ele tivesse de adivinhar. Êcstasy norm alm ente não era associado a esse tipo de agressão.

Perfeito. Mais essa agora.

Trez balançou a cabeça.

– Querida, você não m e conhece.

– Conheço sim !

– Não, você não…

– Porra, não fala com ela assim !

O cara atacou Trez, m as a fêm ea se colocou na frente, m etendo-se diante de um trem

acelerado.

Cacete, agora era a hora de ele se m eter. Nada de violência contra m ulheres na frente dele.

Nunca – m esm o que fosse dano colateral.

Trez se m oveu com tanta rapidez que quase fez o tem po voltar para trás. Tirou sua “protetora”

da linha de com bate e lançou um soco que pegou o anim al disparado bem no m eio do queixo.

Causou pouca ou nenhum a im pressão. Foi o m esm o que atingir um a vaca com um a pilha de papel.

Trez levou um m urro no olho, um a luz pipocou em m etade da sua vista, m as foi um golpe de

sorte m ais do que algo coordenado. A recom pensa, contudo, foi tudo isso e m uito m ais: com

rápida coordenação, ele descarregou as j untas dos dedos em sucessão veloz, acertando-o no

ventre, transform ando o fígado cheio de cirrose do cara num saco de pancada vivo até o filho da

puta se dobrar ao m eio e pedir arrego.

Trez concluiu o assunto chutando o peso m orto gem edor até ele cair no chão.

Então, ele sacou a pistola e enfiou o cano bem na carótida do cara.

– Você tem um a chance de sair daqui – Trez disse calm o. – E é assim que as coisas vão ser.

Você vai se levantar e não vai nem olhar nem falar com ela. Você vai em bora pela frente da

boate e vai entrar num a porra de um táxi e vai para a porra da sua casa.

Diferentem ente de Trez, o hom em não tinha um sistem a cardíaco m uito bem desenvolvido e

conservado e respirava com o um trem de carga. Apesar disso e do j eito com o os olhos inj etados

e m arej ados o olhavam , ele conseguira focar a visão independentem ente da hipoxia, e captara a

m ensagem .

– Se a agredir de qualquer m odo que sej a, se ela quebrar sequer um a unha por

sua causa, se

algum a propriedade dela for danificada de algum m odo? – Trez se inclinou, aproxim ando-se. –

Vou abordá-lo por trás. Você nem saberá que estive ali, e não vai sobreviver ao que eu lhe farei.

Isso eu *prometo*.

Sim , Som bras tinham m aneiras de se livrar dos inim igos e, ainda que ele preferisse carne com

pouca gordura, com o frango e peixe, não se im portava em abrir exceções.

O problem a era que tanto em sua vida pessoal quanto na profissional ele vira com o a violência

dom éstica se intensificava. Em m uitos casos, algo grande tinha que intervir a fim de rom per o

ciclo. Vej a só? Ele se encaixava nisso.

– Acene com a cabeça se você entendeu m eus term os – quando o aceno veio, ele bateu a

arm a com força contra a nuca gorda. – Agora, olhe em m eus olhos e saiba que estou falando a

verdade.

Enquanto Trez o encarava, ele inseriu um pensam ento direto no córtex cerebral, im plantando-

o com o se fosse um chip instalado entre os lóbulos. O seu disparo seria qualquer tipo de ideia

brilhante que tivesse a respeito da m ulher; seu efeito seria a absoluta convicção de que a sua

própria m orte seria inevitável e rápida, caso ele desse seguim ento à ideia.

O m elhor tipo de terapia cognitiva que existia.

Taxa de sucesso de cem por cento.

Trez deu um pulo e concedeu um a chance de se com portar com o um bom garoto ao

gorducho. E, claro, o filho da puta se ergueu do chão, sacudiu-se com o um cão com as pernas

plantadas afastadas e a cam isa larga solta.

Quando ele saiu, foi m ancando.

E foi nesse instante que as fungadas foram percebidas.

Trez se virou. A m ulher trem ia no frio, as roupas indiscretas não ofereciam nenhum a barreira

para a noite de dezem bro, a pele pálida, a exaltação desaparecida… com o se o fato de ele

colocar o cano da sua .40 na garganta do seu nam oradinho tivesse algum a influência.

O rím el escorria pelo rosto enquanto ela testem unhava a partida do seu "Príncipe Encantado".

Trez olhou para o céu e com eçou seu diálogo interno.

No fim , ele não teria com o deixá-la ali sozinha no estacionam ento, ainda m ais toda trêm ula

com o estava.

– Onde você m ora, querida? – até ele percebia a exaustão em sua voz. – Querida?

A m ulher olhou para o lado dele e im ediatam ente a sua expressão m udou.

– Nunca ninguém m e defendeu assim antes.

Ok, agora ele pensava em afundar a cabeça na parede de tij olos. E, olha só, havia um a logo ali

do lado.

– Deixe-m e levá-la para casa. Onde você m ora?

Enquanto ela se aproxim ava, Trez teve que ordenar aos pés que continuassem exatam ente

onde estavam – pois, claro, ela se enterrou em seu corpo.

– Eu te am o.

Trez cerrou bem os olhos.

– Vam os – disse, desprendendo-se dela e levando-a até o carro. – Você vai ficar bem .

CAPÍTULO 35

Enquanto Lay la era levada até a clínica, seu coração batia forte e as pernas trem iam .

Felizm ente, Phury e Qhuinn não m ostravam problem a algum em sustentá-la.

Contudo, graças à presença do Prim ale, sua experiência foi com pletam ente diferente dessa

vez. Quando o painel de entrada do edifício deslizou para o lado, um a das enferm eiras estava lá

para recebê-los, e eles foram levados im ediatam ente para um a parte diferente da clínica

daquela em que ela esteve na noite anterior.

Enquanto eram levados para a sala de exam es, Lay la olhou de relance ao redor e hesitou. O

que… era aquilo? As paredes eram recobertas por um rosa claro, e as pinturas

em m olduras

douradas estavam penduradas a intervalos regulares. Nenhum a m esa de exam es, tal com o

aquela em que ela se deitou na noite anterior. Ali, havia um a cam a forrada por um a m anta

elegante, recoberta com pilhas de travesseiros fofos. E, além disso, em vez da pia de aço

inoxidável e gabinetes brancos sem graça, um a tela pintada escondia um canto inteiro do quarto

atrás da qual, ela deduziu, os instrum entos clínicos de Havers eram m antidos.

A m enos que o grupo tenha sido conduzido para os aposentos particulares do m édico.

– Ele logo virá vê-la – disse a enferm eira, sorrindo para Phury e se curvando. – Posso lhes

trazer algo? Café, chá?

– Apenas o m édico – o Prim ale respondeu.

– Im ediatam ente, Vossa Excelência.

Ela se curvou novam ente e se apressou para fora.

– Vam os colocá-la na cam a, está bem ? – disse Phury ao lado do leito.

Lay la balançou a cabeça.

– Tem certeza de que estam os no lugar certo?

– Sim – o Prim ale se aproxim ou e a aj udou a atravessar o quarto. – Esta é um a das suítes VIP.

Lay la olhou por sobre o om bro. Qhuinn se acom odara no canto oposto à tela. Ele se m antinha

absolutam ente im óvel, os olhos focados no chão, a respiração estável, as m ãos atrás das costas. E

m esm o assim não estava à vontade. Não, ele parecia pronto e capaz de m atar e, por um

m om ento, um a pontada de m edo a perpassou. Jam ais teve m edo dele antes, m as, pensando bem ,

ela nunca o vira num estado tão potencialm ente agressivo.

Pelo m enos a violência represada não parecia direcionada a ela, nem m esm o ao Prim ale.

Certam ente não à doutora Jane enquanto a m édica se acom odava num a cadeira forrada de seda.

– Vam os – insistiu Phury com gentileza. – Vam os lá.

Lay la tentou subir sozinha, m as o colchão estava longe dem ais do chão e a parte superior do

seu corpo estava tão fraca quanto as pernas.

– Eu pego você – Phury atenciosam ente passou o braço ao redor das suas costas e atrás das

pernas; depois a suspendeu com cuidado. – Lá vam os nós.

Aj eitando-se na cam a, ela gem eu ao sentir um a câim bra se agarrar à sua região pélvica.

Enquanto todos os olhos no quarto fixavam -se nela, ela tentou esconder a careta com um sorriso.

Sem sucesso: em bora o sangram ento continuasse estável, as ondas de dor se intensificavam , a

duração delas era m ais longa, e o espaçam ento entre elas, m enor.

Naquele com passo, logo se transform aria em agonia constante.

– Estou bem …

A batida à porta a interrom peu.

– Posso entrar?

Apenas a voz do doutor Havers j á fez com que ela quisesse fugir.

– Ah, Santa Virgem Escriba – disse ao tentar j untar coragem .

– Sim – respondeu som briam ente Phury . – Entre…

O que aconteceu em seguida foi tão rápido e furioso que o único m odo de descrever seria com

o coloquialism o que aprendera com Qhuinn.

O m undo desabou.

Havers abriu a porta, entrou e Qhuinn atacou o m édico, em purrando-o para aquele canto,

inclinando-se com a adaga.

Lay la gritou alarm ada, m as ele não m atou o m acho.

No entanto, ele fechou a porta com o corpo do m acho, ou talvez com a cara dele. E foi difícil

saber se o barulho que ressoou foi a porta se encontrando com a soleira ou o im pacto do

curandeiro sendo lançado contra a m adeira. Provavelm ente um a com binação de am bos.

A terrível lâm ina afiada foi pressionada contra a garganta pálida.

– Adivinha o que vai fazer prim eiro, cretino? – Qhuinn rosnou. – Vai se desculpar por tratá-la

com o se fosse um a m aldita incubadora.

Qhuinn o virou com um puxão. Os óculos de Havers estavam quebrados, um a das lentes

rachada form ando um padrão de teia de aranha, a alça do outro lado esticada num ângulo

estranho.

Lay la lançou um olhar para Phury . O Prim ale não parecia particularm ente aborrecido:

apenas cruzou os braços sobre o peito im enso e se recostou contra a parede ao lado dela,

obviam ente m uito à vontade com aquela encenação. Do outro lado na cadeira, o m esm o

acontecia com a doutora Jane, o olhar esverdeado era tranquilo enquanto observava o

dram alhão.

– Olhe nos olhos dela – bram iu Qhuinn – e peça desculpas.

Quando o lutador sacudiu o m édico com o se ele não passasse de um a boneca de pano,

algum as palavras am ontoadas escaparam do m édico.

Caram ba. Lay la supunha que deveria se portar com o um a dam a e não gostar daquilo, m as

sentiu satisfação ante aquela vingança.

Tristeza tam bém , porque a situação j am ais deveria ter chegado àquilo.

– Aceita as desculpas dele? – Qhuinn perguntou num tom m aldoso. – Ou prefere que ele

rastej e? Eu ficarei m uito feliz em transform á-lo num capacho aos seus pés.

– Isso foi o bastante. Obrigada.

– Agora você vai contar a ela – Qhuinn repetiu o chacoalhão, os braços de Havers quase sendo

arrancados das j untas, o j aleco branco balançando tal qual um a bandeira – e *somente* a ela, que

m erda está acontecendo com o corpo dela.

– Preciso do… prontuário…

Qhuinn expôs as presas e as colocou ao lado da orelha de Havers, com o se estivesse

considerando a ideia de arrancá-la num a m ordida.

– Tolice. E se você estiver contando a verdade? O lapso de m em ória vai causar a sua m orte.

Agora.

Havers j á estava pálido, m as isso fez com que ele ficasse com pletam ente branco.

– Com ece a falar, doutor. E se o Prim ale, que o im pressiona pra cacete, fizer a gentileza de

m e contar caso você desvie o olhar dela, isso seria m aravilhoso.

– Com prazer – disse Phury .

– Não estou ouvindo nada, doutor. E não sou um cara m uito paciente.

– Você é… – por detrás dos óculos quebrados, os olhos do m acho encontraram os dela. – O seu

filho…

Ela quase desej ou que Qhuinn não forçasse aquele contato. Já era bastante difícil ouvir aquilo

sem ter que encarar o m édico que a tratara tão m al.

Mas, pensando bem , era Havers quem tinha de olhar para ela, e não o contrário.

Ela encarava os olhos de Qhuinn quando Havers disse:

– Você está sofrendo um aborto.

As coisas ficaram em baçadas dali por diante, portanto, ela deduziu que estivesse chorando.

Entretanto, não sentia coisa algum a. Era com o se sua alm a tivesse sido tragada para fora do seu

corpo, tudo o que a anim ava e conectava ao m undo nunca tivesse existido.

Qhuinn não dem onstrou reação algum a. Não piscou. Não m udou de posição, nem balançou a

adaga.

– Existe algo que possa ser feito em term os m édicos? – questionou a doutora Jane.

Havers foi balançar a cabeça, m as parou quando a ponta afiada da adaga perfurou a pele do

seu pescoço. Quando o sangue com eçou a descer pelo colarinho engom ado da cam isa social, o

verm elho com binou com a gravata borboleta.

– Nada que eu saiba – respondeu o m édico com voz rouca. – Não neste m undo, de qualquer

form a.

– Diga a ela que ela não teve culpa – exigiu Qhuinn. – Diga a ela que ela não fez nada de

errado.

Lay la fechou os olhos.

– Presum indo que isso sej a verdade…

– Em hum anos, esse costum a ser o caso, desde que não tenha havido nenhum traum a –

interveio a doutora Jane.

– Diga a ela – disse Qhuinn num estalido, o braço com eçando a vibrar bem de leve, com o se

estivesse a um passo de liberar a sua violência.

– É verdade – confirm ou Havers m eio engasgado.

Lay la fitou o m édico, procurando o olhar dele por trás dos óculos arruinados.

– Nada?

Havers falou rapidam ente:

– A incidência de abortos espontâneos é de aproxim adam ente um a a cada três gestações.

Acredito que, com o acontece com os hum anos, sej a causado por um sistem a autorregulatório

que garante que defeitos de vários tipos não sej am levados a cabo.

– Mas, sem som bra de dúvida, eu estou grávida – disse ela num tom desprovido de em oção.

– Sim . Seus exam es de sangue atestaram isso.

– Existe algum risco à vida dela – perguntou Qhuinn – se isso continuar?

– Você é o *ghia* dela? – perguntou Havers num rom pante.

Phury interveio:

– Ele é o pai do filho dela. Portanto, você o tratará com o m esm o respeito com que m e

trataria.

Isso fez com que os olhos do m édico saltassem das órbitas, as sobrancelhas em ergissem por

trás da arm ação arruinada. E foi engraçado; foi nesse instante que Qhuinn dem onstrou um pouco

de reação: apenas um leve vacilo em seu rosto antes que a expressão ferrenha voltasse a

dem onstrar agressividade.

– Responda – exigiu Qhuinn. – Ela corre algum perigo?

– E-eu… – Havers engoliu em seco. – Não existem garantias na m edicina. De m odo geral, eu

diria que não; ela é saudável em relação ao resto, e o aborto parece estar seguindo seu curso

costum eiro. Além disso…

Enquanto o m édico continuava a falar, Lay la percebeu que seu tom educado e refinado estava

m uito m ais irregular do que na noite anterior.

Tudo regrediu, sua audição sum iu, j unto a qualquer percepção de tem peratura do quarto, a

cam a debaixo dela, bem com o os outros corpos ao seu redor. A única coisa que enxergava eram

os olhos descom binados de Qhuinn.

Seu único pensam ento enquanto ele segurava aquela adaga j unto ao pescoço do m édico?

Mesm o não estando apaixonados um pelo outro, ele era exatam ente o pai que queria que seu

filho tivesse. Desde que tom ara a decisão de participar do m undo real, ela aprendera o quanto a

vida podia ser dura, com o os outros podiam conspirar contra você e com o, às vezes, a força

baseada em seus princípios era a única coisa que o fazia atravessar a noite.

Qhuinn dispunha desse últim o aos m ontes.

Ele era um extraordinário e tem ível protetor, e era exatam ente disso que um a fêm ea

precisava quando estava grávida, am am entando ou cuidando de um bebê.

Isso e sua gentileza inata o tornavam nobre a seu ver.

A cor dos seus olhos não im portava.

Quase oitenta quilôm etros ao sul de onde Havers m olhava as calças de tanto m edo em sua

clínica, Assail estava atrás do volante de seu Range Rover, balançando a cabeça em descrença.

As coisas ficavam cada vez m ais interessantes com aquela m ulher.

Graças ao GPS, ele rastreara o Audi de longe quando ela decidira sair de seu bairro e tom ar a

Northway . A cada saída de subúrbio, ele esperava que ela a tom asse, m as enquanto eles

deixavam Caldwell para trás para com er poeira, ele com eçou a pensar que talvez ela estivesse

seguindo para Manhattan.

Nada disso.

West Point, o lar da venerável escola m ilitar hum ana, ficava aproxim adam ente na m etade do

cam inho entre a cidade de Nova York e Caldwell, e quando ela saiu da autoestrada àquela altura,

ele ficou aliviado. Muitas coisas aconteciam lá naquela terra em que o código postal com eçava

com 100, e ele não queria se distanciar m uito de sua base por dois m otivos: um , ainda não tivera

notícias dos gêm eos quanto à aparição daqueles interm ediários fuleiros, e, dois, a aurora surgiria

em algum m om ento, e ele não apreciava a ideia de abandonar seu m uito m odificado e reforçado

Range Rover no acostam ento de um a estrada caso precisasse se desm aterializar de volta para a

sua segurança.

Um a vez fora da estrada, a m ulher prosseguiu a exatos setenta quilôm etros por hora pela

seleção de postos de com bustível, hotéis turísticos e lanchonetes da cidade. Em seguida, do outro

lado dessa coleção de lugares baratos, as coisas com eçaram a ficar m ais caras. Casas grandes,

do tipo que ficavam bem ao fundo de gram ados que se pareciam com carpetes, com eçaram a

aparecer, com seus m uros de pedra baixos placidam ente se aglom erando próxim os à estradinha.

Ela passou por todas essas propriedades, porém , para acabar parando no estacionam ento de um

parque que dava para a m argem de um rio.

Assim que ela saiu do carro, ele passou por ela, virando a cabeça para trás para m edi-la.

Um a centena de m etros m ais adiante, fora do cam po de visão dela, Assail parou o carro no

acostam ento da estradinha, saindo para o vento enregelante, abotoando o casaco até o alto. Os

sapatos não eram os ideais para cam inhar sobre a neve, m as ele não se im portou. Seus pés

suportariam o frio e a um idade, e ele tinha outra dúzia de pares à sua espera no arm ário de sua

casa.

Com o o carro dela, e não o corpo, estava com o aparelho de rastream ento, ele m anteve o

olhar fixo nela. Com o esperado, ela vestiu os esquis de cross-country e, depois, com um a

m áscara branca de esqui sobre a cabeça e roupa de cam uflagem clara a lhe cobrir o corpo, ela

praticam ente desapareceu em m eio ao cenário de inverno.

E ele a acom panhou.

Aparecendo a cada dez ou quinze m etros, ele encontrou pinheiros para se esconder conform e

ela avançava na direção de m ansões, os esquis devorando o chão coberto de neve.

Ele concluiu, enquanto m antinha o com passo, antecipando a direção que ela tom aria e, em boa

parte adivinhando, que ela iria para um a daquelas m ansões.

Toda vez que ela passava por ele sem saber que ele estava em m eio às árvores, seu corpo

queria saltar. Para derrubá-la. Para m ordê-la.

Por algum m otivo, aquela hum ana o deixava fam into.

E brincar de gato e rato era algo m uito erótico, especialm ente se só o gato soubesse que o j ogo

estava valendo.

A propriedade na qual ela acabou se infiltrando ficava a quase dois quilôm etros dali, m as,

apesar da distância, o ritm o puxado daquelas pernas não dim inuiu em nada. Ela entrou pelo lado

direito do gram ado da frente, aproxim ando-se de um m uro de sem pre-vivas, depois retom ando

seu curso.

Aquilo não fazia sentido. Se ela fosse descoberta, estava m uito longe do carro. Por certo um a

abordagem m ais próxim a teria feito m ais sentido? Afinal, de qualquer m odo, agora ela estava

exposta, sem árvores para lhe servir de cobertura, nenhum a possível defesa contra um a

acusação de invasão de propriedade se a vissem .

A m enos que ela conhecesse o dono. E, nesse caso, por que se esconder e aparecer sorrateira

no m eio da noite?

O j ardim de uns 30 m il m etros quadrados gradualm ente se elevava em direção a um a casa de

pedras de uns 180 m etros quadrados, com esculturas m odernistas paradas com o sentinelas

brilhantes e cegas ante aquela aproxim ação, o gram ado continuando pelo fundo. O tem po inteiro

ela se ateve àquele m uro e, observando-a a uns vinte m etros de distância, ele se viu

im pressionado por ela. Contra a neve, ela se m ovia com o um a brisa o faria, invisível e rápida, a

som bra lançada contra o m uro de pedras de tal m odo que ela parecia desaparecer…

Ahhhh…

Ela escolhera aquela rota exatam ente por isso, não?

Sim , de fato, o ângulo do luar lançava a som bra dela exatam ente sobre as pedras, criando um a

cam uflagem ainda m ais eficiente.

E aquela sensação estranha se intensificou nele.

Esperta.

Assail avançou, encontrando um esconderij o entre a vegetação na lateral da casa. De perto,

notou que a m ansão não era nova, em bora tam bém não fosse antiga – m esm o porque, no Novo

Mundo, era raro se deparar com algo construído antes do século XVIII. Muitas j anelas

chum badas. E varandas. E terraços.

Conclusão? Fortuna e distinção.

Sem dúvida, m uito bem protegidas por inúm eros alarm es.

Parecia m uito im provável que ela só fosse espiar a propriedade com o fizera na dele. Para

com eçar, havia um a extensão arborizada do lado oposto daquele m uro de pedras que ela

atravessara. Ela poderia ter estacionado os esquis, subido aquela m oita de uns quatro a seis

m etros, e obtido um a vista privilegiada da casa. O que m ais? Nesse caso, ela não precisaria de

nada do que estava na m ochila que lhe pesava nas costas.

A coisa parecia grande o bastante para transportar um corpo, e estava cheia.

Com o se tivessem com binado, ela parou, pegou os binóculos e inspecionou a propriedade,

ficando absolutam ente im óvel com som ente a cabeça a se m exer. E depois atravessou o

gram ado, m ovendo-se ainda m ais rapidam ente do que antes, a ponto de estar literalm ente

correndo em direção à casa.

Na direção dele.

De fato, ela seguia diretam ente para Assail, para aquela j unção entre arbustos que m arcava a

frente da m ansão, para a sebe alta que corria ao redor do j ardim dos fundos.

Obviam ente, ela conhecia a propriedade.

Obviam ente, ele escolhera o lugar perfeito.

Ante a aproxim ação dela, ele recuou apenas um pouco… porque não teria se im portado em

ser flagrado espiando.

A m ulher esquiou m ais uns dois m etros além de onde ele se encontrava, aproxim ando-se tanto

que ele conseguiu captar o cheiro dela não só em seu nariz, m as tam bém no fundo da garganta.

Ele teve que se refrear para não ronronar.

Depois do esforço em atravessar aquela faixa de gram ado com tanta rapidez, ela estava

arfando, m as seu sistem a cardiovascular se recuperou rápido – um sinal de sua boa saúde e

vigor. E a velocidade com a qual ela agora se m ovia foi igualm ente erótica. Tirando os esquis.

Tirando a m ochila. Abrindo a m ochila. Extraindo…

Ele deduziu que ela subiria no telhado, enquanto ela m ontava o que parecia ser um lança-

arpão. Ela m irou a coisa para cim a, apertou o gatilho para atirar um gancho. Um instante depois

houve o som de um m etal se agarrando no alto.

Quando olhou para cim a, ele percebeu que ela escolhera um a das poucas extensões de pedra

sem j anelas… e protegida pela sebe enorm e na qual ele m esm o se escondia.

Ela ia entrar.

Àquela altura, Assail franziu o cenho… e desapareceu de onde a observava.

Reaparecendo nos fundos da casa no andar de baixo, ele espiou por várias j anelas, apoiando as

laterais das m ãos no vidro ao se inclinar. O interior estava basicam ente escuro, m as não

com pletam ente: aqui e acolá havia abaj ures acesos, as lâm padas em itindo um a luz alaranj ada

sobre a m obília que era um a com binação de obj etos antigos e arte m oderna. Luxuoso que só: em

seu sono pacífico, o lugar se parecia com um m useu, ou algo que se fotografaria para um a

revista, tudo m uito bem organizado com um a precisão que haveria de se perguntar se réguas

tinham sido utilizadas para dispor a m obília e os obj etos de arte.

Nenhum a bagunça em lugar algum , nenhum j ornal largado sem querer, nada de cartas,

contas, recibos. Nenhum casaco sobre o espaldar de um a cadeira ou um par de sapatos

abandonados ao lado do sofá.

Cada um dos cinzeiros im aculadam ente lim pos.

Som ente um a pessoa lhe veio à m ente.

– Benloise – sussurrou para si m esm o.

CAPÍTULO 36

Baseando-se nas vibrações regulares que vinham de seu bolso, Xcor sabia que a sua presença

estava sendo desej ada pelos seus lutadores.

Ele não atendeu.

Parado do lado de fora do prédio para o qual a sua Escolhida fora conduzida, ele não tinha

forças nem para sair m esm o quando o fluxo de outros de sua espécie surgia em carros ou

m aterializando-se diante do portal pelo qual ela fora levada. De fato, com o tantos entraram e

saíram , não havia dúvidas de que aquela era um a clínica m édica.

Pelo m enos ninguém parecia notá-lo, estando preocupados dem ais com o que os afligia,

apesar do fato de ele estar parado no m eio do cam inho.

Ah, deuses, só o pensam ento do que trouxera a sua Escolhida ali o nauseava ao ponto de ele ter

de pigarrear e…

Inspirar o ar frio para dentro dos seus pulm ões aj udou a conter a ânsia de vôm ito.

Quando o cio dela acontecera? Devia ter sido m uito recentem ente. Da últim a vez em que a

vira…

Quem seria o pai?, perguntou-se pela centésim a vez. Quem tom ara o que era seu…

– Não seu – ele disse para si m esm o. – *Não* seu.

Só que era a sua m ente dizendo isso e não os seus instintos. Em seu cerne, na parte m ais

m áscula da sua essência, ela *era* a sua fêm ea.

E, ironicam ente, era isso o que o im pedia de atacar a clínica – com todos os seus soldados, se

necessário. Se ela estava recebendo cuidados, a últim a coisa que ele queria era interrom per o

processo.

Enquanto o tem po passava e a ausência de inform ações o torturava até a insanidade, ele

percebeu que desconhecera a existência daquele lugar. Se ela fosse dele? Ele não teria sabido

onde levá-la para obter aj uda, certam ente teria m andado Throe encontrar algum lugar, de algum

m odo, para garantir os cuidados dela, m as e no caso de um a em ergência? Um a hora ou duas

procurando um curandeiro poderia significar a diferença entre a vida e a m orte.

A Irm andade, por sua vez, soube exatam ente onde levá-la. E quando ela recebesse alta

daquele lugar, sem dúvida, eles a levariam de volta a um lugar aquecido, seguro, onde teria

alim ento abundante e um a cam a m acia, e a força valente de pelo m enos seis guerreiros para

protegê-la enquanto dorm isse.

Irônico com o ele se sentia à vontade com isso. Mas, pensando bem , a Sociedade Redutora era

um adversário m uito sério; e digam o que quiserem a respeito da Irm andade, eles provaram

durante toda a eternidade serem defensores capazes.

Abruptam ente, seus pensam entos se voltaram para o arm azém em que ele e seus soldados

vinham ficando. Aquele am biente úm ido, frio, hostil era, na verdade, apenas um degrau acim a

dos outros lugares em que levantaram acam pam ento. Se ela estivesse com ele, com o a

m anteria? Nenhum m acho j am ais poderia vê-la em sua presença, especialm ente se ela tivesse

de trocar de roupa ou se banhar…

Um rugido se infiltrou em sua garganta.

Não. Nenhum m acho colocaria os olhos na pele dela ou ele o esfolaria vivo…

Ah, Deus, ela se vinculara a outro. Abrira-se e aceitara outro m acho dentro de suas carnes

sagradas.

Xcor abaixou o rosto entre as m ãos, a dor em seu peito fazendo-o cam balear em suas botas de

com bate.

Deve ter sido o Prim ale. Sim , claro, ela se deitara com Phury , filho de Ahgony . Era esse o

único m odo com que as Escolhidas se procriavam , se a sua m em ória e os boatos estivessem

certos.

Instantaneam ente, sua m ente ficou enevoada com a im agem do rosto perfeito e da silhueta

delgada. Pensar que outro a desnudara e cobrira-lhe o corpo com o dele…

Pare, ele se ordenou. *Pare com isso*.

Arrastando sua m ente para longe dessa loucura, ele se desafiou a definir qualquer tipo de

hospedagem que poderia propiciar a ela. Em qualquer circunstância.

O único pensam ento que lhe ocorreu foi voltar e m atar aquela fêm ea de quem seus soldados

se alim entaram . Aquele chalé parecera bem tranquilo e adorável…

Mas para onde iria sua Escolhida durante o dia?

E, além disso, ele j am ais a envergonharia perm itindo que ela sequer andasse sobre o tapete

onde todo aquele sexo acontecera.

– Com licença.

Xcor buscou a pistola dentro da j aqueta ao dar m eia-volta. Só que não havia necessidade de

usar força bruta – era apenas um a fêm ea pequena com seu filho. Ao que tudo levava a crer, eles

tinham saído de um utilitário estacionado a poucos m etros dele.

Enquanto a criança se escondia atrás da m ãe, os olhos da fêm ea se arregalaram de m edo.

Mas, pensando bem , quando se tropeça num m onstro, sua presença dificilm ente é recebida

com alegria.

Xcor se curvou profundam ente, em grande parte porque a visão do seu rosto por certo não

estava m elhorando a situação.

– Sim , com o não…

Dito isso, ele recuou e virou, voltando ao posto originalm ente ocupado. Na verdade, não

percebera o quanto tinha se exposto.

E ele não queria brigar. Não com a Irm andade. Não com a sua Escolhida daquele m odo.

Não… ali.

Fechando os olhos, desej ou poder voltar para aquela noite quando Zy pher o levara para a

cam pina e Throe, com o subterfúgio de aj udá-lo, o condenara àquele tipo de m orte em vida.

Um m acho vinculado que não podia estar com sua fêm ea?

Morto apesar de viver…

Sem aviso, o portal foi puxado para trás e sua Escolhida surgiu. Instantaneam ente, os instintos

de Xcor gritaram para que ele agisse, apesar de todos os m otivos para deixá-la em paz.

Leve-a! Agora!

Mas ele não o fez: as expressões sérias daqueles que a protegiam com tam anho cuidado o

im obilizaram : notícias ruins foram dadas durante a estada deles ali.

Com o antes, só faltaram carregá-la até o veículo.

E o cheiro do sangue dela ainda pairava no ar.

Sua Escolhida foi acom odada no banco traseiro do sedã, com a fêm ea ao lado dela. Depois,

Phury , filho de Ahgony , e o guerreiro de olhos descom binados entraram na frente. O veículo foi

virado bem lentam ente, com o que por preocupação com a carga preciosa no com partim ento

traseiro.

Xcor os seguiu, m aterializando-se de tem pos em tem pos acom panhando a velocidade

crescente na estrada rural ao fim da rua, e depois na autoestrada. Quando o carro chegou à

ponte, ele m ais um a vez o viu do m ais alto esteio e depois que sua fêm ea passou debaixo dele, ele

saltou de telhado em telhado enquanto o sedã dava a volta no centro da cidade.

Ele rastreou o carro seguindo ao norte até sair da autoestrada e entrar num a região rural.

Continuou com ela o tem po inteiro.

E foi assim que ele descobriu a localização da Irm andade.

CAPÍTULO 37

Enquanto Blay girava o anel de sinete da fam ília no dedo, seu cigarro aceso queim ava

lentam ente na outra m ão, e seu traseiro ficava adorm ecido… e ninguém passava pelas portas do

átrio.

Sentado no degrau de baixo da grande escadaria da m ansão, ele não respeitaria a prom essa

feita à m ãe de ir para casa. Não naquela noite, pelo m enos. Depois da loucura da noite anterior,

do pouso forçado do avião e do dram a subsequente, Wrath ordenara que a Irm andade e os

lutadores tirassem 24 horas de folga. Por isso, tecnicam ente, ele deveria ligar para os pais e dizer

à m ãe que caprichasse na m ussarela e no m olho à bolonhesa.

Mas de j eito nenhum ele sairia daquela casa. Não depois de ouvir os gritos vindos do quarto de

Lay la, e de vê-la praticam ente sendo carregada escadaria abaixo.

Naturalm ente, Qhuinn esteve ao lado dela.

John Matthew não.

Portanto, o quer que estivesse acontecendo, pelo visto superava o *ahstrux nohtrum*, e isso

significava que… ela só podia estar perdendo o filho. Som ente algo sério assim possibilitaria um

passe livre.

Enquanto ele continuava parado com o um a porta, sem nada além da sua preocupação para lhe

fazer com panhia, naturalm ente sua m ente resolveu seguir o cam inho errado: m erda, fora

m esm o para a cam a com Qhuinn na noite passada?

Dando um a tragada em seu Dunhill, ele expeliu um a im precação.

Acontecera m esm o?

Deus, essa pergunta vinha m artelando a sua cabeça desde o m inuto em que

despertou de um

sonho sensual, com um a ereção que parecia fazer pensar que o outro m acho dorm ia ao seu lado.

Revendo as cenas pela centésim a vez, só no que ele conseguia pensar era… com o um plano

podia fracassar. Depois de ter rej eitado Qhuinn quando ele se pôs de j oelhos, voltara para o

próprio quarto e andara de um lado para o outro, um debate que não interessava ter consigo

m esm o transform ando seu cérebro em *fois gras*.

Ele tom ara a decisão correta ao sair. Mesm o. Tinha sim .

O problem a foi que a decisão não se sustentou. Enquanto as horas do dia passavam , tudo o que

ele conseguia pensar foi a vez em que o pai o flagrou roubando um a caixa de cigarros do *doggen*

da fam ília. Na época, ele era um j ovem pré-trans e, com o castigo, seu pai o obrigou a se sentar

do lado de fora e fum ar cada um daqueles Cam els sem filtro. Ele se sentiu m uito m al e dem orou

m ais de dois anos para sequer tolerar fum o passivo.

Portanto, esse fora o seu segundo plano.

Fazia tem po dem ais que era louco por Qhuinn, m as tudo não passava de algo hipotético,

dividido em fantasias de m odo que ele conseguisse suportar. Nada de um a vez só, nada da coisa

sobrecarregada, absoluta e arrasadora – e ele sabia m uito bem que na vida real,

Qhuinn não se

conteria nem relaxaria. O “plano” fora ter a experiência concreta, e descobrir que aquilo não

passava de apenas sexo brutal. Ou, inferno, descobrir que não era nem sexo *bom*.

Não era de se esperar que você fum asse um m aço inteiro de cigarros… só para querer m ais.

Deus todo-poderoso, foi a prim eira vez em que a realidade foi m uito m elhor do que um a

fantasia, a absolutam ente m elhor experiência erótica de toda a sua vida.

Depois, porém , a gentileza que Qhuinn dem onstrara fora insuportável.

Na verdade, enquanto Blay rem em orava aquela ternura, ele deu um salto de onde estava e

com eçou a m archar ao redor do m osaico de m acieira – não tinha para onde ir.

Naquele instante a porta se abriu. Porém , não a de entrada.

A da biblioteca.

Enquanto olhava de relance por sobre o om bro, Saxton surgiu de lá. Ele parecia saído do

inferno, e não só porque, por m ais veloz que fosse a sua recuperação, ele ainda tinha um inchaço

residual na m andíbula graças ao ataque de Qhuinn.

Que lindo, Blay pensou. Bela m aneira de expressar seu desapontam ento quanto ao

com portam ento de alguém : deixe-o transar com você depois que ele tentou estrangular seu ex.

Quaaanta classe.

– Com o você está? – Blay perguntou, e não por convenção social.

Foi um alívio Saxton se aproxim ar. E encará-lo. E sorrir-lhe um pouco com o se estivesse

determ inado a fazer um esforço.

– Estou exausto. E fam into. E agitado.

– Gostaria de com er com igo? – sugeriu Blay num rom pante. – Tam bém estou m e sentindo

assim , e a única coisa em que posso dar j eito é a fom e.

Saxton assentiu com a cabeça e enfiou as m ãos nos bolsos da calça.

– Ideia brilhante.

Os dois acabaram na cozinha, sentados ante a castigada m esa de carvalho, lado a lado, de

frente para o resto do côm odo. Com um sorriso contente, Fritz im ediatam ente passou para o seu

m odo "provedor de alim entos" e, vej a só, dez m inutos m ais tarde, o m ordom o servia um a tigela

de cozido de carne para cada um , além de um a baguete para dividirem , um a garrafa de vinho

tinto e um a porção de m anteiga num pratinho ao lado.

– Volto em seguida, m eus senhores – disse o m ordom o com um a reverência. E depois ele

prosseguiu expulsando todos da cozinha, desde o *doggen* que descascava legum es até os que

poliam a prataria e os que lim pavam as j anelas de um a alcova logo além dali.

Quando a porta se fechou após a saída do últim o criado, Saxton disse:

– Tudo o que nos falta é um a vela, aí isto seria um encontro – o m acho se inclinou para a

frente e com eçou a com er com m odos im pecáveis. – Bem , suponho que precisaríam os de m ais

algum as coisas, não?

Blay olhou de esguelha enquanto apagava o cigarro. Mesm o com as olheiras e o hem atom a

desvanecendo no pescoço, o advogado era m uito bonito de se olhar.

Por que ele não poderia sim plesm ente…

– Não repita, de novo, que sente m uito – Saxton lim pou a boca com o guardanapo e sorriu. –

Não é necessário, nem apropriado.

Assim , sentado ao lado dele, não parecia que tinham acabado de rom per, nem que ele estivera

com Qhuinn. Será que as últim as noites aconteceram m esm o?

Até parece… O que ocorreu com Qhuinn não teria acontecido se ele e Sax ainda estivessem

j untos. Isso era bem claro para ele: um a coisa era se m asturbar secretam ente, e isso j á era ruim o bastante. Aquilo tudo? De j eito nenhum .

Droga, apesar do fato de ele e Saxton terem rom pido, ele ainda sentia que devia confessar sua

transgressão… m esm o que Qhuinn estivesse certo e que Saxton j á tivesse seguido em frente, por

assim dizer.

Enquanto com iam em silêncio, Blay balançou a cabeça, ainda que não tivessem lhe feito

nenhum a pergunta e nem estivessem conversando. Ele só não sabia o que fazer. Às vezes, as

m udanças da vida surgiam com tanta rapidez, e com tam anha im petuosidade, que não havia

com o acom panhar a realidade. Levava tem po para as coisas se assentarem , um novo equilíbrio

se reestabelecia só depois de algum tem po em que seu cérebro batia de um lado contra o outro

das paredes da sua cabeça.

Ele ainda estava na fase de balançar.

– Já sentiu algum a vez com o se as horas fossem m edidas em anos? – perguntou Saxton.

– Ou décadas. Sim . Absolutam ente – Blay olhou de novo. – Na verdade, eu tam bém estava

pensando nisso.

– Que par de m órbidos nós som os.

– Talvez devêssem os vestir preto.

– Braçadeiras? – sugeriu Saxton.

– Não, preto dos pés à cabeça.

– E o que eu faço com o m eu gosto por cores? – Saxton apontou para o lenço laranj a Herm ès

no bolso da sua lapela. – Bem , pode-se m uito bem usar todo tipo de acessórios.

– Certam ente isso explica a teoria por trás dos aparelhos ortodônticos.

– Flam ingos de plástico rosa.

– A franquia da Hello Kitty .

Juntos, os dois explodiram num a gargalhada. Nem era assim tão engraçado, m as o hum or não

era a questão ali. Mas quebrar o gelo. Voltar ao que era antes. Aprender a se relacionarem de

um m odo diverso.

Quando convergiram para um riso m ais contido, Blay passou o braço ao redor dos om bros do

m acho e lhe deu um abraço rápido. Foi bom que Saxton tivesse relaxado um pouco, aceitando

aquilo que lhe era oferecido. Não que Blay acreditasse que por estarem sentados j untos,

partilhando um a refeição e um a bela risada, tudo, de repente, seria um navegar suave. Nada

disso. Era estranho pensar que Saxton estivera com outra pessoa, e ainda m ais incrível saber que

ele fizera o m esm o – principalm ente com *quem* o fizera.

Não se passava de am antes de quase um ano para com panheiros de risadas em um ou dois

dias.

Podia-se, porém , com eçar a forj ar um novo cam inho.

E colocar um pé na frente do outro.

Sem pre haveria um lugar em seu coração para Saxton. O relacionam ento que tiveram foi o

seu prim eiro não só com um m acho, m as com qualquer um . E m uitas coisas boas aconteceram ,

coisas que ele carregaria consigo com o lem branças que valiam o espaço em sua m ente.

– Deu um a olhada nos j ardins de trás? – Saxton perguntou ao lhe oferecer o pão.

Blay partiu um pedaço e depois espalhou m anteiga por cim a enquanto Saxton tam bém pegava

um pouco.

– Estão bem ruins, não?

– Lem bre-m e de nunca tentar cortar gram a com um Cessna.

– Você não curte j ardinagem .

– Bem , para o caso de um dia eu tentar – Saxton se serviu de vinho. – Aceita?

– Sim , por favor.

E foi assim que as coisas aconteceram . Durante o cozido de carne até a torta de pêssegos, que

m ilagrosam ente apareceu diante deles graças à im pecabilidade de Fritz. Quando a últim a

garfada e a últim a lim pada com guardanapo foram dadas, Blay se reclinou contra o encosto

acolchoado do banco em butido e inspirou fundo.

Que se referia a m uito m ais do que um a sim ples barriga cheia.

– Bem – disse Saxton, ao apoiar o guardanapo ao lado do prato de sobrem esa –, acredito que

finalm ente vou poder tom ar o banho de banheira que você m e sugeriu há algum as noites.

Blay abriu a boca para observar que os sais de banho que o m acho preferia

ainda estavam em

seu banheiro. Ele os vira no gabinete quando fora pegar o crem e de barbear reserva ao cair da

noite.

Só que… ele não sabia se devia m encionar isso. E se Saxton pensasse que ele estava lhe

pedindo para ir à sua banheira? Seria um lem brete m uito grande de com o as coisas tinham

m udado e do por quê? E se…

– Tenho esse novo tratam ento à base de óleos que estou m orrendo de vontade de experim entar

– explicou Saxton ao deslizar pelo banco. – Ele finalm ente chegou do exterior hoj e. Faz séculos

que espero por ele.

– Parece m aravilhoso.

– Mal posso esperar – Saxton aj ustou o paletó nos om bros, aj eitou os punhos e depois acenou

com a m ão, saindo sem nenhum indício de com plicações ou de tensão em seu rosto.

O que, de fato, aj udava m uito.

Dobrando o próprio guardanapo, deixou-o de lado, e saiu de trás da m esa, esticando os braços

acim a da cabeça e curvando-se para trás, estalando m uito bem a coluna.

A sua tensão voltou no segundo em que pisou no átrio novam ente.

Que diabos estava acontecendo com Lay la?

Maldição, ele nem podia ligar para Qhuinn. Aquele dram a não era seu, nem estava ligado a

ele de m odo algum . Quando se tratava de um a gestação, ele não era diferente de nenhum outro

m acho daquela casa que tam bém ouvira ou vira o show e, sem dúvida, estava tão preocupado

quanto ele. Mas tam bém não tinha direito a nenhum a notícia antecipada.

Um a pena que sua barriga, agora cheia, não concordasse com isso. Pensar em Qhuinn

perdendo o filho o fez considerar seriam ente a localização do banheiro m ais próxim o da porta de

entrada, só para o caso de um a evacuação rápida ser ordenada pelo fundo da sua garganta.

No fim , ele se viu subindo para a sala de estar do segundo andar. Daquele lugar, ele não teria

dificuldade em ouvir a porta da frente, e não estaria esperando abertam ente…

As portas do escritório de Wrath se abriram , e John Matthew em ergiu do santuário do Rei.

Im ediatam ente, Blay atravessou a sala de espera, pronto para ver se, talvez, o cara sabia de

algum a coisa, m as se conteve ante a expressão de John.

Perdido em pensam entos. Com o se tivesse recebido notícias pessoais do tipo perturbador.

Blay ficou para trás enquanto o cam arada seguia no cam inho contrário, na direção do

corredor das estátuas, sem dúvida para desaparecer no próprio quarto.

Parecia que as coisas não andavam bem nas vidas dos outros tam bém .

Maravilha.

Com um a im precação baixa, Blay deixou o am igo em paz e voltou a cam inhar e… a esperar.

Muito m ais ao sul, na cidade de West Point, Sola estava pronta para entrar no segundo andar da

casa de Ricardo Benloise, através da j anela ao fim do corredor principal. Fazia m eses desde que

estivera lá dentro, m as ela contava com o fato de que seu contato na segurança por ela

cuidadosam ente m anipulado ainda fosse o seu am igo.

Havia dois fatores-chave para invadir com sucesso qualquer casa, prédio, hotel ou instalação:

planej am ento e velocidade.

Ela possuía os dois.

Pendurada no cabo que lançara no telhado, ela tirou um instrum ento de dentro do bolso da

parca, segurando-o no canto direito da j anela dupla. Iniciado o sinal, ela esperou, olhando

fixam ente para a luzinha verm elha que brilhava na tela à sua frente. Se por algum m otivo ela não

m udasse, ela teria de entrar por um a das águas-furtadas que dava para o j ardim , o que seria um

pé no saco…

A luz ficou verde com um sinal, e ela sorriu ao pegar m ais instrum entos.

Pegando um copo de sucção, ela o em purrou no m eio do painel, im ediatam ente abaixo da

tranca e depois girou a coisa com o cortador de vidro. Um em purrão rápido e o espaço que

possibilitava a entrada do seu braço foi criado.

Depois de deixar o círculo de vidro cair com suavidade na passadeira oriental, ela enfiou o

braço e o virou, para soltar a trava de latão que m antinha a j anela fechada.

O ar quente lhe deu boas-vindas, com o se a casa estivesse contente por vê-la m ais um a vez.

Antes de entrar, ela olhou ao redor. Relanceou para o cam inho de carros. Inclinou-se para fora

para ver o que conseguia encontrar nos j ardins escuros.

Sentia com o se alguém a estivesse observando… não tanto no cam inho de carro até a cidade,

m as depois que parara no estacionam ento e colocara os esquis. Todavia, não havia ninguém por

perto – pelo m enos, ninguém que ela conseguisse enxergar – e por m ais que a atenção fosse

essencial em seu ram o de trabalho, a paranoia era um a perda de tem po perigosa.

Ela precisava deixar isso de lado.

Voltando a se concentrar no j ogo, esticou as m ãos enluvadas e suspendeu o traseiro e as pernas

por cim a e através da j anela. Ao m esm o tem po, relaxou a tensão do cabo para que ele ficasse

folgado e perm itisse a sua entrada. Aterrissou sem nenhum som , graças não só ao tapete que

cobria o longo corredor com o tam bém aos seus calçados de solas m acias.

O silêncio era outro critério im portante no tocante a realizar um trabalho com sucesso.

Ela parou onde estava por um breve m om ento. Nenhum som na casa, m as isso não significava

nada necessariam ente. Ela tinha quase certeza de que o alarm e de Benloise fosse silencioso, e

m ais certeza ainda de que o sinal não iria para a força policial, nem a local, tam pouco a estadual:

ele gostava de cuidar das coisas particulares de m odo privado. E Deus bem sabia, com o tipo de

força braçal que ele contratava, havia poder suficiente para tal.

Felizm ente, contudo, ela era boa no que fazia, e Benloise e seus capangas não estariam em

casa até perto do nascer do sol, afinal, ele vivia a vida de um vam piro.

Por algum m otivo, a palavra que com eçava com “v” a fez pensar no hom em que aparecera

ao lado do seu carro e que desaparecera com o num passe de m ágica.

Loucura. E a única vez em sua lem brança recente que alguém a fazia parar para pensar. Na

verdade, depois de ser confrontada daquela form a, ela estava realm ente considerando não voltar

à casa de vidro no rio, em bora houvesse m otivos m ais do que válidos para isso. Não por ela se

preocupar em se m achucar fisicam ente. Deus bem sabia que ela era perfeitam ente capaz de se

defender.

Era a atração.

Mais perigosa do que qualquer pistola, faca, ou punho, em sua opinião.

Com passadas ágeis, Sola trotou pelo tapete, saltitando na ponta dos pés, seguindo para a suíte

principal que dava para o j ardim dos fundos. A casa ainda tinha o m esm o cheiro de que se

lem brava: m obília antiga e lustra-m óveis, e ela conhecia o bastante para se ater ao lado esquerdo

da passadeira. Nenhum rangido daquele lado.

Quando chegou à suíte principal, a porta pesada de m adeira estava fechada, e ela pegou a

chave m icha antes m esm o de testar a m açaneta. Benloise tinha duas patologias: lim peza e

segurança. A im pressão dela, entretanto, era que a segunda era m ais crítica na galeria no centro

de Caldwell do que em seu lar. Afinal, Benloise não m antinha debaixo do seu teto nada além de

obj etos de arte com seguros até o últim o centavo, e a ele próprio durante o dia – quando estava

cercado por diversos seguranças e arm as.

Na verdade, devia ser por isso que ele era um a coruj a no centro da cidade. Isso significava

que a galeria nunca ficava sem supervisão: ele aparecia depois do expediente e

sua equipe de

trabalho legítim a estava lá durante o dia.

Com o um a gatuna, ela certam ente preferia entrar em lugares vazios.

Dito isso, m exeu no m ecanism o de tranca da porta, abrindo-a, e entrou no quarto. Inspirou

profundam ente, o ar estava perm eado com a fum aça do tabaco e da colônia refrescante de

Benloise.

A com binação a fez pensar nos film es em preto e branco de Clark Gable por algum m otivo.

Com as cortinas puxadas e nenhum a luz acesa, ali estava absolutam ente escuro, m as ela tirara

fotografias dos quartos quando fora a um a festa ali, e Benloise não era o tipo de hom em que

m udava as coisas de lugar. Inferno, toda vez que um a nova exibição era instalada na galeria de

arte, ela praticam ente sentia o trem or debaixo da pele dele.

Medo de m udança era um a fraqueza, sua avó sem pre dizia.

Obviam ente facilitava as coisas para ela.

Mais devagar, ela avançou dez passos até o m eio do quarto. A cam a estaria à esquerda

encostada na parede com prida. À sua frente estavam as j anelas altas que davam para o j ardim .

À direita, haveria um a côm oda, um a escrivaninha e algum as cadeiras, e a lareira que nunca era

usada porque Benloise detestava o cheiro de m adeira queim ada.

O alarm e de segurança se localizava entre a entrada do banheiro e a cabeceira ornam entada

da cam a, ao lado do abaj ur que se elevava noventa centím etros do criado-m udo.

Sola deu um giro ao redor de si m esm a. Deu quatro passos. Tentou encontrar o pé da cam a…

e o encontrou.

Passo lateral, um , dois, três. De frente para o flanco do colchão king-size. Outro passo lateral

para desviar da m esinha de cabeceira e do abaj ur.

Sola esticou o braço esquerdo…

E lá estava o painel de segurança, bem onde deveria.

Abrindo a portinhola, usou um a lanterna de bolso que prendeu entre os dentes para ilum inar o

circuito. Pegando outro instrum ento da m ochila, conectou fios a fios, interceptando sinais, e com

a aj uda de um laptop em m iniatura e de um program a que um am igo seu desenvolvera, criou

um circuito fechado dentro do sistem a de alarm e de m odo que, enquanto o roteador estivesse no

lugar, os detectores de m ovim ento que ela estava para disparar não seriam registrados.

No que se referia à placa-m ãe, nada pareceria anorm al.

Deixando o laptop pendurado pelos fios, saiu do quarto, chegou ao corredor, e tom ou as

escadas para o prim eiro andar.

O lugar estava perfeitam ente decorado, pronto para um a foto de revista – ainda que, claro,

Benloise protegesse dem ais a sua privacidade para perm itir que suas coisas fossem fotografadas

para o consum o público. Com passos rápidos, ela passou pelo hall de entrada, pela sala à

esquerda e entrou no escritório.

Andando em m eio à penum bra, ela bem que preferiria tirar a parca de cam uflagem branca e

as calças para neve: fazer aquilo em seu *body* preto seria um clichê que, entretanto, seria bem

prático. Não havia tem po, porém , e ela estava m ais preocupada em não ser vista do lado de fora

do que ali, na casa vazia.

O espaço de trabalho pessoal de Benloise era, com o todo o resto debaixo daquele teto, m ais um

cenário m ontado do que algo funcional. Ele, na verdade, não usava a im ensa escrivaninha, nem

se sentava no m initrono, tam pouco lia qualquer um dos livros em capa de couro das prateleiras.

Todavia, ele transitava por aquele côm odo. Um a vez ao dia.

Certa vez, num m om ento de tranquilidade, ele lhe dissera que antes de sair, todas as noites,

passeava pela casa olhando seus pertences, lem brando a si m esm o da beleza das suas coleções e

de sua casa.

Com o resultado dessa inform ação e de algum as outras coisas, Sola há m uito deduzira que o

hom em crescera na pobreza. Prim eiro porque, quando conversavam em espanhol ou em

português, seu sotaque pertencia à classe baixa, m esm o que de m odo sutil. Segundo, os ricos não

valorizavam seus pertences com o ele o fazia.

Nada era raro aos ricos, e isso significava que eles davam com o certas todas as coisas.

O cofre estava escondido atrás da escrivaninha num a seção de estandes que era liberada por

um botão localizado na gaveta inferior do lado direito.

Ela descobrira isso graças a um a m inúscula câm era escondida que colocara do lado oposto

durante aquela festa.

Após a abertura do m ecanism o, um corte de sessenta por noventa centím etros na prateleira

rolou para a frente e deslizou para o lado. E lá estava ela: um a caixa grossa de aço, cuj o

fabricante ela reconhecia.

Pensando bem , depois de invadir centenas de espaços, você acaba conhecendo intim am ente os

fabricantes. E ela aprovava aquela escolha. Se precisasse ter um cofre, era daquele tipo que ela

pegaria e, sim , ele o prendera ao chão.

O m açarico que trouxera na m ochila era pequeno, m as poderoso, e enquanto ela acendia a

ponta, a cham a cham uscou com um sibilo substancial e um brilho branco e azul.

Aquilo levaria tem po.

A fum aça do m etal queim ado irritava seus olhos, o nariz e a garganta, m as ela m anteve a m ão firm e enquanto produzia um quadrado na frente do painel. Ela conseguia explodir a porta de

alguns cofres, m as o único j eito com um daqueles era do m odo antigo.

Que levava um a eternidade.

No entanto, ela conseguiu.

Deixando a pesada seção da porta de lado, ela m ordeu a ponta da lanterna m ais um a vez e se

inclinou. Um a prateleira continha j oias, cautelas de ações e alguns relógios de ouro que ele

deixara à m ão. Havia um a pistola que ela seria capaz de apostar que estaria carregada. Nenhum

dinheiro.

Pensando bem , com Benloise sem pre havia tanto dinheiro disponível que fazia sentido ele não

se dar ao trabalho de colocá-lo no cofre.

Maldição. Não havia nada ali que valesse apenas cinco m il dólares.

Afinal, naquele trabalho, ela só estava atrás daquilo que lhe era devido por direito.

Com um a im precação, ela se apoiou nos calcanhares. Na verdade, não havia nada no cofre

que valesse m enos do que vinte e cinco m il dólares. E não tinha com o ela partir a m etade da

pulseira de um relógio de ouro – porque, com o diabos conseguiria revender a coisa?

Um m inuto se passou.

O segundo.

Ao diabo com aquilo, ela pensou ao recolocar o painel que cortara contra o cofre e deslizar a

prateleira de volta ao seu lugar. Levantando-se, olhou ao redor da sala com a lanterna de bolso.

Os livros eram todos edições de colecionadores de prim eiras edições de antiguidades. A arte nas

paredes e sobre as m esas não era som ente m uito cara, com o difícil de transform ar em dinheiro

sem ser debaixo dos panos… para as pessoas intim am ente ligadas a Benloise.

Mas, que droga, ela não sairia sem seu dinheiro, m aldição…

Abruptam ente, sorriu para si m esm a, a solução se tornando m uito clara.

Por vários anos no curso da civilização hum ana, o com érc io só existira e sobrevivera na base

da troca. Ou sej a, um indivíduo trocava bens ou serviços por outros de m esm o valor.

Em todos os trabalhos que realizara, ela j am ais considerara acrescentar os custos auxiliares

aos seus alvos: novos cofres, novos sistem as de segurança, novos protocolos de segurança. Ela

podia apostar que isso era caro – ainda que não tão caro quanto o que ela costum

ava tom ar. E ela

entrara ali deduzindo que esses custos adicionais seriam arcados por Benloise – um tipo de

prej uízo m onetário pelo que ele roubara dela.

No entanto, eles agora eram a questão.

No cam inho de volta à escada, observou as oportunidades disponíveis… e, no fim , foi até um a

escultura de Degas de um a pequena bailarina que fora colocada na lateral de um nicho. A figura

em bronze da garotinha era o tipo de coisa que sua avó teria adorado, e talvez por isso, dentre

tantas peças, foi aquela a lhe cham ar a atenção.

A luz que fora colocada no teto acim a da estátua estava desligada, m as a obra-prim a ainda

assim parecia brilhar. Sola adorou especialm ente a saia em tutu, a delicada ainda que rígida

explosão de tule delineada por m etal entrelaçado que capturava perfeitam ente o que deveria ser

m aleável.

Sola se aproxim ou da base da escultura, passou os braços ao redor dela, e concentrou toda a

sua força em girar a sua posição não m ais do que cinco centím etros.

Depois correu para as escadas, retirou os clipes do roteador e do laptop do painel de alarm e na suíte principal, trancou novam ente a porta e seguiu para a j anela na qual cortara um buraco.

Estava de volta nos esquis, deslizando na neve não m ais do que quatro m inutos

m ais tarde.

Apesar do fato de não ter nada nos bolsos, ela sorria ao deixar a propriedade.

CAPÍTULO 38

Quando a Mercedes finalm ente parou na entrada da m ansão da Irm andade, Qhuinn saiu

prim eiro e foi para a porta em que Lay la estava. Quando a abriu, os olhos dela encontraram os

dele.

Ele soube que j am ais se esqueceria da aparência dela. A tez estava branca com o um papel e

parecia tão fina quanto um , a bela estrutura óssea se esticando sobre a cobertura de pele. Os

olhos estavam encovados no crânio. Os lábios, finos e inexpressivos.

Naquele instante, ele teve um vislum bre de com o ela ficaria ao m orrer, não im portando

quantas décadas e séculos isso fosse levar para acontecer.

– Eu carrego você – disse ele, inclinando-se para pegá-la no colo.

O m odo com o ela não discutiu lhe contou exatam ente o pouco que restava dela.

Quando as portas de entrada foram abertas por Fritz, com o se o m ordom o estivesse esperando

pela chegada deles, Qhuinn se arrependeu de tudo: do sonho que acalentara por um instante

durante o cio dela. A esperança desperdiçada. A dor física pela qual ela passava. A angústia

em ocional que am bos atravessavam .

Você fez isso com ela.

Na época, quando a servira, ele só se concentrara no resultado positivo do qual esteve tão

certo.

Agora, depois de tudo, com os coturnos fincados na realidade sólida e fétida? Não valia a pena.

Mesm o a possibilidade de um filho saudável não valia aquele sacrifício.

O pior de tudo era testem unhar o sofrim ento dela.

Ao carregá-la para dentro da casa, rezou para que não houvesse um a grande plateia. Ele só

gostaria de poupá-la de tudo, de qualquer coisa, m esm o do sim ples fato de desfilar diante de

rostos tristes e preocupados.

Não havia ninguém por perto.

Qhuinn subiu os degraus dois de cada vez e, ao chegar ao segundo andar, as grandes portas

duplas do escritório de Wrath abertas o fizeram praguej ar.

Pensando bem , o Rei era cego.

Enquanto George em itiu um latido de boas-vindas, Qhuinn apenas passou pela frente, indo

direto para o quarto de Lay la. Abrindo a porta com um chute, descobriu que o *doggen* estivera ali

e lim para tudo, arrum ando a cam a, decerto tendo até trocado os lençóis, e tam bém havia um

vaso de flores frescas.

Ao que tudo levava a crer, ele não era o único disposto a aj udar em qualquer coisa que

pudesse.

– Quer trocar de roupa? – perguntou ao fechar a porta com outro chute.

– Quero tom ar banho…

– Vam os providenciar isso.

– … m as estou com m uito m edo. Eu não quero… ver, se é que m e entende.

Ele a deitou e se sentou ao seu lado na cam a. Colocando um a m ão em sua perna, esfregou-lhe

o j oelho com o polegar, de um lado para o outro.

– Sinto m uito – disse ela com pesar.

– Droga… Não, não faça isso. Jam ais pense nem diga isso, está bem ? Isto *não é* culpa sua.

– De quem m ais é?

– Isso não vem ao caso.

Merda, ele não conseguia acreditar que o processo do aborto duraria m ais ou m enos um a

sem ana. Com o podia ser possível…

A careta que contraiu o rosto de Lay la revelou a ele que um a cólica a assolava novam ente.

Olhando de relance para trás, esperando ver a doutora Jane, descobriu que estavam sozinhos.

O que garantiu, m ais do que tudo, que não havia nada a ser feito.

Qhuinn deixou a cabeça pensa e segurou a m ão dela.

Aquilo com eçara com os dois.

E estava term inando com os dois.

– Acho que gostaria de dorm ir um pouco – disse Lay la ao apertar a m ão dele. – Você tam bém

parece estar precisando…

Ele olhou para a *chaise-longue* do outro lado.

– Você não precisa ficar com igo – m urm urou ela.

– Onde m ais eu ficaria?

Um a breve visão m ental de Blay abrindo os braços cruzou sua m ente. Que fantasia, hein…

Nunca mais me toque assim.

Qhuinn sacudiu a cabeça para que tais pensam entos sum issem .

– Vou dorm ir ali.

– Você não pode ficar aqui por sete noites seguidas.

– Vou repetir m ais um a vez. Onde m ais eu…

– Qhuinn – a voz dela soou estridente. – Você tem o seu trabalho. E você ouviu Havers. Isto vai

levar o tem po que for preciso e, provavelm ente, vai dem orar um pouco. Não corro o risco de ter

um a hem orragia e, francam ente, sinto com o se devesse ser forte na sua frente, e não tenho a

energia necessária para isso. Por favor, volte aqui para m e ver o quanto quiser. Mas vou

enlouquecer se você m ontar acam pam ento aqui até isso tudo term inar.

Desespero com edido.

Era tudo o que Qhuinn tinha enquanto perm anecia sentado na beira da cam a, segurando a m ão

de Lay la.

Ele acabou se levantando pouco depois. Claro, ela estava certa. Ela precisava descansar o

m áxim o possível e, de fato, além de ficar olhando para ela e fazendo com que ela se sentisse

fraca, não havia nada que ele pudesse fazer.

– Não estarei longe.

– Sei disso – ela suspendeu o punho dele para os seus lábios, e ele ficou chocado ao perceber o

quanto eles estavam frios. – Você tem se m ostrado… m ais do que eu seria capaz de pedir.

– Não… Não fiz nada de…

– Você fez o que era certo e apropriado. Sem pre.

Aquilo era um a questão de opinião.

– Preste atenção. Vou estar sem pre com m eu telefone por perto. Volto em algum as horas para

ver com o você está. Se estiver dorm indo, eu não a incom odarei.

– Obrigada.

Qhuinn assentiu com a cabeça e andou de lado até a porta. Certa vez ouvira que não se devia

dar as costas a um a Escolhida, e ele im aginou que dem onstrar um pouco de protocolo não faria

m al.

Fechando a porta atrás de si, ele se recostou nela. A única pessoa que ele queria ver era o

único cara naquela casa que não tinha interesse algum em …

– O que está acontecendo?

A voz de Blay foi um choque tão grande que ele pensou que a tivesse im aginado. A não ser

pelo fato de que o m acho em pessoa acabara de passar pela porta da sala de estar do segundo

andar. Com o se estivesse ali esperando o tem po inteiro.

Qhuinn esfregou os olhos e depois com eçou a andar, o corpo procurando a única coisa pela

qual ele vinha rezando.

– Ela está abortando – Qhuinn se ouviu dizer num a voz m orta.

Blay m urm urou algo em resposta, m as que não ficou registrado.

Engraçado, o aborto não lhe parecera real até aquele m om ento. Não até contar a Blay .

– O que disse? – perguntou Qhuinn, ciente de que o cara esperava por um a resposta.

– Posso fazer algum a coisa?

Tão engraçado. Qhuinn sem pre achou que saíra do ventre da m ãe j á com o um adulto.

Pensando bem , nunca houve nenhum agradinho m aterno, nada de abraços

quando ele se

m achucava, nenhum am paro quando ele tinha m edo. Com o resultado, quer fosse um aspecto do

seu caráter, ou o m odo com o fora criado, ele nunca regredira. Não havia para o que voltar.

Todavia, foi com a voz de um a criança que disse:

– Faz isso parar?

Com o se só Blay tivesse o poder de operar um m ilagre.

E então… foi o que o m acho fez.

Blay abriu os braços, oferecendo o único refúgio que Qhuinn sem pre conheceu.

– Faz isso parar?

O corpo de Blay com eçou a trem er quando Qhuinn enunciou essas palavras: depois de todos

esses anos, ele vira o cara em diferentes estados de hum or dependendo da circunstância. Porém ,

j am ais assim . Nunca… tão com pleta e absolutam ente devastado.

Nunca perdido com o um a criança.

A despeito da sua necessidade de se m anter verdadeiram ente afastado de qualquer vínculo

em ocional, seus braços se abriram por vontade própria.

Enquanto Qhuinn avançava para ele, o corpo do guerreiro parecia m enor e m ais frágil do que

de fato era. E os braços que passaram ao redor da cintura de Blay sim plesm ente ficaram lá,

com o se não tivessem força nos m úsculos.

Blay sustentou a am bos.

E antecipou que Qhuinn recuaria rapidam ente. Norm alm ente, o cara não suportava nenhum

tipo de conexão intensa além da sexual por m ais tem po do que um segundo e m eio.

Qhuinn não o fez, porém . Ele parecia preparado para ficar parado na entrada da sala de estar

para sem pre.

– Venha – disse Blay , levando o m acho para dentro e fechando a porta. – Vam os para o sofá.

Qhuinn o seguiu, os coturnos se arrastando em vez de m archarem .

Quando chegaram ao sofá, sentaram -se de frente, os j oelhos se tocando. Quando Blay o fitou,

a tristeza ressonante o tocou tão profundam ente, que não pôde evitar que a m ão se esticasse e

afagasse o cabelo escuro…

Sem aviso, Qhuinn se enroscou ao seu encontro, sim plesm ente se deixou cair, o corpo se

dobrando ao m eio, quase se desm anchando no colo de Blay .

Um a parte de Blay reconhecia que aquele era um terreno perigoso. Sexo era um a coisa, e j á

bem difícil de lidar, ora essa. Aquele m om ento tranquilo? Era potencialm ente devastador.

Motivo pelo qual saíra num rom pante daquele quarto na noite anterior.

A diferença desta noite, porém , era que ele estava no controle. Era Qhuinn quem buscava

conforto, e Blay podia negar ou oferecer, dependendo de com o se sentisse. Ser o depositário da

confiança de alguém era absolutam ente diferente de recebê-la… ou necessitá-la.

Blay era bom nisso. Havia um a m edida de segurança, de controle. Não era o m esm o que cair

num abism o. E, inferno, se alguém devia saber isso, esse alguém era ele. Deus bem sabia que ele

passara anos lá em baixo.

– Eu faria qualquer coisa para m udar isso – disse Blay , afagando as costas de Qhuinn. – Odeio

o que você está passando…

Ah, as palavras eram tão inúteis…

Ficaram ali por um tem po enorm e, a tranquilidade da sala form ando um a espécie de casulo.

Periodicam ente, o relógio antigo sobre a lareira tocava, e depois de um bom tem po, as persianas

com eçaram a baixar sobre as j anelas.

– Gostaria que existisse algo que eu pudesse fazer – disse Blay quando os painéis de aço

chegaram ao fim com um baque.

– Deve estar na hora de você ir.

Blay deixou aquela passar. A verdade não era algo que ele quisesse partilhar: nem cavalos

selvagens, ou arm as carregadas, pés-de-cabra, m angueiras de incêndio, estouro de elefantes…

nem m esm o um a ordem do Rei em pessoa o teria tirado dali.

E havia um a parte sua que ficava zangada com isso. Não com Qhuinn, m as com seu próprio

coração. A questão era que não se pode lutar contra a sua natureza, e era isso o que ele vinha

aprendendo. No rom pim ento com Saxton. Em se revelar à m ãe. Naquele exato instante.

Qhuinn gem eu ao suspender o tronco e depois esfregar o rosto. Quando abaixou as m ãos, as

faces estavam verm elhas, bem com o os olhos, m as não porque ele estivesse chorando.

Indubitavelm ente, a sua cota de lágrim as da década fora derram ada na noite anterior quando

ele chorara de alívio por ter salvado a vida de um pai.

E se soubesse que Lay la não estava bem naquele instante?

– Sabe o que é pior? – perguntou Qhuinn, parecendo um pouco m ais consigo m esm o.

– O quê? – Deus bem sabia que a gam a de opções era vasta.

– Eu vi a criança.

Os pelos da nuca de Blay se eriçaram .

– Do que está falando?

– Na noite em que a Guarda de Honra veio atrás de m im e que quase m orri, lem bra?

Blay deu um a tossidela, a lem brança era tão vívida e visceral com o se tivesse acontecido um a

hora antes. E m esm o assim a voz de Qhuinn era calm a e tranquila, com o se ele estivesse se

referindo a um a noite num a boate ou algo assim .

– Sim , eu m e lem bro.

E pensou, *eu fiz boca a boca em você no acostamento da estrada, porra*.

– Eu fui até o Fade… – Qhuinn franziu o cenho. – Você está bem ?

Ah, sim , claro, um a m aravilha.

– Desculpe. Pode continuar.

– Fui até lá. Quero dizer, é com o… a gente ouviu falar. Branco – Qhuinn esfregou o rosto de

novo. – Tão branco. Tudo. Havia um a porta, e eu cam inhei até ela… Eu sabia que se girasse a

m açaneta, entraria e não sairia m ais. Eu estava prestes a tocá-la quando… foi então que eu a vi.

Na porta.

– Lay la – interpôs Blay , sentindo com o se o peito tivesse sido apunhalado.

– A m inha filha.

A respiração de Blay ficou presa.

– A sua…

Qhuinn o encarou.

– Ela era… loira. Com o Lay la. Mas os olhos… – ele levou a m ão próxim a aos seus. – Eram

com o os m eus. Parei de andar quando a vi e depois, de repente, eu estava de volta no chão, no

acostam ento da estrada. Depois disso, fiquei sem saber o que foi tudo aquilo. Mas depois, m uito

tem po depois, Lay la entrou no cio e m e procurou, e tudo se encaixou. Era com o se aquilo…

tivesse que acontecer. Pareceu o destino, sabe. De outro m odo, eu j am ais teria m e deitado com

Lay la. Só fiz isso porque eu *sabia* que teríam os um a garotinha.

– Jesus.

– Mas eu estava errado – ele esfregou o rosto pela terceira vez. – Errei feio… E o que eu m ais

queria era não ter tom ado esse cam inho. O m aior arrependim ento da m inha vida… Bem , o

segundo m aior, na verdade.

A Blay só restou im aginar o que poderia ser pior do que aquilo pelo que ele passava.

O que posso fazer? , Blay se perguntou.

Os olhos de Qhuinn procuraram os dele.

– Quer m esm o que eu responda a isso?

Pelo visto, ele pensara em voz alta.

– Sim , claro.

A m ão da adaga de Qhuinn se levantou e am parou a lateral do rosto de Blay .

– Certeza?

O clim a m udou de pronto. A tragédia ainda estava com eles, m as a poderosa ressaca sexual os

abateu entre um a pulsação e a seguinte.

O olhar de Qhuinn com eçou a queim ar, as pálpebras pesaram .

– Preciso… de um a âncora agora. Não sei explicar de m odo m elhor.

O corpo de Blay reagiu instantaneam ente, o sangue fervendo, o m em bro engrossando e

esticando.

– Deixe-m e beij ar você – Qhuinn gem eu ao se inclinar. – Sei que não m ereço, m as, por

favor… é isso o que você pode fazer por m im . Deixe-m e senti-lo…

A boca de Qhuinn resvalou a dele. Voltou para um pouco m ais. Dem orou-se.

– Vou im plorar – m ais carícias daquela boca devastadora. – Se for preciso. Estou pouco m e

im portando, eu vou im plorar…

De algum m odo, isso não seria necessário.

Blay deixou a cabeça ser inclinada para abrir cam inho para m ais m anobras, a m ão de Qhuinn

em seu rosto tanto gentil quanto no com ando. E, então, houve m ais boca a boca, lento,

arrastando-se, inexorável.

– Deixe-m e estar dentro de você de novo, Blay …

CAPÍTULO 39

Assail voltou para casa cerca de m eia hora antes do am anhecer. Ao estacionar o

Range Rover

na garagem , ele teve que esperar a porta abaixar para sair.

Sem pre se considerara um intelectual – e não no sentido atribuído pela *glymera*, onde um se

sentia im portante ao discorrer sobre literatura, filosofia ou assuntos espirituais. Era m ais pelo fato

de existirem poucas coisas na vida na qual ele não podia aplicar seu raciocínio e entender a sua

totalidade.

O que diabos aquela m ulher fizera na casa de Benloise?

Obviam ente ela era um a profissional, com tanto equipam ento quanto técnica, e um a

abordagem de infiltração m uito praticada. Ele tam bém suspeitava que ou ela tivesse a planta da

casa ou estivera lá previam ente. Tão eficiente. Tão decidida. E ele estava qualificado para

j ulgar: seguira-a o tem po inteiro em que ela esteve dentro da casa, penetrando com o um

fantasm a pela j anela que ela abrira, atendo-se às som bras.

Seguindo o rastro dela por trás.

Mas aquilo ele não entendia: que tipo de ladrão se dá ao trabalho de invadir um a casa segura,

encontra um cofre, queim a-o para abri-lo, descobre m uitas riquezas portáteis… m as não leva

nada? Porque ele vira m uito bem ao que ela teve acesso; assim que ela saiu do escritório, ele

perm anecera lá, soltando a prateleira com o ela fizera antes, e usara a própria lanterna para dar

um a espiada no cofre.

Só para descobrir o que ela deixara para trás, se é que tinha deixado algo.

Quando ele voltou para a casa em si, evitando qualquer fonte de luz, observara-a parada um

instante no hall de entrada, com as m ãos nos quadris, a cabeça virando lentam ente, com o se ela

estivesse considerando suas opções.

E então ela se aproxim ou de um a estátua que só podia ser de Degas… e a girara apenas alguns

centím etros para a esquerda.

Isso não fazia sentido.

Bem , *era* possível que ela tivesse invadido o cofre procurando por algo específico que, na

verdade, não estava lá. Um anel, um a bugiganga, um colar. Um chip de com putador, um

pendrive, um docum ento com o um testam ento ou apólice de seguro. Mas a dem ora no hall não

estava de acordo com a diligência anterior… e depois ela só m oveu um a estátua?

A única explicação era que aquilo fora um a violação deliberada da propriedade de Benloise.

O problem a era que, no que se referia a vinganças contra obj etos inanim ados, era difícil

encontrar m uita significância nos atos dela. Derrubasse a estátua, então. Levasse

a m aldita coisa.

Danificasse-a com obscenidades em tinta spray . Batesse nela com um pé-de-cabra para que

ficasse destruída. Mas um a leve virada que m al se podia perceber?

A única conclusão a que ele conseguia chegar era que aquilo fora um tipo de m ensagem . E ele

não gostava nem um pouco disso.

Pois sugeria que talvez ela conhecesse Benloise pessoalm ente.

Assail abriu a porta do m otorista…

– Oh, m eu Deus… – sibilou, retraindo-se.

– Ficam os im aginando quanto tem po você ainda ficaria aí.

Enquanto um a voz ríspida se pronunciava, Assail saiu do carro e olhou ao redor da garagem

para cinco carros. O fedor estava num m eio-term o entre um atropelam ento de três dias,

m aionese estragada e perfum e barato.

– Isso é o que eu estou pensando? – perguntou aos prim os, que estavam parados na soleira da

antessala.

Graças à Virgem Escriba, eles avançaram e fecharam a porta que dava para a casa; caso

contrário, aquele fedor horrendo invadiria o resto da construção.

– São os seus traficantes. Bem , parte deles, na verdade.

Que. Merda. Era. Aquela?

As passadas longas de Assail o levaram na direção que Ehric apontava: o canto oposto, onde

três sacos plásticos verdes-escuro foram j ogados de lado sem cuidado algum . Agachando-se, ele

afrouxou a tira am arela de um deles, puxou a beirada e…

Deparou-se com os olhos sem vida de um hum ano que ele reconhecia.

A cabeça inanim ada fora arrancada da coluna uns dez centím etros abaixo da m andíbula, e

estava virada de m odo a fitar para fora de seu caixão frouxo. O cabelo escuro e a pele verm elha

estavam m arcados por sangue preto e brilhante, e se o cheiro esteve ruim próxim o ao carro, ali,

bem perto, fez seus olhos lacrim ej arem e a garganta se contrair num protesto.

Não que ele se im portasse.

Abriu os outros dois sacos e, usando o plástico com o “luva”, virou as outras cabeças na m esm a

posição.

Depois se sentou e ficou olhando para as três, observando as bocas escancaradas e im potentes

em busca de ar.

– Contem o que aconteceu – ordenou som briam ente.

– Aparecem os na hora com binada.

– Rinque de patinação, na m argem do rio ou debaixo da ponte?

– Ponte. Chegam os – Ehric apontou para o irm ão gêm eo, que estava parado em silêncio ao seu

lado – na hora com o produto. Uns cinco m inutos depois, esses três apareceram .

– Com o *redutores*.

– Eles tinham o dinheiro. Estavam prontos para fazer a transação.

Assail girou a cabeça na direção dele.

– Eles não foram lá para atacá-los?

– Não, m as só descobrim os isso quando j á era tarde dem ais – Ehric deu de om bros. – Eram

assassinos que apareceram do nada. Não sabíam os quantos havia, e não queríam os nos arriscar.

Foi só depois que vasculham os os bolsos e encontram os o m ontante certo de dinheiro que

percebem os que eles só foram lá para fazer negócios.

Redutores no tráfico? Aquilo era novidade.

– Vocês apunhalaram os corpos?

– Pegam os as cabeças e escondem os o que restou. O dinheiro estava na m ochila desse da

esquerda e, naturalm ente, nós o trouxem os para casa.

– Celulares?

– Peguei.

Assail com eçou a acender um charuto, m as não queria desperdiçar o sabor. Fechando os

sacos, levantou-se acim a da carnificina.

– Tem certeza de que não foram agressivos?

– Estavam m al preparados para se defenderem .

– Estar m al arm ado não significa que eles não estivessem lá para m atá-los.

– Por que levar o dinheiro?

– Eles podiam estar negociando em outro lugar.

– Com o j á disse, era a quantia correta e nem um centavo a m ais.

Abruptam ente, Assail gesticulou para que o seguissem para o interior da casa e, ah, que alívio

quando chegaram ao ar lim po. Com as telas descendo lentam ente sobre as j anelas de vidro, e

com o alvorecer se com pletando, ele foi para o bar, pegou um galão de Bouchard Père et Fils,

Montrachet, 2006 e estalou a rolha.

– Querem m e acom panhar?

– Sim , claro.

Na m esa redonda na cozinha, ele se sentou com três taças e a garrafa. Servindo os três, dividiu

o chardonnay com os dois sócios.

Porém , não lhes ofereceu seus cubanos. Eram valiosos dem ais.

Felizm ente, cigarros apareceram e todos se sentaram j untos, fum ando e saboreando goladas

sublim es da beira afiada do seu Baccarat.

– Nenhum a agressão por parte dos assassinos – m urm urou, inclinando a cabeça para trás para

baforar, a fum aça azulada se elevando sobre sua cabeça.

– E a quantia exata.

Depois de um m om ento, ele voltou a olhar para eles.

– Será possível que a Sociedade Redutora estej a tentando entrar no m eu ram o de negócios?

Xcor estava à luz de velas, sozinho.

O arm azém estava tranquilo, seus soldados ainda não tinham retornado, nenhum hum ano,

nenhum Som bra, nada cam inhava sobre ele. O ar estava frio; o m esm o com o concreto abaixo

dele. A escuridão o envolvia, a não ser pela fraca fonte de luz perto da qual ele estava sentado.

Algo no fundo de sua m ente lhe dizia que estava perigosam ente perto de am anhecer. Tam bém

havia outra coisa, algo de que ele deveria ter se lem brado.

Mas não havia a m ínim a chance de que algo transpusesse seu torpor.

Com os olhos fixos na única cham a diante dele, Xcor repassou os eventos da noite em sua

cabeça.

Dizer que ele encontrara a localização da Irm andade seria talvez aum entar um pouco a

verdade, m as não um a falácia com pleta. Seguira aquela Mercedes para o interior, quilôm etro

após quilôm etro, sem nenhum plano real do que deveria ou poderia fazer quando ela parasse…

quando, do nada, o sinal do sangue no corpo de sua Escolhida não só se perdeu, m as foi

totalm ente redirecionado, com o se um a bola lançada contra um m uro tivesse alterado

repentinam ente a sua traj etória.

Confuso, ele vasculhou os arredores, desm aterializando aqui, acolá, para cim a e para baixo e,

durante o tem po todo, um a sensação de horror se abatendo sobre ele. Recuando, ele se viu na

base de um a m ontanha, com seus contornos, m esm o sob o luar claro, registrados de m aneira

estranha, indistinta, pouco nítida.

O lugar em que eles ficavam só podia ser ali.

Talvez no alto da m ontanha. Talvez do outro lado.

Não havia outra explicação – afinal, a Irm andade vivia com o Rei para protegê-lo… portanto,

indubitavelm ente, eles tom ariam precauções do tipo que ninguém m ais conseguiria tom ar, ou

quem sabe, tivessem ao seu dispor tecnologias e provisões m ísticas que seriam , de outro m odo,

indisponíveis.

Em frenesi, ele circundou os arredores, dando a volta na base algum as vezes, pressentindo

nada além da refração do sinal dela e aquela sensação de horror. Sua conclusão era de que ela

deveria estar em algum lugar daquela im ensidão: ele teria pressentido se ela tivesse atravessado

para o outro lado, e seria razoável concluir que se tivesse ido para o seu tem plo

sagrado, até um

plano alternativo de existência, ou – que o destino não perm itisse – m orrido, aquele eco

ressonante dentro dele teria desaparecido.

A sua Escolhida estava ali em algum lugar.

Retornando para o arm azém , para o presente, para onde ele estava agora, Xcor esfregou as

palm as para frente e para trás lentam ente, o raspar dos calos interrom pendo a quietude. À

esquerda, no lim iar da luz de velas, suas arm as estavam dispostas lado a lado, as adagas, as

pistolas, e sua adorada foice cuidadosam ente organizadas ao lado de um a pilha confusa de roupas

de sair que ele retirara assim que escolhera aquele lugar específico no chão.

Concentrou-se na foice e esperou que ela lhe falasse: ela o fazia com frequência, com seus

m odos sedentos de sangue em com passo com a agressividade que fluía em suas veias e que

definia seus pensam entos e m otivava suas ações.

Aguardou que ela lhe dissesse para atacar a Irm andade onde eles ficavam . Onde as fêm eas

m oravam . Onde as crianças dorm iam .

O silêncio era preocupante.

De fato, sua chegada ao Novo Mundo fora baseada no desej o de ganhar poder, a expressão

m aior e m ais arroj ada desse desej o era tom ar o trono, portanto, naturalm ente, esse era o curso

que ele escolhera. E estava progredindo. A tentativa de assassinato no outono, que, sem som bra

de dúvida, lançara um a sentença de m orte sobre a sua cabeça e a dos seus soldados, fora um a

m edida tática que quase colocara um ponto final na guerra inteira antes m esm o de ela com eçar.

E seus esforços contínuos com Elan e com a *glymera* estavam prom ovendo seus obj etivos e

reforçando seu apoio dentro da aristocracia.

Mas aquilo que ele descobrira naquela noite…

Deuses, quase um ano de trabalho, sacrifício, planej am ento e com bate perdiam im portância

em com paração com a sua descoberta.

Se seu palpite estivesse correto – e com o não podia estar? –, tudo o que ele tinha de fazer era

m archar com seus soldados e com eçar um cerco assim que a noite caísse. A batalha seria épica,

e a Irm andade e o lar da Prim eira Fam ília seriam perm anentem ente com prom etidos,

independentem ente do resultado.

Seria um conflito digno dos livros de História – afinal, a prim eira vez em que a propriedade

real fora atingida foi quando o progenitor e a *mahmen* de Wrath foram assassinados antes da

transição dele.

A história se repetia.

E ele e seus soldados tinham um a séria vantagem em relação àqueles assassinos que, na

época, não possuíram : a Irm andade agora tinha m uitos m achos vinculados. Na verdade, ele

acreditava que todos eles estivessem vinculados, e isso dividiria as atenções e as lealdades dos

m achos com o nada m ais conseguiria fazer. Ainda que a diretriz principal deles com o guarda

pessoal do Rei fosse proteger Wrath, seus cernes estariam divididos, e m esm o o m ais forte dos

lutadores com as m elhores arm as estaria enfraquecido se suas prioridades estivessem em dois

lugares distintos.

Além disso, se Xcor ou um dos seus soldados conseguisse apanhar um a daquelas *shellans*, a

Irm andade esm oreceria, porque a outra coisa verdadeira a respeito deles era que a dor de um

dos Irm ãos era a própria agonia.

Só bastaria um a fêm ea de qualquer um deles, a arm a derradeira.

Ele sabia disso em sua alm a.

Sentado à luz da vela, Xcor esfregou a lâm ina da adaga na palm a de sua m ão, de um lado para

o outro, de um lado para o outro.

Um a fêm ea.

Era só disso que ele precisava.

E ele conseguiria não só reivindicar sua própria fêm ea… m as tam bém o trono.

CAPÍTULO 40

Qhuinn sabia que acabara de colocar Blay num a posição totalm ente inj usta.

Transa por pena, hein? Mas, ah, Deus, encarando aqueles olhos azuis, aqueles m alditos olhos

azuis sem fundo que estavam francos para ele do m esm o m odo que um dia estiveram … era só

no que conseguia pensar. E, sim , tecnicam ente era sexo em term os de onde ele queria suas

diversas partes – bem , um a m ais especificam ente. No entanto, havia m uito m ais do que apenas

isso.

Ele não sabia expressar em palavras; sim plesm ente não era bom em j untar as sílabas. Mas seu

desej o de conexão foi o que o levou ao beij o. Ele quis m ostrar a Blay o que estava querendo

dizer, do que ele precisava, por que aquilo era im portante: seu m undo inteiro parecia estar

desm oronando e a perda que acontecia na porta ao lado doeria por um bom tem po.

No entanto, estar com Blay , sentir o seu calor, fazer contato, era com o um a prom essa de cura.

Mesm o se durasse apenas o tem po em que estivessem ali naquela sala, ele aceitaria, e guardaria

aquilo para si… para relem brar quando precisasse.

– Por favor – sussurrou.

Só que ele não deu chance para o cara responder. Sua língua saiu sorrateira e lam beu aquela

boca, escorregando para dentro, assum indo o controle.

E a resposta de Blay foi o m odo com o ele se perm itiu ser em purrado para trás nas alm ofadas

do sofá.

Qhuinn teve dois pensam entos vagos: um , a porta só estava fechada, não trancada – e ele

cuidou disso desej ando que a trava de latão ficasse no lugar certo. E o segundo pensam ento

m om entâneo era que eles não poderiam destruir aquele lugar. Explodir tudo em seu quarto era

um a coisa. A sala de estar era propriedade pública, e m uito bem decorada, com as alm ofadas de

seda e as cortinas luxuosas, e um m onte de outras coisas que pareciam facilm ente rasgáveis,

am assáveis, Deus, m ancháveis…

Além disso, ele j á destruíra seu Hum m er, acabara com o j ardim e sacudira o quarto. Portanto,

sua cota de Destruidor j á ultrapassara, e m uito, o calendário anual…

Naturalm ente, a solução m ais prática para não dar nenhum a preocupação adicional a Fritz

seria percorrer o corredor rapidam ente até o seu quarto, m as enquanto as m ãos talentosas de

Blay estavam na frente do quadril de Qhuinn, j á abaixando seu zíper, ele lançou essa ideia

brilhante no cesto de lixo.

– Ai, Deus, toque-m e – gem eu, em purrando a pélvis para a frente.

Ele só teria de ser com portado e bem lim pinho com aquilo.

Presum indo que isso fosse possível.

Quando a palm a de Blay se enfiou em sua calça de couro, o corpo de Qhuinn se arqueou, o

torso curvando-se para trás enquanto o outro iniciava os trabalhos. O ângulo estava m eio errado,

por isso não havia m uita fricção, e suas bolas estavam sendo beliscadas pela costura da calça,

m as santo inferno, ele não se im portava. O fato de que aquele era Blay bastava.

Cacete, depois de anos de chupadas, punhetas e transas, aquela parecia a prim eira vez que

alguém tocava nele.

Ele precisava retribuir o favor.

Entrando em ação, elevou o peito e aproxim ou os rostos. Caram ba, ele adorava a expressão

daqueles olhos azuis enquanto Blay o encarava, quente, selvagem , sensual.

Com tesão.

Qhuinn o segurou com força e aproxim ou as bocas, agarrando-se àqueles lábios, lançando a

língua, tom ando tudo com o um desvairado…

– Espere, espere – Blay retrocedeu. – Vam os quebrar o sofá.

– O quê…? – o cara parecia estar falando inglês, m as pro inferno se ele conseguia traduzir. –

Sofá?

E então ele percebeu que em purrara tanto Blay no braço do m óvel, que a coisa estava

com eçando a se inclinar. Que era m ais do que duzentos quilos de sexo poderiam fazer em um a

peça de m obília.

– Ai, m erda, desculpe.

Ele estava com eçando a recuar quando Blay assum iu o controle e Qhuinn, de repente, viu-se

fora do sofá, de costas no chão, as pernas unidas, as calças sendo em purradas para os tornozelos.

Ideia. Genial.

Graças ao fato de ele não usar cuecas, seu pau estava todo exposto, grosso e tenso, ao ser

lançado para cim a, dolorido e inchado por sobre a barriga. Abaixando a m ão, ele deu um as

puxadas enquanto Blay arrancava seus coturnos que estavam atrapalhando, largando-os de lado.

As calças foram as próxim as a darem adeus, e, com Deus com o testem unha, Qhuinn nunca

antes ficou tão contente em ver um par de couro voar por cim a do om bro em toda a sua vida.

Em seguida, Blay voltou ao trabalho.

Qhuinn teve que fechar os olhos quando sentiu as coxas sendo afastadas e um par de m ãos de

lutador puxar o interior de suas pernas. Im ediatam ente ele soltou a ereção, afinal, porque ter a

palm a atrapalhando quando Blay poderia…

Não foram as m ãos do cara que o seguraram .

Foi a boca quente e úm ida que Qhuinn beij ara pra cacete pouco antes.

Por um a fração de segundo, enquanto a sucção abocanhava a ponta e o m astro, ele teve o

pensam ento m aldito de que Saxton ensinara Blay a fazer aquilo: seu m aldito prim o fizera aquilo

com o cara, e fizera com que ele…

Pare, ordenou-se. Quaisquer lições aprendidas e a história por detrás delas não im portavam ,

era a sua ereção que recebia atenção naquele instante. Por isso, que se dane essa m erda.

Para deixar isso bem claro, forçou seus olhos a se abrirem . Inferno… do céu…

A cabeça de Blay subia e descia em seus quadris, o punho segurava a base do

pau de Qhuinn,

a outra m ão se ocupava com as bolas. Mas então, com o se estivesse esperando por contato visual,

o cara parou no alto, libertou a cabeça e lam beu os lábios.

– Eu não gostaria que você fizesse um a lam bança nesta linda sala – Blay disse com fala

arrastada.

E então, estendeu a ponta da língua para açoitar o piercing no pênis de Qhuinn, a carne rosada

brincando com a argola cinza de m etal e a bolinha…

– Caralho. Vou gozar agora – grunhiu Qhuinn, com um a onda fervente se avolum ando. – Eu

vou…

Ele estava im potente para deter as coisas, m uito m ais até do que alguém que tivesse se lançado de um precipício e que, depois de m etros de queda livre, quisesse desistir.

Só que ele não queria pisar no freio.

E não pisou.

Com um rugido potente, que provavelm ente foi ouvido em outros lugares, a espinha de Qhuinn

se afastou do chão, o traseiro ficou rígido, as bolas explodiram , a excitação esguichando com

força na boca de Blay . E não foi só o seu sexo que foi afetado. O orgasm o o atingiu em todo o

corpo, um a energia latente em ergindo por ele enquanto cravava as unhas no tapete em que

estava deitado, os dentes cerrados… e gozando com o um anim al selvagem .

Felizm ente, Blay se m ostrou m ais do que eficiente na lim peza. E se isso não o fez gozar ainda

m ais… Tam bém lhe deu m uito para o que olhar: pelo resto dos seus dias, Qhuinn j am ais se

esqueceria da visão da boca do m acho o envolvendo, as bochechas sugando enquanto ele

libertava seu gozo e ele absorvia tudo. De novo e de novo e de novo.

Norm alm ente, Qhuinn ficava pronto para outra em seguida, m as quando as ondas tum ultuadas

finalm ente se quebraram sobre ele, ele ficou com pletam ente inerte, os braços largados no chão,

os j oelhos m oles, a cabeça pensa.

– Não consigo m e m exer – m urm urou.

O riso de Blay foi profundo e sensual.

– Você parece um pouco cansado.

– Posso retribuir o favor?

– Você consegue levantar a cabeça?

– Ela ainda está grudada no m eu corpo?

– Pelo que vej o, sim , está.

Enquanto Blay ria de novo, Qhuinn soube o que queria fazer e isso o surpreendeu. Em todas as

suas explorações sexuais, ele nunca se perm itiu ser enrabado. Não era assim que as coisas

aconteciam . Ele era o conquistador, o que tom ava, o que estabelecia o controle e conservava a

superioridade.

Ficar por baixo sim plesm ente não o interessava.

E agora era o que queria.

O único problem a era que, literalm ente, não conseguia se m exer. Ah, sim , e havia um a

coisinha a m ais: com o contar a Blay que ele era virgem ?

Porque ele desej ava. Se um dia chegasse àquilo, ele queria que Blay soubesse. Por algum

m otivo, isso era im portante.

De repente, o rosto de Blay apareceu em seu cam po de visão, e, Deus, com o o lutador era

lindo, o rosto afogueado, os olhos reluzentes, aqueles om bros largos bloqueando tudo.

E, ah, sim , aquele sorriso sexy com o o inferno, tão satisfeito consigo e autossuficiente, com o se

o fato de Blay ter provocado tanto prazer em alguém fosse o bastante para que ele não precisasse

do próprio alívio.

Mas isso não seria j usto, seria?

– Não acho que você vai voltar a se m exer tão cedo – com entou Blay .

– Talvez. Mas posso abrir a boca – foi a resposta m isteriosa. – Tanto quanto você.

Certo, tudo bem , a ideia de que provocava um orgasm o daquele em Qhuinn foi

tão ratificadora

que Blay se esquecera por com pleto do seu corpo.

A questão era que após tantos anos de rej eição, era um a em oção sem igual sentir poder em

relação ao cara, ser aquele quem com andava o ritm o… a pessoa que levava Qhuinn a um lugar

vulnerável e erótico m uito m ais intenso do que qualquer outro antes. E foi isso o que aconteceu.

Ele sabia exatam ente com o Qhuinn ficava e com o soava quando gozava, e Blay podia afirm ar,

sem nenhum traço de dúvida, que ele j am ais vira seu cam arada tão prostrado com o agora,

largado no tapete, os m úsculos do pescoço esticados, os abdom inais contraídos, os quadris

bom beando com força.

Qhuinn gozara praticam ente vinte m inutos direto.

E agora, no pós-coito, um a estranha revelação: até aquele instante, Blay j am ais reconhecera o

cinism o que Qhuinn carregava no rosto o tem po inteiro… as sobrancelhas caídas, o canto da boca

perpetuam ente repuxado para cim a… o m axilar nunca, j am ais relaxado.

Era com o se toda a torpeza que a fam ília lhe fizera tivesse perm anentem ente esculpido suas

feições.

Mas não era verdade, não é m esm o? Durante o orgasm o, e agora, enquanto as coisas se

acalm avam , nada daquela tensão era visível em lugar algum . O rosto de Qhuinn estava… livre

de toda reserva, parecendo tão m ais j ovem , e Blay teve que se perguntar por que nunca

percebera a idade dele antes.

– Então, vai m e dar algo para eu chupar enquanto m e recupero? – Qhuinn perguntou.

– O quê…?

– Estou com sede. E preciso chupar algum a coisa – dito isso, Qhuinn m ordeu o lábio inferior,

as presas brancas brilhantes afundando na pele. – Vai m e aj udar?

Os olhos de Blay reviraram em suas órbitas.

– É… acho que posso fazer isso.

– Então m e deixe tirar suas calças.

As pernas de Blay se levantaram com tanta rapidez que ele teve um insight novo sobre as leis

da física, e enquanto ele chutava os sapatos, as m ãos trem iam ao desabotoar a calça. As coisas

foram bem rápidas a partir dali. E durante o tem po todo em que se despia, ele estava

absolutam ente ciente de tudo o que havia na sala – especialm ente Qhuinn. O m acho estava

ficando rígido novam ente, o sexo engrossando apesar de tudo pelo que acabara de passar… as

coxas pesadas se contraindo e a pélvis rolando… a parte baixa do tronco tão delgada que cada

sutil m udança do torso era refletida na pele esticada e bronzeada.

– Isso aí… – Qhuinn sibilou, as presas se estendendo do m axilar superior, as m ãos procurando,

e encontrando, o sexo, apalpando-o em m ovim entos longos e lentos. – Isso m esm o.

A respiração de Blay com eçou a acelerar, os batim entos cardíacos subindo até o telhado

enquanto os olhos descom binados de Qhuinn se prendiam ao seu sexo.

– É isso o que eu quero – o m acho grunhiu, soltando-se e esticando as duas m ãos.

Por um a fração de segundo, Blay não teve m uita certeza com o as partes trabalhariam . Qhuinn

estava diante do sofá, paralelo ao m óvel, por isso não havia m uito espaço para…

Um grunhido sutil perpassou o ar enquanto Qhuinn flexionava os dedos com o se m al

conseguisse esperar para segurar aquilo que desej ava.

O planej am ento que fosse para o inferno.

Os j oelhos de Blay atenderam ao cham ado, dobrando para a frente, levando seu peso ao chão

perto da cabeça de Qhuinn.

Qhuinn assum iu o controle a partir daí. As palm as escorregaram e se prenderam , atraindo

Blay de m odo que, sem nem se dar conta, ele tinha um j oelho atrás da cabeça do cara e a outra

perna estendida ao longo do corpo até o quadril de Qhuinn.

– Ai… cacete… – Blay gem eu ao sentir o sexo entrar entre os lábios de Qhuinn.

O corpo pendeu para a frente até ele acabar derram ando o torso nas alm ofadas do sofá, e foi

nesse m om ento que ele se viu com um a excelente alavancagem . Apoiando os braços no sofá,

distribuiu o peso entre os j oelhos, os pés e as palm as… e depois se pôs a foder a boca adorável de

Qhuinn.

O cara aceitou tudo, m esm o quando os quadris descontrolados de Blay em purraram com tudo

o que ele tinha.

Com os dedos de Qhuinn cravados em seu traseiro, e aquela incrível sucção, e… Cristo, o

piercing da língua, com a bolinha resvalando seu m astro a cada estocada… Blay estava se

dirigindo exatam ente para o m esm o tipo de orgasm o que Qhuinn acabara de ter.

Mesm o assim , no fundo da sua m ente, ele se questionava se não estava m achucando o cara.

Do j eito com o as coisas seguiam , ele acabaria gozando no estôm ago dele.

Tarde dem ais para se preocupar com isso.

Seu corpo assum iu, enrij ecendo num a série de espasm os torturantes que corriam do alto da

coluna até as pernas.

E bem quando as sensações descontroladas estavam com eçando a dim inuir, o m undo entortou

ao seu redor, com o se seu senso de equilíbrio tivesse explodido j unto de seu…

Não, o m undo estava no lugar. Qhuinn acabara de se levantar do chão, saindo de baixo e se

posicionando atrás…

Enquanto Qhuinn penetrava com um a estocada na velocidade da luz, Blay em itiu um gem ido

que com certeza seria ouvido no Canadá…

O rangido que se fez ouvir na sala o deixou intrigado, m esm o em m eio à pressão e ao prazer.

Ah. Eles estavam em purrando o sofá.

Que sej a. Ele com praria um novo para a casa se quebrassem a m aldita porcaria; ele *não* iria

parar.

O ritm o foi tão punitivo quanto fora o seu e, nesse caso, a revanche não era só o que ele

m erecia, m as exatam ente o que ele queria. A cada estocada, seu rosto era em purrado contra as

alm ofadas do sofá; a cada recuada, ele respirava; só para ser em purrado novam ente, num

círculo que recom eçava sem pre.

Reposicionando as pernas para que Qhuinn alcançasse ainda m ais fundo, Blay teve a vaga

noção de que eles, definitivam ente, m udavam o sofá de posição, m as quem é que se im portava

com isso, contanto que eles não acabassem no corredor?

No últim o instante, pouco antes de ele gozar, teve a presença de espírito de pegar as calças.

Puxando as cuecas, ele…

A m ão de Qhuinn se esticou, apanhou a Calvin Klein e fez o que era preciso, garantindo que

houvesse algo para conter o seu gozo. Então, um instante depois, seu peito se deslocou do sofá e

ele estava ereto sobre os j oelhos. Qhuinn cuidou de tudo, segurando o pau de Blay enquanto

cobria a cabeça – penetrando, ainda penetrando, sem pre penetrando…

Gozaram ao m esm o tem po, dois pares de gritos ecoando pela sala.

No m eio do orgasm o, Blay , sem querer, levantou o olhar. No enorm e espelho antigo que

estava pendurado entre as duas j anelas do lado oposto, ele viu os dois, soube que estavam

ligados… e isso o fez gozar novam ente.

No fim , as investidas desaceleraram . Os batim entos cardíacos com eçaram a dim inuir. As

respirações foram se acalm ando.

No vidro chum bado, ele viu Qhuinn fechar os olhos e abaixar a cabeça. Na lateral do seu

pescoço, Blay sentiu um resvalar suave.

Os lábios de Qhuinn.

E então a m ão livre do m acho subiu, parando para afagar Blay no peitoral…

Qhuinn congelou. Recuou. Afastou os lábios, seu toque.

– Desculpe. Desculpe, eu… sei que não quer isso de m im .

A m udança no rosto do cara, o regresso ao cinism o costum eiro, era com o ser roubado.

E m esm o assim Blay não podia dizer a ele que voltasse a se aproxim ar. Qhuinn estava certo;

no instante em que a ternura aparecia, ele com eçava a entrar em pânico.

A retirada foi rápida, rápida dem ais, e Blay sentiu falta da sensação de estar com pleto e de ser

possuído. Mas *estava* na hora de acabar com aquilo.

Qhuinn pigarreou.

– Hum … você quer que eu…

– Cuido disso – m urm urou Blay , substituindo a m ão de Qhuinn sobre as cuecas am assadas em

seu quadril.

Durante o sexo, o silêncio na sala equivalia à privacidade. Agora, eram apenas os sons

am plificados de Qhuinn subindo as calças de couro.

Droga.

Voltavam ao caos e à confusão. E enquanto as coisas aconteciam , as sensações eram tão

intensas e esm agadoras que não houve nenhum pensam ento além do sexo. Depois, porém , o

corpo de Blay estava frio dem ais no am biente clim atizado, diferentes partes pulsavam por terem

sido usadas, as pernas estavam m oles e cam baleantes, a m ente, enevoada…

Nada parecia seguro ou garantido. Nem um pouco.

Forçando-se a se vestir, colocou as roupas o m ais rápido que conseguiu, inclusive os sapatos.

Nesse m eio-tem po, foi Qhuinn quem devolveu o sofá ao seu lugar, cuidadosam ente colocando os

pés nas m arcas do tapete. Tam bém aj eitara as alm ofadas. Endireitara o tapete oriental.

Foi com o se nada tivesse acontecido. A não ser pelas cuecas de Blay am assadas em sua m ão

fechada.

– Obrigado – disse Qhuinn baixinho. – Eu, hum …

– Tudo bem .

– Então… acho que eu vou agora.

– Ok.

E foi isso.

Bem , além de a porta se fechar.

Deixado a sós, Blay resolveu que precisava de um a chuveirada. Mais com ida. Dorm ir.

Em vez disso tudo, ele ficou na sala de estar do segundo andar, olhando para aquele espelho,

lem brando-se do que vira nele. Em sua m ente, teve a vaga noção de que eles não podiam

continuar fazendo aquilo. Em ocionalm ente, não era seguro para ele; na verdade, era o

equivalente a m anter a palm a da m ão sobre um a cham a um a vez após a

outra, só que a cada vez que você voltava a colocar a m ão, você dim inuía a distância entre a sua carne e o calor. Cedo ou

tarde? Queim aduras de terceiro grau seriam o m enor dos seus problem as, porque o braço inteiro

estaria em cham as.

Depois de um tem po, contudo, não ficou só pensando naquela coisa de autopreservação.

Mas sim no que dera início àquilo tudo.

Faz isso parar.

Blay passou a m ão pelo cabelo. Depois olhou para a porta fechada e franziu o cenho, a m ente

trabalhando, trabalhando, trabalhando…

Um m inuto depois, saiu apressado, andando rapidam ente.

Antes de partir num trote.

E acabar correndo com o um louco.

CAPÍTULO 41

Eram m ais ou m enos dez da m anhã quando Trez seguiu para o Restaurante Sal’s. O traj eto do

apartam ento no Com m odore para o belo estabelecim ento do irm ão não dem orou, levando

apenas dez m inutos, e havia diversos espaços disponíveis para estacionar quando ele chegou lá.

De fato, o lugar não abria antes da um a da tarde, nem m esm o para o pessoal da cozinha iniciar

a preparação.

Enquanto se encam inhava para a entrada, suas botas esm agando a neve, ele esperou que o

código de abertura pelo lado externo não funcionasse: iAm não voltara para casa na noite

anterior e, supondo que os cretinos do s'Hisbe não o tivessem levado em bora com o dano

colateral, só havia um lugar em que seu irm ão poderia estar. Depois de dois bules de café e

m uitas consultas ao relógio de pulso, Trez entendeu que, se queria fazer as pazes, ele teria de

atravessar a cidade.

Legal. A com binação não fora m udada.

Ainda.

Do lado de dentro, o lugar parecia um a réplica do Rat Pack, num a interpretação m oderna de

um a era que gerara tipos com o Peter Lawford e Frank Sinatra: um a entrada com papel de

parede de algodão preto e verm elho o levava até a recepção, onde a chapelaria, a m esinha retrô

da recepcionista e o caixa ficavam . À esquerda e tam bém à direita, estavam os dois salões

principais, am bos decorados em veludo e couro preto e verm elho, m as não eram onde os

políticos e os endinheirados locais ficavam . O lugar predileto era o bar m ais à frente, um salão

com painéis de m adeira que tinha bancos estofados quadrados de couro verm

elho perto das

paredes e, durante o expediente, um barm an de sm oking atrás de um a bancada de carvalho

servindo nada que não fosse o m elhor.

Atravessando a extensão do bar, Trez seguiu para o outro lado das cinco prateleiras de garrafas

à m ostra e passou pelas portas em vaivém . Ao entrar na cozinha, o cheiro de m anj ericão, cebola,

orégano e vinho tinto lhe denunciou exatam ente onde iAm estava.

Com o esperado, o cara estava diante do enorm e fogão industrial de dezesseis bocas na parede

oposta, com cinco panelas im ensas borbulhando diante dele – e você gostaria de apostar que

tam bém havia algum a coisa no forno? Nesse m eio-tem po, tábuas de m adeira de corte estavam

enfileiradas nas bancadas de aço inoxidável, as cabeças m ortas de diferentes tipos de pim então

deixadas ao lado das facas afiadas que foram usadas.

Dez pratas para adivinhar em quem o cara estava pensando enquanto picava aquilo tudo.

– Vai ou não falar com igo? – Trez disse para as costas do irm ão.

iAm seguiu para a panela seguinte, levantando a tam pa com um pano de prato branco, um a

im ensa escum adeira entrando e m exendo lentam ente.

Trez se inclinou para o lado e puxou um banquinho de aço inoxidável. Sentando-se, esfregou as

coxas para cim a e para baixo.

– Oi? Alguém aí?

iAm foi para a panela seguinte. E depois a outra. Cada um a delas tinha um a colher diferente

para evitar a m istura de sabores, e seu irm ão tom ava m uito cuidado com isso.

– Escute, eu sinto m uito se não estava quando você foi à boate ontem à noite – todas as noites,

iAm ia para o Iron Mask para dar um a olhada depois que o Sal's fechava. – Tive que cuidar de

uns assuntos.

Merda, se teve. A garota do nam orado grosseiro levou um a eternidade para sair do seu carro

quando ele a levou para a casa dela. No fim , ele a acom panhou até a porta, abriu e só faltou

em purrá-la para dentro. De volta ao carro, ele acelerou com o se tivesse plantado um a bom ba na

calçada e, enquanto seguia para o Iron Mask, tudo o que ouvia em sua cabeça era a voz de iAm .

Você não pode continuar a fazer isso.

A essa altura, iAm se virou, cruzou os braços sobre o peito e se recostou ao fogão. Os bíceps j á

eram grandes, m as com os braços cruzados daquele j eito, forçavam a borda da cam iseta preta

que ele vestia.

Os olhos am endoados estavam sem icerrados.

– Você acha m esm o que eu estou bravo porque você não estava quando fui ao clube? Sério? E

não por que você m e deixou para lidar com AnsLai ou qualquer asneira do tipo…

Eeeee estavam todos a postos.

– Sabe que não posso m e encontrar com o cara – Trez levantou as m ãos com o se quisesse

dizer que não havia nada que ele pudesse fazer. – Eles tentariam m e forçar a voltar com eles e,

então, quais seriam as m inhas opções? Brigar? Eu acabaria lutando com o filho da puta e onde eu

iria parar com isso?

iAm esfregou os olhos com o se estivesse com dor de cabeça.

– Neste instante, parece que eles estão tom ando um a abordagem diplom ática. Pelo m enos

com igo.

– Quando vão voltar?

– Não sei. É isso o que está m e deixando nervoso.

Trez enrij eceu. A ideia de que seu irm ão frio com o peixe estivesse ansioso o fez sentir com o

se estivesse com um a faca no pescoço.

Pensando bem , ele sabia m uito bem o quanto o seu povo podia ser perigoso. O s’Hisbe era

conhecido com o um a tribo pacífica, satisfeita em se m anter ao largo das lutas contra a Sociedade

Redutora e dos desagradáveis hum anos. Educados, m uito inteligentes e espirituais, eles eram ,

com o um todo, um grupo agradável. Desde que você não estivesse na lista negra deles.

Trez olhou para as panelas e se perguntou qual seria a carne no m olho.

– Ainda estou em débito com Rehv – ele observou. – Portanto, essa obrigação deve vir em

prim eiro lugar.

– Não para o s'Hisbe. AnsLai disse, e vou citar suas palavras: "Chegou a hora".

– Não vou voltar – ele fitou os olhos do irm ão. – Isso não vai acontecer.

iAm voltou para as panelas, m exendo em cada um a com a colher designada.

– Sei disso. E é por isso que estou cozinhando. Estou tentando encontrar um a saída.

Deus, com o ele am ava o irm ão. Mesm o irritado, o cara tentava aj udar.

– Desculpe-m e por ter desaparecido e ter feito você cuidar disso. Sinto m uito m esm o. Não foi

j usto… Eu só… bem , não achei seguro estar no m esm o côm odo que aquele cara. *Sinto muito*.

O peito largo de iAm subiu e desceu.

– Sei que sente.

– Eu poderia sim plesm ente desaparecer e o problem a estaria resolvido.

Ainda que deixar iAm para trás o m atasse. A questão era que, caso ele fugisse do s'Hisbe, ele

j am ais teria contato com o m acho novam ente. Nunca m ais.

– Para onde você iria? – iAm observou.

– Não faço ideia.

A boa notícia é que o s'Hisbe não gostava de ter nenhum contato com os Desconhecidos. Sem

dúvida, só aparecer no apartam ento dele e de iAm fora traum ático, m esm o se o sum o sacerdote

tivesse se desm aterializado até a varanda. Lidar diretam ente com hum anos? Estar ao lado deles?

A cabeça de AnsLai explodiria.

– Então, qual era o seu assunto? – perguntou iAm .

Maravilha. Mais um assunto igualm ente feliz.

– Fui ver aquele arm azém – ele desviou. Mas, cacete, até parece que ele tocaria no assunto da

garota com o nam orado espontaneam ente.

– A um a da m anhã?

– Fiz um a oferta.

– De quanto?

– Um m ilhão e quatrocentos. O preço pedido era de dois m ilhões e m eio, m as não vão

conseguir esse m ontante de j eito nenhum . O lugar está vazio há anos e dem onstra isso – em bora,

ao dizer isso em voz alta, ele teve que adm itir que sentira presenças lá. Pensando bem , talvez

fosse apenas o seu estresse o responsável por isso. – Meu palpite é que vão dar um a contraoferta

de dois m ilhões, eu subo para um e seiscentos e acabam os acordando em um e setecentos.

– Tem certeza de que quer iniciar esse proj eto agora? A m enos que apareça no território com

o seu m astro m atrim onial pronto para ser usado, esta questão com o s'Hisbe só vai piorar.

– Se as coisas chegarem a esse ponto, eu cuido disso na hora certa.

– Quando – iAm o corrigiu. – A questão é "quando". E sei o que aconteceu no estacionam ento,

Trez. Com aquele cara e a m ulher.

Claaaaro que sim .

– Viu as fitas ou algo assim ?

Maldita câm era de segurança.

– Sim .

– Eu cuidei daquilo.

– Assim com o está cuidando do s'Hisbe. Perfeito.

Com o hum or afetado, Trez se inclinou.

– Quer calçar os m eus sapatos, irm ãozinho? Eu bem que gostaria de saber com o você lidaria

com essa m erda toda.

– Eu não estaria fodendo putas, isso eu garanto. O que m e faz pensar… o nosso corretor é um a

fêm ea, não?

– Foda-se, iAm . De verdade.

Trez se levantou do banquinho e m archou para fora da cozinha. Ele j á tinha problem as

suficientes, pelo am or de Deus, não precisava do senhor Superior com habilidades de Julia Child

palpitando sobre o assunto com doze tipos de panelas…

– Você não pode continuar postergando esse assunto – iAm cham ou de lá de trás. – Ou

tentando enterrá-lo entre as pernas das m ulheres.

Trez parou, m as m anteve o olhar fixo na saída.

– Sim plesm ente não pode – o irm ão afirm ou com franqueza.

Trez girou. iAm estava perto do bar, a porta em vaivém m exendo atrás dele form ando um

efeito de estroboscópio de luz, escuro, luz, escuro. Toda vez que a luz surgia, parecia que seu

irm ão tinha um halo ao redor de todo o corpo.

Trez praguej ou.

– Só preciso que m e deixem em paz.

– Eu sei – iAm esfregou a cabeça. – E, honestam ente, não sei que porra fazer a respeito. Não

consigo m e im aginar vivendo sem você, e tam bém não quero voltar para lá. Só que tam bém não

encontrei alternativas.

– Aquelas m ulheres… sabe, as que eu… – Trez hesitou. – Não acha que elas m e excitam ?

– Se elas não fazem isso – iAm disse secam ente –, não sei porque perde tem po

com elas.

Trez teve que dar um sorriso.

– Não, estou falando do s’Hisbe. Estou bem longe de ser virgem a esta altura – pelo m enos ele

ainda não se rebaixara a anim ais de fazenda. – E o que é pior? Todas eram Desconhecidos, a

m aioria hum anas. Isso deve enoj á-los. Estam os falando da filha da rainha!

Enquanto iAm franzia o cenho com o se estivesse considerando a ideia, Trez sentiu um a

centelha de esperança.

– Não sei, não – veio a resposta. – Talvez isso funcione, m as ainda assim você negou a Sua

Alteza o que ela quer e precisa. Se eles o considerarem desonrado, podem m uito bem decidir

m atá-lo com o castigo.

Que sej a. Eles teriam que encontrá-lo prim eiro.

Num a onda de agressão, Trez abaixou o queixo e olhou fixo por debaixo das sobrancelhas.

– Se esse for o caso, eles vão ter que lutar com igo. E eu garanto que isso não vai acabar bem

para eles.

Na m ansão da Irm andade, Wrath entendeu que sua rainha estava aborrecida no instante em

que ela passou pelas portas do escritório. Seu cheiro atraente estava m aculado por um a pontada

de acidez: ansiedade.

– O que foi, *leelan*? – ele quis saber, estendendo os braços.

Mesm o não enxergando, suas lem branças lhe davam um a im agem m ental dela cruzando o

tapete Aubusson, com o corpo longo e atlético se m ovendo com graciosidade, os cabelos escuros

soltos sobre os om bros, o lindo rosto m arcado por tensão.

Naturalm ente, o m acho vinculado dentro dele desej ou perseguir e m atar o que quer que a

tivesse perturbado.

– Olá, George – disse ela ao cão. Pelo barulho de batidas ritm adas no chão, ele supôs que o

cachorro tivesse recebido um a dose de am or antes.

E então foi a vez do dono.

Beth subiu no colo de Wrath, o peso próxim o de nada, o corpo quente e vivo enquanto ele

passava os braços ao seu redor e a beij ava nas laterais do pescoço e depois na boca.

– Jesus – grunhiu ele, sentindo a rigidez no corpo dela –, você está aborrecida m esm o. Que

m erda está acontecendo?

Deus do céu, ela estava trem endo. Sua rainha estava, de fato, trem endo.

– Fale com igo, *leelan* – insistiu, esfregando-lhe as costas. E se preparando para se arm ar e sair em plena luz do sol se preciso fosse.

– Bem , você sabe sobre Lay la – disse ela com voz rouca.

Ahhhh.

– Sim , sei. Phury m e contou.

Enquanto a cabeça dela se posicionava em seu om bro, ele a aj eitou, aninhando-a em seu peito

– e isso era bom . Havia vezes – não m uitas, m as ocasionais – em que ele se sentia m enos m acho

por conta de sua falta de visão: no passado, um lutador, agora, preso atrás daquela m esa. Um dia

livre para ir aonde bem quisesse, agora, dependendo de um navegador canino. Certa vez

absolutam ente autossuficiente, agora, precisando de aj uda.

Não m uito bom para os colhões de um m acho.

Mas em m om entos com o aquele, quando aquela fêm ea m aravilhosa estava incom odada e o

procurava, e som ente a ele, para conforto e segurança, ele se sentia m ais forte que um a m aldita

m ontanha. Afinal, m achos vinculados protegiam suas fêm eas com tudo o que tinham , e m esm o

com o fardo do seu direito de nascim ento e aquele trono em que era obrigado a se sentar, ele, em

seu cerne, perm anecia o *hellren* daquela fêm ea.

Ela era a sua prim eira prioridade, acim a inclusive daquela coisa toda de reinado. A sua Beth

era o seu coração atrás das costelas, o tutano dentro de seus ossos, a alm a em seu corpo físico.

– É tudo tão triste – disse ela. – Tão triste.

– Você foi vê-la?

– Acabei de ir. Ela está descansando. Quero dizer… de certa form a, custo a acreditar que não

haj a nada a ser feito.

– Falou com a doutora Jane?

– Assim que eles voltaram da clínica.

Enquanto a sua *shellan* chorava um pouco, o cheiro das lágrim as frescas de sua am ada era

com o um a adaga em seu peito, e ele não estava surpreso com a reação dela. Ouvira dizer que as

fêm eas lidavam m uito m al com a perda da gravidez de outra fêm ea – e com o não ser assim ?

Ele, por certo, conseguia se colocar no lugar de Qhuinn.

E, ah, Deus… a ideia de Beth sofrer daquele m odo? Ou pior, de conseguir levar adiante a

gestação e depois…

Ótim o. Agora era ele quem trem ia.

Wrath abaixou o rosto para os cabelos de Beth, inspirando, acalm ando-se. A boa notícia era

que eles j am ais teriam um filho, portanto, ele não tinha com que se preocupar.

– Eu sinto m uito – sussurrou.

– Eu tam bém . Odeio o que eles estão passando.

Bem , na verdade, ele estava se desculpando por outra coisa com pletam ente diferente.

Não que ele quisesse que um a m erda daquelas acontecesse com Qhuinn, Lay la e o filho deles.

Mas talvez se Beth enxergasse a triste realidade, ela se lem braria de todos os riscos que se

apresentavam a eles em todas as etapas de um a gestação.

Porra. Aquilo soava horrível. *Era* horrível. Pelo am or de Deus, ele não queria m esm o nada

daquilo para Qhuinn, e tam pouco queria ver sua *shellan* triste. Infelizm ente, porém , a triste

realidade era que ele não tinha absolutam ente interesse algum em plantar sua sem ente nela

daquele j eito – *jamais*.

E esse tipo de desespero fazia com que um cara pensasse em coisas im perdoáveis.

Num a onda de paranoia, ele calculou m entalm ente os anos desde a transição dela – um pouco

m ais do que dois. Pelo que sabia, as fêm eas vam piras, em m édia, passavam pelo prim eiro cio

uns cinco anos após a transform ação, e a cada dez anos depois disso. Portanto, eles tinham um

bom tem po antes de terem de se preocupar com tudo isso…

Pensando bem , com o m estiça, não havia garantias no caso de Beth. Quando os hum anos e os

vam piros se m isturavam , qualquer coisa podia acontecer… E ele tinha m otivos para se

preocupar. Afinal, ela j á m encionara filhos um a ou duas vezes.

Mas, obviam ente, aquilo só podia ser hipoteticam ente.

– E então, você vai postergar a iniciação de Qhuinn? – ela perguntou.

– Sim . Saxton j á atualizou a lei, m as Lay la estando assim ? Não é o m om ento de trazê-lo para a

Irm andade.

– Foi o que pensei.

Os dois se calaram , e enquanto Wrath guardava aquele m om ento em seu coração, não

conseguiu im aginar sua vida sem ela.

– Sabe de um a coisa? – perguntou.

– O quê? – havia um sorriso na voz dela, do tipo que dizia a ele que ela sabia para onde a

conversa estava indo.

– Eu am o você m ais do que tudo.

Sua rainha deu um a leve risada, e o afagou no rosto.

– Eu j am ais teria im aginado isso.

Inferno, até ele captava a onda de seu odor de vinculação.

Em resposta, Wrath segurou o rosto dela entre as palm as e se inclinou, encontrando seus lábios

e depositando um beij o suave, que não perm aneceu assim . Caram ba, era sem pre assim com ela.

Qualquer contato e, antes que se desse conta, j á estava rígido e pronto.

Deus, não sabia com o os hom ens hum anos lidavam com isso. Pelo que entendia, eles tinham

de adivinhar se seus pares estavam férteis toda vez que faziam sexo – evidentem ente, eles não

tinham com o captar a alteração nos odores de suas fêm eas.

Ele enlouqueceria. Pelo m enos quando um a vam pira estava no cio, todos sabiam .

Beth m udou de posição em seu colo, apertando a sua ereção e fazendo-o gem er. E,

norm alm ente, essa era a dica para George ser levado para o outro lado das portas duplas, banido

tem porariam ente. Mas não naquela noite. Por m ais que Wrath a desej asse, a tristeza presente na

casa aplacava até m esm o a sua libido.

E tam bém havia a questão do cio de Autum n. E de Lay la.

Ele não iria m entir; aquela m erda o estava deixando ansioso. Sabia-se que horm ônios no ar

tinham um efeito ricochete num a casa cheia de fêm eas, influenciando um as às outras ao cio,

desde que seu período estivesse próxim o.

Wrath afagou os cabelos de Beth e voltou a acom odar a cabeça dela em seu om bro.

– Você não quer…

Enquanto ela deixava a frase inacabada, ele pegou a sua m ão e a levantou, sentindo o peso do

anel de rubi que a rainha da raça sem pre usava.

– Só quero abraçar você – disse ele. – Isso basta para m im agora.

Aninhando-se, ela se encaixou ainda m ais perto dele.

– Bem , isto tam bém é gostoso.

Sim . Era.

E curiosam ente aterrador.

– Wrath?

– Sim ?

– Você está bem ?

Dem orou um pouco para ele confiar na voz e responder:

– Sim , estou bem . Tudo bem .

Ao alisar o braço dela, para cim a e para baixo, ele rezou para que ela acreditasse… e j urou

que o que acontecia no quarto no fim do corredor nunca, j am ais, aconteceria com eles.

Não. Os dois não teriam de lidar com aquele tipo de crise.

Graças à Virgem Escriba.

CAPÍTULO 42

Claro que Lay la não estava dorm indo.

Quando pediu a Qhuinn que saísse, ela falou sério quanto a não querer sustentar um a fachada

de força diante dele. Mas o m ais engraçado era que m esm o sem ninguém por perto, ela não

ficou histérica. Não chorou. Não praguej ou.

Apenas ficou deitada de lado com os braços e as pernas enroscados, a m ente

recuada para

dentro do corpo e m onitorando constantem ente cada dor e cólica num a com pulsão que a

enlouquecia. No entanto, não havia com o m udar aquilo. Era com o se um a parte dela estivesse

convencida de que se ao m enos ela soubesse em que estágio estava, ela poderia, de algum m odo,

m onitorar o processo.

O que, na verdade, era um a trem enda tolice. Com o Qhuinn bem diria.

A im agem dele na clínica, com a adaga no pescoço do m édico, era algo saído de um dos livros

da biblioteca do Santuário – um episódio dram ático que era parte da vida de outra pessoa.

Sua posição na cam a, porém , fazia com que ela lem brasse que o caso não era bem esse…

A batida à porta foi suave, sugerindo se tratar de um a fêm ea.

Lay la fechou os olhos. Por m ais que apreciasse qualquer tipo de gentileza que aguardava um a

resposta, ela preferiria que quem quer que estivesse no corredor, continuasse lá. A breve visita da

rainha fora um a provação, m esm o ela tendo apreciado.

– Sim – quando sua voz m al soou em seus ouvidos, ela pigarreou e repetiu: – Sim ?

A porta abriu e, a princípio, ela não reconheceu quem era na som bra que preenchia o espaço

entre os batentes da porta. Alta. Forte. Porém , não um m acho…

– Pay ne? – perguntou.

– Posso entrar?

– Sim , claro.

Enquanto Lay la tentava se sentar, a fêm ea guerreira gesticulou para que ela continuasse

deitada, e depois fechou a porta.

– Não, não… por favor, fique à vontade.

Um abaj ur fora deixado aceso sobre a côm oda e, na luz suave, a irm ã de sangue de Vishous

da Irm andade da Adaga Negra parecia tem erária, com os olhos de diam ante parecendo reluzir

para fora dos ângulos fortes do rosto dela.

– Com o você está? – a fêm ea perguntou com suavidade.

– Estou bem , obrigada. E você?

A lutadora deu um passo à frente.

– Eu sinto m uito quanto… à sua condição.

Ah, com o Lay la desej ava que aquilo fosse algo que Phury e os outros não tivessem partilhado

com ninguém . Em retrospecto, a saída da casa fora um tanto dram ática, o tipo de evento que

causaria perguntas preocupadas. Ainda assim , sua privacidade preferia evitar esse tipo de

invasão indesej ável, ainda que m isericordiosa.

– Agradeço as suas palavras gentis – sussurrou.

– Posso m e sentar?

– Sim , claro.

Ela im aginou que a fêm ea fosse se sentar num a das cadeiras dispostas m ais ao longe. Não foi

o que Pay ne fez. Ela se aproxim ou da cam a e abaixou o peso ao lado de Lay la.

Com pelida a, pelo m enos, parecer um a boa anfitriã, Lay la tentou se suspender, fazendo um a

careta quando um a nova onda de cólicas a im obilizou no m eio do cam inho.

Enquanto Pay ne praguej ava baixinho, Lay la teve que voltar a se deitar. Com voz rouca, disse:

– Perdoe-m e, m as não posso receber visitas agora, por m ais que m e queira bem . Obrigada por

expressar a sua em patia…

– Você sabe quem é a m inha m ãe – Pay ne a interrom peu.

Lay la balançou a cabeça ao encontro do travesseiro.

– Por favor, saia…

– Sabe? – a fêm ea perguntou com rispidez.

Abruptam ente, Lay la quis chorar. Sim plesm ente não tinha forças para qualquer tipo de

conversa, ainda m ais a respeito de *mahmens*. Não enquanto perdia o filho.

– Por favor.

– Sou filha da Virgem Escriba.

Lay la franziu o cenho, as palavras sendo com preendidas m esm o em m eio à dor, tanto física

quanto m ental.

– O que disse?

Pay ne inspirou profundam ente, com o se a revelação não fosse algo com que se alegrasse,

m as com o se fosse um tipo de m aldição.

– Sou da carne da Virgem Escriba, nascida há m uito tem po, e ocultada dos registros das

Escolhidas e dos olhos de outrem .

Lay la piscou em estado de choque. A aparição da fêm ea fora um tipo de m istério, m as ela

certam ente não fizera nenhum a pergunta, pois isso não cabia a ela. A única coisa que sabia com

convicção é que j am ais houve registro algum da m ãe sagrada da raça um dia ter dado à luz um a

criança.

Na verdade, a estrutura com pleta do sistem a de crença era prevista no fato de isso *não* ter

ocorrido.

– Com o isso é possível? – arfou Lay la.

Os olhos brilhantes de Pay ne estavam sérios.

– Não era o que eu desej aria. E não é algo de que fale a respeito.

No m om ento tenso que se seguiu, Lay la considerou im possível não ver a verdade naquilo que

a fêm ea falava. Tam pouco a raiva, cuj a causa ela apenas podia supor.

– Você é sagrada – disse Lay la m aravilhada.

– Nem um pouco, eu lhe garanto. Mas m inha linhagem m e concedeu um tipo de… com o

posso explicar? Habilidade.

Lay la se enrij eceu.

– Que seria…?

Os olhos de diam ante de Pay ne não se desviaram .

– Quero aj udá-la.

As m ãos de Lay la foram para o baixo ventre.

– Se quer abreviar isto… não.

Ela tinha seu filho por um tem po curto dem ais. Não im portava a dor que tivesse que passar, ela

não sacrificaria um m inuto sequer daquilo que, sem dúvida, seria sua única gestação.

Ela j am ais se colocaria à m ercê de outro sofrim ento assim . No futuro, quando seu cio

chegasse, ela seria sedada e pronto.

Aquele tipo de perda um a vez na vida j á era dem ais.

– E se acredita que pode deter isto – Lay la continuou –, isso não é possível. Não há nada que

ninguém possa fazer.

– Não estou tão certa disso – o olhar de Pay ne era enlevado. – Eu gostaria de ver se posso

salvar esta gestação. Se m e perm itir.

No cam pus abandonado da Escola para Moças Brownswick, o Sr. C. se acom odou no que um

dia fora o escritório da diretora.

Era o que estava escrito na placa rachada do lado de fora da sala.

Com o não havia calefação, a tem peratura am biente não estava m uito m aior do que a do lado

de fora, m as graças ao sangue de Ôm ega, o frio não era um problem a. Ainda bem : do outro lado

do gram ado crescido coberto de neve, no dorm itório principal sobre um a colina, quase cinquenta

redutores dorm iam o sono dos m ortos.

Se aqueles m alditos necessitassem de aquecim ento ou de com ida, ele estaria sem sorte

algum a.

Mas não, tudo o que ele tinha de fazer era providenciar um abrigo. A iniciação cuidaria do

resto – e o fato de que precisavam desligar a consciência a cada 24 horas era um alívio.

Ele precisava de tem po para pensar.

Jesus Cristo, que confusão.

Com pelido pela necessidade de se m exer, ele em purrou a cadeira para trás e se lem brou de

que estava se sentando sobre um balde de argam assa virado ao contrário.

– Maldição.

Olhando ao redor da sala decrépita, ele m ediu as placas de gesso penduradas das

vigas do teto,

as j anelas cobertas por tábuas de m adeira, e o buraco em um a das tábuas do piso no canto. O

lugar era igual à conta bancária que ele encontrara.

Nenhum dinheiro em lugar algum . Munição zero. Arm as que podiam ser usadas em com bate

à força, e só.

Depois de sua prom oção, ele se viu cheio de energia, de planos. Agora encontrava-se diante de

nenhum dinheiro, nenhum recurso, nada.

Ôm ega, por outro lado, esperava todo tipo de resultado. Com o deixara bem claro no

“encontro” deles na noite anterior.

E tam bém havia outro problem a. Ele odiava aquela m erda.

Pelo m enos ele podia fazer algo a respeito de todo o resto.

Esticando os braços acim a da cabeça e estalando os om bros, agradeceu a Deus por duas

coisas: um a, os celulares não tinham sido desligados, por isso ele podia se com unicar com seus

hom ens no cam po de batalha. E dois, todos aqueles anos na rua lhe deram os punhos de ferro no

que se referia a controlar o bando de idiotas do tráfico de drogas.

Tinha de arranj ar dinheiro. Logo.

Ele teve um a porra de um plano para isso tam bém , m andando os últim os nove m il dólares com aqueles três garotos no m eio da noite. Tudo o que os m

alditos tinham de fazer era pagar,

pegar a droga e trazer para ali, onde dividiriam a m erda, depois distribuiriam entre os novos

recrutas para que eles vendessem nas ruas.

O problem a era que ele ainda estava esperando pela porra da entrega.

E estava ficando puto de tanto esperar para descobrir se as drogas e o dinheiro tinham sum ido.

Era bem possível que aqueles m erdinhas tivessem fugido com um ou com o outro, m as, nesse

caso, ele os caçaria com o cachorros para m ostrar aos outros o que acontecia quando você…

Quando seu celular tocou, ele o pegou, viu quem era e apertou o botão de cham ada.

– Já era hora. Onde diabos você está e cadê m inha m ercadoria?

Houve um a pausa. Depois, a voz que se ouviu pela conexão não era nada parecida com a do

traficante cheio de espinhas para quem ele entregara o celular e a últim a pistola da Sociedade

que funcionava.

– Tenho um a coisa que você quer.

O Sr. C. franziu a testa. Voz grave. Envolta num a im paciência que ele reconhecia das ruas, e

um sotaque que ele não sabia de onde vinha.

– Não é essa m erda com a qual você está falando com igo – disse o Sr. C. com fala arrastada. –

Tenho um m onte desses.

Afinal de contas, quando você não tem nada na m ão, no coldre ou na carteira, blefar era a sua

única opção.

– Ora, que bom para você. Tam bém tem m uito do que m e m andou? Dinheiro? Soldados?

– Quem diabos está falando?

– Sou seu inim igo.

– Se você ficou com a porra da m inha grana, pode apostar que sim .

– Na verdade, essa é um a resposta bem sim plista para um problem a um tanto com plexo.

O Sr. C. se pôs de pé, derrubando o balde.

– Onde está a porra do m eu dinheiro e o que fez com os m eus hom ens?

– Lam ento, m as eles não podem m ais atender ao telefone. É por isso que estou ligando.

– Você não faz ideia com quem está lidando – o Sr. C. am eaçou.

– Pelo contrário, é você quem está em desvantagem , bem com o tantos outros – quando o Sr. C.

estava pronto para rebater, o cara o interrom peu. – Eis o que vam os fazer. Vou telefonar à noite

para lhe dar um a localização. Você, e apenas você, vai m e encontrar lá. Se alguém o

acom panhar, eu saberei, e você nunca m ais vai saber de m im .

O Sr. C. estava acostum ado a sentir desdém pelos outros, isso era parte do trabalho um a vez

que você só lida com ladrões de m erda e m alditos viciados. Mas esse cara do outro lado da

conexão? Controlado. Calm o.

Um profissional.

O Sr. C. controlou seu hum or.

– Não preciso de nenhum j oguinho…

– Sim , precisa. Porque se você quiser drogas para vender, terá que vir a m im .

O Sr. C. ficou calado. Ou aquele era um lunático cheio de ilusões de grandeza ou… era alguém

com poder de verdade. Talvez o tipo que m atou os interm ediários do cartel de drogas em

Caldwell um ano antes.

– Quando e onde? – disse de m á vontade.

Houve um a risada som bria.

– Atenda o seu telefone ao cair da noite e você descobrirá.

CAPÍTULO 43

Lay la não conseguiu falar enquanto tentava com preender as palavras de Pay ne.

– Não – disse à outra fêm ea. – Não, Havers m e disse que… não havia nada que pudesse ser

feito.

– Na m edicina, isso pode ser verdade. Eu posso ter outro m odo, porém . Não sei se funcionará,

m as, se perm itir, eu gostaria de ver o que posso fazer.

Por um instante, Lay la só conseguiu respirar.

– Eu não… – pôs a m ão no abdôm en liso. – O que fará com igo?

– Não sei bem , para ser sincera – Pay ne deu de om bros. – Na verdade, nem m e passou pela

cabeça que eu poderia aj udar nesta situação. Mas sou conhecida por curar aquilo que precisa ser

curado. Repito, não sei se isso se aplica neste caso. Contudo, podem os tentar… e isso não a

m achucará. Isso eu posso prom eter.

Lay la perscrutou a expressão da lutadora.

– Por que… faria um a coisa dessas por m im ?

Pay ne franziu o cenho e desviou o olhar.

– Você não precisa saber os m otivos.

– Sim , preciso.

O perfil dela se tornou absolutam ente frio.

– Você e eu som os irm ãs da tirania de m inha m ãe, casualidades de seu plano m aior de com o

as coisas devem ser. Estivem os as duas enj auladas em seus m odos diversos, você com o um a

Escolhida; eu, com o sua filha de sangue. Não há nada que eu não faça para aj udá-la.

Lay la se recostou. Jam ais se considerara um a desventura da m ãe da raça. A não ser… ao

pensar em seu desespero em ter um a fam ília, seu senso de não ter raízes, sua absoluta falta de

identidade além do trabalho de um a Escolhida… ela teve o que pensar. O livre-arbítrio a levava

àquela situação horrenda, m as, pelo m enos, ela escolhera a rota e os m eios. Com o m em bro da

classe especial da Virgem Escriba, não tivera m uitas escolhas, a respeito de nada em sua vida.

A respeito de nada m esm o.

Ela estava perdendo aquela gravidez, aquilo era óbvio. E se Pay ne achava que existia um a

chance de…

– Faça o que precisar fazer – disse com voz rouca. – E obrigada, não im portando o resultado.

Pay ne assentiu um a vez. Depois esticou as m ãos, flexionando e afastando os dedos.

– Posso tocar no seu abdôm en?

Lay la abaixou as cobertas.

– Devo tirar a cam isa?

– Não.

Melhor assim . A sim ples retirada da colcha lhe provocara um a nova onda de dor, a m ínim a

m udança de peso era causa de…

– Você está sofrendo m uito – m urm urou a outra fêm ea.

Lay la não respondeu ao expor a pele do abdôm en. Obviam ente, sua expressão j á dizia o

bastante.

– Apenas relaxe. Isso não deverá lhe causar nenhum desconforto…

Quando o contato foi feito, Lay la levantou a cabeça. As m ãos da lutadora estavam quentes

com o a água de um a banheira. E igualm ente calm as. Estranham ente calm as, para falar a

verdade.

– Isto dói? – Pay ne perguntou.

– Não. Parece… – quando um a nova onda de dor se avolum ava, ela agarrou os lençóis, se

preparando…

Só que o pico da dor não se elevou com o antes, com o se a sensação fosse um a m ontanha

íngrem e, cuj o topo fora arrancado.

Era o prim eiro alívio que sentia desde que tudo aquilo com eçara.

Com um gem ido de subm issão, ela deixou a cabeça pender, o travesseiro am parando o

repentino cansaço que a abateu pelo tanto de desconforto pelo qual seu corpo passara.

– E agora nós com eçam os.

De repente, a luz do abaj ur trem ulou… e depois se apagou.

Sua ilum inação, contudo, logo foi substituída.

Das m ãos pálidas de Pay ne um brilho suave com eçou a ser lançado. O calor de seu toque se

intensificou, o abrandam ento estranho e m aravilhoso parecia penetrar em sua pele, nos

m úsculos, em cada osso que estava no cam inho… indo direto para o ventre de Lay la.

E, então, houve um tipo de explosão.

Com um sibilo, ela se entregou à grande onda de energia que abruptam ente surgiu dentro dela,

um calor que não queim ava, m as fervia afastando a dor, suspendendo a agonia e arrancando-a

de sua carne, com o se o vapor de um a panela se dissipasse.

Mas não acabou ali. Um a grande sensação de euforia em seu corpo inteiro, com cachos

dourados pulsando para fora de sua região pélvica e fluindo pelo torso até a m ente e tam bém em

sua alm a, e pernas e braços form igando.

Ah, que alívio pungente.

Ah, que poder incrível.

Ah, graça salvadora gentil.

A cura, contudo, não estava com pleta.

No m eio do turbilhão, Lay la sentiu… o que era aquilo? Um m ovim ento em seu útero. Um a

contração, talvez? Mas não um a cólica, não, nada disso. Mais com o se o que estivesse defasado

tivesse recuperado as forças.

Ela, gradualm ente, deu-se conta de que batia os dentes.

Olhando para baixo, para seu corpo, ela viu que tudo trem ia, e não só isso.

Sua form a física estava brilhando. Cada centím etro de sua pele era com o um a cúpula de um

abaj ur, revelando a luz que j azia por baixo, as roupas agindo com o barreiras frágeis daquilo que

fervia lentam ente dentro dela.

Na ilum inação, o rosto de Pay ne estava contraído, com o se fosse um custo alto transferir a

cura m aravilhosa para outra pessoa. E Lay la teria se distanciado, colocado um fim naquilo, se

pudesse – porque a outra fêm ea com eçava a parecer m uito cansada. No entanto, não havia

com o rom per a ligação. Ela não tinha o controle dos seus m em bros, não tinha com o falar.

Aquela com unhão vital entre as duas pareceu durar um a eternidade.

Quando Pay ne finalm ente se afastou, rom pendo o elo, ela caiu da cam a, form ando um a pilha no chão.

Lay la abriu a boca para gritar. Tentou segurar sua salvadora. Lutou contra o peso m orto do

corpo ainda ilum inado.

Todavia, não havia nada que ela pudesse fazer.

A últim a coisa que ficou registrada antes que perdesse a consciência era a sua preocupação

com a outra fêm ea. E, depois, tudo ficou escuro.

CAPÍTULO 44

Qhuinn despertou com o pênis duro.

Estava deitado de costas e seus quadris se m exiam por conta própria, o m ovim ento contínuo

resvalava a ereção contra o peso dos lençóis e da colcha. Por um instante, enquanto se dem orava

naquele estado m eio dorm ente antes de a consciência chegar, ele im aginou que era Blay criando

aquela fricção, as palm as do m acho subindo e descendo… num preâm bulo de m ais ação oral.

Foi quando abaixou a m ão para enterrar os dedos nos cabelos ruivos que percebeu estar

sozinho: a m ão encontrou apenas os lençóis.

Num a atitude otim ista, lançou o braço para o lado, tateando o lugar ao seu lado, pronto para

encontrar o corpo quente do m acho.

Apenas m ais lençóis. E estavam frios.

– Cacete – inspirou.

Abrindo os olhos, a realidade de onde estava o atingiu com força, m urchando a sua ereção.

Apesar dos encontros, aqueles dois interlúdios m aravilhosos e extrem am ente sensuais, Blay

estava, naquele exato instante, acordando ao lado de Saxton.

Provavelm ente fazendo sexo com o cara.

Ah, Deus, ele ia vom itar.

A ideia de Blay tocando em outro, cavalgando em outro, lam bendo e afagando outro – seu

m aldito prim o, para ser bem claro – era quase tão insuportável quanto a m aldita situação de

Lay la. A verdade era que, graças ao que acontecera, qualquer atração que Qhuinn sentisse pelo

cara aum entara em vez de dim inuir.

Maravilha. Outra rodada de boas notícias.

Foi sem nenhum entusiasm o que Qhuinn se arrastou para fora da cam a e entrou no banheiro.

Não acendeu a luz, não tinha interesse algum em ver que sua aparência era a m esm a da m erda

de um cachorro, m as barbear-se só pelo toque não era a m elhor das ideias.

Ao apertar o interruptor, piscou com força, e um a dor de cabeça com eçou a latej ar atrás de

am bos os olhos. Sem dúvida precisava com er de novo, m as que m erda, as exigências constantes

de seu corpo estavam acabando com ele.

Abrindo a torneira, ele pegou o gel de barbear e colocou um punhado na palm a. Esfregou as

m ãos para criar espum a e pensou em seu prim o. Ele tinha a im pressão, em bora não soubesse

com certeza, de que Saxton usaria um daqueles pincéis antigos para espalhar a espum a no rosto.

E nada de lâm inas Gilette para ele. Muito provavelm ente ele tinha um daqueles instrum entos de

barbeiro com cabo em m adrepérola.

O pai de Qhuinn tinha um desses. E seu irm ão recebera um com suas iniciais

após sua

transição.

Junto ao anel de sinete.

Bem , ótim o para eles. Além do que, j á que am bos estavam m ortos, não era com o eles

continuassem se barbeando.

Quando o rosto ficou coberto de branco, com o o cenário lá de fora, ele pegou sua lâm ina

com um Mach 3 com cabeça descartável…

Sem nem saber por que, achou que devia pegar um a lâm ina nova.

Sim , um a supernova e ultracortante.

Qhuinn revirou os olhos para si m esm o. Nada com o se concentrar em três pequenas lâm inas e

um a tira um idificadora. Algo bem lógico.

Depois de se adm oestar, ele com eçou a vasculhar as gavetas do gabinete, puxando-as um a a

um a, inventariando os itens de tolices de higiene que nunca usava, nem j am ais sequer perdia

tem po olhando-as.

Puxando a últim a, a m ais próxim a do chão, parou. Franziu o cenho. Agachou.

Havia um a caixinha preta de veludo ali, do tipo em que se colocam j oias. Só que ele não tinha

nenhum a, e m uito m enos da Reinhardt, aquela loj a esnobe no centro. Com o ninguém m ais ficava

em seu quarto, ele se perguntou se, talvez, aquilo estivesse ali desde que ele se m udara e ele

sim plesm ente nunca o vira.

Tirando a caixinha, levantou a tam pa e…

– Filho da m ãe.

Dentro, com o se valesse m uita coisa, estavam todos os seus brincos de argola, bem com o o

piercing que costum ava usar no lábio inferior.

Fritz deve tê-los j untado ao lim par o quarto um a noite e guardado na caixinha. Única

explicação possível, porque Qhuinn não se im portara com eles depois de tirá-los, um a um .

Sim plesm ente os j ogara no fundo de um a das gavetas do banheiro.

Qhuinn m exeu nas argolas de aço, relem brando quando as com prara e colocara. Seu pai

ficara m ortificado; a m ãe tam bém – ao ponto de se retirar da Últim a Refeição e ficar trancada

no quarto por 24 horas seguidas depois de ele entrar flanando na sala de j antar usando-as.

O colocador de *piercings* lhe dissera para não usá-los até que as tachas utilizadas para perfurar

tivessem a chance de cicatrizar. Mas esse conselho era para hum anos. Em poucas horas, estava

tudo perfeito e ele fizera a troca.

No banheiro de Blay , para falar a verdade.

Qhuinn franziu a testa, lem brando-se do m om ento em que pisara no quarto do cara. Blay

estava na cam a, acalentando um a Corona, assistindo TV. A cabeça dele se virou, com sua

expressão franca e relaxada… até dar um a olhada em Qhuinn.

Seu rosto se contraiu m esm o que m inim am ente. De um j eito que, a m enos que você

conhecesse bem , m uito bem um a pessoa, j am ais teria percebido. Mas Qhuinn notara.

Naquela época, deduzira que seu estilo obviam ente gótico fosse um tantinho dem ais para o

senhor Conservador. Mas agora, em retrospecto, ele se lem brou de algo m ais. Blay voltara a se

concentrar na TV de plasm a… e, casualm ente, cobrira o colo com um a alm ofada.

Ele deve ter ficado excitado.

Enquanto Qhuinn repassava a cena inteira na m ente, seu próprio sexo voltava a engrossar.

Só que aquilo era um a com pleta perda de tem po, não era?

Fitando as m alditas argolas, pensou em sua rebeldia, na raiva e na ideia sem noção do que

precisava ter para ser feliz.

Um a fêm ea. Se encontrasse um a que o aceitasse.

Que… m entira… fora aquilo.

Engraçado, a covardia aparecia em m uitas form as, não é? Não era necessário se encolher

num canto, trem endo e choram ingando com o um gatinho. Inferno, não. Você pode ser um

grandalhão barulhento cheio de m arra e com o rosto cheio de *piercings* e um rosnado para

m ostrar para o m undo… e ainda assim não passar de um covarde filho da puta. Afinal, Saxton

podia vestir ternos de três peças e gravatas e sapatos, m as o m acho sabia quem era, e não tinha

m edo de ter aquilo que desej ava.

E, olha só, Blay estava acordando ao lado do cara.

Qhuinn fechou a tam pa e recolocou os *piercings* onde os encontrara. Depois se olhou no

espelho. O que estava fazendo m esm o?, pensou ao fitar seu reflexo.

Ah, sim . Barbeando-se.

Era isso m esm o.

Cerca de vinte m inutos m ais tarde, Qhuinn saiu do quarto. Andou pelo corredor das estátuas,

passou pelas portas fechadas do escritório de Wrath e continuou em frente.

Enquanto avançava, foi difícil olhar para a sala de estar do segundo andar, difícil perm anecer

controlado quando aquele sofá surgiu no seu cam po de visão.

Nunca m ais olharia para aquela peça de m obília do m esm o m odo. Inferno, talvez todos os

sofás estivessem perdidos para ele, para sem pre.

À porta de Lay la, ele se inclinou encostando o ouvido na m adeira. Quando não

ouviu nada,

perguntou-se exatam ente o que achava que descobriria daquele m odo.

Deu um a batida suave. Quando não houve resposta, sentiu um aperto de m edo irracional na

garganta e, sem pensar duas vezes, abriu a porta.

A luz invadiu a escuridão.

Seu prim eiro pensam ento foi que ela tivesse m orrido; que Havers, o filho da puta, tivesse

m entido, e que o aborto tivesse saído do controle e a m atado: Lay la estava im óvel ao encontro

dos travesseiros, a boca ligeiram ente entreaberta, as m ãos cruzadas sobre o peito com o se ela

tivesse sido arrum ada por um agente funerário com respeito pelos m ortos.

Só que… algo estava diferente, e ele precisou de um m inuto para perceber o que era.

Não havia m ais o cheiro sobrepuj ante do sangue. Na realidade, som ente a fragrância delicada

de canela m arcava o ar, refrescando-o de um m odo que ilum inava o quarto inteiro.

Será que o aborto finalm ente chegara ao fim ?

– Lay la? – ele a cham ou, m esm o tendo dito que se a encontrasse dorm indo, não a perturbaria.

Foi um alívio ver as sobrancelhas se m exendo quando seu nom e foi captado pelo cérebro,

m esm o sob o véu do sono.

Ele teve a sensação de que se a cham asse de novo, ela acordaria.

Parecia cruel forçar-lhe a consciência. O que ela teria para recebê-la quando acordasse? A

dor que sentia? A sensação de perda?

Cacete.

Qhuinn saiu silenciosam ente, fechou a porta atrás de si e continuou ali. Não sabia o que fazer.

Wrath lhe dissera para ficar em casa, m esm o se John Matthew saísse – ele deduziu que aquilo

fosse um a espécie de folga m isericordiosa de seus deveres de *ahstrux nohtrum*. E estava grato

por isso. Havia tão pouco que pudesse fazer por Lay la – pelo m enos podia ficar por perto caso

ela precisasse de algum a coisa. Um refrigerante. Um a aspirina. Um om bro para chorar.

Você fez isso a ela.

A j ulgar pelo toque que saía da m aldita sala de estar, ele deduziu que perdera a Prim eira

Refeição. Nove horas. Isso m esm o. Acabara dorm indo dem ais, e isso era bom . Se ele tivesse de

se sentar à m esa e passar 45 m inutos na com panhia de quase duas dúzias de pessoas que

tentariam não encará-lo, ele teria perdido a porra da cabeça.

O som de alguém andando no vestíbulo logo abaixo fez com que ele levantasse a cabeça.

Sem nenhum plano ou pensam ento específico, ele se aproxim ou da balaustrada

e olhou para

baixo.

Pay ne, a irm ã valentona de V., estava saindo da sala de j antar.

Ele não conhecia m uito bem aquela fêm ea, m as a respeitava im ensam ente. Seria im possível

não adm irar, dado o m odo com o se portava no cam po de batalha… Durona, verdadeiram ente

durona. Naquele instante, porém , a *shellan* do doutor Manello parecia ter levado um a surra de

bar: cam inhava lentam ente, os pés se arrastando pelo piso de m osaico, o corpo encurvado, a

pegada no braço de seu par parecendo ser a única coisa que a sustentava.

Será que ela se m achucara em algum a luta corpo a corpo?

Não havia cheiro de sangue.

O doutor Manello disse algo para ela que ele não conseguiu ouvir, m as depois o cara indicou a

direção da sala de bilhar com a cabeça – com o se ele estivesse perguntando se ela queria ir para

lá.

Tom aram aquela direção a passos de caram uj o.

Já que não gostava quando as pessoas o encaravam , Qhuinn recuou da grade e esperou até que

o cam inho estivesse livre. Depois correu escada abaixo.

Com ida. Exercícios. Voltar a ver Lay la.

Aquela seria a sua noite.

Seguindo para a cozinha, ele se viu im aginando onde Blay estaria. O que estaria fazendo. Se

tinha saído para lutar ou se tinha ficado em casa e…

Visto que não sabia onde Saxton estava, ele pôs um ponto final naquela linha de

questionam entos.

Se Qhuinn não tivesse de fazer seu turno e pudesse passar um tem po com o cara, ele sabia

m uito bem o que Blay estaria fazendo.

E Saxton, seu prim o filho da puta, não era nenhum tolo.

CAPÍTULO 45

A ausência de alim entação de Assail finalm ente o atingiu cerca de cinco horas após o

anoitecer. Ele vestia um a cam isa social azul-clara com punhos franceses, quando suas m ãos

com eçaram a trem er tão violentam ente que não havia com o ele abotoar a m aldita coisa sobre o

peito. Em seguida, a exaustão o acom eteu, tão forte que ele cam baleou.

Praguej ando, foi até a côm oda. Sobre o tam po de m ogno polido, seu frasco e colher o

esperavam , e ele cuidou do assunto em duas rápidas inaladas, um a para cada narina.

Hábito hediondo – e um ao qual recorria som ente quando de fato necessitava.

Pelo m enos a fungada cuidou do cansaço. Contudo, ele teria de encontrar um a fêm ea. Logo.

De fato, era um m ilagre que ele tivesse suportado por tanto tem po. A últim a vez em que tom ara

um a veia fora m eses atrás, e a experiência havia sido m enos que cativante, um a rapidinha com

um a fêm ea da espécie bem versada em fornecer alim ento para os m achos necessitados. A um

preço.

Que estorvo.

Depois de se arm ar e pegar o casaco de cashm ere preto, desceu as escadas e destrancou a

porta de correr de aço. Ao abrir a passagem para o prim eiro andar, foi recebido pelo som de

pistolas sendo travadas.

Na cozinha, os gêm eos verificavam várias pistolas .40.

– Fez a ligação? – Assail perguntou a Ehric.

– Com o você pediu.

– E?

– Ele vai estar lá e vai sozinho. Precisa de arm as?

– Já as tenho – ele pegou as chaves do Range Rover de um a travessa de prata na bancada. –

Vam os no m eu carro. Para o caso de nos ferirm os.

Afinal, só um idiota aceitava a palavra de um inim igo, e seu SUV era equipado com um

instrum ento sob a carenagem que poderia ser m uito útil se houvesse um ataque em m assa.

Bum .

Quinze m inutos m ais tarde, os três cruzavam a ponte para Caldwell e, enquanto Assail seguia

em frente, ele se lem brou do m otivo pelo qual trazer os prim os para ali fora um a ideia inspirada:

não só eram um a boa retaguarda, com o tam bém eles não se m ostravam inclinados a desperdiçar

tem po com conversas inúteis.

O silêncio era um quarto passageiro m uito bem -vindo no traj eto.

No centro além do rio Hudson, ele pegou um a saída que fazia um a curva e acabava debaixo

da Northway . Avançado paralelo ao rio, ele entrou num a floresta de pilares que sustentavam a

estrada, o cenário era insignificante, som brio e, essencialm ente, deserto.

– Estacione ali à direita, m ais uns cem m etros – disse Ehric na parte de trás do carro.

Assail foi para o m eio-fio e parou.

Os três em ergiram no frio, com os casacos abertos, as arm as em punhadas, os olhos à espreita.

Conform e cam inhavam , o gêm eo de Ehric tom ava a retaguarda, com os três sacos da garagem

em um a das m ãos, os plásticos produzindo um roçar à m edida que eles andavam .

Acim a deles, o trânsito rugia, os carros se deslocando a um ritm o constante, a sirene de um a

am bulância berrando um grito estridente, um cam inhão pesado ribom bando

sobre as vigas.

Quando Assail inspirou fundo, o ar entrou gélido em seus seios nasais, e qualquer odor de suj eira

ou de peixes m ortos fora subj ugado pelo frio.

– Logo em frente – orientou Ehric.

Eles cruzaram o asfalto calm a e ritm adam ente, seguindo por um cam inho de terra batida

congelada e dura. Com as enorm es placas de concreto da estrada bloqueando o sol, nada crescia

ali, m as havia vida – de certa form a. Hum anos sem teto em abrigos im provisados com papelões

e encerados perm aneciam acocorados para se protegerem do inverno, os corpos tão enrolados

que não se podia dizer para que lado olhavam .

Considerando o interesse em perm anecerem vivos, ele não se preocupou com um a

interferência da parte deles. Além disso, eles estavam acostum ados a ficarem na periferia

daquele tipo de negociata e sabiam que não deveriam se m eter.

E se o fizessem ? Ele não hesitaria em acabar com a vida m iserável deles.

O prim eiro sinal de que o inim igo aparecera foi o fedor carregado pelo vento. Assail não era

m uito versado quanto à Sociedade Redutora e os seus m em bros, m as seu olfato apurado não era

capaz de discernir m uitas nuances entre os m aus odores. Portanto, ele deduziu que suas instruções

foram seguidas e que aquele não era um caso de m ilhares chegando ao ponto de encontro –

conquanto fosse possível que os seguidores de Ôm ega tivessem apenas um buquê.

Logo ele descobriria.

Assail e seus m achos pararam . E esperaram .

Um m om ento depois, um único *redutor* saiu de trás de um poste.

Ah, interessante. Aquele j á fora um cliente antes, aparecendo com dinheiro para aceitar

porções de ecstasy ou de heroína. Ele esteve m uito perto de ser elim inado, seu volum e de

com pra pouco abaixo da qualificação de um interm ediário.

Único m otivo pelo qual ele ainda respirava… e, portanto, a certa altura, transform ara-se num

assassino. Pensando bem , o cam arada não vinha circulando m uito ultim am ente, logo, era

possível se deduzir que ele estivesse se aj ustando à nova vida. Ou não vida, com o parecia ser o

caso.

– Jesus… Cristo – disse o *redutor*, obviam ente captando os cheiros deles.

– Falei sério quando disse que eu era o seu inim igo – Assail com entou com fala arrastada.

– Vam piros?

– O que nos coloca num a posição curiosa, não? – Assail acenou para os gêm eos. – Meus

parceiros vieram aqui em boa-fé. Surpreenderam -se do m esm o m odo com o que descobriram

quando seus hom ens chegaram . Certos… com portam entos violentos… por parte nossa foram

dem onstrados antes que a situação fosse esclarecida. Mil perdões.

Quando Assail indicou, os três sacos foram lançados para a frente.

A voz de Ehric foi seca:

– Estam os dispostos a lhe inform ar onde está o resto deles.

– Dependendo do resultado desta transação – acrescentou Assail.

O *redutor* olhou para baixo, m as, fora isso, não dem onstrou reação algum a. O que sugeria que

ele era profissional.

– Trouxe a m ercadoria?

– Você pagou por ela.

Os olhos do assassino se estreitaram .

– Vai fazer negócios com igo.

– Garanto que não estou aqui pelo prazer da sua com panhia – quando Assail gesticulou, Ehric

puxou um pacote em brulhado. – Prim eiro, algum as regras básicas. Você entrará em contato

com igo diretam ente. Não aceitarei ligações de m ais ninguém de sua organização. Você poderá

delegar o pagam ento e o recebim ento da m ercadoria a quem desej ar, desde que m e inform e a

identidade e o núm ero de representantes que estiver enviando. Se houver qualquer tipo de cilada,

ou se houver qualquer desvio das m inhas duas regras, eu cessarei m inhas transações com você.

São essas as m inhas únicas condições.

O *redutor* olhou de Assail para os prim os.

– E se eu quiser com prar m ais do que isto?

Assail j á considerara essa possibilidade. Não passara os últim os doze m eses fazendo com que

os interm ediários estourassem seus m iolos à toa – e não estava disposto a ceder seu poder

duram ente conquistado a ninguém . Contudo, aquela era um a oportunidade única. Se a Sociedade

Redutora queria ganhar dinheiro nas ruas, ele concordava em lhes fornecer as drogas para tal.

Não que aquele fedido filho da puta conseguisse chegar até Benloise porque Assail se certificaria

de im pedir isso. Mais precisam ente, Assail tinha um racionam ento estipulado inerente ao seu

m odelo de negócios – com apenas eles três, tinha m ais produtos do que vendedores.

Portanto, era hora de com eçar a delegar. Seu controle sobre a cidade estava com pleto, a fase

seguinte era escolher a dedo alguns interm ediários para contratos de trabalho, por assim dizer.

– Vam os com eçar devagar e verem os com o nos saím os – m urm urou Assail.

– Você precisa

de m im . Eu sou a fonte. Portanto, a escolha é sua sobre com o procederem os. Certam ente, eu não

estou… com o dizer… “desinclinado” a aum entar os seus pedidos. Com o tem po.

– Com o posso saber que você não está trabalhando com a Irm andade?

– Caso eu estivesse, j á teria providenciado para que eles tivessem arm ado um a em boscada

agora – ele indicou os sacos plásticos aos pés do assassino. – Além do que, com o gesto de boa-fé,

e em reconhecim ento pelas suas perdas, eu lhe dei um crédito de três m il dólares nesta entrega.

Mil para cada um dos nossos, digam os, m al-entendidos da noite passada.

As sobrancelhas do assassino se ergueram .

No silêncio que se seguiu, o vento rodopiou ao redor deles, os casacos revirando-se, o colarinho

da j aqueta do *redutor* trem ulando.

Assail ficou tranquilo no aguardo de um a resposta. Existiam duas possibilidades: sim , e nesse

caso Ehric j ogaria o pacote para ele. Ou não, o que os faria abrir fogo no m aldito, neutralizá-lo, e

apunhalá-lo de volta a Ôm ega.

As duas opções eram -lhe aceitáveis. Mas ele esperava que fosse a prim eira.

Dinheiro precisava ser produzido. Para am bos os lados.

Sola m anteve distância do quarteto de hom ens que se j untaram sob a ponte:

detendo-se à

m argem , ela usava os binóculos para focalizar a reunião.

O senhor Misterioso, tam bém conhecido com o Houdini do Acostam ento, estava protegido por

dois im ensos guarda-costas que eram o espelho um do outro. Pelo que podia perceber, ele

com andava a reunião, e isso não era surpresa algum a – e ela podia adivinhar o assunto em pauta.

Com o esperado, o gêm eo da esquerda deu um passo à frente e lhe deu um pacote do tam anho

de um a lancheira de criança para o hom em que estava sozinho.

Enquanto ela aguardava que a reunião chegasse ao fim , soube que estava ariscando a vida

com aquilo – e não por estar debaixo de um a ponte no m eio da noite.

Levando-se em consideração o encontro que teve com o hom em na noite anterior, era bem

duvidoso que ele apreciasse o fato de ela o seguir até ali, testem unhando suas atividades ilegais.

Contudo, passara boa parte das últim as 24 horas pensando nele – e se irritando. Aquele era um

m aldito país livre, e caso ela quisesse estar ali, num a propriedade pública, tinha esse direito.

Ele queria privacidade? Então que cuidasse dos seus negócios em outro lugar que não no m eio

da rua.

Enquanto sua irritação ressurgia, ela cerrou os dentes… e entendeu que esse era

o seu pior

defeito no trabalho.

A vida inteira foi do tipo que fez exatam ente aquilo que lhe diziam para não fazer. Claro,

quando isso envolvia coisas com o “Não, você não pode com er um a bolacha antes do j antar” ou

“Não, você não pode sair de carro, está de castigo” ou “Não, você não deve ir visitar seu pai no

presídio”… as im plicações eram m uito diferentes daquilo que se desenrolava logo adiante.

Não, você não pode voltar para aquela casa.

Não, você não pode m ais m e espionar.

Ah, ‘tá bom , chefão. *Ela* decidiria quando estaria satisfeita, m uito obrigada. E naquele instante?

Ela ainda não estava satisfeita.

Além disso, havia outro ângulo em sua tenacidade: ela não gostava de se acovardar e fora isso

o que acontecera na noite anterior. Ao se afastar do confronto com aquele hom em , fora por

causa do m edo – e aquele *não* seria o m odo com o ela conduziria sua vida. Desde aquela tragédia,

ah, há tanto tem po, quando as coisas m udaram para sem pre, ela decidira – não, *jurara* – que

nunca m ais teria m edo de nada.

Não da dor. Não da m orte. Não do desconhecido.

E certam ente não de um hom em .

Sola aj ustou o foco, fechando-o no rosto do hom em . Graças à ilum inação urbana, havia luz

suficiente para enxergá-lo adequadam ente, e sim , ele era exatam ente com o ela lem brava. Deus,

o cabelo era tão negro, quase com o se ele o tivesse tingido. E os olhos – estreitos, agressivos. A

sua expressão, tão orgulhosa e controlada.

Francam ente, ele parecia ter classe dem ais para ser o que era. Pensando bem , talvez ele fosse

feito do m esm o estofo de traficante de Benloise.

Pouco depois, as duas partes se separaram : o hom em só se virou e cam inhou na direção de

que surgira, com um punhado de sacos de lixo quase vazios por sobre o om bro; os outros três

retornando até o Range Rover.

Sola trotou até seu carro alugado, o *body* preto e a m áscara de esqui aj udando-a a se m isturar

à escuridão. Colocando-se atrás do volante do Ford, ela se abaixou e usou um espelho para

m onitorar a via de m ão única que passava por debaixo da ponte.

A rua era a única saída disponível. A m enos que o hom em estivesse disposto a arriscar um a

abordagem da polícia por trafegar na contram ão.

Mom entos depois, o Range Rover passou por ela. Perm itindo que ele se adiantasse um pouco, ela acelerou e se posicionou cerca de um quarteirão para

trás.

Quando Benloise lhe dera aquela m issão, fornecera-lhe o m odelo do SUV do hom em , além do

endereço da casa à m argem do Hudson. Porém , nenhum nom e.

Tudo o que ela sabia era aquele fundo de investim ento e seu único curador.

Enquanto perseguia o trio, m em orizou a placa do carro. Um dos seus am igos no departam ento

de polícia talvez pudesse aj udá-la com isso; apesar de que, se a propriedade era de um a entidade

legal, ela deduzia que ele fizera o m esm o com o carro.

Que sej a. Só havia um a coisa de que tinha certeza.

Onde quer que ele fosse, ela estaria logo atrás.

CAPÍTULO 46

O grito ecoou pelo quarto em penum bra, alto, agudo, inesperado.

Conform e ele reverberava em seus ouvidos, Lay la não entendeu de im ediato o que a

acordara. O que tinha…

Relanceando para baixo, ela viu que estava sentada ereta, os lençóis am assados em suas m ãos,

o coração acelerado, a caixa torácica bom beando.

Olhando ao redor, viu que sua boca estava aberta…

Fechando-a, entendeu quem produzira aquele som . Não havia m ais ninguém no quarto. E a

porta estava cerrada.

Erguendo as m ãos, ela girou os pulsos, fazendo as palm as se voltarem para cim a e para baixo.

A ilum inação do quarto, que era pouca, não vinha m ais do seu corpo, m as sim do banheiro.

Virando-se de lado, espiou por cim a da beirada da cam a.

Pay ne j á não estava m ais caída no chão. A fêm ea devia ter saído – ou fora carregada para

fora?

Seu prim eiro pensam ento foi sair para procurar a irm ã de Vishous, sim plesm ente levantar

num pulo e com eçar a procurar. Em bora não tivesse entendido exatam ente o que se sucedera

entre am bas, não restavam dúvidas de que aquilo custara im ensam ente à lutadora.

Lay la, porém , deteve-se, conform e a preocupação com o seu próprio bem - estar surgiu: sua

consciência passou do externo para o interno, a m ente se concentrando no corpo, buscando e

esperando encontrar as cólicas, a poça quente entre as pernas, as estranhas dores debilitantes em

seus ossos.

Nada.

Assim com o um quarto ficava em silêncio quando todos os que estavam dentro perm aneciam

em silêncio, as partes corpóreas tam bém agiam da m esm a form a quando todos os seus

com ponentes não tinham queixas.

Tirando as cobertas de cim a do corpo, ela m oveu as pernas até que ficassem penduradas na

lateral do colchão alto. Subconscientem ente, preparou-se para a horrível sensação do sangue

descendo do seu ventre. Quando nada desse tipo aconteceu, ela se perguntou se o aborto não

chegara ao fim . Mas Havers não lhe dissera que duraria m ais um a sem ana?

Foi preciso coragem para se levantar. Ainda que ela considerasse isso ridículo.

Nada ainda.

Lay la foi até o banheiro devagar, esperando que o assalto dos sintom as retornasse a qualquer

instante, fazendo-a cair de j oelhos. Esperou que a dor atacasse, que aquelas cólicas ritm adas

voltassem , que aquele processo m ais um a vez estabelecesse o dom ínio sobre seu corpo e sua

m ente.

Não sei se funcionará, mas, se permitir, eu gostaria de ver o que posso fazer.

Faltou pouco para que Lay la rasgasse as roupas, despindo-se do que a cobria num acesso

insano. E logo estava no vaso sanitário.

Nenhum sangram ento.

Nenhum a cólica.

Um a parte sua afundou num a tristeza tão grande, que ela tem ia que não houvesse fim para tal

em oção – de m odo estranho, durante o processo do aborto, ela sentiu com o se tivesse um a

espécie de conexão com o filho. E se estivesse tudo acabado? Então, a m orte estava com pleta –

m esm o que, logicam ente, ela soubesse que não havia coisa algum a que tivesse vivido ou fosse

capaz de sobreviver; de outro m odo, a gestação não teria chegado ao fim .

Sua outra m etade estava tom ada por um a esperança ressonante.

E se…

Tom ou um a chuveirada rápida, apesar de não saber exatam ente por que estava se apressando,

ou para onde iria.

Baixando o olhar para o abdôm en, percorreu as m ãos ensaboadas sobre a faixa reta de pele.

– Por favor… qualquer coisa que quiser, pegue o que quiser… m e dê esta vida dentro de m im

e pode ficar com qualquer outra coisa…

Ela falava com a Virgem Escriba, claro – não que a m ãe da raça a ouvisse m ais.

– Conceda-m e o m eu filho… deixe-m e ficar com ele… *por favor*.

O desespero que ela sentia era quase tão ruim quanto os problem as físicos de antes, e ela saiu

cam baleando para fora do box, secando-se rapidam ente e vestindo-se com qualquer coisa.

Pelo que vira na televisão, as m ulheres hum anas tinham testes que podiam fazer sozinhas,

um as espécies de varetas que lhes diziam se seus corpos estavam procriando seus m istérios. As

vam piras não dispunham dessas coisas – pelo m enos não que ela soubesse.

Mas os m achos sabiam . Eles sem pre sabiam .

Saindo apressada do quarto, ela disparou na direção do corredor das estátuas, rezando para se

deparar com alguém , qualquer um …

Exceto Qhuinn.

Não, ela não queria que fosse ele a descobrir se aquele m ilagre acontecera ou… se nada havia

m udado. Aquilo seria sim plesm ente cruel dem ais.

A prim eira porta que viu foi a de Blay lock e ela bateu nela depois de um segundo de hesitação.

Blay soube da situação desde o início. E, em seu cerne, ele era um bom m acho, um m acho bom

e forte.

Quando não houve resposta, ela praguej ou e deu as costas. Não verificara as horas, m as j á que

as persianas estavam erguidas e não havia o arom a da refeição sendo servida, provavelm ente j á

estavam no m eio da noite. Sem dúvida ele saíra para lutar…

– Lay la?

Ela se virou. Blay estava inclinado para fora do quarto com um a expressão de surpresa.

– Desculpe… – quando a voz dela se partiu, ela teve que pigarrear – E-eu…

– O que aconteceu? Você está… Epa, vá com calm a. Venha, vam os acom odá-la aqui.

Quando algo se aproxim ou e a segurou por trás, ela percebeu que ele a agarrara e a levara até

o banquinho folheado a ouro bem do lado de fora do quarto dele.

Ele se aj oelhou diante dela e a tom ou pelas m ãos.

– Quer que eu vá cham ar Qhuinn para você? Acho que ele está…

– Diga-m e se eu ainda estou grávida – quando os olhos dele se arregalaram , ela apertou suas

m ãos. – Preciso saber. Algum a coisa… – ela não sabia se Pay ne queria que ela contasse o que

acontecera entre as duas. – Eu só preciso saber se acabou ou não. Pode… por favor, eu preciso

saber…

Quando ela com eçou a balbuciar, ele apoiou a m ão no braço dela e o apertou.

– Acalm e-se. Apenas respire fundo… isso, respire com igo. Isso m esm o, assim está bom .

Ela fez o que pôde para obedecer, concentrando-se no tom de voz grave e firm e.

– Quero cham ar a doutora Jane, está bem ? – quando ela se m ostrou disposta a discutir, ele

balançou a cabeça com firm eza. – Fique aqui. Prom eto que não vou a parte algum a. Só preciso ir

buscar m eu telefone. Fique aqui.

Por algum m otivo, os dentes dela com eçaram a tiritar. Estranho, pois não estava frio.

Um segundo depois, o soldado estava de volta e se aj oelhava m ais um a vez. Ele estava com o

celular pregado ao ouvido e falava.

– Ok, Jane j á está vindo – inform ou ele, desligando o aparelho. – Vou ficar aqui, esperando

com você.

– Mas você sabe, não sabe? Você tem que saber, consegue sentir o cheiro…

– Psiiiu.

– Desculpe – ela desviou o rosto, abaixando a cabeça. – Não tive a intenção de envolvê-lo

nisso. Eu só… desculpe.

– Está tudo bem . Não se preocupe com isso. Vam os só esperar pela doutora Jane. Ei, Lay la,

olhe para m im . *Olhe* para m im .

Quando ela finalm ente encarou os olhos azuis, ficou pasm a com a bondade neles. Ainda m ais

quando o m acho sorriu com gentileza.

– Estou contente que tenha vindo m e procurar – disse ele. – O que quer que estej a

acontecendo, nós vam os cuidar disso.

Fitando o rosto belo e forte, sentindo a segurança que ele oferecia com tanta generosidade,

percebendo a decência profunda do lutador, ela pensou em Qhuinn.

– Agora entendo por que ele está apaixonado por você – disse ela sem querer.

Blay em palideceu de um a vez, toda a cor do seu rosto sum indo da face.

– O que… você disse?

– Cheguei – disse a doutora Jane do alto das escadas. – Estou aqui! Enquanto a doutora Jane se

aproxim ava correndo, Lay la fechou os olhos.

Droga. O que acabara de escapar da sua boca?

No centro da cidade, no arm azém em que Xcor passara o dia, o líder do Bando de Bastardos

por fim em ergiu na escuridão fria da noite.

Ele tinha as arm as no corpo e o celular na m ão.

Em algum ponto durante as horas ilum inadas do dia, a sensação de que ele se esquecera de

algo finalm ente cessara, e ele se lem brara de que dissera aos soldados para abandonar aquele

local. O que explicava por que nenhum deles aparecera antes do am anhecer.

O novo esconderij o não era no centro. E, após um pouco de reflexão, fora um erro de sua

parte tentar estabelecer o QG naquela parte da cidade, m esm o se as coisas pareciam desertas:

m uito risco de descoberta, circunstâncias com plicadas ou com prom etedoras.

Com o bem ficaram sabendo na noite anterior com a visita daquele Som bra.

Fechando os olhos brevem ente, ele pensou com o era estranho que os eventos podiam se

suceder m uito além das intenções originais de alguém . Se não por aquela introm issão do Som bra, ele se perguntava se um dia teria conseguido rastrear a

sua Escolhida. E se ele não a tivesse

seguido até a clínica, não teria descoberto que ela estava grávida… tam pouco teria descoberto a

respeito da Irm andade.

Lançando-se no vento im piedoso, m aterializou-se no teto do m ais alto arranha-céu da cidade.

As raj adas de vento eram cruéis naquela altitude, açoitando seu casaco ao redor do corpo, o

coldre da foice era tudo o que m antinha nas costas. O cabelo, que crescia cada vez m ais,

em aranhava-se, obscurecendo a sua visão da cidade que se estendia aos seus pés.

Ele se virou na direção da m ontanha do Rei, a grande elevação no horizonte.

– Pensávam os que estivesse m orto.

Xcor girou sobre as botas de com bate, o vento afastando o cabelo do rosto.

Throe e os outros form avam um sem icírculo ao redor dele.

– Ai de m im ! Ainda vivo e respiro – m as, na verdade, ele só se sentia m orto. – Com o são as

novas acom odações?

– Onde esteve? – Throe exigiu saber.

– Por aí – ao piscar, ele se lem brou de ter vasculhado aquele cenário estranho e enevoado,

circundando a base da m ontanha. – As novas acom odações, com o elas são?

– Boas – m urm urou Throe. – Posso falar com você?

Xcor levantou um a sobrancelha.

– De fato, você parece ansioso em fazer isso.

Os dois se afastaram um pouco, deixando os outros ao vento e, sem querer, ele acabou ficando

de frente para a direção do com plexo da Irm andade.

– Você não pode fazer isso – disse Throe acim a das raj adas enregelantes. – Não pode

sim plesm ente desaparecer durante o dia inteiro. Não neste cenário político… nós deduzim os que

você tivesse sido m orto, ou pior, capturado.

Houve um a época em que Xcor teria rebatido essa censura com um a repulsa afiada ou algo

m ais físico. Mas seu soldado estava certo. As coisas estavam diferentes no grupo deles – desde

que enviara Throe para o covil do lobo, ele com eçara a sentir um a ligação recíproca com

aqueles m achos.

– Eu lhe garanto, não foi intencional.

– Então, o que aconteceu? Onde esteve?

Naquele instante, Xcor viu um a encruzilhada à sua frente. Um a direção levava ele e seus

soldados à Irm andade, para um conflito sangrento que m udariam suas vidas para sem pre para o

bem ou para o m al. A outra?

Ele pensou em sua Escolhida sendo sustentada por aqueles dois lutadores, com

tanto cuidado

com o se fosse de vidro.

Optou por essa direção.

– Estive no arm azém – ouviu-se dizer após um m om ento. – Passei o dia lá. Voltei para lá

distraído, e j á era tarde dem ais para ir para qualquer outra parte. Passei as horas do dia no

subterrâneo, e m eu telefone não tinha sinal. Vim para cá assim que saí do prédio.

Throe franziu o cenho.

– Já faz tem po que o sol se pôs.

– Perdi a noção do tem po.

Aquilo era tudo o que estava disposto a inform ar. Nada m ais. E seus soldados devem ter

sentido esse lim ite de dem arcação e, ainda que as sobrancelhas de Throe perm anecessem tensas,

ele não disse nada m ais.

– Só preciso resolver um detalhe aqui e depois partirem os para encontrar nossos inim igos –

declarou Xcor.

Ao pegar o celular, ele não teria com o ler a tela, m as sabia com o acessar a caixa de

m ensagens. Havia algum as ligações não recebidas – m uito provavelm ente de Throe e dos outros.

E depois houve um a m ensagem de alguém de quem ele esperava notícias.

– Sou eu – anunciou Elan, filho de Larex. Houve um a pausa, com o se em sua m ente estivesse

ouvindo um a fanfarra de trom petes. – O Conselho vai se reunir am anhã à m eia-noite. Pensei que

você deveria saber. O local é um a propriedade aqui na cidade, cuj os donos recentem ente

retornaram de sua casa segura. Rehvenge foi bem insistente quanto ao agendam ento, portanto só

posso deduzir que nosso caro *lídher* estej a trazendo um a m ensagem do Rei. Eu o m anterei

inform ado quanto ao que se suceder, m as *não* espero vê-lo lá. Fique em paz, m eu aliado.

Quando ele apertou o botão de apagar a m ensagem , Xcor expôs as presas, e o ressurgim ento

da sua raiva foi bom – um a volta à norm alidade.

Com o aquele aristocratazinho afetado ousava lhe dizer o que fazer?

– O Conselho irá se reunir am anhã – disse ele ao guardar o telefone.

– Onde? Quando? – perguntou Throe.

Xcor olhou por sobre a cidade até a m ontanha. Depois deu as costas para aquele ponto

cardinal.

– O caro Elan determ inou que não devem os estar lá. O que ele falha em perceber é que isso

será escolha m inha. Não dele.

Com o se deixar de inform ar o endereço o im pedisse de ir caso ele assim o desej asse?

– Chega de conversa – ele cam inhou até o restante dos seus soldados. – Vam os descer às ruas

e nos engaj ar com o fazem os soldados.

Entre as suas om oplatas, a foice com eçou a falar com ele m ais um a vez, a voz clara em sua

m ente, suas palavras sedentas por sangue com o a súplica de um a am ante.

Seu silêncio fora por dem ais perturbador.

Não foi com pouco alívio que ele se desm aterializou do alto de arranha-céu, o seu desej o

férreo direcionando suas m oléculas na direção do chão e no cam po de batalha. De tantas

m aneiras, as 24 horas anteriores se passaram com o se tivessem sido vividas por outra pessoa.

Todavia, ele voltava para a sua boa e velha pele.

E pronto para m atar.

CAPÍTULO 47

Qhuinn estava a dezessete quilôm etros por hora num a corrida de 32 quilôm etros na esteira

quando a porta da academ ia do centro de treinam ento se abriu.

No segundo em que ele viu quem era, pôs-se nas barras laterais da m áquina e apertou o botão

de parar: Blay estava parado na soleira, com os olhos arregalados e o rosto todo abatido – e não

porque alguém o tivesse surrado ou algo assim .

– O que aconteceu? – Qhuinn exigiu saber.

Blay enfiou um a m ão nos cabelos ruivos.

– Hum … Lay la está na clínica…

– *Merda* – ele saltou da m áquina e seguiu para a porta. – O que aconteceu…

– Não, não, nada. Ela só está lá para um consulta de rotina. É só isso – o cara deu um passo

para o lado, deixando a saída livre. – Im aginei que você quisesse saber.

Qhuinn franziu o cenho e parou bem onde estava. Ao perscrutar a expressão do m acho,

chegou a um a conclusão que o deixou ansioso: Blay estava escondendo algum a coisa. Difícil

determ inar com o ele sabia disso, m as, pensando bem , depois de um a am izade desde a infância,

você aprende a ler nas entrelinhas.

– Você está bem ? – perguntou-lhe.

Blay indicou a direção da clínica.

– Sim . Claro. Ela está na sala de exam es neste instante.

Certo, obviam ente o assunto estava encerrado.

Reagindo, Qhuinn trotou pelo corredor e quase explodiu porta adentro. No últim o segundo,

porém , um senso de decoro o im pediu de fazer isso. Alguns exam es em fêm eas grávidas

envolviam lugares privados – e por m ais que ele e Lay la tivessem feito sexo, eles certam ente

não eram íntim os a esse ponto.

Por isso, bateu à porta.

– Lay la? Você está aí?

Houve um a pausa e depois a doutora Jane abriu a porta.

– Olá, pode entrar. Estou contente que Blay o tenha encontrado.

O rosto da m édica nada revelava – e isso o deixou psicótico. De m odo geral, quando os

m édicos agiam daquele m odo cortês e profissional, as notícias não eram boas.

Olhando além da fêm ea de V., ele se concentrou em Lay la, m as foi Blay quem ele segurou,

agarrando-o pelo braço.

– Fique, se puder? – Qhuinn disse pelo canto da boca.

Blay pareceu surpreso, m as atendeu ao pedido dele, fechando a porta atrás de si após entrar.

– O que está aconteceu? – Qhuinn quis saber.

Consulta de rotina o seu rabo. Os olhos de Lay la estavam arregalados e um pouco perturbados,

as m ãos irrequietas rem exendo no cabelo longo.

– Houve um a m udança – disse a doutora Jane com hesitação.

Pausa.

Qhuinn quase gritou.

– Ok, preste atenção, se ninguém m e disser que m erda está acontecendo, vou perder a cabeça

no m eio desta sala…

– Estou grávida – Lay la deixou escapar.

E com o isso representava um a m udança?, ele se perguntou com a cabeça com eçando a

zum bir.

– Isto é, o aborto parece ter parado – explicitou Jane. – E ela continua grávida.

Qhuinn piscou. Depois balançou a cabeça – m as não de um lado para o outro, m as sim com o

se alguém estivesse m asturbando um globo de neve.

– Não entendi.

A doutora Jane se sentou num a banqueta de rodinhas, e abriu o prontuário no colo.

– Eu m esm a fiz o exam e de sangue. Há um a pequena alteração no equilíbrio dos horm ônios

gestacionais…

– Vou vom itar – Lay la interrom peu. – Agora…

Todos se apressaram para a pobre fêm ea, m as Blay foi o m ais esperto. Ele pegou um cesto de

lixo e foi isso o que a Escolhida usou.

Enquanto ela vom itava, Qhuinn am parou sua cabeça e se sentiu m eio tonto.

– Ela *não* está bem – disse à m édica.

Jane sustentou o olhar dele por sobre a cabeça de Lay la.

– Essa é um a parte norm al da gestação. Pelo visto, para as vam piras tam bém …

– Mas ela está sangrando…

– Não está m ais. E eu fiz um ultrassom . Posso ver o saco gestacional. Ela ainda está grávida…

– Ai, m erda! – Blay exclam ou.

Por um a fração de segundo, Qhuinn não conseguiu entender por que o cara estava

praguej ando. Mas logo percebeu que… hum , o teto m udara de lugar com a parede.

Não, espere.

Ele estava desm aiando.

Seu últim o pensam ento consciente foi o de que foi m uito bom Blay o am parar enquanto ele

despencava com o um a árvore cortada na floresta.

No contexto dos idiom as, existiam palavras m uito m ais im portantes do que “estar”. Existiam

palavras elegantes, palavras históricas, palavras que valiam a vida ou a m orte. Havia trava-

línguas com polissílabas que exigiam esforço para serem pronunciadas, e m issões críticas

essenciais que com eçavam e term inavam guerras… e m esm o poesias sem sentido que pareciam

sinfonias ao saírem dos lábios.

De m odo geral, “estar” não era usado por garotos crescidos. Na verdade, m al tinha um a

definição e, no decorrer de sua vida, não passava de um a ponte, um conduíte de outras palavras

m ais im portantes em qualquer sentença.

Havia, no entanto, um contexto em que tal palavrinha de cinco letras e de apenas duas sílabas

era de arrasar quarteirão.

No que se referia ao am or.

A diferença de “am ar” em com paração com “estar am ando, estar apaixonado” era a um a

freada ante o Grand Cany on. A cabeça de um alfinete em todo o Meio-Oeste. Um a expiração ante um furacão.

Agora entendo por que ele…

Enquanto Blay perm anecia no chão da sala de exam es com o corpo m ole de Qhuinn em seu

colo, ele não conseguia, nem que sua vida dependesse disso, lem brar-se o que Lay la dissera em

seguida. Teria sido “am a você”? Bem , nesse caso, sim , ele sabia que o cara o am ava com o um

am igo há décadas. E isso não m udava nada.

Ou teria sido com o acréscim o do “estar”?

Nesse caso, ele estava m eio que considerando im itar Qhuinn e dar um tem po no piso de

ladrilhos.

– Com o vai o m eu outro paciente? – a doutora Jane perguntou enquanto Lay la se largava de

novo na m aca.

– Respirando – respondeu Blay .

– Ele vai m elhorar.

Era de se esperar, Blay pensou ao se concentrar no rosto de Qhuinn – com o se aquelas feições

conhecidas, m esm o ele estando apagado, pudessem lhe dar a resposta para sua pergunta de um

ou outro m odo.

A Escolhida não poderia ter dito “está apaixonado”.

Não podia ser isso. Ele sim plesm ente se recusava a deixar que duas sessões de sexo excelente

reescrevessem as palavras de alguém .

– Tem certeza de que isso é norm al? – ele ouviu Lay la perguntar à m édica.

– O vôm ito? De acordo com o que Ehlena m e contou antes, por certo pode ser parte dos

sintom as de um a gestação bem -sucedida. Na verdade, é um sinal claro de que as coisas estão

progredindo bem . São os horm ônios.

– Eu não tenho que voltar ao consultório de Havers, tenho?

– Bem , Ehlena está voltando da visita ao pai hoj e à noite. Por isso, precisam os ver o quanto ela

se sente à vontade tratando-a… e depois nós verem os em que ponto você está. Não vou m entir…

considero isto um m ilagre.

– Concordo.

Enquanto as fêm eas conversavam , Blay m anteve o olhar nas pálpebras fechadas de Qhuinn.

Era um m ilagre, podem acreditar.

Com o se estivesse program ado, o cara recuperou os sentidos naquele instante, os cílios escuros

se m exendo com o se tentassem decidir se ele falava sério quanto a essa coisa de ficar

consciente.

– Lay la! – ele exclam ou ao se erguer de pronto.

Blay se em purrou para trás, soltando-se dele. Sentindo-se um pouco idiota.

Ainda m ais quando Qhuinn se pôs de pé e foi para perto da fêm ea.

Blay ficou onde estava, recostando-se no arm ário debaixo da pia, com os j oelhos erguidos, as

m ãos sobre as coxas. Mesm o que isso o estivesse dilacerando, ele não conseguiu deixar de olhar

os dois j untos, a m ão da adaga de Qhuinn im possivelm ente gentil enquanto afastava os cabelos

loiros de Lay la do rosto.

Ele dizia algo a ela, algo suave e reconfortante.

Antes de Blay se dar conta, ele j á estava no corredor, andando para algum lugar, qualquer

lugar. Por m ais difícil que fosse aceitar a com paixão de Qhuinn… era sim plesm ente im possível testem unhá-la sendo dada a outra pessoa – m esm o que essa pessoa fosse m erecedora. A ideia de

que Lay la tivesse recebido em seu cio exatam ente o que ele tivera nos dois últim os dias fazia seu

peito doer, m as o que era pior? Ao que tudo levava a crer, o esforço físico com ela servira a um

propósito biológico. Ela estava grávida – e, graças a Pay ne, ele tinha a sensação

de que ela

continuaria desse m odo.

Apesar de tudo, ele fizera a coisa certa ao procurar a irm ã de V. no dia anterior. Deduzindo

que isso tivesse sido a causa da incrível reviravolta. Mas, ainda assim , e m esm o que não fizesse

sentido, ele sentia com o se…

– Você está bem ?

Ele parou de súbito com o choque de ouvir a voz de Qhuinn. Pensara que o cara ficaria com

Lay la.

Preparando-se, enfiou as m ãos nos bolsos e respirou fundo antes de se virar.

– Sim , estou bem . Só im aginei que vocês dois quisessem um pouco de privacidade.

– Obrigado por ir m e am parar – ele ergueu as m ãos. – Não sei o que aconteceu ali dentro.

– Alívio.

– Pode ser.

Houve um instante em baraçoso. Mas, pensando bem , eles eram especialistas nisso, não?

– Bem , vou voltar para a casa – Blay forçou um sorriso, na esperança de que o cara

acreditasse. – É bom ter um a noite de folga.

– Ah, é. Saxton deve estar à sua espera.

Blay abriu a boca, m as se segurou antes que um “por quê?” escapasse dos seus lábios.

– É, ele está. Cuide de sua garota. Eu o vej o na Últim a Refeição, talvez.

Ao sair andando e entrar na recepção, ele sabia que estava sendo um covarde por se esconder

atrás de um a relação inexistente. Mas, quando você se corta, você precisa de um Band-Aid.

Cristo, não era de se adm irar que Saxton tivesse rom pido com ele.

Que rom ântico…

CAPÍTULO 48

Enquanto Assail passava pelos enorm es portões da propriedade na parte abastada de Caldwell,

ele se sentia aborrecido. Irritado. E não só porque vinha se drogando com cocaína com

regularidade sem se alim entar.

O chalé ficara à esquerda, e ele estacionou o Range Rover de frente, debaixo de um a das

j anelinhas alegres. Ele preferiria ter se desm aterializado até lá – tão m enos com plicado. Mas,

depois de ter deixado os gêm eos num a boate gótica, o Iron Mask, ele se deparou com a realidade

de que, caso não se alim entasse, não seria capaz de continuar em frente.

Ele odiava aquilo. Não que ele se im portasse com o custo. O problem a era que ele não se

sentia atraído pela fêm ea – e não apreciava as tentativas dela de m odificar a situação.

Abrindo a porta, ele saiu, e o ar frio que o atingiu no rosto lhe deu um chacoalhão, fazendo-o

perceber o quão lento estivera.

Naquele m esm o instante, um carro passou pela rua da frente, um tipo de sedã nacional.

E foi quando a portinhola do chalé se abriu.

As presas de Assail form igaram quando a fêm ea na soleira foi percebida pelos seus sentidos.

Vestida em um a roupa sensual preta, ela estava pronta para ele, o cheiro inebriante da sua

excitação m arcava o ar, em bora não fosse isso o que provocou a sua luxúria. Era a veia dela,

nada m ais, nada m enos…

Assail franziu o cenho e olhou para além do chalé, para a floresta que m argeava a

propriedade.

Em m eio às arvores esqueléticas, as luzes traseiras do carro que acabara de passar ficaram

verm elhas. Então, quem quer que estivesse ali, fez um a curva, form ando um círculo com os

faróis dianteiros – e depois eles se apagaram .

Im ediatam ente, Assail procurou a pistola.

– Entre. Não estam os sozinhos.

A fêm ea guardou as boas-vindas e desapareceu dentro do chalé, fechando a porta com um

baque.

Desm aterializar-se na floresta seria a m elhor tática, m as claro, ele estava fam into dem ais para

isso.

Abruptam ente, o vento m udou de direção e veio a seu encontro, e suas narinas se dilataram .

Assail grunhiu baixinho – e não com o um alerta. Mais com o um tipo de cum prim ento.

Com o se um dia ele conseguisse se esquecer daquela com binação específica de ferom ônios.

Sua ladrazinha invertera as posições, fazendo com ele exatam ente aquilo que ele fizera com

ela na noite anterior. Há quanto tem po ela estava no seu rastro?, ele se perguntou com um a

m edida de respeito crescendo em seu peito ao m esm o tem po em que ficava frustrado.

Ele não gostou da ideia de que talvez ela o tivesse visto debaixo da ponte. Conhecendo-a,

porém , não tinha com o excluir essa possibilidade.

Inspirando profundam ente, ele não percebeu nada de significativo. O que significava que ela

estava sozinha.

Coletando inform ações? Para quem ?

Assail virou-se de volta para o chalé e sorriu som briam ente. Sem dúvida, um a vez que ele

entrasse, ela se aproxim aria… e quem era ele para não lhe propiciar um

espetáculo?

Ele bateu um a vez, e a fêm ea abriu a porta novam ente.

– Está tudo bem ? – perguntou ela.

Seus olhos percorreram o rosto dela, dem orando-se nos cabelos. Eram escuros. Espessos.

Parecidos com os de sua ladrazinha.

– Tudo certo. Era som ente um hum ano com problem as no carro.

– Então, não há nada com que se preocupar?

– Absolutam ente nada.

Enquanto o alívio abrandava a expressão dela, ele fechava e trancava a porta.

– Estou tão contente que tenha vindo m e procurar novam ente – disse a fêm ea, deixando as

duas aberturas de renda do robe de cetim se afastarem .

Esta noite ela vestia um a cam isola preta que elevava os seios e apertava a cintura a ponto de

ele pensar que poderia envolvê-la com apenas um a m ão. O cheiro dela era exagerado: excesso

de crem e para m ãos, para o corpo, xam pu, condicionador e perfum e m arcando seu corpo.

Ele bem que queria que ela não se desse a esse trabalho.

Movendo rapidam ente os olhos, Assail verificou a posição das j anelas. Naturalm ente, nada

havia m udado: havia duas estreitas em cada lado da lareira. Três peças de vidro sobre a pia. E o

parapeito da *bay window* à esquerda sobre o qual havia um assento em butido com diversas

alm ofadas e alm ofadinhas bordadas em ponto cruz.

Sua ladra escolheria a j anela à direita da lareira. Ela ficava longe da ilum inação da porta de

entrada, e sob o abrigo da cham iné.

– Está pronto para m im ? – a fêm ea ronronou.

Assail enfiou a m ão dentro da j aqueta. Os m il dólares em dinheiro vivo estavam dobrados um a

vez, as dez notas de cem form ando um livrinho fino.

Movendo-se sinuosam ente, ele ficou de costas para a *bay window* e para a lareira. Por algum

m otivo, não queria que a sua ladra o visse fazendo o pagam ento.

O resto do que estava para acontecer, todavia, ele bem queria que ela testem unhasse.

– Aqui está.

Quando a fêm ea apanhou o dinheiro, ele desej ou que ela não contasse. E ela não o fez.

– Obrigada – ela recuou e colocou as notas num pote de cerâm ica verm elha. – Vam os?

– Sim . Vam os.

Assail se aproxim ou e assum iu o controle, segurando o rosto da fêm ea entre as m ãos,

inclinando a cabeça dela para trás e beij ando-a com avidez. Em resposta, ela gem eu, com o se o

avanço inesperado fosse algo que ela não só acolhia com o não ousara esperar.

Ele ficou satisfeito que ela tivesse apreciado. Mas o prazer dela não era o que ele buscava.

Movendo-a, ele a levou até o sofá que estava na parede oposta do chalé, em purrando-a com o

corpo, usando sua força para deitá-la com a cabeça na direção da lareira. Enquanto ela se

reclinava, abriu os braços para as laterais, fazendo os seios subirem até brigarem com a barreira

de cetim que os cobria.

Assail deitou-se por cim a dela com pletam ente vestido, ainda de casaco, o j oelho separando os

dela, um a das m ãos descendo para subir a cam isola…

– Não, não – disse ele quando ela tentou segurá-lo pelo pescoço. – Quero ver você.

Tolice. Ele queria que ela fosse vista pela j anela.

Enquanto ela o obedecia prontam ente, ele voltou a beij á-la e a afastar a longa saia do cam inho

– e no segundo que em que ela foi afastada, a fêm ea abriu bem as pernas.

– Entre em m im – disse ela, arqueando-se debaixo dele.

Bem , aquilo não seria possível. Ele não estava excitado.

Mas ninguém precisava saber aquilo.

A fim de parecer fervoroso, ele tirou o casaco dos om bros, e com um a m ordida leve das

presas, rasgou as alças da cam isola, expondo os seios da fêm ea à luz da lareira,

os m am ilos

instantaneam ente enrij ecendo com o picos sobre a pele alva.

Assail fez um a pausa, com o se em bevecido pelo que via. Depois, esticou a língua e abaixou a

cabeça.

No últim o instante, antes que com eçasse a lam ber e a sugar, ele ergueu os olhos,

concentrando-se na j anela escura da direita, encontrando o olhar fixo da m ulher que ele sabia

que estava nas som bras, observando-o…

Um golpe de lascívia pura e sim ples atravessou seu corpo, tom ando conta, substituindo seu

j uízo com o m otivador das suas ações. A fêm ea debaixo dele deixou de ser um a de sua própria

espécie que ele com prava por um tem po breve.

Ela se tornou a sua ladra.

E isso m udou tudo. Com um rom pante, ele atacou a garganta da fêm ea, tom ando sua veia,

sugando aquilo que ele tanto precisava…

E im aginando, o tem po inteiro, que a m ulher hum ana estava debaixo dele.

Sola arfou…

E se afastou da j anela do chalé.

Quando as costas bateram na lateral dura da cham iné de pedra, ela fechou os olhos, seu

coração com eçou a bom bear contras as costelas, os pulm ões tragando o ar frio.

Atrás de suas pálpebras, tudo o que ela via eram os seios nus expostos diante dele, a cabeça

escura descendo, a língua se proj etando para fora da boca… e os olhos dele se erguendo para

encará-la.

Oh, Jesus, com o ele soubera que ela estava ali?

Ah, m erda, ela nunca esqueceria a im agem da m ulher estendida debaixo dele, o casaco

deixado de lado, o corpo dele subindo para se encaixar entre aqueles quadris esbeltos. Ela

conseguia im aginar o calor da lareira ao lado deles, e o calor ainda m aior surgindo de dentro dele

– a sensação da pele contra a pele, da prom essa do êxtase.

Não olhe de novo, ela disse a si m esm a. *Ele sabe que você está aqui…*

O grito agudo do orgasm o da m ulher vibrou por todo o chalé, perturbando a aparência pacata

do lugar.

Sola se inclinou sobre a j anela novam ente, espiando pelo vidro… m esm o sabendo que não

deveria fazer isso.

Ele estava dentro da m ulher, a parte baixa do corpo bom beando, o rosto aninhado no pescoço

dela, os braços afastados para ancorar o peso da parte de cim a do corpo.

Ele não olhou m ais para cim a. E continuou ocupado por um bom tem po.

Agora era a hora de recuar.

Além disso, será que ela precisava m esm o ver aquilo?

Com um a im precação, Sola se afastou sorrateiram ente dali, passando pelo gram ado rasteiro,

esquivando-se das árvores baixas sem folhas. Quando chegou ao carro alugado, entrou, trancou

as portas e deu a partida.

Fechando os olhos um a vez m ais, rem em orou toda a cena: a sua aproxim ação do chalé, da

j anela, ficando nas som bras lançadas pela cham iné.

Ele do outro lado da sala, a m ulher de frente para ele, o corpo gracioso coberto pelo cetim

preto, o cabelo escuro que cobria as costas inteiras. Ele am parando o rosto dela e beij ando-a, os

om bros se curvando ao se inclinar para m anter contato com um a expressão profundam ente

erótica…

E depois ele levou a m ulher até o sofá.

Ainda que ficasse m ortificada por adm itir, Sola sentiu um a pontada de ciúm e irracional. Mas

isso não foi o pior: seu próprio corpo reagira, seu sexo florescendo entre as pernas com o se a sua

boca tivesse sido beij ada, a sua cintura fosse aquela segurada por ele, seus seios com prim idos

contra o peito dele. E essa reação só se intensificara quando ele posicionara a m ulher no sofá, o

rosto dele m arcado por um a avidez som bria, os olhos cintilando com o se debaixo dele houvesse

um a refeição a ser degustada.

Observar era errado. Assistir era errado.

Mas m esm o a am eaça à sua segurança pessoal – e, discutivelm ente, sua saúde m ental – não

bastaram para afastá-la daquele vidro. Ainda m ais quando ele recuara para tirar o casaco dos

om bros. Fora im possível não visualizá-lo nu, vendo o peito largo exposto na luz da lareira,

im aginando com o seu abdôm en se curvaria sob a pele… E depois, pareceu que ele a tivesse

m ordido – *mordido*, pelo am or de Deus –, arrancando as alças finas do corpete da cam isola.

E bem quando os m alditos seios perfeitos da m ulher ficaram expostos… ele teve que olhar

para ela.

Sem nenhum tipo de aviso, aqueles olhos cintilantes e predatórios se elevaram e cravaram

diretam ente nela, um sorriso furtivo surgindo no canto da boca.

Com o se o show fosse para ela.

– Merda. *Merda*.

Um a coisa estava clara: se o que ele quis foi lhe ensinar um a lição sobre espionagem , era

difícil pensar num m odo m elhor – além de fazê-la com er a ponta do cano de um a .40.

Sola saiu do acostam ento e tom ou a estrada. Enquanto o Ford Taurus dem orou dezesseis

quilôm etros para chegar ao lim ite de setenta quilôm etros por hora, ela desej ou estar em seu

Audi: com o sangue ainda correndo rápido nas veias, ela precisava de um a form a exterior de

expressar o rugido preso em seu corpo.

Algum tipo de vazão.

Com o… sexo, por exem plo.

E não consigo m esm a.

CAPÍTULO 49

No que se referia aos padrões dos Grandes Cam pos de Andirondack, a casa de Rehv tinha tudo:

um a enorm e m ansão rústica ladeada por cedros e recoberta por varandas. Um sem -núm ero de

construções externas, inclusive chalés para hóspedes. Vista para o lago. Muitos quartos.

Depois que Trez e iAm se m aterializaram no j ardim lateral, eles deram a volta pela neve até a

entrada dos fundos pela cozinha. Mesm o no inverno, o lugar em anava boas vibrações, com

aquele brilho cálido atravessando os vidros cortados em form a de diam ante. Mas nem tudo era

do Mundo do Faz de Conta: os abastados vitorianos que construíram aquele com plexo com o um

escape ao calor e das cidades industrializadas durante os verões m uito

provavelm ente não o

equiparam com detectores de m ovim ento a laser, travas de últim a geração nas portas e j anelas,

e não um a, m as várias placas-m ães diferentes para controlar um sistem a de alarm e m ultiface e

com pletam ente integrado.

Uau.

A im pressão digital de Trez no painel discretam ente colocado à esquerda da porta perm itiu a

entrada ao interior da casa – para um a cozinha de tam anho industrial que estava guarnecida com

equipam entos de aço inoxidável no m esm o nível dos do Sal's.

Algo estava assando no forno im enso. Pelo cheiro, parecia pão.

– Estou com fom e – observou Trez ao fechar a porta. O m ecanism o de tranca fechou a porta

por si só, m as ele verificou se ela estava trancada m esm o assim por força do hábito.

Ao longe, alguém passava o aspirador – provavelm ente um a Escolhida. Desde que Phury

assum ira o posto de Prim ale e basicam ente libertara o grupo enclausurado de fêm eas do Outro

Lado, Rehv as deixava ficar nos Grandes Cam pos. Fazia sentido. Muita privacidade,

especialm ente fora da alta tem porada, além de que o distanciam ento com a cidade propiciava

um a transição suave da uniform idade plácida do santuário para a natureza

frenética, se é que

Trez entendera corretam ente, e por vezes traum ática da vida na Terra.

Fazia tem po que ele não ia até a casa – não desde que as Escolhidas foram m orar ali, para

falar a verdade. Pensando bem , quando Rehv explodira o Zero Sum e pusera um fim ao seu

papel de rei das drogas, aquela dívida entre eles perdera um pouco da sua força de retribuição.

Além disso, agora que o cara não tinha m ais de fazer entregas de garotas e sexo para a

princesa, não havia m uitos m otivos para ir para o norte.

Ao que tudo levava a crer, porém , aquilo m udara.

– Ei, Rehv, você está aí? – Trez cham ou com a voz ecoando.

Por m ais que seu estôm ago protestasse, ele e o irm ão saíram para o átrio principal. Obj etos

vitorianos estavam por toda a parte, desde os tapetes orientais m ulticoloridos no chão até os

bancos cobertos de tapeçaria, incluindo as cabeças de bisão, de cervo, de alce e de lince

em palhadas e m ontadas ao redor da lareira.

– Rehv! – ele cham ou novam ente.

Caram ba, aquele abaj ur de guaxinim sem pre o aterrorizara. Assim com o a coruj a em palhada

com óculos de sol.

– Ele j á vai descer.

Trez se virou para a voz fem inina.

E, naquele instante, o curso de sua vida m udava para sem pre.

A escada que vinha do segundo andar era reta, os degraus baixos e a grade sim ples em ergindo

de cim a sem nenhum artifício arquitetônico.

A fêm ea em seu m anto branco parada à base a transform ava na escadaria do paraíso. Ela era

alta e m agra, m as as curvas estavam presentes nos lugares certos; o vestido solto não conseguia

esconder o busto alto e a graciosidade das curvas dos quadris. A pele era lisa e da cor de café

com leite, o cabelo escuro estava am arrado num coque no alto da cabeça. Os olhos eram claros

em oldurados por cílios espessos. Os lábios eram cheios e rosados.

Ele quis beij á-los.

Especialm ente quando eles se m overam , enunciando algum a coisa que ela dizia com precisão

intoxicante…

O cotovelo pontudo de iAm o atingiu nas costelas e o fez dar um pulo.

– Ai! Mas que m er… digo, que droga. Cacete, quero dizer, caram ba.

Belo m odo de parecer calm o e controlado, cretino.

– Ela perguntou se querem os com er – iAm m urm urou. – Eu agradeci, m as recusei. Agora é a

sua vez.

Ah, com o ele queria com er um a coisa… Queria cair de j oelhos aos pés dela e se enfiar

debaixo da…

Trez fechou os olhos e se sentiu com o um absoluto idiota.

– Não, estou bem .

– Pensei que você tivesse dito que estava com fom e.

Trez arregalou os olhos e encarou o irm ão. O cara estava tentando fazer com que ele fizesse

papel de idiota?

O brilho no olhar de iAm sugeria que sim .

– Não. Estou bem – ele resm ungou. Entrelinhas: Não force a barra, babaca.

– Eu estava indo verificar o m eu pão.

Os olhos de Trez se fecharam novam ente, a voz da Escolhida tilintando em seus ouvidos, o som

tanto elevando a sua pressão sanguínea quanto o acalm ando ao m esm o tem po.

– Sabe – ele se ouviu dizer –, talvez eu vá dar um a olhada para ver se arranj o algum a coisa

para com er.

Ela sorriu para ele.

– Siga-m e. Estou certa de que posso encontrar algo do seu gosto.

Enquanto ela seguia para a porta pela qual eles tinham acabado de sair, Trez piscou com o o

idiota que era.

Fazia m uito, m uito tem po desde que um a fêm ea lhe dizia algo sem um sentido duplo… m as até

onde ele podia afirm ar, aquelas palavras, que discutivelm ente podiam ser consideradas um a

cantada – pelo m enos para o seu filtro de luxúria – não carregavam nenhum a prom essa de um

boquete ou de sexo carnal. Nem m esm o de um a sim ples atração.

Naturalm ente, isso fez com que ele a desej asse ainda m ais.

Seus pés partiram naquela direção, o corpo seguindo com o um cão seguiria seu dono, sem um

segundo pensam ento a não ser ir atrás do cam inho escolhido por ela para ele…

iAm o agarrou pelo braço e o puxou de volta.

– Nem *pense* nisso.

O prim eiro im pulso de Trez foi se soltar, m esm o se isso significasse deixar o braço para trás

nas m ãos do irm ão.

– Não sei do que está falando…

– Não m e obrigue a segurar a sua ereção para provar o que estou dizendo – iAm sibilou.

Entorpecido, Trez olhou para baixo. Ótim o. Olha ali.

– Eu não vou… – *fodê-la* era o que lhe vinha à m ente, m as, por Deus, ele não podia usar essa

palavra ao redor daquela fêm ea, m esm o que hipoteticam ente. – Sabe, fazer nada.

– Você espera m esm o que eu acredite nisso?

Os olhos de Trez partiram para a porta pela qual ela desaparecera. Merda. Ele não tinha

credibilidade nenhum a no quesito abstinência.

– Ela não está disponível para você, vej a se m e entende – iAm disse, rangendo os dentes. –

Isso não seria j usto para alguém com o ela; m ais especificam ente, se você fizer isso, Phury vai

atrás de você com um a adaga negra. A *dele*, não a *sua*.

Por um a fração de segundo, Trez ficou indignado com isso – não porque seu lado fem inista

interior se opusesse ao fato de as fêm eas serem tratadas com o propriedade, ainda que isso fosse

errado. Não, era porque…

Minha.

De algum lugar em seu cerne, Trez arrancou seu subconsciente do precipício no qual,

inesperadam ente, ele se via caindo.

O rei *sympatho* descia pela m esm a escada que a Escolhida utilizara, a bengala equilibrando-o,

o casaco de m arta preto m antendo seu corpo aquecido.

Enquanto iAm dizia algo e Rehv respondia, Trez voltou a olhar para a porta da cozinha. Ah, o

que será que ela estava fazendo ali… Puxa… Provavelm ente se inclinando para espiar o pão…

Um grunhido sutil em anou de sua garganta.

– O que disse? – Rehv perguntou com o olhar se estreitando.

Outra cotovela em suas costelas trouxe Trez de volta à realidade.

– Desculpe. Indigestão. Com o vai?

Rehv ergueu um a sobrancelha, depois deu de om bros.

– Preciso da aj uda de vocês.

– Pode falar – respondeu Trez com sinceridade.

– Haverá um a reunião do Conselho am anhã à noite. Wrath estará presente. A Irm andade lhe

dará proteção, m as quero que vocês dois tam bém estej am presentes.

Trez se retraiu. O Conselho se reunia com regularidade antes da onda de ataques de alguns

anos atrás, e Rehv j am ais precisou de reforços.

– O que está acontecendo?

– Wrath foi alvej ado no outono passado.

Mas. Que. Merda.

Trez cerrou o m axilar.

– Quem foi o responsável? – afinal, ele gostava do Rei.

– O Bando de Bastardos. Vocês não o conhecem , m as podem encontrá-los am anhã à noite…

se concordarem em ir.

– Claro que irem os – quando iAm assentiu em concordância, Trez cruzou os braços sobre o

peito. – Onde?

– Estou organizando tudo num a propriedade em Caldwell à m eia-noite. É um a das poucas que

não foi infiltrada pela Sociedade Redutora… De qualquer form a, a fam ília foi quase que

com pletam ente dizim ada, pois visitavam um parente na cidade quando o ataque ocorreu – Rehv

prosseguiu e se sentou no sofá de tapeçaria, girando a bengala no chão entre as pernas. – Deixe-

m e lhes dizer com o vai ser. Wrath agora está com pletam ente cego, m as a *glymera* não sabe

disso. Quero que ele estej a sentado na sala principal quando todos aqueles aristocratas chegarem

a fim de que não o vej am se apoiando em ninguém para encontrar seu posto. Então…

Enquanto Rehv continuava a explicar o plano, Trez se acom odou diante da lareira e assentiu

nos m om entos certos.

Em sua m ente, porém , ele estava na cozinha, com aquela fêm ea…

Qual seria o nom e dela?

E m ais im portante do que isso…

Quando voltaria a vê-la?

CAPÍTULO 50

Lá em baixo, na sala de exam es da clínica, Qhuinn se sentia com o se estivesse flutuando bem

alto. E não do m esm o m odo com o se sentiu antes do im pacto do m aldito Cessna com um Irm ão

ferido nos fundos.

– Desculpe, pode repetir?

A doutora Jane sorriu ao trazer a m esinha m óvel para j unto da cam a. De m odo vago, o que

havia em cim a ficou registrado, m as ele estava m ais concentrado no que poderia sair da boca da

m édica.

– Vocês ainda estão grávidos. Os níveis de horm ônios dela estão se duplicando exatam ente

com o o esperado, a pressão está perfeita, os batim entos cardíacos tam bém . E nada m ais de

sangram entos, certo?

Quando a m édica olhou para Lay la, a Escolhida assentiu com a cabeça, sua expressão tão

assustada quanto ele por certo se sentia.

– Nenhum .

Qhuinn deu alguns passos, passou a m ão pelos cabelos, o cérebro dando um nó.

– Não entendo isso… Quero dizer, é o que eu quero… o que nós querem os… m as não entendo

com o ela…

Depois de descer de m ontanha-russa para o inferno, era com pletam ente inesperado chegar a

um a elevação súbita de volta à Terra.

A doutora Jane apenas balançou a cabeça.

– Isso provavelm ente não será de nenhum a aj uda, m as Ehlena tam bém nunca viu nada

parecido. Portanto, entendo a confusão de vocês, e, m ais do que isso, entendo m ais do que podem

im aginar com o a esperança pode ser traiçoeira. É difícil se entregar ao otim ism o depois do que

vocês passaram .

Caram ba, a *shellan* de V. não era nenhum a idiota.

Qhuinn se concentrou em Lay la. A Escolhida estava vestindo um robe branco, não do tipo que

ela usava com o m em bro da seita secreta das fêm eas da Virgem Escriba. Era m ais um roupão de

todo dia e, por baixo, um a cam isola hospitalar com coraçõezinhos rosa e verm elhos sobre um

fundo branco. E aquela m esa de rodinhas? Ali estava um pacote de bolachas de água e sal e seis

latas de refrigerante.

Que espécie de rem édios de balcão de farm ácia, hein?

A doutora Jane abriu o pacote.

– Sei que a últim a coisa em que está pensando é com ida – ela estendeu um dos quadrados

salgados. – Mas se com er isto e tom ar um pouco de refrigerante, talvez as coisas se acom odem

m elhor por aí.

E sabe que adiantou? Lay la acabou com endo m etade do pacote e tom ou duas latinhas.

– Aj uda m esm o, hein? – Qhuinn m urm urou quando a Escolhida se recostou com um suspiro de

alívio.

– Você *não* faz ideia – Lay la pousou a m ão no ventre. – O que for preciso, eu faço, eu com o,

eu bebo.

– A náusea é tão ruim assim ?

– Não se trata de m im . Não m e im porto se vom itar por dezoito m eses, contanto que o bebê

estej a bem . Só tem o que se eu vom itar, eu possa… perder… sabe?

Ok, quem disse que as fêm eas eram o sexo frágil não sabia o que estava falando.

Ele olhou para a doutora Jane.

– E o que fazem os agora?

A m édica deu de om bros.

– Meu conselho? Confie nos sintom as e nos resultados dos testes, ou vão acabar enlouquecendo.

O corpo de Lay la está, com o sem pre esteve, no controle disso tudo. Se neste instante não há

nenhum indício de um aborto, m as, na verdade, só m otivos para acreditar que a gestação se

concluirá com um resultado positivo? Respire fundo e siga em frente, noite após noite. Se ficarem

pensando m uito no futuro ou no que aconteceu nos últim os dias? Não vão conseguir chegar ao

fim disto inteiros.

Verdade, Qhuinn pensou.

O telefone da m édica tocou.

– Espere um segundo… Puxa… Tenho que ir dar um a olhada naquele *doggen* que cortou a

m ão ontem à noite. Lay la, no que m e diz respeito, não há m otivos m édicos para que você fique

aqui. Contudo, não quero que saia do com plexo nas próxim as noites. Vam os dar tem po ao tem po,

ok?

– Sim , claro.

A doutora Jane saiu pouco depois, e Qhuinn se sentiu perdido. Ele queria aj udar Lay la a voltar

para casa, m as ela não estava aleij ada, pelo am or de Deus. Ainda assim , sentia vontade de

carregá-la pelo resto da bendita gestação.

Ele se recostou no arm ário de aço inoxidável.

– Eu m e pego querendo perguntar com o você está a cada dois segundos.

Lay la deu um a risada de leve.

– Então som os dois.

– Quer voltar para casa?

– Sabe… não quero, não. Eu m e sinto… – ela olhou ao redor – m ais segura aqui, para ser bem

franca.

– Faz sentido para m im . Precisa de algum a coisa?

Ela indicou a bandej a com itens contra enj oo.

– Contanto que eu tenha isto, estarei bem . E você deve se sentir livre para sair e lutar.

Qhuinn franziu o cenho.

– Pensei em ficar…

– E fazer o quê? Vej a bem , não o estou expulsando, m as tenho a sensação de que só vou ficar

aqui de m olho sem fazer nada. Se algum a coisa acontecer, eu ligo e você pode voltar direto para

casa.

Qhuinn pensou para onde a Irm andade e os lutadores se dirigiriam aquela noite: a reunião do

Conselho.

Se fosse apenas um a noite norm al no cam po de batalha, ele provavelm ente ficaria ali. Mas

com Wrath exposto ao m undo, encontrando-se com aqueles idiotas da *glymera*?

– Ok – disse devagar. – Vou estar sem pre com o telefone e deixarei claro para os outros que se você telefonar, sairei de lá.

Lay la tom ou um gole de refrigerante e depois ficou olhando para o copo, com o se estivesse

observando as bolhas em ergindo ao redor dos cubos de gelo.

Ele pensou na noite em que estiveram no consultório de Havers – descontrolados,

aterrorizados, pesarosos.

Ainda podiam voltar a se sentir assim , ele lem brou. Era cedo dem ais para se

apegar.

E m esm o assim ele não tinha com o evitar. Parado no m eio da sala coberta de azulej os, com o

cheiro de desinfetante Ly sol no nariz e a beirada da bancada cutucando-o nas nádegas… ele

percebeu que naquele instante com eçava a am ar seu filho.

Ali, naquele m om ento.

Assim com o um m acho vinculado a um a fêm ea, um pai tam bém se sentia unido ao filho – e,

sendo assim , seu coração se abriu e recebeu tudo aquilo de braços abertos: o com prom etim ento

que acom panhava a tentativa de ter um filho, o terror de perdê-lo que nunca se dissiparia, a

alegria de existir algo seu na face da Terra depois que você se fosse, a im paciência por conhecê-

lo pessoalm ente, o desej o desesperado de segurá-lo em seus braços e olhar em seus olhos e lhe

dar todo o seu am or.

– Tudo bem se… se eu tocar na sua barriga? – ele perguntou baixinho.

– Claro! Você não tem que pedir – Lay la se recostou com um sorriso. – O que está aqui dentro

é m etade seu, sabia?

Qhuinn esfregou as m ãos, nervoso, ao se aproxim ar da m esa. Obviam ente ele tocara em

Lay la durante o cio e, depois, de m aneira obsequiosa quando a situação se fez necessária.

Ele j am ais pensara em tocar em seu bebê.

Qhuinn observou de longe sua m ão de adaga se esticar. Jesus, as pontas dos dedos estavam

trêm ulas.

Mas se estabilizaram no m om ento em que fizeram contato.

– Estou bem aqui – disse ele. – Papai está aqui. Não vou a parte algum a. Vou só esperar até

que você estej a pronto para vir ao m undo, e depois a sua m ãe e eu vam os cuidar de você. Por

isso, aguente firm e, estam os com binados? Faça o que for preciso aí, e nós esperarem os o tem po

que for preciso.

Com a m ão livre, segurou a de Lay la e a colocou sobre a sua.

– A sua fam ília está bem aqui. Esperando por você… e nós te am am os.

Era um a tolice falar com o que, sem dúvida, era apenas um m ontinho de células. Mas ele não

teve com o evitar. As palavras, as ações… eram , de súbito, todas suas, e m esm o assim vinham de

um lugar que lhe era desconhecido.

Contudo, parecia certo.

Parecia… com o que um pai deveria fazer.

Mão esquerda, .40. Confere.

Direita, .40. Confere.

Munição extra no coldre sobre o peito. Confere.

Adagas um e dois no coldre do peito. Confere.

Jaqueta de couro…

Um a batida na porta do quarto de Blay e ele se inclinou para fora do closet.

– Pode entrar.

Quando Saxton entrou, ele aj eitou a j aqueta nos om bros e se virou.

– Oi. Tudo bem ?

Algum a coisa estava acontecendo.

Os olhos do m acho deram um giro de 360 graus no “guarda-roupa de trabalho” de Blay , com o

o cham avam . O desconforto fez com que as sobrancelhas de Saxton se unissem no alto; pensando

bem , ele nunca se sentira com pletam ente à vontade com arm as.

– Vai para o cam po de batalha, parece-m e… – o m acho m urm urou.

– Na verdade, para um a reunião do Conselho.

– Não sabia que isso requeria tantas arm as com o acessórios.

– Nova era.

– Sim , de fato.

Um a pausa longa.

– Com o você está?

Os olhos de Saxton percorreram o quarto.

– Eu queria lhe contar pessoalm ente.

Ah, droga. E agora, o que seria?

Blay engoliu em seco.

– O quê?

– Vou sair da casa por um tem po… em férias, na verdade – ele m ostrou a palm a da m ão para

deter qualquer discussão. – Não, não é algo perm anente. Já organizei tudo com Wrath, e não há

nada que eu precise fazer nos próxim os dias. Naturalm ente, se ele precisar, volto im ediatam ente.

Vou ficar com um velho am igo. Preciso m esm o de um pouco de descanso e relaxam ento… e,

antes que se preocupe, j uro que vou voltar, e isto, honestam ente, não tem nada a ver com a

gente. Faz m eses que trabalho sem folga e só quero ficar livre de com prom issos, isso faz sentido?

Blay respirou fundo.

– Sim , faz. Onde você… – ele se deteve ao se lem brar de que aquilo não era m ais da sua

conta. – Se precisar de algum a coisa, é só avisar, certo?

– Prom eto.

Num im pulso, Blay se aproxim ou e passou os braços ao redor do ex-am ante, a conexão

platônica tão natural quanto a antiga apaixonada o fora. Abraçado ao m acho, virou o rosto para

dentro.

– Obrigado – disse Blay . – Por vir m e contar…

Naquele instante, alguém passou no corredor, as passadas hesitando.

Era Qhuinn; Blay soube pelo cheiro antes m esm o de a figura alta e im ponente ser registrada

visualm ente. E na breve hesitação antes de o cara continuar a andar, seus olhos se encontraram

por sobre os om bros de Saxton.

O rosto de Qhuinn se fechou num a m áscara instantaneam ente, as feições congelando, não

revelando nada.

E logo o lutador se foi, suas pernas longas afastando-o do batente da porta.

Blay deu um passo para trás e se forçou a se concentrar na despedida.

– Quando vai voltar?

– Em alguns dias, no m áxim o um a sem ana.

– Ok.

Saxton olhou de relance pelo quarto novam ente, e quando o fez, ficou claro que ele estava se

lem brando.

– Fique bem e se cuide. Não tente bancar o herói.

O prim eiro pensam ento de Blay foi… bem , j á que Qhuinn norm alm ente era o prim eiro a

fazer isso, era bem im provável que ele tivesse de vestir sua roupa de Super-Hom em .

– Prom eto.

Quando Saxton saiu, Blay ficou olhando para o vazio. Não enxergou o que havia

diante dele,

nem se lem brou do que Saxton lhe dissera. Em vez disso, sua m ente foi para o quarto ao lado,

para Qhuinn e para as coisas de Qhuinn… e para as lem branças daquela sua sessão com Qhuinn.

Merda.

Olhando para o relógio, ele colocou o celular no bolso da j aqueta e saiu. Ao se apressar pela

escada, as vozes do vestíbulo ecoaram , num sinal de que a Irm andade j á se reunira e estava

esperando para o sinal de partida.

Com o esperado, todos estavam lá. Z. e Phury . V. e Butch. Rhage, Tohr e John Matthew.

Enquanto descia, viu-se desej ando que Qhuinn os acom panhasse, m as, certam ente, o m acho

ficaria em casa, devido à situação de Lay la.

Onde estava Pay ne?, ele se perguntou ao parar ao lado de John Matthew.

Tohr acenou na direção de Blay .

– Ok, só estam os esperando m ais um e, em seguida, podem os nos encam inhar. A prim eira

leva vai até o local do encontro. Quando o “ok” for dado, eu m e desm aterializarei com Wrath

para a casa com o apoio e…

Lassiter derrapou na porta da sala de bilhar, o anj o caído brilhando desde os cabelos loiros e

negros e olhos brancos até os coturnos. Pensando bem , talvez a ilum inação não fosse de sua

natureza, m as sim de todo aquele ouro que ele insistia em usar.

Ele parecia um a árvore de j oias viva.

– Estou aqui. Onde está o m eu chapéu de m otorista?

– Tom e, use o m eu – ofereceu Butch, m ostrando e lançando um boné com um B. Sox bordado.

– Isso vai aj udar com esses seus cabelos.

O anj o pegou o obj eto no ar e olhou fixam ente para o S verm elho.

– Desculpe, m as não posso.

– Não m e diga que é fã dos Yankees? – V. disse de m odo arrastado. – Terei que m atar você e,

francam ente, hoj e precisam os de todos os reforços de que dispom os.

Lassiter devolveu o boné. Assobiou. Olhou de lado parecendo casual.

– Está falando a verdade? – disse Butch. Com o se o cara tivesse se voluntariado a um a

lobotom ia. Ou a am putação de um m em bro. Ou a um a pedicure.

– Nem fodendo – ecoou V. – Quando e onde você se tornou am igo do inim igo…

O anj o ergueu as m ãos.

– Não é culpa m inha se vocês não são de nada…

Tohr teve, de verdade, de se colocar diante de Lassiter, com o se estivesse preocupado que algo

m ais do que sim ples insultos verbais pudessem acontecer. E o triste era que ele

tinha razão em se

preocupar. Com exceção de suas *shellans*, Butch e V. am avam os Sox acim a de qualquer outra coisa… inclusive a sanidade.

– Ok, ok – interveio Tohr. – Tem os coisas m ais im portantes com que nos preocupar…

– Um a hora ele vai ter que dorm ir – Butch m urm urou para seu colega.

– Isso aí, olha por onde anda, anj o – V. zom bou. – Não gostam os do seu tipo.

Lassiter deu de om bros, com o se os Irm ãos não passassem de cachorrinhos ganindo ao redor

dos seus calcanhares.

– Tem alguém falando com igo? Ou será apenas o som dos perdedores…

Muita gritaria àquela altura.

– Duas palavras, queridos – Lassiter espicaçou. – Johnny . Dam on. Ah, espere, Kevin. Youkilis.

Ou Wade. Boggs. Roger. Clem ens. Será que só a com ida é ruim em Boston? Ou tam bém o j ogo?

Butch avançou nessa hora, obviam ente preparado para acender o cara com o a um a árvore de

Natal…

– Que *merda* está acontecendo aqui?!

A voz gritando do alto da escada abafou a disputa Sox versus Yankees.

Enquanto Tohr afastava o tira, todos acom panharam com os olhos a descida do Rei com sua

rainha. A presença de Wrath fez com que todos ficassem sérios, profissionais. Até m esm o

Lassiter.

Bem , exceto Butch. Mas, pensando bem , ele se m ostrava em “alerta m áxim o”, com o ele

m esm o dizia, nas últim as 24 horas e tinha bons m otivos para estar rabugento: sua *shellan*

participaria da reunião do Conselho. O que, de acordo com o m odo de pensar do Irm ão, era

com o ter dois Wraths ali. A questão era que Marissa era a m ais velha de sua linhagem , e com o

Rehv exigia *quorum* com pleto, ela tinha de estar presente.

Pobre desgraçado.

Na calm aria que se seguiu, a adaga de Blay com eçou a form igar, e ele sentiu um a

necessidade quase irresistível de pousar a m ão em um a arm a. Tudo o que ele conseguia pensar

era que aquilo era quase idêntico ao prelúdio ao atentado contra Wrath no outono anterior –

naquela noite, eles todos se reuniram ali, e Wrath descera com Beth… e um a bala acabara sendo

disparada por um rifle, term inando sua traj etória na garganta do Rei.

Aparentem ente, ele não era o único a pensar naquilo. Um determ inado núm ero de m ãos partiu

para os coldres em alerta.

– Ah, que bom , aqui está você – disse Tohr.

Blay se voltou com um franzido e teve que engolir a sua reação. Não era Pay ne que se

j untava a eles; m as Qhuinn. E, caram ba, o m acho parecia m ais do que pronto a dar um as

pancadas por aí, com os olhos sérios, o corpo tenso com o a corda de um arco em seu couro

negro.

Por um instante, um a fissura de percepção pura e sexual atravessou Blay .

A ponto de um a fantasia totalm ente inapropriada lhe ocorrer: ou sej a, ele e Qhuinn se enfiando

no depósito para um a rapidinha de roupa e tudo.

Com um gem ido, ele voltou a se concentrar no Rei. O que era o m ais apropriado. O im portante

era Wrath, e não a sua m aldita vida am orosa…

Um a sensação de desconforto substituiu o tesão.

Será que ele e Qhuinn voltariam a se encontrar algum dia?

Deus, que pensam ento estranho. O sexo não era um a boa ideia em ocionalm ente. De fato, era um a ideia extrem am ente ruim .

Mas ele queria m ais. E que Deus o aj udasse.

– Ok, prontos – anunciou Tohr. – Todos sabem para onde vam os?

Foi um alívio desconcertante ter a natureza séria da m issão diante dele para clarear seus

pensam entos de tudo que não fosse o com prom etim ento em m anter a vida de Wrath a salvo…

m esm o que à custa da sua.

Só que isso era m elhor do que se preocupar com a sua situação com Qhuinn.

Não havia dúvidas.

CAPÍTULO 51

Qhuinn se m aterializou num terraço coberto de neve, e quando todos da Irm andade, exceto

Butch, m aterializaram -se ao seu lado, ele não se surpreendeu com toda aquela pom pa. A

propriedade em que o Conselho se reuniria estava dentro dos padrões da *glymera*: um enorm e

terreno que fora lim po e aj ardinado. Um pequeno chalé próxim o à entrada que m ais parecia

pertencer a um cartão postal de Cotswalds. Um a enorm e m ansão que, neste caso, era feita de

pedras com cornij as de dentículos, venezianas lustrosas e telhado de ardósia.

– Vam os em frente – disse V., seguindo para um a porta lateral.

No instante em que ele bateu, a porta se abriu, com o se, j unto a todo o resto, aquilo tivesse sido

pré-arranj ado. Mas, hum … aquela era a anfitriã? A fêm ea parada na entrada traj ava um vestido

longo com decote até o um bigo, e ela tinha um a gargantilha de diam antes do tam anho da coleira

de um Doberm an. O perfum e era tão intenso que foi com o um golpe nas narinas – apesar de ele

ainda estar do lado de fora.

– Estou pronta para vocês – disse ela num tom baixo e intim ista.

Qhuinn franziu o cenho, pensando que quem quer que fosse o designer fazia a m oça ali

parecer um a prostituta. Mas isso não era problem a seu.

Enquanto ele cam inhava em fila atrás dos outros, o côm odo em que entraram parecia um tipo

de conservatório, os vasos im ensos e o enorm e piano de cauda sugeriam que m uitas noites com

convidados com eçavam com um cantor de ópera berrando no canto.

Credo.

– Por aqui – instruiu a fêm ea com um floreio de um a m ão que reluzia.

Em seu rastro, aquele perfum e – talvez fossem spray s de diversas fontes, com o cam adas de

todo tipo de tranqueira? – quase coloria o ar atrás dela, e os quadris trabalhavam duplam ente a

cada passada, com o se ela tivesse esperança de que eles olhassem para o seu traseiro, desej ando

ter um pedaço daquilo.

Nada disso. Assim com o os outros, ele olhava cada canto e refúgio, pronto para atirar e depois

fazer perguntas para o corpo estirado no chão.

Só foi quando chegaram ao átrio principal, com todas as pinturas a óleo ilum inadas pelo teto, e

seus tapetes orientais escuros e…

Puta m erda, aquele espelho era exatam ente igual ao que estivera pendurado na casa dos seus

pais. Na m esm a posição, do teto ao chão, a m esm a m oldura rebuscada em ouro.

Sim , aquilo lhe dava arrepios. Dos grandes.

A casa inteira o lem brava da m ansão em que ele crescera, tudo em seu devido lugar, a

decoração m uito longe da classe m édia, m as nem um pouco afetada ao estilo de Trum p. Não,

aquela porcaria toda era um a sutil m istura da fortuna antiga com o senso clássico de estilo que só

se tinha com o nascim ento, não era algo ensinado.

Seus olhos procuraram Blay .

O cara estava fazendo seu trabalho, sério, verificando o lugar.

O pai e a m ãe de Blay não eram ricos daquele m odo. Mas a casa deles sem pre fora m ais

confortável de tantas m aneiras. Mais quente – e isso não tinha nada a ver com o sistem a de aquecim ento central.

Com o estariam os pais de Blay ?, ele se perguntou abruptam ente. Passara quase m ais tem po

debaixo do teto deles, em vez de sob o seu. A últim a vez em que os vira… puxa, fazia tanto

tem po. Talvez na noite dos ataques, quando o pai de Blay passou de senhor Contador de Terno

para um assassino im piedoso. Depois daquilo, o casal se m udara para a casa segura, e, em

seguida, ele e Blay tinham se afastado.

Desej ou que eles estivessem bem …

A im agem de Blay e Saxton de pé, peito contra peito, quadril contra quadril no quarto de Blay

invadiu seu cérebro.

Puta que… o pariu… com o aquilo doeu.

Ah, cacete, o carm a era bom em seu trabalho…

Voltando à realidade, ele seguiu as pélvis m óveis e a Irm andade até a sala de j antar gigante

que fora arranj ada segundo as especificações de Tohr: todas as cortinas foram puxadas ante as

j anelas que davam para o j ardim dos fundos, e a porta em vaivém que ele deduzia dar para a

cozinha fora obstruída por um aparador antigo e pesado. A m esa que devia pertencer ao centro

da sala fora retirada, e 25 cadeiras de m ogno com binando com assento em seda verm elha

estavam perfiladas diante da lareira.

Wrath ficaria de frente à cornij a da lareira para fazer seu discurso, e Qhuinn foi até lá para

verificar se a cham iné estava fechada. Estava.

Em am bos os lados da lareira, havia duas portas que davam para um a antiga sala de recepção.

Ele, John Matthew e Rhage vasculharam a sala, depois a fecharam , em seguida ele se postou

diante da entrada à esquerda, com John à direita.

– Está tudo do seu agrado? – perguntou a fêm ea.

Rehv foi até a lareira e se virou de frente para as cadeiras vazias.

– Onde está o seu *hellren*?

– No andar de cim a.

– Traga-o para cá. Agora. De outro m odo, se ele andar pela casa, é possível que acabe com

um tiro no peito.

Os olhos da fêm ea se arregalaram , e dessa vez, quando ela andou, não houve exagero nos

quadris, nem o “olhem para m im ” com um a j ogada de cabelos por cim a do om bro. Obviam ente

a m ensagem de que não estavam para brincadeira fora recebida, e ela queria que, quem quer

que fosse seu parceiro, perm anecesse vivo naquela noite.

Na espera que se seguiu, Qhuinn m anteve a arm a em punhada, os olhos na sala, os ouvidos

aguçados para o caso de algum a coisa, qualquer coisa parecer estranha.

Nada.

O que sugeria que seus anfitriões tinham seguido as ordens…

Um a sensação de form igam ento estranha subiu pela sua espinha, fazendo-o franzir o cenho e

ficar absolutam ente alerta. Do outro lado da lareira, John pareceu captar o m esm o sinal,

levantando a arm a e estreitando o olhar.

Em seguida, um a névoa fria atingiu os tornozelos de Qhuinn.

– Pedi que dois convidados especiais se j untassem a nós – anunciou Rehv.

Nesse instante, duas colunas de fum aça subiram do chão, as m oléculas dispersas voltando às

form as… que Qhuinn reconheceu instantaneam ente.

Ainda bem .

Com Pay ne fora de com bate por sabe-se lá qual m otivo, ele se sentira com o se estivessem

com pouca retaguarda, m esm o reconhecendo toda a habilidade da Irm andade. No entanto,

quando iAm e Trez surgiram , ele suspirou de alívio.

Aquele sim era um par de assassinos im piedosos, do tipo que você não gostaria de ter do lado

oposto brigando com você. A boa notícia era que fazia tem po que Rehv se aliara aos Som bras, e

a ligação de Rehv com a Irm andade e o Rei significava que os irm ãos obviam ente estavam

dispostos a aj udar na retaguarda.

Qhuinn deu um passo à frente para cum prim entá-los, com o os outros, j untando as palm as,

um a puxada rápida, um tapinha nas costas.

– Ei, cara…

– Com o vai?

– Tudo bom ?

Depois que todos os ois e olás foram distribuídos, Trez olhou ao redor.

– Certo, então vam os ficar fora de vista a m enos que vocês precisem de nós. Mas fiquem

tranquilos, estam os aqui.

Depois de um a rodada de agradecim entos da parte dos Irm ãos, Rehv trocou algum as palavras

em particular com os Som bras… e depois os dois sum iram , desaparecendo de sua form a física,

descendo pelas tábuas do piso; a brisa gélida era apenas um a garantia de segurança.

Bem na hora. Menos de um m inuto depois, a anfitriã voltou com um ancião pequeno ao seu

lado. À m edida que os vam piros envelheciam , com um rápido declínio de sua força física m ais

para o fim da vida, Qhuinn estim ou que restava àquele cara m ais uns cinco anos. Uns dez, no

m áxim o.

Fizeram -se as apresentações, m as Qhuinn não se im portava com aquela baboseira. Estava

m ais preocupado em saber se o resto da casa estava desocupado.

– Há algum *doggen* aqui? – Rehv perguntou à fêm ea enquanto ela acom odava o esquisitão

num a das cadeiras.

– Com o foi pedido, todos foram dispensados a partir de agora.

V. acenou para Phury e Z.

– Nós três vam os vasculhar a propriedade para ver se está tudo bem .

Mesm o que Blay confiasse em si, na Irm andade, em John Matthew e em Qhuinn, ele se sentiu

m elhor sabendo que os Som bras estavam por perto. Trez e iAm não só eram excepcionais

lutadores e inerentem ente perigosos para qualquer um a quem declarassem guerra; eles tinham

um a vantagem adm irável sobre a Irm andade.

Invisibilidade.

Ele não sabia se eles podiam , de fato, lutar dessa m aneira, m as isso pouco im portava.

Qualquer um que ali entrasse – com o digam os, o m aldito Bando de Bastardos – j ulgaria a

situação apenas contando com os presentes visíveis no recinto.

Não com aqueles dois irm ãos.

Portanto, isso era m uito bom .

Naquele instante, V. voltou com Phury e Z. de sua patrulha – e Butch estava com eles,

indicando que o Irm ão acabara de chegar de carro.

– Tudo certo.

Houve um a breve pausa. Em , seguida, com o pré-arranj ado, Tohr foi para a porta da frente e

abriu cam inho para Wrath.

Hora do espetáculo, pensou Blay , com os olhos disparando na direção de Qhuinn antes de

voltar a se concentrar.

Tohr e o Rei entraram na sala de j antar lado a lado, as cabeças unidas com o se estivessem

envolvidos num a conversa séria sobre algo im portante, a m ão do Irm ão sobre o antebraço de

Wrath com o se o cara estivesse tentando enfatizar algum ponto im portante.

Tudo aquilo, porém , não passava de um a encenação para os anfitriões.

Tohr, na verdade, estava conduzindo Wrath pelo braço, levando-o até a lareira, posicionando-o

bem no m eio da cornij a. E a conversa? Era sobre onde os dois aristocratas estavam sentados,

onde as cadeiras estavam perfiladas, onde os Irm ãos e lutadores estavam a postos – bem com o

os dois Som bras.

Enquanto assentia, o Rei, deliberadam ente, m ovia a cabeça de um lado para o outro com o se

seus olhos estivessem captando os detalhes da sala. E, depois, ele cum prim entou os anfitriões

quando estes foram levados à frente para beij ar o im enso anel de diam ante negro.

Depois disso, *la crème de la crème* da *glymera* com eçou a chegar.

De seu posto designado no fundo da sala na parede das j anelas, Blay conseguiu olhar m uito

bem para cada um . Jesus, ele se lem brava de alguns deles de sua vida anterior aos ataques, antes

de ele com eçar a m orar na m ansão e a lutar com os Irm ãos. Seus pais não estavam no m esm o

nível social daqueles m achos e fêm eas, ficando m ais à m argem – ainda assim , a linhagem da

sua fam ília era boa e eles foram incluídos em m uitas celebrações festivas nas grandes m ansões.

Portanto, aquele povo não lhe era desconhecido.

Mas, por certo, ele não tinha com o dizer que sentia saudades deles.

Na verdade, teve que rir consigo m esm o enquanto um a bela quantidade de fêm eas franzia o

cenho e olhava para baixo para os pés delicadam ente envolvidos em sapatos finos, Laboutins

sendo erguidos e sacudidos… com o se o frio dos Som bras estivesse sendo notado.

Quando Havers chegou, o curandeiro da raça pareceu um pouco desentrosado. Sem dúvida

estava nervoso em rever a irm ã e tinha bons m otivos para tal. Até onde Blay sabia, Marissa

acabara com ele na últim a reunião form al do Conselho.

Blay lam entava m uito ter perdido aquilo.

Marissa chegou pouco depois do irm ão, e Butch se aproxim ou dela, recebendo-a com um

beij o dem orado antes de conduzi-la, com um braço orgulhoso e protetor, para um assento no

canto direito, perto de onde ele estava situado. Depois que o tira aj udou-a a se sentar, ele ficou de

pé ao lado dela, grande, forte, e com um olhar am eaçador… especialm ente quando seus olhos se

encontraram com os de Havers e sorriu com as presas expostas.

Blay se viu invej ando um pouquinho o casal. Não por conta do estranham ento fam iliar, isso

não. Mas Deus… ser capaz de estar em público com seu parceiro, dem onstrar

seu am or, ter seu

relacionam ento respeitado por todos os outros? Casais heterossexuais consideravam aquilo com o

coisa certa porque nunca conheceram nada diferente daquilo. Suas uniões eram santificadas pela

glymera, m esm o que os casais não estivessem apaixonados, ou se traíssem , ou fossem , de todo

m odo, um a fraude.

Dois m achos?

Rá.

Apenas m ais um m otivo para se ressentir da aristocracia, segundo seu ponto de vista. Ainda

que, na realidade, ele tinha a sensação de que j am ais teria de se preocupar em sofrer

discrim inação. O m acho que ele queria nunca ficaria ao seu lado em público, e não porque

Qhuinn se im portasse com a opinião alheia. Um , o cara não era do tipo que dem onstrava afeto.

Dois, sexo não form ava casais.

Se assim fosse, o cara estaria com prom etido com m etade de Caldwell, pelo am or de Deus.

Ah, no que ele estava pensando…

Já fazia tem pos que superara aquele sonho im possível com Qhuinn.

De verdade.

Absolutam ente…

– Chega – ele m urm urou para si m esm o quando o últim o integrante do Conselho chegou.

Rehv não perdeu tem po. A cada segundo que Wrath ficava diante do grupo, o Rei não só se

expunha m ortalm ente, m as tam bém corria o risco de que sua cegueira fosse descoberta.

O rei *sympatho* se dirigiu ao Conselho, com o olhar violeta perscrutando a assem bleia, com um

sorriso enviesado no rosto – com o se apreciasse o fato de que o grupo de sabichões não fizesse a

m ínim a ideia de que um devorador de pecados os liderava.

– Declaro aberta a sessão do Conselho. O dia e a hora são…

Enquanto a introdução prosseguia, Blay m anteve o olhar ocupado, verificando as costas dos

m achos e das fêm eas, onde os braços e as m ãos estavam , se alguém se m ostrava ansioso.

Naturalm ente, o grupo se apresentara em *black-tie* e veludo, e j oias para as m ulheres e relógios

de bolso de ouro para os hom ens. Pensando bem , fazia um bom tem po desde que se reuniram

form alm ente, e isso significava que o desej o deles de com petir uns com os outros para m ostrar

quem valia m ais sem dúvida vinha sendo estrangulado.

– … nosso líder, Wrath, filho de Wrath.

Aplausos educados se seguiram , e depois eles se aj eitaram em suas cadeiras quando Wrath

deu um único passo à frente.

Caram ba, cego ou não, ele certam ente parecia um a força da natureza: m esm o não traj ando

algum tipo de m anto com borda de arm inho, o Rei parecia irrefutavelm ente no com ando, o

corpo im enso e os cabelos negros longos, e os óculos escuros, fazendo-o parecer m ais um a

am eaça do que um m onarca.

E a ideia era essa m esm o.

Liderança, especialm ente quando se tratava da *glymera*, baseava-se em parte nessa percepção

– e ninguém tinha com o negar que Wrath parecia a representação viva do poder e da autoridade.

E aquela voz grave e profunda tam bém não atrapalhava em nada.

– Adm ito que faz um bom tem po que não os vej o. Os ataques de quase dois anos atrás

dizim aram m uitos em suas fam ílias e eu partilho de sua dor. Eu, tam bém , perdi m eus fam iliares

num ataque de *redutores*, portanto, sei exatam ente o que vocês têm passado enquanto tentam

voltar a colocar a vida nos trilhos.

Um m acho na fila da frente se m exeu…

Mas foi só para m udar de posição, não o prelúdio de um a arm a sendo sacada.

Blay voltou à sua posição, com o alguns outros. Maldição, ele m al podia esperar para que

aquela reunião acabasse e eles pudessem levar Wrath de volta para a segurança.

– Muitos de vocês conheceram bem m eu pai e se lem bram de seu reinado no Antigo País.

Meu pai era um líder sábio e de tem peram ento m oderado, um cavalheiro de pensam ento lógico

e educação real, que se ocupava som ente da m elhoria desta raça e dos cidadãos – Wrath fez

um a pausa, os óculos percorrendo em arco a sala. – Partilho de algum as das características de

m eu pai… m as não de todas. De fato, não sou tem perado. Não sou clem ente. Sou um hom em da

guerra, não da paz.

Nisso, Wrath desem bainhou um a de suas adagas, a lâm ina negra refletindo a luz do candelabro

de cristal acim a deles. Diante do Rei, a assem bleia reagiu com um trem or coletivo.

– Fico m uito à vontade num conflito, sej a ele do tipo legal ou letal. Meu pai era um m ediador,

um construtor de pontes. Eu construo túm ulos. Meu pai era persuasivo. Eu sou um conquistador.

Meu pai era um Rei que se sentava de boa vontade às suas m esas de j antar para debater

m inúcias. Não sou assim .

Epa, epa. Sem dúvida, nunca se dirigiram ao Conselho daquele m odo. Mas Blay não

discordava da abordagem . A fraqueza não era respeitada. Mais do que isso, com aquele grupo, a

lei provavelm ente não asseguraria a estabilidade do trono de Wrath.

Medo, por sua vez?

Tinha chances m uito m elhores.

– Meu pai e eu, todavia, tem os um a coisa em com um – Wrath inclinou a cabeça num ângulo

com o se estivesse olhando para a adaga negra. – Meu pai provocou a m orte de oito dos seus

parentes.

Houve um arfar coletivo. Mas Wrath não perm itiu que isso o detivesse.

– No decorrer do seu reinado, ocorreram oito atentados à vida dele, e, não im portasse o quanto

dem orasse, se dias, sem anas ou m eses, ele tratou de descobrir quem esteve por trás de cada um

deles… e caçou pessoalm ente cada um dos indivíduos, m atando-os. Podem não ter ficado

sabendo das histórias verdadeiras, m as sabem dessas m ortes… Os crim inosos foram decapitados

e suas línguas foram cortadas. Por certo, se pensarem no passado, irão se lem brar de alguém em

suas linhagens que tiveram esse fim ?

Inquietação. Muita inquietação. O que sugeria que as lem branças estavam se avivando.

– Tam bém devem se lem brar de que essas m ortes foram atribuídas à Sociedade Redutora. Eu

lhes digo, conheço esses nom es, com o tam bém sei onde estão esses túm ulos, porque m eu pai m e

fez m em orizá-los. Foi a prim eira lição de reinado que ele m e ensinou. Meus cidadãos devem ser

honrados, protegidos e bem servidos. Os traidores, por sua vez, são um a doença para qualquer

sociedade legítim a e precisam ser erradicados – Wrath sorriu de um m odo puram ente m alévolo.

– Digam o que quiserem a m eu respeito, estudei m uito bem aos pés de m eu pai. E sej am os bem

claros, foi o m eu pai, e não a Irm andade, quem cuidou dessas m ortes. Sei disso porque ele

decapitou quatro deles diante de m im . Eis a im portância dessa lição.

Muitas das fêm eas se aproxim aram de qualquer que fosse o m acho que estivesse sentado ao

seu lado.

Wrath prosseguiu:

– Não hesitarei em seguir a liderança de m eu pai quanto a isso. Reconheço tudo o que vocês

sofreram . Respeito suas provações e quero liderá-los. Todavia, eu não hesitarei em tratar

qualquer tipo de insurreição contra m im e os m eus com o um ato de traição.

O Rei abaixou o queixo e pareceu encará-los por detrás dos óculos, a ponto de até Blay sentir

um a pontada de adrenalina.

– E se pensam que m eu pai foi violento, não viram nada ainda. Farei com que aquelas m ortes

pareçam m isericordiosas. Juro pela m inha linhagem .

CAPÍTULO 52

De algum a form a, Assail não conseguia acreditar que estivesse entrando em um restaurante.

Prim eiro porque ele não costum ava, via de regra, frequentar locais hum anos, e, segundo, ele não

tinha interesse algum em com er ali: o ar rescendia a batata frita e cervej a, e pelo que viu nas

bandej as das garçonetes, ele não estava m uito certo se as entradas eram consideradas seguras

para consum o não anim al.

Ora, vej a. Do lado oposto, havia um palco que tinha um a parede de tela de aram e para

galinheiros.

Quanta classe.

– Olá, tudo bem ? – alguém ronronou em sua direção.

Assail levantou um a sobrancelha e olhou por sobre o om bro. A m ulher hum ana usava um a

cam isa apertada e um par de j eans que, obviam ente, fora-lhe costurado no corpo. O cabelo era

loiro e m uito liso. A m aquilagem era pesada, com o batom tão brilhante que m ais parecia pintura

a óleo.

Ele preferiria arrancar os olhos com um a colher a ter qualquer tipo de envolvim ento com

alguém com o ela.

Obrigou-a a se esquecer de que o vira e virou de costas. O lugar estava cheio, havia m ais

pessoas que m esas e cadeiras, portanto havia um a boa cobertura enquanto ele seguia para um

canto e procurava…

Lá estava ela.

A sua ladrazinha.

Praguej ando baixinho, ele vagam ente reconheceu o quanto aquilo era um a perda de tem po –

considerando-se, ainda m ais, que seus prim os estavam negociando de novo com aquele *redutor*.

Infelizm ente, porém , assim que ele recebera o alerta de que o Audi dela estava se m exendo,

sentira-se com pelido a encontrá-lo e segui-lo.

Não estivera preparado para aquilo.

O que ela fazia ali? E por que estava vestida daquela m aneira?

Enquanto ela encontrava um a das poucas m esas vazias e se sentava sozinha, ele se viu

desaprovando o m odo com o o cabelo dela estava solto por sobre os om bros, o volum e escuro se

curvando ao redor do rosto. Ou a saia j usta que foi revelada assim que ela despiu o casaco. Ou…

ela tam bém estava m aquilada, pelo am or de Deus. Mas não da form a carregada daquela m ulher

que acabara de abordá-lo. A sua ladra deixara as coisas bem leves, de m odo a apenas acentuar

suas feições…

Ela era tão linda.

Linda dem ais.

Todos os hom ens no restaurante olhavam para ela. E isso fez com que ele quisesse m atar cada

um deles arrancando-lhe as gargantas com os dentes…

Com o se estivessem de acordo com seu plano, suas presas form igaram e com eçaram a se

alongar dentro da boca, seu corpo ficando tenso.

Mas ainda não, ele se ordenou. Ele tinha de descobrir o m otivo de ela estar ali. Depois de tê-la seguido até a m ansão de Benloise, ele esperara qualquer tipo de destino… em bora não aquele. O

que ela estaria…

A cabeça dela se voltou e, por um instante, ele pensou que, de algum a m aneira, ela o tivesse

sentido, m esm o não sendo um a vam pira.

Mas então, um hum ano m uito alto e bem estruturado aproxim ou-se da m esa.

Sua ladra fitou o cara. Sorriu para ele. Levantou-se e passou os braços ao redor dos om bros

am plos.

A m ão de Assail entrou no casaco à procura de sua arm a.

De fato, ele se viu indo até lá e despej ando um a bala entre os olhos do hom em .

– Ei, j á esteve aqui antes?

A cabeça de Assail virou para trás. Um hum ano bem grande o abordara e o fitava com um a

expressão um tanto agressiva.

– Eu lhe fiz um a pergunta.

Existiam duas respostas, Assail resolveu. Ele poderia responder verbalm ente, o que o colocaria

em algum tipo de diálogo que consum iria a sua atenção, não sendo um a boa ideia, portanto, visto

que sua m ão continuava segurando a arm a e seus im pulsos não haviam m udado em sua

inclinação hom icida.

– Estou falando com você.

Ou ele poderia…

Assail expôs as presas estendidas e grunhiu profundam ente da garganta, redirecionando sua ira

da cena com a sua ladra com aquele tolo para quem ela se vestira e se enfeitara.

O cara cheio de perguntas levantou as m ãos e deu um passo para trás.

– Ei, está tudo bem , tanto faz. Desculpe. Tudo bem .

O hom em desapareceu no m eio da m ultidão, provando que em certas circunstâncias ratos sem

rabo tam bém conseguiam se desm aterializar.

Os olhos de Assail voltaram a se fixar na m esa. O “cavalheiro” que se sentara diante de sua

ladra estava se inclinando na direção dela, os olhos fixos em seu rosto enquanto ela exam inava o

cardápio e olhava ao redor.

Algo teria de ser feito a respeito daquilo.

Sola fechou o cardápio e riu.

– Eu nunca disse isso.

– Disse sim – Mark Sanchez sorriu. – Você m e disse que eu tinha olhos bonitos.

Mark era exatam ente o que ela precisava num a noite com o aquela. Ele era bonito de se olhar,

supercharm oso, e contanto que ele não a fizesse se abaixar para fazer m il abdom inais, ela não

tinha com que se preocupar: com o seu professor de ginástica particular? Ele era um dem ônio, ela

bem sabia.

– Então, este é um j eito de m e am aciar? – ele se recostou quando a garçonete lhes trouxe as

cervej as. – Está tentando fazer com que eu pegue leve na academ ia?

– Sei que isso j am ais funcionaria – Sola deu uns goles da bebida gelada em sua caneca. – Você

não dá m ole. É a sua regra.

– Bem , para ser j usto, você nunca pediu tratam ento especial. – Houve um a pausa. – Não que em seu caso eu não estivesse disposto em ceder um pouco… em algum as áreas.

Sola desviou do olhar que lhe era lançado.

– Quer dizer que você não sai com clientes?

– Não. Norm alm ente não.

– Conflito de interesses.

– Pode acabar em confusão… Mas, em certos casos, o risco vale a pena.

Sola olhou de relance pelo bar. Muitas pessoas. Muita conversa. E o am biente estava abafado.

Ela franziu o cenho e se enrij eceu. No canto extrem o, algum a coisa… alguém …

– Está tudo bem ?

Ela tentou se livrar da sua paranoia.

– Sim , desculpe… Ah, sim , querem os fazer o pedido – ela disse quando a garçonete voltou. –

Vou querer um cheeseburguer. Desde que o m eu treinador não tenha um a em bolia em sinal de

desaprovação.

Mark riu.

– São dois, então. Mas não coloque fritas. Em nenhum dos dois pratos.

Enquanto a garçonete se afastava, Sola tentou não olhar para o canto escuro ao fundo.

– Então…

– Nunca im aginei que fosse aceitar m eu convite. Quanto tem po faz que eu a cham ei para sair?

Enquanto Mark sorria, ela notou que ele tinha dentes fantásticos, retos e bem brancos.

– Acho que j á faz um tem po. Tenho estado ocupada.

– Então, o que faz para viver?

– Isso e aquilo.

– Em que ram o?

Norm alm ente, ela se irritava quando as pessoas com eçavam a ficar curiosas. Mas a postura

dele era calm a e relaxada, portanto aquela era apenas um a conversa norm al de um encontro de

um casal.

– Acho que posso cham ar de j ustiça crim inal.

– Ah, então lida com leis.

– Sim , eu as conheço.

– Que bacana – Mark pigarreou. – Então… nossa, você está realm ente linda.

– Obrigada. Acho que é por causa do m eu professor.

– Ah, sabe, de algum m odo acho que você se sairia bem sem m im .

Enquanto se envolvia num a conversa descom plicada, ela com eçou a relaxar de verdade e

quando os sanduíches chegaram , eles pediram m ais um a rodada de cervej a. Era tão… norm al

estar num bar, conversando e conhecendo outra pessoa.

O exato oposto do que ela testem unhara na noite anterior.

Sola estrem eceu quando as im agens lhe voltaram … a luz de velas, aquele hom em de cabelos

negros pairando acim a da m ulher sem inua com o se estivesse para devorá-la, os dois se soltando

com desinibição… Então, aqueles olhos reluzentes se ergueram e se encontraram com os dela

através da j anela com o se ele soubesse o tem po todo que ela estivera espionando.

– Você está bem ?

Sola forçou-se a se concentrar.

– Desculpe, sim , estou. O que você estava dizendo?

Enquanto Mark voltava a falar do seu treinam ento para o Ironm an, ela se viu novam ente no

frio do lado de fora daquele chalé, observando aquele hom em e aquela m ulher.

Droga. Ela orquestrara aquele encontro som ente porque queria relaxar. Não porque gostasse

particularm ente de Mark, por m ais legal que ele fosse.

Na verdade, talvez ela tivesse feito aquilo porque, coincidentem ente, seu professor era bem

alto, de boa constituição física, e cabelos m uito escuros e olhos bem claros.

Quando a culpa lhe enviou um aviso, ela pensou, ora, pelo am or de Deus. Era um a m ulher

adulta. Mark era um hom em adulto. As pessoas faziam sexo por diferentes m otivos – não era

porque não queria se casar com o cara que ela estivesse quebrando algum a regra sagrada… a

não ser, droga. Deixando de lado a m oral da avó, e os dentes brancos e brilhantes e os om bros

largos dizendo o contrário, ela não se sentia de fato atraída por Mark.

Ela estava atraída pelo hom em de quem Mark a fazia se lem brar.

E era isso o que tornava tudo aquilo m uito errado.

CAPÍTULO 53

Mesm o que Qhuinn dificilm ente fosse um bom árbitro de aprovação no que se referia às

reuniões do Conselho, ficou bem claro para ele que o grupo reunido fora até aquela casa

esperando um a coisa só para receber algo com pletam ente diferente.

Wrath não desperdiçava nem atenuava as palavras e, depois de despej ar seu discurso, concluiu

tudo em cinco, dez m inutos.

Na verdade, aquilo era m uito bom . Quanto antes ele term inasse, m ais rápido o tirariam dali.

– Concluindo – disse o Rei em sua voz grave –, agradeço a oportunidade de m e dirigir a este

grupo respeitável.

Naquele caso, “respeitável” obviam ente significava “idiota”.

– Tenho outro com prom isso agora – isto é, perm anecer vivo. – Portanto, preciso ir. Contudo, se

tiverem algum com entário, por favor, dirij a-os a Tohrm ent, filho de Hharm .

Menos de um segundo depois, o Rei deixava a casa com V. e Zsadist.

Após a saída dele, todos os em poados na sala de j antar perm aneceram sentados em suas

cadeiras, chocados, suas expressões dizendo “e agora?”. Obviam ente, eles esperavam m ais…

m as tam bém m enos. Com o crianças que forçam dem ais os lim ites com os pais até finalm ente

levarem um a colherada de pau na bunda.

Pela perspectiva de Qhuinn, aquilo tudo era m uito engraçado, de verdade.

A festa finalm ente com eçou a se dissipar depois que a anfitriã se levantou e disse a todos com o

fora um a honra recebê-los e blá-blá-blá.

Qhuinn só se im portava com um a coisa.

A m ensagem que chegou em seu celular um m inuto m ais tarde: Wrath estava a salvo em

casa.

Exalando lentam ente, ele guardou o celular no bolso interno da j aqueta de couro e considerou

a ideia de dar um as guinadas no piso só para ver se anim ava aquele bando de em pertigados a

dançar um pouco. Porém , ele m uito provavelm ente se m eteria em apuros com isso.

Que pena.

O grupo com eçou a sair logo em seguida, para óbvio descontentam ento da anfitriã, com o se

ela tivesse se arrum ado e reorganizado sua casa na antecipação de um evento social que durasse

a noite toda – só para descobrir que conquistara seus dois segundos de celebridade e um balde

gigante de KFC para com er.

Desculpe, dona.

Tohrm ent com andou o êxodo, parado diante da lareira, acenando com a cabeça,

dizendo

algum as poucas palavras. Wrath fizera um a boa escolha. O Irm ão tinha a aparência de um

guerreiro, com todas as suas arm as, m as sem pre se m ostrou disposto e internam ente inclinado a

ser um pacificador, e isso não era diferente aquela noite.

Ele se m ostrou especialm ente agradável quando Marissa e Butch saíram , o rosto dem onstrando

um a centelha genuína de afeto ao abraçá-la e ao acenar para o tira que acom panhou para fora.

Contudo, esse fragm ento de realidade foi im ediatam ente substituído pela sua m áscara

profissional.

No fim , a anfitriã auxiliou seu *hellren* ancião a se levantar e com entou algum a coisa a respeito

de aj udá-lo a subir.

E assim restou apenas um .

Elan, filho de Larex, dem orava-se perto do acortinado das j anelas.

Qhuinn observara o cara o tem po todo, contando exatam ente quantos m em bros do Conselho se

aproxim aram dele, tom ando-lhe a m ão e m urm urando algo em seu ouvido.

Cada um deles.

Portanto, não foi um a surpresa quando em vez de sim plesm ente ir em bora com o um bom

garoto, ele se encam inhou até a lareira com o se desej asse um a audiência.

Maravilha.

Enquanto Elan se aproxim ava de Tohr, quanto m ais perto ficava, m ais tinha de levantar o

queixo para m anter contato visual com o Irm ão.

– Foi um a honra m uito grande ter um a audiência com o seu Rei – o cavalheiro disse com

seriedade. – Ouvi atentam ente cada palavra.

Tohr m urm urou algo em resposta.

– E venho m e rem oendo com algo – o aristocrata com entou. – Eu tinha esperanças de falar

diretam ente com ele a respeito, m as…

Bem , não prenda a respiração enquanto espera por isso, am igo.

Tohr se prontificou a preencher o silêncio:

– Qualquer coisa que m e disser chegará diretam ente aos ouvidos do Rei, sem filtro nem

interpretação. E os lutadores neste recinto j uraram segredo. Eles são capazes de m orrer antes de

repetir sequer um a palavra.

Elan olhou na direção de Rehv, obviam ente esperando um a j ura sem elhante por parte do

m acho.

– O m esm o se aplica a m im – m urm urou Rehv ao se apoiar na bengala.

Abruptam ente, o peito de Elan estufou com o se aquele tipo de atenção personalizada fosse

m ais do que ele esperava obter naquela reunião.

– Bem , isso tem pesado m uito em m eu peito.

Certam ente não nos peitorais, Qhuinn pensou. Você tem o físico de um m oleque de dez anos.

– E *isso* seria… – Tohr deu a deixa.

Elan cruzou os braços atrás das costas e andou um pouco – com o se estivesse refletindo sobre

suas palavras. Algo garantia a Qhuinn, porém , que elas j á tinham sido ensaiadas, ainda que não

pudesse dizer com o sabia disso.

– Eu esperava que seu Rei se referisse a certo boato que ouvi.

– Que seria? – perguntou Tohr num tom neutro.

Elan parou. Virou-se. Falou com clareza:

– Que ele foi alvej ado no outono.

Ninguém em itiu reação algum a. Nem Tohr, nem Rehv. Tam pouco os Irm ãos restantes na

sala. E por certo nem Qhuinn e seus garotos.

– Qual a fonte desse boato? – questionou Tohr.

– Bem , para ser franco, pensei que ele estaria aqui.

– Verdade? – Tohr olhou para as cadeiras desocupadas e deu de om bros. – Quer m e contar o

que ouviu?

– O m acho fez referência à visita do Rei. Sem elhante à que Wrath m e fez em m inha

residência durante o verão – isso foi relatado com grande im portância, com o se aquele tivesse

sido o ponto alto do ano de Wrath. – Ele disse que o Bando de Bastardos atirou no Rei enquanto

ele estava em sua propriedade.

Mais um a vez, nenhum a reação.

– Mas, obviam ente, o seu Rei sobreviveu – a pausa sugeria que Elan estava esperando por

detalhes. – De fato, ele parece ótim o.

O silêncio se alongou com o se as duas partes na conversa esperassem que a outra fizesse bom

uso da quietude.

Tohr ergueu um a sobrancelha.

– Com o devido respeito, você não nos inform ou m uita coisa, e boatos acontecem desde o

início dos tem pos.

– Mas eis o m ais estranho. Ele tam bém falou com igo antes que isso acontecesse. No entanto,

não acreditei nele. Quem tram aria um a tentativa de hom icídio? Parecia… m ais a ostentação de

um m acho que, de outro m odo, estava insatisfeito com a m aneira com o as coisas estavam sendo

conduzidas. Só que, um a sem ana m ais tarde, ele disse que o Bando de Bastardos deu seguim ento

aos planos, e que Wrath fora atingido. Eu não sabia o que fazer. Eu não tinha com o entrar em

contato com o Rei pessoalm ente, e nenhum m odo de verificar se o que esse indivíduo dizia era

verdade. Deixei estar… até esta reunião ser m arcada. Fiquei m e perguntando se talvez… bem .

Obviam ente nada aconteceu, m as fiquei m e perguntando por que ele não estava aqui.

Tohr baixou o olhar em direção ao m acho m enor.

– Aj udaria bastante se você nos desse um nom e.

Foi a vez de Elan franzir o cenho.

– Quer dizer que não sabe quem está no Conselho?

Enquanto Rehv revirava os olhos, Tohr dava de om bros.

– Tem os m ais coisas com que nos preocupar do que com os associados de Rehv.

– No Antigo País, a Irm andade sabia quem éram os.

– Há um oceano entre nós e a m ãe terra.

– Um a pena.

– Essa é a sua opinião.

Qhuinn deu um passo à frente, com a intenção de interferir, para o caso de o Irm ão resolver

segurar o pescoço do filho da puta: alguém provavelm ente teria de agarrar a cabeça antes que

ela caísse no tapete da anfitriã. E o peso m orto do corpo tam bém .

Parecia o m ais hospitaleiro a se fazer.

– Então, sobre quem está falando? – Tohr o pressionou.

Elan olhou para os m achos im óveis e letais que se concentravam nele.

– Assail. Seu nom e é Assail.

No centro de Caldwell, onde as ruas escuras form avam um labirinto de ratos e os hum anos

sóbrios eram raros e esparsos, Xcor balançou a foice num círculo am plo de uns dois m etros além

do piso escorregadio m anchado de preto.

O *redutor* foi golpeado no pescoço, e a cabeça, agora liberta da m edula espinhal, pendeu do queixo para a têm pora, em m eio ao vento frio e im placável. Sangue negro desceu das artérias

partidas enquanto o corpo desgovernado despencava no chão num tom bo.

Só isso.

Bem desapontador, na verdade.

Virando de costas, ele segurou sua am ada foice sobre o om bro para que ela se curvasse atrás

dele de m odo protetor, vigiando-lhe as costas enquanto ele se preparava para o que viria em

seguida. O beco em que ele entrara para perseguir aquele agora incapacitado assassino era

aberto na ponta oposta, e atrás dele, os três prim os estavam posicionados om bro a om bro para o

caso de alguém m ais vir daquela direção.

Algo se aproxim ava.

Algo vinha… em alta velocidade, o ronco do m otor aum entando cada vez m ais…

O SUV derrapou no beco, os pneus encontrando pouca ou nenhum a tração na rua coberta de

gelo. Com o resultado da ausência de atrito, o veículo bateu na parede, os faróis cegando Xcor.

Quem quer que estivesse atrás daquele volante não pressionou o freio.

O m otor rugiu.

Xcor ficou de frente para o carro e fechou os olhos. Não havia m otivo para m antê-los abertos

j á que não estava enxergando nada. Não se im portava se o m otorista fosse um assassino, um

vam piro ou um hum ano.

Eles vinham em sua direção, e ele colocaria um fim naquilo. Mesm o que talvez fosse m ais

fácil sim plesm ente sair do cam inho.

Entretanto, ele nunca gostou de saídas fáceis.

– Xcor! – alguém exclam ou.

Inspirando profundam ente o ar gelado, ele em itiu um grito de guerra ao acom panhar a

aproxim ação, seus sentidos se aguçando e posicionando o SUV em sua traj etória. A foice

desapareceu um instante, e suas pistolas, ansiosas em participar, surgiram em am bas as m ãos.

Ele aguardou m ais uns cinco m etros.

Em seguida, com eçou a apertar os gatilhos.

Com os silenciadores colocados, as balas só em itiam os sons do im pacto ao

quebrarem o para-

brisa, sibilarem na grade, perfurarem um pneu…

E nessa hora os faróis que o cegavam se viraram , a traseira do veículo rodopiando, toda a

traj etória im utável graças à trem enda aceleração – m esm o quando todo o resto se confundia.

Pouco antes de a lataria lateral o atingir, Xcor pulou do chão, as botas im pulsionando-o para

cim a, o teto do carro quase resvalando no solado enquanto um a tonelada e m eia desgovernada

passava por baixo do seu corpo flutuante.

Quando os coturnos de com bate de Xcor aterrissaram , o avanço do carro foi interrom pido à

custa de um latão de lixo, o receptáculo detendo o veículo m elhor do que qualquer freio seria

capaz.

Xcor não perdeu tem po para se aproxim ar, com as duas pistolas erguidas, os gatilhos prontos.

Em bora tivesse dado alguns tiros, ele sabia que ainda possuía pelo m enos um as quatro balas em

cada um a. E, m ais um a vez, seus soldados o apoiaram por trás.

Aproxim ando-se para olhar o interior, ele não se preocupava com o que encontraria: um de

sua espécie, um hom em ou um a m ulher, um *redutor*, pouco im portava.

O cheiro de carne estragada e m elaço o inform aram qual dos seus inim igos ele confrontara e, de fato, enquanto se inclinava sobre o para-brisa estilhaçado, dois

novos recrutas, que ainda

apresentavam cabelos escuros e pele rosada, balançavam nos bancos da frente.

Mesm o com os cintos de segurança a postos, eles estavam em m au estado. Além de terem

sido atingidos pelas balas, os rostos dem onstravam todos os estragos feitos pelas batidas tanto nas

laterais do carro, com o no painel e no vidro quebrado: sangue negro escorria pelos narizes e

queixos e faces lacerados, a m eleca pingando nos peitos com o água de um chuveiro.

Nada de air bags. Talvez um caso de m al funcionam ento.

– Não pensei que fosse conseguir – m urm urou Balthazar.

– É m esm o – o outro concordou.

Xcor desconsiderou a preocupação ao guardar as arm as, depois segurou a porta do m otorista e

a arrancou da dobradiça. Enquanto o guincho m etálico ecoava m uito alto no beco, ele largou a

placa de m etal, pegou a adaga de aço e se inclinou.

Com o com todos os *redutores*, aqueles afiliados a Ôm ega ainda se m exiam e piscavam apesar

dos ferim entos catastróficos – e continuariam assim eternam ente se deixados nesse estado,

m esm o que suas form as apodrecessem com o tem po.

Só havia um m odo de m atá-los.

Xcor aproxim ou o braço do om bro esquerdo e enterrou a lâm ina de sua adaga

no peito

daquele que estava atrás do volante. Virando a cabeça de lado e fechando os olhos para não se

cegar novam ente, ele esperou pelo som e pelo flash dim inuir antes de se inclinar sobre o assento

e fazer o m esm o com o passageiro.

Depois se virou para despachar o corpo decapitado e contorcido… que tinha m arcas de pneus

sobre o peito, graças à traj etória do carro no beco.

Cam inhando pelo piso suj o e lam acento, ele levantou a adaga acim a do om bro e enterrou a

lâm ina no esterno com tanta força que a arm a ficou encravada no asfalto.

Quando se pôs de pé novam ente, sua respiração em itia sopros de fum aça pelo nariz, com o

um a locom otiva.

– Vasculhem o veículo, depois tem os que ir.

Ele consultou o relógio. A polícia de Caldwell era desapontadoram ente atuante, m esm o

naquela parte da cidade – e a am eaça constante de envolvim ento hum ano sob a qual ele vivia era

sem pre um aborrecim ento. Mas, com sorte, em questão de m inutos, eles iriam em bora e seria

com o se j am ais estivessem estado ali.

Em bainhando a adaga, ele olhou para o céu, estalando o pescoço e relaxando os om bros.

Era im possível não pensar na reunião do Conselho que fora m arcada; aquilo esteve em sua

m ente a noite inteira. Será que Wrath aparecera? Ou teria sido apenas Rehvenge e os

representantes da Irm andade? Se o Rei tivesse de fato aparecido, Xcor podia m uito bem

im aginar a pauta: dem onstração de força, avisos, depois um a partida rápida.

Por m ais poderosa que fosse a Irm andade, e por m ais que Wrath conseguisse forçar sua

vontade sobre aquele grupo de aristocratas traiçoeiros e baj uladores, era difícil im aginar que um

m acho que recentem ente quase fora assassinado fosse se arriscar: m esm o que apenas por

interesse próprio, a Irm andade o queria vivo, visto que aquilo tam bém era seu lugar de poder.

E foi por isso que ele escolhera ficar afastado.

Não havia m al algum em perm itir que Wrath tentasse recuperar um pouco de seu prestígio

perdido, e m uito a perder num confronto direto com a Irm andade diante daquele público

específico: o potencial de um dano colateral era grande dem ais. A últim a coisa que ele queria

era assustar a *glymera* a ponto de afastá-los… ou m atá-los de um a vez no processo de acabar

com o Rei.

Mas ele descobrira, graças aos contatos de Throe, a hora e o local exatos daquele

encontro.

Que seria naquele instante… e na propriedade daquela fêm ea de quem seus soldados se

alim entaram no pequeno chalé.

Evidentem ente, ela estava disposta a perm itir que outros usassem não só o j ardim dela, m as

tam bém suas salas.

E, m uito em breve, ele teria um a transcrição do que acontecera graças ao porta-voz que era

Elan – senão por outro m otivo que não de o m acho desej ar apenas se gabar do acesso a que

tivera.

Um assobio de apreciação vindo da parte de trás do carro arruinado fez com que ele virasse a

cabeça.

Zy pher estava parado diante do porta-m alas aberto, com as sobrancelhas erguidas enquanto

ele se curvava e apanhava… um tij olo de algo branco coberto de celofane.

– Que belo prêm io conseguim os – disse ele, erguendo-o no alto.

Xcor andou até lá. Havia m ais três daqueles, apenas j ogados na parte traseira, com o se o par

de assassinos estivesse m ais preocupado com a sua segurança física do que com a disposição das

drogas.

Naquele instante, as sirenes com eçaram a gritar vindo do leste, talvez

relacionadas àquela

batida, talvez não.

– Pegue os pacotes – ordenou Xcor. – Vam os em bora agora.

CAPÍTULO 54

Som ando-se tudo, o encontro até que não foi tão ruim .

Enquanto Sola se levantava para vestir o casaco, Mark se aproxim ou por trás e a aj udou a

aj eitar a lã nos om bros.

O m odo com o as m ãos se dem oraram sugeria que ele estava m ais do que aberto a que aquele

fosse o térm ino do j antar, m as tam bém apenas o início do resto da noite. No entanto, ele não se

m ostrou insistente. Deu um passo para trás e sorriu, indicando o cam inho da saída com um gesto

galante.

Movendo-se à frente dele, pareceu algum tipo de crim e contra sua saúde m ental que ele não

conseguisse fazer seu sangue ferver… com o aquele hom em extrem am ente agressivo e

dom inante o fizera na noite anterior.

Ela precisaria ter um a conversinha com a sua libido. Ou talvez lhe desse um a surra…

Quem sabe daquele outro cara, um a parte sua sugeriu.

– Não – m urm urou.

– Desculpe, o que disse?

Sola balançou a cabeça.

– Eu só estava falando com igo m esm a.

Depois de abrirem cam inho pela m ultidão, chegaram à porta do restaurante e, puxa, com o era

bom respirar ar fresco.

– Então… – disse Mark, enfiando as m ãos nos bolsos dos j eans, fazendo com que seu torso bem

desenvolvido ficasse ainda m ais saliente… E ainda assim não conseguindo chegar perto do

tam anho do…

Pare com isso.

– Obrigada pelo j antar, você não precisava ter pagado.

– Ora, este foi um encontro. Foi você quem disse – ele sorriu novam ente. – E eu sou um cara

do tipo tradicional.

Vá em frente, disse ela a si m esm a. Pergunte a ele se pode ir até a casa dele.

Afinal, nenhum tipo de ação poderia acontecer na sua casa. Jam ais. Não com sua avó no

andar de cim a – a surdez da m ulher era altam ente seletiva.

Apenas vá em frente.

Foi para isso que você o cham ou…

– Tenho um a reunião bem cedo am anhã – ela deixou escapar. – Por isso, tenho que ir. Mas,

obrigada m esm o… e vam os repetir um dia.

Para dar algum crédito a Mark, ele encobriu qualquer desapontam ento que pudesse estar

sentido com outro daqueles sorrisos cam peões.

– É um a boa ideia. Foi bem legal.

– Eu estacionei logo ali – ela apontou o polegar para trás. – Então…

– Eu a acom panho até o carro.

– Obrigada.

Ficaram em silêncio enquanto as botas quebravam o sal que fora colocado por cim a do gelo.

– Está um a noite agradável.

– É – ela concordou. – Está m esm o.

Por algum m otivo, os sentidos da m ulher com eçaram a lançar um alerta, e seus olhos

vasculharam a escuridão do lado de fora do estacionam ento ilum inado.

Pensou que talvez fosse Benloise indo atrás dela. Sem dúvida, ele j á devia ter percebido que

alguém invadira sua casa e seu cofre, e tam bém j á devia ter notado a leve m udança na posição

da estátua. Contudo, seria difícil saber se ele retaliaria. Apesar do ram o de negócio em que se

envolvera, ele devia ter ciência de que o que fizera ao cancelar sua m issão e suspender o seu

pagam ento fora errado.

Certam ente, ele entenderia a m ensagem .

Além disso, ela poderia ter levado tudo o que ele havia guardado.

Aproxim ando-se do Audi, ela desarm ou o alarm e. Em seguida, virou-se e levantou o olhar.

– Ligo para você?

– Sim , por favor – disse Mark.

Houve um a longa pausa. Em seguida, ela levantou a m ão e a escorregou para trás do pescoço

dele, e atraiu a boca dele para a sua. Mark aceitou o convite de pronto, m as não de m odo

dom inador e insistente: enquanto ela pendia a cabeça para o lado, ele fez o m esm o, e seus lábios

se partiram , resvalando-se de leve, e depois com um pouco m ais de pressão. Ele não a esm agou

contra o seu corpo, nem a encurralou contra o carro… não existiu a sensação de descontrole.

Tam pouco de um a grande paixão.

Ela interrom peu o contato.

– Vej o você em breve.

Mark exalou profundam ente, com o se tivesse se excitado.

– Hum … Ok, espero que sim . E não só na academ ia.

Ele levantou a m ão, deu um últim o sorriso, depois cam inhou para a sua cam inhonete.

Com um a im precação leve, Sola foi para trás do volante, fechou a porta e deixou a cabeça

cair contra o encosto. Pelo espelho retrovisor, ela observou as luzes traseiras se acenderem , ele

dar m eia-volta e sair do estacionam ento.

Abaixando as pálpebras, ela não visualizou o sorriso radiante de Mark, nem im aginou os lábios

dele contra os seus, ou as m ãos dele percorrendo seu corpo.

Ela tinha voltado àquele chalé para espionar, testem unhando um par de olhos sensuais e

ligeiram ente m aldosos olhando para ela por cim a dos seios expostos daquela outra m ulher.

– Ai, pelo am or de Deus…

Tentando se livrar dessa lem brança, ela tem eu que, naquele caso, sua necessidade por,

digam os, chocolate não seria facilm ente saciada por um refrigerante diet. Ou um a bolacha

saudável da Snackwell. Nem m esm o por um único chocolate Kiss da Hershey ’s.

Se continuasse assim , ela teria que derreter um a caixa de trufas da Lindt e colocar num acesso

direto em sua veia.

Colocando o pé no freio, ela apertou um botão no painel e ouviu o ronco do m otor. Quando as

luzes se acenderam …

Sola se recostou no banco assustada, em itindo um grito agudo.

Quando Qhuinn voltou para a m ansão com os outros, ele se afastou tão logo passaram pela

porta e entraram no átrio principal. Movendo-se num trote rápido, subiu as escadas e seguiu

direto para o quarto de Lay la. De acordo com as m ensagens, ela decidira sair da clínica no fim

das contas, e ele estava ansioso em descobrir com o ela estava se sentindo.

Batendo à porta, ele com eçou a rezar. De novo.

Nada com o um a gravidez para tornar um agnóstico religioso.

– Entre.

Ao som da voz dela, ele se preparou e entrou.

– Com o está se sentindo?

Lay la levantou o olhar da revista *Us Weekly* que lia deitada na cam a.

– Olá!

Qhuinn se retraiu ante a alegria dela.

– Hum … olá?

Olhando ao redor, ele viu revistas *Vogue*, *People* e *Vanity Fair* no cobertor em volta dela e, à sua frente, a TV estava ligada e passava um com ercial sobre desodorante seguido de um de pasta

de dente Colgate. Havia latas de refrigerante e bolachas de água e sal na m esinha de cabeceira e,

na outra m esinha, do lado oposto, um a em balagem vazia de Häagen-Dazs e algum as colheres

sobre um a travessa de prata.

– Estou m e sentindo bem enj oada – disse Lay la com um sorriso. Com o se aquilo fosse bom .

E ele deduziu que fosse.

– Hum … algum sinal de… você sabe.

– Nem um pouco. Nada m esm o. Tam bém não estou m ais vom itando. Só tenho que m e

lem brar de com er um pouco por vez. Se com o dem ais, m e sinto m al, e o m esm o acontece se

fico m uito tem po sem colocar algum a coisa aqui dentro.

Qhuinn se recostou no batente, as pernas ficando literalm ente m oles de alívio.

– Isso é… incrível.

– Quer se sentar? – era com o se ele parecesse tão pálido quanto se sentia.

– Não, estou bem . Eu só… só estava m uito preocupado com você.

– Bem , com o você pode ver – ela indicou o próprio corpo – só estou fazendo o que tenho que

fazer, graças à Virgem Escriba.

Enquanto Lay la lhe sorria, ele realm ente gostou da aparência dela, m as não de m aneira

sexual, nada disso. Era só que… ela parecia calm a, relaxada e feliz, com o cabelo solto sobre os

om bros, um a boa cor no rosto, as m ãos e os olhos estáveis. Na verdade, ela parecia… m uito

saudável de repente, a palidez em sua aparência era perceptível apenas pela sua ausência.

– Então, suponho que tenha tido visitas – com entou, indicando as revistas e o pote vazio de

sorvete.

– Ah, todos vieram . Beth acabou ficando m ais tem po. Ela se deitou ao m eu lado, e não

falam os sobre nada em especial. Apenas lem os e olham os fotografias e assistim os a um a

m aratona de *Pesca Mortal*. Adoro esse program a. É sobre aqueles hum anos que saem em barcos

em m ar aberto, sabe? É m uito excitante. Fez com que eu m e sentisse bem quentinha em terra

firm e.

Qhuinn esfregou o rosto e rezou para que sua sensação de equilíbrio retornasse rapidam ente:

no fim , suas glândulas adrenais ainda tinham dificuldade para acom panhar a realidade, a ideia de que não havia m ais nenhum dram a, nenhum a em ergência, nada horrendo ao qual reagir, ou com

que lidar.

– Estou contente que as pessoas estej am vindo visitar você – m urm urou, sentindo com o se

devesse dizer algum a coisa.

– Ah, elas estão vindo… – Lay la desviou o olhar, um a expressão estranha contraindo suas

feições –, m uitas delas.

Qhuinn franziu o cenho.

– Mas nada estranho, não é?

Ele não conseguia im aginar que ninguém ali na casa m ostrasse outra coisa que não apoio, m as

ele tinha de perguntar.

– Não… nada estranho.

– O que foi? – enquanto Lay la m exia na capa da revista que tinha no colo, o rosto de algum a

m orena de olhar vago se distorceu, depois voltou ao norm al, se distorceu, voltou ao norm al. –

Lay la. Conte para m im .

Para que ele pudesse estabelecer alguns lim ites, caso fosse necessário.

Lay la afastou o cabelo para trás.

– Você vai pensar que eu sou louca, sei lá…

Ele se aproxim ou e se sentou ao lado dela.

– Ok, preste atenção. Não sei com o dizer isso do m odo certo, por isso só vou deixar as palavras

saírem . Você e eu? Nós vam os enfrentar m uita… sabe, m uitas baboseiras pessoais com relação

a… – oh, Deus, com o ele desej ava que ela m antivesse aquela gravidez. – Nós bem que podem os

com eçar a ser com pletam ente honestos um com o outro agora. O que foi? Não vou j ulgar.

Depois de tudo o que aprontei na m inha vida? Não vou j ulgar ninguém a respeito de nada.

Lay la respirou fundo.

– Está bem … bem , Pay ne veio m e ver na noite passada.

Ele franziu o cenho de novo.

– E?

– Bem , ela disse que talvez pudesse fazer algum a coisa quanto à gestação. Ela não sabia se

daria certo, m as não pensava que pudesse m e fazer m al.

O peito de Qhuinn se contraiu, um a punhalada de m edo fez seu coração acelerar. V. e Pay ne

tinham coisas neles que não eram deste m undo. E isso era legal. Mas não perto do seu bebê –

pelo am or de Deus, a m ão de V. era assassina…

– Ela esticou a m ão e a pousou no m eu ventre, bem onde o bebê está…

Um a sensação com o se o toalete interior de Qhuinn tivesse dado a descarga de todo o seu

sangue para fora da sua cabeça o assolou.

– Oh, Deus…

– Não, não – Lay la o segurou. – Não foi ruim . Foi… agradável, na verdade. Eu estava…

banhada em luz… Ela fluía de m im , m e fortalecendo, m e curando. A luz se concentrou em m eu

abdôm en, m as se estendeu para além disso. Depois, porém , fiquei m uito preocupada com ela.

Ela caiu no chão ao lado da cam a… – Lay la apontou para baixo. – Mas eu perdi a consciência

em seguida. Devo ter dorm ido por m uito tem po. E depois, quando acordei? Foi quando m e

senti… diferente. No com eço pensei que fosse porque o sangram ento tinha parado… porque

aquilo tinha… acabado. Saí correndo e encontrei Blay , e ele m e levou até a

clínica. Foi aí que você chegou e a doutora Jane nos contou que… – a m ão elegante de Lay la tocou o abdôm en e

ficou ali. – Foi aí que ela nos contou que o nosso bebê ainda estava conosco…

A voz dela se partiu nesse m om ento, e ela piscou rápido.

– Então, vej a bem , acho que ela salvou a nossa gravidez.

Depois de um longo m om ento de choque, Qhuinn suspirou:

– Ai, caralho…

De volta ao estacionam ento do restaurante, Assail pairava diante do capô do Audi de sua ladra,

parado bem diante da luz dos faróis.

Bem com o fizera na noite anterior, fixou o olhar no dela m ais por instinto que por visão.

E, enquanto perm anecia no frio, ele estava fervendo de raiva e de algo m ais: enquanto o saco

de excrem ento em duas pernas a acom panhara até o carro e teve a insanidade de beij á-la, Assail

se viu confrontado por duas escolhas que eram rastrear o hom em noite afora e seguir adiante

com seu plano original de dilacerar-lhe a garganta, ou esperar até que o hum ano se fosse e…

Algo m uito profundo dentro dele o fez decidir: ele se sentia incapaz de deixá-la.

Sua ladra abaixou a j anela e o cheiro da excitação o deixou duro.

E tam bém o fez sorrir. Era a prim eira vez a noite inteira que ele percebia esse cheiro, e isso

abrandou seu hum or com o nada m ais poderia.

Bem , a não ser talvez arrancar a pele daquele hom em ainda vivo.

– O que você quer? – ela rosnou.

Hum , um a excelente pergunta, não?

Ele se m oveu para a lateral do carro.

– Você se divertiu?

– Com o é?

– Acredito que tenha ouvido a pergunta.

Ela escancarou a porta do m otorista e saiu do carro.

– Com o *ousa* esperar *qualquer* tipo de explicação a respeito de *qualquer* coisa…

Ele m udou o peso em sua posição, inclinando-se na direção dela.

– Posso lem brá-la de que você invadiu a m inha privacidade antes…

– Eu não pulei na frente do seu carro e…

– Gostou do que viu ontem à noite? – ele a calou. E quando o silêncio persistiu, sorriu um

pouco. – Então, adm ite que esteve espionando.

– Você *sabia* m uito bem que eu estava – ela retrucou.

– Então, responda à pergunta. Gostou do que viu? – ele perguntou num a voz que pareceu rouca

até m esm o para os próprios ouvidos.

Ah, sim , ele pensou ao inalar profundam ente. Ela gostou.

– Não im porta – ele ronronou. – Você não precisa expressar isso em palavras. Eu j á sei a

resposta…

Ela o esbofeteou com tanta força e tão rápido que a cabeça dele virou de lado de verdade.

O prim eiro instinto dele foi expor as presas e m ordê-la, castigá-la, para se excitar, porque não

havia m elhor tem pero para o prazer do que um pouco de dor. Ou m uita.

Ele endireitou a cabeça e abaixou os olhos.

– Isso foi bom . Quer tentar de novo?

Quando um novo vigor em anou dela, ele riu com gosto e pensou, sim , essa reação dela era o

que garantiria que aquele hum ano iria continuar vivo. Ou pelo m enos m orrer pelas m ãos de outra

pessoa.

Ela o desej ava. E a nenhum outro.

Assail se aproxim ou ainda m ais, até que os lábios parassem bem ao lado do ouvido dela.

– O que fez quando foi para casa? Ou não conseguiu esperar tanto tem po?

Ela, deliberadam ente, deu um passo para trás.

– Quer saber? Pois m uito bem . Troquei a caixa de areia do gato, preparei dois ovos m exidos

para m im e um a bela torrada de canela, depois fui para a cam a.

Ele, deliberadam ente, deu um passo à frente.

– E o que fez quando se viu entre os lençóis?

Quando a essência dela o atingiu novam ente, ele voltou a posicionar a boca

onde ela esteve

antes… perto, ah, tão perto.

– Acho que sei o que você fez. Mas quero que m e conte.

– Vá se ferrar…

– Pensou no que viu? – quando um a raj ada de vento soprou os cabelos dela para os olhos, ele

os aj eitou. – Im aginou que era com você que eu estava transando?

A respiração dela com eçou a sair com m ais força de dentro do peito, e – Santa Virgem do

Fade – isso o fez querer tom á-la.

– Por quanto tem po você ficou? Até a fêm ea gozar… ou eu?

As m ãos dela o em purraram .

– Foda-se.

Num m ovim ento rápido, ela passou pelo corpo dele e voltou a entrar no carro, batendo a porta.

Ele se m oveu com a m esm a rapidez.

Aparecendo em m eio à j anela aberta, ele virou a cabeça dela e a beij ou com força, a boca

assum indo o com ando, a urgência de apagar qualquer traço daquele hum ano fazendo seu sexo

latej ar.

Ela retribuiu o beij o.

Com a m esm a força.

Com o os om bros dele eram grandes dem ais para caberem na j anela, quis arrancar o m etal.

No entanto, teve que ficar onde estava e isso o tornou m ais agressivo, o sangue rugindo em suas

veias, o corpo se retesando enquanto a língua a invadia, a m ão sorrateira indo para trás da cabeça

dela, enterrando-se em seu cabelo.

Ela estava m aleável e doce, e quente com o o inferno.

A ponto de ele ter que se afastar para poder respirar ou correr o risco de desm aiar.

Quando se separaram , ele a encarou. Os dois arfavam , e quando a excitação dela perm eou o

ar, ele quis se enterrar nela.

Para m arcá-la…

O som do telefone tocando foi um exem plo da coisa errada acontecendo no m om ento errado:

o toque em seu casaco fez com que ela voltasse à realidade, os olhos se arregalando enquanto se

afastavam , as m ãos travando no volante com o se ela tentasse voltar à Terra.

Ela não olhou para ele quando subiu a j anela e ligou o m otor, partindo em seguida.

Deixando Assail arfando no frio.

CAPÍTULO 55

Qhuinn saiu do quarto de Lay la pouco depois, seus coturnos levando-o a um passo rápido por

sobre a passadeira estreita do corredor até o alto das escadas. Ao passar pelo escritório de Wrath,

teve a im pressão de que alguém o cham ava, m as não deu atenção.

No canto oposto do corredor das estátuas, além da suíte de Z. e de Bella, o quarto em que

Pay ne e Manny ficavam estava com a porta fechada, m as o som da televisão m urm urava

baixinho do lado de dentro.

Qhuinn precisou de um segundo para recom por as peças em sua cabeça atordoada, e depois

bateu.

– Entre – foi a resposta.

Ao entrar, viu que o quarto era banhado por um a luz azulada da tela de TV. Pay ne estava

deitada na cam a, a pele tão pálida que refletia as diferentes cenas proj etadas nela.

– Saudações – disse ela num a voz cansada.

– Jesus… Cristo…

– Não, não chego a isso… – ela sorriu. Ou, pelo m enos, m eia boca dela o fez. – Perdoe-m e se

não m e levanto para recebê-lo.

Ele fechou a porta com suavidade.

– O que aconteceu?

Ainda que ele suspeitasse.

– Ela está bem ? – perguntou Pay ne. – A sua fêm ea ainda está grávida?

– Os exam es parecem indicar isso.

– Bom . Isso m uito m e agrada.

– Você está m orrendo? – ele perguntou num rom pante. E depois quis se dar um chute no

traseiro.

Ela m eio que riu.

– Acredito que não. No entanto, estou m uito fraca.

Os pés de Qhuinn o carregaram através do quarto.

– Então… o que aconteceu?

Pay ne se esforçou para se erguer nos travesseiros, m as acabou desistindo.

– Acho que estou perdendo o m eu dom – ela gem eu ao dobrar as pernas debaixo das cobertas.

– Assim que cheguei aqui, eu conseguia postar as m ãos e curar com pouco ou nenhum esforço.

Toda vez que o faço, porém , o esforço parece m e arrasar um pouco m ais. E o que eu tentei com

a sua fêm ea e o seu bebê foi…

– Você quase se m atou – ele com pletou por ela.

Ela deu de om bros.

– Despertei ao lado da cam a dela. Arrastei-m e aqui para baixo. Manny m e tirou da cam a há

um tem po, e eu tinha um pouco de forças. Agora, parece que elas m e abandonaram de novo.

– Posso fazer algum a coisa?

– Acho que preciso ir ao santuário de m inha m ãe – isso foi dito com total m enosprezo. – Para

m e recarregar. Parece lógico, visto que lá pode ter sido a origem do m eu dom . Só preciso m e fortalecer o bastante para fazer a j ornada, por assim dizer. Bem , isso e j untar vontade de fazê-lo.

Eu preferiria continuar aqui. A decisão, contudo, parece ter sido tom ada por m im . Não se pode

negociar com o físico, depois de certo ponto.

É, ele sabia o que era isso.

– Eu não posso… – ele passou um a m ão pelos cabelos. – Não sei com o agradecer.

– Quando ela der à luz, então você poderá m e agradecer. Há um cam inho ainda desconhecido

a ser atravessado.

Não m ais, ele pensou. A sua visão, aquela à porta do Fade, m ais um a vez estava em vias de

acontecer.

E, desta vez, perm aneceria assim .

Qhuinn desem bainhou um a das adagas do peito e fez um corte na palm a da m ão. Quando o

sangue se acum ulou e com eçou a pingar, ele se ofereceu à fêm ea.

– *Com isto eu ofereço a minha…* – ele se interrom peu. Ele não tinha um a linhagem para

oferecer, não com a rej eição de sua fam ília no passado. – *Ofereço a minha honra a você e aos*

seus daqui até o fim enquanto o meu coração bater e a última respiração sair de meus pulmões.

Qualquer coisa de que necessitar, poderá me solicitar e será seu, sem perguntas, nem hesitação.

De certo m odo, parecia ridículo se oferecer dessa form a à filha da bendita divindade. Até

parece que Pay ne precisaria de aj uda…

A m ão da adaga de Pay ne segurou a dele com força.

– Prefiro aceitar a sua honra a qualquer linhagem na face da Terra.

Quando seus olhos se encontraram , ele teve ciência de que aquilo não era um assunto m acho-

fêm ea, m as lutador-lutador, apesar da diferença dos sexos.

– Jam ais conseguirei agradecer o suficiente – disse ele.

– Espero que ela supere isso. Ela e o bebê, quero dizer.

– Tenho a sensação de que conseguirão. Graças a você.

Pareceu estranho querer se curvar para aquela fêm ea, m as algum as coisas você

sim plesm ente faz, e foi o que ele fez. Depois se virou, pois não desej ava atrapalhar o descanso

dela.

Bem quando j á segurava a m açaneta, Pay ne m urm urou:

– Se quer agradecer a alguém , você deveria procurar Blay lock.

Qhuinn ficou im obilizado. Virou o pescoço para trás.

– O que… você disse?

Assail ficou parado enquanto o Audi derrapava para fora do estacionam ento e chegava à rua à

frente com o se sua ladra tivesse plantado um a bom ba no restaurante e tivesse acabado de

acionar o detonador.

Seu corpo lhe dizia para ir atrás dela, parar o carro e arrastá-la para o banco de trás.

A m ente, contudo, sabia que aquilo não seria um a boa ideia.

Ao sentir um a tensão trespassá-lo, ele soube que a extensão com que perdia controle perto dela

era perigosa. Ele era um m acho que se definia pelo seu autocontrole. Com aquela fêm ea? Ainda

m ais se o sexo dela estivesse excitado?

Ele se sentia consum ido pelo desej o de possuí-la.

Portanto, tinha que se controlar.

A bem da verdade, ele não tinha nada que perder tem po perseguindo um a hum ana qualquer,

parado num canto escuro de um a espelunca qualquer, observando-a com um hom em .

Tam bém consum ido pelo desej o prem ente de m atar o acom panhante de cheeseburguer dela.

O que, em nom e da Virgem Escriba, acontecera com ele?

A resposta, quando lhe veio, foi algo que rej eitou com veem ência.

Num a tentativa de realocar suas energias, ele pegou o celular para ver quem telefonara para

rom per o encanto que precisava ter sido rom pido.

Rehvenge.

Por m uitos m otivos, ele não tinha vontade algum a de falar com aquele m acho. A últim a coisa

que o interessava era a repetição de todos os m otivos pelo quais ele tinha de participar da

estagnação social e política que era o Conselho.

Mas isso seria m elhor do que ir atrás de sua ladra…

E ele percebeu que nem sequer sabia o nom e dela.

E seria m uito m elhor nunca vir a saber, disse a si m esm o.

Ao retornar a ligação, ele levou o aparelho ao ouvido e enfiou a m ão livre no bolso do casaco

de lã para m antê-la aquecida.

– Rehvenge – disse ele quando o m acho atendeu. – Estou falando com você m ais do que falo

com m inha *mahmen*.

– Pensei que a sua m ãe estivesse m orta.

– Ela está.

– O seu padrão de com unicação é m uito baixo.

– O que posso fazer por você – aquilo não era um a pergunta, pois não havia m otivos para

encoraj ar um a resposta.

– Na verdade, trata-se do que eu posso fazer por você.

– Com o devido respeito, prefiro cuidar sozinho dos m eus assuntos.

– Um a política m uito boa. E por m ais que eu saiba que você gosta dos seus “assuntos”, não foi

por isso que telefonei. Pensei que gostaria de saber que o Conselho se reuniu com Wrath hoj e à

noite.

– Acredito que renunciei ao m eu posto em nossa últim a conversa. Portanto, o que será que isso

tem a ver com igo?

– O seu nom e foi dito no fim . Depois que todos tinham se retirado.

Assail arqueou um a sobrancelha.

– De que m odo?

– Um passarinho disse que você arm ou a arm adilha para Wrath em favor do Bando de

Bastardos em sua casa no outono passado.

Assail segurou o telefone com m ais força. E durante a breve pausa que se seguiu, ele escolheu

as palavras com extrem a cautela.

– Wrath sabe que isso não é verdade. Fui eu quem forneceu o veículo para a fuga dele. Com o

j á lhe disse antes, não estou, e nunca estive, ligado a nenhum tipo de insurreição. Na verdade, eu

m e retirei do Conselho exatam ente porque não quis m e envolver em nenhum tipo de dram alhão.

– Relaxe. Ele lhe fez um favor.

– De que m odo, exatam ente?

– O indivíduo disse isso na m inha frente.

– E, m ais um a vez, eu pergunto, com o isso se…

– Eu sabia que ele estava m entindo.

Assail se calou. Claro que era bom que Rehvenge soubesse que tal declaração era falsa. Mas

com o?

– Antes que m e pergunte – o m acho m urm urou som brio –, não vou lhe contar exatam ente por

que estou tão certo disso. Todavia, eu lhe direi que estou preparado para recom pensar a sua

lealdade com um presente por parte do Rei.

– Um presente?

– Wrath faz j us ao seu nom e. * Ele entende, por exem plo, com o um indivíduo pode se sentir se ele for indevidam ente acusado de traição. Ele sabe que se alguém tenta im plicar outra pessoa

com um a inform ação que não é de conhecim ento público, provavelm ente está tentando desviar a

responsabilidade de suas próprias ações… Ainda m ais se a pessoa falando tiver um … bem , com o

dizer, um a inclinação… que indicasse não apenas falsidade, m as tam bém certo nível de

m aquinação. Com o se ele estivesse lhe retribuindo por algo que considerasse deslealdade ou m au

j uízo.

– Quem é? – Assail perguntou. Mesm o sabendo de quem se tratava.

– Wrath não está lhe pedindo que faça nenhum tipo de trabalho suj o. Na verdade, se escolher

não fazer nada, esse indivíduo estará m orto dentro das próxim as 24 horas. O Rei apenas acredita

que, assim com o eu, os seus interesses estej am não só alinhados aos nossos, m as que, neste caso,

eles os suplantam .

Assail fechou os olhos, a vingança fervendo em seu sangue da m esm a m aneira com que seus

instintos sexuais ferveram há pouco. O resultado, contudo, seria m uito, m as m uito diferente.

– Diga o nom e.

– Elan, filho de Larex.

Assail fechou os olhos e expôs as presas.

– Diga ao seu Rei que eu cuidarei do assunto de boa vontade.

Rehvenge riu com m alignidade.

– Farei isso. Eu prom eto.

Wrath em inglês significa ira, fúria, raiva. (N.T.)

CAPÍTULO 56

Blay se sentia ansioso ao andar de um lado para o outro no quarto. Ainda que estivesse

com pletam ente vestido para lutar, ele não iria a parte algum a. Nenhum deles iria.

Depois da reunião do Conselho, Tohr ordenara à Irm andade que ficasse recolhida só para o

caso. Rehv estava contatando os m em bros do Conselho, fora da m ansão, para entender em que

pé a *glymera* estava. Com o o cara não podia aparecer com um grupo de seis Irm ãos em sua

retaguarda – não se quisesse m anter ao m enos um a fachada de civilidade –, eles tinham de

aguardar. No entanto, devido ao clim a político, era im portante que a retaguarda estivesse a postos

para o caso de o Reverendo precisar.

Não se ele ainda usasse esse nom e…

A porta do seu quarto se abriu sem um a batida, um olá, um “ei, posso entrar?”.

Qhuinn parou debaixo da soleira, arfando, com o se tivesse corrido pelo corredor das estátuas.

Maldição, será que no fim Lay la perdera a gravidez?

Aqueles olhos descom binados vasculharam ao redor.

– Está sozinho?

Por que ele acharia que… Ah, Saxton. Certo.

– Sim …

O m acho avançou três passos, esticou os braços e… lascou um beij o daqueles em Blay .

O beij o foi do tipo de que você se lem bra pelo resto da vida, a ligação forj ada com tam anha

com pletude que tudo, desde a sensação do corpo contra o seu, do calor dos

lábios nos seus, do

poder assim com o o controle, acabavam gravados em sua m ente.

Blay não fez nenhum a pergunta.

Apenas continuou lá, os braços envolvendo o outro m acho, aceitando a língua que o invadia,

retribuindo o beij o m esm o que não entendesse o que m otivara aquilo tudo.

Ele, provavelm ente, deveria se im portar com isso. Provavelm ente deveria se afastar.

Deveria, poderia, teria…

Que sej a.

Ele estava vagam ente ciente de que a porta estava aberta, m as não se im portou – m esm o que

as coisas logo se tornassem bem indiscretas m uito rapidam ente.

Só que Qhuinn subitam ente pisou no freio, colocando um fim no beij o e separando-os.

– Desculpe, não foi para isso que eu vim até aqui.

O lutador ainda arfava, e isso, j unto ao ardor do olhar fixo, quase bastou para que Blay dissesse

algo do tipo: “Tudo bem , m as podem os term inar isto antes?”.

Qhuinn voltou até a porta e a fechou. Depois enfiou as m ãos nos bolsos das calças, com o se a

alternativa preocupante fosse voltar a agarrá-lo.

Ao inferno com os bolsos, Blay pensou enquanto, sutilm ente, tentava aj eitar sua ereção.

– O que foi? – perguntou.

– Sei que procurou Pay ne.

As palavras foram pronunciadas clara e lentam ente – e era exatam ente isso o que Blay não

tinha com o lidar. Desviando o olhar, ele andou pelo quarto.

– Você salvou a gestação – anunciou Qhuinn, o tom de sua voz próxim o dem ais de um estado

de reverência para o seu conforto.

– Então, ela está bem ?

– Você salvou a…

– Pay ne fez isso.

– A irm ã de V. disse que não lhe teria ocorrido sequer tentar… até que você a procurou e falou

com ela.

– Pay ne é m uito talentosa…

Qhuinn subitam ente ficou diante dele, um a parede sólida de m úsculos pela qual ele não teria

com o passar. Ainda m ais depois de o m acho esticar a m ão e resvalar o rosto de Blay .

– Você salvou a m inha filha.

No silêncio que se seguiu, Blay soube que devia dizer algum a coisa. Sim … estava na ponta da

sua língua. Era…

Merda. Com Qhuinn olhando para ele daquele j eito, ele não se lem brava nem

do próprio

nom e. Blay sox? Blacklock, Blabberfox? Quem é que sabia?…

– Você salvou a m inha filha – sussurrou Qhuinn.

As palavras que saíram da boca de Blay foram as que, m ais tarde, ele lam entaria – porque era

especialm ente im portante, diante do sexo que parecia acontecer de tem pos em tem pos, m anter a

distância.

Mas ligados com o estavam , olhos nos olhos, ele estava im potente para refrear a verdade.

– Com o eu poderia não tentar… aquilo estava acabando com você. Eu não podia deixar de

fazer algum a coisa. Qualquer coisa.

As pálpebras de Qhuinn se abaixaram por um tem po. E depois ele abraçou Blay de um a

m aneira que ficaram ligados da cabeça aos pés.

– Eu posso sem pre contar com você, não é?

Um a doce am argura: a realidade de que aquele m acho form aria um a fam ília com outra

pessoa, um a fêm ea, Lay la, atingiu o m eio do peito de Blay .

Aquela era a sua sina, de tantas m aneiras.

Ele se soltou dos braços de Qhuinn e recuou alguns passos.

– Bem , espero que…

Antes que conseguisse term inar, Qhuinn voltou a se postar diante dele, e seus

olhos, um verde,

um azul, estavam ardentes.

– O que foi? – disse Blay .

– Eu lhe devo… tudo.

Por algum m otivo, aquilo doeu. Talvez porque após anos de tentativas de se entregar para o

cara, a gratidão finalm ente fora conquistada ao aj udá-lo a ter um filho com outra pessoa.

– O que é isso, você teria feito o m esm o por m im – disse ele, um tanto rouco.

E no instante em que disse isso, não teve tanta certeza. Se alguém o atacasse? Sim , claro que

Qhuinn o protegeria. Mas, pensando bem , o filho da m ãe adorava lutar e era um herói nato, isso

não estaria nada relacionado a Blay .

Talvez aquela fosse a questão em todo esse vazio. Tudo sem pre fora nos term os de Qhuinn. A

am izade. A distância. Até m esm o o sexo.

– Por que está olhando para m im assim ? – Qhuinn perguntou.

– Assim com o?

– Com o se eu fosse um desconhecido.

Blay esfregou o rosto.

– Desculpe. A noite está dem orando a passar.

Houve um m om ento tenso e longo, durante o qual ele só conseguia sentir o olhar fixo de

Qhuinn.

– Eu vou em bora – o lutador disse depois de um a pausa. – Eu acho que só… queria…

O som dos coturnos dirigindo-se para a saída fizeram Blay praguej ar…

E um a batida única e forte à porta: um Irm ão.

A voz de Rhage atravessou com facilidade a m adeira.

– Blay ? Tohr convocou um a reunião para repassarm os o território a cobrir am anhã. Sabe onde

Qhuinn está?

Blay olhou através do quarto para o cara.

– Não, não sei.

Ah, pelo am or de Deus, Qhuinn pensou ante a interrupção. Ainda que, na realidade, a conversa

tivesse chegado ao fim .

A boa notícia era que, pelo m enos, Rhage não entrara. Sem dúvida, Blay preferiria que os dois

não fossem flagrados à toa em seu quarto.

Holly wood term inou a conversa dizendo:

– Se o vir, avise que, se ele pretende ir, tem os que nos encontrar em cinco m inutos.

Entenderem os se ele preferir ficar com Lay la.

– Entendido – disse Blay num tom apagado.

Enquanto Rhage seguia em frente para a porta de Z., Qhuinn esfregou o rosto. Ele não fazia

ideia do que se passava pela cabeça de Blay naquele instante, m as o m odo com o os olhos azuis o

encaravam o fez sentir com o se um fantasm a tivesse acabado de passar por cim a de sua tum ba.

Pensando bem , o que ele esperava? Invadira o quarto que o cara dividia com Saxton, tascara-

lhe um beij o e depois se m ostrara todo sentim ental quanto àquela situação com Pay ne… Aquele

era o espaço de Saxton. E não o seu.

Ele tinha o costum e de tom ar as coisas para si, não era m esm o?

– Não venho m ais aqui – disse Qhuinn, tentando aplacar a situação. – Eu só queria que

soubesse que… eu lhe devo m uito…

Qhuinn foi até a porta e se inclinou, ouvindo a voz de Rhage, fechando os olhos, à espera que o

corredor das estátuas estivesse vazio.

Jesus, com o ele sabia ser egoísta às vezes, ele sabia m esm o ser…

– Qhuinn…

Seu corpo se virou no m esm o instante, com o se a voz de Blay tivesse um a corda que o

puxasse.

– Sim ?

O m acho andou para a frente. Quando estavam cara a cara, Blay disse:

– Ainda quero transar com você.

As sobrancelhas de Qhuinn estalaram tão alto que quase despencaram sobre o tapete. E, no

m esm o instante, ele ficou excitado.

O problem a era que Blay não parecia feliz com aquilo. Mas por que estaria? Ele não era do

tipo de m acho que traía com facilidade – ainda que a ausência de m onogam ia de Saxton o tivesse

curado de sua fidelidade.

O que fez com que Qhuinn quisesse estrangular o prim o novam ente. E a única coisa que o

im pedia de ir atrás do cara era que, nesse caso, a situação estava a seu favor.

– Tam bém quero estar com você – disse.

– Vou até o seu quarto depois do am anhecer.

Qhuinn não queria perguntar. Tinha que perguntar.

– E quanto a Saxton?

– Ele saiu de férias.

Mesm o?

– Por quanto tem po?

– Alguns dias apenas.

Pena. Algum a probabilidade de extensão… que tal por um ano ou dois? Quem sabe para

sem pre?

– Ok, então tem os um … – Qhuinn se deteve antes de term inar dizendo “encontro”.

Não havia por que tentar se enganar. Saxton estava ausente. Blay queria transar. E Qhuinn

estava m ais do que disposto a fornecer ao m acho aquilo que ele queria.

Não se tratava de um “encontro”. Mas, que se dane?

– Venha – disse num grunhido. – Estarei à sua espera.

Blay assentiu, com o se tivessem feito um pacto, e depois saiu prim eiro, o corpo com passadas

agressivas enquanto se encam inhava para a porta e saía.

Qhuinn observou-o ir em bora. Ficou para trás. Quase se trancou ali para poder se recuperar.

De repente, ficou todo confuso, apesar da prom essa de que se encontrariam em poucas horas.

A expressão no rosto de Blay o atorm entava a ponto de ele sentir o peito com eçar a doer. Merda,

talvez aquela série de encontros fosse apenas um a evolução dos m aus m om entos em que

estiveram antes, um a nova faceta da infelicidade coletiva dos dois.

Nunca lhe ocorrera antes que eles não fossem bons um para o outro. Que não haveria, no

futuro, algum tipo de encontro de m entes em que ele se abrisse depois de todos aqueles anos.

Cerrando um punho, ele socou o batente da porta, o contorno da guarnição retribuindo o golpe

para as suas j untas.

Enquanto a dor surgia e latej ava, por algum m otivo, ele pensou no soco no painel do

cam inhão-guincho e no grito para sair de lá. Parecia ter acontecido em outra vida.

Mas ele não tinha com o recuar. Se sexo era tudo o que teria, era o que receberia. Além disso,

o que Blay fizera por Lay la?

Aquilo devia significar algum a coisa. O cara se im portara o bastante para m udar o curso da

sua vida.

Não que Blay j á não tivesse feito isso há m uito tem po.

CAPÍTULO 57

Assail se m aterializou ao lado de um riacho que perm anecia descongelado graças ao seu

constante m ovim ento.

Estivera naquela casa apenas um a vez antes: era um a construção vitoriana de tij olos com tem a

característico m arcado pelas varandas e entradas. Tão pacato. Tão acolhedor. Ainda m ais com

aquelas j anelas am plas de quatro vidraças feitas de vitral, e as nuvens de fum aça que saíam não

de um a, m as de três das quatro cham inés.

O que indicava que o proprietário havia se recolhido para aquela noite.

Bem na hora: o am anhecer se aproxim aria logo, portanto, era apenas lógico abaixar as

escotilhas ante o sol. Proteger seu am biente. Preparar-se para as horas em que seria necessário

perm anecer no interior para se proteger de danos.

Assail cam inhou sobre a neve im aculada, deixando m arcas de solados profundos. Nada de

sapatos de couro para aquele trabalho. Tam pouco um terno de negócios.

Nenhum Range Rover para a sua ladra perseguir.

Aproxim ando-se do gram ado lateral, ele chegou à j anela que ia do teto ao chão da sala na qual

o dono da casa recebera, não m uito tem po atrás, certos m em bros do Conselho… j unto ao Bando

de Bastardos.

Assail estivera entre os convidados da reunião. Pelo m enos até que estivesse ficado claro que

ele tinha de se retirar ou acabaria m isturado ao tipo de discurso dram ático pelo qual não se

interessava.

Pelo vidro, espiou o interior.

Elan, filho de Larex, estava sentado à escrivaninha, um telefone fixo j unto ao ouvido, um a taça

de conhaque próxim a ao cotovelo, um cigarro queim ando num cinzeiro de cristal lapidado ao seu

lado. Enquanto ele se recostava em sua poltrona de espaldar alto e cruzava os j oelhos, parecia

estar num estado de relaxam ento e satisfação sem elhante ao rej úbilo pós-coito.

Assail cerrou os punhos e as luvas de couro rangeram de leve.

Em seguida, ele se desm aterializou até a sala, voltando à sua form a exatam ente

atrás da

poltrona do m acho.

De certa form a, ele custava a acreditar que Elan não tivesse fortificado a casa com m edidas

de segurança – um a m alha de aço fina sobre as j anelas e dentro da parede, por exem plo.

Pensando bem , ao aristocrata obviam ente faltava a habilidade de j ulgar corretam ente os perigos

– assim com o tinha um a arrogância que lhe garantiria um a sensação de segurança m aior do que

a que tinha efetivam ente.

– … e então Wrath partilhou um a história sobre o pai. Devo adm itir que, pessoalm ente, o Rei é

bem … feroz. Ainda que não o bastante para m udar m eu curso, obviam ente.

Não. Assail cuidaria disso.

Elan se inclinou para a frente para pegar o cigarro. A coisa estava presa num a daquelas

cigarrilhas antigas, do tipo que as fêm eas tendiam a usar, e levou a ponta aos lábios para tragar, a

extrem idade indo além do fim da cadeira.

Assail desem bainhou um a lâm ina de aço brilhante que era tão longa quanto o seu antebraço.

Sem pre fora a sua arm a predileta para aquele tipo de assunto.

Seus batim entos cardíacos estavam tão ritm ados quanto a m ão estava firm e, a respiração

uniform e e regular enquanto pairava atrás da poltrona. Com deliberação, foi para o lado,

posicionando-se de m odo que seu reflexo aparecesse na j anela oposta à escrivaninha.

– Não sei se a Irm andade inteira estava presente. Quantos restaram ? Sete ou oito? Essa é um a

parte do problem a. Não sabem os m ais quem eles são – Elan bateu as cinzas no centro do

cinzeiro. – Então, enquanto estávam os na reunião, instruí um colega m eu a entrar em contato

com você… Com o disse? Claro que lhe dei o seu núm ero, e ressinto-m e do seu tom … Sim , ele

esteve na reunião em m inha casa. Ele vai… Não, não voltarei a fazer isso. Pode parar de m e

interrom per? Acredito que sim .

Elan tragou novam ente e exalou a fum aça no ar, seu aborrecim ento m anifestado em sua

respiração.

– Posso continuar? Obrigado. Com o eu dizia, esse m eu colega entrará em contato a respeito de

certos assuntos legais que podem nos aj udar. Ele m e explicou, m as é tudo m uito técnico,

portanto, deduzi que você gostaria de falar diretam ente com ele.

Houve um a pausa expressiva. E quando Elan voltou a falar, seu tom se m ostrou m ais calm o,

com o se palavras tranquilizadoras tivessem aplacado seu ego.

– Ah, sim , um a últim a coisa. Tratei de cuidar do nosso problem inha com certo cavalheiro

“com m ente apenas para os negócios”…

Assail deliberadam ente cerrou um punho.

E quando o couro, m ais um a vez, em itiu um suave som de protesto, Elan se endireitou na

poltrona, a perna cruzada voltando a se apoiar no chão, a coluna se endireitando a tal ponto de sua

cabeça aparecer por sobre o espaldar. Ele olhou para a esquerda. Para a direita.

– Preciso ir…

Nesse instante, os olhos de Elan pararam na j anela diante dele e ele viu o reflexo do seu

assassino no vidro.

Enquanto Xcor parava na sala protegida com calefação adequada, ele teve que adm itir que a

nova escolha de abrigo de Throe era m uito superior ao porão do arm azém em que previam ente

estiveram . Talvez ele devesse agradecer ao Som bra que invadira o local, se um dia seus

cam inhos voltassem a se cruzar.

Pensando bem , talvez o calor que ele sentia no corpo fosse seu hum or se alterando e não o

trabalho de um condutor de calor operante: o aristocrata do outro lado do seu celular estava

testando seus nervos.

Ele *não* queria ser procurado por ninguém m ais do Conselho. Lidar com um só m em bro da

glymera j á era o bastante.

Em bora tipicam ente ele assum isse um a abordagem pacífica com Elan, sua ira deu sinais.

– Não dê m eu núm ero a ninguém m ais.

Elan e ele trocaram algum as palavras, a ira do aristocrata tam bém se fazendo ver.

O que, na verdade, de nada serviria. Era sem pre bom ter um instrum ento utilizável nas m ãos,

não um de difícil trato.

– Minhas desculpas – Xcor m urm urou depois de algum tem po. – Trata-se apenas de que

prefiro lidar com os que tom am as decisões. É por isso que falo com você e som ente com você.

Não tenho interesse em ninguém m ais. Só em você.

Com o se Elan fosse um a fêm ea e o relacionam ento deles fosse rom ântico…

Xcor revirou os olhos quando o aristocrata caiu na sua, e voltou a falar:

– … um a últim a coisa. Tratei de cuidar do nosso problem inha com certo cavalheiro “com

m ente apenas para os negócios”…

Instantaneam ente, a atenção de Xcor se alterou. O que em nom e do Fade o idiota fizera?

Na verdade, aquilo podia ser m onstruosam ente inconveniente. Podiam dizer o que quisessem

por Assail se recusar a aceitar o destronam ento de Wrath, m as aquele “cavalheiro” em especial

não era feito da m esm a seda frágil de Elan. Por m ais que Xcor detestasse lidar com o filho de

Larex, ele investira um bom tem po e recursos naquele relacionam ento. Seria um a pena perder

aquele canalha agora e ter de estabelecer outro elo com o Conselho.

– O que você disse? – Xcor exigiu saber.

O tom de Elan se alterou, revelando preocupação.

– Preciso ir…

O grito que reverberou pelo telefone foi tão alto e agudo que Xcor teve que afastar num

rom pante o celular do ouvido e m antê-lo longe.

Ante aquele som , seus lutadores, que estavam descansando na sala em várias posições,

viraram as cabeças na sua direção, testem unhando, assim com o ele, o assassinato de Elan.

Os gritos prosseguiram por um tem po, m as não houve nenhum pedido de clem ência – ou

porque o agressor agira rapidam ente ou porque ficou bem claro, m esm o para o m acho

m oribundo, que não haveria nenhum a.

– Que estrago – observou Zy pher enquanto outro grito vibrava do telefone. – Um a verdadeira

lam bança.

– Ainda está respirando – outro com entou.

– Não por m uito tem po – um terceiro opinou.

E eles tinham razão. Não m ais do que um m om ento depois, algo atingiu o chão e esse foi o fim

dos sons.

– Assail – Xcor disse alto. – Pegue o m aldito telefone. *Assail*.

Houve um barulho com o se o telefone no qual Elan estivera falando tivesse sido recuperado do

lugar em que caíra. Em seguida, ouviu-se o som de um a respiração arfante.

O que sugeria que Elan podia m uito bem estar despedaçado.

– Sei que é você, Assail – disse Xcor. – E só posso im aginar que Elan tenha dado um passo em

falso e que tal indiscrição tenha chegado aos seus ouvidos. Todavia, você roubou um parceiro

m eu, e isso não pode passar em branco.

Foi um a surpresa quando o m acho respondeu, com a voz grave e forte:

– No Antigo País, previdências eram tom adas perante afrontas à reputação das pessoas. Por

certo, não deve se lem brar delas, m as não poderá m e negar o m eu direito à desforra no Novo

Mundo.

Xcor expôs as presas, não por estar frustrado com aquele com quem falava. Maldito Elan. Se o

idiota tivesse apenas sido um inform ante, ele ainda estaria vivo – e Xcor teria tido a satisfação de

ele m esm o m atá-lo ao fim daquilo.

Assail prosseguiu:

– Ele declarou a representantes do Rei que eu fui responsável pelo seu tiro de rifle, aquele que

foi disparado em m inha propriedade sem o m eu conhecim ento, tam pouco a m inha perm issão…

E… – ele interrom peu antes que Xcor pudesse falar – você sabe m uito bem o pouco que m e

relacionei a esse ataque, não sabe?

Nos tem pos de Bloodletter, aquela conversa j am ais teria acontecido. Assail seria perseguido e

caçado por ser um estorvo e elim inado tanto por necessidade com o por prazer.

Mas Xcor aprendera a sua lição.

Enquanto os olhos pousavam em Throe, parado alto e elegante entre os outros, ele pensou, sim ,

aprendera que havia lugar e hora adequados para certas… regras…

– O que eu disse antes ainda vale, Xcor, filho de Bloodletter – quando Xcor se retraiu ante essa

referência, m ostrou-se contente por aquela conversa estar acontecendo pelo telefone. – Não m e

im porto com os seus interesses nem com aqueles do Rei. Sou apenas um hom em de negócios;

desliguei-m e do Conselho e não sou seu aliado. E Elan tentou fazer de m im um traidor… Algo

que, com o bem sabe, vem com um preço sobre a cabeça de um a pessoa. Tirei a vida de Elan

porque ele tentou tirar a m inha. Isso é perfeitam ente legítim o.

Xcor praguej ou. O m acho tinha razão. E por m ais que a neutralidade inflexível de Assail

tivesse parecido inacreditável no início, agora Xcor com eçava a… bem , *confiar* não era um a

palavra que ele costum ava usar com outros que não os seus soldados.

– Diga-m e um a coisa – disse Xcor de m odo arrastado.

– O quê?

– A cabeça desse im becil ainda está presa ao corpinho frágil dele?

Assail riu.

– Não.

– Sabe que esse é um dos m eus m étodos de assassinato prediletos?

– Um aviso para m im , Xcor?

Xcor olhou de relance para Throe e pensou novam ente na virtude dos códigos de

com portam ento, m esm o entre os guerreiros.

– Não – declarou. – Apenas algo que tem os em com um . Fique bem , Assail, pelo que lhe resta

desta noite.

– Você tam bém . E nas palavras de um conhecido em com um , preciso ir. Antes de ser forçado

a m atar o m ordom o *doggen* que está batendo, neste instante, na porta que tranquei.

Xcor j ogou a cabeça para trás e gargalhou ao concluir a ligação.

– Sabem – disse ele aos seus lutadores –, até que eu gosto dele.

CAPÍTULO 58

Na noite seguinte, enquanto as persianas se erguiam e um alarm e que Blay não reconhecia

com eçava a tocar, ele abriu os olhos.

Aquele não era o seu quarto. Mas ele sabia exatam ente onde estava.

Ao seu lado, contra as suas costas, Qhuinn se espreguiçava, o corpo do m acho se esticando

contra o seu, a pele nua resvalando na sua pele nua – e não é que isso fez um a ereção latej ar?

Qhuinn se esticou por sobre a cabeça de Blay , o braço pesado passando por cim a para

silenciar o alarm e do relógio.

A fim de que não houvesse dúvidas quanto a ele querer um a rapidinha antes de todo o ritual de

banho e a Prim eira Refeição, Blay se arqueou, em purrando as nádegas contra a pélvis de

Qhuinn. O gem ido que o atingiu no ouvido o fez sorrir um pouco, m as as coisas ficaram sérias

quando a m ão da adaga de Qhuinn escorregou para baixo e encontrou o pau de Blay .

– Ai, cacete – m urm urou Blay ao levantar a perna para abrir cam inho.

– Preciso estar dentro de você.

Engraçado, era exatam ente isso o que Blay estava pensando.

Enquanto Qhuinn m ontava nele, Blay se acom odou sobre a barriga, esm

agando a palm a de

Qhuinn com seu m astro erguido.

Não dem orou m uito para o ritm o ficar intenso e rápido, e enquanto as bolas de Blay se

contraíam em novo gozo, ele se m aravilhou de tal m aneira que seu desespero pelo cara só

parecia aum entar – e haveria quem acreditasse que o núm ero de vezes que os dois gozaram

j untos, literalm ente, durante o dia tivesse aplacado aquele fogo a um a m era ardência.

Não era o caso.

Entregando-se ao prazer, Blay cerrou os dentes quando seu clím ax o atingiu ao m esm o tem po

em que os quadris de Qhuinn se contraíram e o m acho gem eu.

Não houve um segundo round. Não que Blay não quisesse, nem que Qhuinn fosse incapaz. O

problem a era o relógio.

Quando Blay voltou a abrir os olhos, os núm eros digitais lhe disseram que o alarm e de Qhuinn

só concedia quinze m inutos para que se aprontassem – tem po apenas para um a chuveirada e

para se arm arem , nada m ais. O que o fez desej ar que o lutador fosse m ais do tipo lerdo que se

barbeia duas vezes, passa colônia e escolhe a roupa que vai vestir…

Com m ais um dos seus gem idos eróticos de m arca registrada, Qhuinn deitou-se de lado,

m antendo-os unidos. Enquanto o cara respirava fundo, Blay se deu conta que poderia ficar assim

para sem pre, apenas os dois em silêncio, no quarto em penum bra. Naquele instante de paz e

tranquilidade, não havia nenhum a pendência do passado, ou qualquer coisa que precisasse ser

dita m as não foi, ou terceiros elem entos, reais ou im aginários, entre eles.

– No fim da noite – disse Qhuinn num tom grave –, você virá m e procurar de novo.

– Sim , virei.

Não houve outro tipo de resposta que lhe ocorresse. Na verdade, ele estava se perguntando

com o esperaria as doze horas de escuridão e refeições e trabalho até poder escapar e voltar para

ali.

Qhuinn m urm urou algo m uito parecido com “ainda bem ”. Depois gem eu e se desencaixou,

afastando-se. Em seguida, Blay ficou onde estava por um instante, m as, no fim , não tinha escolha

a não ser se levantar, ir para a porta e voltar para o seu lugar.

Ainda bem que ninguém o viu.

Ele voltou para o quarto sem que ninguém testem unhasse a cam inhada da vergonha, e sim , em

quinze m inutos, ele se lavou, vestiu-se e se arm ou. Saindo do quarto, ele…

Qhuinn apareceu na m esm a hora.

Os dois pararam .

Norm alm ente, cam inharem j untos seria apenas m arginalm ente estranho, e eles teriam de

j ogar conversa fora.

Mas agora…

Qhuinn abaixou o olhar.

– Você prim eiro.

– Ok – Blay se virou para se afastar. – Obrigado.

Blay j ogou o coldre de peito e a j aqueta de couro por sobre o om bro e saiu andando. Quando

chegou às escadas, parecia que anos tinham se passado desde que estiveram deitados tão

próxim os. Será que aquele dia entre eles acontecera de fato?

Jesus, estava com eçando a enlouquecer.

Entrando na sala de j antar no andar de baixo, ele se sentou num a cadeira qualquer e pendurou

suas coisas no espaldar com o os outros – m esm o que Fritz detestasse ver arm as próxim as à

com ida. Depois, agradeceu ao *doggen* que lhe serviu um prato cheio e com eçou a com er. Ele

não teria com o dizer o que lhe fora servido nem quais conversas percorriam a m esa. Mas soube

exatam ente quando Qhuinn passou pela soleira da porta: seu âm ago com eçou a zunir e foi

im possível não olhar por cim a do om bro.

Houve um im pacto físico im ediato ao ver aquele corpo im enso envolto em preto, carregado de

arm as – com o se a bateria de um carro tivesse sido ligada em seu sistem a nervoso.

E ele achou que foi até bom Qhuinn evitar olhar para ele. Os outros ao redor da m esa os

conheciam m uito bem , especialm ente John, e as coisas j á estavam bem com plicadas sem a

boataria de corredor ter a oportunidade de se fazer valer – não que alguém fosse dizer algo

publicam ente. Porém , em particular… Conversas de travesseiros corriam desenfreadam ente

naquela casa.

Algo a se invej ar.

Qhuinn seguiu em frente, depois m udou de direção, e foi para o lado com pletam ente oposto da

m esa, para a única cadeira, além daquela ao lado de Blay , que estava desocupada.

Por algum m otivo, Blay pensou na conversa que teve com a m ãe pelo telefone, aquela em que

adm itira finalm ente a um m em bro de sua fam ília quem exatam ente ele era.

Um a inquietação passou pela sua nuca. Qhuinn j am ais faria algo com o sair do arm ário, e não

porque seus pais estavam m ortos, ou porque, quando o casal estava vivo, eles odiavam o filho.

Eu me vejo com uma fêmea num relacionamento duradouro. Não sei explicar. É

só assim que

vai ser.

Blay afastou o prato.

– Blay ? Alôoo?

Estrem ecendo, ele olhou para Rhage.

– O que foi?

– Eu perguntei se você está pronto para dar um a de Nanook, o Esquim ó.

Ah, é m esm o. Eles voltariam para aquele pedaço de floresta onde encontraram os chalés e o

redutor com poder especial de desaparecim ento, além do avião que, no m om ento, acum ulava

neve no j ardim dos fundos.

John, Rhage e ele estavam designados para aquela m issão. E Qhuinn.

– Sim , sim … sem dúvida.

O m ais belo m em bro da Irm andade franziu o cenho, os olhos azuis com o o m ar do Caribe se

estreitando.

– Você está bem ?

– Sim . Estou ótim o.

– Quando foi a últim a vez em que se alim entou?

Blay abriu a boca. Fechou. Tentou estim ar.

– Uhum . Foi o que pensei – Rhage se inclinou para a frente e falou próxim o ao peito de Z. – Ei,

Phury ? Acha que um a das Escolhidas pode vir aqui para assum ir o lugar de Lay la ao

am anhecer? Tem os algum as necessidades de sangue.

Ótim o. Era bem isso o que ele queria no fim da noite.

Cerca de um a hora m ais tarde, Qhuinn inalou profundam ente ao se m aterializar no frio. Flocos

de neve rodopiavam ao redor do seu rosto, atingindo-o nos olhos e no nariz. Um a um , John,

Rhage e Blay tom aram form a ao seu lado.

Enquanto ele encarava o hangar, a casca vazia lhe trouxe de volta as lem branças do m aldito

Cessna, da tentativa desesperadora daquela viagem e da aterrissagem forçada.

Quanta alegria…

– Pronto para ir? – perguntou a Rhage.

– Vam os em frente.

O plano era seguir em trechos de quatrocentos m etros até chegarem aos prim eiros chalés em

que j á estiveram . Depois disso, eles localizariam os dem ais chalés da propriedade, usando o

m apa que encontraram anteriorm ente com o um guia. Apenas um protocolo de reconhecim ento

e busca típicos.

Ele não fazia ideia do que encontrariam , m as aquela era a questão. Não se sabia até fazer o

trabalho.

Enquanto avançava, Qhuinn estava m uito ciente da localização de Blay . Mesm o assim , quando

se m aterializou diante do prim eiro chalé que localizaram , não olhou quando Blay apareceu uns

dois m etros m ais distante. Não seria um a boa ideia. Mesm o estando trabalhando, tudo o que

precisava fazer era fechar os olhos e sua m ente era inundada por im agens de corpos nus

entrelaçados na luz fraca do seu quarto.

Um a confirm ação visual que o cara era sexy pra cacete não seria de nenhum a aj uda.

Ele tinha vergonha de adm itir, m as, naquele instante, a única coisa que o m antinha são era a

prom essa de Blay de ir procurá-lo ao am anhecer. O estranham ento durante a Prim eira Refeição

só o fez desej ar estarem j untos ainda m ais, a ponto de se abalar ante a ideia de que algum dia, num futuro im ediato, Saxton voltaria e Blay deixaria de se aproxim ar, vindo da porta ao lado – e

aí, o que ele faria?

Maldita confusão.

Pelo m enos Lay la estava bem : ainda enj oada e sorrindo de felicidade.

Ainda grávida, graças à intervenção de Blay …

– Leste, nordeste – inform ou Rhage ao consultar o m apa.

– Entendido – respondeu Qhuinn.

E assim eles prosseguiram avançando no território, a floresta envolvendo-os por centenas e

centenas de m etros… depois um quilôm etro. Em seguida, vários quilôm etros.

Os chalés eram bem parecidos, quadrados de seis por seis, abertos no centro, sem banheiro,

sem cozinha, apenas um teto e quatro paredes para afastar o pior do inverno. Quanto m ais

avançavam , m ais dilapidadas as estruturas se m ostravam – e todas estavam vazias. Lógico. A pé,

aquela era um a distância im ensa – e *redutores*, por m ais fortes que fossem , não se

desm aterializavam .

Pelo m enos não a m aioria deles.

Aquele só podia ter sido o *Redutor Principal*, ele pensou. Seria a única explicação para o fato

de o assassino ferido ter sim plesm ente desaparecido daquele j eito.

O sétim o chalé estava diretam ente num a trilha que devia ter sido bem frequentada a ponto de

ainda se ver um cam inho em m eio à vegetação.

Naquele faltava um a j anela e a porta estava escancarada, a neve entrando com o um a

invasora. Qhuinn atravessou um m onte de neve, seus coturnos esm agando a superfície im aculada

conform e ele se aproxim ava da varanda. Com um a lanterna na m ão esquerda e um a .45 na

direita, ele deu um salto para baixo do beiral e se inclinou.

Mesm a m erda, um espaço vazio diferente.

Ao perscrutar o interior, não havia absolutam ente nada ali. Nenhum a m obília. Um as

prateleiras em butidas vazias. Teias de aranha balançando na brisa que entrava pela j anela

quebrada.

– Tudo tranquilo – anunciou.

Virando-se, ele pensou que aquilo tudo era besteira. Ele queria estar chutando uns traseiros, e

não estar ali, no m eio do nada, perseguindo e caçando sem encontrar coisa algum a.

Rhage acom odou um a lanterna de bolso entre os lábios e abriu o m apa m ais um a vez. Fazendo

um a m arca com um a caneta, ele bateu no papel grosso com um dedo.

– O últim o fica a cerca de quatrocentos m etros para o leste.

Ainda bem . Já era hora.

Presum indo que tudo fosse entediante com o até então, eles sairiam dali e se depariam com o

inim igo em becos em quinze m inutos, talvez vinte.

Molezinha, m olezinha.

CAPÍTULO 59

– Você parece verdadeiram ente feliz.

Lay la levantou o olhar. De certo m odo, parecia inacreditável que a rainha da raça estivesse ao

seu lado na cam a, lendo revistas *Us Weekly* e *People*, e assistindo à TV. Mas, pensando bem , a não ser pelo im enso anel de rubi que cintilava em seu dedo,

ela não poderia ser m ais norm al.

– Eu estou m esm o – Lay la deixou de lado o artigo sobre a últim a tem porada de *The Bachelor* e

pousou a m ão no ventre. – Estou radiante.

Ainda m ais que Pay ne passara pouco antes e aparentava estar se sentindo bem . Mesm o que o

desej o de que sua gravidez continuasse fosse quase patológico, a ideia de que essa bênção viesse

à custa de outra fêm ea não lhe caía bem .

– Você quer ter filhos? – Lay la perguntou num rom pante. E depois acrescentou: – Se a m inha

pergunta não a ofender…

Beth desconsiderou a preocupação dela com um gesto.

– Você pode m e perguntar o que quiser. E respondendo, quero, sim . Quero m uito. O

engraçado é que antes da m inha transform ação, eu não tinha interesse algum em crianças. Elas

eram apenas um a com plicação descontrolada e barulhenta que eu, honestam ente, não entendia

por que as pessoas se davam ao trabalho de trazer ao m undo. Mas aí eu conheci Wrath – ela

afastou o cabelo escuro e riu. – Desnecessário dizer com o isso m udou tudo.

– Quantos cios você j á teve?

– Ainda estou esperando. Rezando. Contando o tem po para que o prim eiro venha.

Lay la franziu o cenho e se ocupou em abrir m ais um a em balagem de bolachas de água e sal.

Era difícil lem brar m uito sobre aquelas horas de loucura com Qhuinn, m as fora um a provação

de proporções épicas.

Considerando-se o m ilagre que ainda repousava em seu corpo, tudo valera a pena.

Contudo, ela não poderia dizer que gostaria de passar pelo seu período fértil novam ente. Não

sem m edicam entos.

– Bem , então desej o que seu cio venha logo – Lay la m ordiscou um a bolacha, o quadrado se

partindo e derretendo em sua boca. – Não consigo acreditar que disse isso.

– É tão difícil quanto… isto é, não consegui falar com Wellsie sobre o período dela antes de ela

falecer, e Bella nunca m encionou nada. – Beth baixou o olhar para seu anel de rainha, com o se

estivesse adm irada por suas facetas captarem e refletirem a luz. – E não conheço Autum n tão

bem assim ; ela é adorável, m as dadas as circunstâncias pelas quais ela e Tohr acabaram de

passar, não pareceu apropriado abordar esse assunto com ela.

– Tudo é m uito obscuro, para ser bem honesta.

– Um a bênção, então, não?

Lay la fez um a careta.

– Bem que eu gostaria de contradizê-la, m as sim , acredito que sej a um a bênção.

– Mas deve valer a pena, não?

– Sem som bra de dúvida… Eu estava pensando exatam ente nisso, para falar a verdade –

Lay la sorriu. – Sabe o que dizem a respeito de fêm eas grávidas, não?

– O quê?

– Se passar tem po com elas, isso encoraj ará seu cio a chegar.

– Verdade? – a rainha lançou um sorriso am plo. – Então você pode ser a resposta às m inhas

orações.

– Bem , não sei se isso é verdade. Do Outro Lado, som os sem pre férteis. É só aqui na Terra que

as fêm eas estão suj eitas às influências dos horm ônios, m as eu li a respeito desse efeito na

biblioteca.

– Então vam os fazer o nosso experim ento, que tal? – Beth ofereceu a m ão para um aperto. –

Além disso, gosto de estar aqui. Você m e inspira.

As sobrancelhas de Lay la se ergueram com o que lhe foi dito.

– Inspiro? Ah, não. Não sei com o.

– Pense pelo que passou.

– A gestação se aj eitou e…

– Não, não apenas isso. Você é a sobrevivente de um culto – quando Lay la lhe

lançou um

olhar de quem não entendia, a rainha perguntou: – Nunca ouviu falar disso?

– Conheço a definição da palavra. Mas não sei se se aplica a m im .

A rainha desviou o olhar, com o se não quisesse criar discórdia.

– Ei, posso estar errada, e você certam ente deve saber m elhor do que eu… Além disso, você

está feliz agora, e é isso o que im porta.

Lay la se concentrou na tela de TV adiante. Pelo que entendia, um culto não era um a coisa

boa, e *sobrevivente* era um term o norm alm ente associado a pessoas que passaram por algum

tipo de traum a.

O Santuário fora com o um dia de prim avera tranquilo e tem perado na face da Terra, todas as

fêm eas na paz e tranquilidade do local sagrado com suas tarefas im portantes para a m ãe da raça.

Nenhum a coerção. Nenhum a contenda.

Por algum m otivo, as palavras de Pay ne entraram em sua m ente.

Você e eu somos irmãs da tirania de minha mãe, casualidades de seu plano maior de como as

coisas devem ser. Estivemos as duas enjauladas em seus modos diversos, você como uma

Escolhida; eu, como sua filha de sangue.

– Desculpe – disse a rainha, esticando a m ão para tocar no braço de Lay la. – Não tive a

intenção de aborrecê-la. Honestam ente, não sei que diabos eu estava falando.

Lay la voltou-lhe a atenção.

– Ora, por favor, não se preocupe – ela segurou a m ão da rainha. – Não m e ofendi de m aneira

algum a. Mas agora, que tal falarm os de coisas m ais alegres, tal com o o seu *hellren*. Ele tam bém

deve estar im paciente para que seu período chegue.

Beth deu um a risada reservada.

– Ele ainda não está exatam ente nesse ponto.

– Por certo ele deve desej ar um herdeiro.– Acredito que ele m e dará um . Mas só por eu

desej ar m uito um filho.

– Ah…

– Isso m esm o, ah… – Beth apertou a m ão de Lay la. – Ele só se preocupa dem ais. Sou forte e

saudável, e estou pronta para isso. Mas se ao m enos eu conseguisse fazer com que m eu corpo

com eçasse a funcionar… Quem sabe, ele não segue o seu exem plo?

Lay la sorriu e esfregou a barriga ainda lisa.

– Ouviu isso, m eu pequeno? Você precisa aj udar a nossa rainha. É im portante para a fam ília

real ter um filho.

– Não pelo trono – interveio Beth. – Não de m inha parte. Eu só quero ser m ãe e ter o filho do

m eu m arido. No fundo, é sim ples assim .

Lay la se calou. Ela estava feliz por ter Qhuinn ao seu lado naquela j ornada, m as teria sido

m aravilhoso ter um parceiro de verdade para se deitar ao seu lado e acalentá-la durante o dia,

para am á-la e segurá-la e lhe dizer que ela era preciosa não só pelo que o seu corpo era capaz de

produzir, m as pelo que ela lhe inspirava em seu coração.

Um a im agem do rosto rústico de Xcor surgiu subitam ente em sua m ente.

Balançando a cabeça, ela concluiu que não, não poderia pensar naquilo. Ela tinha de se m anter

calm a e relaxada pelo bebê, pois seu estresse poderia ser transm itido para aquilo que seu ventre

nutria. Além disso, ela j á fora abençoada com tanto, e se aquela gestação vingasse até o fim , e

ela sobrevivesse ao parto?

Ela receberia um m ilagre verdadeiro e contínuo.

– Estou certa de que tudo dará certo com o Rei – declarou. – O destino tem seu m odo de nos

dar aquilo de que precisam os.

– Am ém , irm ã. Am ém .

Sola parou o seu Audi exatam ente no m eio do cam inho de carros da casa de vidro às m argens

do rio e estacionou bem na porta de trás da m aldita construção.

Saindo, plantou as botas na neve, colocou a m ão dentro da parca no cabo da

pistola e fechou a

porta com o quadril. Ao m archar para a entrada de trás, fez contato visual com o telhado.

Deveria haver um a câm era de segurança ali.

Ela não se deu ao trabalho de tocar a cam painha ou bater à porta. Ele saberia que ela estava

ali. E se ele não estivesse em casa? Bem , nesse caso ela pensaria em algum tipo de cartão de

visitas para lhe deixar.

Talvez um alarm e disparado? Ou um a j anela ou arm ário abertos?

Talvez algo faltando dentro da casa…

A porta se abriu e lá estava ele, em carne e osso – exatam ente com o na noite anterior, e

m esm o assim , de algum m odo m ais alto, m ais perigoso, m ais sexy do que ela se lem brava.

– Isso não é um pouco óbvio para você? – ele perguntou com lentidão.

Ele vestia um terno preto de algum tipo de designer, e a roupa só podia ter sido feita sob

m edida, porque o caim ento era perfeito.

– Estou aqui para esclarecer um a coisa – disse ela.

– E, ao que parece, veio para estabelecer alguns term os – com o se aquela fosse um a ideia

intrigante. – Mais algum a coisa? Trouxe o j antar? Estou com fom e.

– Vai m e deixar entrar ou vam os fazer isto no frio m esm o?

– Por acaso, a sua m ão está arm ada?

– Claro que sim .

– Nesse caso, por favor, entre.

Quando ele recuou, ela revirou os olhos. Por que o fato de ela poder atirar nele encoraj aria o

hom em a perm itir a sua entrada era um m istério…

Sola ficou im obilizada quando olhou para a cozinha m oderna. Lado a lado estavam dois

hom ens que eram a im agem idêntica um do outro. Tam bém eram tão grandes quanto o hom em

a quem ela viera procurar – e am bos tinham um a arm a na m ão.

Só podiam ser aqueles que estiveram com ele debaixo daquela ponte.

A porta se fechou, e ainda que as glândulas adrenais dela tivessem lançado um sinal de alerta,

ela escondeu tal reação.

Aquele a quem ela viera ver lançou-lhe um sorriso ao passar por ela.

– Estes são m eus associados.

– Quero conversar a sós com você.

O hom em se recostou contra um a bancada de granito, colocou um charuto entre os dentes e o

acendeu com um isqueiro de ouro. Quando ele fechou a tam pa, exalou um a baforada de fum aça

azulada e olhou na sua direção.

– Cavalheiros, se nos derem licença por um m inuto, por favor.

Os gêm eos senhores Felicidade não pareceram contentes com a dispensa. Pensando bem ,

m esm o que recebessem bilhetes prem iados na loteria eles seriam capazes de arrancar sua m ão

até o pulso. Só por princípios.

No entanto, eles se encam inharam para longe dali, m ovendo-se de um m odo sincronizado que

era incrivelm ente perturbador.

– Onde arranj ou esses dois? – ela perguntou com aspereza. – Na internet?

– Incrível o que se pode adquirir no eBay …

Abruptam ente, ela deixou de lado as am enidades.

– Quero que pare de m e seguir.

O hom em deu um a tragada no charuto, a ponta gorda brilhando alaranj ada.

– Mesm o?

– Você não tem por que fazer isso. Não voltarei aqui novam ente… por nenhum m otivo.

– Verdade?

– Você tem a m inha palavra.

Não havia nada que Sola detestasse m ais do que adm itir um a derrota – e deixar de lado a

investigação desse hom em e daquela propriedade era um tipo de renúncia. Mas a noite passada,

enquanto ela esteve num encontro com um com pleto inocente, pelo am or de Deus, cerificou-a

de que as coisas estavam se descontrolando. Ela era perfeitam ente capaz de brincar de gato e

rato; era o que fazia em sua vida profissional. Contudo, com aquele hom em ? Não havia um

obj etivo a ser conquistado; nenhum pagam ento à sua espera quando inform ações fossem

coletadas; nenhum a intenção de roubá-lo.

E os riscos só vinham aum entando.

Ainda m ais se voltassem a se beij ar, porque ela duvidava que fosse capaz de parar e a

definição de estupidez seria ir para a cam a com alguém com o ele.

– A sua palavra? – ele repetiu. – E exatam ente quanto isso vale?

– É tudo o que tenho a lhe oferecer.

Os olhos dele, aqueles raios laser, detiveram -se em sua boca.

– Não tenho tanta certeza disso.

O sotaque dele e aquela voz grave e deliciosa transform avam as sílabas em um a carícia, um a

que ela quase sentia na pele.

Motivo pelo qual ela estava fazendo aquilo.

– Você não tem m otivo para m e seguir. A partir de agora.

– Talvez eu aprecie a vista – enquanto os olhos percorriam seu corpo, outra onda de choque a

acom eteu, m as não do tipo ansioso. – Sim , tenho certeza disso. Diga-m e um a coisa, gostou do seu

passeio ontem ? A com ida estava do seu agrado? A com panhia…?

– Estou colocando um ponto-final nisso agora. Você não vai m ais m e ver.

Com o aquilo era tudo o que ela tinha a dizer, deu-lhe as costas.

– Acha honestam ente que isto entre eu e você acaba aqui?

A voz bela e som bria continha um a am eaça velada.

Sola olhou por cim a do om bro.

– Você m e pediu para não invadir, nem espionar, e eu não vou fazer nada disso.

– E eu lhe digo novam ente, acha, *honestamente*, que isto term ina assim ?

– Estou lhe dando o que quer.

– Nem chega perto do que quero – ele rosnou.

Por um m om ento, aquela ligação que fora forj ada no frio, enquanto seus lábios se tocavam no

carro dela e os corpos enrij eceram , voltou à tona.

– É tarde dem ais para recuar – outra baforada. – A sua chance de sair veio… e foi em bora.

Ela se virou de frente.

– Lam ento lhe dizer isso, m as quanta besteira. Não tenho m edo de você, nem de ninguém ,

então, venha m e pegar. Mas saiba que vou m achucá-lo para m e defender…

Um som abrupto reverberou no ar entre eles.

Um ronronar? O hom em estava m esm o ronronando?

Ele deu um passo à frente. Depois outro. E com o um cavalheiro faria, m anteve o charuto

afastado, pois não queria queim á-la nem deixar que a fum aça a atingisse no rosto.

– Diga-m e o seu nom e – ele disse. Ou com andou?

– Acho difícil de acreditar que j á não o saiba.

– Não sei – isso foi dito com um arquear de sobrancelha, com o se buscar inform ações

estivesse aquém dele. – Diga-m e o seu nom e e eu a deixarei ir, por ora.

Deus… aqueles olhos… eram o luar e as som bras, um a cor im possível, m isto de prateado,

violeta e azul-claro.

– Com o nossos cam inhos não se cruzarão m ais, isso não é relevante…

– Só para sua inform ação… você se entregará a m im …

– Com o é?

– Mas antes vai m e im plorar.

Sola se proj etou para a frente, seu tem peram ento im plodindo sua atitude de “vam os ser

razoáveis”.

– Só por cim a do m eu cadáver.

– Lam ento, isso não faz o m eu tipo – ele deixou cair o queixo e a fitou por sob as pálpebras

abaixadas. – Prefiro você quente… e m olhada.

– Isso não vai acontecer – ela deu m eia-volta e se dirigiu para a porta. – Estam os entendidos.

Assim que ela entrou na antessala, seus olhos captaram algo sobre um banco

acom odado na parte baixa da parede oposta.

Sua cabeça virou para trás, e seus pés falsearam . Era um a adaga, um a adaga m uito longa, tão

longa que era quase um a espada.

Havia sangue fresco na lâm ina.

– Reconsiderando a sua partida? – perguntou a voz som bria bem atrás dela.

– Não – ela se dirigiu para a porta e a abriu. – Já estou de saída.

Batendo a porta atrás de si, ela quis correr para o carro, m as se recusou a ceder ao pânico

m esm o esperando que ele viesse atrás dela.

No entanto, o hom em ficou parado, pairando no vidro da porta que ela acabara de utilizar,

observando-a entrar no carro, dar a partida e passar a m archa no Audi.

Ao se recostar no banco do m otorista, ela sentiu o coração disparar.

Ainda m ais depois que um pensam ento aterrador lhe ocorreu.

Enfiando a m ão na bolsa, ela tateou em busca do celular e, quando o encontrou, procurou um

nom e na lista de contatos e selecionou um deles, apertando o botão da cham ada. Tom ada pelo

m edo, ela apoiou o celular na orelha, apesar do seu carro ter Bluetooth e ser ilegal, em Nova

York, dirigir sem as duas m ãos no volante.

Um toque.

Dois toques.

Três…

– Oi! Eu estava esperando que você m e ligasse.

Sola se largou no banco, a cabeça batendo no encosto.

– Olá, Mark.

Deus, ouvir o som da voz do hom em era um alívio.

– Você está bem ? – seu professor de ginástica perguntou.

Ela pensou na lâm ina ensanguentada.

– Estou, sim . Está saindo do trabalho?

Enquanto em barcavam num a conversa agradável, ela saiu dirigindo, o pé pesando no

acelerador, o cenário passando às pressas. Neve branquinha. Estrada cheia de sal. Árvores em

seus esqueletos. Chalezinho antigo com a luz acesa dentro. Espaço vazio à m argem esquerda do

rio.

Toda vez que ela piscava, via a silhueta no vidro daquela porta. Observando. Planej ando.

Esperando…

Por ela.

E, bom Deus, seu corpo estava desesperado para ser capturado por ele.

CAPÍTULO 60

Enquanto Qhuinn se m aterializava, a sua lanterna ilum inava o últim o chalé. Dessa vez, ele não

esperou pelos outros, sim plesm ente m archou adiante, direto para a porta, que estava intacta e

fechada…

Sua prim eira pista de que algo estava errado surgiu quando segurou a m açaneta antiga e gasta:

um choquinho elétrico atravessou sua m ão e subiu pelo braço.

Retirando a m ão, ele sacudiu o braço, e seus instintos ficaram em alerta.

– O que foi? – Rhage perguntou ao subir na varanda baixa.

Qhuinn olhou ao redor, notando que Blay e John estavam nas im ediações.

– Não sei.

Rhage foi até a porta e teve a m esm a sensação, retraindo-se subitam ente.

– Mas que m erda…?

– É, não é… – m urm urou Qhuinn ao recuar um passo e ilum inar o exterior.

As duas j anelas em cada lado da entrada haviam sido cobertas por tábuas, e quando ele andou

ao redor da casa, viu que o m esm o fora feito com aquelas do outro lado.

– Que se foda – grunhiu Rhage. O Irm ão recuou três passos e depois se lançou contra a porta, o

om bro forte num ângulo com o um aríete.

Com o im pacto, a m adeira da porta se estilhaçou…

Subitam ente, um a luz ofuscante cruzou a noite, ilum inando a floresta com o se um a bom ba

tivesse explodido, lançando Rhage para trás.

Enquanto Blay e John corriam para verificar se o lutador se ferira, Qhuinn avançou,

preparando-se enquanto atravessava o batente, esperando ser atingido por algum as centenas de

volts de sabe-se lá o quê.

Em vez disso, ele só atingiu o ar, e seu im pulso foi tão grande que ele teve que se recolher

num a bola a fim de não cair de cara no chão. Um a respiração depois, ele se im pulsionou no chão

e aterrissou agachado, um a arm a num a m ão, a lanterna na outra.

Algo fedia m uito ali.

– Atrás de você – avisou Blay , quando um segundo facho de luz se j untou ao seu.

O ar dentro do chalé estava estranham ente quente, com o se houvesse um sistem a de

aquecim ento ligado, só que isso não era possível. Não havia eletricidade, nem tanque de

com bustível. E j á fazia um tem po que alguém estivera ali, a j ulgar pela cam ada de poeira

im perturbável nas tábuas do chão e pelas teias de aranha, delicadas e verticais que se

penduravam a partir do teto com o cordas inertes.

– O que é isso? – perguntou Blay .

Ao girar seu facho de luz, Qhuinn franziu a testa. Havia um bom núm ero do que pareciam ser

tam bores de óleo contra a parede oposta, todos j untos, com o se tivessem

sentido m edo de algo e

se arrum ado em círculo para autoproteção.

Qhuinn andou até lá, sem pre m ovendo a lanterna em círculos am plos, e franziu o cenho m ais

um a vez quando conseguiu olhar direito para os latões. Nenhum deles tinha tam pa e sua luz

parecia refletir algum tipo de óleo.

– Mas… que diabos é isso?

Inclinando-se sobre um deles, ele inspirou profundam ente e sentiu as narinas queim arem com

o fedor forte de assassinos. A j ulgar pelo m odo com o a sua luz não conseguia penetrar a

superfície do líquido, ele soube que só podia ser um a coisa, e, por certo, aquilo não poderia ser

usado com o aquecedor ou gerador.

Era o sangue de Ôm ega.

– Atrás de vocês – disse Rhage ao entrar.

Um assobio suave anunciou que John tam bém entrara.

– Isso é o que eu acho que é? – perguntou Blay ao parar ao lado de Qhuinn.

Qhuinn acom odou a lanterna entre os dentes e esticou a m ão nua. Assim que fez contato com a

viscosidade desagradável, algo subiu à superfície do barril…

– Cacete! – exclam ou, pulando para trás.

Enquanto sua lanterna caía e rolava pelo chão, o facho de Blay ilum inava o que

quer que

tivesse se m ovido.

Um braço.

Havia alguém dentro daquele tam bor.

– Jesus Cristo – sussurrou Blay .

Atrás deles, a voz de Rhage soou alta:

– V.? Precisam os de assistência aqui. Agora.

Qhuinn se inclinou para baixo e apanhou a lanterna. Voltando a apontá-la para o líquido oleoso,

ele observou quando o braço se m ovim entou novam ente, m ergulhando logo abaixo da superfície,

o m ovim ento elevando o pulso e o dorso da m ão…

Algo reluziu, e esse fulgor breve atraiu a atenção de Qhuinn. Aj ustando o ângulo do facho de

luz, inclinou-se ainda m ais sobre o tonel.

A m ão não parecia bem , as j untas estavam deform adas, faltavam partes dos dedos ou eles

inteiros, com o se tivessem sido colocados dentro de um m oedor…

Aquele brilho surgiu novam ente na fossa do sangue de Ôm ega.

Seria… um anel?

– Espere, espere, Qhuinn… Você tem que recuar.

Qhuinn ignorou o com entário ao se inclinar ainda m ais para a frente, aproxim ando-se,

aproxim ando-se…

Aproxim ando-se…

A princípio, ele custava a acreditar no que via. Sim plesm ente não poderia estar vendo um anel

de sinete.

Porém , o que m ais poderia ser? Estava no indicador, o único dedo que não fora arrancado. E

era de ouro – m esm o com todo aquele óleo preto, o brilho am arelado era evidente. E o anel em

si tinha um a faceta larga na qual estava gravada…

– Qhuinn – disse Rhage com aspereza –, afaste-se im ediatam ente…

O braço se m oveu novam ente, a m ão pálida rom pendo a superfície do líquido, parecendo um

espectro em ergindo de um a tum ba, esticando-se…

O sangue de Ôm ega escorreu da superfície do anel, revelando…

– Qhuinn, não estou brincando…

Um barulho explodiu dentro do chalé, preenchendo o ar.

Ele ignorou com pletam ente que o grito saíra de sua boca.

A princípio, Blay pensou que o que quer que estivesse no tonel tivesse agarrado Qhuinn e o

puxado para dentro e que foi por isso que Qhuinn gritou. Instintivam ente, ele avançou e segurou a

cintura de Qhuinn, com o se lançasse um a âncora e a puxasse de volta.

O que saiu do tonel atorm entaria os pesadelos de Blay durante anos… décadas.

Na verdade, o que estava dentro não se agarrara a Qhuinn; foi exatam ente o contrário.

Enquanto Blay puxava para trás, um a form a m asculina saía do local apertado, o sangue de

Ôm ega caindo pelas laterais em riachos, açoitando o piso frio de m adeira do chalé, atingindo os

coturnos e as calças de couro de Blay , encharcando Qhuinn.

Qhuinn teve que se esforçar para continuar segurando aquilo que escorregava de suas m ãos, a

arm a e a lanterna esquecidas, as m ãos enluvadas apalpando e arranhando para não perder o

contato…

E quando eles içaram …

O barril de óleo caiu de lado enquanto o m acho nu se estatelava aos seus pés.

Ninguém se m oveu. Foi com o se todos tivessem acabado de tom ar suas posições num palco.

Blay reconheceu quem era im ediatam ente.

E não acreditou.

O m orto voltando para o m undo dos vivos… por assim dizer.

Qhuinn se agachou e tocou no om bro do m acho. Em seguida, pronunciou o nom e do irm ão

com voz rouca:

– Luchas?

A resposta foi im ediata. As m ãos do irm ão lentam ente com eçaram a girar, as pernas

m achucadas a se debater, o corpo nu tentando se m over. A pele estava coberta de hem atom as, a

parca ilum inação das lanternas revelava cada contusão, laceração e hem atom a, a m ancha do

sangue de Ôm ega gradualm ente sum indo da pele pálida.

Bom Deus, o que fizeram com ele? Um dos olhos estava fechado pelo inchaço, e a boca estava

torta, com o se ele tivesse sido socado ali. Quando ele se retorceu, pareceu que os dentes tinham

perm anecido intactos, m as aquele era o único sinal de m isericórdia que pareceram ter para com

ele.

– Luchas? – repetiu Qhuinn. – Consegue falar com igo?

Mais ao lado, Rhage estava novam ente ao telefone.

– V.? Tem os um a situação nas m ãos… Quanto tem po vai dem orar… o quê? Não,

absolutam ente, não. Preciso de você… Não, você. E Pay ne – Holly wood olhou de relance e

articulou apenas com a boca “sabem quem ele é?”.

Blay teve que lim par a garganta, sua resposta saindo aos tropeços:

– É… o irm ão dele.

Rhage piscou forte. Balançou a cabeça. Inclinou-se.

– Desculpe. O que você…

– O irm ão dele – Blay repetiu alto e claro.

– Jesus… – sussurrou Rhage. E depois reagiu. – Agora, V. *Agora*.

– Luchas, consegue m e ouvir? – perguntou Qhuinn.

Vishous invadiu o chalé um a fração de segundo m ais tarde. O Irm ão estava coberto em

sangue de *redutor* e sangue verm elho graças a um corte no rosto – tam bém respirava com o um

trem de carga e tinha um a adaga gotej ante na m ão.

No instante em que viu sobre o que eles estavam rodeados, ele parou.

– Mas que m erda é essa?

Rhage rapidam ente fez gestos perpendiculares à garganta, interrom pendo qualquer outro

com entário. Depois segurou o braço de V. e o arrastou para longe do alcance dos outros ouvidos.

Quando os dois voltaram , V. não revelava em oção algum a.

– Deixe-m e dar um a olhada nele – disse V.

Qhuinn apenas continuou falando com o irm ão, as palavras saindo num a corrente contínua que

não fazia m uito sentido. Pensando bem , até onde todos sabiam , o m acho fora assassinado nos

ataques, j unto ao pai, a m ãe e a irm ã de Qhuinn. Portanto, sim , aquilo era o bastante para fazer

até Shakespeare sofrer de um caso de balbucios.

Só que… não era possível, Blay pensou. Havia quatro corpos na casa – e Luchas estivera entre

eles.

Blay deveria saber disso. Fora ele a entrar lá para identificá-los.

Ele apoiou um a m ão no om bro de Qhuinn.

– Ei.

As palavras de Qhuinn foram sum indo. Depois, ele fitou os olhos de Blay .

– Ele não está respondendo.

– Pode deixar o V. dar um a olhada nele? Precisam os de um parecer m édico – e talvez m uito

m ais para ter respostas quanto ao que acontecia ali. – Vam os, venha com igo até ali.

Qhuinn se endireitou e recuou, m as não se distanciou m uito, e seu olhar nunca se despregou do

irm ão.

– Será que o transform aram ? – ele cruzou os braços e se enrolou para a frente. – Acha que o

transform aram ?

Blay balançou a cabeça e desej ou poder m entir.

– Eu não sei.

CAPÍTULO 61

Enquanto Qhuinn encarava o chão do chalé, seu cérebro resgatava todo tipo de lem branças

desconexas, a noção concreta de que sua fam ília inteira fora devastada colidindo com o que

parecia ter sido um a realidade com pletam ente diferente.

Ele continuava a voltar para aquela noite, há tanto tem po, quando passara pela

porta de entrada

da casa dos pais e encontrara a fam ília toda reunida à m esa de j antar… e o irm ão recebendo o

anel de sinete que agora estava na m ão destroçada.

Você haveria de pensar que um cara torturado, porém vivo, seria tudo em que alguém

conseguiria se concentrar.

– O que está acontecendo, V.? – ele exigiu saber. – Com o ele está?

– Vivo – o Irm ão lim pou a adaga na coxa coberta pelo couro da calça. – Filho? Filho, consegue

m e ouvir?

Luchas continuou olhando para Qhuinn, seus lindos olhos cinza inj etados de sangue e

arregalados. A boca se m ovia, porém nenhum som saía dela.

– Filho, vou ter que cortá-lo, está bem ? Filho?

Qhuinn sabia exatam ente o que V. procurava saber.

– Vá em frente.

O coração de Qhuinn com eçou a bater com o um punho contra seu esterno enquanto o Irm ão

pegava a adaga negra e fazia um corte no lado externo do braço de Luchas. O cara não reagiu;

pensando bem , com tudo o que lhe acontecera… Aquilo era apenas um pingo num tonel de água.

Por favor, sej a verm elho, sej a verm elho, sej a verm elho…

Sangue verm elho se avolum ou e escorreu, num contraste brilhante contra o óleo negro no qual

ele estava coberto.

Todos em itiram um suspiro de alívio que nem sequer sabiam que estavam represando.

– Ok, filho, isso é bom , é m uito bom …

Eles não o haviam transform ado.

V. se levantou do chão e fez um gesto de lado com a cabeça, indicando que queria conversar

reservadam ente. Enquanto Qhuinn o seguia, puxou o braço de Blay e o levou consigo. Era o m ais

natural a ser feito. Aquilo era m uito sério, e ele sabia que não estava acom panhando m uito bem –

e não havia ninguém m ais que ele quisesse consigo.

– Não tenho o m edidor de pressão nem um estetoscópio, m as posso lhe garantir um a coisa… a

pulsação dele está fraca e irregular, e tenho quase certeza de que ele está em estado de choque.

Não sei quanto tem po ele ficou ali dentro e nem o que lhe fizeram , m as ele está vivo no sentido

convencional da palavra. O problem a é que Pay ne está fora da j ogada – os olhos de V.

cintilaram . – E vocês sabem por quê.

Ah, então ele falara com a irm ã.

– Ela não poderá ser capaz de usar a m agia dela – o Irm ão continuou – e estam os a um m ilhão

de quilôm etros de qualquer lugar.

– Ou sej a – disse Qhuinn.

V. o encarou.

– Ele vai m orrer nas próxim as horas se…

– V.! – exclam ou Rhage. – Venha aqui!

No chão, o corpo castigado de Luchas se erguia sozinho, as m ãos quebradas se fechavam em

suas palm as, os j oelhos se retesavam , a coluna se curvava para o teto do chalé.

Qhuinn se lançou para a frente e se aj oelhou perto da cabeça do irm ão.

– Fique com igo, Luchas. Vam os, lute…

Aqueles olhos cinzentos se fixaram nos de Qhuinn, e a agonia deles era tão esm agadora que

Qhuinn m al notou V. se apressando para perto e rem ovendo a luva da m ão brilhante.

– Qhuinn! – o Irm ão exclam ou, com o se j á tivesse repetido o nom e dele algum as vezes.

Ele não desviou o olhar do irm ão.

– O quê?

– Isto pode m atá-lo, m as talvez faça seu coração voltar a bater no ritm o certo. É arriscado,

m as é a única chance dele.

Na fração de segundo antes da resposta, ele sentiu um a necessidade esm agadora de que o

irm ão superasse aquilo de algum m odo. Mesm o m al conhecendo o cara, e

tendo se ressentido

dele por anos – e depois ter sido surrado por ele quando Luchas se j untara à Guarda de Honra –,

ele não percebera até eles terem sum ido o quanto é possível se sentir desorientado sendo o único

ser no planeta sem que ninguém m ais do seu sangue estej a com você.

Em retrospecto, esse vazio fora exatam ente o que o m otivara durante o cio de Lay la. E o que o

fizera procurar Blay instintivam ente.

Am e-os ou odeie-os, por laços de sangue ou do coração, a fam ília era um tipo de oxigênio.

Necessário aos seres vivos.

– Vá em frente – disse ele.

– Espere – Blay interrom peu, tirando o cinto e entregando-o a Qhuinn. – Para a boca dele.

Mais um a razão para am ar o cara. Não que ele precisasse de m ais um a.

Qhuinn posicionou a tira de couro na boca aberta do irm ão e segurou-a no lugar ao assentir

para V.

– Fique com igo, Luchas. Vam os… Fique com igo…

Pelo canto do olho, ele rastreou o brilho da luz branca se aproxim ando do esterno do irm ão…

O peito de Luchas se ergueu, o corpo todo sofrendo um espasm o nas tábuas do chão enquanto

um a luz brilhante o atravessava, afunilando-se pelos braços e pelas pernas,

irradiando-se da

cabeça. O som que ele produziu não foi hum ano, um gem ido gutural que atingiu Qhuinn bem em

sua m edula.

Quando V. retraiu a m ão, a palm a irradiante erguida, Luchas caiu com o o peso m orto que era,

o corpo rebatendo, os m em bros vibrando.

Ele piscou rapidam ente, com o se um a brisa o atingisse no rosto.

– Mais um a vez – exigiu Qhuinn. Quando V. não respondeu, ele o encarou. – Mais um a vez.

– Isso é loucura – m urm urou Rhage.

V. avaliou o m acho por um instante. Depois aproxim ou a m ão letal novam ente.

– Um a vez, é só o que você terá – ele disse a Luchas.

– Maldição – Rhage interveio. – Mais do que isso e ele vira churrasquinho.

O segundo choque foi tão ruim quanto o prim eiro – o corpo j udiado se contorcendo, Luchas

em itindo aquele som horrendo antes de aterrissar num baque de ossos.

Mas ele respirou. Um a respiração profunda, grande, poderosa que expandiu a caixa torácica.

Qhuinn sentiu vontade de rezar e achou que estava m esm o quando entoou:

– Vam os, vam os, vam os…

A m ão dilacerada, aquela do anel, esticou-se e segurou a cam isa de Qhuinn. A pegada era

fraca, m as Qhuinn se inclinou.

– O quê? – disse ele. – Fale devagar.

A m ão escorregou para a j aqueta.

– Fale com igo.

A m ão do irm ão parou no cabo de um a de suas adagas.

– Mate… m e…

Os olhos de Qhuinn se arregalaram .

A voz de Luchas não era nada parecida com o que um dia fora, não passava de um sussurro

rouco.

– Mate… m e… irm ão… m eu…

CAPÍTULO 62

– Com o é que você está? – Blay perguntou.

Parado na varanda do chalé Qhuinn inspirou e percebeu cheiro de cigarro. Blay acendera

outro, e por m ais que Qhuinn detestasse esse hábito, ele não tinha com o culpá-lo. Inferno, se ele

curtisse aquilo, tam bém se apoiaria naqueles pregos de caixão.

Olhou-o de relance. Blay o fitava com paciência, obviam ente preparado para esperar pela

resposta, m esm o se dem orasse o resto da noite.

Qhuinn consultou o relógio. Um a da m anhã.

Quanto tem po dem oraria para que o resto da Irm andade chegasse ali? E será

que o plano de

evacuação que bolaram iria funcionar?– Sinto com o se estivesse enlouquecendo – respondeu.

– Tam bém sinto isso – Blay exalou a fum aça na direção oposta. – Não acredito que ele está…

Qhuinn fitou as árvores diante deles.

– Eu nunca lhe perguntei sobre aquela noite.

– Não. E, francam ente, eu não o culpo.

Atrás deles, no chalé, Rhage, V. e John estavam com Luchas. Todos tinham tirado as j aquetas

e o envolveram com elas num a tentativa de m antê-lo aquecido.

Parado apenas com a cam iseta e as arm as, Qhuinn não sentia o frio.

Pigarreou.

– Você o viu?

Fora Blay a entrar na m ansão depois do ataque. Qhuinn sim plesm ente não teve coragem de

identificar os corpos.

– Sim , eu o vi.

– Ele estava m orto?

– Até onde eu sabia, sim . Ele estava… Sim , eu não achei que existisse qualquer chance de ele

estar vivo.

– Sabe, não vendi a casa.

– Ouvi dizer.

Tecnicam ente, com o m em bro repudiado da fam ília, ele não teria nenhum direito à

propriedade. Contudo, tantos foram m ortos que ninguém exigiu a propriedade, e ela, de acordo

com as Leis Antigas, fora revertida para o Rei, depois do que Wrath im ediatam ente a passou

para Qhuinn com o propriedade alodial.

O que quer que isso significasse.

– Eu não sabia o que pensar quando m e disseram que eles haviam sido assassinados – Qhuinn

levantou o olhar para o céu. A previsão era de m ais neve, portanto, não havia nenhum a estrela

visível. – Eles m e odiavam . Acho que eu tam bém os odiava. E depois eles não estavam m ais lá.

Atrás dele, Blay ficou im óvel.

Qhuinn sabia por que e um em baraço repentino o fez enfiar as m ãos nos bolsos. Sim , ele

absolutam ente detestava falar de em oções e esse tipo de baboseira, m as não havia com o calar

aquilo. Não ali. Sozinho. Com Blay .

Lim pando a garganta, ele continuou:

– Mais do que tudo, fiquei aliviado, para ser bem franco. Não tenho com o explicar o que foi

crescer naquela casa. Com todas aquelas pessoas olhando para m im com o se eu fosse um a

m aldição viva para eles – balançou a cabeça. – Eu costum ava evitá-los o quanto podia, usando as

escadas dos criados, ficando naquela parte da casa. Mas então os *doggen* am eaçaram se dem itir.

Na verdade, o m aior benefício da m inha transição foi que eu podia m e desm aterializar direto da

j anela do m eu quarto. Assim ninguém tinha que lidar com igo.

Mesm o quando ouviu Blay praguej ando baixinho, Qhuinn não conseguiu parar de falar.

– E sabe o que era pior? Eu via que o am or era possível quando o m eu pai olhava para o m eu

irm ão. Teria sido um a coisa se o bastardo nos odiasse a todos, m as não. E isso m e fez perceber o

quanto eu era excluído – Qhuinn o olhou de relance. Rem exeu os pés. – Por que está olhando

assim para m im ?

– Desculpe. Hum … desculpe. É que você… você nunca falou deles. Nunca.

Qhuinn franziu o cenho e m ediu o céu, visualizando as estrelas m esm o sem poder enxergá-las.

– Eu queria. Com você, isto é. Com ninguém m ais.

– E por que não falou? – com o se aquilo fosse algo que o cara estivesse se perguntando há

algum tem po.

No silêncio que se seguiu, Qhuinn rem exeu nas lem branças nas quais nunca se dem orava,

vendo a si m esm o. A sua fam ília. Vendo… Blay .

– Eu adorava ficar na sua casa. Eu não tenho com o dizer o que aquilo significava para m im .

Lem bro-m e da prim eira vez que m e convidou. Eu estava certo de que os seus pais m e

expulsariam . Eu estava pronto para isso. Inferno, eu tinha que lidar com aquela m erda na m inha

própria casa, por que, então, com pletos desconhecidos não o fariam tam bém ? Mas a sua m ãe…

– Qhuinn pigarreou novam ente. – A sua m ãe m e fez sentar à m esa da cozinha e m e deu com ida.

– Ela ficou devastada por você ter se sentido m al. Logo depois, você correu para o banheiro e

ficou vom itando por um a hora.

– Eu não estava vom itando.

A cabeça de Blay se virou de repente.

– Mas você disse…

– Eu estava chorando.

Quando Blay se retraiu, Qhuinn deu de om bros.

– Qual é, o que eu iria dizer? Que chorei com o um a m enininha no chão do banheiro? Deixei a

torneira aberta para que ninguém m e ouvisse e dava descarga de vez em quando.

– Nunca soube disso.

– Esse era o plano – Qhuinn o fitou. – O plano foi sem pre esse. Eu não queria que você

soubesse com o era ruim ficar na m inha casa, porque eu não queria que você

sentisse pena. Eu

não queria que você, ou os seus pais, sentissem a obrigação de m e acolher. Eu queria que você

fosse o m eu am igo… e você foi. Sem pre foi.

Blay desviou rápido o olhar. Depois esfregou o rosto com a m ão que não segurava o cigarro.

– Foram vocês que m e fizeram superar aquilo – Qhuinn se ouviu dizer. – Eu vivia para as

noites, porque eu poderia sair da casa. Era a única coisa que m e fazia seguir em frente. Você, na

verdade, fazia com que eu seguisse em frente. Sem pre foi… você.

Quando os olhos de Blay voltaram a pousar sobre os seus, ele teve a sensação de que o cara

estava à procura de palavras.

E que Deus os aj udasse, pois, não fosse por Saxton, Qhuinn teria lançado a palavra que

com eça com “A” bem ali, apesar de ser um a péssim a hora.

– Você pode, sabe – disse Blay , por fim . – Falar com igo.

Qhuinn bateu os pés no chão e curvou os om bros, esticando os m úsculos das costas.

– Cuidado. Posso cobrar essa prom essa.

– Isso aj udaria – quando Qhuinn olhou novam ente, era Blay quem balançava a cabeça. – Não

sei o que estou dizendo.

Até parece, pensou Qhuinn…

Sem aviso, V. em ergiu do chalé, acendendo um cigarro caseiro enquanto saía. Enquanto

Qhuinn se calava, não sabia se sentia alívio por aquela conversa ser forçada a um final ou não.

Exalando fum aça, V. disse:

– Preciso m e certificar de que você com preende as consequências.

Qhuinn assentiu.

– Já sei o que você vai dizer.

Aqueles olhos de diam ante se fixaram nos seus.

– Bem , vam os deixar às claras assim m esm o, está bem ? Não sinto a presença de Ômega nele,

m as se ele surgir ou se eu tiver deixado passar algum sinal, vou ter que cuidar dele.

Mate-me, irmão meu. Mate-me.

– Faça o que precisar fazer.

– Ele não pode entrar na m ansão.

– Aceito.

V. ergueu a m ão não letal.

– Jure.

Parecia estranho segurar a palm a do Irm ão e vincular sua palavra com o contato – porque era

o que parentes faziam em situações com o aquela, e Deus bem sabia que ele não era próxim o de

ninguém a esse ponto: m esm o antes de ser repudiado pela fam ília, ele fora a

últim a pessoa a

poder j urar baseado em linhagens.

No entanto, os tem pos m udaram , não?

– Mais um a coisa – V. bateu as cinzas da ponta do cigarro. – Vai ser um a recuperação m uito

longa e difícil para ele. E eu não estou só falando da parte física. Você precisa estar preparado.

Com o se antes ele tivesse tido algum tipo de relacionam ento com o cara… Ele podia partilhar

um pouco do seu DNA com o suj eito, m as, fora isso, Luchas era um com pleto estranho.

– Eu sei.

– Ok. Muito j usto.

Ao longe, o som agudo de m otores cruzou a escuridão.

– Ainda bem – Qhuinn disse ao entrar no chalé novam ente.

No canto, onde o tonel fora derrubado, o irm ão não passava de um a pilha de j aquetas, o corpo

retorcido coberto pelas m antas im provisadas.

Qhuinn atravessou as tábuas do piso, acenando para John e para Rhage.

Aj oelhando-se ao lado do irm ão, sentiu com o se estivesse num sonho, e não na realidade.

– Luchas? Preste atenção, eis o que vai acontecer. Vam os levá-lo num trenó. Você vai para

um a clínica de tratam ento. Luchas? Está m e ouvindo?

Enquanto dois *snowmobiles* se aproxim avam do chalé, Blay acom panhava o progresso deles da varanda, observando os faróis crescerem e ficarem m ais lum inosos, o par de m otores passando

para um ronco baixo quando chegaram ao destino. Ah, m uito bom , atrás de um deles, havia um

trenó coberto, do tipo que se via nos Jogos Olím picos de Inverno quando algum esquiador se

m achucava e no qual era transportado m ontanha abaixo.

Perfeito.

Manny e Butch desm ontaram e correram .

– Eles estão aqui – disse Blay , saindo do cam inho do m édico.

– Luchas? Está com igo? – ele ouviu Qhuinn m urm urar.

Espiando para dentro, Blay viu Manny se inclinar por sobre o corpo de Luchas. Caram ba, que

noite. E ele que pensara que o show aéreo de algum as noites atrás fora um dram alhão e tanto…

Sempre foi você.

Voltando a fitar a floresta, Blay esfregou o rosto novam ente, com o se isso pudesse aj udar. Ele

queria acender outro Dunhill, m as quanto m ais aquilo dem orava, m ais paranoico ele ficava. A

últim a coisa que aquela situação precisava era de um esquadrão de *redutores* aparecendo antes

que conseguissem transportar Luchas para um local seguro.

Melhor ter um a .40 do que um cigarro nas m ãos.

Sempre foi você.

– Você está bem ? – Butch perguntou.

Já que a noite parecia ter com o tem a a honestidade, ele balançou a cabeça.

– Nem um pouco.

O tira o segurou pelo om bro.

– Então você o conhecia.

– Pensei que sim – ah, não, espere, a pergunta era sobre Luchas. – Isto é, sim , eu o conhecia.

– Isso tudo deve ser dureza.

Blay olhou por sobre o om bro novam ente e viu, m ais um a vez, Qhuinn agachado ao lado do

irm ão. O rosto do seu velho am igo estava envelhecido naqueles fachos de luz, a ponto de Blay se

perguntar se de fato o vira relaxado quando estiveram j untos… Ou se ele estivera equivocado.

Sempre foi… você.

– É duro – ele m urm urou.

E estranho tam bém .

Logo após a transição, ele procurou por algum sinal de que o m odo com o ele se sentia pelo

am igo fosse recíproco, algum a pista quanto a em que ponto Qhuinn se encontrava. No entanto,

ele não enxergara nada, nada além da lealdade incontestável, da am izade, das habilidades

trem endas de lutador. Durante todos aqueles encontros com outras pessoas, e nos treinam entos, e

nas noites no cam po de batalha… ele sem pre se sentiu do lado absolutam ente oposto do que

desej ava, fitando um m uro que ele não tinha com o transpor.

Aquele tem po breve na varanda?

Foi a prim eira vez em que ele teve um vislum bre daquilo que desej ava ainda m ais do que

sexo.

Merda, por um m om ento traiçoeiro, ele se perguntou se, de fato, entre as palavras que Lay la

deixara escapar do lado de fora do seu quarto havia o “estar”.

– Eles vão levá-lo agora – Butch segurou o braço de Blay e o tirou do cam inho. – Venha para

cá.

Luchas estava adequadam ente coberto agora, com um a m anta térm ica My lar prateada

envolvendo-o dos pés à cabeça, deixando apenas um a parte do seu rosto visível. Eles o

acom odaram num a m aca dobrável, com Qhuinn num a ponta e V. na outra; Manny cam inhava

ao lado, com o se não estivesse bem certo se precisaria ressuscitá-lo a qualquer instante.

Perto do trenó, eles o transferiram e o am arraram .

– Eu o levo – anunciou Qhuinn ao m ontar no *snowmobile* e dar a partida.

– Vá devagar e não pare – avisou Manny . – Ele não passa de um a pilha de ossos quebrados.

Qhuinn olhou para Blay .

– Vem com igo?

Não havia m otivo para responder. Ele m archou até lá e se acom odou atrás do cara.

Bem ao estilo de Qhuinn, ele nem se im portou em esperar pelos outros. Apenas apertou o

acelerador e partiu. No entanto, ele prestou atenção à recom endação m édica: deu um a volta

am pla e seguiu os rastros que eles deixaram antes, m antendo a velocidade rápida para ganharem

tem po, m as não tanto a ponto de sacudir Luchas.

Blay m antinha as arm as a postos.

Enquanto Manny e Butch seguiam no outro *snowmobile* ao lado deles, os Irm ãos e John

Matthew se m aterializavam em distâncias regulares, aparecendo ao lado das trilhas paralelas.

Pareceu dem orar cem anos.

Blay literalm ente pensou que nunca conseguiriam sair dali. Parecia que os rugidos agudos de

lam entação dos m otores, o borrão que era aquela floresta escura e as m anchas brancas e

brilhantes das clareiras seriam a últim a coisa que ele veria.

Ele rezou o percurso inteiro.

Quando a estrutura grande em form a de caixa do hangar finalm ente ficou visível, ao seu lado,

estacionado, estava a coisa m ais linda que Blay j á vira.

O Escalade de Butch e V.

As coisas se sucederam bem rápidas a partir dali: Qhuinn parando ao lado do SUV, Luchas

sendo transferido para o banco de trás, os *snowmobiles* sendo carregados no reboque preso atrás,

Qhuinn seguindo para o banco do passageiro.

– Quero que Blay dirij a – disse antes de entrar.

Houve um segundo de pausa. Em seguida, Butch assentiu e j ogou as chaves.

– Manny e eu vam os atrás.

Blay se acom odou detrás do volante, m exeu no assento para acom odar as pernas e acionou o

m otor. Com Qhuinn ao seu lado, ele olhou e disse:

– Coloque o cinto.

O m acho o obedeceu, aj ustando a faixa de ny lon por sobre o peito. Depois, im ediatam ente,

virou-se para trás para se concentrar no irm ão.

Um a sensação de determ inação única se acom odou sobre os om bros de Blay e ele apertou as

m ãos. Não se im portava pelo que tivesse de passar por cim a, atropelar ou deixar as m arcas da

grade do carro; ele levaria Qhuinn e o irm ão dele para o centro de treinam ento e para a clínica.

Pressionando o pedal do acelerador, não olhou para trás.

CAPÍTULO 63

Trez franziu para a calculadora na qual vinha inserindo núm eros. Esticando a m ão para pegar

a lingueta longa de papel que se pendurava pelo outro lado da sua escrivaninha, ele tentou

enxergar a coluna de núm eros que acabara de produzir.

Piscou.

Esfregou os olhos. Abriu-os novam ente.

Nada. O círculo pulsante no quadrante superior direito do seu cam po de visão ainda estava ali,

e isso não era resultado de um problem a de visão.

– Merda.

Em purrando os recibos que vinha som ando de lado, olhou para o relógio, depois apoiou a

cabeça nas m ãos. Ao apertar os olhos, a aura ainda estava no m esm o lugar, o padrão de form as

geom étricas entrelaçadas brilhando em todas as cores do arco-íris.

Ele tinha cerca de 25 m inutos antes de o inferno acontecer na Terra – e não conseguiria se

desm aterializar.

Pegando o telefone do escritório, apertou o botão do interfone. Dois segundos depois, a voz de

Xhex se fez ouvir pelo alto-falante, m ais aguda do que de costum e. O que significava que a sua

sensibilidade auditiva tam bém estava sendo afetada.

– Ei, diz aí… – ela disse.

– Estou ficando com enxaqueca. Preciso ir em bora.

– Puxa, cara, que m erda. Não teve um a na sem ana passada?

Tanto faz. Isso não vinha ao caso.

– Pode assum ir?

– Precisa de carona para casa?

Sim .

– Não. Eu consigo – ele com eçou a j untar a carteira, o celular, as chaves. – Ligue se precisar,

ok?

– Pode deixar.

Trez inspirou fundo quando a ligação term inou e ele se levantou. Por enquanto, sentia-se

perfeitam ente bem . E a boa notícia era que ele não estava nem a quinze m inutos de casa, m esm o

se pegasse todos os faróis verm elhos. O que lhe daria dez para se trocar, pegar um cesto de lixo e

deixar um a toalha ao lado da cam a e se preparar para um colapso digestivo.

Dali a seis ou sete horas? Ele se sentiria bem m elhor.

Infelizm ente, entre o agora e o depois seria um a m erda.

A cam inho da porta do escritório, pegou a j aqueta, colocou-a por sobre os om bros e se

preparou para a m úsica do outro lado.

Quando saiu, deu de cara com a parede que era o peito considerável de iAm .

– Me passe as chaves – foi tudo o que o irm ão disse.

– Você não tem que…

– Eu pedi a sua opinião?

– Maldita Xhex…

– Logo atrás do seu irm ão – a fêm ea o interrom peu. – E sei que você disse isso com o um a

form a de elogio.

– Estou bem – disse Trez, ao tentar m udar o cam po de visão para enxergar sua chefe de

segurança.

– Quantos m inutos até que a dor piore? – Xhex sorriu, m ostrando as presas. – Quer m esm o

desperdiçar esse tem po discutindo com igo?

Trez abriu cam inho pela boate e, no instante em que o frio o golpeou nas narinas, seu estôm ago

protestou, com o se estivesse prestes a agir.

Acom odando-se no assento do passageiro do seu BMW, ele fechou os olhos e recostou a

cabeça. A aura estava se expandindo, a linha original de brilho se dividira em dois e se esticara,

m ovendo-se lentam ente para a m argem da sua visão.

Durante o traj eto para casa, ele se sentiu grato por iAm não ser do tipo

conversador.

Em bora isso não significasse que ele não sabia no que o cara estava pensando.

Estresse dem ais. Dores de cabeça dem ais.

Ele, provavelm ente, tam bém precisava se alim entar, m as isso não aconteceria por um tem po.

Enquanto o irm ão dirigia com atenção, Trez passou o tem po im aginando em que parte da

cidade estavam , que faróis tinham passado ou nos quais paravam ; que curvas faziam ; onde

estava o Com m odore, com sua torre alta ficando cada vez m aior conform e se aproxim avam .

Um a inclinação súbita lhe disse que estavam entrando na garagem subterrânea e que ele se

atrasara em sua visualização m ental: até onde ele supunha, eles deviam estar alguns quarteirões

m ais para trás.

Diversas curvas à esquerda enquanto espiralavam três andares para baixo até um a das duas

vagas que lhes pertenciam .

Quando entraram no elevador e iAm apertou o botão do décim o oitavo, a aura vagara para os

confins da sua visão, desaparecendo com o se j am ais tivesse existido.

A calm aria antes da tem pestade.

– Obrigado por m e trazer para casa – disse com sinceridade. Ele detestava depender de

qualquer pessoa para qualquer coisa, m as seria m uito difícil não atingir nada enquanto flashes de

neon pipocam atrás dos seus glóbulos.

– Achei que seria m elhor assim .

– É…

Ele e o irm ão não falaram da visita do sum o sacerdote desde que ela acontecera, entretanto

aquela aparição cordial de AnsLai estava entre os dois, m as, pelo m enos, iAm deixara de lado

sua irritação para trazê-lo para casa.

A prim eira indicação para Trez de que a dor de cabeça estava com eçando de fato foi o m odo

com o a cam painha sutil de aviso de chegada ao destino deles atravessara sua cabeça com o um a

bala.

Ele gem eu quando as portas se abriram .

– Isso vai ser ruim .

– Você não teve um a na sem ana passada?

E ele im aginou quantas pessoas poderiam lhe perguntar isso ainda.

iAm cuidou da trava na porta, e Trez largou a j aqueta dois m etros depois da entrada. Despiu o

suéter de cashm ere preta a cam inho do corredor e estava desabotoando a cam isa de seda quando entrou…

Ao ficar im obilizado, a única coisa que lhe passou pela cabeça foi aquela cena do film e

Trocando as bolas – quando Eddie Murphy entra no seu quarto do apartam ento luxuoso e um a

garota sem inua se ergue de sua cam a e diz: “Olá, Billy Ray ”.

A diferença nesta situação era que a sua perseguidora, aquela do nam orado valentão com

problem as de confiança, era loira e não vestia o corpete j usto dos anos 1980. Para falar a

verdade, ela estava absoluta e com pletam ente nua.

A arm a que apareceu sobre o om bro dele estava firm e e, com o acessório, tinha um

silenciador.

Portanto, iAm poderia m atá-la, sem problem as.

– Pensei que ficaria feliz em m e ver – a garota disse, olhando dele para o cano da arm a do

irm ão.

Com o se quisesse parecer m ais sedutora, ela levantou um braço para m exer nos cabelos, m as

se ela tinha esperanças de os seios o atiçarem , estava sem sorte: aquelas pedras falsas estavam

tão im óveis quanto algo pregado na parede.

– Com o entrou aqui? – Trez exigiu saber.

– Não está feliz em m e ver? – quando não recebeu nenhum a resposta e o cano ainda estava

m irado nela, ela fez beiço. – Fiz am izade com o segurança, está bem . O quê? Ah, ‘tá bom … eu

chupei ele, ok?

Quanta classe.

E aquele policial contratado cretino ficaria desem pregado.

Trez andou até a pilha de roupas no pé da cam a.

– Vista-se e saia.

Deus, com o estava cansado.

– Ora, vam os lá – ela se lam uriou quando as coisas dela caíram ao seu redor. – Eu só queria

fazer um a surpresinha para quando você chegasse do trabalho. Pensei que isso fosse fazer você

feliz.

– Vej am os… não fez. Você tem que sair daqui… – com o ela abriu a boca com o se fosse dar

um a de louca para ele, ele balançou a cabeça e a interrom peu. – Nem pense nisso. Não estou a

fim e o m eu irm ão aqui não se im porta m uito se você vai sair daqui andando ou num saco

plástico. Vista-se. Saia.

A garota olhou de um para o outro.

– Você foi tão legal com igo na outra noite.

Trez fez um a careta quando a dor se apossou do lado direito da sua cabeça.

– Meu bem , vou ser bem franco com você. Nem sei o seu nom e. Nós transam os duas vezes…

– Três vezes…

– Não m e interessa quantas vezes foram . O que eu sei é que você vai se esquecer disso tudo

hoj e. Se você m e procurar de novo ou vir até aqui, eu vou… – o Som bra dentro dele queria ser

m ais sangrento em sua explicação, m as ele se forçou a continuar em term os hum anos que ela

pudesse entender. – … cham ar a polícia. E você não vai querer isso, porque é viciada em drogas

e tam bém negocia paralelam ente. E se eles vasculharem sua casa, seu carro, sua bolsa, vão

encontrar m uitas coisas bem interessantes. Eles vão pegar você e o idiota com quem está

dorm indo por posse de drogas com o intuito de distribuição, e vão m andar vocês para a cadeia.

A garota só piscou.

– Não m e obrigue, benzinho – Trez disse num a voz exausta. – Você não vai gostar do que vai

acontecer.

Digam o que quiserem a respeito da m oça, m as ela era rápida quando devidam ente m otivada.

Alguns m inutos depois, após algum as poses de ioga para enfiar aqueles pesos plásticos dentro de

um a “blusa” dois núm eros m enores, ela estava a cam inho, bolsinha barata sobre o om bro, os

saltos altos pendurados pelas alças.

Trez não disse nada. Apenas a seguiu até a porta, abriu… e fechou na cara dela quando ela se

virou para dizer algum a coisa.

E fechou a trava m anualm ente.

iAm guardou a pistola.

– Tem os que nos m udar. Este lugar não é confiável.

Seu irm ão estava certo. Não que onde m oravam fosse um grande segredo, m as ficar no

Com m odore dava a ideia de que o segurança não seria estúpido o bastante para deixar um a

m ulher subir sem a perm issão dos proprietários.

Se isso podia acontecer um a vez, poderia acontecer novam ente…

Abruptam ente, a dor se intensificou, com o se o volum e do concerto infernal em seu crânio

tivesse disparado de súbito.

– Vou vom itar por algum tem po – m urm urou ao se arrastar dali. – Vam os com eçar a

m udança assim que esta enxaqueca passar…

Ele ficou sem saber o que iAm respondera, ou até m esm o se o cara chegara a responder.

Cacete.

CAPÍTULO 64

Parado do lado de fora da sala de exam es do centro de treinam ento, Qhuinn tinha as m ãos

enfiadas nos bolsos da calça, os dentes cerrados com força, as sobrancelhas tão baixas que

pareciam unidas.

Esperando… Esperando…

Ele concluiu que essa coisa m édica era bem parecida com um a bela luta: longos períodos sem

fazer nada, interpostos por m uitos m om entos de m orte e vida.

Era o bastante para estam par um carim bo de louco na testa de alguém .

Ele olhou para a porta.

– Quanto tem po m ais acha que vai dem orar?

Do outro lado, Blay cruzou e descruzou as longas pernas. O cara se esticara no

chão na últim a

m eia hora, m as aquela fora a única concessão para aquele buraco de m inhoca em que foram

tragados.

– Já deve estar term inando agora – ele respondeu.

– É. O corpo só tem determ inado núm ero de partes, certo?

Depois de um instante, Qhuinn se concentrou m elhor no m acho. Havia círculos escuros ao

redor dos olhos de Blay e as faces estavam encovadas. Ele tam bém estava m ais pálido do que de

costum e, o rosto claro dem ais.

Qhuinn se aproxim ou, recostou-se contra a parede e deixou os coturnos deslizarem até que seu

traseiro batesse no chão ao lado de Blay .

Blay olhou para ele e lançou um breve sorriso, depois voltou a fitar as pontas das botas.

Qhuinn observou quando a própria m ão se esticou e resvalou o m axilar do am igo. E quando

Blay se assustou e olhou para ele, Qhuinn descobriu que queria fazer m uito m ais – e não

sexualm ente. Ele queria trazer o m acho para o colo e deixar Blay repousar sua cabeça ali.

Queria afagar os om bros fortes e passar os dedos pelos cabelos ruivos curtos. Queria que algum

passante lhe trouxesse um a coberta para que ele envolvesse e esquentasse o corpo poderoso que

parecia enfraquecido.

Qhuinn se forçou a desviar os olhos e afastou a m ão.

Deus, com o ele se sentia… preso. Ainda que não houvesse algem as nele.

Olhando para baixo, verificou os pulsos. Os tornozelos. Sim , totalm ente livres. Nada o

segurava.

Abaixando as pálpebras, ele deixou a cabeça encostada na parede. Em sua m ente, ele tocava

em Blay – e, de novo, não de m odo sexual. Apenas sentia a vitalidade debaixo da pele, o

deslocam ento dos m úsculos, a solidez dos ossos.

– Acho que você deveria procurar Selena – disse-lhe.

Blay exalou com o se algo o tivesse atingido no peito.

– É, eu sei.

– Podem os ir j untos – Qhuinn se ouviu oferecendo.

Ele abriu os olhos a tem po de ver a cabeça de Blay virar rapidam ente em sinal de surpresa.

– Ou você pode ir na frente, sozinho – Qhuinn estalou as j untas. – Com o achar m elhor.

Merda. Em face do que vinha acontecendo com Saxton, aquilo talvez fosse um pouco dem ais.

Alim entar-se, afinal, podia ser um ato m ais íntim o do que o sexo…

– É… – Blay respondeu com suavidade. – Vou fazer isso.

O coração de Qhuinn com eçou a bater com força. E, m ais um a vez, não porque

esperasse

conseguir algo do cara. Ele só queria…

Partilhar. Ele achava que a palavra certa era essa.

Não, espere. Era m ais do que isso. Ele queria cuidar do m acho.

– Sabe, acho que nunca lhe agradeci – m urm urou.

Quando os olhos azul bebê de Blay o encararam , quis desviar o olhar – o contato visual era

quase dem ais para ele suportar. Mas logo pensou no irm ão naquele leito hospitalar – e em todos

os m odos com o as pessoas eram roubadas do tem po.

Jesus, ele m anteve tantas coisas reservadas por tanto tem po – e todas lhe pareceram

perfeitam ente válidas. Mas isso não seria arrogância dem ais? Que tipo de relutância pressupunha

que ele teria tem po para falar daquilo que desej ava? Que a pessoa no fundo da sua m ente

sem pre estaria por perto? Que ele m esm o estaria?

– Pelo quê? – perguntou Blay .

– Por nos trazer para casa. A m im e a Luchas – ele inspirou fundo e exalou o ar lentam ente. –

E por ficar aqui ao m eu lado a noite inteira. Por procurar Pay ne e pedir a aj uda dela. Por cuidar

da m inha retaguarda no cam po de batalha e durante os treinam entos. E tam bém pela cervej a e

pelos videogam es. Pelas batatinhas e pelos M& M’s. Pelas roupas que peguei

em prestado. Pelo

chão em que dorm i quando passava a noite na sua casa. Obrigado por m e deixar abraçar a sua

m ãe e conversar com o seu pai. Obrigado… pelas m ilhares de coisas boas que fez para m im .

Do nada, m ais um a vez se lem brou da noite em que chegara em casa a tem po de testem unhar

o pai entregando o anel de sinete de ouro para o irm ão.

– Obrigado por m e telefonar naquela noite – disse roucam ente.

As sobrancelhas de Blay se ergueram .

– Que noite?

Qhuinn pigarreou.

– Depois que Luchas passou pela transição e m eu pai lhe entregou… você sabe, o anel – ele

balançou a cabeça. – Subi para o m eu quarto e pensei em fazer algo… hum , algo

verdadeiram ente estúpido. Você m e telefonou. Você foi até lá. Lem bra?

– Lem bro.

– Não foi a única vez em que fez algo assim .

Enquanto Blay desviava o olhar, Qhuinn soube exatam ente para onde a m ente do cara tinha se

voltado. Sim , aquela noite não fora a única em que quase pulara do precipício.

– Eu j á disse que sentia m uito – Qhuinn declarou. – Mas acho que nunca agradeci. Por isso…

obrigado.

Antes de perceber o que estava fazendo, ele esticou a m ão, oferecendo a palm a. Pareceu-lhe

apropriado m arcar aquele m om ento, ali, naquele instante, naquele lugar, do lado de fora da sala

de operações do seu irm ão arrebentado, com algum tipo de contato solene.

– Apenas… obrigado.

Inacreditável.

Depois do que pareceram vidas ao lado de Qhuinn, Blay pensava que as surpresas tinham

chegado ao fim . Que o m acho não poderia arranj ar nada m ais que o deixasse sem fala.

Errado.

Jesus… de todas as conversas im aginárias que teve em sua cabeça com o cara, conversas nas

quais fingia que Qhuinn se abria, ou dizia algo bem perto “da coisa certa”, nada nunca se tratara

de gratidão. Mas aquilo… era exatam ente o que ele precisava ouvir, m esm o sem saber disso.

E aquela palm a ofertada lhe partiu o coração.

Ainda m ais porque o irm ão do cara estava às portas da m orte na sala diante deles.

Blay não aceitou a m ão oferecida.

Ele esticou o braço, segurou o rosto do lutador e aproxim ou Qhuinn para um beij o.

Que deveria ter durado apenas um segundo – com o se os lábios se encontrando equivalessem a

um aperto de m ãos. Quando foi se afastar, porém , Qhuinn o capturou, e o segurou no lugar. As

bocas se encontraram de novo… e de novo… e m ais um a vez, as cabeças inclinadas para o lado,

o contato se dem orando.

– Não tem de quê – Blay disse rouco. Depois sorriu de leve. – Contudo, não garanto que tenha

sido sem pre um prazer.

Qhuinn riu.

– É. Im agino que em prestar as calças não tenha sido divertido – o m acho ficou sério. – Por

que, diabos, ficou sem pre por perto?

Blay abriu a boca, a verdade pairava na ponta da língua.

– Ah… Merda. Desculpem , rapazes, não quis interrom per.

Qhuinn se afastou com tanta rapidez que literalm ente arrancou o rosto das m ãos de Blay .

Depois, num salto, se pôs de pé e encarou V., que acabara de sair da sala de operações.

– Sem problem as. Não estava acontecendo nada de m ais.

Enquanto a expressão de V. registrava um “até parece”, Qhuinn apenas encarou o Irm ão,

com o se desafiasse Vishous a ter um a opinião contrária à sua.

No silêncio entre os dois m achos, Blay se levantou m ais lentam ente e

descobriu que estava

tonto, e não porque não havia se alim entado.

Sem problemas. Não estava acontecendo nada de mais.

Para ele, não foi bem assim . Maaaas, m ais um a vez, Qhuinn se desvencilhara de qualquer

proxim idade, escondera-se atrás de um escudo, retraíra-se, desconectara-se.

Só que… Caram ba, era a hora errada. O lugar errado. E V. era a últim a pessoa diante da qual

você gostaria de dem onstrar todo o seu am or.

No entanto, aquilo serviu de lem brete. Situações estressantes tinham um m odo de tornar a m ais

rígida das personalidades m aleáveis. Pelo m enos por um tem po. Tristeza, choque, ansiedade

extrem a… tudo isso podia deixar alguém vulnerável e propenso a falar de m odo que não falaria

costum eiram ente porque tinha suas defesas com pletam ente inoperantes. O com portam ento

extraordinário não era um sinal da m udança da m aré, porém . Não era um indicador de algum

tipo de conversão religiosa segundo o qual, dali por diante, tudo ficaria diferente.

Qhuinn estava m exido pelo que acontecia com o irm ão. E qualquer revelação ou declaração

em otiva que saísse de sua boca, sem dúvida, seria o produto do estresse pelo qual passava.

E ponto.

Nada de “estar apaixonado” ali. Não m esm o. Não perm anentem ente. E, droga, ele tinha que

se lem brar disso.

– … os ossos vão ficar no lugar? – Qhuinn estava perguntando.

Blay procurou se concentrar enquanto V. acendia um dos seus cigarros e exalava a fum aça

para longe deles.

– Prim eiro, nós o estabilizam os. Selena vai alim entá-lo novam ente e depois vam os abrir o

abdôm en dele num a cirurgia exploratória para descobrir de onde vem a hem orragia. Depois que

virm os o que está acontecendo, consertam os os ossos.

– Vocês têm algum a ideia do que possa ter acontecido com ele?

– Ele não está falando no m om ento.

– Ok. Entendo.

– Por isso precisam os do seu consentim ento. Ele não é capaz de entender os riscos e os

benefícios.

Qhuinn passou os dedos pelos cabelos.

– Sim . Claro. Façam o que precisarem fazer.

V. exalou novam ente, o cheiro do tabaco turco perm eando o ar e lem brando a Blay

exatam ente quantas horas, m inutos e segundos fazia que ele acendera seu últim o cigarro.

– Você tem Jane, Manny , Ehlena e a m im ali dentro. Não vam os deixar que nada aconteça

com ele, está bem ? – ele segurou Qhuinn pelo om bro. – Ele vai superar. Nem que nós quatro

m orram os tentando.

Qhuinn m urm urou um agradecim ento.

E V. olhou para Blay . Depois olhou para Qhuinn. Pigarreou.

Sim , o Irm ão estava fazendo um tipo de cálculo m ental. Perfeito.

– Por isso, fiquem por aqui. Eu volto com notícias assim que souber de algum a coisa. É isso aí.

As sobrancelhas do Irm ão se ergueram bem alto na testa, as tatuagens na têm pora se

distorcendo enquanto ele esm agava o toco do cigarro m al fum ado com a sola do coturno.

– Volto daqui a pouco – disse antes de voltar a entrar.

Após a saída do Irm ão, Qhuinn andou de um lado para o outro, os olhos fixos no piso de

concreto, as m ãos nos quadris estreitos, as arm as que ele se esquecera de tirar captando a luz

fluorescente do lugar e reluzindo.

– Vou sair para fum ar – Blay inform ou. – Volto logo.

– Você pode fum ar aqui – Qhuinn sugeriu. – A porta é selada.

– Preciso de um pouco de ar fresco. Mas não vou dem orar.

– Ok.

Blay saiu apressado, indo direto para a porta no fim do corredor que se abria para o

estacionam ento. Quando chegou lá, abriu cam inho com um soco e inspirou profundam ente.

Ar fresco, o cacete. Tudo o que obteve foi um ar seco e carregado de concreto.

Mas pelo m enos estava m ais arej ado ali.

Merda.

Deixara os cigarros na m aldita j aqueta. No chão. Do lado de fora da sala de operações.

Enquanto praguej ava e andava de um lado para o outro, ele se sentiu tentado a socar algum a

coisa, m as j untas m achucadas seriam apenas m ais um a coisa que ele deveria explicar para as

pessoas.

E o que V. testem unhara j á era m ais do que o bastante.

Enfiando as m ãos nos bolsos das calças, ficou intrigado ao sentir que a direita resvalava em

algo duro.

O isqueiro de Saxton. Aquele que o m acho lhe dera em seu aniversário.

Pegando o obj eto, ele o virou e revirou na m ão, pensando em tudo o que fora dito no corredor.

Houve um a época em que ele teria pegado essas palavras e as colocado num a cornij a em sua

cabeça e em seu coração, dando-lhe um lugar de destaque para garantir que a sua preciosidade

ficasse para sem pre com ele pelo resto de sua vida.

Por tantos anos aqueles m om entos no chalé e no chão duro e frio de agora há pouco teriam

bastado para deixar de lado qualquer conflito, qualquer rusga e dor, deixando tudo tão im aculado

que ele se relacionaria com o um virgem para com Qhuinn.

Um com eço do zero.

Tudo não só perdoado, com o tam bém esquecido.

Esse não era m ais o caso.

Deus, ele provavelm ente era j ovem dem ais para se sentir tão velho, m as a vida se baseava

m ais em experiência e não em dias do calendário. E parado ali, sozinho, ele, definitivam ente,

sentia-se um ancião: estava absoluta e com pletam ente livre da ingenuidade colorida e otim ista

que acom panhava a visão de vida de um j ovem .

Quando se acreditava que os m ilagres não eram im possíveis… m as m eram ente ocasionais.

Ainda bem que V. aparecera naquela hora.

Senão, três palavrinhas teriam escapado da sua boca. E, sem dúvida, o condenariam de um

m odo que ele sequer poderia im aginar.

Hora errada. Local errado.

Para esse tipo de coisa.

Para sem pre.

CAPÍTULO 65

Enquanto iAm andava de um lado para o outro no apartam ento, ele m antinha a pistola sem pre

consigo – ainda que fosse altam ente im provável que houvesse um segundo round com algum a

vagabunda nua invadindo o “lar, doce lar” do seu irm ão e dele.

Maldição, ele bem que precisava de um a fum aça verm elha. Só para se livrar dessa irritação.

Por que, naquele exato instante, ele estava à beira da violência.

Ele supunha que a boa notícia era que ele, de fato, não tinha um alvo, e era isso o que o

m antinha estagnado. A enxaqueca estava acabando com seu irm ão. E aquela pobre m ulher

desgastada que fora acom panhada até a porta da frente? Ela j á estava sendo torturada em níveis

dem ais para se contar. Agora, aquele segurança seria um excelente candidato, m as o filho da

m ãe j á saíra do trabalho um a hora antes, e iAm não estava disposto a deixar Trez naquele estado

vulnerável só para poder dar um corretivo no im becil…

Ao longe, ele ouviu o sussurro dos canos de esgoto.

Era a descarga do vaso sanitário de Trez sendo acionada. De novo.

E logo se seguiu um a im precação, o rangido da estrutura de m adeira enquanto Trez se deitava

na cam a.

Pobre. Coitado.

iAm foi até as im ensas j anelas que davam vista para o rio e parou para fitar a m argem oposta

de Caldwell. Pousando as m ãos nos quadris, ele exam inou os lugares para onde poderiam se

m udar. A lista era curta. Inferno, um dos principais benefícios do Com m odore fora a sua

segurança; com isso, eles nem se im portavam em acionar o alarm e.

O que se m ostrara um erro.

Eles necessitavam de um lugar seguro. Protegido. Im penetrável.

Ainda m ais se seu irm ão continuasse com aquela m ania de conquistar e abandonar, e se

AnsLai m antivesse suas visitas “diplom áticas”.

iAm voltou a andar. Era im possível ignorar o fato de que seu irm ão estava piorando. Aquela

situação sexual vinha se arrastando há anos – e por um bom tem po, iAm apenas a catalogou

com o um im pulso sexual saudável de um m acho.

Algo que m uitas vezes ele acreditou que lhe faltasse.

Pensando bem , seu irm ão transara com fêm eas em núm ero suficiente por eles dois.

Nos últim os m eses, contudo, ficara evidente que o processo vinha se intensificando – e isso

antes de o sum o sacerdote com eçar a aparecer. E agora que as coisas pareciam

estar chegando

ao fim com AnsLai? As m aquinações do s’Hisbe sim plesm ente colocariam ainda m ais pressão

em seu irm ão, o que o levaria a aprontar ainda m ais.

Merda. iAm sentia com o se estivesse diante de um entroncam ento, com putando a velocidade

de um a locom otiva e da aproxim ação de um carro… e ver a carnificina seria o resultado. A

m etáfora tam bém se aplicava por ele se sentir tão im potente, visto que não conseguiria deter

nenhum a das forças: não estava atrás do volante, nem no assento do m aquinista. Tudo o que lhe

restava fazer era se acom odar e assistir à cena.

Ou, m uito provavelm ente, gritar ao lado da estrada.

Para onde *diabos* eles poderiam ir…

Franzindo o cenho, ergueu o olhar do cenário, subiu pela m oldura de gesso e parou no teto.

Depois de um m inuto, pegou o celular e fez um telefonem a.

Quando desligou, foi até o quarto do irm ão. Entreabrindo a porta, disse para o silêncio escuro e

denso:

– Vou dar um a saída rápida. Volto logo.

O gem ido de Trez poderia significar qualquer coisa, desde “Beleza” até “Ai, não tão alto” ou

até “Bom divertim ento, vou continuar vom itando m ais um pouco”.

iAm andou rápido. Para fora do apartam ento. Para dentro do elevador.

Dentro do qual, apertou o botão “C” de Cobertura.

Quando a porta deslizou se abrindo, havia duas escolhas: um a direção o levava para o

apartam ento do Irm ão Vishous; a outra para o do seu velho am igo.

Ele se encam inhou para a cam painha de Rehvenge.

Quando o *sympatho* abriu a porta, Rehv apareceu com o de costum e: com seu corte m oicano,

os olhos violeta e casaco de m arta. Perigoso. Um tanto diabólico.

– Ei, cara, com o está? – disse o m acho ao se abraçarem e baterem no om bro um do outro. –

Entre.

Enquanto iAm entrava no espaço privativo do Reverendo pela prim eira vez em m ais ou m enos

um ano, descobriu que nada havia m udado e, por algum m otivo, isso era um alívio.

Rehvenge foi até o sofá de couro e se sentou, apoiando a bengala ao seu lado e cruzando as

pernas.

– Do que precisa?

Enquanto iAm tentava j untar as palavras certas, Rehv im precou.

– Caram ba, eu sabia que esta não era um a visita social, m as não esperava que as suas

em oções estivessem tão conturbadas.

Ah, sim , as características de devorador de pecados equivaliam a não esconder nada do

m acho.

Ainda assim , era difícil falar.

– Não sei bem se está a par do que está acontecendo com Trez?

Rehv franziu o cenho, as sobrancelhas escuras se unindo sobre aquele olhar violeta intenso.

– Pensei que o Iron Mask estivesse indo bem . Vocês estão com problem as? Tenho bastante

dinheiro se precisarem …

– Os negócios estão ótim os. Tem os m ais dinheiro do que conseguim os gastar. O problem a são

as atividades extracurriculares do m eu irm ão.

– Ele não está m etido com drogas, está? – Rehv perguntou com severidade.

– Mulheres.

Rehv gargalhou e dispensou essa preocupação com um gesto de lado da m ão da adaga.

– Ah, se é só isso…

– Ele está com pletam ente descontrolado, e um a delas apareceu do nada no nosso apartam ento.

Chegam os em casa e lá estava ela.

Rehv se recostou e franziu o cenho.

– No seu apartam ento? Com o é que ela conseguiu entrar?

– O m enor denom inador com um com um segurança – iAm se m ovim entou ao

redor da sala

m oderna, notando de passagem que a vista, de fato, era m elhor dali de cim a. – Trez vem

transando com tudo que se m ove há anos, m as, recentem ente, ele tem sido negligente: não apaga

as m em órias, transa com a m esm a m ais de um a vez, não se preocupa com as consequências.

– Que *diabos* está havendo com ele?

iAm se virou e encarou o m estiço, que era a coisa m ais perto de um a fam ília que ele tinha,

além da sua carne e do seu sangue. A bem da verdade, ele confiava m ais naquele cara do que

em 99% dos seus fam iliares de fato.

– Trez está com prom etido.

Longo silêncio.

– Com o que é?

iAm assentiu.

– Ele está com prom etido.

Rehv se levantou do sofá.

– Desde quando?

– Desde o nascim ento.

– Aaaahhhh… – Rehv em itiu um assobio suave. – Então é um a coisa do s’Hisbe.

– Ele foi prom etido para a filha prim ogênita da rainha.

Rehv se calou por um instante. Depois esfregou a cabeça.

– Isso faria dele um m aldito Rei, não faria?

– Isso m esm o. Em bora sej am os um a sociedade m atriarcal, isso não é um a irrelevância.

– Olha só – o m acho m urm urou. – Ele, eu e Wrath. Que trio.

– Bem , é diferente para o s'Hisbe, claro. É a rainha quem dita tudo para nós.

– Então o que ele está fazendo aqui fora? Com todos nós Desconhecidos?

– Ele não quer ligação algum a com o s'Hisbe.

– Ele tem poder de escolha?

– Não – iAm olhou para o bar num canto. – Im porta-se se eu m e servir de um drinque?

– 'Tá de brincadeira? Eu j á estaria bêbado se estivesse no seu lugar.

iAm foi até lá, pesou suas opções e acabou escolhendo um a garrafa com um pequeno rótulo

no gargalo escrito *Bourbon*. Serviu sem gelo e, ao sorver um gole do copo de cristal, saboreou a

queim ação na língua.

– Gostoso.

– Coleção Parker's Heritage, lote pequeno. O m elhor.

– Não pensei que gostasse de beber.

– Isso não é desculpa para não conhecer aquilo que sirvo para os m eus convidados.

– Ah.

– Então, qual é o plano?

iAm inclinou a cabeça para trás, esvaziou o copo e engoliu de um a vez.

– Precisam os de um lugar seguro para ficar. E não só por conta da situação com aquela

m ulher. Recebem os um a visita do sum o sacerdote na sem ana passada, isso significa que eles

estão com eçando a levar a sério essa coisa de voltar para casa. Eles estão à procura dele, e se o

encontrarem ? Tem o que ele m ate o representante do s'Hisbe. E aí sim terem os um belo

problem a.

– Acha m esm o que ele chegaria a esse ponto?

– Sim , acho sim – iAm se serviu de outra dose. – Ele não vai voltar para lá. E eu preciso de

tem po para encontrar um a m aneira de resolver esse conflito antes que algo desastroso aconteça.

– Vocês querem se m udar para a m inha casa no norte?

iAm secou o segundo copo de Bourbon de um a vez só.

– Não – ele o encarou. – Quero que nos m udem os para o com plexo da Irm andade.

Enquanto Rehv praguej ava longa e lentam ente, iAm se serviu m ais um a vez.

– É o lugar m ais seguro para nós.

Xcor estava coberto de sangue de *redutor* e suor ao voltar para seu novo esconderij o. Seus

lutadores ainda estavam no centro da cidade, enfrentando o inim igo, m as ele

teve que sair e

procurar refúgio.

Havia um belo corte em seu braço.

A casa que Throe arranj ara para eles estava localizada num bairro m odesto cheio de casas

m odestas com garagens para dois carros e balanços nos j ardins. Dentre as suas vantagens, estava

o fato de se localizar no fim de um a rua sem saída, e de haver um lote vazio de um lado e a

unidade de processam ento do Departam ento de Esgoto de Caldwell do outro.

Eles teriam aquela casa por três m eses com um a opção de com pra ao fim do contrato.

Enquanto se desm aterializava pelas cortinas fechadas da sala de estar, ele lam entou o sofá

m acio em form a de L, suas alm ofadas cheias de borlas, com sua cor quase de cozido de carne.

Ainda que apreciasse a calefação existente, o fato de o lugar vir “decorado” o incom odava.

No entanto, ele sentia estar sozinho nisso: nos últim os dias, flagrou um ou outro dos seus soldados

reclinado no m aldito m onstro, as cabeças largadas para trás, as pernas bem esticadas e

confortáveis.

O que viria em seguida? Mantinhas?

Partindo escada acim a, sentiu saudades do castelo som brio que ainda possuíam no Antigo País.

Desej ou o peso das pedras que os circundavam , a natureza im penetrável do proj eto, com seu

fosso e m uros altos. Lam entou tam bém a falta do divertim ento de que desfrutavam assustando os

aldeões, dando presença física ao m ito.

Bons tem pos, diriam aqui no Novo Mundo.

No segundo andar, ele se recusou a olhar os quartos. O rosa em um deles queim ava seus olhos,

e o verde-água de outro tam bém era um ataque aos seus sentidos. E não havia alívio ao entrar na

suíte principal. Papel de parede florido por todos os lados. Sobre a cam a, diante das j anelas e

cobrindo toda a poltrona no canto.

Pelo m enos suas botas de com bate esm agavam o carpete fofo, deixando m arcas fundas com o

hem atom as em seu cam inho até o banheiro.

Pelo am or de Deus, ele nem tinha com o definir o esquem a de cores dali.

Am ora?

Estrem ecendo, desej ou deixar as luzes de cim a da pia desligadas, m as com as cortinas de

florzinhas fechadas, a ilum inação da rua abaixo estava com pletam ente invisível, e ele precisava

ver o que fazia…

Ah, pelos deuses.

Esquecera-se das cúpulas de renda dos abaj ures.

Na verdade, em qualquer outro am biente, as ilum inações gêm eas em verm elho sugeririam

algo de natureza sexual. Mas não naquele antro excessivam ente agradável e m eigo. Ali, elas

pareciam dois confeitos de gom a brilhando na parede.

Ele quase engasgou por excesso de estrogênio.

Num ato de autopreservação, retirou as duas cúpulas ofensivas de cim a das lâm padas e as

deixou na bancada entre as pias duplas. Depois, tirou o cabresto, o casaco, as adagas e as pistolas.

A cam iseta que usava estava m anchada pelas longas noites de luta, m as era lavada regularm ente

– e seria usada m ais um a vez. Roupas, afinal, não passavam de pele que os vam piros não

recebiam ao nascer.

Não serviam com o decoração pessoal – pelo m enos não para ele.

Voltando-se para o espelho, resm ungou.

O assassino com quem lutara m ão a m ão fora m uito bom com um a adaga, provavelm ente

consequência de sua vida pregressa nas ruas, e que satisfação com bater com alguém com tantas

habilidades! Claro que, no fim , ele vencera, m as a batalha fora estim ulante.

Infelizm ente, porém , ele levara para casa um suvenir do conflito: um corte no bíceps que dava

a volta e term inava no alto do om bro. Bem desagradável. Mas ele j á estivera em situação pior.

E, por isso, ele sabia com o se cuidar. Perfilados sobre a bancada estavam os vários itens que

ele e seus lutadores necessitavam de tem pos em tem pos: um frasco de álcool CVS para

desinfetar, um isqueiro BIC, diversas agulhas, um carretel de fio de náilon de pesca.

Xcor fez um a careta ao tirar a cam iseta e quando a m anga curta que fora rasgada passou

raspando no corte, abrindo-o m ais. Cerrando os dentes, ele ficou parado, a dor se intensificando a

ponto de sua barriga se contrair com o um punho fechado.

Respirando fundo, ele esperou até que as sensações dim inuíssem , depois pegou o frasco de

álcool. Retirou a tam pa branca, inclinou-se sobre a pia, preparou-se e…

O som que escapou dos seus dentes cerrados era parte rugido, parte gem ido. Enquanto sua

visão form ava quadriculados, ele fechou os olhos e apoiou o quadril na beira da pia.

Inspirando profundam ente, suas narinas ardiam com o cheiro, m as não havia com o recolocar

a tam pa: sua bela coordenação m otora ainda estava com prom etida.

Andando um pouco para clarear a cabeça, ele foi para o quarto e deu ao seu corpo um tem po

para se recalibrar. Enquanto a dor o acom panhava, com o se tivesse um cachorro atado ao braço

que tentava com ê-lo vivo, ele praguej ou diversas vezes.

E acabou no andar de baixo. Onde a bebida estava.

Por nunca ser de se em bebedar, vasculhou as sacolas de lona com bebidas que Zy pher

trouxera com eles do arm azém . O soldado apreciava um drinque de tem pos em tem pos e, por

m ais que Xcor não aprovasse, há m uito ele aprendera que se devia conceder certas liberdades no

que se referia a lutadores agressivos e inquietos.

E num a noite com o aquela, ele se viu grato.

Uísque? Gim ? Vodca?

Não fazia diferença.

Pegou um a garrafa qualquer, quebrou o selo da tam pa e inclinou a cabeça para trás. Abrindo a

boca, ele derram ou o que quer que aquilo fosse para dentro da garganta, engolindo a despeito de

seu esôfago queim ar com o se estivesse pegando fogo.

Xcor continuou a beber enquanto subia. Tom ou ainda m ais enquanto andava de um lado para o outro à espera de sentir os prim eiros efeitos.

E m ais bebida.

Ele ficou sem saber quanto tem po levou, m as, no fim , voltou para o banheiro bem ilum inado,

passando uns sessenta centím etros da linha preta pela cabeça fina da agulha. Diante do am plo

espelho retangular sobre as pias, ele se sentiu grato pelo fato de a adaga do *redutor* ter se

deparado com o seu braço esquerdo. Isso significava que, com o m acho destro, ele poderia lidar

com aquilo sozinho. Se tivesse sido do outro lado? Ele precisaria de aj uda.

A bebida aj udou im ensam ente. Ele m al percebeu quando perfurou a pele e fez um nó com a

aj uda dos dentes.

De fato, o álcool era um a substância curiosa, ponderou ao com eçar a fileira de pontos. O

entorpecim ento que o abatera fazia com que ele se sentisse subm erso em água quente, o corpo

estava relaxado, a dor ainda presente, m as a intensidade da agonia estava bem m enor.

Devagar. Preciso. Uniform e.

Quando chegou ao alto do om bro, deu m ais um nó; depois liberou a agulha, guardou tudo o que

usara e foi para o chuveiro.

Abaixando as calças, chutou as botas de com bate e se colocou debaixo do j ato de água.

Daquela vez o gem ido foi de alívio: enquanto a água quente cobria seus om bros doloridos, as

costas rígidas e as coxas duras, a sensação de conforto foi quase tão intensa quanto a agonia o

fora.

E, só para variar, ele se perm itiu ceder à sensação. Provavelm ente porque estava em briagado.

Recostando-se na parede de ladrilhos, a água o atingiu prim eiro no rosto, m as

de m odo gentil,

com o a chuva, antes de viaj ar pela frente do seu corpo, percorrendo o peito e seu abdôm en

enrij ecido, passando pelos quadris até o sexo…

E do nada ele viu a sua Escolhida inclinada sobre ele, os olhos verdes reluzentes na luz do luar,

a árvore acim a parecendo um abrigo para am bos.

Ela o alim entava, o pulso fino e pálido em sua boca, a garganta dele engolindo ritm adam ente.

No m eio do seu torpor alcoólico, o desej o sexual o atingiu, parecendo desdobrar sua pélvis

com o um a m ão aberta.

Ele ficou rij o.

Abrindo os olhos – e ele nem se dera conta de tê-los fechado –, fitou a si m esm o. A luz

brilhante de cim a da pia fora atenuada pela cortina opaca que evitava que a água se espalhasse

pelo banheiro, m as havia m ais do que ilum inação suficiente para enxergar.

Ele desej ou que estivesse com pletam ente escuro… pois não se alegrava em ver sua excitação,

aquele m astro erguido a partir do corpo tão estúpido e orgulhoso.

Não tinha com o entender no que esteve pensando: se aquelas prostitutas queriam receber um

adicional para acom odar os seus im pulsos, ele dificilm ente im aginava que a adorável Escolhida

fizesse outra coisa que não gritar e correr na direção oposta…

De pronto, isso lhe pareceu deprim ente, ainda m ais quando o latej ar entre as pernas se

intensificou. Na verdade, seu corpo era apenas um triste instrum ento, patético em seu desej o e

perm anecendo ignorante quanto ao fato de ser indesej ado por todas.

Em especial, por aquela que ele desej ava.

Virando-se, ele inclinou a cabeça para trás e passou as m ãos pelos cabelos. Hora de parar de

pensar e se lavar. O sabonete na saboneteira afixada na parede fez seu trabalho com entusiasm o em sua pele e seu cabelo…

E ele ainda estava ereto quando chegou a hora de sair.

O ar frio tom aria conta daquilo.

Pisando no tapete do banheiro, tam bém de um horroroso tom de verm elho rosado, ele se secou

com a toalha.

Ainda ereto.

Olhou para as roupas de luta, viu-se contrariado em vesti-las. Duras. Ásperas. Suj as.

Talvez o am biente fem inino o estivesse contam inando.

Xcor acabou na enorm e cam a, nu, deitado de costas.

Ainda ereto.

Um a espiada rápida no relógio de cabeceira lhe disse que não dem oraria m uito para que a

casa fosse inundada pelos lutadores.

Aquilo teria de ser rápido.

Enfiando a m ão debaixo dos lençóis e descendo pelo corpo, ele se segurou…

Os olhos de Xcor se fecharam e ele gem eu, o tronco se retorcendo pelo calor e o desej o que

se avolum ava na parte inferior do corpo. E quando o travesseiro veio receber seu rosto –

logicam ente, foi o contrário, ele supôs – com eçou a bom bear para cim a e para baixo.

Delicioso. Especialm ente no topo, onde a cabeça lisa doía querendo atenção e a recebia a cada

golpe. Mais rápido. Mais apertado.

E o tem po todo visualizando a sua Escolhida.

Na verdade, a im agem dela o satisfazia m ais do que aquilo que executava ali em baixo. E

quando as sensações se intensificaram , ele percebeu pela prim eira vez por que os soldados

faziam aquilo com tanta frequência. Tão bom . Tão, tão bom …

Ah, a sua fêm ea era linda. Ao ponto em que, apesar da força que exercia em si m esm o, ele

não se distraía da im agem dela. Em vez disso, ela se tornava cada vez m ais clara para ele, dos

cabelos loiros até os lábios rubros e o pescoço delicado – por todo o cam inho do corpo elegante e

longilíneo que tanto se escondia quanto se revelava pelo m anto branco im aculado que ela vestira.

Com o seria a sensação de ser desej ado por tal criatura? Ser aceito dentro do seu corpo sagrado

com o um m acho de valor…

Nesse instante, a realidade da gravidez dela o atingiu com o um golpe físico. Mas, pelo m enos,

j á era tarde dem ais. Mesm o que seu coração tivesse gelado e seu peito tivesse com eçado a doer

com o conhecim ento de que ela aceitara outro, seu corpo continuou sua corrida para a felicidade,

a conclusão tão inevitável que…

O orgasm o que o assolou o fez gritar – e graças ao Fade que o travesseiro abafou a sua

capitulação: naquele m esm o instante, no andar de baixo, ele ouviu os seus prim eiros soldados

andando pela casa, o rufo das botas de com bate com o um trovoar inconfundível que ele

reconheceria em qualquer lugar.

O resultado do seu clím ax foi desastroso de m aneiras dem ais para se contar. Ele se virara por

cim a do om bro m achucado; gozara sobre a m ão e o abdôm en assim com o nos lençóis; a visão

encantadora sum ira de sua cabeça, e sua dura realidade era tudo o que lhe restava.

A dor dentro dele era ardida com o um ferim ento recente.

Mas, pelo m enos, ninguém saberia dela.

Ele, acim a de tudo, era um soldado.

CAPÍTULO 66

– Sim , você pode ir vê-lo. Ele está sonolento, m as acordado.

Enquanto a doutora Jane sorria para Qhuinn, ele aj eitava as calças nos quadris e enfiava a

barra da cam iseta para dentro. No entanto, conteve-se e não arrum ou os cabelos, forçando os

braços a ficarem ao longo do corpo m esm o que as suas palm as estivessem coçando para penteá-

los.

– E ele vai ficar bem ?

A m édica assentiu ao com eçar a tirar a m áscara cirúrgica que ainda estava pendurada ao

redor do pescoço.

– Retiram os o equivalente vam pírico ao baço dos hum anos, e isso cuidou da hem orragia

interna. Fizem os um pente-fino nele. Até onde sabem os, ele esteve num estado de estase dentro

daquele tonel de óleo, o sangue de Ômega, de algum m odo, preservando-o no estado em que

estava apesar dos ferim entos. Se ele estivesse do lado de fora, tenho certeza de que teria m orrido.

A m aldição que causara um m ilagre, pensou Qhuinn.

– E ele não está contam inado?

Jane deu de om bros.

– Ele sangra verm elho, e ninguém percebeu nenhum sinal de Ômega nele… foi

um caso de

estar sobre e ao redor dele.

– Ok. Muito bem – Qhuinn olhou para a porta. – Ótim o.

Hora de entrar, ele se ordenou. Vá…

Seus olhos pararam em Blay . Durante as quatro horas de operação, o cara andara de um lado

para o outro no corredor, saindo em intervalos regulares para o estacionam ento para fum ar. No

entanto, ele sem pre voltara.

Puxa, ele estava de cara fechada.

Desde que V. aparecera e os encontrara… é…

Cristo, que hora de chegar era aquela, hein?

– Vou entrar – disse ele.

Mas só depois que Blay acenou com a cabeça é que ele entrou na sala de cirurgia.

Em purrando a porta, a prim eira coisa que o recebeu foi o cheiro antisséptico que ele associava

com contusões pós-batalha. Em seguida, foi o bipe suave ao lado da m aca no m eio da sala, e o

som de Ehlena digitando num com putador.

– Vou deixar que fiquem a sós – ela disse num tom gentil, ao se levantar.

– Obrigado – ele respondeu baixinho.

Quando a porta se fechou atrás dela, Qhuinn voltou a aj eitar a cam iseta ainda que ela não

precisasse ser aj eitada.

– Luchas?

À espera que seu irm ão respondesse, ele olhou ao redor. Os escom bros da operação, as gazes

ensanguentadas, os instrum entos usados, os tubos plásticos, tudo fora retirado; nada além do corpo

inerte debaixo dos lençóis brancos e um saco biológico com conteúdo verm elho para indicar

com o aquelas horas tinham sido transcorridas.

– Luchas?

Qhuinn se aproxim ou e baixou o olhar. Caram ba, ele norm alm ente não tinha problem as de

pressão, m as quando olhou bem para o rosto m achucado do irm ão, as coisas m eio que giraram , e

a onda de tontura o fez perceber exatam ente o quanto ele era alto e com o o chão estava distante.

Os olhos de Luchas trem ularam e se abriram .

Cinza. Os dois sem pre foram cinza e ainda eram .

Qhuinn se esticou para trás e pegou um a banqueta com rodinhas. Ao sentar-se, não sabia o que

fazer com os braços, com as m ãos… com a voz.

– Com o está se sentindo?

Que pergunta m ais idiota.

– Ele… m e… m anteve…

Qhuinn se inclinou para a frente, m as, cacete, era difícil de entender aquela voz fraca.

– O que disse?

– Ele m e… m anteve… vivo…

– Quem ?

– … por sua causa.

– De quem você está falando? – difícil im aginar que Ômega quisesse se vingar de…

– Lash…

Ante esse nom e, os lábios superiores de Qhuinn expuseram suas presas. Aquele safado do

prim o deles – que, no fim , relevou-se não ser parente deles, m as sim filho transplantado de

Ômega. Quando criança, o filho da puta não passara de um exibido detestável. Com o pré-trans

no program a de treinam ento ele tornara a vida de John Matthew um inferno. Depois da

transição?

Seu pai verdadeiro o recebera de volta em seu rebanho, e a com pleta destruição fora o

resultado. Lash fora o responsável por liderar os ataques. Depois de séculos em que a Sociedade

Redutora teve que caçar e encontrar os enclaves dos vam piros, o m aldito soube exatam ente para

onde m andar os assassinos – e por ter sido adotado por um a fam ília aristocrática, ele dizim ara a

classe alta.

Mas, ao que tudo levava a crer, o papaizinho e o garoto de ouro tiveram um a desavença.

Merda, a ideia de Lash ter torturado o seu irm ão só o fez desej ar m atá-lo m ais um a vez.

Enquanto Luchas gem ia e inspirava fundo, Qhuinn levantou um a m ão para… lhe dar um

tapinha no om bro ou algo assim . Mas não fez nada.

– Escute aqui, você não precisa falar.

Os olhos cinza inj etados prenderam -se os seus.

– Ele m e m anteve vivo… por causa do que eu fiz… com você.

Ali na m aca, lágrim as se avolum aram e com eçaram a rolar, as em oções do irm ão escorrendo

pelo rosto, o arrependim ento com o que sem dúvida devia ser dor física além dos narcóticos

usados para tratar dele.

Porque Qhuinn achava difícil de im aginar que aquele cara dem onstraria qualquer coisa num a

situação norm al. Não foram criados assim . Etiqueta acim a das em oções.

Sem pre.

– A Guarda de Honra… – Luchas com eçou a chorar a valer. – Qhuinn… eu sinto… eu sinto

m uito.

Não devemos matá-lo!

Qhuinn piscou e regressou para a surra no acostam ento daquela estrada, para aqueles m achos

em m antos negros cercando-o e atacando-o enquanto ele tentava proteger a cabeça e os

testículos. Depois, às portas do Fade, onde encontrou sua filha.

Estranho com o as coisas se com pletavam num círculo. E com o algum as tragédias na verdade

levavam a coisas boas.

Nessa hora, Qhuinn tocou no irm ão, levando a m ão da adaga para o om bro m agro dele.

– Psssiu… está tudo bem . Nós estam os bem …

Ele não sabia ao certo se aquilo era verdade, m as o que m ais ele poderia dizer enquanto o cara

se desm anchava em lágrim as?

– Ele quis… m e transform ar… – Luchas respirou fundo. – Ele m e… ressuscitou. Acordei na

floresta… os m achos dele bateram em m im … fizeram coisas com igo… m e colocaram

naquele… sangue. Esperei pela volta deles… Eles nunca voltaram .

– Você está a salvo aqui – foi tudo em que ele conseguiu pensar. – Não precisa se preocupar

com nada, ninguém vai pegar você aqui.

– Onde… estou…

– No centro de treinam ento da Irm andade.

Os olhos dele se arregalaram .

– Verdade?

– É.

– Puxa… – a expressão de Luchas se alterou, aquele belo rosto m ais um a vez se crispando. – O

que foi feito de *mahmen*? Papai e Solange?

Qhuinn apenas balançou a cabeça de um lado para o outro.

E, em resposta, um a força repentina surgiu naquela voz frágil.

– Tem certeza de que estão m ortos? Tem certeza?

Com o se ele não desej asse o sofrim ento pelo qual passara para nenhum deles.

– Sim , tenho certeza.

Luchas suspirou e fechou os olhos.

Merda. Qhuinn se sentia m al em m entir, m as, apesar de as m áquinas ao lado da cam a

indicarem que o estado do seu irm ão era estável, se o cara piorasse, ele não queria m andar

Luchas para o túm ulo pensando que depois do que fizeram com ele, ninguém m ais tinha certeza

de quantos outros tinham sido levados ou quando.

No silêncio, Qhuinn baixou o olhar para a m ão do irm ão. Para o anel de sinete que fora

deixado – talvez porque a j unta acim a dele estivesse tão inchada que eles teriam de ter cortado o

dedo.

O tim bre que fora gravado na faceta de ouro carregava os sím bolos sagrados

com os quais

apenas as Fam ílias Fundadoras podiam m arcar suas linhagens. Ah, sim , e com o era

com pletam ente perturbador, e absolutam ente inapropriado, cobiçar a m aldita coisa. Depois de

tudo o que acontecera, era de se pensar que ele se sentisse nauseado.

Pensando bem , talvez fosse apenas um a reação instintiva, um eco de todos aqueles anos de

um a esperança vã de que poderia receber um para si.

– Qhuinn?

– Diga.

– Eu sinto m uito…

Qhuinn balançou a cabeça, ainda que as pálpebras de Luchas estivessem abaixadas.

– Não se preocupe com nada. Você está seguro. Voltou. Tudo vai ficar bem .

Enquanto o peito do irm ão subia e descia com o se ele estivesse aliviado, Qhuinn esfregou o

rosto e não se sentiu nada bem em relação a tudo aquilo. A respeito do estado do irm ão… e do

seu retorno.

Não que ele desej asse que o cara estivesse m orto. Torturado. Congelado para sem pre.

Contudo, ele fechara a porta ante toda aquela dinâm ica fam iliar. Relegara-a para um arm ário

m ental bem no fundo da sua cabeça. Deixada para trás de um a vez por todas,

para nunca m ais

olhar para ela.

Mas o que ele poderia fazer?

A vida era especialista em chacoalhões.

O triste era que eles, no fim , inevitavelm ente acabavam atingindo-o bem no m eio do saco.

Quando um assobio suave soou ao lado de Blay , ele se sobressaltou.

– Ah, oi, John.

John Matthew levantou a m ão num aceno. *Como estão as coisas?*

Enquanto Blay dava de om bros, achou que seria um a boa ideia se levantar. A bunda j á estava

entorpecida, o que significava que estava na hora de m ais um a das suas voltinhas.

Resm ungando ao se levantar, esticou as costas.

– Acho que tudo bem . Luchas estava desperto o suficiente depois da cirurgia, portanto Qhuinn

está lá dentro agora.

Caramba…

Enquanto Blay andava em círculos para fazer o sangue circular novam ente, John se recostou à

parede. Ele estava com roupa de ginástica e seu cabelo ainda estava úm ido… e havia um a

m arca de m ordida em seu pescoço.

Blay desviou o olhar. Abriu a boca para dizer algum a coisa. Ficou sem ter do

que falar.

Pelo canto do olho, viu John sinalizar: *Então, como está Saxton?*

– Hum … bem . Ele está bem , saiu de férias por uns dias.

Ele tem trabalhado bastante.

– É, tem m esm o – ele esperava que o assunto term inasse ali, pois se sentia estranho em

esconder algo de John. Além de Qhuinn, o cara fora seu am igo m ais próxim o, ainda que, no

últim o ano, eles tam bém tivessem se distanciado. – Mas ele vai voltar logo.

Você deve sentir saudades dele. John desviou o olhar com o se estivesse forçando a barra.

Fazia sentido. Blay sem pre evitou qualquer conversa a respeito do seu relacionam ento,

direcionando a conversa para outros assuntos.

– É.

Então, como está Qhuinn? Eu não quis me meter, mas…

Blay só pôde dar de om bros m ais um a vez.

– Já faz um tem po que ele entrou. Acho que isso é bom .

E Luchas vai sobreviver?

– Só o tem po pode garantir isso – Blay pegou um dos seus Dunhills e o acendeu, exalando

lentam ente. Quando não restou nada além do silêncio, ele disse: – Escute, desculpe se estou m eio

estranho.

A verdade era que aquela m arca de m ordida era um lem brete do que aconteceria a ele, e ele

não queria aquilo tão presente.

A voz de Qhuinn invadiu seus pensam entos: *Podemos ir juntos*.

Com o que acabara concordando?

Você está cansado, John gesticulou enquanto olhava para a porta. *Todos estamos. Tudo isso é*

tão… desgastante.

Blay franziu o cenho ao perceber o hum or do cara.

– Ei, você está bem ?

Depois de um m om ento, John sinalizou:

Uma coisa muito estranha aconteceu na outra noite. Wrath me chamou no escritório dele e me

disse que Qhuinn não era mais o meu ahstrux nohtrum . *Quero dizer, tudo bem, sem problemas…*

Isso, na verdade, complicava muito as coisas. Mas Qhuinn nunca me disse nada, e eu não sei, devo falar com ele? Eu nem sabia que isso era possível. Quero dizer, quando tudo começou foi

meio que "é assim que as coisas são", sabe? Será que ele se demitiu? É por causa dessa situação

com Layla? Pensei que eles não fossem se vincular.

Blay exalou um a im precação, a fum aça subindo acim a da sua cabeça.

– Não faço ideia.

Merda, essa coisa de eles se vincularem devia ter lhe ocorrido – e talvez, por isso, Qhuinn se

afastou tão rapidam ente quando V. aparecera.

Será que Qhuinn e Lay la ficariam j untos agora que o bebê estava bem …?

A porta se abriu e Qhuinn saiu, parecendo ter levado um chute na cabeça.

– Ei, John, tudo bem ?

Enquanto os dois se davam um tapinha nos om bros, Qhuinn olhou a vista, e então conversou

um pouco com John.

E depois, ele e Qhuinn foram deixados a sós quando John partiu m inutos m ais tarde.

– Você está bem ? – perguntou-lhe Qhuinn.

Pelo visto, essa era a pergunta do m om ento.

– Na verdade, eu ia perguntar isso m esm o para você. Com o está Luchas? – Blay tragou o

cigarro depois bateu as cinzas sobre o coturno.

Antes que Qhuinn pudesse responder, Selena saiu do escritório, com o se tivesse sido convocada

pela m ansão. A Escolhida andou até eles com graciosidade, m as com um obj etivo, e seu m anto

tradicional branco rodopiava por entre as pernas.

– Saudações, senhores – disse ela ao se aproxim ar. – A doutora Jane sugeriu que eu estava

sendo requisitada?

Enquanto Blay exalava, ele sentiu vontade de se socar. Aquela era a últim a coisa que…

– Sim , por nós dois – respondeu Qhuinn.

Blay fechou os olhos quando um desej o súbito o acom eteu. A ideia de presenciar Qhuinn se

alim entar era com o um a droga em sua circulação, relaxando-o e am eaçando sua excitação.

Mas, sério, aquilo não…

– No fim do corredor seria perfeito – m urm urou Qhuinn.

Bem , m elhor do que num quarto. Certo? Mais profissional. Não?

E ele precisava m esm o se alim entar – e Qhuinn, sem dúvida, tam bém , depois de todo aquele

dram a.

Blay descartou o toco do cigarro num a lata de lixo e seguiu Qhuinn que ia à frente. Andando,

ele não acom panhou os m ovim entos da Escolhida. Não, nada disso. Seus olhos estavam colados

nos m ovim entos de Qhuinn, desde aqueles om bros, até os quadris… e a bunda…

Ok, isso teria de parar ali. Naquele instante.

Ele só precisava se controlar, alim entar-se e arranj ar um a desculpa para sair dali.

Quem sabe aquele plano acabasse funcionando?

Passando pela porta. Um pouco de conversa. Sorrisos educados, ainda que ele não soubesse o

que fora perguntado nem respondido.

Ah, um a das salas do hospital. Muito bom , um am biente clínico. Apenas tom

ar um a veia e

seguir em frente, um a função biológica que não necessariam ente levava à outra…

– O que disse? – perguntou a Escolhida, olhando-o abertam ente.

Maravilha. Ele andou falando em voz alta de novo, m as não havia com o saber o quanto

partilhara.

– Desculpe – ele se j ustificou –, só estou m orrendo de fom e.

– Nesse caso, gostaria de ser o prim eiro? – Selena perguntou.

– Sim , ele quer – Qhuinn respondeu ao se recostar na porta.

Bem , tudo certo, então, Blay pensou. Quando fosse a vez de Qhuinn, ele iria em bora.

Dando um passo à frente, ele se questionou com o, exatam ente, aquilo se daria, m as Selena

resolveu a questão levando um a cadeira e sentando perto do leito hospitalar. Ok. Blay subiu no

colchão, seu peso deslocando o travesseiro da cabeceira ligeiram ente elevada, as m olas

rangendo. Em seguida, sua m ente se fechou, o que foi um alívio. Enquanto Selena esticava o

braço e puxava a m anga branca para trás, a fom e dele tom ou a frente, as presas se estendendo

da m andíbula superior, a respiração se intensificando.

– Por favor, tom e o tanto que precisar – ela ofereceu placidam ente.

– Agradeço-lhe por este presente, Escolhida – ele respondeu num tom baixo.

Inclinando-se para baixo, ele atacou rapidam ente, m as com o m áxim o de gentileza que

conseguia, e na prim eira golada, soube que j á fazia m uito tem po. Com um rugido profundo, seu

estôm ago dem onstrou sua necessidade, a sua civilidade se escoando para fora, os instintos

assum indo o controle: ele sugou fundo, bebendo cada vez m ais rápido, a força se derram ando em

seu interior e se espalhando a partir dali…

Seus olhos dispararam na direção de Qhuinn.

Vagam ente, tom ou ciência de que m ais um dos seus planos logo sairia voando pela j anela,

com pletam ente esquecido. Na verdade, aquela fora um a m á ideia – desde que não quisesse m ais

transar com o cara: a lógica j á era bem difícil quando se tratava apenas de um caso de em oções

conflituosas. Um a necessidade sexual absoluta, increm entada pela alim entação?

Ele era um idiota de prim eira; era m esm o.

E isso se revelou especialm ente verdadeiro quando notou a ereção de Qhuinn inflar por

debaixo de suas calças de lutador.

Merda.

Merda.

Cara, um dia desses, ele seria forte o bastante para se afastar. Seria, sim , de verdade.

Ah, MERDA.

CAPÍTULO 67

Enquanto Qhuinn assistia ao show, sua língua saiu da boca e lam beu os lábios.

Do outro lado do quarto estreito, Blay estava sentado na cam a hospitalar, o torso perfeito num

ângulo para frente para poder tom ar a veia da Escolhida, as m ãos, ah, as m ãos tão hábeis, bem

treinadas e fortes seguravam o pulso delicado contra a boca com cuidado – com o se, m esm o no

auge da sua sede, ele fosse um cavalheiro.

Enquanto continuava a beber, o torso se curvou ainda m ais, a caixa torácica se flexionando e

se acom odando a cada respiração, a cabeça sutilm ente m udando de posição a cada deglutição.

Qhuinn m al conseguia perm anecer parado. Ele desej ava im ensam ente subir naquele colchão

tam bém , retorcendo o corpo para poder chegar por trás. Queria estar na garganta de Blay

enquanto ele se alim entava da Escolhida. Queria transar com o cara de doze a quinze horas direto

até que os dois caíssem de exaustão.

Depois do dram a com Luchas, aquele breve e intenso descanso de todo o choque e dor era um

alívio glorioso cheio de culpa: aquilo era sim plesm ente bom dem ais para que ele se concentrasse

em algo assim – sua m ente cansada e o corpo exaurido estavam prontos para

serem revigorados

para ele poder voltar forte um a vez m ais à realidade de lutas.

Deus, seu irm ão…

Balançando a cabeça, ele deliberadam ente deu algo erótico com o que sua m ente se ocupar:

enquanto a m ão de Blay escorregava sorrateira por entre as pernas e rearranj ava algo atrás da

braguilha, ficou bem claro que ele estava com pletam ente excitado.

Com o se seu cheiro delicioso j á não tivesse deixado aquilo evidente.

Bem quando Qhuinn estava para perder o controle, Blay levantou a cabeça e em itiu um som

de sucção e satisfação. Depois, o m acho selou as feridas das presas que deixara.

Quer saber, Qhuinn pensou. A alim entação que se danasse. Ele precisa som ente de Blay …

– Sua vez, senhor? – disse a Escolhida.

Merda. Ele provavelm ente devia fazer isso.

Além disso, Blay , por certo, estava num estado de torpor pós-alim entação, o corpo letárgico,

os olhos pesados… e Qhuinn tirou vantagem disso, colocando-se entre as pernas do lutador e a

Escolhida, o traseiro se esfregando contra a coluna enrij ecida da ereção de Blay ao subir na

cam a.

Enquanto Blay deixava um gem ido escapar, Qhuinn se inclinou e pegou o outro pulso da

fêm ea. Segurando-o com um a m ão, usou a outra para puxar a bainha da cam iseta para fora – e

depois em purrar a palm a de Blay para a frente da sua calça.

Qhuinn conteve seu gem ido sugando a veia da Escolhida, m as o sibilo de Blay foi ouvido.

Talvez a Escolhida deduzisse que…

Os olhos de Qhuinn reviraram por trás das órbitas enquanto Blay o afagava, a fricção

am eaçando-o a gozar ali m esm o – um a coisa que ele não gostaria de fazer diante de Selena.

Mas, caraaaalho, aquilo era…

Ele pousou a própria m ão ali, detendo o m ovim ento.

Com isso, Blay lhe deu apenas um apertão em seus colhões.

Qhuinn gozou na sugada seguinte, o orgasm o escapando dele antes que conseguisse pensar em

algo cansativo ou sem atrativos para distraí-lo, o prazer surgindo com tanta força que ele vergou-

se em sua própria pele.

A risada de Blay foi erótica com o o inferno.

Que sej a, a vingança seria terrível, Qhuinn j urou a si m esm o.

E, com o se viu em seguida, ele nem conseguia esperar m ais por ela. Retraiu as presas e parou

de beber antes de se saciar, porque a sua fom e por outra coisa tinha assum ido o controle

com pletam ente, e j á passara da hora de despachar Selena.

Fazer a Escolhida sair de m aneira educada, porém eficiente, foi um a m anobra executada no

piloto autom ático – ele não fazia ideia do que estava dizendo –, m as pelo m enos ela estava

sorrindo e parecia contente, portanto, ele devia ter dito a coisa certa.

No entanto, estava bem ciente de que trancara a porta.

Ao se virar, encontrou Blay deitado e cuidando de si, a m ão subindo e descendo entre as

pernas. As presas ainda estavam alongadas da alim entação e os olhos cintilavam por baixo das

pálpebras pesadas e, puta m erda, com o estava sensual…

Qhuinn se livrou dos coturnos. Das calças. Da cam iseta.

Blay atingiu o clím ax antes de ele sequer chegar à cam a, o m acho se arqueando para o alto e

gem endo com a cabeça contra o travesseiro fino, e os quadris elevados.

Com o se ver Qhuinn nu em pelo tivesse sido dem ais para ele.

Melhor. Elogio. De. Todos. Os. Tem pos.

Qhuinn atacou a cam a, lançando-se sobre Blay , encontrando aquela boca aveludada e

assum indo o controle. Roupas rasgadas – os botões da braguilha da calça de Blay voando para

todos os lados e aterrissando com o m oedas j ogadas sobre o linóleo, a cam iseta dilacerada em

pedaços. E logo estavam pele a pele. Vada os separava.

Enquanto se retorciam um contra o outro, Qhuinn soube o que queria. E estava

desesperado e

fam into dem ais para pedir com educação – ou sequer falar a respeito.

Tudo o que conseguiu fazer foi se afastar daquela boca, rolar para longe de Blay … esticar o

braço para trás e puxar o m acho para cim a dele enquanto esticava um a perna.

Sem nem pensar, Blay assum iu a partir dali. E soube exatam ente o que fazer.

Qhuinn se sentiu posicionado por m ãos rudes – e, sem nem se dar conta, estava aj oelhado, o

rosto no colchão, a respiração saindo com dificuldade pela boca. Tudo aquilo era m uito

desconhecido, deixar alguém assum ir o controle – e ele tam bém se sentiu vulnerável, por m ais

que quisesse…

– Ai, *cacete*! – ele gritou ao ser possuído, as sensações de dor e de prazer, de alongam ento e de

acom odação, m isturando-se num coquetel que o deixou tão excitado a ponto de ver estrelas.

Em seguida, Blay com eçou a se m ovim entar.

Qhuinn se apoiou sobre os braços e em purrou para trás, e se segurou enquanto toda aquela

coisa de virgindade ia para o espaço de um a m aneira m uito boa.

Ah, caram ba, era um a torrente incrível, só que m uito m elhor. Enquanto o braço de Blay

passava por baixo do seu peito e o abraçava, o ângulo m udou, as penetrações ficaram m ais

profundas, m ais rápidas, a cam a com eçou a balançar ao encontro da parede, o arquej o em seu

ouvido ficando m ais e m ais rude…

O ápice foi a cham a m aior que ele j á sentiu, o clím ax não só do seu orgasm o, m as do de Blay , segurando-o por toda parte, as coxas unidas, as pélvis inclinadas para receber, os braços grandes

segurando a am bos…

Quando Blay gozou, as investidas foram tão fortes que a cabeça de Qhuinn bateu na parede –

não que ele tivesse notado ou se im portado. Em seguida, aquele pau com eçou a produzir

espasm os violentam ente…

E Qhuinn se sentiu bem e verdadeiram ente possuído pela prim eira vez na vida.

Aquilo foi… nada m enos que um m ilagre.

Naturalm ente, Blay levou um tem po até se fartar. E, engraçado, Qhuinn estava totalm ente à

vontade com aquilo.

Quando, no fim , as coisas chegaram a um a pausa que durou m ais de um m inuto e m eio,

Qhuinn soltou a tensão nos braços e se afundou na cam a, virando de lado. Blay tam bém devia

estar exausto, seu corpo seguiu a liderança e se esticou atrás dele.

O braço de Blay perm aneceu fixo em seu lugar.

E o que im portava agora, apesar de toda aquela experiência, era o peso forte e solto daquele

braço. Largado com o estava, tornava-os não apenas dois m achos que acabaram de fazer sexo e

estavam deitados lado a lado, m as sim , dois am antes.

Na verdade, ele nunca antes tivera um am ante – e isso não pelo fato de ter sido a prim eira vez

em que ficara por baixo. Fizera m uito sexo. Mas nunca antes tivera alguém a que quisesse que o

abraçasse depois. Nunca alguém que ele quisesse retribuir o abraço.

Sim … Blay era o seu prim eiro am ante verdadeiro.

E por m ais que ele tivesse perdido a oportunidade de ser isso para o cara, parecia lógico que

Blay fosse o seu. Ninguém j am ais lhe poderia tirar o seu prim eiro – e ele se considerava sortudo.

Muitas vezes ouvira boatos de que aquilo podia ser m uito doloroso – para as fêm eas – ou

sim plesm ente um ato confuso em que nada ficava gravado.

Ele lem braria daquilo para sem pre.

Atrás dele, Blay ainda respirava profundam ente, o calor irradiando dos corpos unidos.

E Qhuinn quis tirar vantagem dessa tranquilidade: m uito lentam ente – com o se, caso ele não se

m ovesse m uito rápido, o cara não fosse notar – cobriu o antebraço de Blay com o seu e… pousou

a m ão sobre a do am igo.

Fechando os olhos, ele rezou para que aquilo fosse certo. Que pudessem ficar daquele j eito só

por m ais um pouquinho.

Merda, o m edo repentino que sentiu não passava de um a tortura, e o fez pensar na verdadeira

natureza da coragem .

Mais especificam ente em quão pouco a possuía no que se referia a Blay .

Do nada, ele se lem brou de ter lhe dito que ele só se via a longo prazo com um a fêm ea. De

esse ser o m otivo de não poder aceitar a oferta de Blay . Na época, ele acreditara nisso, ainda que

não parecesse m uito convincente.

Ele fora um covarde na época, não fora?

– Deus, eu m e sinto em carne viva – sussurrou.

– O que foi? – Foi a resposta sonolenta.

– Eu m e sinto… Exposto.

E se Blay se retraísse agora? Ele se estilhaçaria em m il pedaços que nunca m ais se

encaixariam .

Blay fungou e puxou o braço, atraindo Qhuinn para m ais perto, em vez de afastá-lo.

– Está com frio? Você está trem endo.

– Pode m e esquentar?

Houve um barulho de algo sendo puxado e depois um a coberta foi j ogada em cim a dos dois. E

as luzes se apagaram .

Enquanto Blay respirava fundo parecendo contente naquele instante, Qhuinn fechou os olhos…

e ousou entrelaçar os dedos nos do m elhor am igo, lacrando as m ãos.

– Você está bem ? – Blay perguntou de um m odo abafado. Com o se não houvesse nada ligado

além de um a luz piloto em seu cérebro, m as ele se im portava.

– Sim . Só estou com frio.

Qhuinn abriu novam ente os olhos ante a escuridão. A única coisa que enxergava era a faixa de

luz que se form ava debaixo da porta.

Enquanto Blay cochilava, a respiração se tornando m ais lenta e m ais ritm ada, Qhuinn olhou

adiante, m esm o sem conseguir enxergar nada.

Coragem .

Ele pensava que tinha toda de que precisava – que o m odo com o fora criado o tornara m ais

durão e forte do que qualquer outra pessoa. Que o m odo com o realizava seu trabalho, entrando

em prédios em cham as ou pulando nos assentos de pilotos de aviões caindo aos pedaços, provasse

isso. Que a m aneira com o levava a vida, essencialm ente distante, significava que ele era forte.

Que ele estava seguro.

No entanto, a verdadeira m edida da sua coragem ainda estava por vir.

Depois de anos dem ais, ele finalm ente dissera a Blay que sentia m uito. E

depois de dram a

dem ais, ele finalm ente dissera ao cara que sentia gratidão.

Mas chegar lá e ser verdadeiro quanto ao fato de que estava apaixonado? Mesm o Blay estando

com outra pessoa?

Aquele era o real divisor.

E que Deus o aj udasse, m as ele o faria.

Não para separar o casal – não, não era por isso. E nem para sobrecarregar Blay .

Naquele caso, a revanche, com o se m ostrou, foi, na verdade, um a prom essa. Algo que seria

feito sem expectativas nem reservas. Seria o salto sem paraquedas, o pulo para o desconhecido, o

traj eto e a queda sem ninguém para segurá-lo.

Blay fizera isso não um a, m as diversas vezes – e, sim , claro, Qhuinn queria ter de volta um

desses m om entos de vulnerabilidade e socar tanto suas encarnações prévias até que sua m ente

clareasse e ele reconhecesse a oportunidade que lhe era concedida.

Infelizm ente, não era assim que as coisas funcionavam .

Estava na hora de ele pagar aquela dem onstração de força… de m aneira equivalente,

suportando a dor que viria quando ele fosse rej eitado de um a m aneira infinitam ente m ais gentil

do que ele dispensara.

Forçando as pálpebras a abaixarem , levou os nós dos dedos de Blay até a boca e resvalou-lhes

um beij o. Depois se entregou ao sono, perm itindo-se escorregar para a inconsciência, sabendo

que, pelo m enos pelas horas seguintes, ele estaria seguro nos braços do seu am ado.

CAPÍTULO 68

Enquanto a noite seguinte caía, Assail estava sentado nu à escrivaninha, os olhos rastreando a

tela do com putador diante dele. A im agem do m onitor era dividida em quatro quadrantes que

estavam m arcados com o norte, sul, leste e oeste, e, de tem pos em tem pos, ele m anipulava as

câm eras, m udando-lhes o foco e a direção. Ou às vezes m udava para outras lentes ao redor da

casa. Ou voltava para as que estivera observando.

Tendo tom ado banho e se barbeado horas antes, ele sabia que devia se vestir para sair. Aquele

redutor com grande apetite pelos seus produtos estava se arm ando, alegando que fora enganado

num suprim ento de cocaína. Mas os gêm eos haviam com pletado aquela transação em particular

de acordo com as especificações do assassino – e a gravaram .

Apenas um a precauçãozinha que Assail iniciara.

Portanto, ele não entendia sobre o que aquilo se tratava, m as, por certo, iria descobrir: enviara

a gravação para o celular do *redutor* cerca de um a hora antes e aguardava um a resposta.

Talvez aquilo envolveria outra reunião cara a cara.

E seu com prador descontente não era a única coisa pairando sobre ele. Estava chegando

aquela época do m ês em que Benloise e ele aj ustavam as contas – um a com plicada

transferência de fundos que estava deixando a todos ansiosos, inclusive Assail. Ainda que ele

realizasse pagam entos sem anais regulares, eles totalizavam apenas um quarto das com pras, e no

dia trinta ele teria de acertar as contas.

Muita grana. E as pessoas eram capazes de tom ar decisões m uito ruins quando havia m uito

dinheiro em j ogo.

Tam bém havia a questão de que, pela prim eira vez, ele queria levar os prim os para

acom panhá-lo. Ele não conseguia visualizar Benloise apreciando a com panhia adicional, m as era

apropriado que seus associados ficassem m ais envolvidos nos negócios – e aquele seria o m aior

pagam ento que ele iria realizar.

Um recorde que certam ente seria quebrado se ele e aquele *redutor* continuassem a fazer

negócios.

Assail m udou a posição do m ouse. Clicou em um dos quadrantes. Virou a câm

era de

segurança, vasculhando a floresta atrás de sua casa.

Nada se m exia. Nenhum a som bra m udava de posição. Nem m esm o os ram os dos pinheiros se

m oviam sob algum tipo de vento existente.

Nenhum a m arca de esquis. Nenhum a figura escondida espiando.

Ela poderia estar espionando-o por outro ângulo, pensou. Do outro lado do rio. Da estrada. Do

final da rua.

Distraído, ele alcançou o frasco de pó que m antinha ao lado do teclado. Usara-o no fim da

tarde, quando a luz m inguante do dia o fizera m udar as câm eras para visão noturna. E tam bém

usara algum as vezes desde então, só para se m anter acordado.

Àquela altura j á fazia dois dias que ele não dorm ia.

Ou seriam três?

Enquanto m exia a m inúscula colher, desenhando um círculo na base do frasco, tudo o que ele conseguiu foi o barulho do m etal no vidro.

Olhou dentro do frasco.

Evidentem ente, ele term inara aquele lote.

Irritado por absolutam ente tudo em sua existência, Assail deixou o frasco de lado e se recostou

na poltrona. Enquanto sua m ente girava e a com pulsão de ir de im agem para im agem o apertava

tal qual um a forca em sua liberdade de escolha, ele estava vagam ente ciente de que seu cérebro

zum bia de um a m aneira bem pouco saudável.

No entanto, ele estava trancado ali. Não iria a parte algum a tão rapidam ente.

Onde estaria a sua bela ladra?

Por certo ela não devia ter falado sério.

Assail esfregou os olhos e odiou o m odo com o sua m ente estava acelerada, os pensam entos

transitando de um lado ao outro em seu cérebro.

Ele sim plesm ente não queria acreditar que ela se m anteria afastada.

Enquanto seu telefone tocava, ele o apanhou com reflexos rápidos dem ais, ansiosos dem ais.

Quando viu quem era, ordenou ao seu cérebro que se recom pusesse.

– Recebeu o vídeo? – ele perguntou em vez de dizer “alô”.

A voz de seu m aior cliente parecia descontente.

– Com o posso saber quando isso foi gravado?

– Você deve saber o que os seus hom ens vestiam no dia.

– Então, onde está o m eu produto?

– Isso não cabe a m im dizer. Um a vez que eu concluo o negócio com os seus representantes, a

m inha responsabilidade cessa. Entreguei a m ercadoria requisitada na hora e no local acordados,

e, portanto, cum pri a m inha obrigação para com você. O que acontece dali por diante não é da

m inha alçada.

– Se eu o pegar m e sacaneando, eu vou te m atar.

Assail em itiu um a exalação carregada de enfado.

– Meu caro, eu não perderia tem po com algo assim . Com o conseguiria o que necessita então?

E para isso, perm ita-m e lem brá-lo que não há nada que m e leve a ser desonesto com você ou

com a sua organização. O lucro que você representa é o que m e interessa, e eu darei o m elhor de

m im para fazer com que os fundos continuem a vir na m inha direção. Assim são os negócios.

Houve um longo silêncio, m as Assail sabia m uito bem que isso não significava que o assassino

do outro lado da conexão estava confuso ou perdido.

– Preciso de um novo suprim ento – o *redutor* m urm urou depois de um tem po.

– E eu o providenciarei com m uito prazer.

– Preciso de um em préstim o – agora Assail franzia o cenho, porém o *redutor* prosseguiu antes

que ele o interrom pesse. – Você m e em presta esse novo pedido e eu garanto que será pago.

– Não é assim que faço negócios.

– Eis o que sei a seu respeito. Você tem um a pequena operação que controla um a área

im ensa. Precisa de distribuidores, porque você m atou todos os outros que estavam aqui antes.

Sem m im e a m inha organização? Sem ofensas, m as você está fodido. Você não tem com o

servir Caldwell inteira, e seu produto nada vale se não chega às m ãos dos seus usuários – quando

Assail não respondeu de im ediato, o *redutor* riu de leve. – Ou você pensava que fosse

desconhecido, m eu am igo?

Assail segurou o telefone com força.

– Por isso, acho que você tem razão – o assassino concluiu. – Você e eu som os colegas. Eu não

preciso lidar com o atacadista, quem quer que ele sej a. Especialm ente em m inha atual…

encarnação.

Sim , só o cheiro faria com que Benloise fechasse a porta na cara dele, pensou Assail.

– Preciso de você. Você precisa de m im . E é por isso que vai m e entregar o m eu pedido e m e

dar 48 horas para pagar. É com o você m esm o disse. Não valem os nada um sem o outro.

Assail expôs as presas, o reflexo do seu rosto de fato m edonho no vidro do m onitor.

E m esm o assim ele m anteve a voz tranquila e im passível:

– Onde gostaria de nos encontrarm os?

Enquanto o *redutor* ria novam ente, com o se estivesse gostando de tudo aquilo, Assail se

concentrou na própria im agem , com as presas expostas. Seria desaj uizado se o

assassino se

tornasse ganancioso, ou tom asse liberdades dem ais.

A única coisa sem pre verdadeira nos negócios? Ninguém é insubstituível.

Quando Trez despertou, ele se sentiu com o se estivesse flutuando num a nuvem – e, por um a

fração de segundo, im aginou se não estava m esm o. Seu corpo parecia não pesar nada, a ponto de

ele nem saber se estava deitado de frente ou de costas.

Um som estranho se infiltrou em seu torpor.

Shhhscht.

Ele levantou a cabeça, e a orientação lhe veio subitam ente: a luz verm elha do seu rádio relógio

lhe disse que estava deitado de barriga e em diagonal na cam a.

Lá vinha o som novam ente.

O que seria aquilo? Metal contra m etal?

Ele conseguia sentir iAm se m ovim entando pelo corredor, a presença do irm ão tão certa

quanto a sua. Então, se houvesse outra pessoa no apartam ento ou algum tipo de am eaça? iAm

cuidaria disso.

Erguendo-se, saiu da cam a e… Uau, o quarto girou ao seu redor. Pensando bem , não havia

nada, absolutam ente nada em seu estôm ago. A bem da verdade, era bem possível que ele tivesse

vom itado o fígado, os rins e os pulm ões durante a enxaqueca. A boa notícia era que a dor sum ira,

e que essa sensação não era tão ruim . Era com o estar bêbado, só que com a ressaca vindo antes.

Quando entrou no banheiro, ele sabia que era m elhor não acender a luz. Ainda era m uito cedo

para isso.

A chuveirada foi m aravilhosa. Mas ele não se deu ao trabalho de se barbear – haveria tem po

para isso m ais tarde, depois que colocasse um pouco de com bustível em seu tanque. O roupão foi

agradável: quentinho, especialm ente com as lapelas erguidas cobrindo-lhe o pescoço.

Os pés descalços não estavam tão agradáveis, ainda m ais quando ele saiu do quarto e pisou no

corredor de piso de m árm ore, m as ele precisava descobrir que diabos estava…

Trez parou diante da porta da suíte do irm ão. iAm estava diante do arm ário, tirando as cam isas

que estavam nos cabides. Quando ele puxou um a nova braçada pelo cano de ferro, aquele

shhhscht soou novam ente.

Naturalm ente, seu irm ão não se surpreendeu quando ele apareceu. Apenas descarregou a

carga sobre a cam a.

Merda.

– Vai a algum lugar? – m urm urou Trez, a voz alta dem ais para os próprios

ouvidos.

– Sim .

Bosta.

– Escute, iAm , eu não pretendi…

– Tam bém estou fazendo as suas m alas.

Trez piscou algum as vezes.

– Hã?

Pelo m enos o cara não estava indo em bora sozinho. A m enos que quisesse a satisfação de

j ogar as coisas de Trez pela varanda…

– Encontrei um lugar m ais seguro para nós.

– Fica em Caldwell?

– Sim .

E entra a m úsica tem a de *Jeopardy!* .

– Quer m e dar o CEP?

– Eu daria se soubesse.

Trez gem eu e se recostou contra o batente, esfregando os olhos.

– Você encontrou um lugar para irm os, m as não sabe onde fica?

– Não, não sei.

Ok, talvez aquilo não tivesse sido um a enxaqueca, m as sim um derram e.

– Desculpe, não estou entendendo…

– Nós tem os – iAm consultou o relógio de pulso – três horas para fazerm os as m alas. Roupas e

itens pessoais apenas.

– Então o lugar é m obiliado – Trez deduziu.

– Sim , é.

Trez passou um tem po observando o irm ão sendo extraeficiente com a bagagem . Cam isas

tiradas dos cabides, dobradas com precisão, colocadas em m alas de couro da Louis Vuitton. O

m esm o com calças. Pistolas e adagas foram para m aletas de aço com binando.

Naquele ritm o, o cara acabaria de em pacotar seus pertences em m eia hora.

– Você precisa m e dizer para onde vam os.

iAm olhou para ele.

– Vam os nos m udar para a Irm andade.

O cérebro de Trez levou um a descarga, a névoa sum indo de um a vez só.

– Com o é?

– Estam os nos m udando para lá.

Os olhos de Trez se arregalaram .

– Eu… hum … espere, acho que não ouvi direito.

– Ouviu, sim .

– Com a perm issão de quem ?

– De Wrath, filho de Wrath.

– Caceeeete. Com o foi que conseguiu isso?

iAm deu de om bros, com o se não tivesse feito nada além de um a reserva no Motel 6.

– Falei com Rehvenge.

– Eu não sabia que o m acho tinha todo esse poder.

– Ele não tem . Mas procurou Wrath, que apreciou a nossa retaguarda na reunião do Conselho.

O Rei acredita que serem os um bom acréscim o ao front da casa.

– Ele está preocupado com um possível ataque – Trez concluiu.

– Talvez estej a. Talvez não. Mas o que sei é que ninguém vai nos encontrar lá.

Trez expirou fundo. Então ali estava o m otivo por trás daquilo. Seu irm ão, assim com o ele

m esm o, não queria que ele fosse arrastado de volta para o s'Hisbe.

– Você é incrível – ele disse.

iAm só deu de om bros, com o de hábito.

– Pode com eçar a fazer as suas m alas ou devo cuidar disso?

– Não, pode deixar – ele deu um a batida no batente e se virou para sair. – Estou te devendo

um a, irm ão.

– Trez.

Ele olhou de relance por cim a do om bro.

– O que foi?

Os olhos do irm ão estavam sérios.

– Isso aqui não é um a liberdade perm anente. Você não pode fugir da rainha. Só estou

ganhando um tem po com isso.

Trez ficou olhando para os pés nus – e ficou se perguntando quão longe conseguiria ir se eles

estivessem protegidos por seus Nikes.

Bem longe.

Seu irm ão era o laço que ele não conseguia rom per, a única coisa que ele não se sentia capaz

de deixar para trás a fim de se livrar de um a vida de luxo com o escravo sexual.

E, num m om ento com o aquele, em que o cara m ais um a vez se prontificava a aj udá-lo… ele

se perguntava se seria im possível ir em bora sem iAm .

Talvez ele tivesse que, no fim , ceder ao seu destino.

Maldita rainha. E sua m aldita filha.

Os costum es não faziam sentido. Ele j am ais vira a j ovem princesa. Ninguém j am ais a vira.

Era assim que funcionava – a seguinte na linha sucessória ao trono era tão sagrada quanto a m ãe,

porque seria ela a liderá-los no futuro. E, tal qual um a rosa rara, ninguém tinha perm issão para

vê-la até que ela estivesse adequadam ente com prom etida.

Pureza e tal.

Blá-blá-blá.

Um a vez que ela estivesse com prom etida, porém , estaria livre para sair na sociedade, livre

para viver a sua vida – dentro do s'Hisbe. O coitado que se casasse com ela? Ficaria ao lado dela

dentro das paredes do castelo, fazendo o que quer que ela quisesse, quando ela quisesse – desde

que ele não estivesse aos pés da rainha, idolatrando-a.

Sim , quanta alegria.

E eles acharam que ele se sentiria honrado com essa união?

Mesm o?

Ele transform ara o próprio corpo num latão de lixo na últim a década, transando com todas

aquelas hum anas e sabe o que era pior? Desej ou ter sido capaz de pegar todas daquelas doenças dos *Homo sapiens*. Im possível. Ele fez sexo desprotegido o quanto pôde com a outra espécie e ainda estava tão saudável quanto um cavalo.

Um a pena.

– Trez? – iAm se endireitou. – Trez? Fale com igo. Para onde você foi?

Trez olhou para o irm ão, m em orizando aquele rosto orgulhoso e inteligente e os olhos

penetrantes sem fim .

– Estou bem aqui – m urm urou. – Vê?

Ele ergueu as m ãos e fez um círculo sobre seus pés descalços, em seu roupão, naquele estado

de torpor pós-enxaqueca.

– No que está pensando? – iAm perguntou.

– Em nada. Só acho incrível isso que você fez. Vou fazer as m alas e m e aprontar. Eles vão

m andar um carro ou algo assim ?

iAm estreitou o olhar, m as respondeu m esm o assim :

– Isso. Com um m ordom o cham ado Fred. Ou seria Foster?

– Estarei pronto.

Trez saiu dali, os restos da dor de cabeça se escoando conform e ele olhava para o futuro… e

se preocupava com esse seu últim o laço.

Porém , aquela m udança era positiva. iAm tinha razão: ele passara estes últim os anos ciente de

que a princesa estava crescendo, e que o tem po corria, e que o dia do acerto de contas estava se

aproxim ando rapidam ente.

Existiam coisas que se podiam postergar. Aquela não era um a delas.

Inferno, talvez ele devesse desaparecer. Mesm o que isso o m atasse.

Além disso, se seu irm ão estivesse com Rehv na m ansão do Rei? iAm teria o tipo de apoio que

precisaria caso Trez acabasse sum indo.

Quem sabe, depois de tanta m erda acontecendo?

O cara ficaria aliviado por se ver livre dele.

CAPÍTULO 69

A vida inteira de Qhuinn sofreu nova guinada cerca de quinze horas após ele perder a

virgindade. Mais tarde, ele decidiria se aquilo de que as coisas aconteciam em trios era verdade

m esm o. Quando a coisa ocorria, porém , tudo o que ele queria era sobreviver…

Em algum m om ento durante as horas do dia, ele e Blay acordaram , se separaram e seguiram

seus cam inhos.

Qhuinn teria preferido se eles voltassem para a casa principal j untos, m as ele tinha de parar

para ver Luchas, e Blay estava ansioso para voltar para o quarto e tom ar banho. E, de certa

form a, isso não fora ruim , porque assim Qhuinn teve a oportunidade de tam bém dar um a olhada

em Lay la.

No que se referia ao irm ão e à Escolhida, tudo estava tranquilo. Os dois estiveram

adorm ecidos em suas respectivas cam as; a cor do rosto de Luchas estava m elhor e, pela

prim eira vez, quando Qhuinn foi ao quarto de Lay la, ele sentiu a gravidez. Os níveis de horm ônio

o atingiram assim que entrou, e ele ficou im óvel de tão forte que foi a sensação.

O que fora m uito bom m esm o.

O que ele não gostara m uito foi de passar diante da porta de Blay e querer bater, entrar e

voltar a dorm ir.

Em vez disso, acabara dentro de suas quatro paredes com pletam ente sozinho.

Na cam a. No escuro. Indo e voltando da terra do REM pelas duas horas que antecediam a

Prim eira Refeição.

Portanto, quando a porta foi escancarada e um a fileira de hom ens altos em m antos negros

entrou, seu passado e presente colidiram , os dois se tornando intercam biáveis – a tal ponto que o

ataque da Guarda de Honra pulou para fora do túm ulo da sua m em ória e aterrissou bem em seu

quarto na m ansão.

Sem saber se estava sonhando ou se aquilo era real, seu prim eiro pensam ento foi de alegria

por Blay não estar com ele. O cara j á o encontrara quase m orto no acostam ento da estrada um a

vez. Ninguém precisava de um replay daquilo.

Seu segundo pensam ento foi que abateria quantos pudesse antes que eles, finalm ente,

acabassem com ele.

Com um grito de guerra, Qhuinn explodiu para fora da cam a, o corpo nu passando ao ataque

com tal força que acabou derrubando os dois prim eiros. Atacando com as pernas, ele chutou e

socou tudo que dele se aproxim ava, e houve um a pequena satisfação quando seus alvos

praguej aram e se afastaram do seu alcance…

Algo prendeu seu peito por trás, e o girou com tal força que seus pés se ergueram

do chão e

form aram um arco e…

Olá, parede.

O im pacto valeu por três pontos em sua brilhante ideia de revide de luta, o rosto, o tronco, os

quadris se chocando na parede com tanta força que, sem dúvida, ele deixara um a reprodução

em 3D do seu corpo, ao estilo dos desenhos anim ados.

Instantaneam ente, ele em purrou a superfície plana, preparado para se…

O braço que o em purrou pela nuca o prendia de tal form a que parecia ser de aço. Não havia,

literalm ente, espaço para se m exer, e m esm o assim ele tentou, pois seu corpo se recusava a ser

dom inado.

– Calm a aí, sua besta. Apenas fique *parado* antes que eu sej a forçado a m achucá-lo.

O som da voz de Vishous não fazia sentido algum .

E, de repente, pelo canto do olho, ele percebeu que um círculo fora form ado ao seu redor,

todos aqueles m antos negros o cercando, assim com o aquela chave de braço no seu pescoço.

Mas eles não estavam atacando.

– Apenas relaxe – disse V. em sua orelha. – Respire com igo, vam os lá… Apenas respire.

Ninguém vai m achucar você.

A fala aj udou, aquela voz calm a, controlada atingindo sua reação de “lute ou fuj a” e

aplacando o rugido do seu pânico.

Logo em seguida, Qhuinn com eçou a trem er, os m úsculos processando toda a adrenalina.

– Vishous?

– Sim , sou eu, am igo. Você precisa continuar respirando.

– Quem … m ais?

– Rhage.

– Butch.

– Phury .

– Zsadist.

– Tohr.

As vozes com binavam com os nom es, aqueles tons graves, sérios, sem sinais de bobeira,

penetrando em seu cérebro, aj udando-o a perceber a realidade que não envolvia o passado.

E, então, o últim o foi o responsável por ele descer o derradeiro degrau do vórtice m ental,

regressando para o que era real.

– Wrath.

Qhuinn tentou virar a cabeça na direção do Rei, m as seu im pulso não o levou a nada.

– Vou soltar você, ok, am igo? – disse V. – Vai se controlar?

– Sim .

– No três, então. Um . Dois. Três.

Vishous deu um salto para trás e parou num a pose de com bate: braços erguidos, punhos

prontos, posição equilibrada. Mesm o com o rosto do Irm ão coberto pelo capuz, Qhuinn bem

podia visualizar a expressão dele: sem dúvida se Qhuinn fizesse qualquer m ovim ento, ele seria

reapresentado à parede – e aquela am izade j á fora travada, m uito obrigado.

Ele se sentia uns quinze centím etros m ais fino.

Com um a im precação, Qhuinn se virou devagar, m antendo as m ãos onde a Irm andade

pudesse vê-lo.

– Estão m e expulsando da m ansão?

Ele não fazia ideia do que tinha feito, m as com seu histórico de irritar as pessoas,

voluntariam ente ou não? Podia ser qualquer coisa.

– Não, seu idiota – V. respondeu com um a risada.

Encarando a fila de silhuetas solenes cobertas por capuzes, ele procurou entender quem era

quem , travando contato, lem brando-se de que aqueles eram os caras com quem ele lutava lado a lado, que sem pre protegeram suas costas, que eles trabalhavam j untos.

Por isso, que diabos era aquilo…

A terceira figura a partir da esquerda levantou o braço, um dedo longo estendido

e apontando

para o m eio do peito de Qhuinn.

Na m esm a hora, Qhuinn se viu novam ente na carcaça daquele Cessna, com o dram a do voo

concluído, Zsadist vivo e bem , o obj etivo alcançado… aquele m acho o destacando com o fazia

agora.

No Antigo Idiom a, Wrath disse:

– Ser-lhe-á feita uma pergunta. E ela será feita apenas uma vez. A sua resposta será testada

desde este instante até o resto de sua linhagem. Está pronto para responder a pergunta?

O coração de Qhuinn com eçou a bater forte. Os olhos voltando-se ao redor, ele não podia

acreditar que aquilo…

A não ser… m as com o era possível? Considerando-se a sua linhagem e o seu defeito, não seria

legal alguém com o ele…

Do nada, a im agem de Saxton trabalhando na biblioteca todas aquelas noites o acom eteu.

Puta… m erda.

Tantas perguntas: por que ele? Por que agora? E quanto a John Matthew, cuj o peito,

m agicam ente, j á carregava a m arca da Irm andade?

Enquanto a sua m ente alucinava, sabia que tinha que responder, m as, cacete, ele

não podia…

Com um a clareza absurda, ele pensou na filha, visualizando a im agem que vira na porta do

Fade.

Qhuinn olhou para cada um dos capuzes de novo. Quanta ironia, pensou. Quase dois anos antes,

um a Guarda de Honra em m antos negros fora enviada para deixar bem claro que a sua fam ília

não o queria. E agora, ali estavam aqueles m achos, reunidos para levá-lo a um tipo diferente de

fam ília – que era tão ou m ais forte que aquela de sangue.

– Pode crer, m anda aí – foi a sua resposta.

A prim eira pista de Blay de que algo grande estava acontecendo foram as passadas diante da

porta do seu quarto: ele estava na frente do espelho, barbeando-se, quando as ouviu se

aproxim ando pelo corredor das estátuas, m uitas delas, pesadas e repetitivas.

Só podia ser a Irm andade.

Depois, enquanto ele se inclinava sobre a pia para retirar o resto do crem e de barbear, algo

pesado caiu no chão do quarto ao lado – ou foi lançado contra a parede. Parecia m uito ter vindo

do quarto de Qhuinn.

Desligando a torneira, ele pegou um a toalha e envolveu os quadris enquanto saía da suíte e

seguia para…

Blay parou de pronto. O quarto de Qhuinn estava escuro, m as a luz do corredor caía sobre um

círculo de m antos negros que cercava o cara. E ele estava sendo em purrado de cara contra a

parede.

O único pensam ento de Blay foi que um a segunda Guarda de Honra viera atrás do lutador –

m esm o ele sabendo m uito bem que era a Irm andade debaixo daqueles m antos. Só podia ser,

certo?

A voz de Vishous resolveu essa questão, pois as palavras do m acho se fizeram ouvir de m odo

claro e lento.

Em seguida, Qhuinn foi solto. Quando ele se virou, estava branco com o um lençol, trem endo

de pé nu no centro do círculo das figuras encapuzadas.

Wrath quebrou o silêncio, a voz grave de barítono do Rei preenchendo a escuridão:

– Ser-lhe-á feita uma pergunta. E ela será feita apenas uma vez. A sua resposta será testada

desde este instante até o resto de sua linhagem. Está pronto para responder a pergunta?

Blay levou a m ão da adaga para a boca quando ela se abriu. Aquilo não podia ser… podia?

Eles o estavam iniciando na Irm andade da Adaga Negra?

Instantaneam ente, ele j untou as peças: Saxton trabalhando duro todos aqueles m eses; os atos de

heroísm o de Qhuinn; John sendo inform ando de que o cara j á não seria m ais o seu *ahstrux*

nohtrum.

Wrath devia ter alterado as Leis Antigas.

Puta que o pariu…

– Pode crer, m anda aí…

Blay teve que sorrir quando recuou e voltou para o quarto. Só m esm o Qhuinn para ser tão

direto.

Quando a porta se fechou, ele ficou grudado nela, esperando. Minutos depois, aquelas passadas

pesadas retornaram , transitando diante do seu quarto, descendo para o vestíbulo,

desaparecendo… m udando a história para sem pre.

Em toda a existência da Irm andade, nunca houve ninguém iniciado que não fosse filho de um

Irm ão ou um a fêm ea de sangue de Escolhida. Qhuinn, tecnicam ente, era um aristocrata –

m esm o tendo sido banido pela fam ília, e com o seu “defeito”, a sua linhagem era aquilo que era.

Mas não tinha as credenciais de DNA, ou o nom e de guerreiro, que os outros tinham .

Contudo, desde que sobrevivesse à cerim ônia, ele voltaria à m ansão com o um m acho entre

seus pares, para nunca m ais ser desertado.

Era bom que Luchas estivesse vivo para presenciar aquilo. Seria m uito im portante.

Blay se vestiu, e quando verificou o celular, viu que havia um a m ensagem para o grupo todo

enviada por Tohr, inform ando que ninguém sairia a cam po naquela noite e que iriam receber um

par de novos hóspedes: os dois Som bras iriam m orar na m ansão.

Beleza. Em face à inquietação da aristocracia e ao atentado contra Wrath? Nada m elhor do

que ter aqueles dois assassinos debaixo do teto. Junto aos m odos afetados de Lassiter, isso

significava que o Rei dispunha de um trio com habilidades extras para protegê-lo.

Com um pouco de sorte, Trez e iAm se tornariam hóspedes perm anentes.

Saindo do quarto, ele correu pelas escadas e não se surpreendeu ao encontrar os *doggen* se

apressando para arrum ar um banquete.

Quanto tem po levaria?, ele se perguntou.

Ah, com o ele queria ter algo com que passar o tem po.

Indo até a sala de bilhar, pois sabia que de nada adiantaria abordar Fritz para oferecer aj uda

para os preparativos, ele pegou um taco e o triângulo para form ação das bolas. Enquanto passava

giz na ponta, a cam painha da porta da frente tocou.

– Pode deixar – ele exclam ou enquanto levava o taco consigo até a tela da câm era de

segurança.

Saxton estava ali, parecendo descansado e saudável.

Blay abriu a porta.

– Bem -vindo de volta.

Houve um m om ento de incerteza, pois não sabiam se se abraçavam ou se cum prim entavam

com um aperto de m ãos.

– Precisam os parar com essa estranheza – anunciou Saxton. – Venha cá.

– É m esm o, não?

Depois de um abraço rápido, Blay apanhou as m alas com binadas da Gucci e os dois subiram o

lance de escadas, lado a lado.

– Então, com o foi de férias? – Blay perguntou.

– Foi m aravilhoso. Fui para a casa da m inha tia… aquela que ainda fala com igo, sabe? Ele tem

um a propriedade na Flórida.

– Um lugar bem perigoso para vam piros. Não existem m uitos porões.

– Ah, m as ela vive num castelo de pedra – Saxton indicou o vestíbulo. – Não com o este. As

noites são quentes, o oceano é m aravilhoso, a vida noturna…

Quando Saxton parou abruptam ente, Blay olhou para ele.

– Está tudo bem , sabe. Estou feliz que tenha se divertido. De verdade.

Saxton o observou atentam ente e depois m urm urou:

– Você tam bém andou ocupado, não?

Maldita coloração de ruivo. Todo rubor ficava evidente e, naquele instante, seu rosto estava em

fogo.

Quando viraram à esquerda depois do escritório de Wrath e seguiram pelo corredor das

estátuas, Saxton riu de leve.

– Estou feliz por você. E não vou fazer nenhum a pergunta.

Ele sabia o “quem ”, Blay concluiu.

– Bem . É isso.

– Que tal m e pôr a par das novidades? – Saxton sugeriu ao entrarem em seu quarto. – Sinto

com o se estivesse longe há um século.

– Bem … prepare-se.

Luchas. Trez e iAm . Qhuinn e a iniciação.

Quando Blay term inou de falar, Saxton estava sentado na cam a de boca aberta.

– Mas você sabia dessa do Qhuinn, não sabia? – disse Blay ao term inar seu relato.

– Sim , eu sabia – Saxton endireitou a gravata borboleta, m esm o o nó estando perfeitam ente

sim étrico. – E tenho que lhe dizer que, apesar de não saber tudo o que você sabe sobre ele no

cam po de batalha, tudo o que ouvi sugere que é um a honra digna. Fiquei sabendo que ele teve um

papel de m uita im portância no resgate de Wrath no dia da tentativa de assassinato.

– Ele é coraj oso, isso é verdade.

Dentre tantas outras coisas.

Enquanto Blay olhava para o corredor e visualizava aquelas figuras encapuzadas ao redor do

seu am igo, tudo em que pensava era… o que diabos vão fazer com ele?

CAPÍTULO 70

Qhuinn não tinha ideia de onde estava.

Antes de saírem do seu quarto, eles lhe deram um m anto negro e o instruíram a colocar o

capuz, fixar o olhar no chão e m anter as m ãos cruzadas às costas. Ele não podia falar a m enos

que o pedissem para falar e deixaram bem claro que o m odo com o ele agisse seria parte do seu

j ulgam ento.

Não podia ser nem cretino nem covarde.

Ele podia fazer isso.

A parada seguinte, depois de descerem a escadaria principal, foi o Escalade de V.; ele soube

disso pelo cheiro do tabaco turco e pelo ronco do m otor. Traj eto curto, executado lentam ente. E

depois lhe disseram para sair, o ar frio atingindo-o por debaixo do capuz e pela

bainha do m anto.

Os pés descalços cobriram um pedaço de terra batida e dura pelo frio, e depois um pedaço

m ais fofo, sem neve por cim a. A j ulgar pela acústica, ficou claro que eles seguiam por um

corredor ou talvez um a caverna…? Não dem orou para que o fizessem parar, um tipo de portão

foi aberto, e então ele se viu num a descida. Pouco depois, foi parado um a segunda vez, e houve

um a espécie de sussurro, com o se m ais um a barreira fosse desim pedida.

Agora, m árm ore liso sob seus pés. E ele estava aquecido. Tam bém havia um a fonte suave de

luz – luzes de velas.

Deus, seu coração batia rápido em seus ouvidos.

Após alguns m etros, ele foi parado novam ente e ouviu o som de tecido sendo rem ovido ao seu

redor. Os Irm ãos estavam retirando os m antos.

Ele quis olhar, ver onde estavam , descobrir o que estava acontecendo, m as não o fez. Com o

instruído, m anteve a cabeça baixa e os olhos no…

Um a m ão pesada pousou em sua nuca e a voz de Wrath ecoou no Antigo Idiom a:

– *Você não é digno de entrar aqui como está. Acene com a cabeça.*

Qhuinn acenou.

– *Diga que é indigno.*

No Antigo Idiom a, ele acatou:

– *Sou indigno.*

Ao seu redor, os Irm ãos explodiram no Antigo Idiom a, num a discordância que o fez querer

agradecer a eles por apoiarem -no.

– *Apesar de ser indigno* – prosseguiu o Rei –, *você deseja tornar-se digno esta noite. Acene com a cabeça.*

Ele acenou.

– *Diga que quer se tornar digno.*

– *Quero me tornar digno.*

Dessa vez, o trem endo grito dos Irm ãos foi de aprovação e apoio.

Wrath continuou:

– *Só existe um modo de se tornar digno, e é o modo adequado e próprio. Corpo do corpo. Acene*

com a cabeça.

Qhuinn acenou.

– *Diga que quer se tornar corpo do nosso corpo.*

– *Quero me tornar corpo do seu corpo.*

Assim que a voz sum iu, um canto com eçou a ser entoado, as vozes graves da Irm andade se

m isturando até form arem um coro perfeito num a cadência perfeita. Ele não os acom panhou,

porque não o ordenaram que o fizesse, m as, assim que alguém se postou diante dele, e alguém se

colocou atrás, e logo o grupo todo passou a oscilar de um lado para o outro, seu corpo seguiu a

liderança deles.

Movendo-se j untos, tornaram -se um a unidade, os om bros largos m ovendo-se para frente e

para trás no ritm o do canto, o peso rem exendo nos quadris – a fila com eçou a avançar.

Qhuinn com eçou a cantar. Não foi de propósito, apenas aconteceu. Seus lábios se partiram , os

pulm ões se encheram e a voz acom panhou a dos outros.

No instante em que com eçou a cantar, com eçou a chorar.

Ainda bem que estava de capuz.

Por toda a sua vida ele quis pertencer. Ser aceito. Estar entre tantos que eram respeitados. Ele

o desej ou com tanta avidez que a privação de toda e qualquer união quase o m atara – e ele só

sobrevivera ao se revoltar contra a autoridade, os costum es, as norm as.

Ele nem m esm o se dera conta de ter desistido de um dia encontrar tal com unhão.

E lá estava ele agora, em algum lugar debaixo da terra, cercado por m achos que… o

escolheram . A Irm andade, os lutadores m ais respeitados pela raça, os soldados m ais poderosos, a

elite da elite… escolhera a *ele*.

Aquilo não era um acidente de nascim ento.

Ser considerado um a m aldição para acabar sendo acolhido ali, naquele instante? De súbito, ele

se sentiu inteiro com o nunca antes em sua vida.

De repente, a acústica se alterou, o canto coletivo ricocheteando ao redor, com o se tivessem

entrado num grande espaço com teto alto.

Um a m ão em seu om bro o fez parar.

Em seguida, o coro e o m ovim ento cessaram , os acordes finais de suas vozes sum indo aos

poucos.

Alguém o segurou pelo braço e o incitou a avançar.

– Escada – era a voz de Z.

Ele subiu cerca de seis degraus, depois chegou a um patam ar. Quando parou, foi com o peito e

os dedos dos pés contra o que parecia ser um a parede de m árm ore do m esm o tipo em que o piso

parecia ser feito.

Zsadist se afastou, deixando-o onde ele estava.

Seu coração bateu forte contra o esterno.

A voz do Rei soou forte com o um trovão:

– *Quem indica esse macho?*

– *Eu* – Zsadist respondeu.

– *Eu* – Tohr ecoou.

– *Eu*.

– *Eu*.

– *Eu*.

– *Eu*.

Qhuinn teve que piscar repetidam ente enquanto, um a um , os Irm ãos se pronunciavam . Cada

um dos m alditos Irm ãos o indicava.

E então foi a vez do últim o.

A voz do Rei soou alta e clara:

– *Eu*.

Cacete, ele precisava piscar um pouco m ais.

Quando Wrath prosseguiu, a inflexão aristocrática do Antigo Idiom a foi acom panhada pela

força de um guerreiro:

– Com base no testemunho dos membros reunidos da Irmandade da Adaga Negra, e com base

na indicação de Zsadist e Phury, filhos do guerreiro da Adaga Negra Ahgony; Thorment, filho do

guerreiro da Adaga Negra Hharm; Butch O'Neal, parente de sangue de minha própria linhagem;

Rhage, filho do guerreiro da Adaga Negra Tohrture; Vishous, filho do guerreiro da Adaga Negra

conhecido como Bloodletter; e na minha própria como Wrath, filho de Wrath, consideramos o

macho diante de nós, Qhuinn, filho de ninguém, uma indicação adequada para a Irmandade da Adaga Negra. E como está em meu poder e juízo fazer tal coisa, e por ser adequado para a

proteção da raça, e, além disso, pelas leis terem sido reconstruídas para guarnecer o que é de

direito e adequado, eu dispenso toda e qualquer exigência de linhagem. Podemos agora dar início.

Virem-no. Dispam-no.

Antes que alguém se aproxim asse, Qhuinn aprum ou os om bros e conseguiu esfregar os olhos

rapidam ente, assim voltava a ser um m acho quando o giraram e retiraram seu m anto.

Qhuinn arfou. Ele estava sobre um tablado, e a caverna que estava diante dele era ilum inada

por centenas de velas negras, as cham as criando um a sinfonia de luzes suaves e douradas que

queim avam em paredes m al cortadas e refletiam o brilho do piso.

Mas não foi isso que cham ou a sua atenção: bem diante dele, entre ele e o trem endo espaço

bem ilum inado, havia um altar.

No centro do qual j azia um crânio.

A coisa devia ser bem antiga, pois o osso não era branco com o os dos recém - falecidos, m as

trazia um a pátina escurecida de idade, de sacro, de venerável.

Aquele era o prim eiro Irm ão. Só podia.

Quando seus olhos se desviaram daquilo, ele se viu tom ado por adm iração:

abaixo, olhando

para ele, estavam os portadores vivos daquela tradição. A Irm andade estava om bro a om bro, os

corpos nus dos guerreiros form ando um a incrível parede de pele e m úsculos, a luz das velas

cintilando sobre tanta força e poder.

Tohr segurou o braço de Wrath e conduziu o Rei pelas escadas que Qhuinn acabara de subir.

– Recoste-se na parede e segure as estacas – Wrath ordenou em inglês ao ser acom panhado

até o altar.

Qhuinn obedeceu sem hesitação, sentindo as escápulas e o traseiro encostarem na pedra

enquanto as m ãos seguravam duas protuberâncias firm es em form a de cavilhas.

Quando o Rei levantou a m ão, Qhuinn entendeu im ediatam ente com o cada um dos Irm ãos

conseguira a cicatriz em form a de estrela no peitoral: um a antiga luva de prata estava na m ão de

Wrath, os espinhos m arcando os nós dos dedos do obj eto e, dentro do punho, havia o cabo de um a

adaga negra.

Com um m ínim o de espalhafato, Tohr estendeu o pulso de Wrath por cim a do crânio.

– Meu senhor.

Enquanto o Rei aproxim ava a adaga, as tatuagens ritualísticas que delineavam a

linhagem dele

foram evidenciadas pela luz das velas – e depois, a lateral afiada m arcou a pele.

Sangue verm elho vivo se avolum ou e caiu sobre a taça de prata que estava incrustada na base

do crânio.

– *Meu corpo* – proclam ou o Rei.

Depois de um instante, Wrath lam beu a ferida para fechá-la. E depois, o m acho im enso, com

seu cabelo escuro longo até a cintura e em bico no alto da testa, e naqueles óculos escuros, foi

conduzido até Qhuinn.

Mesm o sem o benefício da visão, Wrath, de algum m odo, sabia exatam ente onde seus corpos

estavam posicionados, onde estava o rosto de Qhuinn, e qual era a altura…

Porque o Rei avançou até a garganta dele. Então, com força brutal, em purrou o rosto de

Qhuinn para o lado, expondo-lhe a garganta.

Agora ele entendia para que serviam as cavilhas.

O sorriso cruel de Wrath expunha presas espantosas, do tipo que Qhuinn j am ais vira.

– *Seu corpo*.

Com um ataque veloz com o a luz, o Rei se segurou sem m isericórdia, perfurando a veia de

Qhuinn num a m ordida brutal e depois tragando um a série de golfadas que eram engolidas um a a

um a. Quando, por fim , retraiu os caninos, ele passou a língua sobre os lábios e sorriu com o um

chefe guerreiro.

E chegou a hora.

Qhuinn não precisou que lhe dissessem para se segurar firm e. Abaixando as m ãos, travou os

om bros e as pernas, pronto para receber.

– *Nosso corpo* – rugiu Wrath.

O Rei não se conteve. Com a m esm a acuidade certeira, ele cerrou o punho dentro da luva

antiga e socou a coisa no peitoral de Qhuinn, o im pacto das j untas com espinhos foi tão grande,

que os lábios de Qhuinn se m overam na raj ada que em anou de seus pulm ões. A visão enxergou

um a série de passarinhos por um m om ento, m as quando voltou, ela focalizou a expressão de

Wrath.

Que era de respeito – e ausência absoluta de surpresa, com o se Wrath tivesse antecipado que

Qhuinn suportaria aquilo com o um m acho.

E assim continuou. Tohr foi o seguinte, aceitando a luva e a adaga, repetindo as palavras,

cortando o braço, sangrando dentro do crânio, atacando a garganta de Qhuinn, depois atingindo

com o m áxim o de sua força. E depois Rhage. Vishous. Butch. Phury . Zsadist.

Ao final, Qhuinn sangrava por causa das feridas no pescoço e no peito, o corpo estava coberto

de suor, e o único m otivo pelo qual não estava caído no chão eram aquelas cavilhas.

Mas ele não se im portava com o que m ais lhe fizessem ; continuaria de pé não im portando o

que acontecesse. Desconhecia a história da Irm andade, m as estava disposto a apostar que

nenhum daqueles caras caíra com o um saco de batatas durante a iniciação deles – e ele não se

im portava em ser o prim eiro de algum as m aneiras, m as não devido à ausência de coragem .

Além disso, até ali, tudo bem . Os outros Irm ãos estavam parados adiante, sorrindo de orelha a

orelha para ele, com o se aprovassem com pletam ente o m odo com o ele vinha lidando com aquilo

– e não é que isso só aum entava a sua determ inação?

Com um aceno, com o se tivesse recebido um a ordem , Tohr levou o Rei de volta ao altar e lhe

entregou o crânio. Erguendo o sangue coletado, Wrath disse:

– *Este é o primeiro de nós. Saúde o guerreiro que deu origem à Irmandade.*

Um grito de guerra em anou dos Irm ãos, a com binação das vozes trovej ou pela caverna, e

depois Wrath se aproxim ou de Qhuinn.

– Beba e j unte-se a nós.

Entendido.

Com um a força renovada, ele pegou o crânio e olhou bem dentro das cavidades oculares ao

levar a taça de prata aos lábios. Abrindo a boca, despej ou o sangue pela garganta, aceitando os

m achos dentro de si, absorvendo-lhes a força… j untando-se a eles.

Ao seu redor, os Irm ãos rugiram sua aprovação.

Quando term inou, voltou a colocar o crânio nas palm as de Wrath e lim pou a boca.

Um a gargalhada se espalhou pelo peito am plo do Rei.

– Acho que vai querer se segurar nessas cavilhas, filho…

E foi *essa* a últim a coisa que ele ouviu.

Com o um raio vindo dos céus e atingindo-o em cheio na cabeça, um a onda súbita de energia o

atingiu, sobrepuj ando todos os seus sentidos. Ele deu um salto para trás, encontrando as cavilhas e

segurando-se a elas bem quando seu corpo foi acom etido por um a convulsão…

Ele tinha toda a intenção de perm anecer consciente.

Mas, caram ba… O redem oinho era poderoso dem ais.

Enquanto seu corpo trem ia, e o coração palpitava, e a m ente sibilava com o um fogo de

artifício, *Bum!* , as luzes se apagaram .

CAPÍTULO 71

– Sola, por que você não m e contou que teríam os visita?

Sola fez um a pausa ao colocar a m ochila sobre a bancada da cozinha. Em bora

sua avó

estivesse claram ente esperando um a resposta, ela não se viraria até que sua expressão não

dem onstrasse a surpresa que sentia.

Quando estava pronta, virou-se sobre um a bota.

A avó estava sentada na cadeira delicada à m esa, sua roupa de ficar em casa rosa e azul

coordenando com os bobes na cabeça e as cortinas floridas logo atrás dela. Aos oitenta anos de

idade, ela tinha o rosto graciosam ente m arcado de um a m ulher que vivera no período de treze

presidentes, num a Guerra Mundial, e com inúm eras dificuldades pessoais. Seus olhos, contudo,

ardiam com a força de um a im ortal.

– Quem veio aqui, vovó? – perguntou.

– O hom em com o – a avó levantou a m ão de j untas grossas e apontou para os bobes – …

cabelo escuro.

Bosta.

– Quando ele veio?

– Ele foi m uito gentil.

– Ele deixou um nom e?

– Então você esperava por ele?

Sola inspirou profundam ente e rezou para que sua postura neutra continuasse a

postos, apesar

de sua irritação. Inferno, depois de viver anos com a avó era de se esperar que ela j á estivesse

acostum ada ao fato de que a m ulher nunca se desviava no que se referia a fazer perguntas.

– Não, eu não estava esperando por ninguém – e a ideia de que alguém aparecera à porta a fez

enfiar a m ão na bolsa. Havia um a .09 com visão a laser e um silenciador ali…o que era m uito

bom . – Com o ele era?

– Muito grande. Cabelo escuro. Olhos profundos.

– De que cor? – a avó não enxergava m uito bem , m as devia se lem brar disso.
– Ele era…

– Com o a gente. Ele falou com igo em espanhol.

Talvez aquele hom em erótico que ela investigara fosse bilíngue. Ou trilíngue, a j ulgar pelo

sotaque estranho.

– Então, ele deixou um nom e? – não que isso fosse aj udar. Ela desconhecia o nom e do hom em

que seguira.

– Ele disse que você o conhecia, e que vai voltar para ver você.

Sola olhou de relance para o relógio digital do m icro-ondas. Passava pouco das dez.

– Quando ele veio?

– Não faz m uito tem po – os olhos da avó se estreitaram . – Você tem visto ele,

Marisol? Por que

não m e contou?

Naquele ponto, tudo escorregou para o português, as falas de sílabas destacadas se sobrepondo,

todo tipo de “não estou nam orando ninguém ” m isturado a “por que você não se casa”. Elas

discutiram aquilo tantas vezes que basicam ente retom avam as partes m uito bem ensaiadas daquela peça de teatro j á ultrapassada.

– Bem , eu gosto dele – anunciou a avó ao se levantar da m esa e bater na superfície com as

palm as abertas. Enquanto o porta-guardanapos com sua pilha de *Vanity Fair* dava um salto, Sola

quis praguej ar. – Acho que você tem que trazer ele aqui para um j antar de fam ília.

Eu até faria isso, vovó, mas não conheço o cara – e o que a senhora acharia se soubesse que ele

é um criminoso? Um playboy?

– Ele é católico? – perguntou a avó a cam inho da porta.

Ele é traficante de drogas, portanto, se é religioso, tem incríveis poderes de reconciliação.

– Ele parece um bom rapaz – a avó com entou por sobre o om bro. – Um bom rapaz católico –

e aquilo foi tudo, por ora.

Enquanto os chinelos se arrastavam escada acim a, sem dúvida o sinal da cruz era feito

repetidam ente pelo cam inho. Sola bem conseguia visualizar isso.

Com um a im precação, baixou a cabeça e fechou os olhos. De certa form a, ela não conseguia

enxergar o hom em sendo agradável e gentil só porque um a senhora de idade brasileira abrira a

m aldita porta. Católico, até parece.

– Maldição.

Em retrospecto, quem era ela para ser um a santa? Era um a crim inosa. Há diversos anos. E o

fato de ela sustentar a si e a avó não j ustificava tantas invasões de propriedade.

Quem seu hom em m isterioso sustentava, ela se perguntou quando o cachorro do vizinho

com eçou a latir. Os gêm eos? Eles pareciam *bastante* autossuficientes. Será que ele tinha filhos?

Um a esposa?

Por algum m otivo, estrem eceu.

Cruzando os braços diante do peito, ficou olhando o piso im aculado que a avó lim pava todo

santo dia.

Pensou que ele não tinha o direito de ir até lá.

Tudo bem , ela fora até a casa dele sem ser convidada, não é m esm o?

Sola franziu o cenho e levantou o olhar. A j anela em oldurada pela cortina rosa rendada estava

escura porque ela não acendera as luzes de fora ainda. Mas ela sabia que havia alguém ali fora.

E sabia m uito bem quem era.

Com a respiração se tornando superficial e o coração com eçando a bater forte, ela levou a

m ão à garganta sem nenhum m otivo.

Vire, ordenou-se. Fuj a.

Mas… ela não fez isso.

Assail não tivera a intenção de ir até a casa da sua ladra. Mas o equipam ento de rastream ento

ainda estava acoplado ao Audi, e quando ele o inform ou de que ela havia retornado àquele

endereço, viu-se incapaz de não se desm aterializar até ali.

No entanto, ele não queria ser visto. Então, escolheu o quintal dos fundos, e que sorte: quando a

ladra entrara na cozinha, ele teve um a visão desobstruída dela, bem com o de sua acom panhante.

A hum ana m ais idosa era m uito encantadora em seu m odo m ais ancião, o cabelo enrolado, o

roupão vivaz com o um dia de prim avera, o rosto belo apesar da idade. Ela, porém , não parecia

feliz, ao se sentar à m esa e olhar adiante, para o que Assail supunha, fosse a neta dela.

Palavras foram trocadas, e ele sorriu um pouco na escuridão. Havia m uito am or entre elas;

m uito aborrecim ento tam bém . Com o sem pre acontecia com os parentes de m ais idade, quer eles

fossem hum anos ou vam piros.

Ah, com o se sentia aliviado em saber que ela não vivia com um m acho.

A m enos, claro, que aquele com quem ela se encontrara no restaurante tam bém m orasse

naquela casinha.

Enquanto ele grunhia baixinho no escuro, o cachorro da casa vizinha com eçou a latir, avisando

os hum anos sobre aquilo que eles desconheciam .

Um m om ento depois, sua ladra foi deixada a sós na cozinha com um a expressão tanto de

resignação quanto de frustração.

Enquanto ela continuava de pé, com os braços cruzados, balançando a cabeça, ele disse a si

m esm o que deveria ir em bora. Em vez disso, não foi: atravessou o vidro com a m ente, e deixou

seu desej o correr solto.

Ela reagiu im ediatam ente, o corpo delgado se enrij ecendo contra a bancada, os olhos seguindo

direto para a j anela.

– Venha para m im – disse ele para o ar frio.

E foi o que ela fez.

A porta dos fundos rangeu quando ela a abriu com o quadril, forçando a parte inferior a raspar

um a porção de neve acum ulada no assoalho.

O cheiro dela era a sua am brosia. E enquanto ele dim inuía a distância entre eles, seu corpo foi

inundado por um desej o predatório.

Assail não parou até estar a centím etros dela. Tão perto assim , quase peito contra peito, ela era

m uito m enor do que ele; todavia, o efeito que ela surtia nele era m onum ental. Suas m ãos se

crisparam , as coxas endureceram , seu coração pulsava com sangue aquecido.

– Não pensei que fosse voltar a vê-lo – ela sussurrou.

O pau dele endureceu ainda m ais, só de ouvir a voz dela.

– Parece que tem os assuntos inacabados.

Que não envolviam nem dinheiro, nem drogas, tam pouco inform ações.

– Falei sério – ela afastou os cabelos para trás, com o se tivesse dificuldade para ficar parada. –

Não vou m ais espionar. Prom eto.

– De fato, você m e deu a sua palavra. Mas, ao que tudo leva a crer, sinto falta dos seus olhos

sobre m im – o sibilo dela atravessou o ar frio entre eles. – Dentre outras coisas.

Ela desviou o olhar rapidam ente. Voltou a fitá-lo.

– Isto não é um a boa ideia.

– Por quê? Por causa daquele hum ano com quem você j antou?

Sua ladra franziu o cenho, provavelm ente pelo uso da palavra “hum ano”.

– Não. Não é por causa dele.

– Então ele não m ora aqui.

– Não, som os som ente a m inha avó e eu.

– Aprovo isso.

– E por que você deveria ter um a opinião quanto a isso?

– É o que m e pergunto todos os dias – ele m urm urou. – Mas explique, se não é por causa

daquele hom em , por que não podem os nos encontrar?

Sua ladra em purrou os cabelos sobre os om bros m ais um a vez e balançou a cabeça.

– Você… representa problem as.

– E quem diz isso é a m ulher que anda sem pre arm ada.

Ela em pinou o queixo.

– Você acha que eu não vi aquela adaga ensanguentada no seu hall de entrada?

– Ah, aquilo – ele dispensou o com entário com um aceno da m ão. – Eu só estava cuidando de

alguns assuntos.

– Pensei que o tivesse m atado.

– Quem ?

– Mark, o m eu am igo.

– Am igo – ele se ouviu grunhir. – Se é que ele é isso m esm o.

– Então, quem você m atou?

Assail pegou um charuto para acender, m as ela o deteve.

– A m inha avó sentiria o cheiro.

Ele olhou para as j anelas fechadas do segundo andar.

– Com o?

– Apenas não o faça, por favor. Não aqui.

Com um a inclinação de cabeça, ele cedeu – m esm o que não conseguisse se lem brar de um

dia o ter feito em respeito a ninguém .

– Quem você m atou?

A pergunta foi feita de m odo prático, sem a histeria que haveria de se esperar de um a fêm ea.

– Isso não tem nada a ver com você.

– Melhor eu não saber, hein?

Visto que ele era de um a espécie diferente da dela? Ah, sim , de fato.

– Não é ninguém que você um dia fosse conhecer. Eu lhe direi, contudo, que tive m eus

m otivos. Ele m e traiu.

– Portanto, m ereceu – não era um a pergunta, m as apenas um a declaração de aprovação.

Ele não tinha com o deixar de apreciar o m odo com o ela encarava os fatos.

– Sim , m ereceu.

Houve um instante de silêncio, e depois ele teve que perguntar:

– Qual o seu nom e?

Ela riu.

– Quer dizer que não sabe?

– Com o eu descobriria?

– Bom argum ento… E eu lhe direi, se você m e explicar o que disse para a m

inha avó – ela

abraçou o torso com o se estivesse com frio. – Sabe, ela gostou de você.

– Quem gostou de m im ?

– A m inha avó.

– E com o é que ela m e conhece?

Sua ladra franziu o cenho.

– Quando você veio aqui antes. Ela disse que o considerou um bom rapaz, e quer convidá-lo

para j antar – aqueles olhos incríveis se voltaram para ele. – Não que eu estej a defendendo isso…

Ei, o que foi? Ai!

Assail forçou a m ão para que relaxasse, pois nem percebera que segurara o braço dela.

– Eu não vim aqui antes. Tam pouco falei com sua avó.

Sua ladra abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novam ente.

– Não veio aqui hoj e?

– Não.

– Então quem diabos está m e procurando?

Enquanto um sentim ento avassalador de protegê-la o assolou, suas presas se alongaram e o

lábio superior com eçou a se retrair – m as ele se conteve, refreando a dem onstração exterior das

suas em oções interiores.

Abruptam ente, ele indicou a direção da cozinha.

– Vam os entrar. Agora. E você vai m e contar m ais a respeito.

– Não preciso da sua aj uda.

Assail a fitou do alto de toda a sua altura.

– Mas você a terá m esm o assim .

CAPÍTULO 72

Trez não estava acostum ado a andar de m otorista. Gostava de dirigir. De estar no controle. De

escolher a direita ou a esquerda. Esse tipo de escolha não constava do cardápio daquela noite,

porém .

Naquele instante, ele era apenas um gostosão no banco de trás de um a Mercedes que era do

tam anho de um a casa. Na frente, Fritz – esse era o nom e dele – dirigia com o um m orcego saindo

do inferno; não exatam ente algo que se esperava de alguém que parecia ter uns sete m il anos de

idade.

No entanto, visto que Trez ainda se sentia m eio estranho após a dor de cabeça da noite anterior,

ele achava um a boa ideia ser passageiro num caso com o aquele. Mas se ele e iAm iriam m orar

lá, eles teriam de saber onde ficava a m aldita propriedade.

Mas. Que. Merda.

Por algum m otivo, seus sentidos captaram um a m udança na atm osfera, algo tintilava nos

lim ites de sua consciência, um aviso. E, vej am só, do lado de fora da j anela, o cenário ilum inado

pelo luar ficou ondulado, com um a distorção vital retorcendo sua visão.

Os olhos verificaram o interior da Mercedes. Tudo estava bem : o couro preto, a costura

castanha, a divisória erguida entre os assentos estavam exatam ente com o deviam estar. Portanto,

não era um desaj uste dos seus nervos óticos.

Voltando os olhos para o exterior, ele entendeu que a distorção não era fruto de um a névoa.

Nem de algum tipo de chuvisco. Não, aquilo não era provocado pelo tem po – era algo

com pletam ente diverso… com o se o m edo tivesse se cristalizado nas partículas do ar, e estivesse

provocando a m etam orfose do cenário.

Que belo escudo protetor…

E lá estava ele supondo que ele e o irm ão eram os únicos com truques escondidos nas m angas.

– Estam os próxim os – com entou.

– O que é isso, hein? – iAm m urm urou ao olhar para fora da j anela.

– Não sei. Mas precisam os conseguir um pouco disso para nós.

Abruptam ente, o carro com eçou a subir, e com a aceleração do Hom em Pé de Chum bo, m ais

parecia que eles subiam um a m ontanha-russa. No entanto, eles não despencaram um a vez no

alto: do nada, um a im ensa m ansão de pedra se m aterializou, aparecendo tão repentinam ente que

Trez segurou o apoio na porta para se preparar para o im pacto.

No entanto, o m otorista sabia m uito bem onde estavam , e qual a distância necessária para

fazer o carro parar. Com a habilidade de um dublê de Holly wood, o m ordom o girou o volante e

pisou nos freios, fazendo-os estacionar entre um GTO que Trez im ediatam ente cobiçou… e um

Hum m er que parecia m ais um a escultura abstrata do que algo dirigível.

– Talvez ele tenha feito algum a besteira com esse aí – Trez disse causticam ente.

Quando as portas foram destrancadas, ele e iAm saíram ao m esm o tem po.

Puxa. Olha só essa casa, Trez pensou ao pender a cabeça para trás e olhar para cim a, bem

para cim a. Em com paração à pilha gigantesca de pedras, ele se sentia do tam anho de um

polegar.

Do polegar de um a criança de dois anos de idade.

Pairando bem no alto na noite escura, com gárgulas que observavam do beiral, e um par de

alas de quatro andares m uito sinistras que se estendiam para os dois lados, a construção parecia

exatam ente o que você esperaria do lugar em que vivia o rei dos vam piros: assom brada,

arrepiante e am eaçadora.

Era a representação do Halloween, só que verdadeiro. As pessoas ali dentro m ordiam m esm o,

e não só quando lhes pediam .

– Maneiro – elogiou Trez, sentindo-se im ediatam ente em casa.

– Senhores, entrem , por favor – disse o m ordom o am igavelm ente. – Eu m e em penharei em

levar suas m alas.

– Não, não – opôs-se Trez, j á indo para o porta-m alas. – Tem os m uitas tranq… quero dizer,

coisas.

Era difícil se portar m al diante de alguém de fraque.

iAm concordou.

– Podem os fazer isso por você.

O m ordom o olhou de um para outro, com um sorriso no devido lugar.

– Por favor, sigam para as festividades, senhores. Nós cuidam os desses assuntos m undanos.

– Ah, m as nós…

– Isto é, não vai ser…

Fritz pareceu confuso, depois, ligeiram ente em pânico.

– Por favor, os senhores precisam se j untar aos outros. Eu cuido disto. Esta é a m inha função

na casa.

A aflição parecia tão despropositada, m as eles não teriam com o argum entar sem causar ainda

m ais problem as; estava claro que o cara teria um chilique se eles m esm os levassem a bagagem

até a porta de entrada.

Quando em Rom a… Trez concluiu.

– Ok, certo, m uito obrigado.

O sorriso agradável e franco reapareceu de pronto.

– Muito bem , senhores! Muito bem , m esm o.

Enquanto o m ordom o indicava o cam inho para a entrada, com o se a im ensa porta de catedral

fosse um m istério, Trez deu de om bros e seguiu para as escadas.

– Acha que ele vai nos deixar lim par nossas bundas? – perguntou baixinho.

– Só se ele não nos vir ir ao banheiro.

Trez gargalhou e olhou para o irm ão.

– Isso foi um a piada, iAm ? Hum ? Acho que foi…

Depois de dar um a cotovelada no irm ão e obter um grunhido com o resposta, ele esticou a m ão

e segurou a m açaneta pesada do portal. Ficou um tanto surpreso em ver que não estava trancado,

m as, pensando bem , com … aquela *coisa*… ao redor, quem é que precisaria de chaves? Nenhum

rangido ao entrar, e isso não foi nenhum a surpresa. O lugar era bem cuidado em cada

centím etro, a neve retirada, sal espalhado no piso para evitar a form ação de gelo, tudo

absolutam ente bem ordenado.

Mas tam bém , com aquele m ordom o encarregado? Um a suj eirinha que fosse devia ser um a

em ergência nacional.

Saindo do frio, ele se viu num a antessala com piso de m osaico e teto alto, de frente para um a

recepção que incluía um a câm era de segurança. Ele sabia para que servia aquilo – e enquadrou

a cara bem no cam po de visão.

No m esm o instante, a porta interna, que se equiparava a de um cofre de banco, se abriu.

– Olá! – um a fêm ea exclam ou. – Vocês chegaram .

Trez m al notou Ehlena ao perceber o que estava por trás dela.

– Oi… com o é que você está…

Ele não ouviu a resposta dela.

Puxa… vida. Uau… que cores lindas…

Trez nem percebeu que se adiantava, m as foi o que fez… andando em direção à m aior

m aravilha arquitetônica que ele j am ais vira. Im ensas colunas de m alaquita e m árm ore rosa

subindo para um teto m ais alto que os céus. Candelabros de cristal e arandelas douradas reluziam .

Um a escadaria verm elho sangue tão grande quanto um parque se elevava a

partir de um piso de

m osaico que parecia a representação… de um a m acieira carregada de frutos.

Por m ais som brio que o exterior parecesse, o interior era absolutam ente resplandecente.

– Rivaliza com o palácio – iAm m urm urou m aravilhado. – Oh, olá, Ehlena.

Trez estava vagam ente ciente do irm ão abraçando a *shellan* de Rehvenge. E tam bém havia

outras pessoas por perto, fêm eas em sua m aioria, m as ele tam bém reconheceu Blay e um

m acho loiro j unto a John Matthew e, claro, Rehv, que cruzava o piso com a aj uda de sua bengala.

– A festa não é para vocês dois, m as podem fingir que é.

iAm e Rehv se abraçaram , porém , m ais um a vez, Trez não estava prestando a m ínim a

atenção.

Na verdade, o arco-íris colorido tam bém desaparecera por com pleto.

Parada na entrada do que parecia a porta de um a sala de j antar form al, a Escolhida que ele

vira na casa de cam po de Rehv falava com outra tam bém de m anto branco.

A visão de Trez se afunilou nela, seus olhos concentrando-se som ente em sua im agem e lá

ficando.

Olhe para m im , ele desej ou. *Olhe para mim*.

Nesse instante, com o se tivesse sentido o com ando, a Escolhida olhou em sua direção.

Trez, im ediatam ente, ficou excitado, o corpo inchando com o desej o de seguir até aquela

fêm ea, tom á-la nos braços e levá-la para algum canto reservado.

Onde ele poderia m arcá-la.

A voz de iAm era exatam ente o que ele não precisava ouvir em seu ouvido:

– Ainda não é para o seu bico, irm ão.

Ele precisava tê-la, m esm o que isso o m atasse.

E se chegasse a esse ponto? Bem , sua vida não era um a festa no m om ento, era?

Quando Qhuinn recobrou os sentidos, estava deitado no altar. O crânio bem ao lado da sua

cabeça, com o se o Irm ão o estivesse protegendo enquanto ele se recuperava após ter bebido o

sangue. Piscando bem os olhos, ele percebeu que fitava um m ural de nom es: cada centím etro da

im ensa pedra de m árm ore contra a qual estivera apoiado estava gravado com nom es no Antigo

Idiom a.

Exceto pela parte onde estavam as cavilhas.

Ao se sentar e deixar as pernas penderem , suas costas estalaram e a cabeça rodou um

pouco… Esfregando o rosto, ele saiu num pulo e andou para a frente… até poder tocar nas

gravuras.

– Você está bem no fim – Zsadist inform ou atrás dele.

Qhuinn se virou. A Irm andade m ais um a vez estava parada em baixo, cada um deles sorrindo

com o filhos da m ãe.

O sotaque de Boston soou:

– É em ocionante ver seu nom e escrito aí. Você precisa dar um a olhada.

Qhuinn voltou a olhar para frente. Depois de seguir para a direita, no fim , ele encontrou o

nom e do tira… e depois o seu.

Suas pernas ficaram bam bas quando ele se abaixou, aj oelhando diante da fileira precisa de

sím bolos. Depois olhou para a parede, os nom es individuais desaparecendo, transform ando-se

num padrão coeso em todo o m árm ore. Assim com o a Irm andade. Não indivíduos, m as um

grupo.

E ele era parte daquilo.

Por Deus… ele estava ali.

Qhuinn se preparou para um a experiência transform adora – algo que seguisse a linha de um

grande sino ecoando em seu peito “Você pertence”… ou, m erda, um sim ples “Você é o cara”

soando em sua m ente.

Nada disso aconteceu. Sim , claro, ele estava feliz. Estava orgulhoso, porra. Pronto para sair

dali e lutar com o um desvairado.

Porém , ao se pôr de pé, ele percebeu que apesar da nova sensação de com pletude, um a parte

sua perm anecia separada. Em retrospecto, seus últim os dias foram trem endos – com o se o

destino tivesse j ogado sua vida num liquidificador e estivesse preparando um m olho com o seu

traseiro.

Talvez fosse porque ele nunca fora m uito bom nessa coisa de em oções? E nada m udaria

aquilo.

Mas, pelo m enos, ele não estava fugindo.

Indo para j unto dos Irm ãos, ele levou tantos tapas nos om bros e no peito que soube com o os

atacantes se sentiam no futebol am ericano depois dos treinos.

Mas logo ele se deu conta… iria para casa encontrar Blay .

Santa Maria Mãe de Deus, roubando um a expressão do tira, ele estava m orrendo de vontade

de ver o cara. Talvez dar um a escapada e contar o que tinha acontecido, m esm o que

provavelm ente ele não devesse fazer isso. Talvez subir para o quarto depois que a festa acabasse

e… bem , por um tem po…

Ok, agora ele estava ficando excitado.

Rhage lhe lançou seu m anto negro de volta.

– Portanto, bem -vindo ao hospício, seu pobre filho da m ãe. Está preso a nós

pelo resto da vida.

Qhuinn franziu a testa e pensou em John.

– Mas e a m inha posição com o *ahstrux nohtrum*?

– Já era – V. disse ao se vestir tam bém . – Você é um hom em livre.

– Então John sabia?

– Não que você estava recebendo este tipo de prom oção. Mas ele foi inform ado que você j á

não poderia ser m ais o segurança dele – quando Qhuinn tocou a tatuagem debaixo dos olhos, V.

assentiu. – É. Vam os ter que m udar isso… É um a dispensa honorável, sabe, não é com o um a

m orte ou dem issão.

Beleza. Melhor do que um aviso prévio em purrado contra seu peito ou um a cova rasa.

Enquanto saíam , Qhuinn deu um a últim a olhada na caverna. Era tão estranho; sim , era a

história acontecendo, m as aquilo tam bém parecia o ápice de todas aquelas noites lutando com os

Irm ãos, um a lógica interna fazendo aquele evento extraordinário parecer… inevitável.

Refazendo o traj eto que percorreram anteriorm ente, Qhuinn se viu num corredor tom ado por

prateleiras do chão ao teto superalto.

– Jesus… Cristo… – ele sussurrou ao percebeu todos os j arros dos *redutores*.

Todos pararam .

– Os j arros? – Wrath perguntou.

– É – confirm ou Tohr com um a risada. – Nosso garoto parece im pressionado.

– E devia m esm o – m urm urou Rhage ao aj eitar o cinto do m anto. – Som os destem idos.

Múltiplos gem idos. Olhos se revirando.

– Pelo m enos ele não veio com um daqueles “Som os incríveis!” – alguém m urm urou.

– Esse é Lassiter – foi a resposta.

– Cara, esse filho da m ãe tem que parar de assistir a m aldita Nickelodeon…

– Dentre outras coisas.

– Foco, gente, foco – Rhage interrom peu. – Podem os ter um m om ento de seriedade aqui, por

favor?

Grunhidos de aprovação substituíram as críticas, os sons se elevando e ecoando entre as

lem branças dos seus inim igos m ortos.

– Apenas pense – Tohr disse ao passar um braço ao redor dos om bros de Qhuinn –, agora você

pode m andar os seus para cá.

– Legal – m urm urou Qhuinn ao olhar para os diferentes tipos de contêineres. – Muito legal.

Saíram por portões que tanto eram velhos com o pareciam necessitar de um m açarico por

um as belas horas para serem transpostos. Depois havia outro obstáculo que foi em purrado, um

que, de verdade, parecia a parede de um a caverna e, olhe só, eles saíram de um recesso raso na

terra e chegaram ao Escalade. Levou um tem po para atravessarem a floresta, m as no instante

em que a m ansão pôde ser vista, ele com eçou a ficar tão excitado que o corpo se adiantou para a

beira do banco e a m ão procurou a m açaneta da porta.

O SUV m al tinha parado quando ele j á estava abrindo a porta e saindo. Risadas em anaram da

Irm andade quando eles saíram de m odo m ais civilizado, seguindo a liderança dele escada acim a.

No portal de entrada, ele o abriu e se postou no átrio, m ostrando o rosto para a câm era de

segurança.

Atrás dele, ele ouviu as vozes dos Irm ãos…

Seus irm ãos, agora. Não eram ?

Seus *irmãos* tiravam sarro dele ao se aproxim arem , e a porta interna foi aberta por Fritz.

Qhuinn quase derrubou o m ordom o quando ele deu um passo para o lado. Muitos rostos

sorrindo, as *shellans* da casa, a rainha, *doggens* por todos os lados… iAm , Trez, Rehv e Ehlena…

Ele procurava por cabelos ruivos, vasculhou a sala de j antar, depois olhou para a sala de bilhar.

Onde ele est…

Qhuinn parou.

Do lado oposto da m esa de bilhar, no sofá diante da TV m ontada acim a da lareira, Blay e

Saxton estavam sentados lado a lado. Os rostos virados um para o outro, um par de gim e tônica

nas m ãos, os dois pareciam envolvidos num a conversa anim ada.

De repente, Blay com eçou a rir, inclinou a cabeça para trás…

E, nesse instante, olhou na direção de Qhuinn.

No m esm o m om ento, sua expressão endureceu.

– Parabéns!

O som da voz de Lay la o confundiu, e ele se virou às cegas, a m ente em baralhada de um j eito

que não deveria estar: ele sabia o tem po inteiro que Saxton voltaria depois das férias.

– Estou tão feliz por você! – enquanto Lay la o abraçava, ele passou os braços ao redor dela

autom aticam ente.

– Obrigado – ele se afastou e passou as m ãos pelos cabelos. – Então, com o está se sentindo?

– Enj oada e m aravilhosa!

Qhuinn se retraiu dentro da própria pele, tentando encontrar alegria pela gravidez.

– Fico feliz. Estou… m uito feliz.

CAPÍTULO 73

Sola bateu contra o fogão ao levar o hom em para dentro de sua casa. Em seguida, com o parte

da correção de curso, ela derrubou a cadeira em que a avó estivera sentada – m as, pelo m enos,

conseguiu reparar nisso segurando-a e sentando-se nela.

– Você tam bém não m e disse o seu nom e – m urm urou, ainda que nom es próprios fossem a

últim a coisa em sua m ente.

O hom em se j untou a ela do lado oposto da m esa. Seu tam anho im enso e as roupas caras

faziam com que tudo ali parecesse frágil, desde a tábua lam inada que os separava até as cadeiras

e a própria cozinha.

A casa inteira.

Ele esticou a m ão por sobre a m esa. Naquela voz grave e carregada de um sotaque divino, ele

disse:

– Sou Assail.

– Assail? – cautelosa, Sola esticou a m ão, preparada para encontrá-lo no m eio do cam inho. –

Nom e diferente…

No instante em que o contato foi feito, um raio subiu pelo braço e term inou em seu coração,

acelerando-o, fazendo-a corar.

– Não gosta? – ele sussurrou, com o se conhecesse m uito bem a reação dela.

Só que ele estava falando do nom e, não? Sim , era isso.

– É… inesperado.

– Me diga o seu – ele deu o com ando sem soltá-la. – Por favor.

Enquanto esperava, enquanto segurava a m ão dela, enquanto respiravam j untos, ela percebeu

que, às vezes, havia coisas que eram m ais íntim as do que sexo.

– Marisol. Mas as pessoas m e cham am de Sola.

Ele ronronou. *Ronronou*.

– Eu a cham arei de Marisol.

E não é que com binava? Deus, aquele sotaque… ele transform ara aquilo pelo qual fora

cham ada a vida inteira num poem a.

Sola puxou a m ão da dele e a colocou sobre o colo. Mas os olhos continuaram cravados no

hom em : sua expressão era arrogante, e ela teve a im pressão de que se tratava de um defeito

inconsciente, que não se relacionava a ela. O cabelo parecia im possivelm ente grosso, e, sem

dúvida, devia ter recebido algum produto – nada m eram ente hum ano poderia m anter aquela

onda perfeita afastada da testa daquele m odo. E o perfum e? Esqueça. O que quer que fosse

aquilo, ela estava ficando sim plesm ente em briagada só com o cheiro incrível.

Juntando a boa aparência, aquele corpo e a m ente afiada? Ela seria capaz de apostar a casa

que a vida dele era conduzida com base no lem a “o m undo m e pertence”.

– Então, fale-m e desse seu visitante – ele pediu.

Enquanto aguardava, o queixo dele abaixou e ele a fitou por baixo das pálpebras.

Não era surpresa ele ter m atado alguém .

Ela deu de om bros.

– Não tenho ideia de quem sej a. A m inha avó apenas m e disse que um hom em de cabelos

escuros e olhos profundos… – ela fez um a careta, notando que as íris dele eram sem pre de um a

cor de luar, do tipo de coisa que parecia im possível na natureza. Lentes de contato? – Ela… Hum ,

ela não m encionou nenhum nom e, m as ele deve ter sido educado, senão eu teria ouvido um belo

serm ão e m uito m ais. Ah, e ele conversou com ela em espanhol.

– Alguém poderia estar atrás de você?

Sola m eneou a cabeça.

– Nunca m enciono esta casa, j am ais. A m aioria das pessoas sequer sabe m eu verdadeiro

nom e. Foi por isso que pensei que fosse você, quem m ais… Quero dizer, ninguém m ais veio aqui

a não ser você.

– Não há ninguém em seu passado?

Expirando longam ente, ela olhou pela cozinha; depois pegou os guardanapos e os rearranj ou.

– Não sei…

Com a vida que ela levava? Podia ser qualquer pessoa.

– Você tem alarm e de segurança aqui? – ele perguntou.

– Sim .

– Você tem que considerá-lo perigoso até que se prove o contrário.

– Concordo – quando o hom em , isto é, Assail, colocou a m ão dentro do casaco, ela balançou a

cabeça. – Nada de charutos. Já disse que…

Ele fez um gesto exagerado ao retirar um a caneta dourada e m ostrá-la. Depois, pegou um dos

guardanapos que ela acabara de aj eitar e escreveu um núm ero de sete algarism os.

– Você vai m e ligar se ele voltar – ele passou o quadrado de papel pela m esa, m as m anteve o

indicador apoiado sobre os núm eros. – E eu cuidarei disso.

Sola se levantou tão rápido, que a cadeira gem eu. Im ediatam ente, ela olhou para o teto.

Quando nenhum som veio de cim a, ela se lem brou de fazer m enos barulho.

Cam inhou até o fogão. Depois voltou. Foi até a porta de trás que dava para a varanda. Voltou

novam ente.

– Escute aqui, eu não preciso de aj uda. Agradeço…

Ao se virar para voltar para j unto do fogão novam ente, ele estava bem diante dela. Arfando,

ela deu um pulo para trás – nem o ouvira se m exer…

A cadeira dele estava na m esm a posição de quando ele esteve sentado.

Não com o a dela, em purrada de lado.

– O que… – ela se calou, a m ente rodopiando. Por certo ela não lhe perguntaria *o que* ele

era…

Quando ele esticou a m ão e am parou seu rosto, ela soube que teria dificuldades para dizer não

para o que quer que ele sugerisse.

– Você vai m e ligar – ele ordenou – e eu virei até você.

As palavras foram tão lentas que quase se deturparam , a voz grave… tão grave…

O orgulho form ou um protesto em sua m ente, m as sua boca se recusou a dizê-lo.

– Está bem – ela disse.

Agora ele sorria, os lábios se curvando para cim a. Deus, os caninos dele eram bem afiados, e

m ais longos do que ela se lem brava.

– Marisol – ele ronronou. – Um lindo nom e.

Enquanto ele com eçava a se inclinar sobre ela, a pressão sutil em sua m andíbula levantava-lhe

o queixo. Ah, não, não, não, ela não podia estar fazendo aquilo. Não naquela casa. Não com um

hom em com o aquele…

Que sej a. Com um suspiro de rendição, ela fechou os olhos e levantou a boca para aceitar a

dele…

– Sola! Sola, o que você está fazendo aí em baixo?!

Os dois ficaram im óveis e, no m esm o instante, Sola se viu com treze anos novam ente.

– Nada! – respondeu alto.

– Quem está com você?

– Ninguém … É a televisão!

Três… Dois… Um …

– Isso não parece a TV!

– Vá – ela sussurrou ao em purrá-lo pelo peito largo. – Você tem que ir em bora agora.

As pálpebras de Assail se abaixaram .

– Acho que quero conhecê-la.

– Não quer, não.

– Quero…

– Sola! Estou descendo!

– Vá – ela sibilou. – *Por favor*.

Assail passou o polegar por baixo do lábio inferior dela e se inclinou, falando diretam ente ao

seu ouvido:

– Tenho planos para retom ar isto do ponto em que fom os interrom pidos. Só para você saber.

Virando-se, ele se m oveu com frustrante lentidão até a porta. E enquanto os

chinelos da avó se

aproxim avam pela escada, ele ainda teve tem po de olhar para trás enquanto abria a porta.

O olhar ardente percorreu-lhe o corpo.

– Isso entre m im e você não acabou.

E logo ele se foi, graças ao bom Deus.

A avó fez a curva no segundo seguinte à tela da porta exterior voltar ao seu lugar.

– E então? – ela disse.

Sola olhou de relance pela j anela além da m esa, certificando-se de que ainda estava escuro do

lado de fora. Sim . Tudo bem .

– Viu? – disse ela, abrindo os braços para m ostrar a cozinha vazia. – Não há ninguém aqui.

– A televisão não está ligada.

Por que, oh, por que sua avó não tinha a graciosidade de ficar de m iolo m ole com o tantos

outros anciões?

– Eu a desliguei porque ela estava incom odando a senhora.

– Ah – olhos cheios de suspeita vasculharam o côm odo.

Merda. Havia neve derretida no linóleo onde eles estiveram .

– Venha – disse Sola ao girar a senhora para o outro lado. – Chega de aventuras por um a noite.

Vam os nos deitar.

– Estou de olho em você, Sola.

– Eu sei, vovó.

Enquanto subiam j untas, um a parte sua continuava intrigada com a pessoa que fora procurá-la e com o m otivo da visita. E a outra m etade? Bem , essa parte ainda estava na cozinha, prestes a

beij ar aquele hom em .

Provavelm ente foi m uito m elhor terem sido interrom pidos.

Ela tinha a distinta im pressão que seu protetor… tam bém era um predador.

O telefonem a que Xcor vinha aguardando chegou na hora m ais oportuna. Ele acabara de

perseguir e m atar um assassino solitário debaixo das pontes do centro da cidade, e lim pava sua

adorada, o sangue negro na lâm ina de sua foice saindo com facilidade enquanto ele passava um

pedaço de cam urça de cim a a baixo.

Ele colocou sua fêm ea de volta nas costas, e só depois pegou o celular. Ao responder, olhou

para seus lutadores que se reuniram e conversavam sobre as lutas da noite no vento frio.

– Quem fala é Xcor, filho de Bloodletter?

Xcor cerrou os dentes, m as não se im portou em corrigir a im precisão. O nom e de Bloodletter

era de valia para a sua reputação.

– Sim . Quem é?

Houve um a longa pausa.

– Não sei se devo lhe dizer.

O tom era aristocrático e tam bém lhe inform ava a identidade daquele que lhe telefonara.

– Você é associado de Elan.

Outra longa pausa e, pelos deuses, aquilo testava a sua paciência. Mas aquela era outra coisa

que m anteria para si.

– Sim , sou. Soube da novidade?

– Sobre?

Quando um terceiro m om ento de silêncio se fez, ele soube que aquilo dem oraria um pouco.

Assobiando para seus soldados, indicou que eles deveriam prosseguir para o arranha-céu deles, a

alguns quarteirões dali.

Um m om ento depois, ele estava no telhado, as raj adas de vento tão m ais fortes no ponto

elevado de sua preferência. Um a vez que a ventania im pedia a conversa, ele se refugiou no

abrigo de algo m ecânico.

– Novidade a respeito de quê? – ele instigou.

– Elan está m orto.

Xcor expôs os dentes e sorriu.

– De fato.

– Não m e parece surpreso.

– Não estou – Xcor revirou os olhos. – Ainda que estej a desolado.

O que era verdade: foi com o perder um a arm a útil. Ou, m ais precisam ente, um a chave de

fenda. Mas essas coisas podem ser substituídas.

– Sabe quem foi o responsável? – o outro exigiu saber.

– Bem , acredito que você saiba, estou certo?

– Foi a Irm andade, claro.

Outro j uízo falso, m as, novam ente, Xcor achou m elhor deixar de lado.

– Diga-m e, está esperando que o *ahvenge*?

– Isso não m e diz respeito – a fala afetada sugeria que o m acho estava m ais preocupado em

não se deparar com o m esm o destino. – A fam ília dele cuidará das rem ediações.

– Com o de direito – quando nada m ais foi dito, Xcor entendeu o que era esperado e necessário.

– Posso lhe garantir duas coisas: a m inha confidencialidade e a m inha proteção. Deduzo que

estivesse presente na reunião na casa de Elan no outono. Minha oposição ao Rei não m udou e

estou deduzindo que este telefonem a o coloque num a posição favorável a m im . Estou correto?

– Não busco poder político nem social.

Tolice.

– Claro que não.

– Estou… preocupado com o futuro da raça e Elan e eu concordávam os nisso. No entanto, eu

não estava de acordo com a tática proposta. Hom icídios são m uito perigosos e, no fim , podem

não resultar no que se desej a.

Au contraire, Xcor pensou. Um a bala na cabeça resolve m uitas coisas…

– A lei é o m eio para derrubar o Rei.

Xcor franziu o cenho.

– Não entendo.

– Com todo o respeito, a lei é m ais forte que a espada. Parafraseando um ditado hum ano.

– As suas referências oblíquas são um desperdício de palavras com igo. Sej a m ais específico,

se não se im portar.

– As Leis Antigas suprem o poder que Wrath exerce. Elas explicam detalhadam ente o dom ínio

unilateral que ele tem sobre tudo o que diz respeito às nossas vidas e à nossa sociedade,

concedendo-lhe rédeas soltas para que ele aj a com o quiser, sem ter que explicar nada a

ninguém .

Motivo pelo qual Xcor desej ava o posto, m uito obrigado.

– Prossiga.

– Não existem restrições para o que ele pode fazer, que cam inhos pode tom ar… Na verdade,

ele tam bém pode m udar as Leis Antigas caso queira, e alterar a estrutura das nossas tradições e

fundam entos.

– Estou bem ciente disso – consultou o relógio. Desde que não ficasse preso ali ao telefone

pelas duas horas seguintes, haveria ainda m uito tem po para lutar. – Talvez queira m arcar um

encontro para conversarm os am anhã à noite…

– Porém , existe um em bargo.

Xcor ficou intrigado.

– Em bargo?

– Ele deve ser capaz de procriar, e eu cito exatam ente, “um herdeiro de sangue puro”.

– E com o isso é relevante? Ele j á está vinculado e, sem dúvida, no futuro…

– A *shellan* dele é m estiça.

Foi a vez de Xcor se calar – e o conselheiro de Elan se aproveitou desse silêncio.

– Sej am os bem francos um com o outro. Existe sangue hum ano na espécie. Ninguém pode

dizer ser absolutam ente de “sangue puro”. Há, porém , um a diferença vital entre um civil se

m isturando ao m aterial genético hum ano e o Rei procriar um filho cuj a m ãe é m estiça…

referido filho que herdará o trono após a sua m orte.

Throe apareceu ao lado do m otor do sistem a de aquecim ento e refrigeração.

– Tudo bem ? – perguntou baixinho.

Xcor abafou o telefone com a m ão.

– Leve os outros para as ruas. Estarei com vocês em seguida.

– Com o preferir – Throe disse com um a breve m esura.

Enquanto o lutador se afastava, o aristocrata do outro lado continuava:

– Existe ansiedade entre os m em bros da classe dom inante, com o você bem sabe. E eu acredito

que se alguém abordar essa questão, ela será m uito m ais eficiente em dem over Wrath, filho de

Wrath, do que qualquer atentado à sua vida. Ainda m ais depois de ele ter feito a dem onstração de

poder na reunião do Conselho da noite passada.

De fato, m uitos se apavoraram e se m ostraram subm issos em seguida, seus desej os

subj ugados pela força física, que foi bem férrea.

A m ente de Xcor com eçou a repassar todas as possibilidades.

– Portanto, diga-m e, cavalheiro, segundo seu parecer, quem deverá sucedê-lo, o senhor?

– Não – foi a resposta cortante. – Sou advogado e, com o tal, valorizo a lógica acim a de tudo.

Neste clim a de inquietação e guerra, som ente um soldado poderia, e deveria, liderar a raça. Elan

era um tolo com suas am bições, e você vinha tirando vantagem disso. Sei disso porque o observei

na casa dele naquela noite durante o outono, você o colocou onde ele queria estar, m esm o ele

acreditando que fosse o contrário. Quero m udanças, sim . E estou preparado para fazer isso

acontecer. Porém , não tenho ilusões quanto à m inha utilidade e não tenho interesse algum que o

destino de Elan se torne o m esm o que o m eu.

Xcor se voltou na direção do topo daquela m ontanha.

– Nenhum rei foi destronado dessa m aneira.

– Nenhum rei j am ais foi destronado.

Bela observação.

Enquanto ele fitava para o nordeste, onde um a estranha perturbação no cenário estava

localizada, ele pensou no Rei com sua rainha… e na Escolhida grávida.

Houve um tem po em que ele preferiria o cam inho m ais sangrento, aquele que seria m arcado

com a satisfação de arrancar o trono de um m oribundo Wrath. Mas aquela guerra de palavras

era… m ais segura. Para a sua fêm ea.

A últim a coisa que ele queria era atacar o lugar em que ela com ia, no qual ela dorm ia… onde

seu estado era tratado.

Fechando os olhos, ele balançou a cabeça para si m esm o. Ah, com o ele caíra… no entanto,

ainda se ergueria, j urou.

– Com o sugere que procedam os? – perguntou asperam ente.

– Secretam ente, a princípio. Preciso organizar os precedentes de m odo que o “sangue puro”

tenha sido m encionado em casos levados adiante para decisões. A vantagem é que existe

discrim inação contra os hum anos há tem pos, e ela era ainda pior no passado… quando era o pai

de Wrath despachando proclam ações e interpretando as leis. Essa será a chave. Quanto m ais

forte o precedente, m ais bem -sucedido isto será.

Quanta ironia. A interpretação do próprio pai de Wrath seria a responsável pela derrocada do

filho.

– O nosso problem a será o próprio Rei. Ele tem que perm anecer vivo… e não pode

reconhecer a fraqueza inerente em seu reino para tentar consertá-la antes que possam os

apresentar essa questão.

– Você enviará um e-m ail para um associado m eu com as passagens relevantes e depois se encontrará com igo.

– Isto levará alguns dias.

– Entendido. Mas espero que m e ligue im ediatam ente.

Enquanto nom es eram trocados, e Xcor dava o endereço de e-m ail de Throe, ele com eçou a

sentir ânim o. E se aquele m acho estivesse certo? O reinado de Wrath term inaria sem m ais

derram am ento de sangue. E, então, Xcor estaria livre para determ inar o futuro da raça: até onde

ele sabia, Wrath não tinha parentes diretos, portanto, quando fosse deposto, ninguém reclam aria o

trono. Ainda que isso não significasse que alguns poderiam se prontificar sabe-se

lá de onde.

No entanto, ele saberia lidar com intrusos. E com o apoio do Conselho? Ele era capaz de

apostar que seria um líder populista – desde que todos andassem na linha.

Wrath não era o único que poderia m udar as leis.

– Não perca tem po com isso – disse Xcor. – Você tem um a sem ana. Não m ais do que isso.

A resposta que lhe foi dada foi gratificante:

– Agirei com a m aior rapidez.

E ora se aquele não era um m odo adorável de encerrar um a ligação.

CAPÍTULO 74

O túnel que ligava a m ansão ao centro de treinam ento era fresco, tranquilo, com luz suave.

Ao passar por ele, Qhuinn estava sozinho e contente por isso. Nada pior do que estar cercado

por pessoas felizes quando você se sente m orto por dentro.

Quando chegou à porta que dava para o fundo do arm ário do escritório, ele digitou um código,

esperou até que a tranca abrisse, depois em purrou a porta para entrar. Um a passada rápida em

m eio a papéis e canetas, e por m eio de outra porta, e ele dava a volta em um a m esa. Logo em

seguida, estava no corredor diante da sala de levantam ento de pesos, m as ele não estava em

busca de se exercitar. Depois do que a Irm andade lhe fizera, ele se sentia duro e

dolorido –

especificam ente nos braços, graças à força em pregada para se sustentar agarrado àquelas

cavilhas.

Caram ba, as m ãos ainda estavam dorm entes e, quando as flexionou, soube o que era artrite

pela prim eira vez na vida.

Seguindo em frente, parou novam ente ao chegar à área da clínica. Quando foi aj eitar as

roupas, percebeu que ainda vestia som ente o m anto.

Não voltaria para se trocar, isso era certo.

Batendo à porta da sala de recuperação, ele cham ou:

– Luchas? Está acordado?

– Pode entrar – foi a resposta rouca.

Ele teve que se preparar antes de entrar. E ficou contente por ter feito isso.

Deitado na cam a com a cabeceira erguida, Luchas ainda parecia estar à beira da extinção. O

rosto do qual Qhuinn se lem brava com o sendo inteligente e j ovem estava m arcado e austero. O

corpo, dolorosam ente m agro. E aquelas m ãos…

Jesus Cristo, as m ãos…

E ele achava que as suas doíam um pouco?

Pigarreou antes de falar:

– Oi.

– Olá.

– Então… hum … Com o você está?

Que pergunta… O cara estava diante de sem anas de recuperação na cam a, e depois m eses de

fisioterapia – e teria sorte se um dia voltasse a segurar um a caneta.

Luchas fez um a careta ao tentar dar de om bros.

– Estou surpreso por você ter vindo.

– Bem , você é o m eu… – Qhuinn se deteve. Na verdade, o cara não era m ais um parente seu.

– Quero dizer…

Luchas fechou os olhos.

– Sem pre fui e sem pre serei sangue do seu sangue. Nenhum pedaço de papel pode m udar isso.

Os olhos de Qhuinn pousaram para a m ão com o anel de sinete.

– Acho que nosso pai discordaria disso.

– Ele está m orto. Portanto, a opinião dele j á não é m ais relevante.

Qhuinn piscou.

Quando ele não disse nada, Luchas abriu os olhos.

– Você parece surpreso.

– Sem querer ofender, m as j am ais pensei ouvir o que acaba de sair dos seus lábios.

O m acho indicou o corpo alquebrado.

– Eu m udei.

Qhuinn se esticou para pegar um a cadeira; enquanto se acom odava, esfregou o rosto. Fora até

ali porque visitar seu antes supostam ente irm ão m orto era a única desculpa rem otam ente

aceitável para sair de um a festa em sua hom enagem .

E passar a noite vendo Blay e Saxton j untos? Isso não iria acontecer.

Só que agora que estava ali, ele não se achava capaz de sustentar qualquer tipo de conversa.

– O que aconteceu com a casa? – perguntou Luchas.

– Hum … nada. Quero dizer, depois… do que aconteceu lá, não a reivindicaram , e eu não tinha

direito a ela. Quando ela passou para Wrath, ele a devolveu para m im , m as vej a, ela é sua.

Nunca entrei lá desde que fui expulso.

– Eu não a quero.

Ok, *isso* era um a surpresa. Enquanto crescia, seu irm ão falava sem parar de tudo o que queria

conquistar quando ficasse m ais velho: a educação, a proem inência social, assum ir do ponto em

que o pai deixaria tudo.

Ele renegando aquilo era com o alguém recusar um trono: inim aginável.

– Você j á foi torturado? – Luchas m urm urou.

A infância dele lhe veio à m ente. Depois, a Guarda de Honra. Mas de j eito nenhum ele

m encionaria nada daquilo.

– Já levei um as surras, sim .

– Aposto que sim . O que acontece depois?

– Com o assim ?

– Com o você volta ao norm al?

Qhuinn flexionou as m ãos doloridas, olhando para os dedos perfeitos apesar de todas as dores

que sentia. Seu irm ão j á não conseguiria m ais contar até dez. Recuperar-se era um a coisa, m as

regeneração era algo totalm ente diferente.

– Não existe m ais norm alidade – ele se ouviu dizer. – Você… m eio que… só segue adiante,

porque isso é tudo o que lhe resta. A parte m ais difícil é ficar perto das pessoas… É com o se elas

estivessem em outra frequência, m as só você sabe disso. Elas falam de suas vidas e o que há de

errado com elas, e você… as deixa falar. É um a linguagem totalm ente diferente, e você tem que

se lem brar de que só pode lhes responder nesse idiom a. É bem difícil se relacionar.

– É, é exatam ente isso – Luchas disse devagar. – Você tem razão.

Qhuinn esfregou o rosto de novo.

– Nunca esperei ter nada em com um com você.

Mas eles tinham . E quando Luchas o encarou, aqueles olhos cinza perfeitam ente com binados

encontraram -se com os ferrados do irm ão, e a conexão estava ali presente. Os dois atravessaram

o inferno, e aquilo era m ais poderoso do que o DNA que partilhavam .

Era tão estranho.

E engraçado; supôs que aquela parecia a noite para ele encontrar um a fam ília em todas as partes.

Exceto onde m ais queria.

Enquanto o silêncio se estendia, com nada além dos bipes das m áquinas de m onitoram ento ao

lado da cam a para rom per a quietude, Qhuinn ficou ali por um bom tem po. Ele e o irm ão não

conversaram m uito, e estava tudo bem . Era aquilo o que ele queria. Ele não estava pronto para

falar de Lay la e do bebê deles, e ele deduzia que Luchas não lhe perguntar a respeito significava

algum a coisa. E ele, certam ente, não abordaria o seu assunto com Blay .

No entanto, era agradável estar ali sentado com o irm ão. Havia algo a respeito das pessoas que

cresciam j untas, aquelas com quem você partilhara a infância, as pessoas das quais você não se

lem bra de um tem po em que não as conhecia. Mesm o que o passado fosse som ente um a

com plicação, conform e envelhece você apenas se sente contente pelos filhos da puta ainda

habitarem o seu planeta.

Isso lhe dá a ilusão de que a vida não era tão frágil quanto na realidade é – e, de

vez em

quando, isso é a única coisa que o faz atravessar as noites.

– É m elhor eu ir para você poder descansar – disse, esfregando os j oelhos para acordar as

pernas.

Luchas virou a cabeça no travesseiro hospitalar.

– Vestido estranho para você, não?

Qhuinn olhou para o m anto negro.

– Ah, este trapo velho? Foi a prim eira coisa que vi para vestir.

– Parece cerim onial.

– Precisa de algum a coisa? – Qhuinn se levantou. – Com ida?

– Estou bem , obrigado.

– Bem , avise se precisar de algo, ok?

– Você é um rapaz decente, Qhuinn, sabia?

O coração de Qhuinn parou e depois bateu forte. Aquela era a frase que o pai sem pre usava

para descrever cavalheiros… era com o um A+ no quesito elogio, o m áxim o de todos, o

equivalente a um abraço de urso e um cum prim ento com a palm a erguida para um cara norm al.

– Obrigado, cara – disse ele, rouco. – Você tam bém é.

– Com o pode dizer isso? – Luchas pigarreou. – Com o, em nom e da Virgem Escriba, pode dizer

isso?

Qhuinn exalou fundo.

– Quer saber? Vou te contar com o isso é possível. Você era o favorito. Eu, um a m aldição.

Estávam os em polos opostos na escala em nossa casa. Mas nenhum de nós teve escolha. Você

não era m ais livre do que eu. Você não teve escolha a respeito do seu futuro. Ele foi determ inado

no seu nascim ento, e de certa form a, os m eus olhos… eles foram o m eu passaporte para sair da

cadeia, porque significava que ele não se im portava com igo. Ele acabou com igo? Sim , m as pelo

m enos eu pude decidir o que queria fazer e para onde queria ir. Você… nunca teve essa

possibilidade. Você não passava de um a equação m atem ática j á resolvida quando foi concebido,

com todas as respostas predeterm inadas.

Luchas fechou os olhos novam ente e estrem eceu.

– Eu fico lem brando tudo. Todos aqueles anos, desde a m inha prim eira lem brança… até a

últim a coisa que eu vi naquela noite quando… – ele tossiu um pouco, com o se seu peito doesse, ou com o se o ritm o do seu coração tivesse vacilado um pouco. – Eu o odiava. Sabia disso?

– Não. Mas isso não m e surpreende.

– Não quero voltar para aquela casa.

– Então não precisa. Mas se quiser… eu vou com você.

Luchas voltou a olhar para ele.

– Verdade?

Qhuinn balançou a cabeça. Mesm o não estando com pressa algum a de andar naqueles

côm odos e dançar com os fantasm as do passado, ele iria lá se Luchas quisesse.

Dois sobreviventes de volta à cena dos crim es que os definiam .

– Sim , verdade.

Luchas deu um sorriso breve, a expressão em nada parecida com aquela que ele costum ava

ter. E isso estava ok. Qhuinn preferia essa àquela. Era honesta. Frágil, porém honesta.

– Vej o você em breve – disse Qhuinn.

– Isso seria… m uito legal.

Virando-se, Qhuinn em purrou a porta e…

Blay estava à sua espera no corredor, fum ando um cigarro enquanto estava sentado no chão.

Enquanto Qhuinn saía pela porta, Blay se pôs de pé e esm agou o Dunhill no copo em que

estivera bebendo. Ele não sabia m uito bem com o o lutador estaria, m as, decerto, não assim : tão

tenso e infeliz, apesar da incrível honra que lhe fora concedida. Pensando bem , passar um tem po

ao lado do leito hospitalar do irm ão não pode ser um evento m uito feliz.

E Blay não era estúpido. Saxton estava de volta à casa.

– Pensei que o encontraria aqui – disse, quando o m acho nem m esm o lhe disse um oi.

Na verdade, os olhos azul e verde de Qhuinn se ocupavam com o corredor, fitando para tudo

quanto é lado, exceto para ele.

– Então… com o está o seu irm ão? – Blay o instigou a falar.

– Vivo.

Pelo visto aquilo era a única coisa que poderiam desej ar por enquanto.

E, ao que tudo levava a crer, essa era a única coisa que Qhuinn estava disposto a dizer. Talvez

ele não devesse ter ido até lá.

– Eu… hum … queria lhe desej ar parabéns.

– Obrigado.

Ok, Qhuinn ainda não estava olhando para ele. Em vez disso, o cara estava concentrado na

direção do escritório, com o se, em sua m ente, ele j á estivesse cam inhando para lá e fazendo

bom uso daquela passagem no arm ário cheio de suprim entos de papel do escritório…

O som de Qhuinn estalando as j untas dos dedos era tão alto quanto tiros. Depois ele flexionou

as m ãos, esticando os dedos, com o se eles estivessem doendo.

– Isso é histórico – Blay foi pegar m ais um cigarro, m as se conteve. – Um a verdadeira

prim eira vez.

– Tem havido m uito disso por aqui – Qhuinn disse com um a ponta de irritação.

– O que isso quer dizer?

– Nada. Não é nada im portante.

Cristo, pensou Blay , ele não deveria fazer aquilo.

– Pode olhar para m im ? Isto é, você vai m orrer se olhar para m im ?

Aqueles olhos descom binados se voltaram .

– Ora, m as eu vi você, pode ter certeza. Acho que o seu m acho está em casa. Vai contar para

ele que andou m e fodendo enquanto ele esteve fora? Ou vai m anter esse segredinho suj o? É,

psssiu, não diga nada ao m eu prim o.

Blay cerrou os dentes.

– Seu santarrão filho da puta.

– Desculpe, m as não sou eu quem tem nam orado…

– Vai m esm o ficar aqui fingindo que foi m uito franco ao nosso respeito? Com o quando Vishous

passou por aquela porta – ele apontou o dedo para o outro lado do corredor –, você não pulou

com o se o seu traseiro estivesse pegando fogo? Quer fingir que esteve todo orgulhoso por estar

transando com um cara?

Qhuinn pareceu m om entaneam ente surpreso.

– Acha que foi por isso? E não, hum , deixe-m e pensar, por tentar respeitar o fato de que você

estava *traindo* o am or da sua vida!

Àquela altura, os dois estavam com os quadris em pinados, as vozes se elevando e sendo

transportadas pelo corredor.

– Ah, m as que idiotice! – Blay cortou o ar com a m ão. – Isso é um a absoluta cretinice! Vej a

bem , esse *sempre* foi o seu problem a. Você nunca quis sair do arm ário…

– Sair do arm ário? Por que, acha que sou gay ?

– Você transa com hom ens! O que acha que isso significa, porra?

– Esse é *você*… *Você* transa com caras. Você não gosta de m ulheres e de fêm eas…

– Você *nunca* foi capaz de aceitar quem você é – Blay gritou – porque tem m edo do que as

pessoas vão pensar! O grande iconoclasta, o senhor Piercing, ferrado pela fam ília! A verdade é

que você é um covarde e sem pre foi!

A expressão de Qhuinn era de absoluta fúria, a ponto de Blay estar pronto para ser socado – e,

inferno, ele queria levar um soco só para poder ter o prazer de esm urrar de volta.

– Vam os deixar as coisas bem claras – Qhuinn bradou. – Você fica com a sua m erda do seu

lado do corredor. E isso inclui o m eu prim o e o fato de você o ter traído.

Blay levou as m ãos para o alto e teve que se conter antes de sair da própria pele.

– Não suporto m ais isso. Não consigo m ais fazer isso com você. Parece que

passei a vida

inteira lidando com as suas m erdas…

– Se eu sou gay , por que você é o único m acho com quem estive?

Blay parou no ato e só ficou olhando para o cara, com as im agens de todos aqueles hom ens

nos banheiros se infiltrando em sua m ente. Pelo am or do que existia de m ais sagrado, ele se

lem brava de cada um deles, m esm o que, sem dúvida, Qhuinn não se lem brasse. Dos seus rostos.

Dos seus corpos. Dos seus orgasm os.

Todos recebendo o que ele desej ara tão desesperadam ente, e lhe fora negado.

– Com o se atreve? – perguntou. – Mas que porra, com o se atreve? Ou acha que eu não sei da

sua história sexual? Tive que testem unhá-la por m uito m ais tem po do que eu queria. E,

francam ente, ela não é tão interessante assim … e nem você é.

Enquanto Qhuinn em palidecia, Blay com eçou a balançar a cabeça.

– Pra m im j á chega. Não aguento m ais… O fato de você não aceitar quem você é vai acabar com o que resta da sua vida, m as isso é problem a seu, não m eu.

Qhuinn praguej ou.

– Nunca pensei que eu fosse dizer isso… m as você não m e conhece.

– Eu não conheço você? Acho que o problem a é outro, idiota. *Você* não *se* conhece.

E com isso, ele esperou algum tipo de explosão, algum a em oção teatral,

absurda, excessiva

em anando do cara.

Nada.

Qhuinn apenas aprum ou os om bros, em pinou o queixo e falou de m odo controlado:

– Passei o últim o ano tentando descobrir quem sou, parando de m entir, tentando…

– Então você desperdiçou 365 noites. Mas, com o todo o resto a esse repeito, o problem a é seu.

Com um xingam ento cruel, Blay se virou e com eçou a se afastar. E não olhou para trás. Não

havia m otivo. Não havia ninguém no corredor para quem ele quisesse olhar.

Caraca, se a definição de insanidade era fazer a m esm a coisa repetidam ente à espera de um

resultado diferente, então ele perdera o j uízo há m uito tem po. Para a sua sanidade m ental, seu

bem -estar em ocional e sua vida, ele precisava deixar tudo isso…

Qhuinn o girou, segurando-o pelo braço, o seu rosto furioso bem diante do dele.

– Não m e deixe falando sozinho assim .

Blay sentiu um a onda de exaustão assolá-lo.

– Por quê? Porque você tem m ais um a coisa para m e dizer? Algum a ideia brilhante que

acabou de ter a respeito de si m esm o que vai fazer todas as peças do quebra-cabeça se

encaixarem ? Algum a confissão que vá estabilizar o navio e fazer tudo ficar m

aravilhoso ao pôr

do sol na praia? Você não tem esse tipo de vocabulário, e eu j á não sou m ais ingênuo.

– Quero que você se lem bre de um a coisa – Qhuinn grunhiu. – Tentei fazer com que as coisas

entre nós dessem certo. Eu nos dei um a chance.

Blay ficou de queixo caído.

– Você nos deu um a *chance*? Está de *brincadeira* com igo? Acha que fazer sexo com igo para

se vingar do seu prim o é um relacionam ento? Acha que algum as sessões secretas consistem num

caso am oroso?

– Era tudo de que eu dispunha – aqueles olhos descom binados perscrutaram o rosto de Blay . –

Eu não estou dizendo que foi um trem endo de um rom ance, m as eu apareci porque eu queria

estar com você do m odo que fosse possível.

– Bem , parabéns. E agora que nós dois experim entam os, posso lhe garantir, com certeza, que

não servim os um para o outro – e enquanto Qhuinn com eçava a discutir, Blay enfiou a m ão no

cabelo e quis arrancá-lo. – Preste atenção, se isso o aj udar a dorm ir durante o dia, e eu custo a

acreditar que isso vá incom odá-lo por m ais do que um a noite, diga a si m esm o que fez o que era

possível, m as que não deu certo. Eu? Eu prefiro a realidade. O que aconteceu

entre m im e você é

exatam ente a m esm a coisa que você fez com todos aqueles aleatórios com quem esteve. Sexo…

apenas sexo. E agora j á chega.

Os olhos de Qhuinn ardiam .

– Você não m e entendeu.

– Então você além de estar em negação está se iludindo.

– As pessoas m udam . Não sou m ais assim , definitivam ente não com você.

Deus… era um triste alívio sentir nada quando aquelas palavras se dirigiram a ele.

– Sabe… houve um tem po em que eu teria caído de j oelhos na sua frente ao ouvir algo assim –

m urm urou. – Mas agora… tudo o que eu vej o é você pulando daquele chão no segundo em que

alguém abriu a porta e nos viu j untos. Você diz que essa reação foi por causa de Saxton e do m eu

relacionam ento? Tudo bem . Mas, estou quase certo… não, estou *totalmente* certo de que, se você

olhar a fundo, vai descobrir que tem m uito m ais a ver com você do que com o seu prim o. Você

se odeia há tantos anos, que não acho que sej a possível am ar alguém ou sequer entender quem

você é. Espero que, um dia, você descubra isso, m as eu não vou fazer parte disso; isso eu

prom eto.

Qhuinn m eneou a cabeça, o franzir em sua testa tão profundo que era com o se um a fenda

tivesse se aberto entre as sobrancelhas.

– Acho que você j á m e decifrou direitinho, não?

– Não é tão difícil assim .

– Só para constar, eu estava apaixonado por você.

– Por três dias, Qhuinn. Três dias. Durante os quais houve dram a suficiente para tornar *Guerra*

e Paz um livro de com édia. Isso não é am or. É um sexo bom com o distração para o fato de que a

vida é um a m erda.

– Eu não sou gay .

– Tudo bem . É bi. Bicurioso. Está experim entando. Tanto faz. Não m e im porto. Não m esm o.

Eu sei quem eu sou e é assim que consigo viver a m inha vida. O seu esquem a é com pletam ente

diferente… e boa sorte com isso. Obviam ente, está funcionando *superbem* para você.

Dito isso, ele se afastou novam ente.

E, dessa vez… Qhuinn o deixou ir.

CAPÍTULO 75

UMA SEMANA MAIS TARDE…

Nesse m eio-tem po, a vida retom ou seu curso, Qhuinn pensou ao subir as calças de couro pelas

coxas, passar a cam iseta pela cabeça e apanhar as arm as e a j aqueta.

Deus, ele custava a acreditar que apenas sete noites antes fora iniciado pela Irm andade.

Parecia um a eternidade.

Saindo do quarto, ele passou diante das estátuas de m árm ore, pelo escritório de Wrath e bateu

à porta de Lay la.

– Entre.

– Olá – disse ele ao entrar. – Com o está?

– Estou ótim a – Lay la se ergueu um pouco na pilha de travesseiros e esfregou o ventre. – Ou

m elhor, *estamos* ótim os. A doutora Jane acabou de passar aqui. Os índices estão perfeitos, e eu

continuo firm e e forte no refrigerante e nas bolachas de água e sal, portanto, estou bem .

– Mas você não deveria com er um pouco de proteína? – m erda, ele não queria que aquilo

tivesse parecido um a exigência. – Não que eu estej a lhe dizendo o que fazer.

– Ah, não, está tudo bem . Para falar a verdade, Fritz grelhou peito de frango para m im e eu

consegui com er, por isso vou tentar fazer isso todos os dias. Contanto que a com ida não tenha

m uito sabor de nada, consigo m antê-la no estôm ago.

– Precisa de algum a coisa?

Os olhos de Lay la se estreitaram .

– Para ser franca, preciso, sim .

– Diga e será seu.

– Fale com igo.

As sobrancelhas de Qhuinn se ergueram .

– Sobre o quê?

– Você – ela em itiu um a im precação exasperada e j ogou de lado a revista que vinha lendo. –

O que está acontecendo? Você anda se arrastando por aí, não fala com ninguém , e todos estão

preocupados.

Todos. Fantástico. Por que diabos ele não m orava sozinho?

– Estou bem …

– Você está bem . Sim , claro.

Qhuinn levantou as m ãos num ato de quase subm issão.

– Ei, ‘pera lá. O que quer que eu diga? Eu m e levanto, trabalho, volto para casa… Você está

bem e o bebê tam bém . Luchas está se recuperando. Faço parte da Irm andade. A vida é ótim a.

– Então por que parece que está de luto, Qhuinn?

Ele teve que desviar o olhar.

– Não estou. Escute, preciso arranj ar algum a coisa para com er antes de…

– Vocêaindaquerobebê?

As palavras de Lay la saíram tão rápidas que o cérebro dele precisou de um tem

po para

decifrar o que ela tinha dito. Depois…

– *O quê?*

Quando as m ãos dela com eçaram a se retorcer com o sem pre fazia quando estava nervosa, ele

se aproxim ou da cam a e se sentou. Abaixando a j aqueta e as arm as, ele tranquilizou os dedos

nervosos dela com os seus.

– Estou *empolgado* com o nosso bebê – a bem da verdade, o bebê dentro dela era a única coisa

que o fazia seguir em frente no m om ento. – Eu j á o am o.

Sim . O bebê era o único lugar seguro para depositar o seu coração, no que lhe dizia respeito.

– Você precisa acreditar nisso – ele disse com veem ência. – Tem que acreditar.

– Está bem , ok, eu acredito – Lay la esticou a m ão e acariciou a lateral do rosto dele,

sobressaltando-o. – Mas, então, o que foi que o quebrou assim , m eu bom am igo? O que

aconteceu?

– Apenas a vida – ele sorriu de leve para ela. – Nada dem ais. Mas não im porta o m eu estado

de hum or, você tem que saber que estou com você nisto.

Os olhos dela se fecharam em sinal de alívio.

– Sou m uito agradecida por isso. E pelo que Pay ne fez.

– Assim com o Blay lock – ele m urm urou. – Não se esqueça dele.

Quanta ironia. O cara o apunhalara no coração, m as tam bém lhe dera um novo.

– Com o é? – ela perguntou.

– Blay lock procurou Pay ne. Foi ideia dele.

– Verdade? – Lay la sussurrou. – Ele fez isso?

– É. Trem endo cara. Um verdadeiro cavalheiro.

– Por que você o está cham ando assim ?

– É o nom e dele, não é? – ele lhe deu um tapinha no braço e se levantou, pegando seus

pertences. – Vou sair. Com o sem pre, estou com o m eu celular, por isso, ligue se precisar de

m im .

A Escolhida pareceu confusa.

– Mas Beth disse que você não estava escalado para o turno de hoj e.

Maravilha. Então ele era m esm o um assunto a ser discutido.

– Eu vou sair – e quando ela pareceu prestes a discutir, ele se abaixou para depositar um beij o

casto em sua testa, na esperança de apaziguá-la. – Não se preocupe com igo, ok?

Ele saiu antes que ela pudesse lançar novo ataque contra as suas defesas. No corredor, ele

fechou a porta e…

Parou de pronto.

– Tohr. Hum … o que foi?

O Irm ão estava recostado na porta de Wrath com o se o aguardasse.

– Pensei que você e eu tivéssem os discutido a escala ontem à noite.

– Sim , discutim os.

– Então o que há com todas essas arm as?

Qhuinn revirou os olhos.

– Vej a bem , não vou ficar aqui preso nesta casa por 24 horas. Isso não vai acontecer.

– Ninguém disse que você tem que ficar aqui. O que *estou* lhe dizendo, de irm ão para irm ão, é

que você *não* vai a cam po hoj e.

– Ah, para com isso…

– Vá ver um m aldito film e se quiser. Vá para um a CVS, m as lem bre-se de levar as chaves do

carro com você desta vez. Vá para um shopping que fique aberto até m ais tarde e entregue a sua

lista ao Papai Noel, não faz diferença para m im . Mas você *não* vai lutar… E antes que continue a

discutir, isso é um a regra para todos nós. Você não é especial. Você não é o único que não vai

sair para lutar. Entendido?

Qhuinn resm ungou baixinho, m as quando o Irm ão levantou a palm a, ele a segurou e assentiu.

Enquanto Tohr se afastava rapidam ente descendo a escadaria principal, Qhuinn quis disparar a

xingar. Um a noite só para si. Eba…

Nada com o ter um encontro com sua depressão.

Inferno, talvez ele devesse ir ao cinem a, colocar alguns adesivos de reposição horm onal e se

alegrar assistindo *A noviça rebelde* pintando as unhas.

Talvez *Flores de aço… Como água para coco…*

Ou seria *Chocolate*?

Pensando bem , talvez fosse m elhor sim plesm ente se dar um tiro na cabeça.

Qualquer um a dessas coisas.

A casa segura da fam ília de Blay ficava no interior, cercada por cam pos cobertos de neve que

ondulavam gentilm ente até o lim ite da floresta. Feita de pedra rolada cor de crem e, a casa não

era grandiosa, m as m uito aconchegante, e a cozinha de últim a geração era a única coisa

m oderna na propriedade.

Era lá que sua m ãe definitivam ente cozinhava o néctar dos deuses.

Enquanto ele e o pai saíam do escritório, a m ão relanceou do fogão de oito bocas. Seus olhos

estavam arregalados e preocupados enquanto ela m exia a panela de cobre em que derretia

queij o.

Sem querer fazer m uito estardalhaço sobre o assunto m onum ental que fora discutido no

côm odo perfilado por livros, Blay levantou o polegar na direção dela e se acom odou à m esa de

carvalho rústica em um dos cantos.

A m ãe levou a m ão à boca e fechou os olhos, ainda m exendo na panela enquanto as em oções

se avolum avam .

– Ei, ei… – o pai disse ao se aproxim ar de sua *shellan*. – Psssiuu.

Virando-a para ele, envolveu-a nos braços e a segurou com força. E m esm o assim ela

continuou a m exer na panela.

– Está tudo bem – ele a beij ou na cabeça. – Ei, está tudo bem …

O olhar do pai o alcançou e Blay teve que piscar rápido. Depois teve que am parar os olhos

rasos de lágrim as.

– Gente! Pelo am or da Virgem Escriba! – o hom em tam bém fungou. – Meu filho lindo,

inteligente, saudável e precioso é gay ; não há nada a lam entar!

Alguém com eçou a rir. Blay acom panhou.

– Não é com o se alguém tivesse m orrido – o pai ergueu o queixo da m ãe e lhe sorriu. – Certo?

– Só estou m uito feliz que tudo foi esclarecido e que estam os j untos – disse ela.

O m acho se retraiu com o se qualquer outro resultado lhe fosse inim aginável.

– A nossa fam ília é forte… não vê isso, m eu am or? Mais do que tudo, isto não é um desafio.

Não é nenhum a tragédia.

Deus, seus pais eram os m elhores.

– Venha cá – o pai o cham ou. – Blay , venha aqui.

Blay se levantou e se aproxim ou. Enquanto os pais o abraçavam , ele respirou fundo e se tornou

a criança que um dia fora: a colônia pós-barba do pai ainda tinha o m esm o cheiro, o xam pu da

m ãe o lem brava de um a noite de verão, e o cheiro da lasanha do forno aguçava o seu apetite.

Com o sem pre.

O tem po era, de fato, algo relativo. Mesm o ele sendo m ais alto e m ais forte, e depois de tantas

coisas terem acontecido, aquela unidade – aquelas duas pessoas – era a sua fundação, sua pedra

fundam ental, seu nunca perfeito, porém j am ais decepcionante, padrão. E, parado ali na proteção

de sua fam ília, dos braços am orosos, ele conseguiu se livrar de toda tensão que sentia.

Fora m uito difícil contar ao pai, encontrar as palavras, rom per a “segurança” que

acom panhava o não correr o risco de ter que reform ular sua opinião sobre o m acho que o criara

e o am ara com o a nenhum outro. Se o cara não o apoiasse, se tivesse escolhido o sistem a de

valores da *glymera* a respeito do seu autêntico eu? Blay seria forçado a enxergar alguém a quem

am ava sob um a perspectiva com pletam ente diferente.

Mas isso não acontecera. E agora? Ele se sentia com o se tivesse pulado de um prédio… e

aterrissado sobre um colchão fofo, seguro e salvo: o m aior teste de sua estrutura fam iliar não só

fora passado, m as com pletam ente vencido.

Quando se afastaram , o pai pousou a m ão no rosto de Blay .

– Sem pre m eu filho. E eu *sempre* terei orgulho de cham á-lo de filho.

Quando ele abaixou os braços, o anel de sinete reluziu na luz do teto, o dourado brilhando. O

padrão que fora gravado no m etal precioso era precisam ente o m esm o no anel de Blay – e

enquanto ele tracej ava os contornos conhecidos, reconheceu que a *glymera* entendera tudo

errado. Todos aqueles tim bres deveriam ser o sím bolo daquele espaço, das uniões que

fortaleciam e m elhoravam as vidas entrelaçadas, dos com prom issos que ligavam m ãe a pai, pai

a filho, m ãe a filho.

Mas, no que m uitas vezes se referia à aristocracia, os valores eram m al colocados, baseados

no ouro e nas gravações, não nas pessoas. A *glymera* se im portava com a aparência das coisas,

em detrim ento da essência delas. Conquanto as coisas parecessem belas no seu exterior, você

poderia m uito bem estar quase m orto ou com pletam ente desprovido debaixo da superfície que

eles estariam em paz com isso.

E no que se referia a Blay ? A com unhão era o que im portava.

– Acho que a lasanha está pronta – disse a m ãe ao beij ar os dois. – Por que não arrum am a

m esa?

Agradável e norm al. Graças a Deus.

Enquanto Blay e o pai se m ovim entavam pela cozinha, pegando talheres, pratos e guardanapos

em tons de verde e verm elho, Blay se sentia m eio tonto. Na verdade, havia um a espécie de

êxtase em revelar tudo e descobrir, por sua vez, que tudo o que ele m ais desej ara era o que, de

fato, ele tinha.

E, m esm o assim , quando se acom odou um pouco depois, sentiu o vazio que o aguardava em

seu regresso, claro com o se ele tivesse apenas pisado brevem ente num a casa aquecida, m as teria

de sair e voltar para o frio.

– Blay ?

Ele se sacudiu e pegou o prato cheio de com ida caseira que a m ãe lhe entregava.

– Hum , parece um a delícia.

– A m elhor lasanha do planeta – disse o pai, ao desdobrar o guardanapo no colo e em purrar os

óculos para o alto do nariz. – Parte de fora para m im , por favor.

– Com o se eu não soubesse que você gosta da parte m ais crocante… – Blay sorriu para os pais

enquanto a m ãe usava a espátula para pegar um dos cantos. – Dois?

– Sim , por favor – os olhos do pai estavam fixos na travessa. – Hum , perfeito.

Por um tem po, não houve outro som que não o deles com endo educadam ente.

– Então nos conte, com o estão as coisas na m ansão? – a m ãe perguntou, depois de um gole de

água. – Algum a novidade?

Blay exalou fundo.

– Qhuinn foi iniciado na Irm andade.

Queixos caindo.

– Que honra – com entou o pai.

– Ele m erece, não? – a m ãe de Blay balançou a cabeça, os cabelos ruivos refletindo a luz do

teto. – Você sem pre disse que ele era um ótim o lutador. E sei com o as coisas foram difíceis para

ele; com o lhe disse na outra noite, aquele garoto partiu m eu coração no instante em que o

conheci.

Então som os dois, pensou Blay .

– Ele tam bém vai ter um filho.

Ok, nessa hora o pai largou o garfo num acesso de tosse.

A m ãe se apressou em bater nas suas costas.

– Com quem ?

– Com um a Escolhida.

Silêncio absoluto. Até a m ãe sussurrar:

– Bem , isso é dem ais.

E pensar que ele m antivera o m aior dos dram as para si.

Deus, a briga que tiveram no centro de treinam ento. Ele a repassou vezes sem conta na

cabeça, lem brando cada palavra despej ada, cada acusação, cada negação. Ele odiou algum as

das coisas que dissera, m as m antinha firm e o ponto de vista que estava tentando provar.

Caram ba, a form a de ter dito poderia ter sido um pouquinho m elhor, porém . Essa parte ele de

fato lam entava.

Contudo, não havia com o se desculpar. Qhuinn praticam ente desaparecera. O lutador nunca

m ais esteve presente no horário das refeições, e se estava se exercitando, não era durante o

horário diurno no centro de treinam ento. Talvez ele estivesse se consolando no quarto de Lay la.

Quem haveria de saber?

Enquanto Blay repetia o prato, pensou em quanto aquele tem po j unto à fam ília e a aceitação

deles significavam . E se sentiu um cretino de novo.

Deus, perdera a cabeça de tal form a, a ruptura chegando finalm ente depois de

anos de dram a

de lá pra cá.

E não havia volta, ele pensou.

Ainda que, na verdade, j am ais tivesse havido.

CAPÍTULO 76

– Olá?

Enquanto Sola esperava pela resposta da avó do andar de cim a, ela apoiou um pé no degrau de

baixo e se inclinou sobre o corrim ão.

– Está acordada? Já cheguei.

Olhou para o relógio. Dez da noite.

Que sem ana… Ela aceitara um trabalho com o detetive particular para um a das grandes

em presas de advocacia especializada em divórcio de Manhattan, cuj o advogado suspeitava que a

própria esposa o traía. No fim , a m ulher o estava traindo m esm o, com duas pessoas para falar a

verdade.

O trabalho levara noites e m ais noites, e quando, por fim , ela conseguira entender os detalhes

das idas e vindas, pronto, fazia seis dias que estivera afastada.

Porém , esse tem po longe fora bom . E a avó, com quem falara todos os dias, não lhe contara

sobre nenhum a outra visita inesperada.

– Está dorm indo? – cham ou, m esm o sabendo que era estupidez. A m ulher j á teria respondido

se estivesse acordada.

Ao recuar e voltar para a cozinha, seus olhos partiram direto para a j anela sobre a m esa.

Assail esteve em sua m ente sem cessar – e ela sabia que, de certa form a, aquele proj eto na

Grande Maçã tivera m uito m ais a ver com colocar um a distância entre eles do que qualquer

necessidade prem ente de ganhar dinheiro ou alavancar a sua carreira com o detetive.

Depois de tantos anos cuidando de si e da avó, o m odo descontrolado com o se sentia ao redor

dele não era bem -vindo. Ela não tinha nada a não ser ela m esm a naquele m undo. Nunca fora

para a faculdade; não tinha pais; e a m enos que trabalhasse, ela não teria dinheiro. E tam bém era

responsável pela senhora de oitenta anos com contas m édicas e m obilidade em declínio.

Quando se é j ovem e se vem de um a fam ília norm al, é perm itido perder a cabeça com um

rom ance fadado ao fracasso porque existe um a rede de proteção.

Naquele caso, Sola *era* a rede de proteção.

E ela rezava para que após um a sem ana sem nenhum contato…

A pancada veio pelas costas, bem direto na parte de trás da cabeça, o im pacto fazendo-a cair

de j oelhos. Ao bater no piso, ela deu um a bela olhada nos calçados do seu agressor: m ocassins,

m as não luxuosos.

– Pegue-a – disse um hom em em tom baixo.

– Prim eiro, preciso revistá-la.

Sola fechou os olhos e ficou parada enquanto m ãos ásperas a viravam e a apalpavam , a parca

sendo m anipulada, a cintura da calça sendo repuxada em seus quadris. A pistola foi confiscada

com seu iPhone e a faca…

– Sola?

Os hom ens ficaram im óveis, e ela lutou contra o instinto para tirar vantagem da distração para

tentar assum ir o controle da situação. O problem a era a avó. O m elhor seria fazer aqueles

hom ens saírem da casa antes de m achucar a anciã. Sola lidaria com eles para onde quer que a levassem . Mas se a avó estivesse envolvida…

Alguém com quem ela se im portava poderia m orrer.

– Vam os tirá-la daqui – o da esquerda sussurrou.

Enquanto a suspendiam , ela perm aneceu largada, m as entreabriu um olho. Am bos usavam

m áscaras de esqui com buracos para os olhos e para a boca.

– Sola! O que está fazendo?

Vam os, idiotas, ela pensou enquanto eles brigavam com os braços e as pernas dela. Mexam -

se…

Bateram -na contra um a parede. Quase derrubaram um abaj ur. Praguej aram alto o bastante

para perm itir que os ouvissem enquanto carregavam o peso m orto dela pela sala de estar.

Bem quando ela estava prestes a voltar à vida só para aj udá-los a sair dali, eles chegaram à

porta de entrada.

– Sola? Eu vou descer…

Orações se form aram em sua m ente, desenrolando-se em conhecidas e velhas palavras de

toda um a vida. A diferença nessa recitação era que elas não eram em vão – ela precisava

desesperadam ente que a avó, pelo m enos um a vez, fosse devagar. Para que não chegasse

em baixo antes de eles estarem fora da casa.

Por favor, Deus…

O ar frio que a atingiu foi um a boa notícia. Assim com o a velocidade súbita com que os

hom ens ganharam ao carregá-la até o carro. Bem com o o fato de eles a colocarem no porta-

m alas sem am arrarem -na nos pés e nas m ãos. Sim plesm ente a j ogaram ali e saíram em

disparada, os pneus girando em falso sobre o gelo até que a tração fosse conquistada e o

m ovim ento para a frente obtido.

Ela não enxergava coisa algum a, m as sentiu as viradas que faziam . Esquerda. Direita.

Enquanto ela rolava de um lado para o outro, usou as m ãos em busca de algo que pudesse usar

com o arm a.

Sem sorte.

E estava frio. O que lim itaria suas reações e força se aquela fosse um a viagem longa. Ainda

bem que não tirara a parca.

Cerrando os dentes, ela se lem brou de que j á estivera em situação pior.

De verdade.

Merda.

– Prom eto não bater.

Enquanto estava na cozinha esperando que Fritz argum entasse, Lay la term inava de abotoar o

casaco de lã que Qhuinn lhe dera no com eço do m ês.

– E não vou dem orar m uito.

– Então eu posso levá-la, senhora – a voz do velho *doggen* se anim ou, as sobrancelhas brancas

e volum osas se erguendo em sinal de otim ism o. – Posso levá-la para onde quiser…

– Obrigada, Fritz, m as só vou dar um a volta. Sem destino.

Na verdade, estava ficando louca por ter que ficar em casa, e depois das boas notícias do m ais

recente exam e de sangue da doutora Jane, ela resolvera que precisava sair um pouco.

Desm aterializar-se não era um a opção, m as Qhuinn a ensinara a dirigir – e a ideia de se sentar num carro quentinho, sem nenhum lugar para ir… livre e sozinha… parecia o paraíso absoluto.

– Talvez eu deva ligar…

Ela o interrom peu.

– As chaves. Obrigada.

Ao esticar a m ão, ela cravou o olhar no m ordom o e o sustentou, fazendo a exigência do m odo

m ais gentil, porém firm e, que conseguia. Engraçado, houve um tem po, antes da gravidez, em

que ela teria cedido e desistido ante o desconforto do *doggen*. Não m ais. Estava com eçando a se

acostum ar a se defender, a defender o filho e o pai dele, m uito obrigada…

Passar pelo inferno de quase perder aquilo que ela tanto queria a redefinira de m odos que ela

ainda estava tentando com preender.

– As chaves – repetiu.

– Sim , claro, é pra j á – Fritz se apressou para a m esinha no fundo da cozinha. – Aqui estão.

Quando ele voltou e lhe apresentou um sorriso tenso, ela pousou um a m ão em seu om bro,

ainda que isso o em baraçasse ainda m ais.

– Não se preocupe. Não vou longe.

– Está com o telefone?

– Sim , estou – ela o pegou do bolso do casaco. – Viu?

Depois de acenar em despedida, ela saiu para a sala de j antar e acenou para a equipe que j á

preparava o côm odo para a Últim a Refeição. Cruzando o átrio, ela se viu cam inhando m ais

rápido ao se aproxim ar da entrada.

Em seguida, ela estava com pletam ente fora da casa.

Do lado externo, parada no alto das escadas, inspirou fundo o ar gélido que era um a bênção, e

olhou para a noite estrelada, sentindo um a onda de energia.

Por m ais que quisesse sair correndo escada abaixo, no entanto, tom ou cuidado ao descer, e

tam bém ao cruzar o pátio. Ao dar a volta pela fonte, apertou o botão do controle, e as luzes do

gigantesco carro preto piscaram para ela.

Santa Virgem Escriba, perm ita que a coisa não fique destruída.

Colocando-se atrás do volante, ela em purrou o banco para trás porque, evidentem ente, o

m ordom o fora o últim o a dirigir. Depois, ao colocar o controle no console e apertar o botão da

ignição, fez um a pausa.

Ainda m ais quando o m otor pegou e com eçou a roncar.

Estaria m esm o fazendo aquilo? E se…

Detendo aquele espiral, m oveu a alavanca próxim a à m ão direita para cim a e olhou para a

tela no painel para se certificar de que não havia nada atrás dela.

– Vai ficar tudo bem – disse para si m esm a.

Tirou o pé do freio e o carro se m oveu lentam ente para trás, o que era bom . Infelizm ente, ele

foi na direção oposta à desej ada e ela teve que m over o volante.

– Caram ba.

Em seguida, um pouco de ré e prim eira m archa, ela pilotando um a série de acelerações e

paradas até que a frente circular e ornam entada do carro estivesse apontando para a estrada que

descia a m ontanha.

Um a últim a olhada para a m ansão e ela, a passo de caram uj o, descia a colina, m antendo-se à

direita conform e ensinado. Ao seu redor, o cenário estava borrado, graças ao *mhis*, e ela estava pronta para se ver livre dele. Visibilidade era algo que alm ej ava desesperadam ente.

Quando chegou à estrada principal, ela seguiu para a esquerda, coordenando a virada do

volante com a aceleração a fim de dem onstrar um pouco de ordem aparente. Em seguida, m as

que surpresa, tudo correu m uito bem : a Mercedes, ela achava que era assim que o veículo se

cham ava, era tão firm e e confiável que ela quase se sentia à vontade para se recostar e assistir

ao film e do cenário que passava ao seu lado.

Claro que a sua velocidade não passava de dez quilôm etros por hora.

E o ponteiro do m ostrador ia até duzentos e cinquenta!

Hum anos tolos e sua velocidade. Pensando bem , se aquele era o único m odo com o podiam se

deslocar, ela entendia o valor da pressa.

A cada quilôm etro transposto, ela ganhava confiança. Usando o m apa do painel para se

orientar, m anteve-se bem distante do centro da cidade e da autoestrada. As terras cultivadas

eram um a boa ideia – m uito espaço para parar e não m uitas pessoas passando, ainda que, vez ou

outra, um carro aparecesse no m eio da noite, os faróis aum entando e ultrapassando-a.

Dem orou um pouco para ela perceber para onde estava indo. E quando percebeu, ordenou-se

a dar m eia-volta.

Não fez isso.

Na verdade, surpreendeu-se em ver que sabia m uito bem para onde estava indo, no final das

contas: suas lem branças deveriam ter esm aecido desde o outono, com a passagem dos dias, e

esses eventos pareciam obscurecer ainda m ais a localização que ela procurava. Nada disso

aconteceu. Mesm o a estranheza de estar em um carro e ter que se restringir a estradas não

dim inuiu o que ela via em sua m ente… ou aonde as suas lem branças a estavam levando.

Ela encontrou a cam pina que vinha buscando vários quilôm etros além do com plexo.

Estacionando na base, fitou a subida gradual. A grande árvore de bordo estava precisam ente

onde esteve antes, o seu tronco am plo e os galhos arteriais m enores sem nenhum a folha que

antes form ava um dossel colorido.

Entre um piscar de olhos e o seguinte, ela visualizou o soldado abatido que antes esteve deitado

no chão próxim o às raízes, lem brando-se de tudo a respeito dele, desde os braços pesados até os

olhos azuis-escuros e o m odo com o ele a recusara.

Inclinando-se para a frente, ela apoiou a cabeça no volante. Bateu um a vez. Repetiu o gesto

um a segunda vez.

Não só era insensato encontrar qualquer tipo de galanteria naquela negação, com o tam bém

m uito perigoso.

Além disso, sentir em patia pelo inim igo era um a violação de todo o padrão de com portam ento

que ela sem pre teve para si.

Todavia… sozinha no carro, com nada além dos seus pensam entos com quem discutir, ela

descobriu que seu coração ainda estava com o m acho que, por todo direito e m

oral, ela deveria

odiar fervorosam ente.

Aquela era um a situação m uito triste, sim , verdadeiram ente triste.

CAPÍTULO 77

Trez ganhou na loteria lá pelas dez e m eia da noite.

Ele e iAm receberam quartos um de frente para o outro no terceiro andar da m ansão, do lado

oposto à suíte restrita que abrigava a Prim eira Fam ília. Seus aposentos eram m aravilhosos, com

banheiros anexos e im ensas cam as m acias, e antiguidades e obj etos da realeza em quantidade

suficiente para causar invej a a qualquer m useu.

Mas o que tornava as acom odações verdadeiram ente incríveis era o teto sob o qual estavam .

E não porque as telhas eram um a fortuna que m antinham as forças da natureza do lado de

fora.

Inclinando-se para perto do espelho sobre a pia, Trez deu um a aj eitada na cam isa de seda

preta. Alisou o rosto para ver se o seu barbear fora m eticuloso o bastante. Arrum ou a cintura das

calças pretas.

Relativam ente satisfeito, ele concluiu o seu ritual de se vestir. Em seguida, o coldre. Preto, para

não aparecer. E o par de .40 que ele portava debaixo dos braços estava bem

escondido.

Norm alm ente ele fazia o tipo j aqueta de couro, m as na últim a sem ana vinha usando o casaco

de lã de peito duplo que iAm lhe dera há diversos anos. Passando-o pelos braços, ele puxou as

m angas, e m exeu os om bros para frente e para trás, até que a costura estivesse bem aj eitada.

Recuando um passo, olhou-se no espelho. Nenhum a evidência de arm as. E naquela roupa

alinhada, não havia com o saber que o seu negócio era lidar com álcool e prostitutas.

Fitando os olhos no espelho, desej ou estar num ram o m elhor. Algo de m ais classe, com o…

analista político ou professor universitário… ou físico nuclear.

Claro, tudo aquilo era um m onte de asneira hum ana para o qual ele não dava a m ínim a. Mas,

por certo, ganhava do que ele de fato fazia para viver.

Consultando seu relógio Piaget – que não era o que ele usava de costum e –, soube que não

poderia esperar m ais. Foi para o quarto verm elho, com suas cortinas de veludo pesadas e paredes

adam ascadas de seda, as passadas sem produzir som algum sobre o Bukhara que recobria o piso.

Sim , dada a sua m ais recente… predileção… ele gostou de com o se sentia naquela decoração,

naquelas roupas, com seu m odo de pensar.

Claro, a ilusão seria rom pida no segundo em que pisasse na boate, m as era ali que a sua

aparência contava.

Ou… poderia contar.

Pelo am or de Deus, ele esperava que, por fim , contasse.

A sua Escolhida, aquela que ele conhecera nos Grandes Cam pos de Rehv, e que vira na noite

em que ali chegara, não esteve por perto. Portanto, de certo m odo, ele pensou, ao sair do quarto,

que toda aquela arrum ação não valera de m uita coisa.

No entanto, era otim ista. Em m eio a um a série de conversas orquestradas com diversos

m em bros da casa, ele descobrira que a Escolhida Lay la que viera servindo às necessidades de

sangue dos caras, não poderia m ais fazê-lo por estar grávida.

Evento abençoado esse.

Portanto, a Escolhida Selena…

Selena. Que lindo nom e ela tinha…

De qualquer form a, a Escolhida Selena estivera vindo até ali para cuidar desse assunto, e isso

significava que, cedo ou tarde, ela teria de voltar. Vishous, Rhage, Blay , Qhuinn e Saxton todos

tinham de se alim entar com regularidade, e a j ulgar pelo m odo com o os caras vinham lutando

nas últim as noites, eles precisariam de um a veia.

O que significava que *ela* teria que aparecer.

Só que… m aldição. Ele não poderia dizer que gostava do m otivo. A ideia de alguém tom ar a

veia dela m eio que o fazia querer dar um a de Ginsu ou algo sem elhante.

Levando-se tudo em consideração, a sua obsessão era um tanto triste, particularm ente em sua

m anifestação: todas as noites durante a últim a sem ana, ele se dem orou durante a Prim eira

Refeição, aguardando, parecendo casual, conversando com o m aldito Lassiter – que, na verdade,

não era um cara tão ruim depois que você o conhecia m elhor. A verdade era que aquele anj o

era um a fonte de inform ações sobre a casa e tão ligado na TV que nem parecia se dar conta de

quantas perguntas lhe eram feitas a respeito das fêm eas. Do Prim ale. Se havia algum tipo de

relacionam ento acontecendo, com alguém além dos casais vinculados.

Parando ao lado do com putador, ele desligou o *The Howard Stern Show*, pondo um fim a um

novo round de blá-blá-blá; depois saiu do quarto, passando ao lado da parede em arco que se

retraía toda vez que Wrath ou Beth queria entrar ou sair dos aposentos privados. Chegando às

escadas acarpetadas, apareceu na ponta do corredor das estátuas.

Ou corredor dos caras de bunda de fora, com o ele pensava sobre o lugar.

Indo para a direita, passou diante do escritório do Rei, que estava fechado, e

desceu a

escadaria principal até aquele vestíbulo incrível. No m eio do cam inho, ele olhou para o relógio,

desej ando não ter que sair. No entanto, negócios eram negócios e…

Ele estava a m eio cam inho até o piso de m osaico abaixo quando a fêm ea que ele tanto

desej ava encontrar saiu da sala de bilhar e seguia na direção da biblioteca.

– Selena – ele a cham ou, indo até a balaustrada e se recostando em todo aquele ouro.

Enquanto ele olhava por sobre o corrim ão, ela levantou a cabeça e seus olhos se encontraram .

Tum. Tum. Tum.

Seu coração era com o um canto de guerra dentro do peito, e as m ãos autom aticam ente foram

para o casaco, para garantir que a frente continuasse fechada. Afinal, ela era um a fêm ea de

valor – e ele não queria assustá-la com as suas arm as.

Ah, caram ba, com o ela era linda.

Com o cabelo escuro torcido na altura da nuca e seu m anto diáfano cobrindo o corpo, ela era

preciosa e gentil dem ais para estar perto de qualquer coisa violenta.

Ou algo com o ele.

– Olá – ela o cum prim entou com um sorriso delicado.

Aquela voz. Jesus do céu, aquela voz…

Trez desceu correndo.

– Com o está? – perguntou quase derrapando ao parar diante dela.

Ela fez um a pequena m esura.

– Muito bem .

– Isso é bom . Muito bom . Então… – m erda. – Você vem sem pre por aqui?

Ele queria se acertar na cabeça. Aquilo por acaso era um bar? Droga…

– Quando sou cham ada, sim – a cabeça dela se inclinou para o lado, os olhos se estreitaram . –

Você é diferente, não é?

Ao olhar para a pele escura das m ãos, ele sabia que ela não estava se referindo à sua cor.

– Não tão diferente.

Ele tinha presas, por exem plo, que queriam m order. E… outras coisas. Que por acaso

poderiam ficar enrij ecidas só por estarem na presença dela.

– O que você é? – o olhar dela era firm e e determ inado, com o se o estivesse analisando em

algum nível além da audição e da visão. – Não consigo… determ inar.

Ela não é para você.

Quando a voz do irm ão surgiu, ele a deixou de lado.

– Sou um am igo da Irm andade.

– E do Rei, ou não estaria aqui.

– Isso m esm o.

– Você luta com eles?

– Se eles m e cham am .

Agora os olhos dela reluziam com respeito.

– Isso é m uito digno – ela se curvou novam ente. – O seu trabalho é m uito louvável.

O silêncio recaiu sobre eles, e enquanto ele quebrava a cabeça para arranj ar algum a coisa,

qualquer coisa, ele se lem brou do m otivo de toda aquela m erda que vinha fazendo. Bem , aquilo

ele sabia fazer m uito bem sem nenhum tipo de aviso. Agora, conversa educada? Era um tipo de

idiom a com pletam ente desconhecido.

Deus, ele odiava pensar naquilo perto dela.

– Você está bem ? – perguntou-lhe a Escolhida.

E foi nesse instante em que ela o tocou. Esticando a m ão, ela a pousou em seu antebraço –

m esm o sem ter contato pele a pele, seu corpo sentiu um a ligação se espalhar, os braços e as

pernas ficando im óveis, a m ente pairando num estado latente, com o se estivesse em transe.

– Você é… incrivelm ente linda – ele se ouviu dizer.

As sobrancelhas da Escolhida se ergueram .

– Só estou sendo honesto – ele m urm urou. – E tenho que lhe dizer… eu venho esperando para

vê-la a sem ana inteira.

A m ão dela, aquela que o tocava, retraiu-se e foi para o colarinho do m anto, fechando as

lapelas.

– Eu…

Ela não é para você.

Enquanto o em baraço dela acabava com ele, Trez baixou as pálpebras, e um a sensação do tipo

“que diabos você estava pensando” o atingiu em cheio. Pelo que ele sabia sobre as Escolhidas da

Virgem Escriba, elas eram do tipo m ais puro e virtuoso de fêm ea que havia no planeta. O polo

oposto das suas “acom panhantes” m ais recentes.

O que ele achava que aconteceria se com eçasse a passar cantadas nela? Que ela pularia nele,

enlaçando-o com as pernas?

– Desculpe – disse ela.

– Não, escute, sou eu quem tem que se desculpar – ele recuou um passo, porque, ainda que ela

fosse alta, devia ter um quarto do seu tam anho, e a últim a coisa que ele queria era que ela se sentisse acossada. – Eu só queria que soubesse.

– Eu…

Maravilha. Toda vez que um a fêm ea precisa de tem po para encontrar as palavras certas, você

sabe que pisou na bola.

– Desculpe – ela repetiu.

– Não, está tudo bem . Sério – ele levantou um a m ão. – Não se preocupe com isso.

– É só que eu…

Amo outra pessoa. Sou comprometida. Não estou nem um pouco interessada em você.

– Não – ele a interrom peu, não querendo ouvir os detalhes. Eles eram apenas vocabulário para

o inevitável. – Está tudo bem . Eu entendo…

– Selena – um a voz à esquerda cham ou.

Era de Rhage. Merda.

Enquanto a cabeça dela se voltava para aquela direção, a luz atingiu a face e os lábios num

ângulo diferente, e ela ficou ainda m ais linda, claro. Ele poderia encará-la para sem pre…

Holly wood se inclinou para fora do arco da entrada da biblioteca.

– Estam os prontos para você… Ei, oi cara.

– Oi – Trez o cum prim entou. – Tudo bem ?

– Ótim o. Só precisam os cuidar de um a coisinha.

Maldito. Bastardo. Cret…

Trez esfregou o rosto. Certo. Ok. Não havia espaço naquela casa im ensa para aquele tipo de

agressão, ainda m ais no que se referia a um a fêm ea que ele encontrara apenas duas vezes na

vida. Que não queria conhecê-lo. Enquanto ela realizava o seu trabalho.

– Estou de saída – inform ou ao Irm ão. – Volto antes do am anhecer.

– Entendido, cara.

Trez acenou para Selena quando ela com eçou a se afastar, dirigindo-se para o vestíbulo e

desm aterializando até o centro da cidade – que era onde pertencia.

Ele não conseguia acreditar que esperara um a sem ana por aquilo; e ele devia ter im aginado

que term inaria assim .

Sentindo-se um tolo, ele retom ou a form a atrás do Iron Mask, nas som bras do estacionam ento.

Mesm o lá atrás, ele j á ouvia a batida grave da m úsica, e ao se aproxim ar da porta dos fundos,

com a tinta descascada e a m açaneta m uito usada, ele sabia que seu m au hum or era um a

com plicação com a qual teria de lidar com cautela pelas próxim as seis ou oito horas.

Hum anos + álcool × desej o de m atar = contagem de corpos.

Nada em que ele e seus associados tivessem interesse.

Do lado de dentro, ele foi direto para o escritório e arrancou sua fantasia de Halloween de

legitim idade, tirando o casaco chique, bem com o a cam isa de seda, ficando só de cam iseta preta

e as belas calças sociais.

Xhex não estava no escritório, então ele apenas acenou para as garotas que estavam se

preparando para trabalhar no vestiário e saiu para a terra da grande im undície.

A boate j á estava bem cheia, e todos vestiam roupas pretas e j ustas, cultivando um a expressão

de aborrecim ento – am bas acabariam se perdendo enquanto o tem po atuava em seus fígados

digerindo a m istura de bebidas que ingeriam e as drogas que tom avam .

– Oi, paizinho – um a delas lhe disse.

Olhando para baixo, ele percebeu um a coisinha curvilínea encarando-o. Com os olhos com

m aquilagem tão preta que ela m ais parecia estar de óculos escuros, e um bustiê agarrado, ela

m ais parecia um anim ê vivo.

Tédio.

– Eu sou *blá-blá-blá*. Você vem sem pre aqui? – ela deu um a chupada no canudo verm elho do

drinque dela. – *Blá-blá-blá* estudante universitária *blá-blá-blá* psicologia. *Blá-blá-blá*?

Pelo canto do olho, ele viu parte da m ultidão se m over, com o se estivessem se afastando de

um leão de chácara ou, quem sabe, de um a bola de dem olição.

Era Qhuinn.

Parecendo tão m al-hum orado quanto Trez se sentia.

Trez acenou para o cara, e o lutador retribuiu o aceno enquanto seguia para o bar.

– Uau, você o conhece? – perguntou a estudante universitária. – Quem é ele? *Blá-blá-blá*

ménage à trois, quem sabe, *blá-blá-blá*?

Enquanto ela falava com o se fosse um a garotinha bem safada, Trez a avaliou de cim a a baixo.

Por m uitos m otivos, o prato de *hors d'oeuvres* sendo oferecido era totalm ente im palatável.

– *Blá-blá-bláblábláblá* – risadinhas. Quadril gingando. – *Blá*?

De m odo m eio em baçado, Trez estava ciente de sua cabeça se m exendo, e eles estavam se

m ovendo para um a parte escura. A cada passo que dava, outra parte sua se fechava, desligava-

se, saía em hibernação. Mas ele não conseguia se deter. Ele era um viciado esperando que a

próxim a dose fosse tão boa quanto a prim eira – e que lhe trouxesse o m aldito alívio de que tanto

precisava.

Mesm o ele sabendo que isso não aconteceria.

Não naquela noite. Não com ela.

Em nenhum a parte de sua vida.

Provavelm ente nunca, j am ais.

Mas, às vezes, você sim plesm ente tinha de fazer algum a coisa, ou acabaria enlouquecendo.

– Diz que m e am a? – a garota lhe pediu ao se pressionar contra o corpo dele. – Por favoooor…

– Claro – respondeu ele, m eio entorpecido. – Isso m esm o. O que você quiser.

Tanto faz.

CAPÍTULO 78

Xcor cruzou as m ãos e as apoiou sobre o tam po lustroso da m esa. Ao seu lado, Throe falava

baixo; ele próprio perm anecera calado desde que tiraram o peso dos pés naquelas cadeiras

com binando.

– Isto parece m uito persuasivo – seu soldado virava outra página de um a pilha de docum entos

que lhe fora oferecida. – Muito persuasivo m esm o.

Xcor olhou para o anfitrião deles, do lado oposto da m esa. O advogado da *glymera* tinha a

constituição de um panfleto, tão m agro que alguém haveria de im aginar se deitado ele

apresentava algum tipo de verticalidade. Ele tam bém se expressava com um a perfeição

exaustiva, seus parágrafos verbais em fontes pequenas e repletos de palavras com plicadas.

– Diga-m e, qual a abrangência deste resum o? – perguntou Throe.

Os olhos de Xcor se fixaram nas estantes. Elas estavam lotadas de volum es de couro, e ele

acreditava que o cavalheiro tivesse lido cada um deles. Talvez duas vezes.

O advogado se lançou em m ais um cruzeiro bem pensado e articulado na língua inglesa:

– Eu não o teria entregado a vocês dois sem ter m e certificado de que todos os esforços

tivessem sido…

Em outras palavras, sim , Xcor com pletou m entalm ente.

– O que não vej o aqui – Throe virou m ais páginas – é qualquer anotação de um a opinião

contrária.

– Isso porque não fui capaz de encontrar nenhum a. O term o “sangue puro” foi usado em

apenas dois contextos: no que se refere à linhagem , do filho de um m acho ou de um a fêm ea de

sangue puro, e no da identidade racial. No transcorrer do tem po, houve algum a dissolução da

carga genética num âm bito am plo, algum a contam inação por parte dos hum anos e, m esm o

assim , indivíduos com distante sangue de *Homo sapiens* ainda foram considerados sangue puro

pela lei desde que passassem pela transição. Agora, claro, esse não é o caso com o filho de um

hum ano com um vam piro. Isso caracteriza um verdadeiro m estiço. E esses indivíduos, m esm o

que sobrevivam à transição, historicam ente receberam um tratam ento diferenciado pela lei, com

m enos direitos e privilégios do que os outros civis. A preocupação, portanto, é de que com o a

shellan do Rei é m estiça, existe um a chance de que um filho m acho deles possa não sobreviver à

transição.

Throe franziu a testa com o se estivesse considerando as im plicações.

– Mas dentro de 25 anos, saberem os se isso é ou não verdade, e o casal real pode tentar ter

m ais de um filho.

Xcor interveio acidam ente:

– Você está pressupondo que estarem os neste planeta em duas décadas e m eia. Neste

com passo, j á estarem os quase extintos.

– Precisam ente – o advogado inclinou a cabeça na direção de Xcor. – Sob um a perspectiva

prática, ser um quarto hum ano pode ser suficiente para im pedir que a transição ocorra; houve

incidentes docum entados disso e estou certo de que Havers poderia nos fornecer m ais exem plos.

Além disso, existe m uito receio entre as pessoas da m inha geração de que um filho com um vínculo tão próxim o aos hum anos de fato possa preferir se casar com um a de sua espécie… Isto

é, sair à procura de alguém que não sej a da nossa espécie. Nesse caso, nós poderíam os ter um a

rainha hum ana e isso é – o m acho m eneou a cabeça em sinal de desgosto – absolutam ente

inadm issível.

– Portanto, existem duas questões aqui – Xcor se recostou e a cadeira rangeu sob o seu peso. –

O precedente legal e as im plicações sociais.

– De fato – o advogado m ais um a vez balançou a cabeça. – E eu creio que os tem ores sociais

podem m uito bem ser aproveitados para preencher as áreas cinzentas ao redor da porção

relevante da lei no que se refere ao filho do Rei.

– Concordo – Throe disse ao fechar os papéis. – A questão é: com o procedem os?

Quando Xcor abriu a boca para falar, um a estranha vibração o perpassou, interferindo em seu

processo de pensam ento, o corpo se tornando um diapasão em algum a m ão invisível.

– Gostaria de rever a docum entação? – o advogado lhe perguntou.

Com o se ele pudesse, Xcor pensou am argam ente. Na verdade, haveria de se im aginar o que o

m acho letrado pensaria se soubesse que o cabeça era absolutam ente analfabeto.

– Já estou convencido – ele se levantou, pensando que talvez um a esticada poderia curar aquilo

que o afligia. – E penso que essa inform ação deva ser partilhada com os m em bros do Conselho.

– Tenho contatos suficientes para convocar os *princeps*.

Xcor se aproxim ou de um a j anela e olhou para fora, deixando seus instintos soltos. Seria a

Irm andade?

– Faça isso – disse ele distraído enquanto o entoar em seu íntim o aum entava, criando um a

necessidade im possível de se ignorar…

Sua Escolhida…

A sua Escolhida saíra do com plexo e estava perto…

– Preciso ir – disse apressado ao seguir para a porta. – Throe, conclua a reunião.

Houve certa com oção atrás dele, a conversa entre os dois que ficaram para trás, sobre a qual

ele pouco se im portava. Passando pela porta da frente, ele observou as terras cultivadas ao seu

redor…

E localizou o sinal.

Entre um batim ento cardíaco e o seguinte, ele desapareceu, o corpo atraído pela fêm ea assim

com o um ladrão m oribundo se atraía pela redenção.

No Iron Mask, no centro da cidade, Qhuinn foi até o bar e estacionou num a das banquetas de

couro. À sua volta, a m úsica reverberava, e suor e sexo j á estavam m isturados ao ar quente,

fazendo-o se sentir claustrofóbico.

Ou talvez aquilo só estivesse em sua cabeça.

– Faz tem po que não o vej o – a *barwoman*, um a fêm ea de boa aparência e de peitos grandes

colocou um guardanapo diante dele. – O de sem pre?

– Duplo.

– É pra j á.

Enquanto esperava que a sua Herradura Selección Suprem a chegasse, ele sentia os olhos

hum anos no clube pairando sobre si.

Sair do armário? Por que, acha que sou gay?

Você transa com homens! O que acha que isso significa, porra?

Balançando a cabeça, ele bem que m erecia um a folga: aquela conversa anim ada vinha

m artelando em sua cabeça, logo abaixo da superfície do seu consciente, desde que a m erda

acontecera um a sem ana antes. De m odo geral, ele realizou um excelente trabalho de

sublim ação. Infelizm ente, aquela m aré de sorte parecia ter chegado ao fim . Quando sua tequila

chegou e ele esvaziou um copo, e depois o outro, ele sabia que não haveria outras distrações em

que se apegar, não haveria m ais com o postergar a introspecção.

Estranham ente – ou talvez nem tanto assim –, ele pensou no irm ão. Ainda não contara sobre o

bebê a Luchas. Tudo parecia m uito tênue. Em bora a gravidez estivesse firm e e forte, aquilo lhe

parecia apenas m ais um a cam ada de dram a que o cara não precisaria àquela altura.

Por certo ele não m encionara sua vida sexual e Blay . Prim eiro porque seu irm ão ainda era

virgem – ou era isso o que Qhuinn achava: a *glymera* era m uito m ais restritiva quanto ao que as

fêm eas podiam fazer antes de se vincularem e, m esm o que Luchas tivesse transado com algum a

fêm ea de m odo casual, isso até seria tolerado caso ele não se envolvesse a longo prazo. Porém ,

todas as alim entações de Luchas depois de sua transição foram testem unhadas, portanto, ali não

houve nenhum a oportunidade, e as noites do cara foram sem pre m uito ocupadas com estudos e

aprendizagem e eventos sociais m onitorados. Nenhum a chance ali tam bém .

De algum m odo, falar sobre tudo o que Qhuinn fizera não lhe parecia apropriado. E tam bém ,

segundo Blay , nem fora tão interessante assim .

Qhuinn esfregou o rosto.

– Mais duas – pediu.

Enquanto a *barwoman* o atendia prontam ente, ele pensou que tinha achado sexo com Blay

muito interessante. E, na hora, Blay não lhe parecera m uito entediado…

Que sej a. Voltando a Luchas. Em todas aquelas conversas à beira do leito hospitalar que vinha

tendo com o irm ão, as fêm eas não foram abordadas – e m achos, certam ente, não constavam do

m enu. Antes dos ataques, Luchas fora hetero com o o pai, o que significava que a transa era um

sim ples “papai-m am ãe” com a fêm ea com que se tinha um com prom isso para gerar um filho e

talvez um a vez ao ano depois de um festival.

Machos, fêm eas, hom ens, m ulheres, em diversas com binações, às vezes em público,

raram ente na cam a? Não era algo sobre o qual Luchas tivesse qualquer tipo de referência.

Quando as Herraduras três e quatro foram colocadas à sua frente, ele acenou um

agradecim ento.

Buscando bem fundo, m esm o que detestasse tanto essa expressão quanto o seu significado, ele

tentou ver se havia m ais algum a coisa entre as suas reticências para conversar sobre a sua vida

com o m em bro restante de sua fam ília. Algum a vergonha. Em baraço. Inferno, qualquer tipo de

rebelde oculto que ele não desej ava infligir ao irm ão aleij ado…

Qhuinn se retorceu dentro de suas roupas.

Ora, ora. Quer saber? Sendo brutalm ente honesto? Sim , ele estava um pouco sensível. Mas por

não querer ser visto de m aneira estranha por m ais um m otivo… com o seu irm ão conservador,

provavelm ente virgem , sem dúvida pensaria se ele lhe contasse sobre todos os m achos e hom ens.

Era isso.

Sim . Só isso.

Não sei como explicar. Eu só me vejo com uma fêmea a longo prazo.

Ele dissera isso a Blay há um tem po, e falara sério…

Algum tipo de em oção se enroscou em seu íntim o, revirando as coisas lá dentro, rearranj ando

seu fígado e intestino.

Tentou se convencer de que fosse o álcool.

O m edo repentino que sentiu sugeria outra coisa.

Qhuinn engoliu a terceira dose na esperança de se livrar da sensação. E a quarta. Nesse m eio-

tem po, os rostos, os seios e os sexos de m uitas fêm eas e m ulheres com que trepara lhe vieram à

m ente…

– Não – disse em voz alta. – Não, não.

Ah, Deus…

– *Não.*

Quando o cara sentado ao seu lado lhe lançou um olhar estranho, ele se calou.

Esfregando o rosto, ele se sentiu tentado a pedir m ais um drinque, m as se conteve. Algo

sísm ico estava desesperadam ente tentando rom per à superfície; ele o sentia trem endo na

fundação de sua psique.

Você não sabe quem você é, e esse sempre foi o seu problema.

Cacete. Se ele tom asse m ais tequila, se continuasse engolindo, se continuasse naquele curso de

fuga, o que Blay dissera a seu respeito seria verdade. O problem a era que ele não queria saber.

Ele sim plesm ente… não queria… saber…

Não ali. Não agora. Não… nunca.

Praguej ando, ele sentiu um gêiser de percepção com eçar a ferver, algo alto e

claro em seu

peito am eaçando irrom per – e ele sabia que um a vez libertado, não m ais voltaria para baixo da

superfície.

Maldição. A única pessoa com quem ele queria falar a respeito não estava falando com ele.

Ele deduziu que deveria criar coragem e lidar com aquilo sozinho.

Em certo nível, a ideia de que ele fosse… bem , *você sabe*, usando as palavras que a sua m ãe

teria dito… não deveria afetá-lo. Ele era m ais forte que a condescendência da *glymera* e, m erda,

vivia num am biente em que ser gay ou hétero pouco im portava: contanto que você conseguisse

segurar as pontas no cam po de batalha e não fosse um com pleto idiota, a Irm andade estaria

sem pre ao seu lado. E o histórico sexual de V., por exem plo? Velas pretas usadas para algo além

de fonte de luz no escuro? Inferno, ser ligado em m achos era bolinho com parado com esse tipo

de coisa.

Além disso, ele não vivia m ais na casa dos pais. Aquela não era a sua vida.

Aquela *não* era a sua vida.

Aquela não era a sua vida.

Contudo, enquanto repetia isso para si um a vez atrás da outra, o passado que não m ais existia

estava logo atrás dele, observando-o por sobre o om bro… j ulgando-o e considerando-o não só

deficiente, não só inferior, m as com pleta e absolutam ente indigno.

Era com o a dor do m em bro am putado: a gangrena se fora, a infecção fora cortada, a

am putação com pletada… m as as sensações horríveis perm aneciam . Ainda doíam dem ais. Ainda

o aleij avam .

Todas aquelas m ulheres… aquelas fêm eas… o que era a verdadeira natureza da sexualidade,

ele se perguntou repentinam ente. O que contava com o atração? Porque ele quisera transar com

elas, e o fizera. Ele as pegara em boates e bares, até m esm o naquela loj a no shopping quando foram com prar roupas de verdade para John Matthew depois que ele passara pela transição.

Escolhera as m ulheres, em m eio a m ultidões, utilizara algum tipo de filtro que excluía um as e

destacava outras. Recebera sexo oral, fizera sexo oral. Pegara-as por trás, de lado e pela frente.

Agarrara seus seios.

Fizera tudo isso por escolha própria.

Fora diferente com os caras? E m esm o se tivesse sido, ele tinha de se rotular por causa disso?

E se não se definisse, isso significaria que ele não seria algo que os pais, que estavam m ortos e

que sem pre o odiaram de todo m odo, não teriam aprovado?

Enquanto todas essas perguntas surgiram em sua cabeça, bom bardeando-o com o exato tipo de

autoanálise que sem pre excluiu dos seus pensam entos, ele chegou a um a conclusão ainda m ais

chocante.

Por m ais im portante que toda aquela m erda fosse, por m ais que ele estivesse se transform ando

num Cristóvão Colom bo, nada disso se aproxim ava da questão m ais crítica.

Nem de perto.

O problem a real que descobrira fez toda aquela m erda parecer um passeio no parque.

CAPÍTULO 79

Assail não perdoava xingam entos. Em sua opinião, eles eram vulgares e desnecessários. Dito

isso, a sem ana fora um a m erda.

No porão da casa, no cofre, ele e os prim os tinham acabado de organizar a bolada dos últim os

dias: notas estavam agrupadas em bolos que foram contados, am arrados e separados de acordo

com a classe, e o m ontante era excepcional, m esm o para os seus padrões.

Tudo som ado, eles tinham cerca de duzentos m il dólares.

O *Redutor Principal* e seu alegre bando de assassinos vinham fazendo um excelente trabalho.

Ele deveria estar feliz.

Não estava.

Na verdade, ele se sentia um filho da m ãe infeliz e o m otivo para o seu m au hum or o deixava

ainda m ais irritado.

– Vão até Benloise – disse aos gêm eos. – Peguem a próxim a leva de cocaína e voltem aqui

para separá-la.

Os gêm eos eram m estres em separar a droga colocando aditivos antes de em balá-la em

saquinhos, o que era um a coisa boa. Os assassinos estavam distribuindo três vezes m ais drogas do

que antes.

– Depois façam a entrega – Assail consultou o relógio. – Está m arcada para as três da m anhã,

portanto, vocês devem ter tem po de sobra.

Levantando-se da m esa, esticou os braços acim a da cabeça e arqueou as costas. Seu corpo

andava enrij ecido nos últim os tem pos, e ele bem sabia por quê: estar num estado constante de

excitação latente endurecera suas coxas e costas, dentre outras coisas… que se m ostraram

deveras resistentes à autorregulação.

Depois de anos sem se preocupar m uito em cuidar ele m esm o das suas ereções, caíra na

rotina de se dar prazer.

E tudo o que isso resultava era em sublinhar aquilo que ele não vinha conseguindo.

Na últim a sem ana, ele esperou que Marisol lhe ligasse, ansiou para que o telefone tocasse, e

não porque algum desconhecido tivesse aparecido à sua porta. A m ulher o desej ara tanto quanto

ele a desej ara, e, por certo, isso levaria a um encontro. Não fora o caso. E o fato de ela ter

dem onstrado esse tipo de controle com o qual ele vinha se debatendo o fez questionar não só o

seu autocontrole, m as tam bém a sua sanidade.

De fato, ele com eçava a tem er que acabasse cedendo antes do que ela.

Saindo do porão, subiu as escadas até a cozinha. A prim eira coisa que fez foi pegar o telefone,

para o caso de ela ter telefonado ou aquele Audi dela ter finalm ente se m ovido após sete noites

sem ir a parte algum a. O m aldito veículo perm anecera estacionado diante daquela casa desde

que ele lhe fizera um a visita, com o se, talvez, ela soubesse que ele havia colocado um rastreador

nele.

Verificando a tela, viu que alguém lhe telefonara, m as era um núm ero inexistente em sua lista

de contatos.

E tam bém havia um a m ensagem de voz.

Enquanto a acessava, dirigia-se para à sala em que guardava os charutos. Vinha fum ando

m uito ultim am ente, e, talvez, utilizando coca dem ais. O que era dolorosam

ente insensato; se

alguém j á estava irritado e frustrado, acrescentar estim ulantes a essa quím ica interna era o

m esm o que colocar gasolina no fogo…

– *Hola*. Sou avó de Sola. Estou tentando falar com … Assail… por favor? – Assail ficou im óvel

no m eio da sala. – Pode ligar de volta? Obrigada…

Com um sentim ento de horror, ele interrom peu a m ensagem e apertou a tecla para retornar a

ligação.

Um toque. Dois toques…

– *¿Hola?*

Na verdade, ele não sabia o nom e dela.

– Aqui quem fala é Assail, senhora. A senhora está bem ?

– Não, não. Não estou. Encontrei seu núm ero na m esinha de cabeceira dela por isso liguei.

Algum a coisa está errada.

Ele segurou o iPhone com m ais força.

– Conte-m e.

– Ela sum iu. Voltou para casa, m as saiu pela porta logo depois que chegou. Eu a ouvi sair… Só

que tudo dela, a bolsa, o carro, está tudo aqui. Eu dorm ia e ouvi de lá de cim a alguém se m exer.

Cham ei por ela e ninguém respondeu… Depois ouvi um barulho forte, m uito

forte, e desci. A

porta da frente está aberta, e acho que ela foi levada… Não sei o que fazer. Ela sem pre m e diz

que a gente não pode cham ar a polícia. Eu não sei…

– Psssiu. Está tudo bem . A senhora fez o que era certo. Vou j á para aí.

Assail correu para a porta da frente sem se im portar em avisar aos gêm eos; não havia m ais

nada na sua m ente a não ser chegar àquela casinha o m ais rápido que podia.

Um segundo foi tudo o que levou para ele se desm aterializar, e enquanto retom ava sua form a

no j ardim da frente, ele pensou que de todos os possíveis cenários em relação ao seu retorno ali,

aquele não era um deles.

Com o a avó relatara, o Audi estava estacionado na rua no fim da calçada. Bem onde estivera

antes. Mas o que se observava? Um a bagunça de pegadas na neve, a trilha cruzando o j ardim até

a rua num padrão diagonal.

Ela fora sequestrada, Assail deduziu.

Maldição.

Subindo às presas os degraus até a frente, ele apertou a cam painha e bateu os pés. A ideia de

que alguém levara a sua fêm ea…

A porta se abriu e a m ulher do outro lado estava visivelm ente abalada. E pareceu ainda m ais

assustada ao erguer os olhos para vê-lo totalm ente.

– Você é… Assail?

– Sim . Por favor, deixe-m e entrar, e eu a aj udarei.

– Você não é o hom em que veio aqui.

– Não o que a senhora viu. Por favor, deixe-m e entrar.

Enquanto a avó de Marisol dava um passo para o lado, ela se lam entava:

– Ah, não sei onde ela está. Mãe de Deus, ela sum iu, sum iu…

Ele perscrutou a sala de estar arrum ada, e depois foi até a cozinha para olhar pela porta dos fundos. Intacta. Abrindo-a, ele se inclinou para fora. Nenhum a pegada além daquelas deixadas

na sem ana anterior. Fechando e trancando a porta, ele voltou para j unto da avó.

– A senhora estava no andar de cim a?

– *Sí*. Na cam a. Com o disse, eu dorm ia. Eu a ouvi entrar, m as estava m eio dorm indo, m eio

acordada. Depois ouvi… o barulho… de algum a coisa caindo. Eu disse que ia descer, e a porta da

frente abriu.

– Viu algum carro se afastar?

– *Sí*. Mas de m uito longe, não vi a… a placa, nem nada.

– Há quanto tem po?

– Liguei para o senhor uns quinze, vinte m inutos depois. Fui para o quarto dela e olhei ao

redor… foi aí que eu encontrei o guardanapo com o seu núm ero.

– Alguém ligou?

– Ninguém .

Ele consultou o relógio, e ficou preocupado com a palidez da anciã.

– Aqui, senhora, sente-se.

Enquanto ele a acom odava no sofá florido da sala de estar, ela pegou um lenço delicado e o

pressionou aos olhos.

– Ela é a m inha vida.

Assail tentou se lem brar com o os hum anos se dirigiam aos seus superiores.

– Senhora… Hum … senhora…?

– Carvalho. O m eu m arido era brasileiro. Sou Yesenia Carvalho.

– Senhora Carvalho, preciso lhe fazer algum as perguntas.

– Pode m e aj udar? A m inha neta…

– Olhe nos m eus olhos – quando a m ulher o fez, ele disse num tom baixo: – Não há nada que

eu não faça para trazê-la de volta. Entende o que estou dizendo?

Enquanto ele enviava a sua intenção no ar entre eles, os olhos da senhora Carvalho se

estreitaram . Depois de um m om ento, ela se acalm ou e balançou a cabeça um a vez, com o se

aprovasse os m étodos dele, ainda que existisse um a boa probabilidade de eles serem violentos.

– O que precisa saber?

– Existe alguém que a senhora acredite que possa m achucá-la?

– Ela é um a boa m enina. Trabalha num escritório à noite. Ela é reservada.

Portanto, Marisol não contara à avó nada do que de fato fazia. Isso era bom .

– Ela tem bens?

– Dinheiro?

– Sim .

– Som os pessoas sim ples – ela notou as roupas costuradas e feitas à m ão dele.
– Não tem os

nada fora esta casa.

De algum m odo, ele duvidava disso, m esm o sabendo m uito pouco sobre a vida da sua m ulher:

achava difícil acreditar que ela não tivesse j untado dinheiro fazendo o que fazia, e ela nem tinha

de pagar im postos sobre a renda que ganhava com tipos com o Benloise.

No entanto, ele im aginava que um telefonem a pedindo resgate não seria feito.

– Não sei o que fazer.

– Senhora Carvalho, não quero que se preocupe – ele se levantou. – Cuidarei disso

im ediatam ente.

Os olhos dela se estreitaram novam ente, transm itindo um a inteligência que o fez pensar na

neta dela.

– O senhor sabe quem fez isso, não?

Assail se curvou num sinal de respeito.

– Eu a trarei de volta.

A pergunta era quantas pessoas ele teria que m atar para conseguir isso – e se Marisol estaria

viva até aquilo acabar.

Só de pensar que alguém poderia ferir aquela m ulher o fez rugir, as presas desceram e a sua

porção civilizada se rom peu tal qual a pele de um a cobra.

Enquanto saía da m odesta casa, Assail teve a sensação de saber do que aquilo se tratava. E se

estivesse certo? Mesm o apenas vinte m inutos após o sequestro poderia ser tem po dem ais.

E, nesse caso, um determ inado sócio seu teria de aprender novas lições no que se referia à dor.

E Assail seria o professor desse hom em .

CAPÍTULO 80

Lay la ficou dentro da Mercedes. Estava quente ali, o banco era confortável e ela se sentia

segura dentro do confinam ento da gaiola de aço que a envolvia. E ela tinha um a espécie de

cenário diante do qual refletir: os faróis ilum inavam à frente do carro, os fachos de luz

avançando bem em m eio à noite.

Depois de um tem po, flocos de neve com eçaram a flutuar na ilum inação, suas rotas

preguiçosas e circulares sugerindo que eles não queriam que a descida das nuvens de lá de cim a

term inasse.

Sentada em silêncio, ligando e desligando o m otor de tem pos em tem pos conform e Qhuinn lhe

ensinara a fazer no tem po frio, a sua m ente ficou em branco. Não, sua m ente não estava nem

um pouco vazia. Em bora olhasse fixam ente adiante e percebesse a queda da neve, e a estrada à

frente e o cenário tranquilo que a rodeava… o que ela enxergava era aquele lutador. Aquele

traidor.

Aquele m acho que estava sem pre com ela, especialm ente quando ela estava sozinha.

Mesm o sentada a sós no carro no m eio do nada, a presença dele era tangível, as suas

lem branças tão fortes que ela seria capaz de j urar que ele estava ao seu alcance. E o desej o…

Santa Virgem Escriba, o desej o que ela sentia não era nada que ela pudesse partilhar com

aqueles a quem am ava.

Era um destino tão cruel reagir daquela form a a alguém que era…

Lay la se retraiu no assento, um grito escapando de seus lábios e ecoando no interior do carro.

A princípio, ela não estava m uito certa se o que se m aterializara nos fachos de luz era, de fato,

real: Xcor apareceu de pé, com as botas plantadas na estrada adiante, o corpo im enso e coberto

por couro parecendo absorver os fachos gêm eos com o um buraco negro o faria.

– Não! – ela exclam ou. – Não!

Ela não sabia a quem estava se dirigindo, ou o que negava. Mas um a coisa era certa: enquanto

ele avançava um passo e depois outro, ela soube que o soldado não era invenção da sua cabeça

ou dos seus desej os horrorosos, m as algo m uito real.

Ligue o carro, ordenou-se. Ligue e acelere.

Até um vam piro, m esm o um terrivelm ente feroz com o ele, não era páreo para um im pacto

daqueles.

– Não – ela sibilou quando ele se aproxim ou.

O rosto dele era exatam ente com o ela se lem brava: perfeitam ente sim étrico, com m ações

altas, olhos estreitos, e um franzir perm anente entre as sobrancelhas. O lábio superior era

retorcido para cim a com o se ele estivesse rosnando, e o corpo… o corpo se m ovia tal qual o de

um anim al, os om bros se m ovim entando com poder m al contido, as coxas pesadas carregando-o

para frente com a prom essa de um a força brutal.

Ainda assim … ela não sentia m edo.

– Não – ela gem eu.

Ele parou quando estava a apenas m eio m etro do para-choque, o casaco de couro rodopiando

ao seu lado, as arm as reluzindo. Os braços estavam ao lado do carro, m as não continuaram assim . Ele os esticou, m ovendo-os lentam ente…

Para retirar algo das costas.

Um a arm a de algum tipo. Que ele depositou sobre o veículo.

E depois as m ãos, cobertas em luvas de couro preto, foram para a frente do casaco… e

tiraram duas pistolas de dentro do casaco. E adagas de um coldre que cruzara os peitorais. E um a

corrente com prida. E algo que brilhou, m as que ela não reconheceu.

E tudo isso ele colocou sobre o carro.

Então, ele recuou. Abriu os braços. E girou num círculo lento.

Lay la inspirou fundo.

Ela não tinha um a natureza guerreira. Nunca tivera. Mas ela sabia, instintivam ente, que dentro

do código dos guerreiros, desarm ar-se ante outras pessoas era um tipo de vulnerabilidade que não

era realizada com facilidade. Claro que ele perm anecia letal – um m acho com aquela

constituição física era capaz de m atar som ente com as m ãos.

No entanto, ele estava se oferecendo para ela.

Provando do m odo m ais aparente possível que ele não queria lhe fazer m al.

A m ão de Lay la seguiu para um a fileira de botões no painel lateral e lá parou. No entanto, ela

não estava parada – respirava com dificuldade, com o se estivesse fugindo, seu coração estava

acelerado, o suor brotava sobre o lábio superior…

Ela destravou as portas.

Que a Virgem Escriba a aj udasse… m as ela destrancou as portas.

Quando o som reverberou no interior, os olhos de Xcor se fecharam rapidam ente, a expressão

se suavizando, com o se ele tivesse recebido um presente inesperado. Logo ele se aproxim ou…

Quando abriu a porta do passageiro, ar frio entrou, e depois o corpanzil se dobrou no assento ao

lado do dela. A porta se fechou num baque, e os dois se viraram de frente.

Com as luzes internas ligadas, ela conseguiu olhá-lo m elhor. Ele tam bém arfava, o peito am plo

se expandindo e contraindo, a boca ligeiram ente aberta. Ele parecia rude, a fina cam ada de

civilidade arrancada de suas feições – ou, m elhor dizendo, com o se ela nunca tivesse estado ali. E

por m ais que outros pudessem cham á-lo de feio devido à sua deform idade, para ela… ele era

belo.

E isso era um pecado.

– Você é real – ela disse para si m esm a.

– Sim – a voz dele era grave e ressonante, um a carícia para os seus ouvidos. Mas ela se partiu,

com o se ele estivesse sofrendo. – E você está grávida.

– Estou.

Ele fechou os olhos novam ente, m as agora com o se tivesse levado um golpe.

– Eu a vi.

– Quando?

– Na clínica. Já há algum as noites. Pensei que eles a tivessem surrado.

– A Irm andade? Mas por que…

– Por m inha causa – ele abriu os olhos, e havia tanta angústia neles que ela quis confortá-lo de

algum a m aneira. – Eu j am ais teria escolhido que você estivesse nessa posição. Você não é da

guerra, e m eu tenente j am ais deveria tê-la arrastado para isto – a voz ficou ainda m ais grave. –

Você é um a inocente. Mesm o eu, que não tenho honra, reconheço isso im ediatam ente.

Se ele não tinha honra, porque acabara de se desarm ar, ela pensou.

– Você está com prom etida? – ele perguntou asperam ente.

– Não.

De pronto, o lábio superior dele se retraiu revelando as presas trem endas.

– Se você foi estuprada…

– Não. Não. Eu… escolhi isto para m im . E para o m acho – a m ão dela desceu para o ventre. –

Eu queria um filho. Meu cio chegou e tudo o que eu pensava era o quanto eu queria ser um a

mahmen de algo que fosse m eu de verdade.

Aqueles olhos estreitos se fecharam novam ente, e ele levantou a m ão calej ada para o rosto.

Escondendo a boca irregular, ele disse:

– Eu queria poder…

– O quê?

– … ser m erecedor de lhe dar aquilo que desej ava.

Lay la, m ais um a vez, sentiu um a necessidade pecam inosa de esticar a m ão e tocá-lo, para

confortá-lo de algum m odo. A reação dele era tão pura e honesta, e o sofrim ento dele se parecia

com o seu toda vez que pensava nele.

– Diga-m e que a estão tratando bem apesar de ter m e aj udado.

– Sim – ela sussurrou. – Muito bem , de fato.

Ele baixou a m ão e deixou a cabeça pender para trás em alívio.

– Isso é bom . Isso é… m uito bom . E você tem que m e perdoar por eu ter vindo até aqui. Eu a

pressenti e m e descobri incapaz de m e negar isto.

Com o se ele estivesse atraído por ela. Com o se ele… a desej asse.

Ah, Santa Virgem Escriba, ela pensou, enquanto o corpo se aquecia por dentro.

Seus olhos pareceram se pregar na árvore da cam pina logo à frente.

– Você pensa naquela noite? – ele perguntou num a voz suave.

Lay la abaixou os olhos para a m ão.

– Sim .

– E isso a faz sofrer, não faz?

– Sim .

– Eu tam bém . Você está sem pre na m inha m ente, m as por um m otivo diferente, eu m e

arrisco em dizer.

Lay la respirou fundo quando o coração bom beou em seus ouvidos.

– Não estou certa… de que sej a um m otivo diferente do seu.

Ela ouviu a cabeça dele virar abruptam ente.

– O que disse? – ele perguntou num sussurro.

– Acredito… que tenha m e ouvido m uito bem .

Instantaneam ente, um a tensão vital se fez entre eles, dim inuindo o espaço que os separava,

aproxim ando-os m esm o sem que eles se m exessem .

– Você tinha que ser o inim igo deles… – ela pensou em voz alta.

Houve um longo silêncio.

– É tarde dem ais agora. Ações foram tom adas que não podem ser desfeitas nem com palavras

nem com prom essas.

– Eu queria que não fosse assim .

– Nesta noite, neste instante… eu desej o isso tam bém .

Agora foi a vez da cabeça dela se virar.

– Talvez haj a um m odo…

Ele esticou a m ão e a silenciou com a ponta do dedo, depositando-o sobre a boca com

gentileza.

Enquanto os olhos se concentravam nos lábios dela, um grunhido quase im perceptível vibrou

dentro dele… m as ele não perm itiu que continuasse por m uito tem po, abafando o som com o se

não quisesse sobrecarregá-la, ou talvez assustá-la.

– Você está nos m eus sonhos – m urm urou. – Todos os dias, você m e atorm enta. O seu cheiro,

a sua voz, os seus olhos… esta boca.

Ele m udou a posição da m ão e afagou o lábio inferior com o polegar calej ado.

Abaixando as pálpebras, Lay la se inclinou em direção ao toque, sabendo que aquilo era tudo o

que ela teria dele. Estavam em lados opostos na guerra e, por m ais que ela não soubesse nenhum

detalhe específico, ouvira o bastante na m ansão para saber que ele tinha razão.

Ele não tinha com o desfazer o que j á fora feito.

E isso significava que eles o m atariam .

– Não consigo acreditar que tenha m e deixado tocá-la – a voz dele ficou rouca. – Eu m e

lem brarei disso todas as m inhas noites.

Lágrim as surgiram nos olhos dela. Santa Virgem Escriba, em toda a sua vida, ela esperara por

um m om ento com o aquele…

– Não chore – o polegar dele seguiu para o rosto. – Bela fêm ea de valor, não chore.

Se lhe dissessem que alguém tão rude quanto ele fosse capaz de tal com paixão, ela não teria

acreditado. Mas ele era. Com ela, ele era.

– Preciso ir em bora – disse ele abruptam ente.

Os instintos pediam que ela im plorasse que ele tom asse cuidado… m as isso significaria que ela

desej ava o bem para aquele que queria destronar Wrath.

– Adorável Escolhida, saiba de um a coisa. Se um dia precisar de m im , eu virei.

Ele pegou algo do bolso, um celular. Direcionando-o para ela, ele ligou a tela com um toque.

– Consegue ler este núm ero?

Lay la piscou com força para seus olhos enxergarem .

– Sim , consigo.

– Esse sou eu. Sabe com o m e encontrar. E se a sua consciência exigir dar esta inform ação à

Irm andade, eu entenderei.

Ela percebeu que ele não conseguia ler os núm eros, e não por falta de acuidade visual.

E ela se perguntou que tipo de vida triste ele tivera.

– Fique bem , m inha bela Escolhida – disse ele, ao fitá-la não apenas com os olhos de um

am ante, m as de um *hellren*.

E logo ele se foi sem nem m ais um a palavra, saindo do carro, apanhando as arm as e voltando

a se m unir delas…

… antes de se desm aterializar noite adentro.

Lay la im ediatam ente cobriu o rosto com as m ãos, os om bros com eçando a sacudir, a cabeça

pendendo, as em oções fluindo.

Presa entre a m ente e a alm a, ela se viu despedaçar, m esm o perm anecendo inteira.

CAPÍTULO 81

– Entre.

Ao falar, Blay ergueu os olhos do *Uma confraria de tolos* e se surpreendeu ao ver Beth

entrando em seu quarto.

Bastou um olhar na direção da rainha, e ele se sentou na *chaise-longue*, deixando o livro de

lado.

– Ei, o que aconteceu?

– Você viu Lay la?

– Não, m as acabei de chegar da casa dos m eus pais – ele olhou de relance para o relógio.

Pouco depois da m eia-noite. – Ela não está no quarto?

Beth m eneou a cabeça, o cabelo escuro brilhando ao escorregar ao redor dos om

bros.

– Ela e eu íam os passar o tem po j untas, m as não consigo encontrá-la. Ela não está na clínica,

nem na cozinha e eu tam bém procurei por Qhuinn na academ ia quando desci para lá. Ele

tam bém desapareceu.

Talvez os dois estivessem tendo um j antar rom ântico, por exem plo, dividindo um prato de

espaguete, com suas bocas se encontrando no m eio do cam inho graças a um fio do m aldito

m acarrão.

– Tentou telefonar? – perguntou.

– O celular de Qhuinn está no quarto. E Lay la não está atendendo o dela, se é que está com o

aparelho.

Ao se levantar e com eçar a ficar agitado, ele pensou que deveria se acalm ar, afinal, aquela

não era um a em ergência nacional. Na verdade, aquela era um a casa grande com m uitos

côm odos, e, m ais im portante, eles eram dois adultos. Duas pessoas deveriam poder sair j untas

sem que isso se transform asse em um a crise.

Ainda m ais se estavam tendo um filho j untas…

O som do aspirador de pó ao longe cham ou a sua atenção.

– Venha com igo – ele disse à rainha. – Se existe um a pessoa que pode saber o

que está

acontecendo, essa pessoa está com o aspirador ligado.

Com o era de se esperar, Fritz estava trabalhando na sala de estar do segundo andar, e quando

Blay entrou, ele se viu açoitado pelas lem branças dele e de Qhuinn indo às vias de fato no tapete

diante do sofá.

Perfeito. Sim plesm ente fabuloso.

– Fritz? – a rainha o cham ou.

O *doggen* parou o m ovim ento de vai e vem e desligou o equipam ento.

– Ora, olá, Vossa Maj estade. Senhor.

Muitas m esuras.

– Escute, Fritz – disse Blay –, você viu Lay la?

Instantaneam ente, o sem blante do m ordom o se fechou.

– Ah, sim . Eu a vi. De fato.

Quando ele não inform ou m ais nada, Blay o instigou:

– E?

– Ela pegou o carro. A Mercedes. Há m ais ou m enos duas horas.

Mas que coisa, pensou Blay . A m enos que…

– Então Qhuinn estava com ela.

– Não, ela estava sozinha – enquanto um pressentim ento ruim se apossava do estôm ago de

Blay , o m ordom o m eneou a cabeça. – Eu insisti em levá-la, m as ela não perm itiu.

– Para onde ela foi? – Beth perguntou.

– Ela disse não ter um destino específico. Eu sabia que o m estre Qhuinn a ensinara a dirigir, e

quando ela m e ordenou que lhe entregasse as chaves, eu não sabia o que fazer.

A rainha disse:

– Você não fez nada de errado, Fritz. Nada m esm o. Só estam os preocupados com ela.

Blay pegou o celular.

– E o carro está equipado com GPS, por isso vai ficar tudo bem . Só preciso pedir a V. que o

localize para nós.

Depois de enviar a m ensagem , a rainha apaziguou o m ordom o um pouco m ais, e Blay ficou

por ali, à espera de um a resposta.

Dez m inutos depois? Nada. O que significava que o Irm ão com habilidades de inform ática

estava entretido em algum assunto no centro da cidade.

Quinze m inutos.

Vinte.

Ele até ligou, m as não teve resposta. Portanto, ele só pôde deduzir que alguém estava

sangrando ou que o telefone de V. se espatifara durante algum a luta.

– Qhuinn não está na academ ia? – ele perguntou, ainda que essa pergunta j á tivesse sido

respondida.

Beth deu de om bros.

– Não quando fui olhar.

Blay deu m ais um telefonem a, para Ehlena, e um m inuto depois foi inform ado que a sala de

ginástica estava vazia, que Luchas estava dorm indo e que não havia ninguém nem na piscina,

nem na quadra de basquete.

O cara não estava na m ansão. E nem no cam po de batalha, pois não era seu turno. Isso fazia

com que houvesse apenas outro lugar possível.

– Sei onde ele está – Blay disse bruscam ente. – Vou buscá-lo enquanto esperam os a resposta

de V.

Afinal, a fêm ea estava carregando o filho dele e se ela tinha saído sem avisar, ele tinha o

direito de se envolver na localização dela. E quem sabe Qhuinn soubesse onde ela estava? Mas

Blay tinha a sensação de que ele não sabia. Era difícil de acreditar que ele tivesse saído deixando

o telefone no quarto se soubesse que ela estava dirigindo por aí. Ele haveria de querer ter um

m odo de se com unicar com ela.

Pensando bem , por que ele deixara o celular no quarto? Não era do seu feitio.

A m enos que ele pensasse que Lay la estava bem e… não desej asse ser interrom pido.

Maravilha.

Voltando para o quarto, Blay pegou um a arm a – porque nunca se sabe quando vai se precisar

de um a – e um casaco que era só para encobrir seu equipam ento. Correu pelas escadas e foi até o vestíbulo… e se desm aterializou na noite.

Reassum iu sua form a no estacionam ento do Iron Mask quando chegou à porta dos fundos da

boate, apertou a cam painha e m ostrou o rosto para a câm era de segurança. Xhex abriu a porta.

– Oi – ela disse, abraçando-o rapidam ente. – Tudo bem ? Faz tem po que não o vej o aqui.

– Eu estou procurando…

– Já sei, ele está lá no bar.

Claro que estava.

– Obrigado.

Blay acenou para os leões de chácara, Big Rob e Silent Tom , e atravessou a parte dos

funcionários para chegar ao clube de fato. Ao em ergir do outro lado, o som grave do baixo da

m úsica o atingiu bem no esterno – ou talvez fosse apenas o seu coração.

E lá estava ele: m esm o tendo um as cem pessoas lotando o arredor do bar, Qhuinn era com o

um sinal de neon para ele, destacando-se de todo o resto. O lutador estava sentado na ponta, de

costas para Blay , os cotovelos apoiados no balcão de m adeira preta lustrada, a cabeça pensa.

Blay em itiu um a im precação ao pensar que lá estavam eles, de volta ao com eço. E, claro,

antes que ele conseguisse se aproxim ar, um a m ulher o abordou, o corpo resvalando no de

Qhuinn, a m ão pousando no braço dele, a cabeça dele se virando para poder dar um a boa olhada

nela.

Blay sabia o que viria em seguida. Um a rápida passada dos olhos descom binados, algum as

palavras arrastadas e o casal seguiria para o banheiro…

Qhuinn balançou a cabeça e levantou a palm a num sinal de pare. E por m ais que ela parecesse

disposta a um segundo apelo, isso só fez com que ela voltasse a conversar com a palm a da m ão

dele de novo.

Antes que Blay conseguisse andar novam ente, um cara com o cabelo até o traseiro e um par

de calças de veludo grafitadas apareceu. O sorriso dele era m uito branco, e o corpo delgado

parecia ser feito para acrobacias.

Um a náusea repentina tom ou conta do estôm ago de Blay , m esm o ele tentando se lem brar de

que, após a últim a discussão, Qhuinn nunca m ais o procuraria para ter sexo, portanto, ele não

deveria se im portar com quem o lutador transasse. E Deus sabia m uito bem que aquele m acho

tinha trem endos im pulsos sexuais…

O senhor Calças de Veludo com apliques no cabelo recebeu o m esm o tipo de dispensa.

Depois da qual Qhuinn sim plesm ente voltou a se concentrar no que havia diante dele.

Um a vibração abrupta disparou no bolso de Blay , era o seu celular avisando o recebim ento de

um a m ensagem . Pegando o aparelho, ele viu que era de Beth: *Tudo certo; Layla está em casa. Só*

saiu para passear um pouco, e agora vai assistir TV comigo.

Blay respondeu agradecendo e recolocou o celular no bolso. Não havia m otivo para ficar e

incom odar o lutador com algo que nem chegara a acontecer… em bora houvesse a possibilidade

de controlar os danos da bom ba H que ele soltara na sem ana anterior.

Blay avançou, desviando-se dos corpos no m eio do cam inho. Quando se aproxim ou o bastante,

pigarreou e falou por sobre a balbúrdia:

– Ei…

Aquela m ão disparou por cim a do om bro de Qhuinn.

– Pelo am or de Deus, não estou a fim , ok?

Naquele instante, a pessoa à esquerda decidiu liberar a banqueta com o drinque que tinha

pedido.

Blay tom ou o lugar do hum ano.

– Já disse pra… – Qhuinn parou no m eio da dispensa. – O que… você está fazendo aqui?

Ok. Por onde com eçar?

– Algum a coisa errada? – Qhuinn perguntou.

– Não, não. Verdade, nada… errado, sabe – Blay ficou intrigado ao ver que não havia nenhum

copo diante do cara. – Acabou de chegar?

– Não, cheguei j á faz… acho que um as duas horas.

– Não está bebendo?

– Bebi assim que cheguei. Mas desde então, não… não bebi.

Blay estudou o rosto que conhecia tão bem . Ele estava sério, com covas debaixo das m ações do

rosto e um franzido que sugeria que o cara tam bém não dorm ia há sete dias.

– Escute, Qhuinn…

– Veio se desculpar?

Blay pigarreou novam ente.

– É. Eu vim . Eu…

– Tudo bem .

– Com o é?

Qhuinn levantou as m ãos e esfregou os olhos, depois deixou as palm as cobrindo-o da testa ao

queixo. Ele disse algo incom preensível e foi então que Blay percebeu que algo significativo

acontecera.

Pensando bem , o pobre coitado provavelm ente percebera que Blay , de fato, não era nenhum

santo.

Blay se inclinou para perto.

– Fale com igo. O que quer que sej a, você pode m e contar.

O que é j usto é j usto, afinal de contas. Ele, com certeza, descarregara tudo o que lhe passara

pela cabeça na últim a vez em que se viram .

– Você está certo – Qhuinn disse. – Eu não sabia… que eu era…

Quando nada m ais foi dito, as costelas de Blay se contraíram ao m esm o tem po em que as

sobrancelhas subiam ao teto quando ele entendia o significado daquilo. Ah…m eu Deus.

Um choque o atravessou por inteiro, e ele percebeu que j am ais esperara que o cara assum isse.

Mesm o tendo despej ado tudo, aquilo fora m ais o resultado de, por fim , ter surtado em vez de

algum tipo de expectativa de que as palavras fizessem sentido para o outro.

Qhuinn balançou a cabeça, as m ãos firm es no m esm o lugar.

– Eu só… Todos aqueles anos, toda aquela m erda com eles… eu não tinha com

o aguentar

outro golpe contra m im .

Blay estava m ais do que ciente sobre quem eram “eles”.

– Fiz m uitas coisas para fazer aquilo sum ir, para encobrir toda aquela m erda porque, m esm o

depois que eles m e expulsaram , eles continuaram na m inha cabeça. Mesm o depois de terem

m orrido… ainda lá, sabe. Sem pre ali… – um a m ão se fechou num punho e com eçou a bater na

cabeça. – Sem pre aqui…

Blay segurou o punho e guiou o braço do m acho para baixo.

– Está tudo bem …

Qhuinn não olhou para ele.

– Eu nem sabia que estava distorcendo tudo. Eu não estava… sei lá, ciente dessa m erda na

m inha cabeça… – a voz grave ficou entrecortada. – Eu só não queria lhes dar m ais um m otivo

para m e odiar, m esm o que isso pouco im portasse. Que m erda é essa, hein? No que eu estava

pensando?

A dor que em anava do corpo de Qhuinn era tão grande que m udava a tem peratura do ar ao

redor dele, abaixando-a a ponto de os pelos dos braços de Blay se eriçarem .

E, naquele instante, defronte à tristeza abj eta, Blay desej ou poder retirar tudo o que dissera –

não porque não fosse verdade, m as porque não cabia a ele arrancar aquele Band-Aid. Mary , a

shellan de Rhage, poderia tê-lo feito com o parte de um a sessão de terapia ou algo assim . Ou

talvez Qhuinn gradualm ente pudesse perceber isso.

Mas não daquele m odo…

A devastação que estava escrita em todas as linhas do corpo de Qhuinn, na rouquidão da voz,

no grito m al contido que parecia estar apenas abaixo da superfície, eram aterradores.

– Eu nunca soube o quanto eles m e afetaram , especificam ente o m eu pai. Aquele m acho…

ele contam inou tudo em m im , e eu nem vi isso acontecer. E isso arruinou… tudo.

Blay franziu o cenho, sem conseguir entender essa parte. Mas o que estava claro era a

j ustaposição entre os seus pais e os de Qhuinn – não que ele precisasse de m ais um lem brete.

Tudo o que ele conseguia pensar era naquele abraço j unto ao fogão, sua m ãe e seu pai

abraçando-o, a aceitação deles franca, honesta, sem reservas.

E aqui estava Qhuinn passando por aquilo sozinho. Num a boate. Sem ninguém para am pará-lo

enquanto ele lutava contra o legado de discrim inação a que fora condenado… e a identidade que

ele não poderia m udar e, ao que tudo levava a crer, não poderia m ais ignorar.

– Arruinou *tudo*.

Blay pôs a m ão sobre os bíceps tensionados.

– Não, nada foi arruinado. Não diga isso. Você está onde está e isso é bom …

A cabeça de Qhuinn virou, soltando-se de sua gaiola da m ão que restara, os olhos azul e verde

averm elhados e rasos de lágrim as.

– Eu te am o há anos. Estive apaixonado por anos e anos e anos… durante a escola e o

treinam ento… antes da transição e depois… quando você m e abordou e sim , m esm o agora que

você está com Saxton e que m e odeia. E essa… *merda*… na porra da m inha cabeça m e travou,

m e im pediu… e isso m e custou você.

Enquanto o som de pneus freando ecoava entre os ouvidos de Blay , e o m undo com eçou a

girar, Qhuinn sim plesm ente continuou:

– Então, você vai ter que m e desculpar se eu discordo de você. Não está tudo bem … e nunca

estará bem … e por m ais que eu estej a disposto a viver com o fato de que fui um a m entira

am bulante por décadas, a ideia de que isso sacrificou o que poderia ter acontecido entre nós…

com certeza, definitivam ente, não está bem para m im .

Blay engoliu em seco quando Qhuinn voltou a encarar a parede de garrafas de bebida atrás do

bar.

Abrindo a boca, Blay teve a intenção de dizer algum a coisa, m as, em vez disso, apenas

repassou o m onólogo de novo em sua cabeça, do com eço ao fim . Jesus Cristo…

Então, caiu-lhe a ficha.

Se eu sou gay, por que você é o único macho com quem estive?

De repente, todo o sangue se esvaiu da sua cabeça enquanto ele decifrava as palavras que

interpretara tão erroneam ente. Isso significava que… naquela noite em que ele…

– Oh, Deus – disse num tom baixo.

– Então é neste ponto que estou agora – disse o lutador de m odo brusco. – Quer um a bebida…?

As palavras saltaram da sua boca:

– Não estou m ais com Saxton.

CAPÍTULO 82

Qhuinn virou a cabeça m ais um a vez. Decerto ele não poderia ter ouvido que…

– O quê…?

– Rom pi com ele um as duas sem anas atrás, m ais ou m enos.

Qhuinn sentiu as pálpebras piscarem um determ inado núm ero de vezes.

– Por quê…? Espere… eu não estou entendendo.

– Não estava dando certo. Já fazia um tem po que não estava dando certo. Quando ele voltou

para casa naquela noite depois de ter estado com outro? Já não estávam os j untos, portanto, ele

não m e traiu.

Por algum m otivo, tudo o que Qhuinn conseguia pensar era em Mike My ers dizendo: *O quê,*

baby?

– Mas eu pensei… espere, vocês dois pareciam bem felizes. Eu ficava acabado toda noite em

pensar que… bem …

Blay fez um a careta.

– Sinto m uito por ter m entido.

– Caraaalho. Eu quase o m atei.

– Bem , discutivelm ente você estava sendo galante. Ele entendeu.

Qhuinn franziu a testa e balançou a cabeça.

– Eu não fazia ideia de que vocês… bem , eu j á disse isso.

– Qhuinn, eu tenho que te perguntar um a coisa.

– Manda – desde que ele conseguisse se concentrar.

– Quando você e eu estivem os j untos… naquela noite… e depois você disse que nunca… você

sabe…

Qhuinn esperou que o cara continuasse. Quando não o fez, ele não tinha noção sobre a que se

referia…

Ah, aquilo.

Qhuinn não conseguia acreditar, m as sentiu o rosto ficar verm elho e quente.

– É, aquela noite.

– Bem , você nunca…

Levando-se em consideração tudo o que ele acabara de dizer, aquela coisinha parecia um

m ero detalhe. Além disso, fato é fato.

– Você foi o prim eiro e único m acho com quem estive daquele j eito.

Silêncio por parte do outro. E depois:

– Oh, m eu Deus, eu sinto m uito, eu…

Qhuinn se precipitou, interrom pendo as desculpas desnecessárias.

– Eu não lam ento. Não há ninguém m ais com quem eu gostaria de ter perdido a m inha

virgindade. Do prim eiro a gente sem pre se lem bra.

Parabéns, Saxton, seu m aldito filho da puta sortudo.

Outro longo silêncio. E bem quando Qhuinn estava prestes a consultar o relógio e sugerir que

eles dessem um tem po de todo aquele constrangim ento, Blay falou:

– Não vai m e perguntar por que Saxton e eu nunca iríam os dar certo?

Qhuinn revirou os olhos.

– Sei que não foi nenhum problem a na cam a. Você foi o m elhor am ante com quem j á estive,

e custo a acreditar que o m eu prim o tenha um a opinião diferente.

Maldito Saxton.

Ao perceber que o outro cara não ia dizer nada, Qhuinn olhou de relance para ele. Os olhos

azuis de Blay tinham um a luz estranha neles.

– O que foi? – ah, pelo am or de Deus. – Está bem . Por que não teria dado certo?

– Por que eu estive, e continuo, com pleta, absoluta e inteiram ente… apaixonado por você.

A boca de Qhuinn ficou escancarada. Enquanto os ouvidos com eçavam a zum bir, ele se

perguntou se ouvira direito. Aproxim ou-se.

– Com o é, o que você…

– Oi, benzinho – um a voz fem inina interrom peu.

Ao seu lado direito, um a m ulher com abundância suficiente para encher duas tigelas de salada

pressionou o corpo dele.

– Gostaria de com panhia para…

– Para trás – rugiu Blay . – Ele está com igo.

Abruptam ente, a coluna de Qhuinn se endireitou. Estava bem claro pelo fogo azul frio que era

lançado pelos olhos de Blay que o cara estava preparado para arrancar a garganta da m ulher se

ela não desaparecesse rapidinho.

E isso era…

Incrível.

– Ok, ok – ela ergueu as m ãos em subm issão. – Eu não sabia que vocês estavam j untos.

– Estam os – Blay sibilou.

Enquanto a m ulher com a antiga ideia brilhante saía derrotada, Qhuinn se virou para Blay ,

ciente de que a sua surpresa era evidente.

– Estam os? – perguntou arfante para o seu ex-m elhor am igo.

Com a m úsica da boate m artelando e um estádio repleto de desconhecidos ao redor deles, com

a *barwoman* servindo drinques e as m oças do clube trabalhando, com m ilhares de outras vidas

seguindo adiante… o tem po parou para eles.

Blay esticou os braços e segurou o rosto de Qhuinn entre as m ãos, o olhar azul aquecendo-o

enquanto o fitava.

– Sim . Sim , nós estam os j untos.

Qhuinn praticam ente pulou em cim a do cara, acabando com a distância entre as bocas e

beij ando o am or da sua vida um a vez, duas… três vezes – m esm o sem saber o que estava

acontecendo, ou se aquilo era m esm o real ou se o rádio-relógio tocaria em seguida.

Depois de tanto sofrim ento, ele estava sedento por um pouco de alívio, m esm o que fosse

tem porário.

Quando ele se afastou, Blay pareceu confuso.

– Você está trem endo.

Seria possível que ele não estivesse im aginando aquilo?

– Estou?

– Sim .

– Não im porta. Eu te am o. Eu te am o tanto e sinto m uito por não ter tido a coragem de

adm itir…

Blay o silenciou com um beij o.

– Você está dem onstrando m uita coragem agora… O resto faz parte do passado.

– Eu só… Deus, eu estou trem endo m esm o, hein?

– É. Mas tudo bem , eu cuido de você.

Qhuinn virou o rosto na direção da palm a do m acho.

– Você sem pre fez isso. Você sem pre teve a m im … e ao m eu coração. Minha alm a. Tudo. Só

queria que não tivesse dem orado tanto tem po para eu criar coragem . Aquela m inha fam ília…

ela quase m e destruiu. E não só por causa da Guarda de Honra.

Os olhos de Blay se desviaram . Em seguida, ele abaixou as m ãos.

– O que foi? – Qhuinn perguntou assustado. – Eu disse algum a coisa errada?

Ah, Deus, ele sabia que aquilo era bom dem ais para ser verdade…

Houve um longo m om ento enquanto Blay sim plesm ente o fitava. Mas logo o m acho estendeu

a m ão.

– Dê-m e a sua m ão.

Qhuinn obedeceu prontam ente, com o se o com ando de Blay governasse seu corpo m ais do

que a sua própria m ente.

Quando algo foi colocado em seu dedo, ele se assustou e olhou para baixo.

Era o anel de sinete.

O anel de sinete de Blay . Aquele que o pai do m acho lhe dera logo depois da sua transição.

– Você é perfeito do j eito que você é – a voz de Blay era forte. – Não há nada errado com

quem ou o que você sem pre foi. Sinto orgulho de você. E eu te am o. Agora… e sem pre.

A visão de Qhuinn ficou em baçada. Cacete.

– Sinto orgulho de você. E te am o – Blay repetiu. – Sem pre. Esqueça a sua antiga fam ília, você

tem a m im agora. Eu sou a sua fam ília.

Tudo o que ele conseguia fazer era fitar o anel, ver o tim bre, sentir o peso em seu dedo,

observar com o a luz refletia seu m etal precioso.

Parecia que por toda a sua vida ele quisera um daqueles para si.

E agora… com o de costum e, com o sem pre, era Blay quem o atendia.

Quando um soluço escapou de sua garganta, ele se sentiu sendo arrastado para j unto do peito

largo e m aciço, braços fortes am parando-o e segurando-o. E lá, do nada, um cheiro forte surgiu,

a essência – a da vinculação com Blay –, a coisa m ais m aravilhosa que seu nariz j á sentira.

– Sinto orgulho de você e am o você – Blay disse m ais um a vez, aquela voz tão fam iliar

rom pendo todos os anos de rej eição e j ulgam ento, dando-lhe não só um a corda de aceitação na

qual se segurar, m as um a m ão de carne e osso que o levaria para longe da escuridão do

passado…

E para um futuro que não necessitava de m entiras ou desculpas, porque o que ele era, e o que

eles eram , era tanto extraordinário quanto nada excepcional.

O am or, afinal, era universal.

Qhuinn fechou a m ão num punho e soube que nunca, j am ais tiraria o anel.

– Para sem pre – Blay m urm urou. – Por que fam ília é um a coisa eterna.

Bom Deus, Qhuinn soluçava tal qual um a m enininha. Mas Blay não parecia se im portar nem um pouco – nem j ulgar.

E era isso o que contava, não?

– Para sem pre – Qhuinn ecoou rouco. – Para sem pre…

EPÍLOG O

DUAS SEMANAS DEPOIS…

Nesse m eio-tem po a vida foi sim plesm ente m aravilhosa.

– Então, gostou de ontem à noite?

Enquanto Qhuinn falava ao ouvido de Blay , Blay revirou os olhos na penum bra.

– O que acha?

Com os corpos nus debaixo das cobertas pesadas e quentes, Qhuinn estava pressionado atrás

dele, os braços entrelaçados, as pernas enroscadas.

No fim , Qhuinn descobriu que gostava de ficar j untinho. Quem haveria de im aginar? Era

divino.

– Acho que gostou – Qhuinn lam beu a lateral do pescoço de Blay . – Diga que gostou.

À guisa de resposta, Blay flexionou a coluna e cravou o traseiro contra a ereção do outro

m acho. O gem ido resultante deixou Blay radiante.

– Parece que *você* é que gostou – m urm urou ele.

– Ah, sim , pode contar com isso.

Na noite anterior os dois estiveram de folga, e depois de m alharem na academ ia e de j ogar

um a partida de bilhar com Lassiter e Beth – que perderam –, Blay sugeriu que eles fossem ao

Iron Mask por um m otivo bem específico.

Enquanto Blay se lem brava do que tinha acontecido depois que lá chegaram , o pau de Qhuinn

entrava num lugar em que era m uito bem -vindo… e Blay , m ais um a vez, rendeu-se à deliciosa

penetração e ao ritm o lento que o seu m acho estabelecia.

As coisas de que ele se recordava da boate só tornavam tudo m uito m ais erótico: os dois

sentando-se ao bar para tom ar uns drinques, Herradura para Qhuinn, uns dois G& Ts para Blay .

Em seguida, Qhuinn ficou com aquele olhar…

E Blay se pôs ao trabalho.

Levou o m acho na direção dos banheiros, e assim que entraram , foi com o se a sua fantasia

tivesse tom ado vida, os beij os, as m ãos nas calças, despirem -se apressadam ente da cintura para

baixo…

Um gem ido escapou da garganta de Blay pelo que estava acontecendo, e pelo que acontecera,

as duas coisas m isturadas, o coquetel erótico levando-o à beira do orgasm o – e, graças à

m asturbação que Qhuinn lhe proporcionava, bem no auge seu pau gozou violentam ente na m ão

do am ante, o corpo se libertando e fazendo com que Qhuinn tam bém atingisse o clím ax…

Depois de um período de recuperação, e de um a segunda rodada m uito satisfatória, Qhuinn

disse de m odo arrastado:

– Algum a chance de você estar pensando naquele banheiro?

– Talvez.

– Podem os repetir um a noite dessas, se você quiser.

Blay riu.

– Bem , acho que estam os livres de novo hoj e à noite, então…

A Irm andade ordenara que ficassem , e com o não havia nenhum a explicação na m ensagem

de Tohr, Blay im aginou que devia haver algum a reunião com o Rei. O Bando de Bastardos e a

glymera estiveram m uito quietinhos nas duas últim as sem anas – nenhum a m ensagem de e-m ail,

nenhum m ovim ento de tropas no centro da cidade, nenhum telefonem a. Não era um bom sinal.

Provavelm ente haveria um a atualização ou um a sessão de estratégia quanto à m orte daquele

Conselheiro e as suas im plicações. Ainda que Blay não conseguisse encontrar nenhum ponto

negativo em Assail ter acabado com aquele filho da puta idiota.

Tchauzinho, Elan. P.S., da próxim a vez em que com prom eter alguém falsam ente, tente

escolher um pacifista.

A perspectiva de um a reunião o fez pensar na integração de Qhuinn à Irm andade, que se

m ostrara perfeita. O com portam ento do lutador não ficou diferente, a sua postura era

exatam ente a m esm a. E esse era apenas m ais um m otivo para am ar o cara. Mesm o com o *status*

elevado que lhe fora concebido, ele não perm itiu que isso lhe subisse à cabeça.

E a tatuagem de lágrim a que fora m udada para um tom de roxo? Totalm ente sensual. Assim

com o a nova cicatriz em form a de estrela no peitoral.

– Definitivam ente vam os repetir isso – Qhuinn disse ao se retrair lentam ente e rolar de lado.

Levando os braços atrás da cabeça, ele sorriu e se espreguiçou, a luz tênue vindo do banheiro

apenas o suficiente para que Blay enxergasse a elevação daqueles lábios incríveis. – Aquilo foi

dem ais. Você foi dem ais.

– O que posso dizer, era um a fantasia m inha de longa data – quando Qhuinn se tornou sério,

Blay tocou a testa do m acho. – Ei. Pode parar. Com eçar do zero, lem bra?

Depois da noite da grande revelação no Iron Mask, eles tiveram longas conversas e decidiram

que conduziriam aquele relacionam ento passo a passo, sem nenhum a pretensão. Foram am igos,

depois, um a espécie de inim igos, para em seguida serem am antes de certa form a… antes de

finalm ente resolverem suas pendências. E m esm o que se conhecessem há anos, e de tantas

m aneiras, nam orar era algo com pletam ente diferente.

– É. Do zero – enquanto Qhuinn se inclinava para um beij o, o telefone de Blay tocou, avisando

da chegada de um a m ensagem de texto.

Naturalm ente, Qhuinn não estava interessado em nenhum com unicado do m undo exterior e

continuou a abrir cam inho com a língua pela boca de Blay , m esm o quando este se esticou para

pegar o aparelho.

Blay o segurou acim a dos om bros pesados de Qhuinn enquanto o m acho m anobrava para ficar

por cim a, esfregando seu pau ainda rij o no de Blay …

– Mas que diabos? – Blay perguntou, interrom pendo o contato labial.

– Fom os interrom pidos?

– Parece que sim … Butch disse que precisa de m im no Buraco para um a consulta de

vestuário?

– Bem , o seu estilo é perfeito.

Por algum m otivo, o com entário o fez pensar em Saxton. Assim que ele e Qhuinn resolveram

assum ir o relacionam ento, Blay contara ao advogado o que estava acontecendo – e o cavalheiro

foi m uito m ais do que benevolente… e não se m ostrou nem um pouco surpreso. Até dissera que

era um alívio de certa form a, um sinal de que tudo estava bem no m undo, m esm o que para ele

não estivesse nada bem .

Ele dissera que pelo m enos Blay conquistara o seu verdadeiro am or.

Se pelo m enos Saxton encontrasse o dele.

– É m elhor eu ir para lá – m urm urou. – Talvez ele tenha um encontro.

Enquanto ele tentava sair da cam a, Qhuinn o segurou pelos quadris novam ente, puxando-o

para m ais um beij o dem orado.

Quando Qhuinn se recostou, os olhos estavam sem icerrados.

– Um encontro é um a excelente ideia. Quer sair para dançar com igo um a noite dessas?

– Dançar? – Blay riu. – Você dançaria? Com igo?

Era tudo o que Qhuinn m ais detestava: sentim entalism o dem ais, m uitos olhos pousados sobre

eles e, deduzindo que o fizessem em público, eles teriam de estar totalm ente vestidos.

– Se você quisesse, eu faria isso num piscar de olhos.

Blay pousou a m ão no rosto do m acho. Qhuinn vinha se esforçando m uito, e Blay estava m ais

do que disposto em esperar pelo dia em que o cara estivesse pronto para dem onstrar seu afeto

em público. A Irm andade e os dem ais na casa sabiam que eles estavam j untos – ficou m eio

óbvio depois que Qhuinn m udou seus pertences para o seu quarto. Mas não se passava um a vida

inteira em negação para autom aticam ente se sentir confortável nam orando seu nam orado na

frente de Deus e do m undo.

Mas ele estava tentando. E estava falando – m uito – sobre a fam ília e o irm ão, que, lenta e

dolorosam ente, estava se recuperando na clínica.

No entanto, atrás das portas fechadas? Era pura m agia, sem nenhum tipo de barreira.

Exatam ente o que Blay sem pre quis.

– Vai descer para a Prim eira Refeição? – Blay perguntou quando as persianas com eçaram a

subir nas j anelas.

– Talvez eu apenas fique aqui esperando para com er você quando você voltar.

Ah, sim , aquele grunhido safado estava de volta na voz de Qhuinn, e isso não fez Blay querer

voltar para os lençóis?

– Você é… – quando um gem ido ecoou, Blay parou no m eio do cam inho para o banheiro. –

Onde está a sua m ão?

– Onde você acha que está? – Qhuinn arqueou o corpo, um a presa m ordendo o lábio inferior.

Blay pensou na m ensagem que não pretendia ignorar.

– Você é terrível.

– Sou m esm o, não sou? – Qhuinn lam beu os lábios. – E você adora.

Blay praguej ou e m archou para o banheiro. Naquele com passo, ele j am ais sairia do quarto…

Com o era de se esperar, m esm o após um banho quente e um a rápida barbeada, Qhuinn ainda

estava na cam a, deitado com o um leão, o cabelo escuro bagunçado pelas m ãos de Blay , os olhos

descom binados sem icerrados prom etendo todo tipo de ação para quando Blay voltasse.

Gostoso m aldito.

– Só vai ficar aí deitado? – Blay o repreendeu a cam inho da saída.

– Ah… não sei. Talvez eu m e exercite um pouco enquanto você estiver fora – um sibilo seguiu

outro daqueles gem idos… e, vej a só, o m ovim ento do braço para cim a e para baixo sob os

lençóis fez Blay pensar em todo tipo de coisa bagunçada, suada e m aravilhosa. – Sabe com o é

im portante se exercitar.

Blay cerrou os m olares e escancarou a porta.

– Volto logo.

– Leve o tem po que for preciso. Sabe com o a antecipação só m e deixa m ais duro.

– Ah, ‘tá, com o se você precisasse de aj uda com isso.

Fechando a porta, ele se rearranj ou nas calças folgadas de esporte e praguej ou novam ente.

Era m elhor Butch ter um bom m otivo para aquilo.

E um problem a que pudesse ser facilm ente resolvido.

No segundo em que Blay saiu, Qhuinn afastou as cobertas e saiu da cam a num pulo. Pegando

seu celular na m esinha de cabeceira, ele apertou o botão de enviar na m ensagem que j á deixara

escrita e seguiu para o chuveiro. Felizm ente, a água ainda estava quente.

Ensaboada rápida. Xam pu num segundo. Barbear-se…

– Ai! – exclam ou ao se cortar no queixo.

Fechando os olhos, ele se forçou para dim inuir o ritm o antes que acabasse cortando fora o

nariz: barbeador na face, m ovendo-se devagar, contornando o m axilar, descendo pelo pescoço.

Repetindo. Repetindo.

Por que diabos ele insistia em fazer aquilo no chuveiro? Num a noite com o aquela, ele deveria

estar diante do espelho…

– Ei, rainha do baile, está pronto? – a voz de Rhage entrou no banheiro. – Ou quer depilar as

sobrancelhas?

Qhuinn passou a m ão pelo queixo para ver se estava tudo em ordem . Perfeito.

– Dá um tem po, Holly wood – exclam ou por cim a do barulho do chuveiro.

Fechando a torneira, ele saiu e se secou a cam inho do quarto.

Parado ao lado de um sorridente Tohr, Rhage estava com os braços escondidos atrás do corpo.

– Que j eito de falar com o seu estilista…

Qhuinn encarou os Irm ãos.

– Se estiver segurando um a cam isa havaiana, eu te m ato.

Rhage olhou para Tohr e sorriu. Quando o outro Irm ão assentiu, Holly wood apresentou aquilo

que escondia atrás do corpanzil.

Qhuinn parou no ato.

– Espere… isso é um …

– Sm oking, acho que é esse o nom e – Rhage o interrom peu. – S-M-O-K-I-N-G.

– É do seu tam anho – com entou Tohr. – E Butch disse que é do m elhor estilista.

– Que tem o nom e de um carro – resm ungou Rhage. – Você haveria de achar que um a

pom posa…

– Ei, você tam bém anda assistindo Honey Boo Boo? – Lassiter perguntou assim que entrou. –

Uau, sm oking m aneiro…

– Só porque você insiste em deixar aquele m aldito program a ligado na sala de bilhar –

Holly wood olhou de relance quando V. chegou logo atrás do anj o. – Ele nem sabia o que isto aqui

era, Vishous.

– O sm oking? – V. acendeu um cigarro enrolado à m ão. – Claro que não sabia. Ele é um

m acho de verdade.

– Isso, então, faz com que Butch sej a um a garota – Rhage observou. – Porque foi ele quem

com prou.

– Ei, a festa j á com eçou – Trez exclam ou assim que ele e iAm chegaram . – Belo sm oking.

Não é um Tom Ford?

– Ou Dick Chry sler – opinou Rhage. – Harry GM; espere, isso soou m eio safado…

– Melhor se vestir, Rapunzel – V. consultou o relógio. – Não tem os m uito tem po.

– Que sm oking *lindo* – Phury anunciou quando ele e Z. abriram a porta. – Tenho um igualzinho

a esse.

– Fritz acendeu as velas – Rehv disse atrás dos gêm eos. – Ora, ora, belo sm oking. Tenho um

igual a esse.

– Eu tam bém – com entou Phury . – O caim ento é fantástico, não é?

– Nos om bros, não? Tom Ford é o m elhor…

Pandem ônio. Total.

Enquanto Qhuinn analisava tudo aquilo, os m achos falando uns por cim a dos outros,

cum prim entando-se com tapas na m ão, nos traseiros, ele ficou um segundo sem ar. Depois olhou

para o anel que Blay lhe dera.

Ter um a fam ília era… sim plesm ente incrível e m aravilhoso.

– Obrigado – disse suavem ente.

Todos pararam na hora, os rostos se virando e parando nele, os corpos im óveis, o barulho

silenciando.

Foi Z. quem falou, com seus olhos am arelos brilhando:

– Vista logo esse troço. Nós nos encontram os lá em baixo, garotão.

Muitos apertos no om bro enquanto cada um dos lutadores se despedia antes de sair pela porta.

E logo ele se viu sozinho com o sm oking.

– Vam os fazer isso – disse ele para a coisa.

A cam isa vestiu bem , m as os botões eram diferentes. Pareciam do tipo abotoaduras e ele

levou um tem pão para abotoá-los. Depois ele enfrentou as calças… e encarar a real e vestir sem

cueca. Por fim , um par de sapatos de couro brilhantes que foram largados na cam a por um deles

– bem com o um par de m eias pretas de seda que estavam m uito próxim as de serem

consideradas m eias finas fem ininas.

Mas ele faria as coisas do m odo correto.

Quando vestiu o paletó, preparou-se para se sentir apertado, m as Phury e Rehv tinham razão –

o m aterial se aj ustava ao corpo com o num sonho. Seguindo para o banheiro, pegou um a faixa de

seda preta de cim a do cabide e se enfrentou no espelho.

Caram ba… ele até que estava bem sensual.

Subindo o colarinho engom ado, ele passou a gravata borboleta ao redor do pescoço e puxou

para a esquerda e para a direita até estar no lugar certo. E depois repetiu o que

viu o pai e o

irm ão fazerem quando não percebiam que ele estava observando: um nó perfeito na frente do

pescoço.

Provavelm ente teria sido m ais fácil se tivesse tirado o paletó.

E se as suas m ãos não estivessem trem endo tanto.

Mas, que sej a, o trabalho tinha sido feito.

Recuando um passo, ele se olhou no espelho, da esquerda para a direita. Na parte de trás.

É, ele estava um arraso. A questão era que ele não se parecia em nada com ele m esm o. De

j eito nenhum .

E isso era um problem a para ele. Autenticidade se tornara algo *extremamente* im portante para

ele.

Graças à falta de atenção, seu cabelo ficara achatado e, num im pulso, ele pegou um produto

que ele e Blay dividiam , espalm ando as m ãos pelos cabelos, arrepiando-os um pouco.

Melhor. Assim ficava m enos idiota.

Mas algum a coisa ainda não estava boa…

Enquanto tentava adivinhar o que havia de errado, ele pensou em com o as coisas vinham se

desenrolando. Depois que ele e Blay tiveram aquela conversa no Iron Mask, ele se surpreendeu

sobre com o se sentia leve, o fardo que nem sabia que carregava saindo de cim a dos seus om bros.

Era tão estranho… m as, de repente, ele se surpreendia exalando fundo de tem pos em tem pos, o

peito se elevando e abaixando de volta ao seu lugar com facilidade.

De certa form a, ele ainda esperava acordar e descobrir que aquilo não passara de um sonho.

Mas toda noite ele se via abraçando Blay , o cheiro da vinculação do m acho em seu nariz, o calor

do corpo bem ao lado do seu.

Eu te amo. Você é perfeito do jeito que é.

Sempre.

Enquanto a voz de Blay ecoava em sua cabeça, ele fechou os olhos e balançou…

Abruptam ente, abriu os olhos e fitou as gavetas debaixo da pia.

Sim , era isso. Era disso que ele precisava.

Alguns m inutos m ais tarde, ele saiu do quarto sentindo-se exatam ente com o devia, m esm o de

sm oking.

Quando chegou ao alto da im ponente escadaria, as velas votivas acesas nos dois lados até

em baixo brilhavam e reluziam . E havia m ais em baixo: sobre as cornij as das lareiras, no chão,

colocadas por sobre os arcos que levavam aos outros côm odos.

– Você está ótim o, filho.

Qhuinn se virou e olhou por cim a do om bro.

– Olá, senhor.

Wrath saiu do escritório com a sua rainha em um braço e o cachorro do outro lado.

– Não preciso dos m eus olhos para saber que você faz j ustiça à fantasia de pinguim .

– Obrigado por m e deixar fazer isto.

Wrath sorriu, expondo as im ensas presas brancas. Puxando a fêm ea para um beij o rápido, ele

riu.

– No fundo, sou um trem endo rom ântico, sabe?

Beth riu e se esticou para apertar o braço de Qhuinn.

– Boa sorte. Não que você precise.

Ele não estava m uito certo disso. Na verdade, enquanto deixava que a Prim eira Fam ília

descesse antes, ele se esforçou para se controlar. Esfregando o rosto, perguntou-se por que

m otivos ele acreditara que aquela seria um a boa ideia…

Não sej a covarde, ele se adm oestou.

Com eçando a descer, ele j untou as duas m etades do paletó e as abotoou. Com o um cavalheiro

faria.

Estava a m eio cam inho quando a porta interna no vestíbulo se abriu e a raj ada de vento fez as

velas trem ularem .

Qhuinn parou quando Fritz acom panhou duas figuras para dentro, os dois batendo os pés para

se aquecerem . Na m esm a hora, os dois olharam para ele.

Os pais de Blay estavam vestidos form alm ente, o pai num sm oking, a m ãe num vestido de

noite de veludo azul. O m ais lindo que Qhuinn j á vira.

– Qhuinn! – ela o cham ou, levantando a saia para se apressar pelo piso de m osaico. – Olhe só

para você!

Sentindo o rosto queim ar, ele abaixou a cabeça para cum prim entá-la. Mesm o ela sendo uns

trinta centím etros m ais baixa, de salto, ele sentiu com o se tivesse doze anos quando ela segurou

suas m ãos e as afastou para os lados.

– Você é o m acho m ais lindo que eu j á vi!

– Obrigado – ele pigarreou. – Eu… queria ficar apresentável.

– E está! Ele não está lindo, m eu *hellren*?

O pai de Blay se aproxim ou e estendeu a m ão.

– Muito bem , filho.

– É um Ford. Acho – Deus, ele estava agindo com o um idiota. – Algo assim .

Enquanto ele e o pai de Blay apertavam as m ãos e depois se abraçavam , o m acho lhe disse:

– Eu não poderia estar m ais feliz por vocês.

A m ãe de Blay com eçou a fungar e apanhou um lenço.

– Isto é tão m aravilhoso. Tenho outro filho… Dois filhos! Venha cá, tenho que abraçá-lo. Dois

filhos!

Qhuinn cedeu de im ediato, pois era categoricam ente incapaz de negar qualquer coisa àquela

fêm ea – ainda m ais um dos seus abraços. Eles eram ainda m elhores do que a sua lasanha.

Deus, com o ele am ava os pais de Blay . Ele e Blay foram visitá-los algum as noites depois de

decidirem dar um a chance ao relacionam ento deles, o casal fora m ais do que afável, à

vontade… norm al.

Mas Blay não sabia da visita que Qhuinn fizera na noite anterior, logo depois da m eia-noite,

antes de eles irem para a boate…

Enquanto Qhuinn recuava, ele percebeu Lay la parada do lado de fora da sala de j antar.

Gesticulando para ela, passou-lhe o braço pelos om bros, porque sabia que ela estava se sentindo

pouco à vontade.

– Esta é a Escolhida Lay la.

– Apenas Lay la – ela m urm urou ao estender a m ão.

Em resposta, o pai de Blay se curvou e a m ãe fez um a m esura.

– Por favor, isso não é necessário – disse a Escolhida, relaxando apenas quando

o casal deixou

a form alidade de lado.

– Minha querida, Qhuinn nos contou sobre a notícia m aravilhosa – a *mahmen* de Blay estava

radiante. – Com o está se sentindo?

Segundo ponto para os pais de Blay . Qhuinn custava a acreditar com o eles reagiram bem ante

a novidade da gravidez – e estavam tão afáveis com o sem pre, deixando Lay la à vontade.

Caram ba, eles sem pre foram assim , desde quando Qhuinn conseguia se lem brar, livres das

cretinices da *glymera*, despreocupados com o j uízo da aristocracia, prontos a fazer a coisa certa

num piscar de olhos.

Não era de se adm irar que Blay tivesse se saído tão bem …

– Ele está vindo para cá – V. exclam ou da sala de bilhar às escuras. – Tem os que nos

esconder, pessoal, agora.

– Venha conosco – disse a *mahmen* de Blay ao pousar o braço de Lay la sobre o seu. – Você

tem que nos aj udar para não esbarrarm os na m obília.

Enquanto se afastavam , Lay la olhou por cim a do om bro e sorriu.

– Estou tão contente por você!

Qhuinn retribuiu o sorriso.

– Obrigado.

Tem po para um frio na barriga, pensou ao se virar de frente para a entrada da m ansão.

Com a casa silenciosa e as velas acesas, ele aguardou, sentindo-se entorpecido.

Hora do espetáculo.

Ok, aquilo não fazia sentido algum , Blay pensou ao atravessar o pátio.

– Você está ótim o! – Butch exclam ou da porta do Buraco.

Ele ainda não entendia com o fora parar dentro de um sm oking. Butch viera com algum tipo de

história de que precisava que Blay desfilasse com a m aldita coisa na esperança de que Vishous

com prasse um igual. Mas aquilo era loucura. Butch só precisava colocar um dos quatro que tinha

e desfilar ele m esm o.

Além disso, ninguém convencia V. a fazer coisa algum a. O Irm ão era tão firm e quanto um a

rocha.

Tanto faz… Ele só queria acabar logo com aquilo para poder voltar para cim a… E quem sabe

ainda encontrar Qhuinn na cam a.

Enquanto seguia para a escada frontal da m ansão, os sapatos finos quebravam o sal no chão

estalando com o fogo, e assim que entrou no vestíbulo, ele bateu os pés para que o couro brilhante

não se estragasse. Mostrando o rosto para a câm era de segurança, ele…

A porta se abriu e, a princípio, ele não sabia para o que estava olhando. Tudo estava tão escuro

– não, isso não era verdade. Havia luz de velas brilhando em cada canto, refletindo o dourado da

balaustrada, os candelabros e os espelhos…

Qhuinn estava parado bem no m eio do espaço vazio. Sozinho.

Blay atravessou a soleira nos pés que j á não sentia.

Seu am ante e m elhor am igo estava vestido no m ais belo sm oking que Blay j am ais vira –

pensando bem , talvez isso tivesse m enos a ver com a roupa do que com o m acho que a vestia: o

cabelo m uito escuro espetado, a cam isa branca que deixava a pele bronzeada ainda m ais

lum inosa, e o corte… eram apenas um lem brete do corpo perfeito do guerreiro.

Mas não foi isso o que afetou.

Foram aqueles olhos descom binados, um verde e outro azul, que brilhavam tão belam ente que

deixavam as velas votivas no chinelo. Qhuinn parecia nervoso, porém , as m ãos se rem exendo, o

peso passando de um lado para o outro sobre sapatos m uito bem lustrados.

Blay avançou, parando quando ficou de frente para o lutador. E m esm o quando sua m ente

partiu para a agitação com o que tudo aquilo significava, e ele com eçava a chegar a conclusões

m uito loucas, teve que sorrir com o um m aníaco.

– Você voltou a colocar os piercings.

– É. Eu só… eu só queria que você soubesse que este aqui sou eu m esm o, sabe?

Enquanto Blay m exia na fileira de anéis de m etal que estavam na orelha, Blay se inclinou e o

beij ou na boca – e na argola que m ais um a vez estava no lábio inferior.

– Ah, eu sei que é você. Sem pre foi. Mas estou feliz que eles estej am de volta. Eu os adoro.

– Então eles nunca m ais sairão daqui.

No átim o de silêncio que se seguiu, Blay pensou: Ah, será que é isso… entendi errado?

Qhuinn se abaixou em um j oelho. Bem sobre a im agem da m acieira florida.

– Não tenho um anel. Não tenho nada elaborado na m inha m ente ou na ponta da m inha língua

– Qhuinn engoliu em seco. – Sei que é cedo dem ais, e que é m uito repentino, m as eu te am o e

quero que a gente…

Pela prim eira vez na vida, Blay teve que concordar com o cara – nada m ais precisava ser dito.

Mudando a posição do corpo decididam ente, ele se inclinou e acabou com toda aquela

conversa com um beij o. Depois se endireitou e assentiu.

– Sim . Sim . Absolutam ente sim …

Com um a im precação explosiva, Qhuinn se levantou e eles se abraçaram .

– Graças a Deus. Ah, caram ba, faz dias que estou à beira de um ataque cardíaco…

De um a vez só, o som de palm as explodiu, preenchendo os três andares, ecoando ao redor.

As pessoas surgiram da escuridão, todo tipo de rostos fam iliares, e felizes…

– Mãe? Pai? – Blay riu. – O que estão… Ei, com o vocês estão?

Enquanto abraçava os dois, seu pai lhe disse:

– Ele fez do j eito certo. Veio m e pedir antes.

A cabeça de Blay se virou para seu par.

– Verdade? Pediu m inha m ão ao m eu pai?

Qhuinn assentiu, depois com eçou a rir com o um filho da m ãe.

– É a m inha única oportunidade. Portanto, quis seguir o protocolo. Podem os ter m úsica?

No m esm o instante, todos recuaram , form ando um círculo, e enquanto se acom odavam ,

toques de algo m uito conhecido com eçaram a soar.

“Don’t Stop Believing”, do Journey .

Qhuinn esticou a m ão.

– Dança com igo? Diante de todos… sej a m eu e dance com igo.

Blay com eçou a piscar rápido. De algum a form a, esse gesto pareceu m aior ainda do que o

pedido de casam ento: diante de Deus e de todos. Os dois. Ligados, coração com coração.

– E acha que eu vou recusar? – sussurrou rouco.

Só que quando os corpos se encontraram , ele hesitou.

– Espere… quem vai conduzir?

Qhuinn sorriu.

– Ah, isso é fácil. Nós dois.

Dito isso, os dois se abraçaram e com eçaram a se m over em perfeita harm onia…

… e viveram felizes para sem pre.

Document Outline

- Copyright
- Dedicado
- AGRADECIMENTOS
- GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS
- PREÂMBULO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29

- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- CAPÍTULO 40
- CAPÍTULO 41
- CAPÍTULO 42
- CAPÍTULO 43
- CAPÍTULO 44
- CAPÍTULO 45
- CAPÍTULO 46
- CAPÍTULO 47
- CAPÍTULO 48
- CAPÍTULO 49
- CAPÍTULO 50
- CAPÍTULO 51
- CAPÍTULO 52
- CAPÍTULO 53
- CAPÍTULO 54
- CAPÍTULO 55
- CAPÍTULO 56
- CAPÍTULO 57
- CAPÍTULO 58
- CAPÍTULO 59
- CAPÍTULO 60
- CAPÍTULO 61
- CAPÍTULO 62
- CAPÍTULO 63
- CAPÍTULO 64
- CAPÍTULO 65
- CAPÍTULO 66
- CAPÍTULO 67
- CAPÍTULO 68

- CAPÍTULO 69
- CAPÍTULO 70
- CAPÍTULO 71
- CAPÍTULO 72
- CAPÍTULO 73
- CAPÍTULO 74
- CAPÍTULO 75
- CAPÍTULO 76
- CAPÍTULO 77
- CAPÍTULO 78
- CAPÍTULO 79
- CAPÍTULO 80
- CAPÍTULO 81
- CAPÍTULO 82
- EPÍLOGO